

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

MANUELE BANDEIRA

**Reconstrução fonológica e lexical  
do protocrioulo do Golfo da Guiné**

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo  
2017

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

MANUELE BANDEIRA

**Reconstrução fonológica e lexical  
do protocrioulo do Golfo da Guiné**

VERSÃO CORRIGIDA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor na área de Filologia e Língua Portuguesa.

**Orientador:** Prof. Dr. Gabriel Antunes de Araujo.

São Paulo  
2017

# Sumário

INTRODUÇÃO	21
<b>1 TEORIA E MÉTODO</b>	<b>27</b>
1.1 DADOS: ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE	28
1.1.1 Coleta	28
1.1.2 Organização e apresentação dos dados	32
1.1.3 Procedimentos de análise	36
1.2 RECONSTRUÇÃO LINGUÍSTICA	39
1.2.1 Tipos de mudança de som	40
1.2.1.1 Lenição	41
1.2.1.2 Inserção	42
1.2.1.3 Apagamento	42
1.2.1.4 Reorganização de sons	43
1.2.1.5 Assimilação	43
1.2.1.6 Dissimilação	44
1.2.2 O método histórico-comparativo	45
1.2.3 Técnicas de análise	47
1.2.4 Leis fonéticas e analogia	56
1.3 TEORIAS FONOLÓGICAS	59
1.3.1 Modelo de Chomsky & Halle (1968)	60
1.3.1.1 Descrição estrutural das regras fonológicas	65
1.3.2 Fonologia Autossegmental	68
1.3.2.1 Geometria de Traços	73
1.3.3 Fonologia Lexical	77
1.3.4 Teoria da sílaba	83
1.3.5 Fonologia métrica	90
1.3.6 Síntese da seção	98
1.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO	99
<b>2 A ESPECIAÇÃO DO PROTOCRIOULO DO GOLFO DA GUINÉ</b>	<b>100</b>
2.1 CRIoulos e sua gênese	100
2.1.1 Definição de língua crioula	101
2.1.2 Crioulôgênese	108
2.2 SÃO TOMÉ: POVOAMENTO E COLONIZAÇÃO	114
2.2.1 A fase de habitação	114
2.2.2 A fase de plantação	119
2.3 CONJUNTURA SOCIO-HISTÓRICA DA ESPECIAÇÃO E SITUAÇÃO ATUAL DAS LÍNGUAS-FILHAS	123

2.3.1	<b>Santome</b>	126
2.3.2	<b>Lung'ie</b>	129
2.3.3	<b>Angolar</b>	133
2.3.4	<b>Fa d'ambô</b>	135
2.4	<b>SÍNTESE</b>	137
<b>3</b>	<b>FONOLOGIA DAS LÍNGUAS-FILHAS</b>	<b>139</b>
3.1	<b>FONOLOGIA DO SANTOME</b>	140
3.1.1	<b>Segmentos consonantais</b>	140
3.1.1.1	<i>Oclusivos</i>	141
3.1.1.1.1	Oclusivas labiais	141
3.1.1.1.2	Oclusivas alveolares	143
3.1.1.1.3	Oclusivas velares	145
3.1.1.2	<i>Nasais</i>	146
3.1.1.2.1	Nasais bilabiais	147
3.1.1.2.2	Nasais alveolares	147
3.1.1.2.3	Arquifonema nasal	148
3.1.1.2.4	Nasal palatal	149
3.1.1.3	<i>Laterais</i>	150
3.1.1.3.1	Lateral alveolar	150
3.1.1.3.2	Lateral palatal	151
3.1.1.4	<i>Fricativas</i>	152
3.1.1.4.1	Fricativas labiais	152
3.1.1.4.2	Fricativas alveolares	153
3.1.1.4.3	Fricativas palatais	155
3.1.1.4.4	Africadas palatais	157
3.1.1.5	<i>Aproximantes</i>	158
3.1.1.5.1	Aproximante labial	158
3.1.1.5.2	Aproximante palatal	159
3.1.2	<b>Segmentos vocálicos</b>	159
3.1.3	<b>Sílaba</b>	163
3.1.4	<b>Síntese</b>	170
3.2	<b>FONOLOGIA DO LUNG'IE</b>	170
3.2.1	<b>Segmentos consonantais</b>	170
3.2.1.1	<i>Oclusivas</i>	171
3.2.1.1.1	Oclusivas labiais	171
3.2.1.1.2	Oclusivas alveolares	173
3.2.1.1.3	Oclusivas velares	175
3.2.1.1.4	Oclusivas velo-labiais	177
3.2.1.2	<i>Nasais</i>	178
3.2.1.2.1	Nasal labial	179
3.2.1.2.2	Nasal alveolar	179
3.2.1.2.3	Arquifonema nasal	180
3.2.1.2.4	Nasal palatal	181
3.2.1.3	<i>Aproximantes</i>	182
3.2.1.3.1	Aproximante palatal	182
3.2.1.3.2	Aproximante bilabial	183

	3.2.1.4	<i>Vibrante alveolar</i> . . . . .	184
	3.2.1.5	<i>Laterais aproximantes</i> . . . . .	185
		3.2.1.5.1 Lateral alveolar . . . . .	185
		3.2.1.5.2 Lateral palatal . . . . .	186
	3.2.1.6	<i>Fricativas</i> . . . . .	187
		3.2.1.6.1 Fricativas labiais . . . . .	187
		3.2.1.6.2 Fricativas alveolares . . . . .	188
		3.2.1.6.3 Fricativas palatais . . . . .	190
	3.2.2	<b>Segmentos vocálicos</b> . . . . .	191
	3.2.3	<b>Sílaba</b> . . . . .	194
	3.2.4	<b>Nasalização</b> . . . . .	205
	3.2.5	<b>Síntese</b> . . . . .	207
3.3		FONOLOGIA DO ANGOLAR . . . . .	208
	3.3.1	<b>Segmentos consonantais</b> . . . . .	208
		3.3.1.1 <i>Oclusivas</i> . . . . .	209
		3.3.1.1.1 Oclusivas labiais . . . . .	210
		3.3.1.1.2 Oclusivas alveolares . . . . .	211
		3.3.1.1.3 Oclusivas velares . . . . .	214
		3.3.1.2 <i>Nasais</i> . . . . .	215
		3.3.1.2.1 Nasal labial . . . . .	215
		3.3.1.2.2 Nasal alveolar . . . . .	216
		3.3.1.2.3 Nasal palatal . . . . .	217
		3.3.1.2.4 Arquifonema nasal . . . . .	217
		3.3.1.3 <i>Lateral alveolar</i> . . . . .	218
		3.3.1.4 <i>Fricativas</i> . . . . .	219
		3.3.1.4.1 Fricativas labiais . . . . .	220
		3.3.1.4.2 Fricativas interdentais . . . . .	221
		3.3.1.5 <i>Aproximantes</i> . . . . .	224
		3.3.1.5.1 Aproximante labial sonora . . . . .	224
		3.3.1.5.2 Aproximante palatal . . . . .	225
	3.3.2	<b>Segmentos vocálicos</b> . . . . .	226
	3.3.3	<b>Sílaba</b> . . . . .	228
	3.3.4	<b>Síntese</b> . . . . .	233
3.4		FONOLOGIA DO FA D'AMBÔ . . . . .	233
	3.4.1	<b>Segmentos consonantais</b> . . . . .	234
		3.4.1.1 <i>Oclusivas</i> . . . . .	235
		3.4.1.1.1 Oclusivas labiais . . . . .	235
		3.4.1.1.2 Oclusivas alveolares . . . . .	237
		3.4.1.1.3 Oclusivas velares . . . . .	239
		3.4.1.2 <i>Nasais</i> . . . . .	240
		3.4.1.2.1 Nasal labial . . . . .	241
		3.4.1.2.2 Nasal alveolar . . . . .	241
		3.4.1.2.3 Arquifonema nasal . . . . .	242
		3.4.1.3 <i>Laterais aproximantes</i> . . . . .	243
		3.4.1.3.1 Lateral alveolar . . . . .	244
		3.4.1.3.2 Lateral palatal . . . . .	244
		3.4.1.4 <i>Fricativas</i> . . . . .	245

3.4.1.4.1	Labiais . . . . .	245
3.4.1.4.2	Alveolares . . . . .	246
3.4.1.5	<i>Aproximantes</i> . . . . .	248
3.4.1.5.1	Labial . . . . .	249
3.4.1.5.2	Aproximante palatal . . . . .	249
3.4.2	<b>Segmentos vocálicos</b> . . . . .	251
3.4.3	<b>Sílaba</b> . . . . .	254
3.4.4	<b>Síntese</b> . . . . .	257
3.5	CONSIDERAÇÕES SOBRE TOM NAS LÍNGUAS-FILHAS . . . . .	258
3.5.1	<b>Interação entre acento e tom em lung'ie</b> . . . . .	261
3.6	ANÁLISE COMPARATIVA . . . . .	262
3.7	SÍNTESE DO CAPÍTULO . . . . .	269
<b>4</b>	<b>RECONSTRUÇÃO FONOLÓGICA</b> . . . . .	<b>272</b>
4.1	CONSOANTES DO PGG . . . . .	273
4.1.1	<b>Oclusivos</b> . . . . .	274
4.1.1.1	<i>Bilabial</i> . . . . .	274
4.1.1.2	<i>Alveolares</i> . . . . .	276
4.1.1.3	<i>Velares</i> . . . . .	279
4.1.2	<b>Fricativos</b> . . . . .	281
4.1.2.1	<i>Labiodental</i> . . . . .	281
4.1.2.2	<i>Alveolares</i> . . . . .	283
4.1.3	<b>Nasais</b> . . . . .	287
4.1.3.1	<i>Nasal bilabial</i> . . . . .	287
4.1.3.2	<i>Nasal alveolar</i> . . . . .	288
4.1.3.3	<i>Nasal palatal</i> . . . . .	289
4.1.3.4	<i>Arquifonema nasal</i> . . . . .	290
4.1.4	<b>Laterais</b> . . . . .	295
4.1.4.1	<i>Lateral alveolar</i> . . . . .	295
4.1.4.2	<i>Lateral palatal</i> . . . . .	298
4.1.5	<b>Vibrante alveolar</b> . . . . .	299
4.1.6	<b>Aproximantes</b> . . . . .	301
4.1.6.1	<i>Aproximante labial</i> . . . . .	302
4.1.6.2	<i>Aproximante palatal</i> . . . . .	303
4.2	SISTEMA VOCÁLICO . . . . .	304
4.3	ESTRUTURA SILÁBICA . . . . .	307
4.4	SINOPSE DOS REFLEXOS . . . . .	308
4.5	ACENTO . . . . .	312
4.6	PROCESSOS FONOLÓGICOS . . . . .	321
4.6.1	<b>Líquidas: estratégias de reparo</b> . . . . .	321
4.6.1.1	<i>Líquidas no onset: estratégias de reparo</i> . . . . .	324
4.6.1.2	<i>Líquidas em coda: estratégias de reparo</i> . . . . .	329
4.6.1.3	<i>Alongamento compensatório</i> . . . . .	337
4.6.2	<b>Coda nasal: realização e/ou nasalização vocálica</b> . . . . .	343
4.6.2.1	<i>Nasalização</i> . . . . .	345
4.6.3	<b>Redução silábica</b> . . . . .	349
4.6.4	<b>Palatalização</b> . . . . .	351

4.6.5	<b>Aglutinação de vogal inicial</b> . . . . .	354
4.6.6	<b>Harmonia vocálica</b> . . . . .	355
4.7	<b>SÍNTESE DO CAPÍTULO</b> . . . . .	364
<b>5</b>	<b>RECONSTRUÇÃO LEXICAL: CONJUNTOS DE COGNATOS</b>	<b>365</b>
5.1	ALIMENTOS E BEBIDAS EM GERAL . . . . .	366
5.2	ANATOMIA ANIMAL E TERMOS RELACIONADOS . . . . .	369
5.3	ANATOMIA HUMANA E TERMOS RELACIONADOS . . . . .	369
5.4	ANIMAIS E TERMOS RELACIONADOS . . . . .	372
5.5	CONCEITOS ABSTRATOS . . . . .	373
5.6	CORES . . . . .	374
5.7	CRUSTÁCEOS, PEIXES E TERMOS RELACIONADOS . . . . .	375
5.8	DOENÇAS E TERMOS RELACIONADOS . . . . .	376
5.9	EVENTO . . . . .	377
5.10	INSETOS . . . . .	387
5.11	HUMANOS . . . . .	388
5.12	LUGARES E CONSTRUÇÕES EM GERAL . . . . .	388
5.13	METAIS . . . . .	390
5.14	NATUREZA . . . . .	390
5.15	OFÍCIOS . . . . .	392
5.16	PARENTESCO E TERMOS RELACIONADOS . . . . .	393
5.17	PRONOMES E OUTROS ELEMENTOS GRAMATICAIIS . . . . .	394
5.18	QUALIFICADORES . . . . .	396
5.19	QUANTITATIVOS . . . . .	400
5.20	TEMPO . . . . .	401
5.21	ESPIRITUALIDADE . . . . .	403
5.22	FAUNA E RELACIONADOS . . . . .	404
5.23	LOCALIZAÇÃO . . . . .	405
5.24	UTENSÍLIOS E ARTEFATOS . . . . .	406
5.25	VESTUÁRIO . . . . .	409
5.26	TOPÔNIMOS . . . . .	409
5.27	NOMES SEM CLASSIFICAÇÃO . . . . .	410
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>413</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>424</b>

# Lista de Quadros

1	Exemplo de cognatos. . . . .	48
2	Exemplo de não cognato. . . . .	48
3	Exemplo de correspondência entre os sons ou identidade. . . . .	49
4	Exemplo de correspondência entre os sons. . . . .	50
5	Exemplo de correspondência entre sons não idênticos. . . . .	50
6	Exemplo de correspondência entre os sons. . . . .	51
7	Exemplos de conjuntos de correspondências. . . . .	52
8	Exemplos de correspondência entre sons não idênticos. . . . .	52
9	Reconstrução Linguística — Generalização: consoante líquida *r em posição de coda diante de consoante heterossilábica não coronal. . . . .	53
10	Exemplo de reconstrução das protoformas - <i>primeira fase</i> . . . . .	54
11	Exemplo de reconstrução das protoformas. . . . .	55
12	Escala de soância (onde <b>O</b> : obstruinte; <b>N</b> : nasal; <b>L</b> : líquida; <b>G</b> : glide; <b>V</b> : vogal) (CLEMENTS, 1990: 294). . . . .	90
13	Consoantes do santome. . . . .	140
14	Vogais do santome. . . . .	160
15	Sílabas em santome. . . . .	163
16	Exemplo de sílaba mínima em santome. . . . .	164
17	Sílaba com estrutura CV. . . . .	165
18	Sílaba com estrutura VC. . . . .	165
19	Sílaba com estrutura CCV (C <sub>2</sub> : /l/). . . . .	165
20	Sílaba com estrutura CCV (C <sub>2</sub> : /j/). . . . .	165
21	Sílaba com estrutura CCV (C <sub>2</sub> : /w/). . . . .	166
22	Sílaba com estrutura CCV (C <sub>1</sub> : /f/). . . . .	166
23	Sílaba CCVC em santome (C <sub>2</sub> : /l/). . . . .	166
24	Sílaba CCVC em santome (C <sub>2</sub> : /w/ ou /j/ e coda: N). . . . .	167
25	Sílaba CCVC em santome (C <sub>1</sub> : /f/ e Coda: N). . . . .	167
26	Sílaba CCVC em santome (Coda: /f/). . . . .	167
27	Sílaba CVC em santome (Coda: /N/). . . . .	168
28	Sílaba CVC em santome (Coda: /f/). . . . .	169
29	Sílaba CCCV em santome. . . . .	169
30	Sílaba CCCVC em santome. . . . .	169
31	Consoantes do lung'ie. . . . .	171
32	Vogais do lung'ie. . . . .	191
33	Vogais longas do lung'ie. . . . .	191
34	Estruturas silábicas em lung'ie. . . . .	195
35	Exemplo de sílaba mínima em lung'ie. . . . .	196



36	Sílaba com estrutura CV. . . . .	197
37	Sílaba CVC em lung'ie. . . . .	198
38	Sílaba CVC em lung'ie. . . . .	198
39	Sílaba CVC em lung'ie. . . . .	199
40	Sílaba CVC em lung'ie. . . . .	199
41	Sílaba CVC em lung'ie. . . . .	200
42	Sílaba CCV em lung'ie (C <sub>2</sub> : /w/ ou /j/). . . . .	201
43	Sílaba CCV em lung'ie (C <sub>2</sub> : /w/ ou /j/). . . . .	202
44	Sílaba CCVC em lung'ie. . . . .	202
45	Sílaba CCVC em lung'ie. . . . .	203
46	Sílaba VV em lung'ie. . . . .	203
47	Sílaba CVV/CVVC em lung'ie. . . . .	204
48	Sílaba CVV/CVVC em lung'ie. . . . .	205
49	Sílaba CCVV em lung'ie. . . . .	205
50	Sílaba VC em lung'ie. . . . .	205
51	Consoantes do angolar. . . . .	209
52	Vogais orais do angolar. . . . .	226
53	Vogais longas do angolar. . . . .	226
54	Exemplo de sílaba mínima em angolar. . . . .	230
55	Moldes silábicos do angolar. . . . .	230
56	Sílaba com estrutura CV em angolar. . . . .	230
57	Sílaba com estrutura CVC em angolar. . . . .	231
58	Sílaba com estrutura CVC em angolar. . . . .	231
59	Sílaba com estrutura VC em angolar. . . . .	231
60	Sílaba com estrutura CCV em angolar. . . . .	232
61	Sílaba com estrutura CCVC em angolar. . . . .	232
62	Vogais longas (VV) em angolar. . . . .	232
63	Estrutura CVV em angolar. . . . .	233
64	Estrutura CVVC em angolar. . . . .	233
65	Consoantes do fa d'ambô. . . . .	235
66	Vogais do fa d'ambô. . . . .	251
67	Vogais longas do fa d'ambô. . . . .	251
68	Estruturas silábicas em fa d'ambô. . . . .	254
69	Exemplo de sílaba mínima em fa d'ambô. . . . .	255
70	Sílaba com estrutura CV. . . . .	255
71	Sílaba com estrutura VC. . . . .	255
72	Sílaba com estrutura CVC. . . . .	256
73	Vogais longas em fa d'ambô. . . . .	256
74	Sílaba com estrutura CCV. . . . .	256
75	Comparação dos sistemas vocálicos das línguas-filhas — vogais simples e longas. . . . .	263
76	Comparação dos sistemas consonantais das línguas-filhas — semelhanças. . . . .	263
77	Comparação dos sistemas consonantais das línguas-filhas: divergências. . . . .	264
78	kp e gb em comparação com os itens de etimologia edo — adaptado de Hagemeyer (2011: 117). . . . .	266
79	Comparação da estrutura silábica das línguas-filhas — semelhanças. . . . .	267

80	Comparação das codas silábicas das línguas-filhas — semelhanças e diferenças. . . . .	267
81	Comparação das estruturas silábicas das línguas-filhas — diferenças. . . . .	268
82	Comparação das estruturas silábicas das línguas-filhas — diferenças (continuação). . . . .	268
83	Fonemas consonantais do PGG. . . . .	274
84	Oclusivos do PGG. . . . .	274
85	Reflexos dos oclusivos bilabiais do PGG. . . . .	275
86	*p no onset em início de palavra. . . . .	275
87	*p no onset em meio de palavra. . . . .	275
88	*b em início de palavra. . . . .	276
89	*b em meio de palavra. . . . .	276
90	Reflexos dos oclusivos alveolares do PGG em início e meio de palavra. . . . .	277
91	*t em início de palavra diante de vogal, exceto *i. . . . .	277
92	*t em meio de palavra. . . . .	277
93	*t diante de *i. . . . .	278
94	*d em início de palavra. . . . .	278
95	*d em meio de palavra. . . . .	278
96	*d diante de *i/*j. . . . .	279
97	Reflexos dos oclusivos velares do PGG em início e meio de palavra. . . . .	279
98	*k=[x] em fa d'ambô. . . . .	279
99	*k= /k/ em fa d'ambô. . . . .	280
100	*k em início e meio de palavra. . . . .	280
101	*g em início de palavra. . . . .	280
102	*g em meio de palavra. . . . .	281
103	Fricativos do PGG. . . . .	281
104	Reflexos dos fricativos labio-dentais do PGG. . . . .	282
105	*f no onset em início de palavra. . . . .	282
106	*f no onset em meio de palavra. . . . .	282
107	*v no onset em início e meio de palavra. . . . .	283
108	Variações nos reflexos de *v. . . . .	283
109	Reflexos das fricativas alveolares em posição de onset do PGG. . . . .	284
110	*s em início de palavra diante de vogal, salvo *i. . . . .	285
111	*s diante de *i. . . . .	285
112	*s no onset, diante de vogal, exceto *i em meio de palavra. . . . .	285
113	Reflexos de *S na coda. . . . .	285
114	*S em coda. . . . .	286
115	*z em início de palavra. . . . .	286
116	*z em meio de palavra. . . . .	286
117	*z diante de vogal *i. . . . .	287
118	Nasais do PGG. . . . .	287
119	*m em onset em início de palavra. . . . .	288
120	*m em onset em meio de palavra. . . . .	288
121	*n em onset em início de palavra. . . . .	289
122	*n em onset em meio de palavra. . . . .	289
123	*ɲ em sílaba tônica, em meio palavra. . . . .	289
124	*ɲ em sílaba átona, em meio palavra. . . . .	290

125	*N em posição de coda. . . . .	291
126	*N em início de palavra, diante de uma consoante. . . . .	291
127	Laterais do PGG. . . . .	295
128	*l em posição de onset em início de palavra. . . . .	296
129	*l em meio de palavra. . . . .	296
130	*l em onset complexo na primeira sílaba. . . . .	297
131	*l em onset complexo na segunda sílaba. . . . .	297
132	*l na segunda posição do onset na primeira sílaba — itens excepcionais.	297
133	*l em posição de coda antes de consoante coronal. . . . .	298
134	*l em posição de coda antes de consoante não coronal. . . . .	298
135	*ʎ em posição de onset em meio de palavra. . . . .	299
136	*ʎ em posição de onset em meio de palavra. . . . .	299
137	*ʎ em posição de onset em meio de palavra. . . . .	299
138	*r em posição de onset em início de palavra. . . . .	300
139	*r em meio de palavra. . . . .	300
140	*r em posição de coda antes de consoante coronal. . . . .	301
141	*r em posição de coda antes de consoante não coronal. . . . .	301
142	Aproximantes do PGG. . . . .	302
143	*w na primeira posição do onset. . . . .	302
144	*w na segunda posição do onset em sílaba tônica. . . . .	302
145	*w na segunda posição do onset em sílaba pretônica. . . . .	303
146	*w na segunda posição do onset em sílaba pós-tônica. . . . .	303
147	*j na primeira posição do onset. . . . .	303
148	*j na segunda posição do onset. . . . .	304
149	Vogais do PGG. . . . .	304
150	Exemplos do comportamento das vogais em PGG. . . . .	305
151	*a em sílaba átona final. . . . .	305
152	*ɛ em sílaba átona final. . . . .	305
153	*e em sílaba átona final. . . . .	306
154	*i em sílaba átona final. . . . .	306
155	*u em sílaba tônica e átona final. . . . .	306
156	*o em sílaba tônica e átona final. . . . .	306
157	*ɔ em sílaba átona final. . . . .	307
158	Estruturas silábicas em PGG com exemplos. . . . .	308
159	Reflexos das consoantes oclusivas. . . . .	309
160	Reflexos das consoantes fricativas. . . . .	309
161	Reflexos das consoantes nasais. . . . .	310
162	Reflexos das consoantes laterais. . . . .	310
163	Reflexos da consoante vibrante. . . . .	311
164	Reflexos das consoantes aproximantes. . . . .	311
165	Reflexos das vogais em sílaba tônica. . . . .	311
166	Reflexos das vogais em sílaba átona final. . . . .	312
167	*r em coda: ação do OCP — santome (Os números 1 e 2 indicam o ordenamento de regra). . . . .	334
168	*r em coda: ação do OCP — lung'ie e angolar (Os números 1 e 2 indicam o ordenamento de regra). . . . .	334

169	*r em coda: ação do OCP — fa d’ambô (Os números 1 e 2 indicam o ordenamento de regra). . . . .	334
170	*l em coda: ação do OCP — santome. . . . .	336
171	*l em coda: ação do OCP — fa d’ambô (Os números 1 e 2 indicam o ordenamento de regra). . . . .	336
172	*l em coda: ação do OCP — lung’ie e angolar. . . . .	336
173	Protoformas e reflexos com vogal aglutinada no LI. . . . .	354
174	Vogais do PGG e línguas-filhas. . . . .	356
175	Combinações de vogais possíveis em dissílabos em santome (Fonte: HAGEMEIJER, 2009: 37 e ARAUJO & HAGEMEIJER, 2013: 29). . . . .	360
176	Combinações de vogais em palavras com duas ou mais sílabas em lung’ie. . . . .	361
177	Combinações de vogais em palavras com duas ou mais sílabas em angolar. . . . .	361
178	Combinações de vogais em palavras com duas ou mais sílabas em fa d’ambô. . . . .	362
179	Combinações de vogais em palavras com duas ou mais sílabas no PGG. . . . .	362
180	Protoformas com vogais [ $\alpha$ ATR]. . . . .	363

\*

# Lista de Figuras

1.1	Ilustração das linhas de associação que obedecem ao princípio NCC em (a) e aquelas que não obedecem em (b) (Fonte: Clements & Hume (1995: 266)). . . . .	71
2.1	Mapa de São Tomé e Príncipe e de Ano Bom. . . . .	123

\*

Nome: BANDEIRA, Manuele.

Título: Reconstrução fonológica e lexical do protocioulo do Golfo da Guiné.

**Aprovado em: 13 de dezembro de 2016**

**BANCA EXAMINADORA**

**Membros titulares**

---

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Antunes de Araujo (Universidade de São Paulo)

---

Prof. Dra. Margarida Maria Taddoni Petter (Universidade de São Paulo)

---

Prof. Dr. Thomas Daniel Finbow (Universidade de São Paulo)

---

Prof. Dra. Maria Filomena Spatti Sandalo (Universidade Estadual de Campinas)

---

Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis (Universidade Estadual de Campinas)

**Membros suplentes**

---

Prof. Dr. Tjerk Hagemeyer (Universidade de Lisboa)

---

Prof. Dr. Valteir Martins (Universidade do Estado do Amazonas)

---

Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro (Universidade de São Paulo)

---

Prof. Dra. Márcia Santos Duarte Oliveira (Universidade de São Paulo)

---

Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza (Universidade de São Paulo)

# Agradecimentos

Este trabalho muito se beneficiou do apoio de muitas pessoas e instituições. Desse modo, agradeço:

Ao professor Dr. Gabriel Antunes de Araujo pela orientação segura, pelas inúmeras e ótimas sugestões ao meu estudo e ao texto final da tese, pela paciência e pelas lições que ultrapassam o âmbito acadêmico. Agradeço, de igual modo, por não só ter me convidado para fazer o mestrado em São Paulo, mas também por ter feito o impossível para que a minha estadia na capital paulistana fosse agradável. Em extensão, manifesto minha gratidão eterna a Daniela, Olívia, Pedro e Joaquim Crocco por todo o carinho e auxílio.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela concessão da bolsa (Processo 2013/08100-4), financiando, por conseguinte, o meu doutorado de maneira plena. Além disso, agradeço também por ter financiado as pesquisas de campo e todas as minhas participações em encontros acadêmicos nacionais e internacionais durante a vigência da bolsa.

A Deus por ser a minha sustentação. A minha família pelo incentivo e por nunca ter me permitido desistir dos meus sonhos mesmo que, para isso, eu tivesse que me afastar fisicamente. A minha mãe, Marluce, por todo o seu amor e por ter, desde muito cedo, me ensinado que, apenas com o conhecimento, eu me tornaria verdadeiramente livre. Ao meu irmão, Pedro, pela preocupação, companheirismo e por ser a minha ponte mais bonita com o passado. Ao meu pai, José, por ter feito tudo que podia para atender as minhas necessidades. A Lílian por toda atenção e carinho com que se dedica a nossa família. A Ricardo e Ione por serem meus sogros/pais e por me darem todo o amor e cuidado. A Cadinho, irmão caçula, pelo ombro e ouvido amigos.

A Aluísio, meu companheiro de aventuras, de comilança, de idas ao estádio e de uma vida inteira, pela paciência e compreensão infinitas e por ser a minha melhor companhia e o meu refúgio. Obrigada por me entender nos momentos em que nem eu mesma compreendo e por me dar a mão e a alma quando preciso e, principalmente, quando digo que não preciso. Tenha certeza de que você faz meus dias mais felizes.

À Prof. Dra. Shirley Freitas (Unilab), minha grande parceira, amiga/irmã,

por ser testemunha de todos os momentos importantes, felizes e difíceis da minha vida, me dando sempre muito suporte e amor. Obrigada sobretudo por ser “a rede na corda bamba da minha vida.”

Aos professores Dr. Wilmar da Rocha D’Angelis (Unicamp) e Dr. Thomas Daniel Finbow (USP) pelas valiosas sugestões, durante o exame de qualificação e defesa de doutorado, que contribuíram enormemente para a melhora do trabalho. Às professoras Dra. Margarida Maria Taddoni Petter (USP) e Dra. Maria Filomena Spatti Sandalo (Unicamp) por aceitar o convite para compor a banca examinadora da defesa de doutorado e pelas importantes contribuições ao trabalho. Ao professor Dr. Tjerk Hagemeyer (Universidade de Lisboa) por ceder bibliografias amplamente utilizadas durante o doutorado e pela leitura atenta e dedicada à tese, contribuindo com comentários e sugestões muito pertinentes. Ao professor Dr. Willem Leo Marie Wetzels (Vrije Universiteit Amsterdam) pelas excelentes aulas de fonologia e por ter lido o meu texto, oferecendo colaborações importantes para a descrição fonológica das línguas-filhas.

A todos os meus professores de graduação da Universidade Federal da Bahia pela formação valiosa, sobretudo à Prof. Dra. Ilza Maria de Oliveira Ribeiro (*in memoriam*) pelas lições sobre árvores sintáticas e sobre vida. Ao Prof. Dr. Dante Lucchesi por ser o guia dos meus primeiros passos como pesquisadora ao longo da graduação e da iniciação científica. A todos os membros do grupo Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia, principalmente, Renata Macambira, Lanuza Lima, Elisângela Mendes, Vivian Antonino e Telma Assis por ser as minhas inspirações, me incentivando a ser sempre uma melhor profissional.

A todos os meus professores de pós-graduação da Universidade de São Paulo (USP) pelos ensinamentos e, em especial à professora Dra. Márcia Oliveira Duarte, pelo enorme carinho e por ter sempre me amparado em todos os momentos em que precisei. Aos professores, Dr. Paulo Chagas de Souza, Dra. Rosane de Sá Amado e Dra. Flaviane Romani Fernandes Svartman não só pelo conhecimento transmitido em aulas, mas também pelas contribuições para a minha pesquisa durante o mestrado e doutorado. Ao Prof. Dr. Mário Viaro por me apresentar o fascinante mundo da etimologia e por ter oferecido importantes contribuições teóricas para a minha formação como pesquisadora desde o mestrado. À professora Betty Salum pelas ótimas aulas e por me auxiliar na árdua tarefa de escrever.

A todos os meus amigos e colegas de pós-graduação, em especial, Amanda Balduino, Gabriela Braga, Wânia Miranda, Prof. Ana Livia Agostinho e Prof.



Eduardo Ferreira pela amizade e por terem tornado minhas tardes na USP mais alegres. A Amanda Balduino pelo apoio e por ter gentilmente digitado os itens transcritos em angolar, facilitando enormemente a análise dos dados referentes à língua. A Gabriela Braga pelo carinho inestimável e por sempre me amparar em todos os momentos em que precisei. À Prof. Ana Livia Agostinho (UFSC) pela generosidade, amor e cuidado e por ter me acompanhado na primeira viagem de campo ao Príncipe, sendo fundamental em todos os momentos da coleta dos dados do lung'ie e no doutorado. Ao Prof. Eduardo Ferreira (Unilab) pela companhia sempre agradável e pela enorme disposição em me ajudar. À Prof. Shirley Freitas (Unilab) pelo precioso auxílio na organização dos dados e na elaboração de ilustrações.

A todas as pessoas de São Tomé e Príncipe e de Ano Bom, que ajudaram direta ou indiretamente para a realização da pesquisa. Aos membros do Governo Regional do Príncipe, em especial, o Presidente Regional José Cardoso Cassandra e o Secretário Dr. Pina Gil por todo apoio oferecido ao trabalho. Aos queridos e essenciais informantes de lung'ie e angolar por terem dedicado tempo e atenção nas muitas horas de entrevistas, sendo fundamentais para a execução desse estudo. Agradeço a todos os principenses, sobretudo a Josué Tavares (Papito), a Nuca e a Nini pela acolhedora recepção e ajuda. Aos padres Sérgio e Raul por tão gentilmente me ceder uma moradia durante a estadia na Ilha do Príncipe.

À embaixada do Brasil em São Tomé e Príncipe pelo grande suporte durante as duas viagens de campo ao país. Ao Secretário Maurício do Carmo pelo tratamento solícito e por não ter medido esforços a fim de encontrar uma moradia na comunidade de São João dos Angolares. A minha grande e querida amiga, Raquel Teixeira, pelo cuidado e por ter aberto as portas da sua adorável casa para me receber nas duas vezes em que estive em São Tomé. A Nelito por ter me recebido tão gentilmente em sua pousada e por sempre me ajudar nos momentos em que precisei. A Adilson, Guilhermino, Dulce e Lúcia por todo auxílio nas gravações e por serem amigos tão espetaculares.

Aos amigos pernambucanos e baianos pelo desvelo e pelos dias mais felizes em solo nordestino. Aos sempre amigos, Barbara Perquin e Epi Claresa pelo imenso carinho e por sempre se preocupar com o meu bem estar. Às amigas do coração, Tamires, Laila, Karla, Carine e Olga, por estarem sempre ao alcance do telefone, me animando e consolando sempre que preciso.

Apesar de ter recebido comentários e sugestões, gostaria de destacar que quaisquer equívocos ou inadequações que aparecerem no decorrer desta tese são de minha inteira responsabilidade.

O homem sentiu sempre — e os poetas frequentemente cantaram — o poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não é, traz de volta o que desapareceu.

**Émile Benveniste**

## Resumo

O objetivo deste estudo é apresentar uma reconstrução da fonologia e do léxico do protocrioulo do Golfo da Guiné (PGG). O cenário de surgimento do PGG remonta ao período de colonização portuguesa na ilha de São Tomé, no fim do século XV e no começo do XVI, quando o contato entre populações africanas transplantadas à ilha e colonizadores lusos — provocado pelo povoamento da região — resultou na formação de uma língua crioula de base lexical portuguesa, o PGG. Após a formação do protocrioulo, deu-se início à separação geográfica de seus falantes que, outrora alojados em São Tomé, por um lado, são transplantados da ilha, e, por outro, fogem dos engenhos, formando quilombos. Assim, na ilha do Príncipe, com a leva de transplantados recém-chegados, o PGG se ramifica em lung'ie, de modo semelhante, na ilha de Ano Bom, o PGG se desenvolve, transformando-se em fa d'ambô. Em São Tomé, por sua vez, os falantes de protocrioulo se dividem entre aqueles que ficaram nos núcleos de colonização, onde surge o santome, ao passo que a comunidade quilombola se torna o cenário da especiação do PGG no angolar (FERRAZ, 1974, 1979; SEIBERT, 2004; HAGEMELJER, 2009). Seguindo os princípios do método histórico-comparativo da Linguística Histórica (THOMASON & KAUFMAN, 1988; KAUFMAN, 1990; HOCK, 1991; FOX, 1995; CROWLEY, 1997[1992]; CAMPBELL, 2004[1998]), foi elaborado um *corpus* a partir de um conjunto de itens pertencentes ao léxico comum do santome, lung'ie, fa d'ambô e angolar, as línguas-filhas do PGG. Contudo, devido a lacunas nas descrições dessas línguas, foi necessário investigar seus sistemas fonológicos de tal modo que este trabalho, devido à sua abrangência e escopo, constitui também uma contribuição ao estudo de suas fonologias. À vista disso, a reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo tem como base itens de suas línguas-filhas contemporâneas. Por conseguinte, o estudo se baseia nas fonologias das línguas-filhas e na análise de 536 conjuntos de cognatos, obtidos da literatura e da coleta e reunião de cerca de 2000 itens lexicais. Adicionalmente, apresentamos uma descrição e análise dos processos fonológicos observados no cotejo dos conjuntos de cognatos, tendo em vista que o esquadramento de tais processos pode lançar luzes sobre as características estruturais da fonologia do protocrioulo a partir dos reflexos nas línguas-filhas. Assim, o sistema consonantal do PGG é composto por dezoito consoantes (\*p, \*b, \*t, \*d, \*k, \*g, \*f, \*v, \*s, \*z, \*m, \*n, \*ɲ, \*r, \*l, \*ʎ, \*w, \*j) e o sistema vocálico, por seu turno, constituído por sete vogais orais (\*i, \*e, \*ɛ, a, \*ɔ, \*o, \*u). O sistema acentual do PGG era previsível e sensível ao peso silábico. Portanto, o acento se fixava na penúltima sílaba em palavras nominais (ex.: \*'blasu 'braço'), todavia, deslocava-se para a última quando a sílaba era pesada (ex.: \*bɔ'tɔN 'botão'). Verbos apresentavam acento na sílaba final (ex.: \*be'be 'beber'). Com efeito, os processos fonológicos descritos nas línguas-filhas oferecem evidências para a reconstrução lexical das protoformas. Dessa maneira, a reconstrução do PGG demonstra que a configuração atual das línguas-filhas provém da interação entre o quadro linguístico inicial do protocrioulo em conjunto com uma série de fenômenos fonológicos que atuaram no cenário de especiação.

**Palavras-chave:** Reconstrução. Protocrioulo do Golfo da Guiné. Crioulos de base portuguesa do Golfo da Guiné. São Tomé e Príncipe. Ano Bom.

## Abstract

The aim of this study is to present a phonological and lexical reconstruction of the Proto-Creole of Gulf of Guinea (PGG). The emergence scenario of the PGG goes back to the Portuguese colonization period on the island of São Tomé at the end of the fifteenth century and at the beginning of the sixteenth century, when contact between African populations brought to that island as slaves and the Portuguese settlers resulted in the formation of a Portuguese-based Creole. After the formation of the Proto-Creole, the geographical separation of its speakers began: some settlers and their slaves were taken away from São Tomé to the islands of Príncipe and Ano Bom. Thus, within a new environment and with other speakers, the PGG branched into Lung'ie on the island of Príncipe. Similarly, the PGG developed on the island of Ano Bom, becoming Fa d'ambô. In São Tomé, in turn, Proto-Creole speakers are divided between those who remained in colonization centers, where Santome arose, and those who formed maroon communities, which became setting for the speciation of PGG into Angolar (FERRAZ, 1974, 1979; SEIBERT, 2004; HAGEMEIJER, 2009). Following the principles of the comparative method of Historical Linguistics (THOMASON & KAUFMAN, 1988; KAUFMAN, 1990, HOCK, 1991, FOX, 1995; CROWLEY, 1997 [1992], CAMPBELL, 2004 [1998]), a *corpus* was selected from a set of items belonging to the common lexicon of Santome, Lung'ie, Fa d'ambô and Angolar, languages derived from the PGG. However, due to gaps in the descriptions of these languages, it was necessary to investigate their phonological systems. Thus, because of its range and scope, this study also offers a contribution to the study of their phonology. Therefore, this study is based on the phonology of the derived languages and on the analysis of 536 sets of cognates. In addition, we present a description and an analysis of the phonological processes observed in the comparison of the sets of cognates. The study of such processes is vital as they shed light on the structural characteristics of the Proto-Creole phonology and also in the modifications on its daughter languages. The PGG consonant system consists of eighteen consonants (\*p, \*b, \*t, \*d, \*k, \*g, \*f, \*v, \*s, \*z, \*m, \*n, \*ɲ, \*r, \*l, \*ʎ, \*w, \*j). The vocalic system consists of seven vowels (\*i, \*e, \*ɛ, a, \*ɔ, \*o, \*u). The PGG accentual system was predictable, in general, and related to syllabic weight. Therefore, the stress was on the penultimate syllable in nominal words (e.g.: \*'blasu 'arm'), but moved to the last syllable when it was heavy (e.g.: \*bɔ'tɔN 'button'). Verbs were stressed on the final syllable (e.g.: \*be'be 'drink'). Indeed, the phonological processes described for the derived languages provide evidence for the lexical reconstruction of proto-forms. Thus, the reconstruction of PGG shows that the current configuration of derived languages comes from the interaction between the early Proto-Creole linguistic frame and a series of phonological phenomena that acted in the speciation scenario.

**Keywords:** Reconstruction. Proto-Creole of Gulf of Guinea. Portuguese-based Creoles from the Gulf of Guinea. São Tomé and Príncipe. Ano Bom.

# Lista de abreviaturas e convenções

Abreviatura	Significado
AN	Angolar
C	Consoante
Cf.	Confira
FA	Fa d'ambô
C <sub>S</sub>	Consoante fricativa alveolar surda /s/
GG	Golfo da Guiné
LI	Lung'ie
N	Nasal
PGG	Protocrioulo do Golfo da Guiné
1p	Primeira pessoa
2p	Segunda pessoa
3p	Terceira pessoa
Poss.	Possessivo
Prep.	Preposição
Pron.	Pronome
<i>sp.</i>	Espécie
ST	Santome
V	Vogal
*	Forma reconstruída ou fonema reconstruído
★	Forma inexistente ou não documentada
σ	Sílaba
\$ _	Início de sílaba
_ \$	Fim de sílaba
/ _	Em contexto de
#	Fronteira de palavra
~	Alterna com
[ ]	Transcrição fonética
//	Notação fonológica
x > y	x se transforma em y
✓	Registrado ou existente
—	Não registrado ou inexistente
<del>palavra</del>	Não cognato
'palavra' em itálico	Sem equivalente em português
(fonema)	Fonema excluído
x < y	x provém de y
x → y	x se transforma em y
[cor]	Traço coronal
[dor]	Traço dorsal
[lab]	Traço labial

# INTRODUÇÃO

Este estudo propõe uma reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné (PGG), a partir da sistematização e análise de suas quatro línguas-filhas contemporâneas: o santome<sup>1</sup> (ST) ou forro; o lung'ie (LI) ou principense; o angolar (AN) ou ngola e o fa d'ambô (FA), anobonense ou pagalu. O santome e angolar — ambos falados em São Tomé —, o lung'ie — utilizado na ilha do Príncipe — e o fa d'ambô — empregado mormente na ilha de Ano Bom — são línguas autóctones da região insular do Golfo da Guiné, na África Ocidental. A formação dessas línguas está diretamente relacionada a uma língua ancestral que surge — no período de colonização portuguesa em São Tomé e Príncipe — a partir do contato entre colonizadores (lusofalantes) e populações africanas (multilíngues) transplantadas. Da necessidade de um código de comunicação, emerge, por conseguinte, uma língua de base lexical portuguesa, o protocrioulo do Golfo da Guiné<sup>2</sup> (GÜNTHER, 1973; FERRAZ, 1979; SCHANG 2003; HAGEMEIJER, 2009, 2011). Contudo, há um debate em relação à ramificação da família: Ferraz (1979) defende que as línguas-filhas contemporâneas são descendentes do protocrioulo, ao passo que Hagemeyer (2011) e Cosme (2014: 5, 15, 48), por outro lado, defendem que o “santome é a continuação do protocrioulo no tempo e no espaço e que as restantes línguas terão ramificados a partir dele”. Esta tese permitirá investigar essa questão.

---

<sup>1</sup>A grafia dos nomes das línguas obedece ao padrão sugerido pelo *Alfabeto Unificado para as Línguas Nativas de São Tomé e Príncipe* (ALUSTP). Assim, ainda que não haja o sinal gráfico na última sílaba (conforme a grafia portuguesa), para ‘santome’, o nome se pronuncia com a sílaba final tônica como [sãtõ'mɛ]. Lung'ie é pronunciado como [lũ'giɛ]. O angolar é pronunciado comumente como [ɲgõ'la]. Fa d'ambô, por fim, pronuncia-se como [fadẽ'bo].

<sup>2</sup> Conhecido como ‘são tomense’ (FERRAZ, 1979) ou ‘língua de São Tomé’.

No século XVI, com a consolidação do PGG, inicia-se, na sequência, a separação geográfica de seus falantes que, por um lado, são transplantados da ilha e, por outro, permanecem com os colonos ou escapam dos engenhos, formando comunidades de quilombos. Uma parcela dos transplantados vai em direção à ilha do Príncipe, onde o PGG se desenvolveu, tornando-se o lung'ie; outro fragmento populacional, por seu turno, é levado à ilha de Ano Bom, na qual, de modo semelhante, o PGG se especia, ramificando-se em fa d'ambô. Em São Tomé, por sua vez, falantes do protocrioulo se distribuem entre aqueles que ficaram nos núcleos de colonização, onde surge o santome, ao passo que a comunidade quilombola se torna o berço da especiação do PGG em angolar (FERRAZ, 1974, 1976, 1979; SEIBERT, 2004; HAGEMEIJER, 2009). Desse modo, esta pesquisa busca reconstruir a fonologia e o léxico do PGG com base na análise das suas quatro línguas-filhas contemporâneas.

Seguindo os princípios do método histórico-comparativo da Linguística Histórica (THOMASON & KAUFMAN, 1988; KAUFMAN, 1990; HOCK, 1991; FOX, 1995; CROWLEY, 1997[1992]; CAMPBELL, 2004[1998]), foi elaborado um *corpus* a partir de um conjunto de itens pertencentes ao léxico comum do santome, lung'ie, fa d'ambô e angolar. Assim, o estudo se baseia nas fonologias das línguas-filhas e na análise de 536 conjuntos de palavras com significados equivalentes (cognatos), obtidos da literatura e da coleta e reunião de cerca de 2000 itens lexicais. Adicionalmente, foram realizadas uma descrição e análise dos processos fonológicos observados no cotejo dos conjuntos de cognatos. Conjecturamos, com isso, que o esquadrinha-mento de tais processos pode lançar luzes sobre as características estruturais da fonologia do protocrioulo a partir dos reflexos nas línguas-filhas. Nesse sentido, o estudo se fundamenta no método comparativo, através do qual a relação genética pode ser demonstrada a partir de evidências, tais como: (i) o estabelecimento de correspondências fonológicas de cognatos; (ii) a reconstrução do sistema fonológico; (iii) o estabelecimento de correspondências gramaticais; (iv) a reconstrução do sistema gramatical, caso seja possível (cf. KAUFMAN, 1990: 15). Contudo, este



estudo tem como fim somente as evidências (i) e (ii), tendo em vista que será realizado uma reconstrução fonológica e lexical. Portanto, não faremos comparações de outros aspectos gramaticais (morfofossintáticos), uma vez que fazer uma reconstrução total exigiria outros dados — inexistentes ou indisponíveis no momento —, além de demandar um número maior de pesquisadores envolvidos diante da ordem de tal tarefa.

No tocante às justificativas para empreender uma pesquisa dessa natureza, elencamos quatro razões principais. A primeira relaciona-se ao ineditismo de um dos primeiros estudos de reconstrução fonológica e lexical de um protocrioulo atlântico, até então, não realizado<sup>3</sup> no Brasil. Além disso, apenas por meio da reconstrução do PGG, será possível compreender muitos dos processos fonológicos observados em cada língua-filha. A segunda razão se refere à necessidade de ampliação dos conhecimentos sobre como e quais fatores de mudança atuam na evolução das línguas e nos seus subsequentes desmembramentos a partir de um protossistema comum. O terceiro motivo reside na importância de um entendimento acerca das relações linguísticas entre as quatro línguas e a mudança das suas estruturas fonológicas ao longo do tempo. Por fim, devido às lacunas nas descrições do *santome*, *lung'ie*, *fa d'ambô* e *angolar*, foi necessário investigar seus sistemas fonológicos de tal modo que este trabalho, em face de sua abrangência e escopo, constitui também uma contribuição ao estudo de suas fonologias e léxico.

Diante disso, o estudo foi dividido em cinco capítulos, organizados da seguinte maneira: o **Capítulo 1** tratará dos materiais e métodos empregados e dos pressupostos teóricos que nortearam essa pesquisa; o **Capítulo 2**, por seu turno, discutirá a conjuntura social e histórica que propiciou o surgimento e a especiação do PGG; no **Capítulo 3**, serão apresentadas as fonologias das línguas-filhas; o **Capítulo 4** se destina à apresentação da fonologia do PGG; por fim, o **Capítulo 5** é dedicado

---

<sup>3</sup> O primeiro estudo de reconstrução que se tem registro foi realizado por Smith ao reconstruir os crioulos do Suriname (SMITH, 1987).

à reconstrução lexical. Na sequência, serão apresentadas as considerações finais do trabalho.

O primeiro capítulo tem como fim descrever o método e os fundamentos teóricos aplicados para a realização da pesquisa. Para isso, a organização dos dados será abordada, bem como a constituição do *corpus* em conjunto com o tratamento dos dados. Os fundamentos teóricos que nortearam a reconstrução linguística serão tratados, ao mesmo tempo, considerando os tipos mais comuns de mudanças fonético-fonológicas. Nesse sentido, as leis fonéticas como também o processo de analogia serão examinados, posto que serviram como critérios de seleção e exclusão dos itens pertencentes ao *corpus* da pesquisa. Ainda nesse capítulo, uma seção será dedicada à discussão de teorias fonológicas de acordo com as quais a análise dos dados se fundamentou. Desse modo, serão abordadas, separadamente, teorias como o Modelo de Chomsky & Halle (1968), a Fonologia Autossegmental (GOLDSMITH, 1976[1979]), a Geometria de Traços (CLEMENTS, 1985; SAGEY, 1986; MCCARTHY, 1988), a Fonologia Lexical (KIPARSKY 1982, 1985; MOHANAN, 1982); a Teoria da Sílabas (HOOPER, 1976; KAHN, 1976) e, finalmente, a Fonologia Métrica (LIBERMAN & PRINCE, 1977).

O segundo capítulo tem como finalidade discutir os aspectos socio-históricos que resultaram na emergência e na especiação do PGG. Dessa maneira, inicialmente, discutiremos as conceitualizações de ordem linguística, social e histórica a respeito de uma língua crioula somadas às teorias de crioulogênese, tais como as correntes superestratista, substratista, universalista e gradualista. Nessa perspectiva, versaremos sobre o suposto surgimento abrupto dos crioulos (MUYSKEN & SMITH, 1995), assim como suas possíveis implicações para o método histórico-comparativo. Na sequência, apresentaremos o contexto histórico de povoamento e colonização de São Tomé, descrevendo, para tanto, as fases de habitação e de plantação (CHAUDENSON, 1989, 1995). Adiante, discutiremos as condições socio-históricas que levaram à especiação do PGG. Nas seções subsequentes, os aspectos gerais de cada língua-filha serão descritos. Em suma, espera-se apresentar um panorama geral no que

diz respeito à formação e à ramificação do PGG, debruçando-se sobre os aspectos sociais relacionados ao santome, lung'ie, angolar e fa d'ambô.

O terceiro capítulo descreverá as fonologias contemporâneas das línguas-filhas, de acordo com análises realizadas a partir de dados coletados *in loco* e também na literatura disponível. Cotejaremos também os traços fonológicos convergentes e dissonantes entre as quatro línguas. Realizaremos a descrição de tais fonologias e o cotejo na expectativa de que a definição dos principais aspectos fonológicos das línguas-filhas forneça uma visão do quadro linguístico do seu ancestral, o PGG. Além disso, faremos algumas reflexões no que diz respeito ao sistema tonal. O estudo, todavia, não se concentrará, à exceção do acento, no exame dos suprasegmentos. Por essa razão, apenas reuniremos as principais considerações a respeito do tema, sem realizar, por conseguinte, uma análise aprofundada, reservada para estudos futuros. Com esse capítulo, esperamos preencher as lacunas existentes observadas na literatura, tendo, para isso, como sustentação a análise do material de trabalho de campo em conjunto com a leitura de dicionários com transcrições fonéticas. Desse modo, pretendemos contribuir para o estudo das fonologias descritivas das quatro línguas.

O quarto capítulo apresentará, por sua vez, a fonologia do PGG. Em vista disso, descreveremos os seus quadros consonantal e vocálico. Em seguida, apresentaremos a estrutura silábica e o seu sistema de acento. Todos os aspectos fonológicos, descritos nesse capítulo, foram reconstruídos, tendo como base a análise dos conjuntos de cognatos obtidos a partir da coleta de dados das quatro línguas. Além disso, consideramos não só os sistemas fonológicos do santome, do fa d'ambô, do lung'ie e do angolar, mas também os processos fonológicos observados no cotejo dos cognatos, haja vista que os mesmos poderão oferecer evidências de como o PGG se configurava no momento de sua especiação. Tomemos, por exemplo, os reflexos das líquidas, \*r e \*l, nas línguas-filhas que não ocupam as posições silábicas, onset e coda, uniformemente. O lung'ie é a única língua do cluster a apresentar a consoante /r/ como fonema circunscrito à posição de onset simples, não sendo registrado na

segunda posição de onset complexo ou coda. O santome, o angolar e o fa d'ambô, em contrapartida, não possuem a vibrante /r/ em seus inventários, não obstante, somente o santome admite a formação de onsets complexos do tipo /Cl/. Diante desse cenário, as quatro línguas apresentarão estratégias de reparo, por vezes similares, outras, muito distintas quanto às líquidas. Assim, com esse capítulo, espera-se que a fonologia reconstruída, com base na análise dos processos fonológicos, indique as configurações que resultaram nas semelhanças e divergências entre as línguas-filhas.

No quinto e último capítulo, depois de estabelecer a fonologia do PGG e descrever os processos fonológicos observados nas línguas-filhas, apresentaremos os conjuntos de cognatos utilizados para a análise, juntamente com as 536 protoformas reconstruídas a partir do levantamento de cerca de 2000 formas contemporâneas das línguas santome, fa d'ambô, lung'ie e angolar e de suas fonologias. As protoformas serão apresentadas em quadros, distribuídos de acordo com o campo semântico ao qual os cognatos pertencem. Tal distribuição tem como objetivo averiguar as relações entre os conjuntos e as regularidades de padrões fonético-fonológicos. Destarte, ainda que as protoformas tenham sido organizadas de acordo com vinte e sete campos semânticos, o capítulo não se ocupará de análises lexicais e/ou etimológicas, mas servirá como ponto de partida para futuras pesquisas dessa natureza.

# Capítulo 1

## TEORIA E MÉTODO

Neste capítulo, serão apresentados os materiais e métodos empregados na análise, em vista disso, serão tratados, ao longo do texto, temas como o *corpus* desta pesquisa e as teorias que subjazem ao processo de reconstrução do protocioulo de base portuguesa do Golfo da Guiné (PGG). Destarte, a seção 1.1 é reservada à discussão sobre a formação do *corpus* (1.1.1), organização e apresentação dos dados (1.1.2) e procedimentos de análise (1.1.3). Em seguida, trataremos da Reconstrução Linguística (1.2) em conjunto com os tipos mais comuns de mudanças de sons, apresentados em 1.2.1, tais como: a *lenição* (1.2.1.1); a *inserção* (1.2.1.2); o *apagamento* (1.2.1.3); a *reorganização de sons* (1.2.1.4); a *assimilação* (1.2.1.5); e, por fim, a *dis-similação* (1.2.1.6). Em 1.2.2, serão apresentados o método histórico-comparativo e os procedimentos adotados, discutindo-se, em seguida, as técnicas de análise em 1.2.3. Posteriormente, serão apresentadas as leis fonéticas e o processo de analogia em 1.2.4.

A seção 1.3, por seu turno, abrange a discussão dos modelos teóricos fonológicos que serviram como fundamentação para o estudo. À vista disso, em 1.3.1, o Modelo de Chomsky & Halle (1968) será apresentado. Em 1.3.1.1, será definido como se dá a descrição estrutural das regras fonológicas. Em 1.3.2, será a vez da Fonologia Autossegmental (GOLDSMITH, 1976[1979]) e, em sequência, será apresentada a Geometria de Traços (CLEMENTS, 1985; SAGEY, 1986; MCCARTHY, 1988) (1.3.2.1). Em 1.3.3, discutiremos os fundamentos da Fonologia Lexical (KIPARSKY 1982a, 1985; MOHANAN, 1982); em 1.3.4, a Teoria da Sílabas (HOOPER,

1976; KAHN, 1976). Em 1.3.5, trataremos da Fonologia Métrica (LIBERMAN & PRINCE, 1977). A seção 1.3.6 apresentará as principais contribuições dos modelos teóricos discutidos. Por fim, em 1.4, na síntese do capítulo, serão retomados os principais pontos abordados ao longo das seções.

## 1.1 DADOS: ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE

Essa seção é destinada à discussão de aspectos relacionados aos itens analisados. Dessa maneira, em 1.1.1, discorreremos, primeiramente, sobre a formação do *corpus*; em seguida, em 1.1.2, trataremos da formatação e apresentação dos dados ao longo do texto; por fim, serão descritos os procedimentos de análise dos dados (1.1.3).

### 1.1.1 Coleta

Para fins metodológicos de análise, foi elaborado um *corpus* a partir de um conjunto de itens pertencentes ao léxico básico das quatro línguas-filhas do protocioulo do Golfo da Guiné. Para tal constituição, foram utilizados dicionários e gramáticas do santome (FERRAZ, 1979; ARAUJO & HAGEMEIJER, 2013); do lung'ie (MAURER, 2009; AGOSTINHO, 2015), do angolar (MAURER, 1995) e do fa d'ambô (BARRENA, 1957; SEGORBE, 2007). Quanto aos materiais disponíveis mais antigos sobre as línguas-filhas, há estudos elaborados no século XIX sobre o santome (NEGREIROS, 1895), lung'ie (RIBEIRO, 1888) e fa d'ambô (BARRENA, 1957), além de fontes esparsas de Schuchardt (1882, 1888, 1889) e de Adolfo Coelho (1880). Contudo, os trabalhos publicados, em geral, apresentam limitações descritivas e incongruências na notação dos dados, bem como na análise dos sistemas fonológicos das línguas. Uma análise não exaustiva de Negreiros (1895) e Ribeiro (1888) indica que as diferenças lexicais entre as línguas do século XIX e XXI,

contudo, são relativamente pequenas. Por essa razão, optou-se por utilizar, como base da reconstrução, dados linguísticos contemporâneos, verificados em trabalho de campo. Além disso, foram consultadas informações disponibilizadas (online) pelo APiCS (*Atlas of Pidgin and Creole Language Structures*). As fontes utilizadas para a coleta e descrição dos dados das línguas serão tratadas separadamente consoante à língua.

Com o intuito de coletar dados do santome, a pesquisa utilizou como base o dicionário bilíngue santome-português (ARAÚJO & HAGEMEIJER, 2013) aliado à descrição realizada por Ferraz (1979). O dicionário, com mais de 8.000 verbetes — todos contendo transcrição fonética —, foi elaborado a partir de dados coletados em fontes documentais de diferentes momentos e por meio de trabalhos de campo com falantes nativos. O estudo *The Creole of São Tomé*, elaborado por Ferraz (1979), é uma das análises pioneiras sobre o santome. A referida obra apresenta discussões sobre a fonologia e morfossintaxe da língua, sendo, por isso, utilizada como fonte.

Quanto aos dados do fa d'ambô, por seu turno, foi utilizado primeiramente os estudos de Barrena (1957) e de Segorbe (2007). A *Gramática Anobonesa*, do reverendo Natalio Barrena (1957), apresenta uma análise prescritiva do fa d'ambô e, ainda que se dedique uma seção à descrição fonológica, observa-se que a fonologia é constantemente confundida com a grafia da língua. A *Gramática Descriptiva del Fa d'Ambô* (SEGORBE, 2007), por sua vez, trata-se de uma das primeiras instrumentalizações da língua, abordando aspectos fonéticos, fonológicos e morfossintáticos em três grandes seções. Muito embora haja, para o fa d'ambô, fontes como as mencionadas, tais estudos não apresentam delimitações precisas no que dizem respeito a aspectos fonológicos pertinentes como a nasalidade, a duração vocálica, o sistema acentual e o estatuto prosódico. Diante da impossibilidade de realizar uma pesquisa de campo em Ano Bom, foram utilizados, como material de apoio, áudios gravados (cedidos gentilmente para pesquisa) por uma equipe de brasileiros — que visitou à ilha de Ano Bom no ano de 2012. Alguns resultados dessa visita foram publicados

nos *Cadernos de Estudos Linguísticos* (cf. ARAUJO *et al.*, 2013) e em *Papia* (cf. ARAUJO & AGOSTINHO, 2014).

Na análise do lung'ie, foram utilizados, como ponto de partida, os trabalhos de Maurer (2009) e de Agostinho (2015). No livro *Principense. Grammar, texts, and vocabulary of the Afro-Portuguese creole of the Island of Príncipe, Gulf of Guinea* (MAURER, 2009), são trazidas análises de um *corpus*, constituído por gravações de histórias tradicionais contadas por falantes nativos e por sentenças produzidas de forma espontânea, coletadas durante viagens de campo à Ilha do Príncipe, realizadas a partir de 1991 até fevereiro de 2004. Adicionalmente, para a análise do lung'ie, utilizou-se a *Fonologia e método pedagógico do lung'ie* (AGOSTINHO, 2015). O estudo contém uma análise fonológica abrangente e um método pedagógico, apresentando textos diversos, veiculados na língua e relacionados à cultura e tradição da ilha, com vocabulários e tópicos gramaticais.

Para o angolares, a pesquisa considerou a lista de cerca de 1600 palavras retiradas do trabalho de Maurer (1995). *L'angolar. Un créole afro-portugais parlé à São Tomé. Notes de grammaire, textes, vocabulaire* é a primeira gramática descritiva sobre a língua com análises morfossintáticas em quase sua totalidade (com trinta páginas dedicadas à fonética e à fonologia). Embora a lista de 1600 itens de Maurer (1995) apresente o léxico básico do angolares e, alguns casos, informação tonal, os dados apresentados possuem uma notação gráfica sem transcrição fonética ou notação fonológica, sobretudo, sem qualquer referência à posição do acento primário. Adicionalmente, materiais de áudio do angolares não se encontravam, até então, disponíveis para a consulta. Em vista disso, em 2014, realizou-se uma pesquisa de campo na comunidade de São João dos Angolares, localizada no sul de São Tomé, cujos principais objetivos foram (i) conferir os itens contidos na lista de Maurer (1995); (ii) gravar com falantes conjuntos de frases controladas a fim de esquadrihar o acento e a nasalidade na língua; (iii) granjear itens novos que não estivessem em listas prévias, tais como nomes de animais e plantas endêmicas. Durante a pesquisa de campo, foi possível gravar com falantes bilíngues (português



e angolar) e também com falantes monolíngues, em geral, idosos. A gravação com esses falantes foi importante, uma vez que foi possível perscrutar o angolar em seu estado de vernáculo. Da coleta, preparamos um pequeno dicionário com cerca de 2700 verbetes (BANDEIRA, em preparação) com transcrições fonéticas, que serviu como fonte para essa pesquisa.

Adicionalmente, o estudo teve acesso ao material eletrônico oferecido pelo *Atlas of Pidgin and Creole Language Structures*. O referido atlas oferece dados sincrônicos comparáveis sobre as estruturas gramaticais e lexicais de 76 línguas, abrangendo desde os crioulos do Oceano Atlântico e do Oceano Índico até os pidgins e crioulos menos conhecidos da África, Ásia do Sul, Sudeste Asiático, Melanésia e Austrália, incluindo algumas variedades extintas (MICHAELIS *et al.*, 2013).

Após a reunião dos dados das quatro línguas, foram selecionados os itens do *corpus* a partir de um vocabulário básico comum. A escolha pelo léxico básico se deve, segundo Fox (1995), à tentativa de evitar o problema de se trabalhar com itens resultados de empréstimo. Em vista disso, o vocabulário básico seria mais propenso a ser herdado do que nativizado via empréstimo. Para a seleção dos itens, contudo, além de se buscar o vocabulário básico, houve também o cuidado em verificar a provável datação de cada item do léxico vernacular, buscando eliminar o material lexical cuja entrada fosse posterior à especiação das línguas-filhas. Como o objetivo da pesquisa foi reconstruir itens que hipoteticamente fizeram parte do léxico comum do PGG, o presente estudo buscou selecionar itens que provavelmente já eram usados, na ilha de São Tomé, no período entre o fim do século XV e início do século XVI — fase de formação do PGG. Tomemos, por exemplo, o item **kakaw** referente a ‘cacau’ palavra, em português, que, de acordo com o Dicionário Etimológico Houaiss (HOUAISS & VILLAR, 2001), viria do espanhol *cacao*, datado de 1535. Segundo Seibert (2008), tem sido geralmente aceito que 1822 foi o ano em que se deu a introdução do cacau<sup>1</sup> na África, mais concretamente na ilha do Príncipe.

---

<sup>1</sup> Conforme Seibert (2008), a introdução do cacauzeiro é atribuída a José Ferreira Gomes, nascido no Brasil, proprietário de navios negreiros e juiz supremo do arquipélago, que o teria levado do Brasil para a Ilha do Príncipe, onde o usou meramente como planta

Diante disso, o item referente a ‘cacau’, embora seja registrado nas quatro línguas-filhas (realizado como [ka'kaw]), não pôde fazer parte do conjunto de cognatos<sup>2</sup> do PGG, uma vez que, no período de sua entrada no léxico dos falantes das ilhas de São Tomé e Príncipe, o PGG já havia sido formado e se ramificado há mais de dois séculos.

Adiante, será exposta a maneira como os dados foram organizados e como são apresentados ao longo da tese.

### 1.1.2 Organização e apresentação dos dados

Essa seção tem por objetivo demonstrar como os dados serão apresentados no texto. Para tanto, inicialmente, abordaremos de que maneira os itens pertencentes às línguas-filhas foram dispostos, em seguida, trataremos dos aspectos relacionados às transcrições fonéticas e à notação fonológica dos itens. Na sequência, demonstramos como os protofonemas e as protoformas são identificados e estão organizados. Por fim, abordaremos os símbolos e os sinais gráficos empregados como suporte das discussões.

Ao longo da tese, os itens das línguas-filhas foram apresentados de três formas: (i) segundo sua realização fonética; (ii) de acordo com sua representação fonológica; e (iii) em consonância com a grafia oficial da língua. A primeira representação é indicada pelos colchetes [ ] como em [kaku] ‘caco’ em lung’ie. O acento primário foi indicado — somente nas transcrições fonéticas—, pelo símbolo (ˈ) antecedendo a sílaba tônica como em [ˈbudu] ‘pedra’ em angolár. A glosa é indicada

---

ornamental na sua roça. A própria produção de cacau na Ilha do Príncipe teria começado mais tarde, mas não se sabe exatamente.

<sup>2</sup> No entanto, nem sempre a introdução da árvore em um país é garantia ou proibição de que o seu fruto se torne um item lexical na língua do dado país. Tomemos, como exemplo, a Inglaterra onde o cacau nunca foi introduzido, mas o chocolate existe e há termos para se referir não só ao chocolate, como também à sua matéria-prima.

após a(s) palavra(s) referida(s), entre aspas simples (exemplo: ‘pedra’). Os símbolos utilizados na transcrição estão de acordo com o Alfabeto Fonético Internacional (AFI)/*International Phonetic Alphabet* (IPA), revisado em 2015. A representação fonológica, por sua vez, é identificada pelas barras inclinadas / / como em /lala/ ‘ralar’ em santome. Já a representação por meio da grafia oficial é sinalizada em negrito como a palavra **dhumbo** ‘bigode’ em angolar. O emprego de tal grafia obedece às regras do *Alfabeto Unificado para as Línguas Nativas de São Tomé e Príncipe* (ALUSTP) que foi sancionado pelo Governo de São Tomé e Príncipe a fim de se representar alfabeticamente o santome, o lung’ie e o angolar. Embora as línguas sejam mutuamente ininteligíveis, compartilham um número substancial de propriedades lexicais e gramaticais, o que justifica uma grafia unificada (ARAÚJO & AGOSTINHO, 2010b). No preâmbulo da proposta (apresentada em 2009), ao considerar o fa d’ambô membro desse mesmo cluster, a grafia ALUSTP foi empregada, em extensão, aos seus itens. Ao longo do texto, em toda ocasião em que uma protoforma ou um membro do conjunto de cognatos é citado, essa protoforma ou elemento cognato aparece com um número subscrito, como em \*aju<sub>1</sub> ‘alho’ e loso<sub>2</sub> ‘arroz’ (ST). Desse modo, o leitor poderá associar cada forma em discussão ao seu conjunto de cognatos. Itens gramaticais serão glosados sem aspas simples, porém em caixa-alta, como em \*inε<sub>336</sub> PRON. 3P PL, cuja abreviação significa pronome de terceira pessoa do plural. As demais abreviaturas, utilizadas ao longo do texto, poderão ser consultas na lista de abreviaturas e convenções. Quanto aos itens de outras línguas que, porventura, forem citados, os mesmos serão sinalizados em itálico como, por exemplo, o item *plantation* do inglês ‘plantação’. Em glosas de itens das línguas-filhas que não possuam equivalentes em português, o itálico também foi usado. Somado ao itálico, a glosa dos itens, referentes à fauna e à flora endêmicas, sem equivalentes em português, indicará o campo semântico ao qual o item pertence, seguido pela abreviatura em itálico *sp.* ‘espécie’ entre parênteses ( ), como em **paampole** ‘*paampole*, peixe (*sp.*)’ (LI).

Os profonemas e as protoformas foram sinalizados com um asterisco (\*) à

esquerda como em \*p (protofonema) e \*plɛgu<sub>489</sub> ‘prego’ (protoforma). A sílaba acentuada das protoformas foi indicada através do sublinhado como no item \*panɛla<sub>485</sub> ‘panela’. No que se refere à sua disposição, os itens reconstruídos foram organizados em quadros (Cf. **Capítulo 5**) em ordem alfabética de acordo com o seu campo semântico (segundo Martins (2005)). Nesse sentido, os seguintes campos semânticos foram propostos: *alimentos e bebidas em geral; anatomia animal e termos relacionados; anatomia humana e termos relacionados; animais e termos relacionados; conceitos abstratos; cores; crustáceos, peixes e termos relacionados; doenças e termos relacionados; eventos; insetos; lugares e construções em geral; metais; natureza; ofícios; parentesco e termos relacionados; pronomes e outros elementos gramaticais; qualificadores; quantitativos; tempo; espiritualidade; fauna; localização; utensílios e artefatos; vestuário; topônimos; e outros sem classificação*. Em cada quadro, a protoforma se encontra na primeira coluna (da esquerda para direita), sendo seguida pelos cognatos do santome, na segunda coluna, do fa d’ambô, na terceira, do lung’ie, na quarta, e do angolar, na quinta coluna. Na sexta coluna, tem-se a glosa. Sobre os quadros do **Capítulo 5**, é possível encontrar conjuntos de cognatos que não apresentam reflexos nas quatro línguas. Tal ausência pode ser devido a dois fatores distintos, indicados, por essa razão, de maneira diferente. O primeiro motivo pode ser atribuído à ausência de registro do referente em materiais disponíveis de determinada língua. Sendo assim, tal caso é indicado nos quadros com um longo tracejado (—) no campo da língua em questão. O segundo motivo não se deve propriamente à inexistência do referente, mas à ausência de um item que seja cognato, nesse caso a palavra é riscada com um traço por cima dos grafemas ou da transcrição fonética a fim de indicar sua exclusão da análise visto que não se trata de um cognato como em ~~[ma’zi]~~ ‘azeite’ (AN) forma não cognata de [‘zete] (ST), [‘zete] (FA) e [i’zetʃi] (LI) ‘azeite’. Ademais, com o intuito de sinalizar a discriminação de segmentos das línguas-filhas considerados na reconstrução daqueles que não o são, a exclusão de um fonema foi indicada por meio de parênteses ( ) com em (1):

- (1) \*lalu<sub>119</sub> ‘doença de pele’  
**lalu** [ˈlalu] (ST)  
**lalu** [ˈlalu] (FA)  
**lalu** [ˈlalu] (AN)  
**(u)lalu** [uˈlalu] (LI)

No **Capítulo 3**, nas seções dedicadas à sílaba, para a identificação dos elementos envolvidos na estrutura, empregou-se, para a vogal, (V); para a consoante, (C); para o arquifonema nasal, (N). Desse modo, na análise da sílaba, por exemplo, CVN se refere a uma sequência em que há uma consoante, seguida pela vogal e uma consoante nasal. Adicionalmente, na descrição das estruturas silábicas possíveis nas línguas-filhas, uma estrela<sup>3</sup> negra (★) à direita da vogal, como em a★, foi usada para indicar que o fone não foi documentado, na base de dados, na dada posição da estrutura silábica proposta no quadro em questão.

Com o propósito de descrever regras fonológicas (Cf. 1.3.1.1), este estudo fez uso de símbolos como o traço ( \_ ) para marcar a posição em que um segmento se localiza; o sustenido (#), por sua vez, para fronteiras de palavras, sinalizando o seu início e fim; o ponto (.) para marcar fronteira silábica; o símbolo (∅) para indicar regras de apagamento e inserção; a barra inclinada simples (/) para o contexto em que a regra se aplica, separando a mudança estrutural do contexto ou do ambiente da mudança (ver (2)); a seta (→) para sinalizar uma transformação como, por exemplo, em angolar em (2):

- (2) Angolar  
 /ð/ → [z] / \_i

Em (2), a regra pode ser lida como: /ð/ é realizado como [z] quando está diante

---

<sup>3</sup> O símbolo ★, empregado por Viaro (2011), foi escolhido nesse estudo em razão da própria definição do autor (VIARO, 2015: 129): “O símbolo ★ é usado [...] para indicar formas inexistentes ou impossíveis em vez do asterisco chomskyano. O símbolo \* é estritamente reservado na sua interpretação schleicheriana, mais antiga, como “forma reconstruída” (portanto supostamente existente, ao menos em teoria).” Contudo, nesse estudo, usamos o símbolo à direita do segmento, ao passo que Viaro (2011, 2015) utiliza à esquerda.

de [i]. Em alguns conjuntos, contudo, certos processos operaram independentemente do contexto, nesse caso, descreveu-se a regra sem a barra como em (3), onde o protofonema \*ɫ pode se transformar em /j/ em angular em todos os contextos.

(3) PGG → Angolar

\*ɫ → /j/

Para a discussão do sistema tonal, no **Capítulo 4**, o tom alto será indicado com H (do inglês, *high*) e o baixo, com L (do inglês, *low*). Assim, pares como HH significam alto alto, HL, alto baixo, LH, baixo alto, e LL, baixo baixo.

Para além da organização dos dados, a fim de propor a fonologia do PGG, este estudo cumpriu algumas etapas, tais como: o estabelecimento dos conjuntos de cognatos, a análise das fonologias e dos processos fonológicos das línguas-filhas, a reconstrução dos protofonemas e das protoformas. As etapas mencionadas serão analisadas na próxima seção.

### 1.1.3 Procedimentos de análise

A pesquisa se fundamentou no método histórico-comparativo da Linguística Histórica. Dessa maneira, para a reconstrução linguística, a primeira etapa se refere à formação de um *corpus* com um conjunto de cognatos — itens com equivalência semântica e fonética. Para tanto, a análise se guiou através do princípio da regularidade das correspondências recorrentes entre os fonemas das línguas-filhas (KAUFMAN, 1990; HOCK, 1991; CROWLEY, 1997[1992]; CAMPBELL, 2004[1998]). A partir dos conjuntos de correspondências fonológicas extraídas, foram constituídos grupos de cognatos. Desse modo, a pesquisa reuniu 536 cognatos com cerca de 2000 itens no total.

Em seguida, iniciou-se a etapa de análise dos itens, começando inicialmente a partir do conjunto de cognatos que, nas quatro línguas-filhas, eram idênticos ou

similares, ressalvadas todas as modificações ocorridas na evolução das línguas — situação nem sempre comum na análise dos dados. A escolha por tal ponto de partida se deve ao fato de que, ao se ter acesso aos reflexos semelhantes do protofonema, torna-se mais evidente a conjectura do sistema fonológico da protolíngua, mesmo que de forma preliminar (DIMMENDAAL, 2011: 13). Adiante, foi dado início à especificação da posição dentro de um item lexical (inicial, medial, final) para as consoantes e vogais que estavam sendo comparadas, uma vez que a posição do protofonema pode ser relevante para o condicionamento da mudança de sons específicos. Ademais, foi preciso confirmar se os reflexos distintos ocorrem em ambientes idênticos ou, por outro lado, os mesmos estão em distribuição complementar com alguma outra unidade de som.

Em conjunto com a seleção de cognatos, realizou-se também a análise do sistema fonêmico das línguas-filhas quanto aos seus aspectos convergentes e divergentes. Esse estágio foi importante, uma vez que, para reconstruir protofonemas a partir dos dados disponíveis nas línguas relacionadas geneticamente, é necessário entender a estrutura fonológica, bem como a realização fonética dos fonemas e a estrutura morfológica em cada língua (DIMMENDAAL, 2011: 11). Ao mesmo tempo, realizar uma reconstrução de uma protolíngua a partir de materiais contemporâneos das línguas-filhas impõe alguns desafios. Tomemos como exemplo, o *lung'ie*, que, segundo Agostinho (2015), permite a formação de onsets complexos como /pr/ e /pl/. Processos de alongamento vocálico em *lung'ie*, entretanto, evidenciam que a formação de onsets complexos ocorre mais recentemente na língua. Em casos como esse, o estudo se fundamentou na análise dos processos ocorridos nas línguas-filhas, como o alongamento, por exemplo, a fim de orientar a análise. Com efeito, os estudos sobre as línguas-filhas não são concentrados nas fonologias — exceto Ferraz (1979), Maurer (1995, 2009), Segorbe (2007) e Agostinho (2015) que se dedicaram a analisar aspectos fonológicos de forma mais abrangente. Em função disso, propomos, no **Capítulo 3**, uma leitura crítica da literatura sobre a fonologia das línguas-filhas,

baseada na análise dos itens coletados nos dois trabalhos de campo em São Tomé e Príncipe e nos materiais publicados.

Com a comparação e análise dos cognatos, dos quadros e dos processos fonológicos, foram iniciadas a extração e a reconstrução dos protofonemas. Em alguns conjuntos de cognatos, além de os itens nas quatro línguas nem sempre serem idênticos — isto é, palavras que apresentam reflexos coincidentes de maneira integral —, houve conjuntos sem cognatos das quatro línguas, mas de três ou duas. Isso ocorreu devido a dois motivos: (i) por falta absoluta de registro do referente no *corpus* da língua, situação comum em fa d'ambô; ou (ii) por ausência do cognato. Nos dois casos, a reconstrução linguística foi realizada com base nos cognatos disponíveis muito embora o procedimento não seja o ideal. Por isso, buscou-se frequentemente por conjuntos que apresentassem cognatos das quatro línguas-filhas.

Na reconstrução de cada protofonema, notou-se sua posição na sílaba e na palavra para que fosse possível, em seguida, propor os quadros vocálicos e consonantais do PGG (cf. **Capítulo 4**). Na análise dos dados e no processo de reconstrução, os procedimentos, previstos pelo método histórico-comparativo, embora lógicos e aparentemente sequenciais, nem sempre devem ser aplicados seguindo uma sequência restrita. Desse modo, o estudo buscou aplicá-los de acordo com cada item analisado (RANKIN, 2003:187). Por fim, a partir da comparação sistemática de itens lexicais cognatos, somada a um levantamento dos processos fonológicos apresentados nas quatro línguas (ver **Capítulo 4**, subseção 4.6), realizou-se a reconstrução das protoformas.

Na análise, foram levados em consideração os fundamentos teóricos propostos pela Reconstrução Linguística, dentro do âmbito da Linguística Histórica, que serão apresentados a seguir.

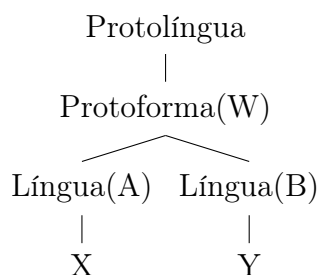


## 1.2 RECONSTRUÇÃO LINGUÍSTICA

Para a realização do estudo, utilizou-se um dos métodos desenvolvidos pela Linguística Histórica: o método comparativo. O referido método se apoia nas características da língua e nas mudanças linguísticas. O seu uso implica postular formas abstratas, convencionalmente marcadas com um asterisco à esquerda que indica seu *status* hipotético, a partir das quais as formas atestadas podem ter sido derivadas. As formas reconstruídas, seguindo os princípios do método comparativo, são chamadas de *protoformas* e a ‘língua’ reconstruída e relacionada a tais formas é chamada de *protolíngua* (FOX, 1995).

Quando línguas, geneticamente relacionadas, derivam de um ancestral comum, tais línguas são chamadas de línguas-irmãs e o ancestral da qual derivaram é denominado língua-mãe (FOX, 1995). Contudo, é comum que não haja registros históricos da língua-mãe. Nesses casos, pode-se contar com o auxílio da reconstrução linguística que é a criação de formas linguísticas hipotéticas a partir de formas existentes de uma ou mais línguas geneticamente relacionadas. À vista disso, formas reconstruídas são, em princípio, abstrações, resultado das tentativas de relacionar as formas linguísticas atestadas ao seu ancestral (FOX, 1995; CAMPBELL, 2004[1998]).

Na reconstrução, é necessário analisar os *reflexos* das protoformas nas línguas-filhas, no caso deste trabalho, as realizações contemporâneas do santome, lung’ie, angolar e fa d’ambô. Desse modo, deve-se buscar por itens que compartilham traços fonêmicos e semânticos nas línguas relacionadas que possam ser derivados de uma forma comum original. Os itens seriam cognatos entre si e ambos seriam *reflexos* da mesma forma na protolíngua (CROWLEY, 1997[1992]: 88). Desse modo, de acordo com o diagrama, em (4), supondo que *X* e *Y* seriam duas palavras fonética e semanticamente semelhantes e as línguas A e B possuem um ancestral comum, assim *X* e *Y* são cognatos entre si e também reflexos de uma única protoforma (*W*) na protolíngua.

(4) **Diagrama** *Protolíngua, protoforma e línguas-filhas.*

Com o intuito de se propor uma reconstrução, é preciso que antes se discriminem os tipos de mudança de som que seriam prováveis e regulares daqueles que são improváveis e irregulares. Além disso, é importante identificar, na lista de cognatos, mudanças linguisticamente motivadas, mas que não sejam restritas a uma única língua da família (OAKES, 2000: 236). Todavia, Kaufman (1990: 17) salienta que, antes da aplicação do método histórico-comparativo, uma análise fonológica das línguas-filhas deve ser realizada, posto que se viabiliza a descoberta de regularidades e sub-regularidades que se relacionam não só ao estado das línguas comparadas, mas também a estados pretéritos de suas formações. Tal procedimento foi empregado e pode ser conferido no **Capítulo 3**.

A seguir, dando continuidade à discussão dos pressupostos da Linguística Histórica, serão observados os padrões mais comuns de mudança de som.

### 1.2.1 Tipos de mudança de som

Na Linguística Histórica, a mudança de som pode ser *condicionada* ou *não condicionada* foneticamente (JEFFERS & LEHISTE, 1979: 3). A mudança condicionada é sensível ao contexto e afeta o valor fonético de um som em um dado ambiente fonético e estável. Os fatores condicionantes são variados, pois não há um limite definido quanto ao número de fatores envolvidos em um dado processo. A mudança de som não condicionada, por seu turno, pode ser descrita como livre de contexto, sendo aquela que afeta o valor fonético de um som de maneira uniforme

em todos os ambientes. As mudanças não condicionadas são também conhecidas como mudanças esporádicas. Para analisar o que influencia ou não uma mudança, podem-se considerar, inicialmente, os seguintes ambientes: (i) a natureza de som (ou sons) antecedente(s); (ii) a natureza de som (ou sons) precedente(s); (iii) a natureza da sílaba (aberta ou fechada); (iv) a posição na palavra (seja inicial, medial ou final); (v) a posição do acento (átono ou tônico); (vi) a dificuldade relativa de produzir ou perceber foneticamente sequências complexas de sons; (vii) qualquer combinação de tais fatores condicionantes (JEFFERS & LEHISTE, 1979: 3; CROWLEY, 1997[1992]: 106).

As mudanças de sons condicionadas podem ser a *lenição*, a *inserção ou apagamento de segmentos*, a *reorganização de segmentos*, a *assimilação* e a *dissimilação*, dentre outros processos (JEFFERS & LEHISTE, 1979: 3; CROWLEY, 1997[1992]: 36-57). Cada categoria será vista separadamente nas subseções seguintes.

#### 1.2.1.1 *Lenição*

O processo de *lenição* pode ser chamado também de *enfraquecimento*. Segundo Crowley (1997[1992]: 37), alguns sons seriam relativamente ‘mais fortes’ ou ‘mais fracos’ do que outros. Em vista disso, as oclusivas estariam em uma posição mais alta do que as continuantes quanto à força, as consoantes estariam em uma posição acima das semivogais, sons orais, acima dos sons glotais; e as vogais posteriores e anteriores estariam acima das vogais centrais.

Com efeito, a lenição é um processo relevante em geral, pois, quando uma mudança fonética acontece, é frequente que seja na direção de um som considerado mais forte para um mais fraco como, por exemplo, de [x] para [h], ao invés de [h] para [x]. O processo de fortalecimento é o reverso da lenição e ocorre quando há um fortalecimento progressivo de um som, como de [f] para [v] (CROWLEY, 1997[1992]: 37-39).

### 1.2.1.2 *Inserção*

Os processos de inserção de som podem ocorrer sob diferentes formas e sua classificação depende de dois aspectos: (i) a posição da palavra em que o acréscimo ocorre e (ii) a qualidade do segmento adicionado, se vogal ou consoante. A *prótese* ocorre quando há a adição de som em início de palavra. Quando uma vogal é adicionada em posição medial de palavra a fim de desfazer um cluster agramatical formado por duas consoantes, tem-se a *epêntese vocálica*. Quando ocorre a adição de som no fim da palavra, tem-se a *paragoge*. Há também casos em que uma consoante é adicionada entre duas outras consoantes, sendo conhecida como *epêntese consonantal* (ou *consoante intrusiva*). A *ditongação* refere-se à adição de um glide antes ou depois da vogal original remanescente. Quando um glide é adicionado antes da vogal, chama-se *on-glide*, mas, se o glide é adicionado depois da vogal, é chamado *off-glide* (JEFFERS & LEHISTE, 1979; CROWLEY, 1997[1992]: 47).

### 1.2.1.3 *Apagamento*

Os processos de apagamento abrangem diferentes termos de acordo com dois fatores: (i) a posição em que ocorre na palavra e (ii) o conteúdo apagado. A *aférese* ocorre quando segmentos no início de palavra são eliminados. Quando o apagamento ocorre em fim de palavra, tem-se a *apócope*. Já a *síncope* refere-se ao apagamento em posição medial de palavra. Outra categoria de apagamento é a *redução de clusters* que, nesse caso, pode ocorrer por meio da eliminação de uma ou mais consoantes. Por fim, há a *haplologia* que se refere ao apagamento de uma sílaba inteira quando a mesma se encontra próxima a outra idêntica ou similar (JEFFERS & LEHISTE, 1979; CROWLEY, 1997[1992]: 40-41).

#### 1.2.1.4 *Reorganização de sons*

Os sons podem ser, além de apagados ou inseridos, reorganizados a fim de atender às restrições<sup>4</sup> fonológicas da língua. A  *fusão*, por exemplo, é, segundo Crowley (1997[1992]: 44), um tipo de mudança em que dois sons originalmente separados tornam-se um único som. Ainda que seja uma categoria que apresente uma mudança de dois sons para um, a fusão não faz parte do conjunto de processos de apagamento, pois o som resultante da fusão carrega traço de ambos os segmentos. Um tipo particular de fusão fonética se refere ao  *alongamento compensatório* que acontece quando um elemento ou segmento é perdido e para compensar tal perda, uma vogal ou consoante é alongada (CROWLEY, 1997[1992]: 46).

#### 1.2.1.5 *Assimilação*

Na  *assimilação*, sons distintos aproximam seus pontos articulatorios, modos ou traços ou acabam por tornar-se idênticos (VIARO, 2011: 179). Para Crowley (1997[1992]: 47-48), quando um som leva outro a mudar para que os dois terminem sendo mais similares entre si de alguma forma, tal processo é chamado de  *assimilação*. A assimilação pode ser  *parcial* ou  *total*. Se um dos sons modificados retém pelo menos um dos traços originais por meio do qual se distingue do som não modificado, tal mudança é chamada de  *assimilação parcial*. A assimilação parcial abrange uma ampla gama de possibilidades, pois as mudanças podem envolver o ponto de articulação (vogais e consoantes), o modo de articulação (seja oclusivo, fricativo, nasal, lateral, entre outros) e vozeamento (seja vozeado ou desvozeado)

---

<sup>4</sup> Além das restrições, sons podem ser reorganizados por razões paralinguísticas, tais como dificuldades de avaliação, por parte do falante, de sequências maiores que a palavra, mesmo de incompreensão de sequências, confusão sobre a ordem de sílabas, dentre outras motivações psicológicas.

(CROWLEY, 1997[1992]: 50-51). A assimilação pode envolver qualquer combinação dos fatores supracitados. Quando o fenômeno produz sons idênticos, pode-se falar de *assimilação total*.

Além disso, quando um elemento condicionante da mudança opera em direção da direita para esquerda, acontece a *assimilação regressiva*, como, por exemplo, a assimilação de um cluster [nt] para [tt]. Quando a direção da mudança é inversa e é o som precedente que exerce sua influência sobre o som seguinte, tal processo é conhecido como *assimilação progressiva*, a exemplo da assimilação de um cluster [nt] para [nn].

De acordo com Crowley (1997[1992]: 50-51), a assimilação progressiva seria muito menos comum do que a assimilação regressiva, do mesmo modo que a assimilação total é menos comum do que assimilação parcial.

#### 1.2.1.6 *Dissimilação*

A *dissimilação* é o processo reverso da assimilação, pois, em vez de tornar dois sons mais próximos, um segmento torna-se menos semelhante ao outro que está contíguo. Por essa razão, a dissimilação reduz o número de traços fonéticos compartilhados entre os dois sons (CROWLEY, 1997[1992]: 54-55). A dissimilação pode ser observada, como, por exemplo, na mudança de [x] para [k], em que [x] dissimilou o seu modo de articulação para [k] (CROWLEY, 1997[1992]: 54-55).

Tendo apresentado alguns processos de mudanças linguísticas, na próxima subseção, será discutido como tais mudanças podem ser analisadas por meio do método histórico-comparativo.

## 1.2.2 O método histórico-comparativo

O método histórico-comparativo surgiu no âmbito dos estudos da Linguística Histórica e se interessa pelo desenvolvimento das línguas no decorrer do tempo, pelas mudanças linguísticas de um período a outro e pelas causas e resultados de tais mudanças. Já a Linguística Comparada tem por objetivo comparar duas ou mais línguas por meio de seus pressupostos teóricos e de suas técnicas metodológicas (KAUFMAN, 1990; FOX, 1995; CAMPBELL, 2004[1998]; MARTINS, 2005). O método histórico-comparativo busca estabelecer a relação de parentesco entre as línguas, sendo, segundo Martins (2005: 4-7), uma técnica por meio da qual as línguas supostamente relacionadas são confrontadas a fim de se depreender um ancestral em comum da qual as línguas se originaram. A metodologia possui um aspecto histórico, pois, na comparação, são observadas as mudanças sofridas pelas línguas ao longo do tempo, buscando estabelecer as leis de mudança (FOX, 1995).

Um fator para a aplicação do método é a arbitrariedade da relação entre a forma fonológica e o significado (não iconicidade). Sabe-se que uma relação de parentesco implica uma continuidade histórica. Contudo, a falta dessa continuidade entre as formas em diferentes estágios pode ser devido a processos diversos como analogia, onomatopeia (iconicidade) e empréstimo. A analogia, de um lado, como apontada pelos neo-gramáticos, é um mecanismo que interfere na regularidade da mudança de som, posto que pode levar uma forma regular a ser substituída por uma modificada para outra forma, geralmente de acordo com o mesmo paradigma gramatical. Diante disso, formas resultado de analogia não podem ser usadas como ponto de partida para reconstrução, uma vez que não são formas herdadas historicamente. Nesse sentido, casos em que as palavras são fruto de processos de invenção, comum em várias línguas, como a onomatopeia — circunstância em que palavras com sons semelhantes são encontradas em línguas não relacionadas —, não são analisados para reconstrução, haja vista que as similaridades não podem ser

consideradas como evidência de parantesco linguístico (FOX, 1995: 62-63). A onatopeia é uma criação não idiossincrática motivada, diferentemente dos demais itens que são arbitrários. O empréstimo, por sua vez, acontece em duas situações conforme aponta Viaro (2011: 99): (i) quando línguas estiveram em contato direto — podendo envolver bilinguismo ou não—, ou (ii) quando uma das línguas teve prestígio e influência cultural — não envolvendo necessariamente uma proximidade espacial. O autor utiliza, como exemplos dessas línguas de prestígio, o francês e o inglês os quais foram amplamente difundidos pelo mundo e, por isso, muitas vezes, étimos são relacionados a eles. A nenhuma dessas duas situações mencionadas, pode-se atribuir herança histórica. Portanto, como critério de seleção dos cognatos, devem-se considerar itens não icônicos com relações semânticas próximas, resultado de uma herança, descartando-se, por conseguinte, itens produtos de analogia, onatopeia e empréstimo.

O método histórico-comparativo, fundamentado na Linguística Histórica (THOMASON & KAUFMAN, 1988; KAUFMAN, 1990, HOCK, 1991, CROWLEY, 1997[1992], CAMPBELL, 2004[1998]), postula que a escolha dos itens que constituirão o *corpus* para a reconstrução linguística deve seguir os critérios de *integridade* e *minimalidade*. Segundo esses dois critérios, formas que têm a mesma expressão e o mesmo conteúdo semântico em todas as suas ocorrências constituem manifestação de um mesmo morfema. Além disso, formas de mesmo teor semântico, mas manifestações fonéticas distintas constituirão um único morfema, só se a diferença for condicionada pelo contexto. Por fim, formas que têm a mesma expressão, mas conteúdo semântico diferente em algumas de suas ocorrências, serão consideradas manifestações morfológicas distintas (CAMPBELL, 2004[1998]).

Com o intuito de reconstruir protoformas, são estabelecidos conjuntos de correspondências para identificar as formas cognatas. Dessa maneira, deve-se buscar também realizar procedimentos que eliminem formas não cognatas da análise. Assim, como critérios de exclusão, devem ser descartados de uma análise (FOX, 1995: 62-63):



- *itens com mudança de significado*, uma vez que a equivalência semântica entre os itens comparados pode ser ameaçada com a alteração de uma acepção;
- *itens nativizados via empréstimo*, haja vista que as similaridades semântica e fonológica do item se devem a outras razões que não a herança linguística comum;
- *itens análogos*, pois a analogia pode fazer com que uma forma regular seja substituída por uma que é remodelada em outras formas, interferindo, conseqüentemente, na regularidade da mudança de som;
- *itens resultantes de processos de invenção lexical universal*, como a onomatopeia, pois indica que a similaridade da forma não se deve às possíveis relações genéticas.

Como método, deve-se buscar formar um *corpus* com itens com equivalência semântica e fonética para o processo de comparação e reconstrução linguística. Desse modo, na próxima seção, as técnicas de análise para a seleção dos cognatos serão apresentadas.

### 1.2.3 Técnicas de análise

Para se realizar uma reconstrução linguística com base em dados sincrônicos das línguas descendentes, o primeiro passo a ser tomado é discriminar os itens que não parecem ser cognatos daqueles que o parecem. Para tanto, é necessário considerar quão similares dois itens, por exemplo, seriam em som e significado. Se os itens são similares o suficiente para que se possa assumir que seriam derivados de um único ancestral com um único significado, então se pode dizer que tais formas são cognatas (CROWLEY, 1997[1992]: 89). Para observar o processo de discriminação de cognatos, há, no Quadro 1, um exemplo referente ao santome, ao lung'ie, ao angolar e ao fa d'ambô.

PGG	Santome	Fa d'ambô	Lung'ie	Angolar	Glosa
*ɔpɛ <sub>54</sub>	[ɔ'pɛ]	[ɔ'pɛ]	[ɔ'pɛ]	[ɔ'pɛ]	'pé ou perna'

Quadro 1: Exemplo de cognatos.

No Quadro 1, é possível observar uma correspondência recorrente entre os fonemas: o primeiro fonema da cadeia fônica de todos os itens foi o /ɔ/, aqui reconstruído como \*ɔ, assim como o segundo fonema foi recorrentemente o /p/, reconstruído como \*p e, por fim, o terceiro fonema foi similarmente o /ɛ/, reconstruído como \*ɛ. Desse modo, diante das semelhanças recorrentes, assumimos, por conseguinte, que os itens referentes a 'pé', nas línguas-filhas, são cognatos.

Por outro lado, se os itens não são cognatos, isso significa que são derivados de protoformas diferentes e não são, portanto, reflexos da mesma palavra em PGG. Exemplos disso é o item do angolar (**dhumbu** ['ðũbu]), que não faz parte do conjunto de cognatos referentes a 'bigode' (ver Quadro 2).

PGG	Santome	Fa d'ambô	Lung'ie	Angolar	Glosa
*bigɔdi <sub>39</sub>	[bi'gɔdʒi]	[bi'gɔdʒi]	[bi'gɔdi]	[ðũbu]	'bigode'

Quadro 2: Exemplo de não cognato.

Após a conclusão da seleção de cognatos, o passo seguinte é compor o conjunto de correspondências de sons. Em outras palavras, buscar conjuntos de sons que pareçam descender do mesmo conjunto original (CROWLEY, 1997[1992]: 90). Tal procedimento é importante, pois, considerando que as correspondências fonéticas e semânticas não são inteiramente adequadas para garantir uma equivalência genética, uma forma de validar os elementos do conjunto deve ser o princípio da correspondência recorrente entre os fonemas das línguas comparadas (FOX, 1995: 69). No Quadro 3, tem-se, por exemplo, a palavra 'céu' nas línguas-filhas com suas respectivas correspondências ou identidade (Cf. CAMPBELL, 2004[1998]).

<i>Santome</i>	ɔ	s	ɛ
<i>Fa d'ambô</i>	ɔ	s	ɛ
<i>Lung'ie</i>	ɔ	s	ɛ
<i>Angolar</i>	ɔ	θ	ɛ

Quadro 3: Exemplo de correspondência entre os sons ou identidade.

No Quadro 3, nota-se que há uma correspondência inicial de /ɔ/, sendo seguido por /s/ — salvo em angolar que apresenta o fonema /θ/ em seu lugar —, e por /ɛ/ em final de palavra em todas as quatro línguas. Para realizar a reconstrução, é preciso que se aplique este procedimento de estabelecimento de correspondência sistemática em todo o *corpus*. Por conseguinte, no final dessa fase, obtém-se uma lista de todas as correspondências de sons presentes em todos os dados da análise conforme prevê o método (CROWLEY, 1997[1992]).

Após estabelecer as correspondências de sons com base nos dados, o próximo passo é tentar deduzir que protofonema pode ter produzido determinada variação de sons particulares nas línguas descendentes (CROWLEY, 1997[1992]: 89-93). Para isso, deve-se partir do pressuposto de que cada conjunto distinto de correspondências de sons é proveniente de um protofonema distinto. Na reconstrução dos protofonemas, devem-se seguir princípios gerais, estabelecidos a seguir:

- Primeiro princípio: *Qualquer reconstrução deve envolver mudanças de sons que sejam plausíveis* (CROWLEY, 1997[1992]: 93).

Para propor mudanças que levam às variações nas formas fônicas das línguas-filhas, é primordial que se conheçam os principais processos de mudança linguística, como *lenição*, *adição*, *assimilação*, dentre outros, e se compreendam quais mudanças seriam mais naturais ou mais propensas de terem ocorrido em determinados contextos fonéticos pretéritos. Além disso, é necessário observar o segundo princípio:

- Segundo princípio: *Qualquer reconstrução deve envolver o mínimo de mudanças possíveis entre a protolíngua e as línguas-filhas* (CROWLEY, 1997[1992]: 93).

À vista disso, quando os reflexos do protofonema são idênticos em todas as línguas-filhas, deve-se, por princípio, assumir que tais correspondências são provenientes do mesmo protofonema encontrado nos seus reflexos e que não houve nenhum tipo de mudança. Ao observar o Quadro 4, pode-se propor a seguinte questão: que protofonema poderia razoavelmente ter produzido um /p/ em todas as línguas-filhas? A resposta somente pode ser \*p (CROWLEY, 1997[1992]: 93). No que diz respeito ao Quadro 4, para a correspondência de p=p=p=p, deve-se reconstruir \*p, bem como para b=b=b=b, deve-se reconstruir \*b.

Santome	Fa d'ambô	Lung'ie	Angolar
p	p	p	p
b	b	b	b

Quadro 4: Exemplo de correspondência entre os sons.

No entanto, é possível encontrar conjunto de correspondências em que os espelhos não sejam idênticos, como no Quadro 5.

Santome	Fa d'ambô	Lung'ie	Angolar
s	s	s	θ
z	z	z	ð

Quadro 5: Exemplo de correspondência entre sons não idênticos.

Nos dois casos do Quadro 5, somente uma língua diferiu das demais: o angolar que apresentou reflexos diferentes /θ/ e /ð/. Segundo Crowley (1997[1992]: 94), em casos semelhantes a esses, a melhor solução é reconstruir o \*s e \*z como protofonemas e propor que o \*s mudou para /θ/ e \*z mudou para /ð/ em angolar. Por outro lado, se /θ/ e /ð/ tivessem sido sugeridos como protofonemas, seria necessário supor que tais protofonemas mudaram para /s/ e /z/, em respectivo, em três línguas distintas. Em vista disso, seguindo o segundo princípio, normalmente, deve-se reconstruir o som que tiver a distribuição mais ampla nas línguas-filhas. O segundo princípio é também conhecido como *default case* ou 'regra da maioria'. Sobre a regra, Campbell (2004[1998]:131) afirma: “[...] a menos que haja evidência para o contrário, nós tendemos a escolher, como o nosso som reconstruído, um som particular no conjunto

de correspondências que apareça em um maior número das línguas-filhas.”<sup>5</sup> Dessa maneira, no Quadro 6, por exemplo, foi possível propor parte dos protofonemas, por meio da análise dos fonemas que ocorreram nas quatro línguas.

<i>Santome</i>	k	a	z	a	‘casar’
<i>Fa d’ambô</i>	k	a	z	a	‘casar’
<i>Lung’ie</i>	k	a	z	a	‘casar’
<i>Angolar</i>	k	a	ð	a	‘casar’

Quadro 6: Exemplo de correspondência entre os sons.

De acordo com o primeiro princípio, definido por Crowley (1997[1992]: 93), deve-se preferir a solução que envolva uma mudança de som ‘natural’ sobre uma ‘não natural’. No caso da consoante interdental em angolar, não seria razoável propor que a mesma seja um reflexo de um protofonema \*ð. Além disso, é preciso se ater ao terceiro princípio:

- Terceiro princípio: *Reconstruções devem preencher lacunas em sistemas fonológicos em vez de criar sistemas não equilibrados* (CROWLEY, 1997[1992]: 95).

Nesse princípio, Crowley sinaliza para a tendência das línguas do mundo de ter sistemas fonológicos ‘equilibrados’. Em outras palavras, quando existe um conjunto de sons distintos por um traço particular, esse traço é também propenso a ser usado para distinguir diferentes séries de sons na língua (CROWLEY, 1997[1992]: 95). Desse modo, no Quadro 7, para se certificar de que posição tomar quanto à consoante /ð/, podem-se observar outros exemplos em que haja mais registros dessa consoante no angolar, comparado às demais línguas.

<sup>5</sup>[...] unless there is evidence to the contrary, we tend to pick for our reconstructed proto-sound the particular sound in the correspondence set which shows up in the greatest number of daughter languages.” (CAMPBELL, 2004[1998]:131, *tradução nossa*).

Santome	Fa d'ambô	Lung'ie	Angolar	Glosa
['aza] <sub>31</sub>	['aza]	['aza]	['aða]	'asa'
['zulu] <sub>102</sub>	['zulu]	['zulu]	['ðulu]	'azul'

Quadro 7: Exemplos de conjuntos de correspondências.

Ao comparar os itens do Quadro 7, foi possível constatar que o santome, o lung'ie e o fa d'ambô mantiveram regularmente o /z/. Portanto, não se deve propor a consoante /ð/ como protofonema, pois isso pode resultar em um sistema 'não equilibrado' e pouco propenso de ocorrer, uma vez que somente o angolar apresentou a consoante. Diante disso, estabelece-se \*z como protofonema. No Quadro 8, de acordo com o segundo princípio supracitado, deve-se reconstruir como protofonema na protolíngua as formas que têm a distribuição mais ampla nas línguas-filhas, que, no caso, são respectivamente: \*z e \*s.

<i>Santome</i>	<i>Fa d'ambô</i>	<i>Lung'ie</i>	<i>Angolar</i>
z	z	z	ð
z	z	z	z
s	s	s	θ
s	s	s	s

Quadro 8: Exemplos de correspondência entre sons não idênticos.

Ao observar os fonemas e os fones do angolar, contudo, poder-se-iam sugerir protofonemas distintos para explicar a existência das interdentais (/θ, ð/). Todavia, tal procedimento violaria o quarto princípio que é estabelecido da seguinte maneira por Crowley (1997[1992]):

- Quarto princípio: *Um fonema não deve ser reconstruído em uma protolíngua a menos que seja demonstrado ser absolutamente necessário a partir de evidências das línguas-filhas* (CROWLEY, 1997[1992]: 98).

De acordo com Maurer (1995:30), no angolar, haveria uma distribuição complementar entre [s], [z], [θ] e [ð]. De um lado, há as fricativas surdas [s] e [θ], e, de outro, as sonoras [z] e [ð], de tal sorte que as alveolares, [s] e [z], seriam realizadas diante de [i], ao passo que as interdentais, [θ] e [ð], diante das demais vogais. Por

essa razão, em vez de propor fonemas como [θ] e [ð], são reconstruídos os protofonemas \*s e \*z, pressupondo uma mudança regular governada por um processo fonológico no angular em contextos em que tais fonemas estivessem diante de [i], realizando-se como [s] e [z], respectivamente.

Ademais, no processo de reconstrução linguística, é preciso considerar não só a *regra da maioria*, isto é, observar os fonemas que foram mais recorrentes na comparação, como também é necessário analisar os processos fonológicos de mudança. A partir da análise comparativa dos itens, é possível definir o contexto em que a mudança fonológica ocorre e, através da generalização, é possível recriar o item na protolíngua. No Quadro 9, a partir dos exemplos de línguas relacionadas, propomos protoformas depreendidas com base em sucessivas comparações. De onde se estabeleceu uma generalização e, por conseguinte, a protoforma foi reconstruída (ver Quadro 9):

PGG	Santome	Fa d'ambô	Lung'ie	Angolar	Glosa
*purga <sub>217</sub>	[plu'ga]	[pu:'ga]	[pu:'ga]	[pu:'ga]	'purgar'
*barga <sub>131</sub>	[bla'ga]	[ba:'ga]	[ba:'ga]	[ba:'ga]	'desfazer'

Quadro 9: Reconstrução Linguística — Generalização: consoante líquida \*r em posição de coda diante de consoante heterossilábica não coronal.

No Quadro 9, são apresentados dois itens lexicais de étimo português. Em ambos, há duas consoantes na coda. Contudo, no PGG, essas consoantes tiveram reflexos diversos. Com base no conjunto de correspondências, pode-se conjecturar que a protoforma apresentava uma consoante líquida em coda medial antes de uma consoante não coronal (\*purga<sub>217</sub> e \*barga<sub>131</sub>) (ARAÚJO, BHATT & HAGEMELJER, 2012). A partir dos reflexos encontrados nas línguas-filhas, podemos constatar que o /r/ final foi apagado e o acento oxítono, mantido. O reflexo do \*r, em santome, passou por um processo de lambdacismo (r > l), seguido pela metátese [plu], resultando em **pluga** (\*pur > \*pul > [plu]), o mesmo ocorrendo com \*bar que se tornou \*bal > [bla] em **blaga** —, todavia, o fa d'ambô, o lung'ie e o angolar passaram pelo apagamento da consoante líquida em coda medial, seguido pelo alongamento vocálico em **puuga** (\*pur > \*puø > [pu:]) e **baaga** (\*bar > \*baø > [ba:]).

Concluída a fase de reconstrução dos protofonemas, inicia-se a segunda etapa: a reconstrução das protoformas. No Quadro 10, nota-se que a palavra referente à ‘doença de pele’ possui quatro correspondências de sons, indicando que a protoforma possivelmente apresentava os quatro protofonemas. Os protofonemas foram demonstrados nas correspondências l=l=l=l, levando ao protofonema \*l. A análise do segundo conjunto de correspondência a=a=a=a indica o protofonema \*a. O terceiro conjunto de correspondência l=l=l=l indica o protofonema \*l. Por fim, a correspondência de u=u=u=u é proveniente do protofonema \*u. Em vista disso, a protoforma do PGG pode ser reconstruída como \*lalu<sub>119</sub>.

<i>Santome</i>		l	a	l	u	‘doença de pele’
<i>Fa d’ambô</i>		l	a	l	u	‘doença de pele’
<i>Lung’ie</i>	(u)	l	a	l	u	‘doença de pele’
<i>Angolar</i>		l	a	l	u	‘doença de pele’

Quadro 10: Exemplo de reconstrução das protoformas - *primeira fase*.

Quanto ao lung’ie, deve ser feita uma observação a respeito da vogal inicial de palavra, /u/. Nas primeiras fases de sua formação, um artigo foi adicionado aos nomes (LADHAMS, 2007; HAGEMEIJER, 2011: 121). Nesse sentido, o que era uma palavra morfológicamente complexa (ex.: *o galo, a boca, o mato*) passa então a ser considerada por falantes como morfológicamente simples, pois a vogal do determinante **a/o/i** era interpretada como parte da palavra<sup>6</sup> (ex.: **ugalu, ubuka** e **umatu**, respectivamente). Nas línguas do grupo edóide<sup>7</sup>, os nomes invariavelmente apresentam um prefixo que consiste de uma única vogal — frequentemente [u] —, anexada à raiz (ELUGBE, 1989: 199-200). Por conseguinte, a aglutinação de artigos, observada em maior número em lungi’e — embora também ocorra nas demais línguas-filhas do PGG —, seria um caso de influência do substrato, cuja origem pode

<sup>6</sup> Contudo, o contrário também ocorria. Vogais iniciais de palavras de étimo português eram apagadas e os reflexos mantiveram essa característica, como pode ser observado na protoforma \*nanazi<sub>21</sub> ‘abacaxi’ > [na’naʒi] (ST), [’na:ɖʒi] (FA), [na’naʒi] (LI), [na’naʒi] (AN).

<sup>7</sup> O grupo edóide, atualmente, é formado pelas línguas bini, degema, emai, engenni, etsako, ghothuo, isoko e urhobo (cf. DRYER & HASPELMATH, 2013). Neste trabalho, referimos ao grupo de línguas edóides como grupo edóide ou como edo.



ser atribuída ao *input* edo nos primeiros anos de colonização da ilha de São Tomé (cf. LADHAMS, 2007: 8). De acordo com Crowley (1997[1992]: 90), é possível que morfemas possam ser *reanalisados* como parte da raiz. No entanto, no que tange à aplicação do método histórico-comparativo, em itens que foram submetidos a uma *reanálise*, devem-se considerar somente os constituintes das palavras que são de fato cognatos, excluindo-se da reconstrução o elemento adicionado. Hagemeyer (2009: 45) associa a adição da vogal no início da palavra ao substrato edóide do PGG e, por isso, o acréscimo pode ser observado, em menor número, também em santome, fa d'ambô e angolar, a exemplo de **ope**<sub>54</sub> [ɔ'pɛ] 'pé' (ST/FA/AN/LI). A presença da reinterpretação morfológica nas línguas-filhas, ainda que em graus diferentes, evidencia que a influência das línguas edóides, pelo menos, nesse aspecto, pode ser anterior à especiação. Não obstante, o fenômeno no lung'ie, sendo muito mais comum do que nas demais línguas, sugere um influxo duradouro de traços edóides ou do Delta do Níger, posteriores à especiação do lung'ie.

No Quadro 11, tem-se a protoforma *\*kurtu*<sub>369</sub> do étimo português 'curto', no qual a consoante [r] ocorre na coda da sílaba tônica, diante de uma consoante coronal. Em santome, lung'ie e angolar, houve o apagamento da consoante \*r em coda medial. Contudo, em fa d'ambô, o apagamento desse rótico na referida posição levou ao alongamento compensatório, gerando a vogal longa **uu** [u:]. No lung'ie e no angolar, o alongamento compensatório também ocorre, porém em contextos nos quais a consoante, seguinte à líquida, não é coronal (ver **Capítulo 4**, subseção 4.6.1).

<i>Santome</i>	k	u	—	t	u	'curto'
<i>Fa d'ambô</i>	k	u	u	t	u	'curto'
<i>Lung'ie</i>	k	u	—	t	u	'curto'
<i>Angolar</i>	k	u	—	t	u	'curto'

Quadro 11: Exemplo de reconstrução das protoformas.

Na sequência, depois de estabelecer as correspondências de sons, é necessário que seja seguido o quinto princípio para a aplicação do método comparativo como orienta Crowley (1997[1992]: 103):

- Quinto princípio: *Deve-se buscar por correspondências de sons que envolvam sons foneticamente similares.* Para cada um dos pares de correspondência de sons foneticamente ‘duvidosos’, deve-se tentar observar se eles estão ou não em distribuição complementar ou contrastiva (CROWLEY, 1997[1992]: 103-104).

Considerando os procedimentos supracitados, é possível reconstruir os protofonemas, inicialmente, e, posteriormente, pode-se reconstruir o conjunto de protoformas. Para que seja realizada a reconstrução linguística de forma eficiente, é necessário, de igual maneira, conhecer as leis fonéticas, posto que as mesmas funcionam de acordo com a regularidade do sistema da língua. À vista disso, na próxima subseção, discutiremos padrões de regularidade que subjazem às leis fonéticas.

#### 1.2.4 Leis fonéticas e analogia

A correspondência regular entre o sistema de obstruintes do alemão com as outras línguas indo-europeias motivou linguistas do século XIX a se dedicarem aos estudos comparativos. Os resultados de tais investigações levaram à formulação das leis fonéticas, que funcionam por meio da hipótese da regularidade. Tal hipótese defende que as mudanças de sons seriam regulares e operariam sem exceções (CROWLEY, 1997[1992]: 229, MARTINS, 2005: 6). O termo ‘lei’ foi usado a fim de mostrar que as regularidades das mudanças de sons não poderiam ser ‘desrespeitadas’ (CROWLEY, 1992: 229). Sendo assim, as leis fonéticas seriam leis automáticas e operariam independentemente das implicações para a estrutura gramatical.

Sobre o princípio da regularidade, Fox (1995: 65, *tradução nossa*) afirma: “[...] mudanças não são isoladas e erráticas, mas regulares, no sentido de que o mesmo fonema se desenvolverá identicamente sob as mesmas condições em uma dada língua.”<sup>8</sup> Seguindo esse princípio, uma mudança fonológica poderá ser identificável não

---

<sup>8</sup> [...] changes are not isolated and erratic but regular, in the sense that the same phoneme

apenas porque é razoável foneticamente ou porque as formas são equivalentes semanticamente, mas porque a mudança é regular, resultando não em correspondências individuais, mas em conjuntos de correspondências.

Conforme afirma Martins (2005: 6-7), na Linguística Histórica contemporânea, a hipótese de regularidade de mudanças de sons relaciona-se a uma operação regular, que pode estar condicionada ou não pelo contexto em que ocorre. Hock (1991) advoga que é possível encontrar mudanças irregulares, como, por exemplo, as mudanças decorrentes de analogia, empréstimos, fala rápida, onomatopeias e tabus. No entanto, a hipótese de regularidade da mudança de som, na Linguística Histórica, abrange somente aquelas mudanças condicionadas inteiramente por fatores fonéticos (MARTINS, 2005: 6). Nesse sentido, as mudanças de sons, mesmo em diferentes línguas, tenderiam a ocorrer de formas semelhantes, submetidas aos processos fonéticos universalmente naturais (CROWLEY, 1997[1992]: 229; MARTINS, 2005).

Por meio da análise das correspondências, é possível obter os seguintes resultados: a) verificação da motivação que gerou as mudanças linguísticas; b) o mapeamento de como tais transformações se sistematizaram; c) a reconstrução dos estágios anteriores dessas línguas; d) a compreensão das implicações dessas mudanças à sincronia (Cf. CAMPBELL, 2004[1998]: 312-317). Para tanto, os seguintes critérios devem ser considerados na observação dos conjuntos de correspondências: a *direcionalidade*, a *proporcionalidade* e a *probabilidade*. O primeiro critério se refere às propriedades implicacionais de mudança fonológica; a proporcionalidade se refere às porcentagens relativas dos sons encontrados nas línguas-filhas para cada alinhamento; o último critério, a probabilidade, fundamenta-se na concepção de que a melhor explicação é aquela que contempla o menor número de mudanças (CAMPBELL, 2004[1998]).

Embora as mudanças de sons sejam regulares, as mesmas podem ser fonte

---

will develop identically under the same conditions in a particular language.” (FOX, 1995: 65).

de irregularidades, uma vez que as leis fonéticas operam em um dado som, independentemente da posição em que ocupe no paradigma e isso pode desencadear o surgimento de irregularidades paradigmáticas no mesmo ambiente fonético (MARTINS, 2005: 6). No fenômeno das mudanças linguísticas, nota-se, na gramática das línguas, uma tendência universal em apresentar paradigmas irregulares em vez de regulares (MARTINS, 2005: 6-8). O processo de regularização gramatical é chamado de *analogia*. A analogia se refere às relações entre as estruturas fônicas e gramaticais, reajustando o som às formas, dependendo apenas das estruturas gramaticais, tendo uma aplicação, muitas vezes, imprevisível. De acordo com Crowley (1997[1992]: 234-235), a analogia acontece quando encontramos similaridades entre itens que não são ordinariamente considerados como sendo similares. Diante disso, falantes, às vezes, podem modificar o formato de uma palavra para torná-la mais semelhante a uma outra com a qual ela pode ser relacionada por significado, pelo formato, etimologia popular ou por hipercorreção. Um exemplo de analogia pode ser visto na história das palavras para ‘quatro’ e ‘cinco’ em latim (CROWLEY, 1997[1992]: 236):

- *\*kwetwo:res* → *kwattwor* ‘quatro’
- *\*penkwe* → *kwinkwe* ‘cinco’

De acordo com Crowley (1997[1992]: 236), se *\*penkwe* tivesse mudado conforme as leis regulares em latim, o resultado final seria *pinkwe*, em vez de *kwinkwe*. A razão para a mudança irregular de *\*p* para *\*kw* em uma única palavra reside na similaridade em significado das duas palavras, pois ambas se referem a números sequenciais. Tal similaridade é então estendida ao formato das palavras. Falantes do latim, em algum estágio da língua, modificaram uma dessas duas formas para que uma forma se tornasse mais semelhante à outra. Assim, por analogia de *\*kw* inicial de palavra para ‘quatro’, *p\** mudou irregularmente para *\*kw* na palavra para ‘cinco’.

Além dos pressupostos da Linguística Histórica, na análise, foram levados em consideração os fundamentos teóricos propostos pelos modelos fonológicos lineares e não lineares, os quais serão apresentados na próxima seção.

### 1.3 TEORIAS FONOLÓGICAS

Na presente seção, serão discutidos os principais pressupostos que subjazem as teorias fonológicas linear — o Modelo Fonológico de Chomsky & Halle (1968) — e não lineares, tais como a Fonologia Autossegmental, a Fonologia Lexical, a Teoria da Sílabas e a Fonologia Métrica.

O conceito de traço distintivo tem sido considerado como a unidade básica de representação e análise da fonologia com o início e o desenvolvimento das teorias fonológicas. Desse modo, traços distintivos, identificados a partir de propriedades específicas — acústicas e articulatórias — podem ser caracterizados como unidades mínimas não segmentáveis que se organizam de diferentes formas a fim de compor os sons das línguas humanas (CLEMENTS & HUME, 1995: 245). Com o avanço dos estudos da fonologia gerativa, é possível hoje categorizar os modelos de análise fonológica por meio de regras em dois grandes conjuntos, a saber: os *modelos lineares* ou *segmentais* e os *modelos não lineares*. O primeiro grupo referido é assim chamado por considerar a fala como uma combinação linear de segmentos ou conjunto de traços distintivos, organizados por uma lógica relacional de um-para-um entre segmentos e matrizes de traços, cujos limites são morfológicos e sintáticos. Os modelos não lineares, por seu turno, tomam a fonologia como uma organização na qual os traços, distribuídos em camadas (ou *tiers*) sob uma hierarquia, podem expandir-se para baixo ou para cima de um segmento ou ligar-se a mais de uma unidade, assim como subsistir isoladamente ou em conjunto com outro segmento (HERNANDORENA, 2001: 13; GUSSENHOVEN & JACOBS, 2011: 92-110).

Em vista disso, tais modelos, linear e não linear, serão discutidos separadamente nas subseções que se seguem, e o primeiro a ser analisado será o Modelo de Chomsky & Halle.

### 1.3.1 Modelo de Chomsky & Halle (1968)

Para discutir as linhas gerais da teoria fonológica gerativa, proposta por Chomsky & Halle em *The Sound Pattern of English* (SPE) (1968), é preciso, contudo, retomar o estudo anterior ao mesmo — *Preliminaries to Speech Analysis* (PSA) — que lançou norteios para os estudos fonológicos subsequentes. Em 1952, Jakobson, Fant & Halle apresentam o primeiro modelo formal de traços distintivos em PSA. Ao elaborar um sistema universal de representação fonêmica com um número restrito de cerca de quinze traços, os autores buscaram reduzir todas as oposições a um sistema binário, cujos traços se referiam a propriedades acústicas com definições baseadas somente em oposição funcional em detrimento de propriedades fonéticas não distintivas. Desse estudo, surge o conceito de *traços distintivos* atribuídos a unidades mínimas dos segmentos (HERNANDORENA, 2001: 13).

Mesmo com o avanço teórico promovido pelo PSA, aspectos quanto ao funcionamento dos sistemas linguísticos permaneciam não elucidativos. Por essa razão, Chomsky & Halle (1968) apresentam um sistema revisado de traços distintivos cujas funções fonéticas e fonológicas são discriminadas. Os autores estabelecem que o componente fonológico apresenta, como *input*, o fluxo de fala estruturalmente analisado e, como *output*, uma representação fonética dessa cadeia de fala. Portanto, a representação fonética caracteriza-se como uma sequência de segmentos fonéticos, formada por conjuntos de propriedades mínimas, tais como a *nasalidade*, a *sonoridade* e a *coronalidade*. A representação fonológica, por sua vez, fundamenta-se na representação mental dos itens lexicais, na qual os conjuntos de especificações de

traços fonológicos podem apresentar uma correspondência unívoca ou não com o conjunto de traços fonéticos (CHOMSKY & HALLE, 1968: 164).

De acordo com a representação proposta pelo SPE, segmentos são listas de especificações de traços e morfemas são representados como cadeias de matrizes de traços. Os inícios e os finais dos morfemas são indicados por símbolos de fronteiras — como sinal de mais (+) para marcar as fronteiras internas dos morfemas na formação de palavras e sustenido (#) para indicar as fronteiras de palavra, onde a palavra começa e termina — e, como se pode notar, as únicas fronteiras reconhecidas pelo SPE são fronteiras morfossintáticas (CAGLIARI 2002: 29; GUSSENHOVEN & JACOBS, 2011: 93).

Chomsky & Halle (1968: 297) enfatizam que os traços, no nível fonético, são escalas físicas — relacionadas a aspectos do evento de fala — e podem ser consideradas de maneira autônoma quer sob a perspectiva da produção, quer do ponto de vista da percepção. Por outro lado, no nível fonológico, os traços se definem como marcadores classificatórios abstratos que distinguem os itens lexicais da língua, sendo nesse nível em que os traços identificam os contrastes fonológicos da língua. De acordo com o modelo de Chomsky & Halle, por apresentar uma função classificatória distintiva, os traços são binários, isto é, cada traço se define por dois pontos na escala física: um ponto se refere à presença e o outro, a ausência da propriedade (HERNANDORENA, 2001: 20).

Para o SPE, todo falante apresenta uma informação fonológica que concilia duas formas diferentes das unidades lexicais de sua língua: uma *representação fonológica* (ou *subjacente*) — mais abstrata, subjacente ao nível fonético —, cujas informações são não previsíveis ou distintivas, estabelecendo a relação dos sons com o significado; e uma *representação fonética* que sinaliza como a palavra é realizada, isolando as propriedades articulatórias e acústicas dos sons para a realização e a decodificação do sinal da fala. Esses dois níveis de representação, fonológico e fonético, estão sistematicamente relacionados por meio de regras que apagam, adicionam ou mudam sons em determinadas circunstâncias conforme prevê o modelo de Chomsky

& Halle. Tais regras atuam de acordo com a informação da representação fonológica dos itens lexicais. Por conseguinte, as regras fonológicas podem derivar, para cada palavra possível construída pela sintaxe, a partir da representação subjacente, uma representação fonética (HERNANDORENA, 2001: 17). Dessa maneira, para o SPE, a morfologia e a sintaxe precedem a fonologia, pois, somente quando as palavras são adicionadas à sentença, as regras fonológicas são aplicadas a fim de fazer os ajustes necessários (GUSSENHOVEN & JACOBS, 2011: 93).

Ao considerar, hipoteticamente, que há apenas uma regra fonológica em uma língua, pode-se então dizer que seu *input* consistiria de uma representação lexical das formas que atendem à sua representação subjacente, ao passo que seu *output* corresponderia à representação de superfície. Contudo, diante da realidade em que as línguas possuem mais do que apenas uma regra fonológica, surge o questionamento de como as regras são aplicadas: sequencialmente ou simultaneamente (GUSSENHOVEN & JACOBS, 2011:38). Chomsky (1967) delibera — sobre tal questão — que as regras da fonologia são linearmente ordenadas, sendo aplicadas ciclicamente de acordo com a estrutura de superfície. Assim, aplicam-se as regras, uma após a outra, a partir da representação subjacente e tal forma ordenada de aplicação é chamada de *derivação*. Hernandorena (2001: 38) acrescenta que, por aplicação *cíclica*, compreende-se a reaplicação de regras, ordenadas, tal como acontece na acentuação de itens derivados como “estofa, estofado e estofaria”, cuja regra de acento é aplicada primeiramente na parte mais interna da palavra e, após ciclos sucessivos, nos outros itens derivados, o que garante, teoricamente, a localização adequada do acento primário.

Desde o SPE, fonólogos (KIPARSKY, 1968, 1973; entre outros) têm discutido as controvérsias dessa análise como, por exemplo, o que definiria uma regra fonológica como cíclica? Quais são as condições que permitiriam a reaplicação de um conjunto de regras de tal natureza? Não houve soluções consideradas plenamente satisfatórias até o advento da Teoria da Fonologia Lexical (KIPARSKY, 1982a,



1985), permitindo que fossem, mais claramente, observadas as relações de ciclicidade (KAISSE & SHAW, 1985: 2).

No que diz respeito à ordem, para a teoria de ordenamento de regra linear, a ordem de regras é *constante*, o que significa dizer que, se duas regras se aplicam na ordem A-B em uma forma, tais regras não podem ser aplicadas na ordem B-A posteriormente. O ordenamento é também *transitivo*, ou seja, se existem três regras A, B e C, em que as regras A e B se aplicam na ordem A-B e as regras B e C se aplicam na ordem B-C, logo as regras A e C necessariamente são aplicadas na ordem A-C (GUSSENHOVEN & JACOBS, 2011: 100).

Com o propósito de definir princípios universais regentes da ordem em que as regras se aplicam, estabeleceu-se uma categorização de interações de regras (KIPARSKY, 1968). De acordo com Kiparsky (1968), a relação de ordenamento entre regras pode levar aos efeitos de **alimentação** (*feeding*), **sangramento** (*bleeding*), **contra-alimentação** (*counterfeeding*) e **contra-sangramento** (*counterbleeding*). Se a regra A aumenta o número de formas nas quais a regra B pode ser aplicada, diz-se que A alimenta B; mas se, contrariamente, a regra A reduz o número de formas em que a regra B pode aplicar-se, diz-se que A sangra B. Já os efeitos de contra-alimentação e contra-sangramento ocorrem por meio da inversão da ordem das regras A e B. Assim, se a regra A aumenta o *input* da regra B, a ordem B-A gera um efeito de contra-alimentação; do mesmo modo, se a regra A diminui o *input* da regra B, a ordem B-A leva ao contra-sangramento. Ademais, é possível dizer que regras fonológicas se encontram disjuntivamente ordenadas na circunstância em que a aplicação da primeira regra evita que a aplicação da segunda aconteça, representando uma aplicação mutuamente exclusiva (HERNANDORENA, 2001:40; GUSSENHOVEN & JACOBS, 2011: 115). Tomemos como exemplos os itens de étimo inglês que passaram a pertencer ao vocabulário do português brasileiro (PB) em (5):

- (5) a. *internet* ['in.tə.net] (inglês) > *internet* [ĩ.teh.'netʃi] (português)  
 b. *hot* de *hot dog* ['hɑ:t] (inglês) > ['hɔtʃi] (português)

Em (5), é possível observar que, no PB, houve a paragoge vocálica ([ɪ]) e a palatalização da consoante oclusiva alveolar surda, dentre outros processos fonológicos de adaptação de empréstimo<sup>9</sup>. Se considerarmos que, no PB, a palatalização da oclusiva alveolar surda /t/ é engatilhada pela vogal anterior [i], pode-se concluir que a paragoge é a primeira regra a ser aplicada sendo seguida posteriormente pela regra de palatalização. Portanto, pode-se afirmar, com segurança, que a paragoge alimenta a palatalização no PB e, de maneira complementar, a ordem inversa gera uma relação de contra-alimentação.

Em inglês, os sufixos de plural apresentam três variantes: a variante [ɪz] é utilizada após os segmentos [s, z, ʃ, ʒ, tʃ, dʒ]; após segmentos desvozeados, exceto [s, ʃ, tʃ], [s] se aplica como sufixo; nos demais contextos, [z] é utilizado. Dessa maneira, os plurais de *bus* ‘ônibus’, *pen* ‘caneta’ e *book* ‘livro’ são respectivamente: [ˈbʌsɪz], [ˈpenz] e [ˈbʊks] (GUSSENHOVEN & JACOBS, 2011: 110). Desse modo, há duas regras na adição do sufixo de plural em inglês: uma regra que insere [ɪ] entre a raiz e o sufixo se a raiz termina em [s, z, ʃ, ʒ] (*paragoge-1*) e uma regra que ensurdece [z] depois de segmentos surdos (*desvozeamento ou ensurdecimento*). Considerando que a regra de paragoge impede que a regra de ensurdecimento seja aplicada em formas como *buses* [ˈbʌs-z], por exemplo, uma vez que separa o [z] da consoante final da raiz, pode-se afirmar que a regra de paragoge sangra o ensurdecimento ao reduzir o *input* em que a regra de ensurdecimento pode ser aplicada (GUSSENHOVEN & JACOBS, 2011: 115). Se o ordenamento das regras for invertido, pode-se estabelecer que a ordem ensurdecimento-paragoge é uma relação de contra-sangramento.

No tocante à representação das regras, a fim de assegurar a clareza e comparabilidade entre as línguas, gerativistas propuseram um sistema de símbolos (HERNANDORENA, 2001: 34). Esse sistema será brevemente descrito na próxima subseção.

---

<sup>9</sup> A palatalização da oclusiva /t/ não é categórica no PB, há variantes em que tal processo não ocorre mesmo em contextos condicionantes: quando a consoante oclusiva alveolar surda ou sonora está, no ataque silábico, diante da vogal anterior [i]. Para saber mais sobre o processo de palatalização no PB, consulte o estudo de Cristóvão Silva *et al.* (2012).

### 1.3.1.1 *Descrição estrutural das regras fonológicas*

Regras fonológicas podem ser definidas por meio de expressões formais que descrevem as mudanças nas representações fonológicas das palavras. Desse modo, como resultado da aplicação de uma regra fonológica, um segmento pode ser inserido ou apagado ou um ou mais valores de traços podem ser modificados (GUSSENHOVEN & JACOBS, 2011: 92). As regras fonológicas são aplicadas dentro de domínios, sejam eles sílabas, morfemas, palavras, sintagmas ou sentenças (HERNANDORENA, 2001: 35). Ao determinar as condições sob as quais acontece um processo fonológico, é possível formular uma regra, determinando também os contextos em que ocorre o processo.

A fim de limitar o domínio em que regras fonológicas se aplicam, linguistas utilizam símbolos, tais como: o traço ( $\_$ ) que serve para marcar a exata posição em que ocorre um segmento, cujo contexto é caracterizado pelo que o antecede e procede; o ponto (.) ou cifrão (\$) é usado para indicar a fronteira de sílabas; o sinal de mais (+) indica as fronteiras internas dos morfemas na formação de palavras; o sustenido (#) indica as fronteiras de palavras, devendo sinalizar o seu início e fim; a barra inclinada (/) é usada para fornecer as informações sobre o contexto em que a regra se aplica; o símbolo  $\emptyset$  é utilizado em regras de apagamento e inserção (CAGLIARI, 2002: 29). Na presente análise, foram estabelecidas regras fonológicas que geraram novas estruturas por meio de transformações do PGG para as línguas-filhas. Assim, diante de uma regra relativa a uma mudança estrutural, é necessário ter três informações: que segmento mudou (**X**), no que se transformou (**Y**) e sob que condições X mudou (**Z**). Assim, uma regra tem a seguinte notação apresentada em (6):

$$(6) \quad X \rightarrow Y / Z$$

A regra em (6) deve ser lida como: *X se transforma em Y no contexto Z*. A barra inclinada / separa a mudança estrutural ( $X \rightarrow Y$ ) do contexto ou do ambiente

condicionante à mudança (*Z*). Em outras palavras, o elemento à esquerda da seta (*X*) indica o segmento submetido ao processo ou o *input* da regra. O segmento (*X*) passa a assumir as características listadas à direita da seta (*Y*), representando o resultado ou o *output* do processo fonológico. Já o elemento que se encontra à direita da barra inclinada compõe o ambiente em que a regra se aplica (HERNANDORENA, 2001: 34-35). Portanto, **XYZ** são categorias opcionais, **X** corresponde à descrição estrutural, **Y** à mudança estrutural, **Z** corresponde ao ambiente ou contexto em que ocorre a mudança (SEARA *et al.*, 2011: 108). Se uma regra opera de forma independente, a regra pode ser descrita sem referência ao contexto como em (7):

$$(7) \quad X \rightarrow Y$$

No entanto, a maioria dos processos requer um contexto para ocorrer. Por meio da formalização das regras fonológicas, podem ser indicados apagamento, inserção e modificação de segmentos (CAGLIARI, 2002: 29-53). Tem-se um exemplo da regra de apagamento da coda nasal que ocorre em santome e angolar em (8):

$$(8) \quad *N \rightarrow \emptyset / V\_ \$$$

Em (8), a regra de apagamento pode ser lida como: o protofonema \*N é apagado quando se encontra em posição posterior à vogal (representada sempre por V), em coda em fronteira silábica indicada por \$. À direita da barra inclinada, tem-se o ambiente, composto do determinante, o fator que engatilha a mudança e da marca \_, que sinaliza onde se localiza o segmento sujeito ao processo. Assim em (8), o símbolo \_ indica a posição ocupada por \*N ou por qualquer elemento referente à descrição estrutural (X) para que haja a mudança estrutural (Y), nesse caso específico, o apagamento. Entre as décadas de sessenta e setenta do século XX, as regras escritas nos supracitados formatos eram o padrão na análise fonológica até que as representações da Teoria Autossegmental apresentaram maneiras diferentes de formulação de regras (GOLDSMITH, 1976[1979]), o que pode ser conferido em 1.3.2.

Embora Chomsky & Halle, com o SPE (1968), tenham inaugurado uma formalização conceitualmente simples a fim de representar generalizações linguísticas com base em uma matriz de traços binários desordenados; o desejo por tal simplificação implicou a adoção de pressupostos como a *restrição de bijetividade* e, como resultado, a exclusão de fenômenos prosódicos das representações. De acordo com a restrição da bijetividade (POSER, 1982: 122), cada segmento responde exatamente uma especificação em termos de traços e, de igual maneira, cada especificação de traços responde exatamente a um segmento. Conforme esse princípio, o segmento, ao ser apagado, leva também ao desaparecimento pleno da matriz de traços que o caracteriza (CLEMENTS & HUME, 1995: 246; HERNANDORENA, 2001: 43-44). Desse modo, essa restrição impede apagamentos parciais de um segmento e inserções de um feixe incompleto de especificações de traços nas representações, impossibilitando, igualmente, representações em que um único traço é compartilhado por dois ou mais segmentos ou em que o mesmo segmento está associado a dois traços — a exemplo do que ocorre com propriedades prosódicas como altura e duração (ABAURRE & WETZELS, 1992: 5-6).

Modelos ulteriores passaram a questionar, além da caracterização dos segmentos como colunas de traços distintivos desordenados e a relação da bijetividade, a binaridade dos traços. Ladefoged (1971, 1975) advoga que traços podem ser plurivalentes e Clements (1985) destaca em seu trabalho não só os traços binários, mas traços monovalentes e mesmo o traço [abertura] sob uma hierarquia. Após o advento do quadro formal proposto pelo SPE, foram abertos caminhos para abordagens fonológicas com perspectivas não lineares — que apresentam unidades de trabalho se sobrepujando os limites do fonema e das matrizes de propriedades —, tais como: a Teoria Autossegmental (GOLDSMITH, 1976[1979]); a Fonologia Métrica (LIBERMAN & PRINCE, 1977); Fonologia Lexical (KIPARSKY, 1982a, 1985; MOHANAN, 1982); e a Teoria da Sílabas (HOOPER, 1976; KAHN, 1976).

### 1.3.2 Fonologia Autossegmental

Até a década de setenta do século XX, os segmentos eram tratados como colunas de traços compostas de uma única camada cuja estrutura não apresentava qualquer organização interna. Tal conceito linear da estrutura segmental, em que os segmentos são listas de traços independentes em uma relação bijectiva — sendo que cada valor de traço caracteriza somente um fonema e cada fonema é caracterizado por somente um valor de cada categoria —, inviabiliza a representação de aspectos fonético-fonológicos relacionados a mais de um traço como propriedades prosódicas de altura (*pitch*) e duração (ABAURRE & WETZELS, 1992: 5; GUSSENHOVEN & JACOBS, 2011: 148). Ao se tomarem como exemplos algumas línguas tonais, pode-se corroborar a relação não linear dos traços entre si, pois dois ou mais tons podem se aglomerar em uma única sílaba, formando tons de contorno (tons crescentes e decrescentes), ou mesmo um segmento, ao ser apagado, nem sempre faz com que o tom que recai sobre ele desapareça, podendo esse tom espalhar-se para outra unidade fonológica (CLEMENTS & HUME, 1995: 246; HERNANDORENA, 2001: 45).

Clements & Hume (1995: 247) defendem que, por meio de exemplos como os tons — cuja associação com suas unidades (sílabas ou moras) não é necessariamente baseada em uma relação bijectiva —, pode haver outros tipos de ligação entre os traços que não só a relação de um-para-um como em (1a), (1b), (1c) e (1d) (onde há **H**, lê-se tom alto, **L**: tom baixo e **V**: qualquer unidade que carregue o tom, seja vogal ou sílaba). Em (1a), pode-se observar uma relação bijectiva (um-para-um) entre o tom e a vogal, ao passo que, em (1b), observam-se dois tons sendo ligados à vogal, constituindo-se um tom crescente:

(1a)

$$\begin{array}{c} \text{V} \\ | \\ \text{H} \end{array}$$

(1b)



Em (1c), há duas vogais que dividem um único tom e, em (1d), além de um tom ligado a uma vogal, há também um tom flutuante.

(1c)



(1d)



Partindo do pressuposto de que traços se comportam de forma não linear, Goldsmith (1976[1979]) apresenta a *Fonologia Autossegmental* (FA) como modelo fonológico para a análise de propriedades prosódicas ou suprasegmentais de fala, como tons, acento e entonação. Goldsmith (1976[1979]) propõe que o termo *autossegmento* seja usado para se referir a qualquer traço que tenha sido removido a partir de outro e *fileira* ou *tier* seja utilizado a fim de se referir a cadeias de autossegmentos e matrizes de traço esvaziadas. Assim, os autossegmentos são traços que ocupam um lugar próprio (*tier* ou *fileira*) (GUSSENHOVEN & JACOBS, 2011: 149).

Dois fundamentos teóricos separam a FA do modelo elaborado pelo SPE: (i) a objeção ao *princípio da bijectividade* e (ii) a organização de traços em uma estrutura hierárquica. No tocante ao primeiro fundamento (i), ao rejeitar a relação de um-para-um entre o segmento e o seu conjunto de traços que o caracterizam, a FA passa a licenciar os seguintes pressupostos: primeiramente, os traços podem se estender acima ou abaixo de um segmento e, em segundo, o apagamento de um segmento não

necessariamente leva ao desaparecimento total dos traços que o compõem. Quanto ao segundo fundamento (*ii*), ao estabelecer uma estrutura hierárquica interna ao segmento, a FA possibilita uma nova formalização em termos de representação que deve demonstrar, por meio das regras fonológicas, que os traços podem agir isoladamente ou em conjunto. Consoante o que propõe o modelo de FA, as regras fonológicas passam a agir sobre os traços, e não mais sobre as matrizes conforme previa o SPE (CAGLIARI, 2002: 125).

Sob essa perspectiva, ainda, os traços passam a ter, cada um, seu próprio nível de segmentalização ou camada autossegmental, sendo que o número de autossegmentos não corresponde necessariamente ao número de fonemas presentes em uma dada sequência, no entanto, os autossegmentos devem estar ligados a suas unidades segmentais por meio de linhas de associação (ABAURRE & WETZELS, 1992: 6; HERNANDORENA, 2001: 45). A FA é, portanto, uma teoria fonológica que emprega representações em múltiplas camadas, em vez de cadeias de matrizes (GOLDSMITH, 1976[1979]). Em outras palavras, os traços, ao se estenderem sobre domínios maiores ou menores do que um segmento, passam a se localizar em múltiplas camadas em detrimento de matrizes de traço.

No tocante à estrutura proposta pela FA, os tons podem ser representados num *tier* separado dos segmentos vocálicos e consonantais, onde podem funcionar de maneira parcialmente independente. Assim, elementos num mesmo *tier* são sequencialmente ordenados, ao passo que elementos em diferentes *tiers* se encontram desordenados, mas relacionados entre si por meio de linhas de associação que estabelecem padrões de alinhamento e sobreposição (CLEMENTS & HUME, 1995: 246-247). Como pôde ser observado nos exemplos em (1a), (1b), (1c) e (1d), segundo a FA, os traços estabelecem relações que se sobrepujam as linhas de associações de um-para-um, no entanto, é preciso que seja considerado que tais linhas devem obedecer a princípios no tocante à aplicação de regras. Um dos primeiros princípios a ser estabelecido foi a *restrição de não cruzamento* ou *No-Crossing Constraint* (NCC) desenvolvido por Goldsmith (1976[1979]), descrito em (9):



(9) **Restrição de Não Cruzamento** — *No-Crossing Constraint* (NCC):

*Linhas de associação não podem se cruzar.*

Clements & Hume (1995: 266) advogam que, com base nesse princípio, linhas de associação que ligam dois elementos do tier j a dois elementos do tier k não podem cruzar, como na figura 1.1:

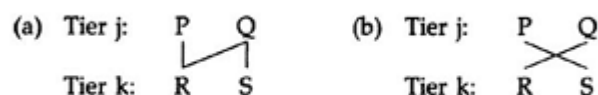


Figura 1.1: Ilustração das linhas de associação que obedecem ao princípio NCC em (a) e aquelas que não obedecem em (b) (Fonte: Clements & Hume (1995: 266)).

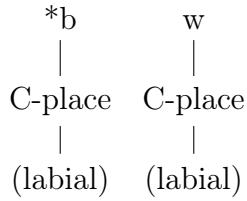
Na figura 1.1, observa-se que o princípio NCC permite a aplicação de uma dada regra em (a), pois não ocorre cruzamento de linhas de associação, ao passo que bloqueia a aplicação da regra em (b) por haver violação de tal princípio. Inicialmente, a fim de solucionar conflitos tonais, Goldsmith (1976[1979]), com referência a Leben (1973), desenvolve o Princípio do Contorno Obrigatório (*Obligatory Contour Principle* — OCP) que, posteriormente, McCarthy (1986) estende para os segmentos, conforme é descrito em (10):

(10) **Princípio do Contorno Obrigatório** — *Obligatory Contour Principle*

(OCP): *Elementos adjacentes idênticos são proibidos.*

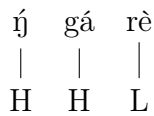
De acordo com o OCP, segmentos adjacentes idênticos em um determinado *tier* não são permitidos. Um exemplo do bloqueio do OCP pode ser visto em coreano, em que não são permitidas sequências de segmentos sucessivos com o traço [labial]. Desse modo, obstruintes labiais não podem ocorrer com glides posteriores em sílabas iniciais e glides posteriores também não podem ocorrer com vogais posteriores (CLEMENTS, 1990, CLEMENTS & HUME, 1995: 270). Assim, sílabas como \*bw são sistematicamente excluídas como em (11):

(11)



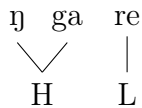
Hernandorena (2001: 65) salienta que processos de dissimilação ocorrem, em muitas línguas, com o intuito de se evitar a violação ao OCP. No entanto não se deve tomar o OCP como uma restrição universalmente obrigatória, uma vez que é possível encontrar línguas que apresentam padrões que frequentemente violam o OCP. Um exemplo do caráter não universal do OCP poderia ser corroborado em etung, em que há palavras com tons HHL e LLH como [ɲ́gá̀rè] ‘pimenta’ (ver (12)).

(12)



A fim de se evitar a violação do OCP, pode-se optar por uma representação na qual os tons podem compartilhar os mesmos traços. Assim, assume-se que tais palavras possuem, em sua estrutura subjacente, apenas um tom H ligado ao item, como em (13) (ODDEN, 1986; GUSSENHOVEN & JACOBS, 2011: 157).

(13)



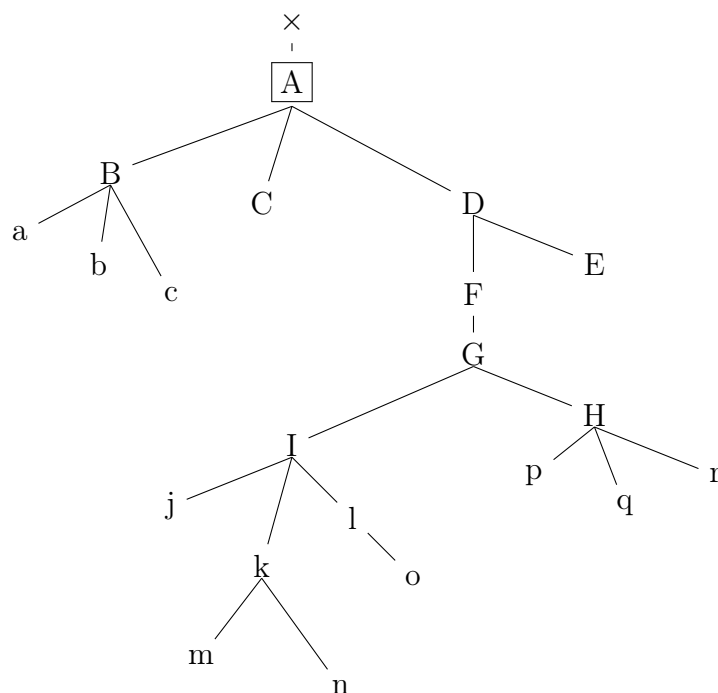
Como um desdobramento da FA, Clements (1985) advoga que o comportamento não linear subjaz não só os sistemas tonais e acentuais, mas também se encontra nas relações entre os segmentos, estabelecendo, por conseguinte, a **Geometria de Traços** (GT) (CLEMMENTS, 1985; SAGEY, 1986; MCCARTHY, 1988).

Na próxima subsecção, serão discutidos os principais pressupostos que servem de base para a referida teoria.

### 1.3.2.1 Geometria de Traços

Os fundamentos precípuos para a criação e desenvolvimento da Geometria de Traços foram desenvolvidos a partir dos estudos de Clements (1985), de Sagey (1986), de McCarthy (1988) e, mais recentemente, de Padgett (2002). A visão que está subjacente à GT é a de que os traços são estruturados em classes que se combinam, sob várias maneiras, para formar unidades de níveis mais altos, a saber: os segmentos vocálicos e consonantais, bem como subsegmentos especificados incompletamente (CLEMENTS, 2006: 434-435).

(14) Representação da GT (adaptado de CLEMENTS & HUME, 1995: 248).



Em (14), a proposta feita pela GT busca representar segmentos distribuídos em estruturas arbóreas cujo nó (traços e grupos de traços) pode pertencer a mais de uma

árvore. Por essa razão, a representação autossegmental passa, com o auxílio da GT, a indicar uma organização dos traços em árvores, nas quais cada constituinte define um *tier*, possibilitando que dois segmentos adjacentes dividam o mesmo traço, o que leva a dissolver conflitos com o OCP (GUSSENHOVEN & JACOBS, 2011: 186). Na árvore de traços, **A** representa o *nó de raiz*, referindo-se ao próprio segmento. Os nós **B**, **C**, **D**, **E**, **F**, **G**, **H** e **I** são *nós de classe*, pois exercem controle sobre grupos de elementos que funcionam como unidades ou classes naturais em regras fonológicas. Já os traços fonológicos são representados pelos nódulos terminais **a**, **b**, **c**, **j**, **k**, **l**, **m**, **n**, **o**, **p**, **q** e **r**. Os nós **E** e **F** são irmãos e dependem igualmente de **D**, sendo ligados por linhas de associação. O nó de raiz **A** é dominado por uma unidade abstrata de tempo (representada por  $\times$ ). Tal unidade temporal, ao dominar o nó de raiz, viabiliza a definição de segmentos independentemente de sua complexidade (CLEMENTS & HUME, 1995: 248; HERNANDORENA, 2001: 48).

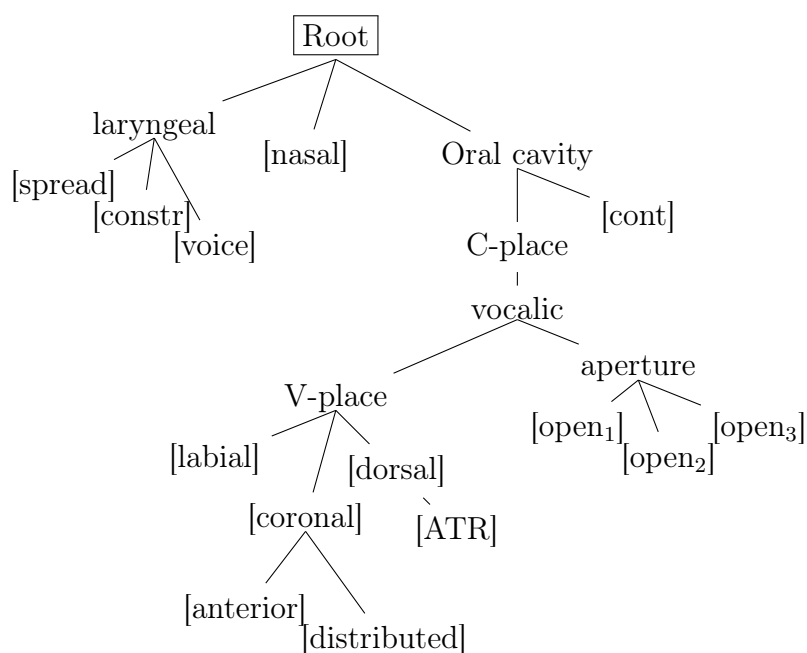
No que diz respeito ao princípio que rege os processos fonológicos na estrutura, Clements (2006: 439) afirma que *regras tomam nós únicos como argumento*. Em outras palavras, regras fonológicas possuem como domínio apenas nós únicos na árvore. Hernandorena (2001: 49) aponta que, a partir de tal princípio, somente um conjunto de traços que possua um nó de classe em comum pode atuar em regras fonológicas. Diante disso, se levarmos em consideração a estrutura em (14), seria considerado natural uma regra que incidisse apenas em **c** ou em todo o nó de **B**, em contrapartida, não seria considerado natural uma regra fonológica que apenas incidisse em **a**, em **j** e em **q**.

Ao entender que as unidades funcionais (*nós de classe*) agem fonologicamente de maneira idêntica aos traços individuais, a GT advoga que, como os traços, os nós de classe podem estar envolvidos em espriamentos, apagamentos ou adições, assim como sua presença pode bloquear a difusão do mesmo nó de classe. Por conseguinte, é possível, a partir da GT, expressar o fato, por exemplo, de uma consoante assimilar apenas um traço de outra consoante (assimilação parcial) ou

o fato de uma consoante assimilar um grupo de traços reunidos em um mesmo nó (assimilação parcial ou total) (ABAURRE & WETZELS, 1992: 7).

Em (15), desmonstra-se a estrutura hierárquica proposta para as consoantes e vogais (CLEMENTS & HUME, 1995: 292). Ao propor a representação da estrutura hierárquica de traços (em (15)), a GT buscou também demonstrar a naturalidade das regras fonológicas. Clements (1985: 227) salienta que a hierarquia dos traços foi elaborada mediante à observação de processos fonológicos que revelaram independência de determinados traços com relação aos outros. Isso significa que a estrutura, demonstrada em (15), é uma hipótese ou modelo teórico, fruto de evidências observadas a partir de processos fonológicos das línguas.

(15) Representação de árvores de traços.

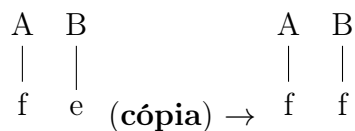


Em suma, em (15), cada nó de classe e a subordinação de traços pressuposta na estrutura foram estabelecidos com base em evidências de que os traços, que estão sob o domínio, funcionam como unidade em regras fonológicas (CLEMENTS, 1985: 227; CLEMENTS & HUME, 1995: 249).

A GT, além de rejeitar a bijetividade como fundamento obrigatório em sua

estrutura, também não considera como compulsória a binaridade dos valores<sup>10</sup> dos traço. Ademais, enquanto a fonologia gerativa padrão tratava a assimilação, regra fonológica mais recorrente entre as línguas, em termos de cópia de traço, conforme a qual um segmento copia especificações de traços de um segmento contíguo (ver (16)); a GT assume que a assimilação deve ser caracterizada como uma regra de associação (ou espraçamento) de traço ou nó **f** de um segmento **A** para o segmento contíguo **B** (CLEMENTS & HUME, 1995: 254) como pode ser observado em (17). Em (17), utiliza-se uma linha pontilhada a fim de indicar a nova associação criada com o espraçamento. O resultado dessa operação pode ser uma sequência de segmentos com a mesma especificação para os traços referentes ao nó ou traço compartilhado (**f**) (ABAURRE & WETZELS, 1992: 8). Por meio dessas linhas de associação, na GT, assim como a regra de assimilação evidencia, os traços ou nós de um segmento podem se ligar a traços ou nós de outros, bem como podem ser apagados parcial ou totalmente (CAGLIARI, 2002: 127).

(16)



(17)



Como foi discutido brevemente nessa subseção, a GT tem como objetivo principal tratar do comportamento fonológico dos segmentos, outros aspectos como processos de formação de palavra, sílaba e acento, por exemplo, serão tratados por outras teorias como a Fonologia Lexical, Teoria da Sílaba e Fonologia Métrica. As três teorias serão apresentadas no presente capítulo na seguinte ordem: na próxima

<sup>10</sup> Para maiores explicações sobre as razões para a definição dos traços, consulte Clements (1985) e Clements & Hume (1995).

subseção, discutir-se-ão os fundamentos da Fonologia Lexical, em seguida, serão apresentados os princípios da Teoria da Sílabas, por fim, será demonstrado o arcabouço teórico da Fonologia Métrica.

### 1.3.3 Fonologia Lexical

A Teoria da Fonologia Lexical (TFL), cujo objeto de estudo é a interação entre a morfologia e a fonologia, nasce a partir do SPE, contudo, representando um refinamento da estrutura dos componentes fonológicos e morfológicos da gramática (RUBACH, 2008: 456). Na TFL, desenvolvida por Paul Kiparsky (KIPARSKY, 1982a) e Mohanan (1982), postula-se que o léxico de uma língua se organiza em uma série de níveis ou estratos, que são domínios para regras morfológicas e fonológicas. Assim, em cada estrato, as regras de formação de palavras e regras fonológicas são aplicadas par a par (HERNANDORENA: 2001: 68). A partir dos estudos de Kiparsky (1973), Mascaró (1976), Halle (1978), Rubach (1981) e Mohanan (1982), no artigo *From Cyclic to Lexical Phonology*, Kiparsky (1982a) alega que as regras fonológicas se classificam em dois tipos: **regras lexicais** e **pós-lexicais**. As **regras lexicais** interagem com as regras de formação de palavras e estão localizadas no léxico, uma vez que, conforme prevê a Hipótese Lexicalista (CHOMSKY, 1970) — cuja proposta defende que estruturas nominais são geradas por regras de base e que a relação entre formas como verbos se estabelece no próprio léxico —, a formação de palavras acontece no léxico. Consequentemente, as regras lexicais são previsivelmente limitadas ao domínio de palavras, pois são derivadas no léxico. As **regras pós-lexicais**, por seu turno, aplicam-se sobre as combinações de palavras, isto é, sobre a sintaxe.

A TFL pode ser compreendida como a materialização extrema da Hipótese Lexicalista de Chomsky, haja vista que a teoria advoga que toda a formação de

palavra, incluindo flexão, ocorre no léxico, além de admitir que as regras de formação de palavras interagem com o subconjunto de regras fonológicas intitulado regras cíclicas (RUBACH, 2008: 456). Embora a Fonologia Gerativa Clássica tenha apresentado algumas tentativas de codificar as relações entre morfologia e fonologia em fronteiras, tais tentativas se tornaram alvos de críticas por sua ineficiência na explicação da interação dessas relações. Desse modo, na TFL, eliminam-se as fronteiras fonológicas em proveito de colchetes provenientes da sintaxe (KAISSE & SHAW, 1985: 2).

Dessa maneira, a TFL se caracteriza como uma teoria de regras e derivações. Trata-se de uma teoria de regras, pois defende-se que há regras lexicais e pós-lexicais. A TFL é também uma teoria de derivações, uma vez que a forma como a derivação se organiza é indispensável para a análise fonológica. Portanto, algumas derivações ocorrem em estágios, chamados ciclos, ao passo que outras derivações, por não ocorrerem em ciclos, são chamadas de derivações não cíclicas, dividindo-se em: derivações no nível da palavra e derivações pós-sintáticas (RUBACH, 2008).

Como a língua se organiza em estratos, o seu ordenamento corresponde, igualmente, ao ordenamento de processos de formação de palavras. Por conseguinte, regras morfológicas e fonológicas podem ser aplicadas no mesmo estrato, contudo, a operação morfológica precede aplicação de uma regra fonológica, isto é, o *output* de cada regra morfológica transforma-se no *input* de regras fonológicas. No tocante ao *status* da ciclicidade, as regras fonológicas lexicais definem-se como cíclicas, pois podem ser reaplicadas em outros estratos, com a premissa de que suas condições estruturais sejam atendidas. Por outro lado, as regras fonológicas pós-lexicais, por serem aplicadas na sintaxe em palavras já formadas, são caracterizadas como regras não cíclicas (HERNANDORENA, 2001: 68).

Booij & Rubach (1987) e Rubach (2008: 17) adicionam aos dois tipos de regras conhecidas, um terceiro tipo: **regras lexicais pós-cíclicas**, que se referem às regras que não interagem com a morfologia, isto é, sua aplicação ocorre apenas uma vez em estruturas plenamente derivadas, mas antes da derivação das sentenças. Assim,



consoante a interação com a morfologia, as **regras lexicais cíclicas** interagem com as regras morfológicas diretamente, sendo reaplicadas após cada processo de formação de palavras; contrastivamente, as **regras pós-lexicais** são aplicadas após a derivação das sentenças pelo componente sintático, sem interação direta com regras morfológicas formadoras de palavra (BOOIJ & RUBACH, 1987, RUBACH, 2008: 17).

A importância da ciclicidade das regras pode ser corroborada se tomarmos como exemplo o processo de nominalização a partir do sufixo deverbal *-al* em inglês. Siegel (1974) foi a primeira a discutir sobre o fato de *-al* ser associado somente aos verbos cuja sílaba final é tônica, tal como em *arríve - arrív+al* e em *propóse - propós+al*<sup>11</sup>. No entanto, como observado por Siegel, a regra é bloqueada categoricamente quando a sílaba final é átona, como se comprova com o item agramatical *\*édit+al* de *édit*. Ao considerar que a derivação ocorre em ciclo, a observação de Siegel (1974) pode ser explicada pela TFL da seguinte maneira: no primeiro ciclo, as raízes *arrive*, *propose* e *edit* recebem o acento da *regra de acento*; posteriormente, ao se aplicar a *regra de nominalização do sufixo al* no segundo ciclo, o acento nos morfemas de raiz está visível para que a *regra de nominalização* possa escolher corretamente a base à qual o sufixo *al* pode se anexar (RUBACH, 2008: 462), como se pode ver em (18).

(18) **Antes da derivação:** *arrive*, *propose* e *edit*

1.ciclo (*regra de acento*) *arríve*, *propóse* e *édit*

2.ciclo (*regra de nominalização-al*) *arríve+al*, *propóse+al* e *édit+Ø*

**Resultado da derivação:** *arríval*, *propósal* e *édit*

Para auxiliar a identificação das regras que são cíclicas e dos contextos que possibilitam ou bloqueiam a reaplicação das regras, a TFL desenvolveu princípios ou convenções que regem o local e de que maneira uma regra é aplicada. O *Princípio da Preservação da Estrutura*, por exemplo, pressupõe que estruturas, sejam elas

<sup>11</sup> O sinal gráfico agudo visa marcar o acento.

segmentos ou combinações, não pertencentes ao sistema não podem ser derivadas. Portanto, tal princípio não permite a aplicação de uma regra caso sejam geradas formas inexistentes no *input*. Hernandorena (2001: 71) salienta que esse princípio atua no léxico, mas é desativado no nível pós-lexical. Estabelecida por Kiparsky (1982a), a Convenção de apagamento de colchetes (*Bracket Erasure Convention*) é descrita em (19):

- (19) **Convenção de apagamento de colchetes:** *Colchetes internos são apagados ao final de um nível* (KIPARSKY, 1982a: 140).

Assim de acordo com essa convenção, as informações — indicadas pelos colchetes que marcam a estrutura morfológica — pertencentes a um estrato tornam-se inacessíveis no estrato seguinte. Por conseguinte, a estrutura interna do primeiro estrato, por exemplo, não se mostra visível em estratos subsequentes, como em (20) (KAISSE & SHAW, 1985: 9; HERNANDORENA, 2001: 70):

- (20) a. nível lexical (estrato 1): [ [ [ban]al]izar]  
 b. nível lexical (estrato 2): [ [banal]izar]  
 c. nível pós-lexical: [banalizar]

Como não acessam às informações referentes ao *input*, como, por exemplo, se o item é verbo ou nome, as regras pós-lexicais não estão sujeitas às exceções lexicais. Em outras palavras, regras pós-lexicais aplicam-se, sem exceção, sempre que suas descrições estruturais estão satisfeitas.

Outra convenção, desenvolvida pela TFL, é a Condição do Ciclo Estrito (*Strict Cycle Condition*). Antes de discutir sua funcionalidade na teoria, é preciso retomar a discussão *serenity e comparative versus nightingale*, célebre exemplo do SPE, cujo objetivo é indicar que regras fonológicas podem ser sensíveis à história de derivação da palavra. Em inglês, existe um processo chamado de *regra de encurtamento trissilábico*, cuja aplicação leva as vogais que ficam a três ou mais sílabas do final da palavra a se tornar mais curtas. Quanto ao exemplo mencionado, o nome *serēnity* é derivado de *serēne* e *compāre* deriva *compāratīve*, em contraposição, no

nome *nīghtingāēle*, tal encurtamento vocálico não ocorre. Com base nesses exemplos, Kiparsky (1973) ventila que há uma relação entre a aplicação de uma regra e o ambiente de sua aplicação ser derivado. Em decorrência disso, propõe-se que regras lexicais se restrinjam a ambientes obtidos por um rigoroso princípio geral de ciclicidade, descrito em (21):

- (21) **Condição do Ciclo Estrito** (*Strict Cycle Condition*)
- a. Regras cíclicas somente se aplicam em representações derivadas;
  - b. A representação  $\phi$  é derivada com respeito a regra R em ciclo j se somente se  $\phi$  atende a análise estrutural de R em decorrência de uma combinação de morfemas introduzidos no ciclo j ou da aplicação de uma regra fonológica no ciclo j (MASCARÓ, 1976; KIPARSKY, 1982a: 154).

Portanto, a Condição do Ciclo Estrito (*Strict Cycle Condition*) postula uma restrição à ciclicidade, fixando limites da aplicação de regras cíclicas a estruturas derivadas, isto é, estruturas que já foram submetidas a uma regra morfológica ou fonológica anteriormente. Desse modo, pode-se dizer que a *regra de encurtamento trissilábico* é lexical e cíclica, uma vez que é aplicada em *serenity* e *comparative*, formas derivadas, mas é bloqueada em *nightingale*, forma em que não foram aplicadas regras morfológicas (KAISSE & SHAW, 1985: 17; HERNANDORENA, 2001: 72).

Outro princípio geral para a TFL, chamado *Elsewhere Condition*, foi elaborado por Kiparsky (1982a) e objetiva solucionar conflitos entre regras disjuntivas em algum domínio de derivação, como é descrito em (22):

- (22) **Elsewhere Condition**

Regras A e B no mesmo contexto se aplicam disjuntivamente na forma  $\phi$  se somente se:

- (i) A descrição estrutural de A (regra especial) inclui adequadamente a descrição estrutural de B (regra geral);

- (ii) O resultado da aplicação de A em  $\phi$  é distinto do resultado de B em  $\phi$ . Nesse caso, A aplica-se primeiramente e, se tem efeito, então B não se aplica (KIPARSKY, 1982a: 136).

O princípio que subjaz o *Elsewhere Condition* é o de que, quando uma regra se aplica em um subconjunto de formas em que outra regra se aplica, a regra geral é proibida de ser aplicada a esse subconjunto. Nessas condições, Gussenhoven & Jacobs (2011: 111-112) utilizam, como exemplo, duas regras morfológicas (1) e (2), numeradas por razões meramente explicativas, em inglês. Na regra (1), afirma-se: “anexe o sufixo [z] às raízes de nome a fim de formar o plural”, e, na regra (2), postula-se: “anexe o sufixo [ən] à raiz de nome *ox* ‘boi’ a fim de formar plural”, como descrito em (23):

- (23) (1) [ [ ]<sub>N</sub> z ]<sub>PLUR</sub>  
 (2) [ [ɔks]<sub>N</sub> ən ]<sub>PLUR</sub>

(Exemplos retirados de Gussenhoven e Jacobs (2011: 112)).

Ao considerar a formação inexistente de \**oxes*, Gussenhoven e Jacobs (2011: 112) advogam que se deve estipular que a regra (2) aplica-se antes de (1), porque (2) aplica-se em um subconjunto especificado em (1). Logo, o *Elsewhere Condition* automaticamente bloqueia (1)<sup>12</sup>.

Tendo apresentado as principais convenções e princípios que regem a TFL, em (24), são resumidas as principais características que diferenciam regras lexicais das pós-lexicais (PULLEYBLANK, 1986; HERNANDORENA, 2001: 73; RUBACH, 2008: 470):

<sup>12</sup> Um exemplo da aplicação desse princípio pode ser visto nos processos de harmonia vocálica e abaixamento verbal em português, haja vista que os dois processos apresentam contextos semelhantes e, por isso, uma aplicação de regra excludente. Harris (1974) defende que a aplicação das regras podem ser regidas pela Convenção *Elsewhere Condition*, sob a qual a harmonia vocálica, por ser mais restrita, tem primazia na aplicação. Portanto, quando a harmonia não ocorre, o abaixamento está habilitado (Cf. HARRIS, 1974).

- (24)
- a. **Regras lexicais** referem-se à estrutura interna das palavras; **regras pós-lexicais** não se referem à estrutura interna das palavras;
  - b. **Regras lexicais** não podem se aplicar entre as palavras; **regras pós-lexicais** podem aplicar-se entre as palavras;
  - c. **Regras lexicais** podem ser cíclicas; **regras pós-cíclicas** não são cíclicas;
  - d. Se as **regras lexicais** forem cíclicas, estão sujeitas a *Condição de Ciclo Estrito*; as **regras pós-lexicais**, por não serem cíclicas, não estão sujeitas à *Condição de Ciclo Estrito*;
  - e. **Regras lexicais** estão sujeitas ao *Princípio da Preservação da Estrutura*; as **regras pós-lexicais** não estão sujeitas ao *Princípio da Preservação da Estrutura*;
  - f. **Regras lexicais** podem apresentar exceções; **regras pós-lexicais** não podem apresentar exceções;
  - g. **Regras lexicais** precedem todas as aplicações das regras pós-lexicais; as **regras pós-lexicais** ocorrem sempre depois de todas as aplicações das regras lexicais.

#### 1.3.4 Teoria da sílaba

A sílaba foi negligenciada no início dos estudos fonológicos pelo SPE e, de acordo com Kenstowicz (1994), a falta de interesse pode estar relacionada ao fato de a sílaba não apresentar correlatos fonéticos visivelmente definidos. No entanto, Kenstowicz (1994: 250) advoga que a sílaba é uma unidade indispensável na organização prosódica. No tocante à sua posição nessa organização, Kahn (1976: 20) define a sílaba como uma unidade prosódica “maior do que o segmento e menor do que a palavra”.

Blevins (1995: 207) argumenta que há quatro evidências de que a sílaba não

só deve ser considerada um constituinte fonológico, mas um constituinte importante para a análise. A primeira evidência reside na comprovação de que há processos e restrições fonológicas que apresentam a sílaba como domínio de aplicação. Desse modo, tais regras e restrições se mostram sensíveis a um domínio que é maior do que o segmento e menor do que a palavra. Como exemplo, Blevins (1995: 207) cita o processo de faringalização no árabe do Cairo que envolve sílabas inteiras. No árabe caiota, a presença de uma consoante faringalizada subjacentemente dá origem a domínios de segmentos faringalizados que são maiores do que o segmento individual e frequentemente menor do que uma palavra inteira. Para Broselow (1979), a única maneira adequada, a fim de caracterizar a alternâncias de faringalização no árabe caiota, é referindo-se ao domínio da sílaba, pois a faringalização espalha-se para todos os segmentos tautossilábicos. Em português, uma sequência como *st*, por exemplo, é proibida se for tautossilábica (\**sta*, \**ats*), mas não se for heterossilábica, tal como em *pas.to*. Simioni (2007: 340) adverte que essa diferença só pode ser expressa se considerarmos a sílaba como domínio de restrições fonotáticas.

Ademais, outras propriedades fonológicas que podem apresentar a sílaba como domínio são o acento e o tom. Assim, no que diz respeito à atribuição acentual e tonal, as línguas podem ser divididas em duas classes gerais: línguas cujo mapeamento de acento e tom são orientados pela distinção entre sílabas pesada e leve, como o latim, e línguas em que o peso é irrelevante, tais como o polonês e o tcheco. No primeiro caso, a mora ou unidade de peso, deve ser considerada a unidade portadora de acento e tom. No segundo caso, a sílaba revela-se como a unidade portadora das propriedades mencionadas (BLEVINS, 1995: 207).

Outra evidência, que sustenta a sílaba como constituinte, é o fato de a margem silábica ser um local em que regras fonológicas se aplicam. Blevins enfatiza que, sem referência à sílaba, muitas regras fonológicas são formuladas para se aplicar em ambientes esquemáticos, pouco elucidativos. Um exemplo disso por ser visto na formalização da regra de vocalização da lateral (*balde* → *ba[w]de*) no português que se aplica toda vez em que a lateral se localiza no fim de uma sílaba. Sem referência

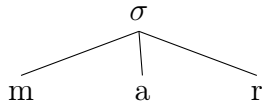
à sílaba como domínio, a regra seria formalizada da seguinte maneira:  $l \rightarrow w / \_ \{ \#, C \}$  (SIMIONI, 2007: 340). Assim, o ambiente esquemático expressa que a lateral será vocalizada quando estiver diante de outra consoante ou quando estiver em final de palavra. No entanto, a formalização dessa regra apresenta uma falha: símbolos de fronteiras e consoantes não correspondem a uma classe natural. Logo, é preferível reconhecer a existência da sílaba como domínio. (BLEVINS, 1995: 208).

A terceira evidência são os jogos de linguagem, como o *fa do vesu*, em *d'ambô*, ou os processos morfológicos de reduplicação, como em *papiamentu*. O *fa do vesu*, por exemplo, é um jogo em que se insere uma sílaba (-pV) — em que [p] é uma consoante bilabial surda e V, uma vogal — após qualquer sílaba, sendo, contudo, opcional se a sílaba final é átona. Em palavras CV, a sílaba adicionada é formada pela consoante [p] mais uma vogal copiada da sílaba à sua esquerda [pV], como em [bo] ‘pronome de segunda pessoa do singular’ que se torna [bo.'po] ou como em [kũ] ‘comer’ que se torna [ku.'pum] no jogo (ARAUJO & AGOSTINHO, 2014: 270-271). O processo de reduplicação, por sua vez, consiste na repetição de uma palavra (parcial ou integralmente) com a finalidade de veicular novos conteúdos lexicais (Cf. KAGER, 1999). Um exemplo desse processo pode ser observado em *papiamentu* em que *mei* ‘meio’, ao ser reduplicado para *mei-mei*, passa a se referir a ‘exatamente no meio’ (BANDEIRA & FREITAS, 2012: 340). Tanto os jogos linguísticos quanto os processos de reduplicação são comprovações da sílaba enquanto constituinte, posto que ambos apresentam a sílaba como estrutura-alvo. Por fim, a quarta evidência, intimamente relacionada à terceira, reside na relação entre a sílaba e a intuição dos falantes nativos. Blevins (1995: 208) ressalta que, em inúmeras línguas, falantes nativos têm intuições claras no que tange ao número de sílabas em uma palavra e onde as separações silábicas ocorrem. Diante disso, a autora reflete: “Se fonologia é, em parte, o estudo das representações mentais da estrutura de som, então, tais intuições corroboram a visão da sílaba como um componente fonológico plausível” (BLEVINS, 1995: 208).

Embora hoje já seja consensual a legitimidade da sílaba como constituinte, o

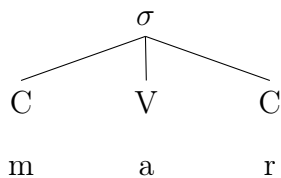
mesmo não se pode afirmar quanto à representação da sua estrutura. A representação mais simples da sílaba é a estrutura plana sem unidades subsilábicas como em (25) (KAHN, 1976).

(25)



Na representação em (25), só é possível identificar o núcleo da sílaba apenas em termos de qualidade de segmento ao considerar que o segmento nuclear (**a**) se distingue dentre aqueles que o antecede (**m**) e o procede (**r**) (ZEC, 2006: 171). Diante disso, numa representação também plana, a Teoria CV propõe uma camada esquelética em que há uma distinção entre elementos silábicos (V) e não silábicos (C) em (26) (CLEMENTS & KEYSER, 1983):

(26)



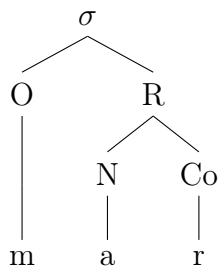
Simioni (2007: 336) alerta que não se deve considerar a camada esquelética proposta em (26) como uma organização interna da sílaba. Trata-se apenas da adição de um nível quantitativo em oposição ao nível qualitativo em (25), haja vista que a representação, em (26), permite, por exemplo, fazer distinções entre vogais longas e curtas, assim como entre consoantes geminadas e simples.

Na representação silábica proposta pela teoria moraica (HAYES, 1989a), em (27), por seu turno, propõe-se uma estrutura hierárquica cuja organização abrange posições subsilábicas, tais como onset (**ON**) ou ataque, núcleo (**N**) e coda (**Co**). O pressuposto de que a sílaba possui estrutura interna se apóia em fenômenos sensíveis ao peso silábico, pois há evidência de que o núcleo teria um vínculo mais robusto



com a coda do que com o onset. Nesse sentido, a teoria moraica postula que a sílaba se organiza em moras ou unidades de peso. Em muitas línguas, sílabas são divididas em *pesadas* e *leves*, em que as *sílabas pesadas* são aquelas que recebem duas moras (bimoraica) ou permitem dois tons (em oposição a um); ao passo que as *sílabas leves* são aquelas que atraem somente uma mora (monomoraica). As moras recaem apenas sobre os constituintes que se encontram na rima, como o núcleo e a coda, já as consoantes do onset não participam da atribuição de moras. Em línguas sensíveis ao peso, geralmente a sílaba pesada, bimoraica, tem primazia na atribuição do acento (BLEVINS, 1995: 210). Ewen & Hulst (2001: 129-31) advogam que a atribuição de moras somente ao núcleo e à coda demonstra uma relação mais próxima entre os segmentos que constituem a rima em detrimento desses elementos com àqueles que compõem o onset, comprovando a existência da rima.

(27)



Não há consenso quanto à representação silábica junto às teorias fonológicas. De acordo com a proposta autosegmental, a sílaba não apresenta estrutura interna — os segmentos encontram-se ligados diretamente ao nó silábico —, ao passo que, de acordo com a abordagem métrica, a sílaba internamente deve ser dividida em unidades menores sob uma hierarquia (SIMIONI, 2007: 335). Desse modo, a representação da sílaba se divide em duas teorias. Na primeira, defendida por Kahn (1976), Clements & Keyser (1983), Nespor & Vogel (1986), entre outros, não há estrutura interna silábica. A segunda teoria, por seu turno, sustentada por Selkirk (1984) e Levin (1985), postula que a sílaba se subdivide em sua estrutura interna.

Na análise dos dados (ver **Capítulo 4**), comparativamente a representação proposta pela segunda teoria — em que há uma estrutura interna da sílaba — atendeu à interpretação de um maior número de processos fonológicos, em detrimento da primeira teoria. Em vista disso, embora, para este estudo, não haja juízo de valor no tocante às duas teorias, optou-se pela representação de sílaba com organização interna para efeitos de análise.

Blevins (1995: 212) destaca, como evidência robusta para a rima, línguas nas quais há restrições sobre o número de segmentos no referido constituinte, tais como em yokuts, afar e hausa. Nas línguas mencionadas, não mais que dois segmentos podem configurar na rima, assim sílabas subjacentes como CVVC, realizam-se como CVC. Sem referência à rima, tal restrição torna-se difícil de ser formulada.

No que diz respeito à forma como a sílaba se organiza, sob pressupostos mínimos, a sílaba pode abranger: o núcleo, cingindo-se, à margem esquerda, pelo onset, e, à margem direita, pela coda. O núcleo apresenta o segmento mais sonoro (o pico), sendo a sonoridade uma propriedade segmental abstrata. Desse modo, os segmentos que geralmente ocorrem no núcleo são indicados por V e aqueles que geralmente ocupam as margens são indicados por C (ZEC, 2006: 163).

Além da subdivisão entre margens e picos, a sílaba pode ser organizada a partir da sonoridade de seus segmentos. Por conseguinte, Selkirk (1984) postula a *Generalização de Sequência de Sonoridade* ou o *Princípio de Sequência de Sonoridade* (SSG) em (28):

- (28) *Generalização de Sequência de Sonoridade* (SSG): “Em qualquer sílaba, o elemento mais sonoro constitui o núcleo e é precedido/seguido por elementos de grau de sonoridade crescente/decrescente” (COLLISCHON, 1999: 102)

Desse modo, a sonoridade é comumente representada através de uma escala que diz respeito a um ordenamento de segmentos que parte dos mais altos em sonoridade, como as vogais, até os mais baixos na sonoridade, como as oclusivas (ZEC, 2006: 177). Assim, temos o seguinte ordenamento em (29):

(29) **V** (vogais) > **L** (líquidas) > **N** (nasais) > **O** (obstruintes)

A escala é descrita em maiores detalhes em (30).

(30) *Escala de Sonoridade* (ZEC, 2006: 178)

**V**

vogais baixas

vogais médias

vogais altas

**L**

róticos

laterais

**N**

nasais

**O**

fricativas vozeadas

oclusivas vozeadas

fricativas desvozeadas

oclusivas desvozeadas

Zec (2006: 177-178) delibera — sobre o padrão regente da sílaba — que o segmento mais sonoro ocupa o núcleo, ao passo que aqueles menos sonoros ocorrem nas margens. De maneira análoga, Blevins (1995: 209) também salienta a relação que subjaz entre qualquer membro de uma sílaba e o pico silábico, em que somente sons mais altos na hierarquia de sonoridade são permitidos. Ademais, Blevins elenca, com base em variações paramétricas entre segmentos silábicos, três generalizações importantes quanto à sonoridade e ao núcleo em conjunto com o SSG, a saber: (i) todas as línguas têm sílabas que contêm núcleo vocálico não alto; (ii) se uma língua aceita um segmento silábico com valor de sonoridade x, então todos os segmentos

com valores de sonoridades maiores do que x são também potenciais núcleos silábicos; (iii) dentro de uma língua, núcleos opcionais nunca são mais sonoros do que os núcleos obrigatórios (BLEVINS, 1995: 216).

O	< N	< L	< G	< V	
-	-	-	-	+	<b>silábico</b>
-	-	-	+	+	<b>vocóide</b>
-	-	+	+	+	<b>aproximante</b>
-	+	+	+	+	<b>soante</b>
0	1	2	3	4	<b>grau de soância</b>

Quadro 12: Escala de soância (onde **O**: obstruente; **N**: nasal; **L**: líquida; **G**: glide; **V**: vogal) (CLEMENTS, 1990: 294).

Baseado também em uma escala de sonoridade, Clements (1990) postula o *Princípio de Sequenciamento de Soância* (PSS). O PSS pressupõe que os segmentos, em posição mais alta, ficam no núcleo da sílaba, ao passo que os segmentos, em posição mais baixa, deslocam-se para as margens. Clements (1990: 294) propõe uma escala, descrita no Quadro 12, que se assemelha àquela proposta por Selkirk (1984), no entanto, sobrepuja-se a mesma, ao acrescentar o grau de soância. De acordo com Ramos & Tenani (2009: 25), o acréscimo do grau de soância, permitiu que se pudesse explicar a preferência, no português brasileiro, por sílabas com elementos adjacentes separados por uma distância mínima de dois graus na escala (0>2>4).

Após discutir brevemente as principais noções da Teoria da Sílaba, na próxima seção, serão apresentados os fundamentos que subjazem a Fonologia Métrica.

### 1.3.5 Fonologia métrica

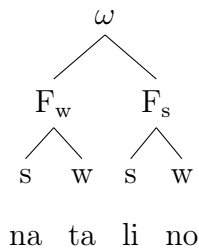
Assim como ocorreu com a Teoria da Sílaba e a Fonologia Autossegmental, a Fonologia Métrica (FM) (LIBERMAN, 1975; LIBERMAN & PRINCE, 1977; HALLE & VERGNAUD, 1978) foi uma reação às tentativas do SPE em incorporar três tipos de fenômenos: a sílaba, o tom e o acento. De acordo com o SPE, o acento era considerado um traço atribuído às vogais, mas, com o advento da FM, o

acentos passa a ser observado como fruto de uma relação de proeminência entre os constituintes métricos (MASSINI-CAGLIARI, 1999: 72-76).

Liberman & Prince (1977), ao fazer oposição à afirmação do SPE de que o acento era um traço fonológico ao qual podia ser atribuído conteúdo pela implementação fonética, advogam a necessidade de uma organização hierárquica dos constituintes prosódicos. Por conseguinte, a posição estrutural do acento é representada pelo *pé*: um constituinte fonológico acima da sílaba e abaixo da palavra. O pé se caracteriza usualmente por uma sílaba forte e uma sílaba fraca ou por unidades de tempo (moras) de acordo com a teoria moraica (HAYES, 1995). Desse modo, um dos pés em uma palavra é o pé forte cuja sílaba forte (sua *cabeça*) será mais proeminente do que outro pé. Para Hayes (1995), de acordo com a teoria moraica, a unidade portadora do acento é a sílaba. Diante disso, Hayes (1995) emprega a noção de mora para estabelecer os padrões dos pés: uma sílaba pesada é caracterizada por duas moras e uma sílaba leve, por uma. A sílaba forte, ou bimoraica em línguas com pés moraicos, apresenta o acento principal (primário) da palavra enquanto as cabeças dos outros pés apresentam acentos secundários. O que define como o acento será atribuído depende diretamente de como a língua escolhe usar a posição estrutural representada pelo pé (GUSSENHOVEN & JACOBS, 2011: 214).

O objetivo precípuo da FM é capturar a natureza hierárquica do acento em sua representação, afora uma matriz segmental que abrange outros traços. Na árvore métrica, o acento é representado em uma árvore sob uma hierarquia de estruturas de ramificações binárias que se dividem entre forte-fraco (*strong-weak* - sw) ou fraco-forte (*weak-strong* - ws) (KAGER, 1996: 2). Em (31), temos um exemplo de uma palavra ( $\omega$ ) dividida em dois pés métricos: um pé fraco ( $F_w$ , em que  $F$  se refere a *foot* ‘pé’ e  $w$  a *weak* ‘fraco’) e um forte ( $F_s$ , em que  $F$  se refere a *foot* ‘pé’ e  $s$ , *strong* ‘forte’).

(31)



Em (31), o acento é formalmente representado por meio de estruturas arbóreas de ramificação binária em que um nó é dominante e outro, recessivo. O nó dominante é mais forte que o seu nó irmão recessivo e, conseqüentemente, os nós de tais árvores binárias são nomeados como forte (s) e fraco (w) (GUSSENHOVEN & JACOBS, 2011: 219). A partir da árvore métrica, o acento deixa de ser representado por meio de um traço [+acento], passando a ser considerado parte de uma relação de força entre sílabas. Portanto, o acento, como representado em (31), é uma propriedade relacional cujo nó é forte somente devido ao fato de seu irmão ser um nó fraco (KAGER, 1996: 2).

A árvore métrica, ao apresentar uma relação de proeminência de nós, não pode representar a alternância rítmica entre sílabas fortes e fracas, bem como choques (*clash*) — fenômeno que ocorre quando sílabas adjacentes são acentuadas. Diante disso, a representação arborea torna-se alvo de críticas, Liberman (1975), por exemplo, sob a alegação de que tal representação não era suficiente para explicar fenômenos prosódicos, propõe a representação de estrutura rítmica por meio da grade métrica. Autores, como Prince (1983), advogam que noções rítmicas não só são melhor representadas em grades, como também a FM se simplifica ao eliminar completamente a constituência, uma vez que parâmetros podem ser estabelecidos em termos de grades (KAGER, 1996: 13). Em (32), tem-se um exemplo de como se estrutura a grade métrica.

(32) Grade métrica (KAGER, 1996: 13).



Em (32), pode-se observar que a grade consiste de uma sequência de colunas com marcadores (\*), cuja altura representa os níveis de proeminência, ao passo que a distância horizontal entre os marcadores representa a estrutura rítmica. Todas as sílabas são representadas por um marcador na camada mais baixa, as sílabas acentuadas são indicadas por um marcador na camada logo acima, enquanto que as distinções entre os acentos primários e secundários são sinalizadas na terceira camada superior. Por conseguinte, a notação em grade busca representar o acento em termos de hierarquia em vez de propriedades relacionais (KAGER, 1996: 13-14). Além disso, a estrutura em grade também está sujeita a restrições que regem a sua formação como a *Restrição da Continuidade das Colunas*, em (33), formulada pela primeira vez por Prince (1983):

(33) **Restrição de Continuidade das Colunas:** Uma grade que contém uma coluna com um marcador no nível  $n+1$  e nenhum no nível  $n$  é mal formada. Regras fonológicas que criam tal configuração são, portanto, bloqueadas (MASSINI-CAGLIARI, 1999: 79).

Em (34), tem-se um exemplo de uma grade com mal formação por violar a restrição supramencionada:

(34)



Após o advento da grade métrica, iniciou-se um embate, na fonologia, entre a representação por árvore (*tree-only*) ou por grade (*grid-only*). Uma das principais defensoras do arrouço “só árvore” foi Selkirk (1984) cujo estudo colaborou para o

surgimento de uma nova teoria fonológica: o modelo prosódico. Prince (1983), por seu turno, foi o principal defensor da posição “só grade”.

De acordo com Massini-Cagliari (1999: 75), o terceiro momento da FM é marcado pelos trabalhos de Halle & Vergnaud (1987), Kager (1989), Goldsmith (1990), Haraguchi (1991) e Hayes (1995). Tais estudos, com base nas evidências favoráveis e desfavoráveis para as duas correntes do embate mencionado, concluem que a organização hierárquica dos constituintes é necessária a quaisquer que sejam as abordagens de acento. Por conseguinte, Halle & Vergnaud (1987) propõem a reunião das vantagens de ambos os tipos de representação numa única estrutura: a representação por meio de grades parentetizadas (*bracketed grids*), em (35) (MASSINI-CAGLIARI, 1999: 75). Em (35), é possível observar como o acento se organiza em uma grade parentetizada conforme preveem Halle & Vergnaud (1987) e Hayes (1995). A representação de grades parentetizadas assume a grade, proposta por Prince (1983), no entanto inclui parênteses em todos os níveis da grade para sinalizar os constituintes que eram demonstrados na árvore métrica (KAGER, 1996: 20-21; MASSINI-CAGLIARI, 1999: 77). Portanto, o acento é representado em um plano independente a partir de estruturas de constituintes métricos, cujo elemento proeminente (cabeça) se projeta no nível acima, representando um constituinte inteiro.

(35)

			x		<b>2</b>	
(	x	)	(	x	)	<b>1</b>
	x	x	x	x	<b>0</b>	
	na	ta	li	no		

Como em (35), a relação de proeminência, nos níveis superiores, das linhas de estruturas de constituintes produz colunas de projeção de alturas diferentes. A altura da coluna corresponderá ao grau de proeminência do constituinte e cada par de parênteses somente poderá conter um marcador de proeminência (x) que será



chamado de cabeça e deve ter um grau de acentuação maior do que os demais elementos do constituinte (MASSINI-CAGLIARI, 1999: 77). Ainda que tenha havido um debate sobre qual representação se mostrava mais adequada durante a década de oitenta do século XX, a viabilidade para expressar regras de deslocamento de acento diante de um choque foi essencial para a representação da grade parentetizada conquistar um predomínio junto às análises nos últimos anos, como se pode ver em (36):

$$(36) \quad (a) \text{ Choque} \qquad (b) \text{ Deslocamento}$$

$$\begin{array}{cc} \left( \begin{array}{c} \phantom{x} \\ \phantom{x} \end{array} \right) & \left( \begin{array}{c} x \\ \phantom{x} \end{array} \right) \\ \left( \begin{array}{cc} \cdot & x \end{array} \right) & \left( \begin{array}{cc} x & \cdot \end{array} \right) \\ \text{ca,} & \text{fé} & \text{'quen} & \text{te} \end{array}$$

$$\begin{array}{cc} \left( \begin{array}{c} \phantom{x} \\ \phantom{x} \end{array} \right) & \left( \begin{array}{c} x \\ \phantom{x} \end{array} \right) \\ \left( \begin{array}{cc} x & \cdot \end{array} \right) & \left( \begin{array}{cc} x & \cdot \end{array} \right) \\ \text{,ca} & \text{fé} & \text{'quen} & \text{te} \end{array}$$

Hayes (1995), em (36), elimina o nível zero da grade e propõe que o *x* — elemento proeminente —, e o ponto (.) — elemento recessivo —, sejam usados para, além de segmentar a cadeia sonora em sílabas, estabelecer uma relação de proeminência entre elas.

Ademais, Hayes (1981, 1985, 1989a) advoga que os diferentes padrões de acento nas línguas naturais podem ser explicados por um número finito de parâmetros. Por conseguinte, cada parâmetro representa duas escolhas pelas quais as línguas podem optar, estabelecendo-se parâmetros para a construção do pé métrico (GUSSENHOVEN & JACOBS, 2011: 219). O primeiro parâmetro diz respeito à extensão do pé métrico, isto é, quantas sílabas o pé pode abranger. Assim, a língua pode optar pelo pé binário (até duas sílabas) ou ilimitado. Caso a língua assuma a extensão ilimitada de pés, será preciso admitir dois conceitos, a saber: a extrametricidade e a existência de pés degenerados<sup>13</sup> (KAGER, 1996: 3-4; MASSINI-CAGLIARI, 1999: 81). No tocante à extrametricidade, Hayes (1995: 108) afirma que, quando as sílabas são segmentadas em pés métricos, nem todas necessariamente devem ser

<sup>13</sup> Hayes (1992: 85) define pés degenerados como sílabas leves únicas em sistemas que respeitam peso silábico (iambos e troqueus moraicos) e sílabas únicas em sistemas insensíveis à quantidade (troqueus silábicos).

consideradas num primeiro estágio. Desse modo, as sílabas que são provisoriamente excluídas para fins de regras acentuais são chamadas extramétricas.

No que diz respeito às línguas que optam por pés limitados ou binários, a relação de dominância entre os constituintes do pé é o segundo parâmetro a ser escolhido, cujos valores envolvem duas direções: direita ou esquerda (MASSINI-GAGLIARI, 1999: 83). Por conseguinte, há dois tipos de pés métricos, a saber: troqueu (silábico ou moraico) ou iambo em (37).

- (37) a. *Iambo*: cabeça-final - dominância à direita (. x)  
b. *Troqueu*: cabeça-inicial - dominância à esquerda (x .)

Em (37), ter um pé iâmbico significa que, entre os dois constituintes, aquele mais à direita é o dominante ou cabeça (representado pelo x) e outro, conseqüentemente, é o recessivo (.). É chamado de cabeça-final, pois o constituinte dominante (cabeça) se localiza no final do pé seguindo a direção de leitura convencional da esquerda para direita. O pé trocaico, por seu turno, caracteriza-se por ter o constituinte dominante mais à esquerda (x), ao passo que o outro é o recessivo (.). É também chamado de cabeça-inicial, uma vez que o constituinte dominante (cabeça) é o primeiro elemento do pé métrico.

Outra escolha paramétrica se refere ao peso silábico e também abrange dois valores: a língua considera ou não o peso silábico na construção dos pés. Massini-Gagliari (1999: 84) explicita que, em línguas que consideram o peso silábico, as sílabas pesadas devem ocupar a posição proeminente do pé, à medida que as leves devem ocupar a posição não proeminente. Essa escolha paramétrica se coaduna com a anterior (tipos de pés), produzindo, três pés binários básicos possíveis, a saber: o **troqueu silábico** que não considera o peso silábico; o **troqueu moraico** que considera o peso silábico e o **iambo** (HAYES, 1995: 71), ver (38).

- (38) Inventário dos pés básicos (MASSINI-CAGLIARI, 1999: 84)
- Troqueu silábico:**  $(x \cdot)_{\sigma \sigma}$
  - Troqueu moraic:**  $(x \cdot)_{\cup \cup}$  ou  $(x)_{-}$
  - Iambo:**  $(\cdot x)_{\cup \cup}$  ou  $(x)_{-}$

Após definir o pé básico, a próxima escolha quanto ao parâmetro é a direção de segmentação, isto é, a direcionalidade na construção dos pés. Desse modo, os pés tanto trocaicos (silábicos ou moraic) quanto iâmbicos podem ser construídos da esquerda para direita (início  $\rightarrow$  fim), tanto da direita para esquerda (fim  $\leftarrow$  início). Ademais, outras duas escolhas paramétricas são necessárias. A língua deve optar se os pés são construídos iterativamente até que toda o item seja segmentado em pés ou não iterativamente até que um pé canônico seja construído (MASSINI-CAGLIARI, 1999: 85). Por fim, as línguas devem estabelecer o valor da Regra Final (*End Rule*) em (39):

- (39) Regra final
- Crie um novo constituinte métrico acima da estrutura existente;
  - Localize a marca da grade (x), formando a cabeça deste constituinte *o mais à direita / o mais à esquerda possível* (MASSINI-CAGLIARI, 1999: 86).

Podemos observar um exemplo da aplicação da regra em (40):

- (40) Aplicação da Regra Final (MASSINI-CAGLIARI, 1999: 86)

(a) mais à direita

(b) mais à esquerda

$($	$x$	$)$	$($	$x$	$)$	$($	$x$	$)$	$($	$x$	$)$
$($	$x$	$)$	$($	$x$	$)$	$($	$x$	$)$	$($	$x$	$)$
... x)	$(x \cdot)$	$(x \cdot)(x \cdot)$	... x)	$(x \cdot)$	$(x \cdot)(x \cdot)$	... x)	$(x \cdot)$	$(x \cdot)$	... x)	$(x \cdot)$	$(x \cdot)$
... $\sigma$	$\sigma \sigma$	$\sigma \sigma \sigma \sigma$	... $\sigma$	$\sigma \sigma$	$\sigma \sigma \sigma \sigma$	... $\sigma$	$\sigma \sigma$	$\sigma \sigma \sigma \sigma$	... $\sigma$	$\sigma \sigma$	$\sigma \sigma \sigma \sigma$

### 1.3.6 Síntese da seção

Esta seção teve como principais objetivos: (i) discutir aspectos gerais que distinguem a teoria fonológica linear — representada pelo Modelo Fonológico de Chomsky & Halle (1968) — das teorias não lineares — representadas pela Fonologia Autossegmental, Fonologia Lexical, Teoria da Sílabas e Fonologia Métrica —; (ii) apresentar os fundamentos básicos de cada teoria não linear supracitada. Ainda que Chomsky & Halle tenham proposto uma formalização inédita importante a fim de representar generalizações linguísticas, o modelo do SPE não conseguia explicar propriedades prosódicas como altura e acento por estar restrito aos limites do fonema e das matrizes de traços. Diante disso, começam a surgir diferentes teorias para dar conta das representações fonológicas cujas sequências de segmentos passam, na ocasião oportuna, a ser manipuladas como traços individuais, como feixes de traços reunidos sob um mesmo nó de classe ou como segmentos completos conforme preveem a Fonologia Autossegmental e a Geometria de Traços (ABAURRE & WETZELS, 1992: 15).

Ademais, com o advento da Fonologia Lexical, torna-se viável explicar como as regras fonológicas interagem ou não com a morfologia. Negligenciada pelo SPE, a sílaba passa a configurar como unidade indispensável na organização prosódica na Teoria da Sílabas e na Fonologia Métrica, sendo “maior do que o segmento e menor do que a palavra” (KAHN, 1976: 20). Desse modo, este estudo se coaduna com a visão defendida por ABAURRE & Wetzels (1992) de que, na fonologia moderna, a interação das várias sub-teorias colaboram para a construção de uma gramática fonológica. Logo, tais teorias não competem entre si, mas se complementam (ABAURRE & WETZELS, 1992: 16).

É importante salientar que cada teoria mencionada, na presente seção, foi utilizada como suporte teórico, cujo auxílio subjaz às análises dos dados pertencentes ao PGG e às suas línguas-filhas (**Capítulo 4**).

## 1.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Este capítulo se reservou à finalidade de apresentar os materiais e métodos deste estudo. Inicialmente, em 1.1, tratou-se da organização e procedimentos de análise dos dados. Desse modo, abordou-se a primeiramente a coleta dos itens analisados (1.1.1). Em seguida, o tratamento dos dados foi apresentado (1.1.3); na sequência, a seção 1.1.2 abrangeu como os dados serão apresentados ao longo da tese. Em 1.2, foram expostos os fundamentos teóricos em que se embasou a análise, tendo, para isso, apresentado o que vem a ser a Reconstrução Linguística, ao mesmo tempo, foram observados os tipos mais comuns de mudanças fonético-fonológicas. Adiante, foi a vez de explorar os procedimentos adotados pelo método histórico-comparativo em conjunto com as técnicas de análises empregadas. As leis fonéticas, assim como o processo de analogia, também foram examinados, posto que serviram de critérios para a seleção dos itens que fizeram parte do *corpus* da pesquisa. A seção 1.3, por seu turno, ocupou-se da discussão dos modelos teóricos fonológicos nos quais a análise dos dados foi fundamentada. À vista disso, foram abordados, separadamente, ao longo das subseções, as seguintes teorias: o Modelo de Chomsky & Halle (1968), a Fonologia Autossegmental (GOLDSMITH, 1976[1979]), a Geometria de Traços (CLEMENTS, 1985; SAGEY, 1986; MCCARTHY, 1988), a Fonologia Lexical (KIPARSKY 1982a, 1985; MOHANAN, 1982); a Teoria da Sílabas (HOOPER, 1976; KAHN, 1976) e, finalmente, a Fonologia Métrica (LIBERMAN & PRINCE, 1977). Após ter sido descrito o método e os fundamentos teóricos aplicados para a realização da pesquisa, no próximo capítulo, será observado o contexto socio-histórico que criou condições para o surgimento do protocioulo de base portuguesa do Golfo da Guiné.

## Capítulo 2

# A ESPECIAÇÃO DO PROTOCRIULO DO GOLFO DA GUINÉ

O presente capítulo destina-se a descrever os aspectos socio-históricos que contribuíram para o surgimento do protocriulo de base portuguesa do Golfo da Guiné (PGG). Para isso, o capítulo encontra-se dividido em três seções. Em 2.1, serão abordados os conceitos de língua crioula e as teorias que explicam a sua origem. Em 2.2, será discutido o contexto histórico de povoamento e colonização de São Tomé, o berço do PGG, sendo descrita a fase de habitação em 2.2.1 e a de plantação em 2.2.2. Em 2.3, serão apresentadas as condições socio-históricas que levaram à especiação das línguas do PGG. Em 2.3.1, serão descritos aspectos gerais do santomé. Na seção seguinte (2.3.2), será apresentado o lung'ie; em seguida, em 2.3.3, o angolár será o tema em discussão. Em 2.3.4, serão descritas características do fa d'ambô. Por fim, na 2.4, tem-se a síntese do capítulo.

### 2.1 CRIULOS E SUA GÊNESE

Essa seção se destina a apresentar as definições e conceitos de 'língua crioula', considerando, para isso, aspectos de natureza histórica, estrutural e social (2.1.1). Adicionalmente, a seção 2.1.2 apresentará algumas abordagens que buscam explicar

a gênese da língua de contato, tais como as perspectivas superestratista, substratista, inatista e gradualista.

### 2.1.1 Definição de língua crioula

Nessa seção, trataremos de diferentes definições da língua crioula. Desse modo, começaremos pela suposta relação entre crioulo e seu surgimento abrupto. Trataremos da definição de crioulo inserido em um contexto socio-histórico próprio cujos principais agentes envolvidos serão apresentados. Adiante, discutiremos a conceituação de crioulo como língua morfologicamente simples.

Na Linguística, o termo (crioulo) remete ao fato de a língua ter sido criada em um ambiente multilinguístico, porém com uma língua politicamente dominante e várias outras sem prestígio. Sob uma perspectiva geral, o crioulo pode ser caracterizado como a primeira língua de uma população monolíngue ou como uma das línguas de uma população multilíngue, ou seja, é a língua materna de uma determinada população. De acordo com Muysken & Smith (1995: 3), uma língua crioula se diferencia de uma não crioula pelo fato de seu surgimento num dado ponto no tempo poder ser estabelecido com relativa precisão. Línguas não crioulas, por outro lado, ao emergirem gradualmente, não permitiriam uma delimitação temporal exata. Os autores utilizam como exemplo o francês antigo que se desenvolveu do latim vulgar, este, por sua vez, do latim clássico e esse, do latim arcaico que é, por conseguinte, proveniente de uma protolíngua, o proto indo-europeu. Comparativamente, Muysken & Smith (1995: 4) advogam que a análise de línguas crioulas, diferentemente das não crioulas, não aceitaria, facilmente, a aplicação de técnicas da Linguística Histórica, por terem emergido abruptamente em uma faixa temporal estreita, não sendo fruto de mudanças regulares. Mufwene (1996: 107), por outro lado, alega que as histórias das colônias, no caso dos crioulos nascidos no espectro da expansão marítima europeia, e onde os crioulos se desenvolveram, demonstram que nenhum

processo linguístico foi peculiar a esses novos vernáculos, pelo contrário, trata-se dos mesmos processos assumidos pela Linguística Histórica, salvo a ênfase atribuída ao contato linguístico. Adicionalmente, DeGraff (2009) salienta que o método comparativo tem como foco os dados, e não questões sociais. Nesse sentido, o autor lembra que as línguas românicas resultaram igualmente de um processo de aquisição de segunda língua (latim vulgar) maciça e nem por isso foram excluídas do escopo do referido método. Portanto, excluir as línguas crioulas como objeto de análise dentro de uma perspectiva diacrônica, mostra-se frágil e sem embasamento empírico, pois é possível aplicar técnicas, a exemplo do método histórico-comparativo, ao estudo de línguas de contato, como o presente estudo o fez tendo como objeto quatro línguas crioulas de base portuguesa, resultado da especiação de uma protolíngua. Portanto, a definição de Muysken & Smith (1995) de crioulo se mostra inconsistente no que diz respeito à sua legitimidade como objeto de investigação da Linguística Histórica.

Tendo em vista não ser viável identificar uma língua de contato pela emergência abrupta, Mufwene (2001: XII) advoga que os crioulos têm sido mais agrupados em razão das semelhanças nas condições socio-históricas do seu desenvolvimento do que por qualquer outra razão empírica. Destarte, no que se refere aos aspectos socio-históricos relacionados ao seu surgimento, o primeiro diz respeito ao domínio político e social de um grupo sobre o outro. Tomemos, como exemplo, a expansão colonial europeia. A partir do século XVI, Espanha e Portugal primeiramente iniciam a colonização na África e na América, sendo seguidos, posteriormente, por França, Inglaterra e Holanda (ARENDS, 1995: 15-17). Junto à expansão, somou-se um tipo específico de economia cujo traço característico foi a exploração de fazendas do tipo *plantation* para produção de açúcar, café e tabaco, a fim de abastecer o mercado europeu (ARENDS, 1995). Para tanto, os colonizadores passaram a subjugar o contingente africano, transformando suas populações em mão-de-obra, em sua maioria, escrava. Somada à exploração da força de trabalho, a emergência de línguas crioulas está relacionada à destruição do tecido social de comunidades linguísticas, submetidas a um novo código linguístico, e a um grau de isolamento e



confinamento das populações escravizadas. Esse confinamento deu-se mormente em ambientes-ilhas, descritos por Araujo da seguinte maneira:

os ambientes-ilha [...] podem ser uma ilha propriamente dita, uma fazenda do tipo *plantation* (com o isolamento da população subjugada), um barracão (tanto um galpão na África, onde os escravos chegavam a esperar até dois anos pela chegada dos navios-negreiros que os levariam à América ou os barracões dos entrepostos comerciais, como os encontrados em Curaçao) ou uma fortaleza, entre outros ambientes confinados (ARAÚJO, 2011: 12).

A partir dos contextos de isolamento supramencionados, é possível classificar três tipos de crioulos atlânticos, a saber: crioulos de *plantation*, crioulos de fortaleza e crioulos de quilombo (BICKERTON, 1988). O primeiro tipo surge, como o nome evidencia, em fazendas agro-industriais. O segundo tipo se refere aos crioulos que emergiram em fortalezas ou em entrepostos fortificados ao longo da costa oeste africana, onde os europeus realizavam atividades comerciais. Por fim, o terceiro tipo está diretamente relacionado à resistência dos cativos, os quais escapavam das plantações, formando comunidades em relativo isolamento dos núcleos de colonização (ARENDS, 1995: 16). Arends (1995) afirma não haver grandes divergências estruturais entre crioulos de *plantation* e de quilombo, visto que esses provavelmente se desenvolveram a partir daqueles, todavia, o que geraria diferença é o fato de o crioulo quilombola se desenvolver afastado da colônia e, por conseguinte, livre da pressão linguística europeia (cf. 2.3).

O fator demográfico é outro aspecto favorecedor do surgimento de uma língua de contato. Arends (1995: 19) comenta que era comum a diferença numérica entre o segmento subjugante, em menor quantidade, e o subjugado, em maior número. Tal desequilíbrio demográfico colaborou para a heterogeneidade linguística, de modo que nenhuma das línguas faladas por qualquer segmento dessa nova comunidade apresentou condições de ser eleita como língua da colônia. Desse contato entre falantes de línguas heterogêneas, surge a necessidade da comunicação imediata, favorecendo o surgimento, por conseguinte, de uma língua emergencial que, de segunda língua, passa à primeira ao se tornar língua materna das gerações descendentes. Nesse

cenário, a língua do colonizador, muito embora não fosse, com efeito, amplamente empregada na colônia, era o alvo do segmento cativo. Contudo, devido à falta de acesso à língua e aos mecanismos de nativização de cada grupo linguístico, surge uma língua diversa daquela do colonizador.

No fomento de uma nova língua, à disparidade demográfica, somam-se as diferentes funções atribuídas aos cativos. Em média, à metade do contingente escravo, destinavam-se obrigações circunscritas à plantação (segmento identificado como *escravos de campo*), as outras parcelas de cativos serviam na casa dos colonizadores (referidos como *escravos de casa*) ou se dedicavam a tarefas como caça e pesca. Além das funções mencionadas, havia, em toda comunidade, um ou mais cativos que eram feitores, assumindo, como consequência, o papel de conceder a execução dos castigos, a atribuição de tarefas, bem como cabia a ele a decisão sobre quais escravos doentes estavam aptos ao trabalho. Os feitores ocupavam uma posição intermediária na hierarquia de poder, entre o mestre branco, o colonizador, e a força de trabalho escrava. As diferenças nas funções, além de se relacionarem com distinções quanto ao *status* hierárquico na comunidade cativa, contribuíram para a maior ou menor interação linguística com o elemento colonizador (ARENDS, 1995: 19). Nesse sentido, encontra-se o papel do feitor na organização colonial, visto que ele provavelmente esteve mais regularmente em contato com os colonizadores em face à necessidade de discutir questões quanto à gestão das plantações. Outra função especial contígua ao elemento colonizador foi o da ama, escrava de casa. Responsáveis por cuidar das crianças mais novas, as amas também assumiam o papel de fornecer um modelo de aquisição da linguagem para os infantes (ARENDS, 1995: 20).

De acordo com a ordem de intensidade e frequência de contato com os colonizadores e os escravos, Arends (1995: 20) cogita que o feitor ocupe a primeira posição, sendo seguido pelos escravos domésticos, posteriormente, pelos escravos de plantação e os improdutivos. Aliado a essa conjuntura social, está um grupo intermediário entre a população cativa e colonizadora das plantações, constituído pelos *mulatos*, frutos de relações conjugais entre homens brancos e escravas. Tal

grupo recebia tratamento diferenciado, sendo frequentemente enviado à cidade para servir como escravos de casa e, quando reconhecido pelo país, ganhava a liberdade. Dessa maneira, os mulatos, juntos aos escravos alforriados, constituem um grupo intermediário de crescimento, estando entre a pequena parcela branca e o grande contingente cativo (ARENDS, 1995:20-21).

Com o decorrer dos anos, a população cativa passa a se dividir em três grupos: *boçais*, *ladinos* e *crioulos*. Os escravos recém-chegados da África eram chamados de boçais. Os ladinos eram os escravos veteranos, provenientes de regiões fora da colônia, ao passo que os crioulos eram os escravos nascidos em cativeiro. Tal divisão evidencia características linguisticamente relevantes para a promoção da língua de contato, uma vez que a diferença na proveniência se reflete no fato de que os boçais, ao chegar à colônia, falavam uma ou mais línguas africanas, ao passo que os crioulos adquiriram sua primeira língua — possivelmente língua crioula — na colônia transmitida pelos seus pais e/ou pares (cf. ARENDS, 1995; ARAUJO, 2011). Nesse sentido, ao ladino, era atribuída a função de apresentar a língua local aos boçais. Desse modo, o modelo de aquisição da linguagem foi, geralmente, fornecido por escravos, e não por colonizadores. A rotatividade dos escravos, considerados bens móveis, e as taxas de mortalidade também influenciavam na estabilidade da língua nos primeiros anos. Ademais, geralmente como o número de escravos nascidos na colônia aumentou de maneira lenta, progressivamente a tarefa de ensinar a língua passou a ser assumida pelos boçais. Com isso, pode-se conjecturar que esse novo modelo para aquisição do crioulo — enquanto segunda língua dos boçais — seria uma versão muito modificada da língua existente (ARENDS, 1995: 21).

Como diferentes segmentos sociais tiveram influência na configuração dos crioulos dentro de um cenário multilíngue e pluricultural, Faraclas *et al.* (2014) defendem a consideração conjunta dos grupos sociais a fim de que se obtenha uma compreensão global do processo que viabilizou o surgimento dessas línguas. Os estudos de Faraclas *et al.* (2014) e de Freitas (2016) chamam atenção para dois aspectos importantes na definição dos crioulos e de sua gênese: (i) os povos escravizados,

cujo papel, segundo Faraclas *et al.* (2014), é frequentemente desconsiderado pelas análises que assumem os cativos como vítimas passivas, ignorando suas habilidades pregressas — certamente trazidas para o cativeiro; (ii) a necessidade de se empregar uma abordagem multifacetada no estudo da formação da língua crioula, reunindo todos os aspectos envolvidos no seu surgimento, tal como é feito por Freitas (2016).

Dessa maneira, os fatores relacionados ao contexto socio-histórico aqui mencionados, tais como o isolamento geográfico; o desequilíbrio na demografia; as diferenças na divisão de trabalho e funções entre os cativos — que se refletiram, outrossim, em diferenças na hierarquia do segmento escravizado, por sua vez, trazendo implicações na transmissão da língua da colônia —; a intensidade do contato entre os escravos e os colonizadores, e, por fim, os papéis ativos dos povos cativos devem ser avaliados em conjunto a fim de definir uma língua como crioula. Isso não quer dizer, contudo, que os fatores mencionados precisam estar, compulsoriamente, reunidos, de maneira absoluta, para estabelecer uma língua como tal. Os aspectos, todavia, servem como uma orientação distinta das conceituações reducionistas que tratam os crioulos como uma classe linguística inferior, como demonstrado a seguir. Assim, partindo para uma abordagem estrutural da língua de contato, de acordo com a teoria do *protótipo crioulo* (MCWHORTER, 1998), línguas crioulas poderiam ser reconhecidas em razão de apresentarem uma estrutura mais simples do que as outras línguas. Segundo a teoria, as línguas mais antigas e mais “avançadas” (isto é, as não crioulas) teriam morfologia, posto que acumulam complexidade com o passar do tempo, os crioulos, por seu turno, não teriam existido por tempo suficiente para adquirir tais complexidades, não possuindo, por conseguinte, morfologia. Em contrapartida, nos últimos anos, um corpo crescente na literatura sobre a morfologia de línguas crioulas tem refutado tal visão com base em análises empíricas. O estudo de Pratas (2002) é um exemplo desse esforço. A partir de uma breve análise de uma língua não crioula, a autora reflete sobre a pressuposta simplicidade morfológica prototípica:

[...] o que dizer quanto à morfologia simples do inglês, que nos verbos regulares apresenta apenas um morfema de passado e, no presente, apresenta apenas um morfema de terceira pessoa do singular

não tendo nenhum marcador realizado em todas as outras pessoas?  
Como explicaremos esta “simplicidade?” (PRATAS, 2002: 10)

Muysken & Smith (1995: 5-6) destacam, por sua vez, o fato de o chinês se assemelhar a muitas línguas crioulas na sua gramática. Ainda sobre a morfologia, Thomason (2001) propõe a hipótese da *transparência semântica*, na qual se postula que, nos casos em que a morfologia aparece nas línguas de contato — algo raro para autora — os aspectos morfológicos tendem a ser regulares, transparentes, destituídos das irregularidades frequentemente observadas em línguas não crioulas. Em contrapartida, é possível observar opacidade em línguas crioulas, a exemplo do sranam antigo que apresentava formas semanticamente opacas com frequência já nos primeiros estágios de seu desenvolvimento, refutando a hipótese da regularidade e transparência semântica, inerentes aos crioulos como descreve Thomason (PLAG, 2001; BRAUN & PLAG, 2003). Ademais, mesmo que seja afirmado, repetidamente, que línguas crioulas carecem de morfologia, existem muitas contraprovas, tais como o complexo sistema pronominal do kabuverdianu (variante de Santiago) (PRATAS, 2002) — que apresenta formas fortes, formas livres e clíticos —, somado a isso, tem-se o papiamentu que preservou morfemas derivacionais de suas línguas lexificadoras, como o *dor* > *-dó* e o *mento* > *-mentu* (BANDEIRA, 2013). Portanto, não é possível definir uma língua crioula<sup>1</sup> consoante seus aspectos linguístico-estruturais, posto que não são qualitativamente distintas das não crioulas.

No que tange à definição do principal responsável pela emergência de uma língua crioula, as pesquisas sobre a temática têm se dividido variando conforme a abordagem teórica: há aqueles que defendem ser a língua do colonizador o principal agente, outros, porém, afirmam ser a língua dos povos subjugados, e há ainda pesquisadores que atribuem o principal papel a um aparato mental que todo ser humano apresenta independentemente da sua posição na hierarquia social. Destarte, tais correntes serão analisadas na próxima seção.

---

<sup>1</sup> Como não faz parte do escopo do estudo, para maiores discussões a respeito das complexidades morfológicas de uma língua crioula, é possível consultar as análises de Bakker *et al.* (2011) e DeGraff (2009), dentre outros.

### 2.1.2 Crioulôgênese

Delimitado o contexto socio-histórico de surgimento da língua de contato, passemos agora à análise das principais teorias acerca de sua gênese. Primeiramente, trataremos das teorias que atribuem às línguas do subjugante (chamadas de *superestrato*) o papel principal na emergência do novo código — esse modelos são conhecidos como superestratistas. Em seguida, abordaremos as correntes que delegam às línguas dos povos subjugados (*substrato*) a função principal na formação do crioulo — conhecidos como substratistas. Na sequência, será a vez de apresentarmos hipóteses que destacam a intervenção de um processo geral específico durante a transmissão das línguas — chamadas de universalistas. Por fim, trataremos de correntes que, longe de se interessar pelos colonizador, colonizado ou aparato psicológico, buscam questionar a caracterização do surgimento abrupto do crioulo — conhecidas como gradualistas.

Um dos principais expoentes da corrente superestratista é o modelo *monogenético* português. Sua fundamentação parte do pressuposto de que houve uma língua de comércio com um léxico predominantemente português, empregado, entre os séculos XV e XVIII, por negociantes, contrabandistas e comerciantes de toda sociedade colonial, ainda incipiente (MUYSKEN & SMITH, 1995: 9). A teoria monogenética advoga que os escravos aprenderam um código português em regiões de cativeiro como fortes, ilhas e navios negreiros, em seguida, levaram esta linguagem às plantações. Desse modo, as diferentes línguas crioulas inicialmente se baseiam em códigos com palavras em português, posteriormente o código foi substituído por elementos de outras línguas europeias. De acordo com essa teoria, a (suposta) similaridade entre os crioulos se deve ao código português subjacente e a ‘simplicidade’, à natureza ‘não complexa’ de tal código (MUYSKEN & SMITH, 1995: 9-10).

Como a teoria monogenética, há outras abordagens que consideram como papel central as línguas europeias, contudo, vão além da proposta de um único código. Essas correntes advogam que os crioulos surgem ou de uma aprendizagem de segunda

língua precária, como a teoria do *baby talk*, ou da simplificação da fala direcionada aos não nativos, como a teoria da *fala estrangeira*. Muysken & Smith (1995: 10) afirmam que ambas teorias são convergentes no que se refere à aquisição “imperfeita” de segunda língua, postulando que os crioulos seriam estágios fossilizados na sequência de uma aprendizagem linguística. Nesse sentido, defende-se que os falantes de um protocrioulo, por exemplo, falam tal língua por não terem acesso suficiente ao modelo, fazendo, por isso, ajustes que levam a um sistema estimativo. Quanto aos pontos divergentes, para a teoria de fala estrangeira, a similaridade entre os crioulos seria devido às propriedades universais do processo de aprendizagem, para a teoria de *baby talk*, por seu turno, a similaridade se deve ao *input* simplificado tal como ocorre quando falantes nativos de uma língua simplificam sua fala para se comunicar com não nativos.

Em síntese, as teorias monogenética, de *baby talk* e de fala estrangeira não apenas desprezam o grande número de línguas crioulas (ao redor do globo) —o que inviabiliza a hipótese de origem e características únicas —, como também lançam mão de ideias como ‘simplicidade linguística’ como fundamentação teórica de suas análises, conceitos que já se encontram obsoletos devido aos graus de complexidade de qualquer língua natural. Em oposição às ideias superestratistas que, em geral, defendem ser ínfima a influência das línguas de substrato para o surgimento do crioulo — se comparado à maior contribuição da língua do colonizador —, apresentam-se as correntes substratistas (HOLM 1988; LEFEBVRE, 1986).

Para os substratistas, os crioulos devem grande parte de seus traços estruturais à influência das línguas anteriormente faladas pelos escravos africanos — para o caso dos crioulos surgidos em ambientes escravocratas —, que eram levados, principalmente, para as plantações na região atlântica, durante estágios formativos críticos dos novos vernáculos (MUFWENE, 1996: 87). Dentre os vários estudos fundamentados nessa abordagem, trataremos da hipótese chamada *princípio fundador* que visa explicar como as características estruturais do crioulo foram predeterminadas, em grande escala, embora não exclusivamente, pelos vernáculos falados pela população

fundadora das colônias onde as línguas se desenvolveram (MUFWENE, 2001: 45). Segundo esse princípio, os traços das populações fundadoras de uma determinada comunidade teriam prioridade em relação aos demais, com isso, seriam mantidos na língua no decorrer do tempo. A prioridade se explica em razão de os traços mais antigos serem empregados por um número maior de falantes que os transmitiriam para os seus descendentes (cf. MUFWENE 2001: 28-29; FREITAS, 2016: 169). O efeito fundador é um conceito originalmente desenvolvido em genética de populações e ocorre quando uma população pequena se desprende de uma grande população original para colonizar novos territórios e leva consigo um subconjunto de diversidade da população original. Assim mesmo que seja transmitida uma alta diversidade genética, é provável que se perca nas populações pequenas. Desse modo, em termos linguísticos, as línguas que apresentam mais diversidade estariam mais próximas do ponto de origem e as aquelas com menor diversidade estariam mais distantes (BOUCKAERT *et al.*, 2012). Nesse sentido, Mufwene (1996: 84) argumenta que os fundadores da comunidade de fala, ou seja, os falantes tanto do superestrato quanto do substrato, desempenharam um papel maior do que, até então, reconhecido no que se refere à determinação dos recursos linguísticos selecionados durante a emergência da língua de contato.

No que se refere à sua gênese, postula-se que, na fase de plantação, com a chegada de novo contingente cativo, a parcela recém-chegada, pela demanda do regime escravocrata, buscava aprender a língua local da melhor forma possível, não planejando, por conseguinte, falar conforme os princípios de suas línguas nativas ou quaisquer outras faladas antes (MUFWENE, 2001: 62-63). Logo, a fala da população fundadora se torna alvo desse contingente. Como consequência, os recursos linguísticos já empregados pela população fundadora tornam-se suscetíveis de serem transmitidos por meio de seleções e adaptações sucessivas, o que define a evolução gradual de novas línguas (MUFWENE, 1996: 104). Desse modo, considerando que a língua do superestrato foi sendo apropriada por falantes de diversas



línguas, para Mufwene (1996: 107), não se pode negar que a mesma foi influenciada por essas outras línguas, da mesma maneira como diversas línguas não crioulas foram influenciadas por outras em suas histórias. Tal desenvolvimento se define, conseqüentemente, como um processo de reestruturação, isto é, uma reorganização do sistema. Assim, Mufwene (2001: 232) estabelece que o papel das línguas de substrato era, frequentemente, porém não exclusivamente, o de ajudar na escolha das opções que competiam na língua de superestrato. Como consequência, grande parte dos recursos selecionados nas estruturas crioulas foram compartilhados entre as línguas de superestrato e de substrato.

Sobre as motivações para a emergência de uma língua de contato, assume-se que crioulos teriam surgido acidentalmente, de acordo com as tentativas das populações em contato de se comunicar na língua a qual a ampla parcela não dominava, e não em razão de a população levar a língua para a plantação, desejando, por isso, criar um meio para uma comunicação interétnica (MUFWENE, 2001: 51). Quanto à sua gênese, para Mufwene (1996, 2001), os crioulos emergiriam tanto das tentativas individuais dos falantes para falar a língua do superestrato quanto das acomodações mútuas no cenário do contato.

Alguns estudiosos optam por se concentrar nos mecanismos inatos para a explicação das estruturas apresentadas pelos crioulos. Nessa direção, a abordagem universalista, em especial inatista, tem como principal representante a *teoria do bioprograma* (BICKERTON, 1981).

Com o propósito de fundamentar sua hipótese, Bickerton, por meio de um co-tejo, estabelece um conjunto de características estruturais compartilhadas por todas as línguas crioulas, a saber: (i) o sistema de tempo-modo-aspecto (TMA); (ii) um artigo genérico ou não específico; (iii) os sintagmas nominais para focalização; (iv) a distinção entre cópulas atributivas, locativas-existenciais, algumas vezes, equativas; (v) a múltipla negação; (vi) os complementos realizados e não realizados; (vii) a relativização e cópia de sujeito; (viii) o uso de *it has* para expressar tanto posse quanto existência; (ix) as palavras interrogativas bimorfêmicas; (x) os equivalentes

de construções passivas (HOLM, 2000: 62-63). Dentre os dez aspectos, Bickerton (1981) destaca, em especial, o sistema de TMA, tendo em vista que o sistema não só se limita às línguas crioulas, como também parece sempre ocorrer em uma ordem peculiar. O TMA, a sua interpretação e sua organização, portanto, refletiriam diretamente aspectos universais da capacidade de linguagem humana (MUYSKEN & SMITH, 1995: 11). Em vista disso, Bickerton (1981) define os crioulos como criações das crianças que cresceram nas plantações recém formadas. Ao seu redor, elas somente tiveram acesso a um código, sem estruturas suficientes para funcionar como uma língua natural, a partir de suas capacidades linguísticas, e, apenas por causa delas, as crianças transformaram o *input*, o código — aprendido de forma parcial pela população adulta com pouco ou nenhum acesso à língua dos colonizadores via falantes nativos —, dos seus pais em uma língua plena.

Ainda que substratistas tenham aceitado que alguns mecanismos inatos, previstos por Bickerton, expliquem estruturas similares nas línguas crioulas, o defensor do bioprograma, todavia, não admite qualquer influência do substrato (MUYSKEN & SMITH, 1995: 11). Quanto a essa postura, Mufwene (1986) alega que teorias substratistas e universalistas se tornam irreconciliáveis no momento em que se exclui a possibilidade do outro. Holm (2000: 64) aponta, como um dos efeitos positivos da exclusão total do papel do substrato por Bickerton, a renovação do esforço para se trazerem evidências de que as línguas africanas foram mais relevantes para a formação de vários crioulos do Atlântico.

Enquanto a perspectiva substratista não se mostra consistente na explicação das semelhanças dos aspectos estruturais das línguas de contato, um ponto mais bem explorado pela abordagem universalista, esses fracassam, por sua vez, ao desconsiderar, completamente, o fator social inerente à língua, seja ela crioula ou não. Assim, propostas, conhecidas como gradualistas, surgem como contraponto ao defender o desenvolvimento do crioulo como sistemas contínuos, isto é, em constante

mudança, ao invés de sistemas estáveis que se formaram rapidamente. Nesse sentido, os gradualistas alegam que a estrutura de plantação impôs demandas comunicativas semelhantes ao escravo, geralmente, recém-chegado e sem saber a língua comum. Nesse momento, dá-se início à composição de uma série de sistemas de comunicação improvisada relativamente semelhante que pôde se expandir a partir do uso contínuo, causando o aumento do seu domínio funcional. Tais sistemas, ao se estabilizarem, tornam-se crioulos. Desse modo, na aborgagem do contexto social comum, as semelhanças das estruturas crioulas se devem, outrossim, às similaridades das exigências de comunicação, e não à influência do substrato, como defendem os substratistas, ou em razão de aspectos estritamente cognitivos, como fazem os universalistas (MUYSKEN & SMITH, 1995: 11).

Com relação às perspectivas mencionadas, no presente estudo, buscou-se adotar uma abordagem convergente, isto é, consideram-se, com o mesmo grau de importância atribuída, todos os fatores relacionados à emergência do crioulo, sejam eles de natureza social, estrutural ou cognitiva. Tal postura foi tomada com base na constatação de que o surgimento de uma língua crioula não envolve as línguas do povos subjugante e subjugados, exclusivamente, ou o aparato mental, em particular, trata-se, com efeito, da reunião dos fatores, mencionados, somados ao contexto social, que ofereceu condições para o seu nascimento, e às histórias dos indivíduos que foram obrigados a aprender um código enquanto indivíduos cativos, alijados de seus direitos mais básicos (cf. FARACLAS, 2012). Assim, não assumiremos uma postura reducionista, pressupondo a língua crioula como reflexo do superestrato<sup>2</sup> ou do substrato, tampouco retiraremos dos povos cativos marginalizados o papel de protagonistas da língua, transferindo a função para um aparato cognitivo apenas. Isto posto, para a pesquisa, os falantes de crioulos desenvolveram seus sistemas de forma a tornar a língua plena (e não ‘simples’), como qualquer língua natural, e distinta dos idiomas envolvidos no contato anterior.

---

<sup>2</sup> Para propostas mais abrangentes que inserem a crioulação na aquisição de segunda língua com abordagens menos radicais quanto aos estratos, é possível consultar os estudos de Siegel (2010, 2008).

## 2.2 SÃO TOMÉ: POVOAMENTO E COLONIZAÇÃO

Nesta seção, abordaremos alguns acontecimentos sociais e políticos ao longo dos anos formativos do protocrioulo de base portuguesa do Golfo da Guiné na ilha de São Tomé. Em 2.2.1, trataremos da fase de habitação, seguida pela fase de plantação (2.2.2).

Primeiramente, São Tomé era uma ilha inabitada no momento em que os portugueses ali aportaram (GARFIELD, 1992)<sup>3</sup>. No início da colonização das ilhas, entre o período de 1485 até 1492, houve algumas tentativas de povoamento português. Em uma dessas investidas, o primeiro donatário da ilha, João Paiva, não logrou êxito. A partir de 1493, um grupo maior de povoadores portugueses chegou a São Tomé, o que representou o impulso que faltava para o desenvolvimento do arquipélago e para seu primeiro povoamento bem-sucedido (FERRAZ, 1979:15; GARFIELD, 1992:5-15) que marca o início de uma das duas fases iniciais pelas quais a ocupação de São Tomé pode ser dividida, a saber: a *fase de habitação*, que abrange o povoamento definitivo a partir de 1493 até o começo da produção açucareira por volta de 1515; e a fase de *plantação*, que começa por volta de 1520 e finda ainda no século XVI com o declínio do ciclo do açúcar (GARFIELD, 1992; HAGEMEIJER, 2009). As duas fases serão discutidas, separadamente, nas seções a seguir.

### 2.2.1 A fase de habitação

A fase de habitação pode ser caracterizada como um dos períodos de povoamento mais intensos iniciado no ano de 1493. Nesse mesmo ano, Álvaro de Caminha foi indicado como capitão-donatário da ilha e mantido no posto até o ano de 1505

---

<sup>3</sup>No que concerne às datas das chegadas dos portugueses às ilhas de São Tomé, Príncipe e Ano Bom, não há um consenso, oscilando entre as datas de 1470 e 1478 para São Tomé, 1479 para o Príncipe e 1507 para Ano Bom (CAMPOS, 1971; FERRAZ, 1979).

(FERRAZ, 1979). De acordo com as descrições fornecidas por Valentim Fernandes, em 1506 (*apud* BRÁSIO, 1953), além dos escravos, as pessoas que chegavam a São Tomé, nesse período, habitavam a ilha, geralmente, devido a uma das seguintes razões: por estar a serviço da Coroa (portuguesa) ou por causa do comércio com a região da Guiné. No entanto, a maioria era degredada que, por cometer crimes graves em Portugal, era enviada para São Tomé para povoar a ilha (BRÁSIO, 1953, FERRAZ, 1979). Além desse contingente, por volta de 1500, Portugal envia 2000 crianças judias<sup>4</sup> para São Tomé, cujos pais foram expulsos da Espanha, a fim de convertê-las em ‘boas’ católicas (FERRAZ, 1979:16). Como muitas crianças morreram, por questões de salubridade nas embarcações e por motivos de saúde após a chegada à ilha, somente cerca de 600 crianças sobreviveram, entre meninos e meninas (BRÁSIO, 1953, 4: 33-45). No que diz respeito aos aspectos gerais do meio social nesse período, Hagemeyer descreve:

Devido às tarefas de povoamento e à ausência de uma actividade económica de envergadura, a sociedade de habitação caracterizava-se por um baixo número de povoadores, essencialmente de sexo masculino, que recorria a mão-de-obra africana, em maioria numérica, para as tarefas domésticas, rurais e obras (HAGEMEIJER, 2009:2).

Em relação à fase de habitação, Hagemeyer (1999) afirma que havia dois tipos de escravos: os *escravos de casa* que possuíam fixação permanente na ilha e os *escravos de resgate*, despachados como mercadoria para a feitoria da Mina. De acordo com Hlibowicka-Weglarz (2012: 178), a presença dos *escravos de casa* era de carácter permanente, devido ao trabalho prestado aos colonizadores. Tal grupo possuía mais contato com os povoadores e, por essa razão, desempenhava um papel-chave no processo de crioulização na ilha. Já o segundo grupo de escravos, os *escravos de resgate* (HAGEMEIJER, 1999), era constituído por escravos sequestrados das regiões costeiras do litoral africano e tratados como mercadoria. Embora alguns desse segundo grupo tenham sido vendidos, outros, retidos para pagar os soldos

---

<sup>4</sup> De acordo com Hagemeyer (2011) e Seibert (2007), tal número é controverso.

aos primeiros colonizadores, a maioria deles era usada como moeda de troca para a feitoria da Mina, onde os escravos eram reexportados (HLIBOWICKA-WEGLARZ, 2012: 178). Segundo Hlibowicka-Weglarz (2012: 178), a presença dos *escravos de resgate* nas ilhas era temporária e, inicialmente, não devia ultrapassar o período de cinquenta dias, no entanto, em razão da falta de embarcações, os escravos passavam muitos meses em São Tomé, trabalhando como mão-de-obra temporária nas plantações e, participando, de certo modo, no processo de criouliização.

Dessa maneira, através do contato entre falantes de português, em menor número, com os falantes de várias línguas de origem africana, em maior número, a fase de habitação foi um período propício para a criouliização. Os fatores condicionantes para o surgimento de tal crioulo podem ser correlacionados diretamente ao contato mais intenso entre portugueses e escravos e à necessidade imediata de comunicação, fazendo com que os escravos buscassem se aproximar do código linguístico usado pelos povoadores portugueses (FERRAZ, 1979; HAGEMEIJER, 2009). Desse modo, surge uma língua emergencial do contato entre os portugueses e os escravos que, posteriormente, expande-se, sendo promovida à posição de primeira língua dos descendentes desse contato. Assim, surge o protocrioulo do Golfo da Guiné. Ferraz (1979), referindo-se à língua emergencial que surge nessa fase, afirma:

O primeiro crioulo, o São Tomense original, depois se transformou em quatro crioulos por meio da separação geográfica, e possivelmente também por causa de diferenças que também poderiam ter existido em alguma extensão no substrato (FERRAZ, 1979: 9, *tradução nossa*<sup>5</sup>).

Quanto à possível proveniência do contingente populacional de São Tomé, com base em amostras de DNA, Tomás *et al.* (2002:397-411) encontraram uma maior distribuição de Banto (36.4%) e Benin (52.3%). Desse modo, os primeiros escravos em São Tomé teriam vindo do antigo Reino de Benin, onde hoje se localiza a Nigéria. Segundo Hagemeyer (2009), desde o final do século XV, Portugal mantinha relações

---

<sup>5</sup>This first Creole, the original São Tomense, later changed into four Creoles through geographical separation, and possibly also because of differences which might have existed to some extent in the substratum (FERRAZ, 1979: 9).

diplomáticas e comerciais com o Reino de Benin e relações amigáveis com o Congo, com o último em menor grau nesse período. Assim sendo, é possível relacionar a fase de habitação a uma predominância do resgate de contingente escravo, sobretudo, no Delta do Níger, mais precisamente no Reino de Benin, em que, segundo Hagemeyer (2009: 2), falava-se edo, língua do grupo edoíde. Ladhams, em contrapartida, descreve um cenário linguístico mais complexo no Delta do Níger, tendo em vista que o Reino de Benin, no século XVI, dominava uma região ocupada pelo itsekiri (falantes de uma língua yoruboíde) em conjunto com o porto de Ughoton e o Rio Forcados. Com isso, as pessoas dessas áreas, além da língua, são reconhecidas como edo muito embora não necessariamente fizessem parte do mesmo grupo etnolinguístico. Nessa perspectiva, considerando as áreas, no Delta do Níger, de onde saíam as levadas de escravos, havia comunidades linguísticas diversas como: edo, itsekiri e ijo (LADHAMS, 2007: 6-7). Assim, os escravos, provenientes do Delta do Níger, que chegavam a São Tomé, nem sempre eram edo e, por conseguinte, não falavam necessariamente línguas edoídes. Soma-se a isso o fato de que os mercadores de escravos podem ter sequestrado mão-de-obra fora da região linguística do Delta do Níger. Desse modo, o *input* linguístico apresentado pelo influxo cativo nos primeiros anos de colonização de São Tomé é complexo e possui contornos de difícil precisão (cf. LADHAMS, 2007: 7).

Somadas aos fatores que contribuíram para um cenário favorável à crioulização, estão as políticas de povoamento desenvolvidas por Portugal. Desde o início da ocupação portuguesa, no fim do século XV, os condenados em São Tomé recebiam, cada um, sob decreto régio, uma mulher escrava (CORTESÃO, 1968: 33). Quinze anos mais tarde, o rei Manuel reforça a permanência de tal decreto, concedendo liberdade para as mulheres dadas aos condenados, assim como para os filhos gerados dessa união (BRÁSIO, 1952, 1: 331-332). Essas últimas medidas trouxeram, como consequência, a formação de um novo estrato social: um segmento que, outrora escravo, agora torna-se livre e detentor de *status* (FERRAZ, 1979). Sobre essa nova sociedade, um anônimo descreve (1550): “Esses, então chamados Filhos da Terra,

estavam frequentemente entre os mais abastados e mais poderosos dentre os moradores de São Tomé, possuindo centenas de escravos e outros empregados (ANÔNIMO: 1550: 52, *grifos do autor*).” Hagemeyer advoga que esse segmento de alforriados teria sido mais do que testemunha, constituindo-se como um importante eixo no processo de criouliização:

É plausível que esta comunidade de forros, escravos que recebiam a carta de alforria, com uma identidade própria, tenha estado na origem e consolidação da nova língua que se falava na ilha. O crioulo ter-se-á rapidamente difundido para as roças, no regime de plantação, tornando-se a língua-alvo dos escravos recém-chegados para efeitos de comunicação (HAGEMEIJER, 2009: 4).

No tocante às atividades econômicas, a partir de 1500, os portugueses começaram, paulatinamente, a adquirir os direitos sobre o tráfico dos escravos, ganhando, no começo, o papel de intermediário para conseguir, em 1515, os direitos exclusivos (HLIBOWICKA-WEGLARZ, 2012: 178). A partir de 1515, Hagemeyer (1999: 77) afirma que o tráfico de escravos no Golfo da Guiné passava obrigatoriamente pelas ilhas antes de seguir para a Casa da Mina. Assim, nesse período, São Tomé se transformou em um grande entreposto atlântico dos escravos que abastecia não só os mercados da Mina e de Lisboa, como também os mercados das Américas para o trabalho nas plantações da cana-de-açúcar (HLIBOWICKA-WEGLARZ, 2012: 178-179).

Em 1515, a fase de habitação chega ao fim, podendo ser caracterizada como o período em que o contato entre europeus e africanos era mais próximo se comparado ao regime que se inicia em seguida: o regime de plantação (GARFIELD, 1992). Dessa maneira, pode-se observar que, desde o início da ocupação portuguesa, as condições foram favorecedoras para uma criouliização rápida. O contato promovido pelo povoamento de São Tomé teve como resultado o surgimento de uma língua crioula de base lexical portuguesa, o protocrioulo do Golfo da Guiné que se ramificará em quatro línguas. Tal ramificação começa a ocorrer na fase de habitação, pois a Ilha do Príncipe e a ilha de Ano Bom passaram a ser povoadas nesse período. Assim, o PGG começa a sofrer divisões, pois, para uma direção, os grupos de falantes foram



levados para a ilha do Príncipe; outros para a ilha de Ano Bom e, por fim, um grupo de falantes, incluindo escravos do Congo e da Angola, fugidos dos engenhos e escravos recém-chegados ao arquipélago, constituíram uma comunidade quilombola, originando as comunidades dos Angolares (FERRAZ, 1974, 1979; SEIBERT, 2004; HAGEMEIJER, 2009). Dessa maneira, ao considerar as diferenças prováveis de substratos, com traços banto e do grupo edoide, o angolares apresentaria componentes mais marcadamente banto, ao passo que o lung'ie, devido ao Príncipe ter recebido um maior número de escravos do Delta do Níger, apresentaria um componente mais marcadamente edo (FERRAZ, 1979: 14-16).

Na próxima subseção, será observado, em maiores detalhes, como ocorreu a fase da sociedade de plantação e suas implicações histórico-linguísticas.

## 2.2.2 A fase de plantação

De acordo com Garfield (1992:62), a fase de plantação, iniciada a partir de 1515, caracterizou-se, principalmente, pela exploração intensiva de mão-de-obra escrava para a consecução do duro trabalho que a produção açucareira exigia. A data da introdução do açúcar em São Tomé é incerta, no entanto, seu cultivo já havia sido mencionado nos primeiros decretos no tocante à ilha em 1485 conforme descrito por Galfield (1992). São Tomé apresentava aspectos favoráveis ao cultivo da cana, a saber: clima quente com chuvas abundantes<sup>6</sup>, solo vulcânico, por conseguinte, fértil e, por fim, a disponibilidade do emprego de uma larga escala de cativos (TENREIRO, 1949: 47, CALDEIRA, 2008: 50). Nessa fase, os escravos eram, mais do que nunca, peças-chave na cultura do açúcar em São Tomé. Ao calcular em números tal importância, estima-se que cada fazendeiro possuía de 100 a 300 escravos e havia casos

---

<sup>6</sup>Posteriormente, a umidade excessiva seria responsável pelo fracasso do cultivo de cana na região, porque o produto final (os blocos de açúcar) ficava úmido demais e apresentava qualidade inferior ao açúcar produzido no Brasil e no Caribe.

em que essa soma elevava-se, chegando ao montante de 400 escravos no cultivo de uma única plantação (GARFIELD, 1992:73).

De acordo com Tenreiro (1949: 224), não há estatísticas sobre o número exato de escravos na ilha durante o auge do regime açucareiro, mas sabe-se que havia entre sessenta a oitenta engenhos e cada um tinha cerca de 150 escravos em média. Portanto, o autor estima que a soma se aproxime de 9000 a 12000 escravos<sup>7</sup>. Garfield (1992: 81) destaca que, em muitos engenhos de São Tomé, não havia maquinário de qualquer natureza, existiam apenas celeiros em que a cana era aberta e preparada manualmente. Segundo as descrições do historiador (GARFIELD, 1992:81), as principais razões para tal disposição se devem ao fato de que a mão-de-obra escrava era tão barata, seja em relação à compra, como em relação à manutenção, que era econômico ter todas as operações, que envolvessem a produção do açúcar, realizadas manualmente, ao invés de recorrer a maquinários que eram geralmente vulneráveis e frágeis.

Quanto à proveniência dos escravos que eram levados para São Tomé na fase de plantação, estima-se que o sequestro tenha ocorrido, predominantemente, em zonas em que eram faladas línguas da família banto, mais precisamente variedades do quicongo e do quimbundo, que, segundo Hagemeijer (2009:3), eram tipologicamente muito distintas dos grupos edóides do Reino de Benin, de onde foram levados os escravos na primeira fase de habitação.

No que tange ao cenário econômico, aproveitando-se intensamente do trabalho dos escravizados e do lucro proveniente do tráfico negreiro, nas primeiras décadas do século XVI, São Tomé alcança prosperidade econômica. No entanto, a história da cultura de açúcar em São Tomé não se caracterizou apenas por sucessos. Tanto o apogeu econômico como a crise ocorreram no espaço de tempo de pouco mais de 70 anos (GARFIELD, 1992). As motivações para o declínio da indústria do açúcar em São Tomé são descritas por Caldeira (2008):

---

<sup>7</sup>É preciso salientar, contudo, que o estudioso não considerou nessa quantia os escravos que trabalhavam nas casas dos senhorios ou em outras atividades que também demandavam força braçal.

Efectivamente, embora o arquipélago disponha de condições ideais para o cultivo da cana (clima, solo fértil, abundância de água...) não acontece o mesmo em relação ao fabrico, com excesso de humidade do ar a prejudicar a secagem dos ‘blocos de açúcar’. Além da qualidade inferior do produto (incapaz de concorrer com as exportações brasileiras em ascensão vigorosa), somam-se outros factores negativos, como a paritose que afectou as plantações são-tomenses entre 1580 a 1595 [...] (CALDEIRA, 2008: 50).

Segundo Garfield (1992: 86-87), há evidências de que, no final do século XVI, a vida dos escravos tornou-se ainda mais árdua, provavelmente, como consequência da necessidade dos fazendeiros de espoliar por completo a mão-de-obra escrava a fim de competir com a produção emergente do Brasil. Assim, escravos, confinados para a plantação, eram frequentemente impedidos de cultivar para a sua subsistência. Além disso, a separação de famílias cativas, a criação forçada dos escravos, segundo o autor, “como cavalos”, e a recusa para libertar crianças escravas (que no passado tinha ocorrido por decretos) tornaram-se comuns (LE BLANC *apud* GARFIELD, 1992: 87).

Ademais, a crise pela qual São Tomé estava passando foi agravada pelo ataque de piratas franceses que, conforme Negreiros (1895: 60) relata, “invadiram a ilha e cometeram todos os tipos de barbaridades.” Além do ataque corsário, havia a fuga contínua de escravos das roças que passavam a viver em comunidades quilombolas afastadas da cidade. No final do século XVI, São Tomé foi cenário de mais um conflito, esse conhecido como a ‘guerra do mato’ que opôs os colonos aos inúmeros escravos fugidos continuamente das roças (CALDEIRA, 2008:50). Diante de um colapso econômico e social, em 1600, uma frota holandesa atacou a ilha e saqueou a capital (FERRAZ, 1979: 19).

Um aspecto que merece destaque em meio à crise açucareira foi o exôdo dos portugueses de São Tomé diante da instabilidade da ilha (FERRAZ, 1979; CALDEIRA, 2008). Cortesão (1968) deu a seguinte descrição da situação no início do século XVII:

Nesse momento, São Tomé estava em plena decadência. Os fazendeiros, de quem os combatentes angolares<sup>8</sup> não cessavam de preocupar depois de 1575, e os comerciantes e os construtores de barcos, continuamente perseguidos no mar, tinham a partir do final do século XVI abandonado a ilha em amplos números, a maioria deles ia para o Brasil. A indústria açucareira declinou notavelmente; dos muitos engenhos não mais que ruínas permaneciam; e parte da cidade antiga e densamente povoada agora estava deserta e destruída (CORTESÃO, 1968: 42).

Como pondera Caldeira (2008:50), o fluxo de colonos portugueses para as ilhas do Golfo da Guiné somente foi maior durante o auge da fase açucareira, mas, ainda nesse período, havia a necessidade do reforço populacional por meio do envio frequente de condenados e por meio da autorização para a fixação de *crístãos-novos*. A baixa afluência de portugueses também pode ser justificada pelas dificuldades de habitação que o arquipélago de São Tomé impunha:

A cólera e a febre tifóide, além das doenças contagiosas comuns na Europa, não deixavam de massacrar igualmente a população branca, mas será sobretudo a malária que, pelo seu efeito dizimador, criará a ideia das ilhas de São Tomé e Príncipe como “cemitério de europeus”, afastando potenciais candidatos à fixação no arquipélago e, correlativamente, facilitando a africanização do território. De facto, as populações que crescem nas zonas endêmicas da malária desenvolvem anticorpos que lhes permitem ganhar uma relativa imunidade em relação a essa doença, o que de todo não acontecia com europeus acabados de desembarcar (CALDEIRA, 2008: 50).

De acordo com Ferraz (1979: 19-20), a saída massiva do contingente português apresentou implicações linguísticas no que tange ao desenvolvimento das línguas, haja vista que contribuiu para sua ampla extensão. Em outras palavras, a protolíngua, nesse momento, possuía, de forma cada vez mais limitada, a língua portuguesa como modelo e esse afastamento poderia explicar o alto componente de origem africana no seu léxico e na sua fonologia.

Após descrever brevemente as fases de ocupação portuguesa em São Tomé e os seus desdobramentos no que se refere aos cenários social e linguístico do arquipélago,

---

<sup>8</sup>O autor se refere aos antigos escravos fugidos das roças.

cabe às próximas subseções a descrição das condições socio-históricas que levaram à especiação das línguas-filhas do PGG.

## 2.3 CONJUNTURA SOCIO-HISTÓRICA DA ESPECIAÇÃO E SITUAÇÃO ATUAL DAS LÍNGUAS-FILHAS

Esta seção se destina a tratar, primeiramente, de forma breve, do contexto socio-histórico que promoveu o surgimento do PGG e de suas línguas-filhas. Nas subseções subsequentes, por seu turno, observaremos cada língua-filha, em particular, e de maneira mais extensa.

No que tange à localização geográfica, das quatro línguas autóctones da região insular das antigas colônias portuguesas do Golfo da Guiné, três são faladas em São Tomé e Príncipe, sendo que duas delas são faladas na ilha de São Tomé (santome e angolar) e uma, falada na ilha do Príncipe (lung'ie). A quarta língua, o fa d'ambô, é falada na Ilha de Ano Bom, distante cerca de 150 km a sudoeste de São Tomé (cf. Figura 2.1).



Figura 2.1: Mapa de São Tomé e Príncipe e de Ano Bom.  
(Fonte: <<http://mapmaker.nationalgeographic.org/>>)

Após o PGG ter sido formado, deu-se início à separação geográfica de seus falantes que, outrora escravizados e alojados em São Tomé; por um lado, são levados a regiões, como as ilhas de Ano Bom e do Príncipe, e, por outro, tornam-se foragidos dos engenhos e, ao formar quilombos, dão origem à comunidade dos Angolares em São Tomé. Quanto à ordem de ocorrência dos fatos, tal separação dos falantes é iniciada, no século XVI, com a colonização portuguesa de novas ilhas, a começar pela Ilha do Príncipe, sendo seguida, quase simultaneamente, pela Ilha de Ano Bom. A divisão dos falantes se finaliza quando uma parcela de escravos da capital escapa dos engenhos, fundando uma comunidade quilombola em São Tomé.

No que se refere à formação do lung'ie, as levas de escravos, oriundas de São Tomé, transplantadas para o Príncipe, eram, em sua maioria, falantes do protocrioulo (HLIBOWICKA-WEGLARZ, 2012: 182-183). Com a separação e o posterior isolamento desses falantes, provocado pelo deslocamento para a ilha, o protocrioulo passa por uma especiação, constituindo-se, anos depois, no lung'ie. Ambas as ilhas funcionaram como entreposto no tráfico de escravos, possuindo contratos a prazo com o rei de Portugal quanto ao abastecimento de escravos para a Mina e, logo depois, para Lisboa e para as sociedades coloniais das Américas (HAGEMEIJER, 1999: 83; HLIBOWICKA-WEGLARZ, 2012:182-183). Em vista disso, soma-se ao contingente de escravos advindo de São Tomé um grande número de cativos do Delta do Níger (zona em que se falavam línguas edoídes) que teria sido transportado diretamente para a Ilha do Príncipe, sem passar por São Tomé. Adicionalmente, contrário a São Tomé que, a partir de 1520, recebeu um grande contingente de escravos do Congo e de Angola, o número de prisioneiros provenientes de zonas banto com permanência fixa na Ilha do Príncipe foi restrito, posto que o ciclo do açúcar se desenvolveu, sobretudo, na ilha de São Tomé (HAGEMEIJER, 1999: 83).

Entre os anos de 1493 e 1501, os portugueses descobriram a ilha de Ano Bom, até então inabitada, mantendo essa possessão até 1778<sup>9</sup>. Evidências linguísticas

---

<sup>9</sup>De 1778 a 1968, a ilha esteve sob o domínio espanhol e, desde 1968, é parte da República da Guiné Equatorial.

apontam que as levas de escravos transplantados a Ano Bom passaram períodos em São Tomé ao ponto de levarem para a ilha de Ano Bom a língua falada naquela colônia, o protocrioulo (ARAUJO *et al.*, 2013: 26-27). Com o decorrer dos anos, em Ano Bom, a língua dos transplantados passa por uma especiação, consolidando-se, por conseguinte, numa nova língua, o fa d'ambô. A manutenção das estruturas linguísticas do fa d'ambô se deve, essencialmente, ao fato de que a especiação do PGG, tal qual como aconteceu com o lung'ie, deu-se nos primeiros anos de habitação das ilhas do Ano Bom e do Príncipe, séculos antes da transferência de domínio político de Ano Bom à Coroa espanhola (FERRAZ, 1979: 14-15).

Os indivíduos remanescentes na Ilha de São Tomé, ao lado do contingente africano, tiveram dois destinos: os membros do grupo étnico forro e os homens africanos (livres e não livres) permaneceram na capital, enquanto outros (incluindo forros e escravos) escaparam para formar quilombos, criando, assim, um novo grupo étnico, os angolares. O PGG, falado na capital, deu lugar, posteriormente, ao santome. Com a saída massiva dos colonizadores portugueses da capital, no início do século XVII, é possível supor que a evolução do santome tornou-se livre do modelo da língua portuguesa, contribuindo para sua extensão, o que explicaria também o índice de elementos de origem africana no seu léxico e na sua fonologia (FERRAZ, 1979: 19-20). Quanto ao segundo grupo, presume-se que, por volta dos séculos XVI, os já falantes de protocrioulo, na condição de escravos foragidos, afastaram-se da capital, indo em direção a locais inabitados, formando assim uma nova comunidade (SEIBERT, 2004: 54-55). Posteriormente, com o isolamento e com aporte banto, esse protocrioulo ramificou-se em uma nova língua, o angolar (cf. HAGEMEIJER, 2009: 5; HLIBOWICKA-WEGLARZ, 2012: 181-183). Garfield (1992) chama atenção para o fato de que possivelmente falantes de santome e do angolar cohabitaram, sendo que o angolar recebeu elementos linguísticos do santome, sobretudo devido à prática dos angolares de raptarem mulheres da capital somado ao fato de os escravos foragidos, muitas vezes, já falarem santome, o que pode ter alimentado o angolar.

Em síntese, o processo de ramificação das quatro línguas ocorreu em um período posterior à fase de habitação, período em que o PGG foi formado. Tendo o PGG como língua primeira, grupos de falantes são levados, em parte, para a ilha do Príncipe, onde, posteriormente, surge o lung'ie e, de maneira semelhante, grupo de falantes do PGG são levados para Ano Bom, onde se desenvolve, transformando-se, em seguida, em fa d'ambô. Na ilha de São Tomé, os falantes de PGG se dividem entre aqueles que ficaram na capital e aqueles que constituíram uma comunidade quilombola. Destarte, o PGG, falado na capital, especia-se, tornando-se o santome, ao passo que o protocrioulo falado pelos quilombolas ramifica-se, transformando-se no angolar. Cada língua-filha contemporânea será tratada, separadamente, nas próximas seções.

### 2.3.1 Santome

De acordo com Araujo e Hagemeyer (2013), a primeira referência histórica ao santome é de 1627, em que o Padre Alonso de Sandoval, a partir de Cartagena (Colômbia), menciona a existência de uma *lengua de San Thomé*. No século XVIII, em 1766, Gaspar Pinheiro da Câmara também faz alusão a esta língua (*apud* HOLM, 1988). Em 1882, Schuchardt escreve um estudo sobre o santome, treze anos depois, Negreiros publica sua *Historia Ethnographica da Ilha de S.Thomé* (NEGREIROS, 1895), trabalho que contém um capítulo sobre a língua. Na primeira metade do século XX, há registro do uso do vernáculo por Francisco Bonfim de Jesus, autor de alguns artigos intitulados **Tende cuá** 'Escutem', no jornal *A Liberdade*, nos anos de 1920, e de um conjunto de panfletos contra o governo colonial, assinados como **Lêdê d'alami s'awa** ('A rede de arame está na água'), nos anos de 1940, todos escritos em santome (ARAÚJO & HAGEMEIJER, 2013: 11). Certamente, ao longo do século XX, pelo menos até a independência, o santome era a língua mais falada no país — superada pelo português sobretudo depois da independência de Portugal



em 1975—, além também de ser uma língua de resistência política, como mostram os panfletos da década de 40.

No que tange à sua gênese, o surgimento do santome está intrinsecamente relacionado à formação de uma nova sociedade com reivindicações e poderes socioeconômicos próprios durante a fase de habitação quando, em 1515 e 1517, o rei Dom Manuel declarou livres as escravas dadas aos portugueses, assim como os seus filhos (HLIBOWICKA-WEGLARZ, 2012: 179). Essa comunidade de *forros* muito provavelmente estava presente na origem e consolidação da nova língua falada na ilha (HAGEMEIJER, 2009: 5).

Conforme Hlibowicka-Weglarz (2012: 181) afirma, nos finais do século XV e no início do século XVI, a maioria dos escravos chegou a São Tomé, proveniente da região do Delta do Níger, região em que se falavam línguas africanas do grupo Benue-Congo. Por meio de análise de dados linguísticos, Hagemeijer (2009) defende: “A breve incursão na sintaxe não só mostra que os crioulos do Golfo da Guiné têm essencialmente a mesma estrutura mas também que as estratégias sintáticas se inclinam, em geral, para estratégias que também estão disponíveis no substrato Edo [...]” (HAGEMEIJER, 2009: 15). Baseado em dados linguísticos, Hagemeijer (2009: 15) conclui que o protocrioulo do Golfo da Guiné é uma língua que resultaria predominantemente do contato entre o português e o edo (ou línguas do grupo edóide). A formação do PGG e sua posterior ramificação para o santome aconteceu de maneira rápida, restringindo-se sobretudo à fase de habitação, com um efeito fundador para o contato linguístico entre o português e o edo (cf. HAGEMEIJER, 2009: 15; ALEXANDRE & HAGEMEIJER, 2013).

A fase de plantação, por se caracterizar pelo desenvolvimento da produção de cana sacarina para fins comerciais, exigiu mão-de-obra em larga escala. Em vista disso, nessa fase, houve o deslocamento da área de resgate do Benin para zonas banto, primeiro o Congo e pouco depois Angola, onde eram faladas, entre outras línguas banto, o quicongo e o quimbundo, (ALMEIDA MENDES, 2008, HAGEMEIJER, 2009). Em relação à chegada maciça de escravos das zonas banto, em

detrimento de escravos do Delta do Níger, e ao impacto dessas línguas banto durante a fase de plantação, Hagemeyer (2009: 16-17) sugere que “[...] nestas condições, o Kimbundo não deve ser considerado uma língua de substrato, um papel reservado ao Edo, mas sim uma língua de adstrato, sem efeito fundador”. Hagemeyer (2009: 17) faz tal afirmação, baseado em indícios de que, após o período formativo, os quatro crioulos do Golfo da Guiné tenham se estabilizado ainda durante o século XVI, período em que o edo possuía maior representatividade em termos de números de falantes. Não obstante, Ladhams (2007: 6-8) mostra um quadro mais complexo para as línguas que poderiam ter participado dos primeiros anos da colonização.

Quanto à ocupação do espaço atual de São Tomé e Príncipe, *The World Factbook* estima que cerca de 61% da população ocupe as aglomerações urbanas, enquanto 39% vivem na zona rural (FACTBOOK, 2009). Essa distribuição sinaliza que a parcela majoritária populacional, ao estar inserida em contexto urbano, estaria mais exposta às influências do português, língua oficial do país e principal veículo de comunicação nesses locais. Além da urbanização, outro fator que condiciona o uso do português, em detrimento do santome, está relacionado à aprendizagem do santome como língua materna. Embora o santome esteja na posição de língua mais falada, entre as línguas autóctones, tem sido cada vez mais reduzido o número de pessoas que o aprendem como língua materna. No entanto, o santome é a língua autóctone que desfruta de maior prestígio no país, sendo a língua de identidade do grupo étnico forro. No interior de São Tomé, ainda é muito usada além de ser associada aos costumes tradicionais do grupo forro e empregada em canções tradicionais são-tomenses. Quanto ao *status* do santome, Lorenzino (1996: 435) afirma que: “o seu prestígio deve-se por ter sido a língua dos mestiços que atingiram um influente *status* socio-económico quando converteram-se em proprietários de terras e escravos”. Atualmente, o santome é a língua, depois do português, que possui

mais falantes em São Tomé e Príncipe. Atualmente, do total absoluto de 173.015 habitantes, 62.707 declaram ser proficientes em santome<sup>10</sup> (INE, 2013).

### 2.3.2 Lung'ie

A ilha do Príncipe se encontrava inabitada no momento em que os portugueses chegaram no dia 17 de janeiro de 1472 (HENRIQUES, 2000). A referida data é o dia dedicado a *Santo Antão*, sendo o primeiro nome atribuído à ilha, que foi modificado para Príncipe como homenagem a Dom João, conhecido como o Príncipe Perfeito (MAURER, 2009:1). Embora tenha sido descoberta em 1472, somente por volta de trinta anos depois, a ilha começa a ser colonizada.

No que se refere ao cenário linguístico, o PGG, já constituído, foi levado da ilha de São Tomé para o Príncipe no início do século XVI (HLIBOWICKA-WEGLARZ, 2012:182-183). Com a separação e o posterior isolamento, resultado do deslocamento para a ilha do Príncipe, somado ao aporte de novo material linguístico proveniente das levas de escravos enviados diretamente à ilha, houve condições para o desenvolvimento independente do lung'ie. Por ter sido isolado desde muito cedo, de acordo com Hagemeyer (2009: 15-16), conjectura-se que, do ponto de vista do léxico e da fonologia, o lung'ie seria a língua do grupo que mais apresenta léxico de origem edo e o que mais reteve aspectos fonológicos<sup>11</sup> edóides, exclusivos da área onde essas línguas eram faladas. Um possível exemplo dessa influência na fonologia seria o fonema velo-labial sonoro /g̃b/, inexistente no grupo banto e uma particularidade da zona linguística em que se inserem as línguas edóides (HAGEMEIJER, 2009: 09). Ao comparar itens dos quatro crioulos, nota-se que apenas o lung'ie apresenta

---

<sup>10</sup>O censo de 2011 não oferece dados sobre o bilinguismo ou o multilinguismo, sem definir também se cada língua contabilizada é falada como primeira ou segunda língua.

<sup>11</sup>Tal afirmação demanda ponderação, posto que, sem um estudo fonológico sobre as línguas edóides, não é possível ter certeza sobre essas supostas peculiaridades linguísticas do grupo edo. Ademais, Ladhams (2007) sugere uma diversidade étnica maior nos primeiros anos formativos do PGG.

o fonema, tal como em edo, demonstrando condições linguísticas de preservá-lo, ao passo que, nos demais crioulos, /g̃b/ deu origem aos fonemas labializados /bw/ e /kw/. Hagemeyer (2009: 09) afirma que “[...] esta diferença reside plausivelmente na chegada maciça de falantes de línguas banto à ilha de S. Tomé, na fase de plantação, que não tinham condições linguísticas para conservar a oclusiva velar<sup>12</sup> [sic] por esta não fazer parte do seu inventário fonético.” Contudo, os dados mostram que as consoante velo-labiais estão restritas a poucos itens lexicais. Ainda quanto à manutenção de características do edo, o lung’ie possui vibrantes simples, fonológicas nas línguas do grupo edo, mas atípicas nas línguas banto e nos demais crioulos de São Tomé e Príncipe (HAGEMEIJER, 2009: 9). Embora a vibrante só ocorra nos exemplos oriundos do português, a presença da vibrante pode indicar não só um reflexo do PGG no lung’ie, mas também a fase de separação do lung’ie das demais línguas, uma vez que houve a lateralização ou apagamento, dependendo da posição, da vibrante nas demais línguas. Tal lateralização foi posterior à separação e mudança do PGG para a Ilha do Príncipe.

Ademais, o lung’ie apresenta um número relevante de nomes aos quais foram adicionados uma vogal inicial quando iniciados por uma consoante. Conforme Hagemeyer (2009: 10), tais vogais existem nos demais crioulos, mas, em menor número, e indicam a influência do edo que possui uma regra morfológica de acordo com a qual todos os substantivos devem começar por uma vogal. Ladhams (2007) afirma que, apesar de as outras línguas-irmãs apresentarem o mesmo fenômeno, no lung’ie, o processo ainda pode ser produtivo, como pode ser observado no exemplo contemporâneo [u'karu] ‘carro’. Defenderemos, contudo, na subseção 4.6.6 uma hipótese diversa.

Por ter um número reduzido de falantes, em torno de 1753 de acordo com o censo (INE, 2013) e, entre 20 a 30 pessoas, conforme estima Maurer (2009:3), o lung’ie é considerado uma língua ameaçada (MAURER, 2009; GÜNTHER, 1973).

---

<sup>12</sup>No texto original, o fonema /g̃b/ é referido como uma consoante oclusiva velar, no entanto, tal fonema é uma consoante oclusiva velo-labial sonora.

Para Maurer (2009: 3), a epidemia da doença do sono (*tripanossomíase*), por volta de 1900, pode ser caracterizada como o ponto de partida para o declínio da população falante do lung'ie. Segundo Günther (1973: 12) e Maurer (2009: 3), tal epidemia teve um impacto muito significativo no desenvolvimento demográfico do Príncipe, haja vista que apenas 300 pessoas sobreviveram. Essa redução populacional, associada a outras demandas de mão-de-obra, levou as autoridades coloniais a importar trabalhadores contratados, primeiramente das colônias portuguesas, tais como Angola e Moçambique, e, posteriormente, de São Tomé e especialmente das ilhas de Cabo Verde.

No que tange à classificação do lung'ie como língua ameaçada, é preciso considerar os fatores indicativos do nível de ameaça linguística. O primeiro fator que pode ser mencionado é *(i)* o número de crianças que adquirem a língua como primeira. O segundo fator diz respeito à *(ii)* atitude da comunidade face à língua em questão e, por fim, o terceiro fator está relacionado ao *(iii)* grau de impacto de outras línguas que podem estar a ameaçando (CRYSTAL, 2000: 19-20). Crystal (2000: 19) afirma que há três níveis no que se refere a uma provável ameaça a uma determinada língua, a saber: *seguro*, *ameaçado* ou *extinto*. Somada a essa tipologia, Michael Krauss (1992:4) adiciona a categoria de *moribundo* para a língua que não mais desempenha a função de língua materna, uma vez que não é aprendida com primeira língua pelas crianças. Crystal (2000: 20) advoga que essa última categoria transmite um conceito que ultrapassa o estágio de ameaça. A classificação trata da qualidade principal de línguas dessa tipologia: a impossibilidade de uma transmissão intergeracional (cf. AGOSTINHO *et al.*, 2016). Há outras escalas mais detalhadas para delimitação da vitalidade de uma língua como a escala da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (com 6 níveis), a escala proposta pelo linguista Joshua Fishman (com 8 níveis) e a do linguista Paul Lewis (com 13 níveis).

Portanto, o lung'ie, de acordo com a tipologia de Crystal (2000: 1-20), pode ser classificado como uma língua ameaçada, devido à ausência de falantes como

primeira língua (que sejam crianças). Somado a isso, é preciso considerar o nível de impacto de outras línguas, como o português, língua oficial e mais utilizada em todas as esferas sociais, e o kabuverdianu, haja vista que há muitos falantes descendentes dos trabalhadores contratados que chegaram na ilha no final do século XIX e começo do XX. Em consonância com os pontos discutidos por Crystal (2000), Maurer (2009) elenca os fatores que fazem do lung'ie uma língua ameaçada:

Primeiramente, a supracitada epidemia da doença do sono, cuja consequência foi a de que os falantes nativos do lung'ie foram rapidamente superados em números pelos trabalhadores contratados. Em segundo lugar, a língua não tem sido passada adiante para os mais jovens por três ou quatro gerações, e, em terceiro, nenhuma medida foi tomada no passado para dar aos imigrantes, especialmente imigrantes de Cabo Verde, acesso ao lung'ie. Portanto, a língua mais difundida no Príncipe hoje em dia, depois de variedades regionais do português, é o crioulo de Cabo Verde<sup>13</sup> (MAURER, 2009:3-4, *tradução nossa*).

Esse quadro de ameaça à sobrevivência da língua se constituiu também, segundo Maurer (2009:3), devido à falta de facilidades de atendimento médico no Príncipe. Assim, muitos falantes nativos teriam morrido prematuramente. No entanto, é imprescindível salientar que, nos últimos anos, de acordo com Agostinho *et al.* (2016), a atitude da comunidade de fala do lung'ie, com o apoio do governo regional, tem se modificado positivamente no sentido de buscar utilizar, com mais frequência, o lung'ie em um maior número de circunstâncias sociais.

---

<sup>13</sup>“Firstly, the forementioned sleeping sickness epidemy, whose consequence was that the native speakers of Lung’Ie were soon outnumbered by the indentured labourers. Secondly, the language has not been passed on to younger people for three or four generations, and thirdly, no effort was made in the past to give immigrants, especially immigrants from Cape Verde, access to Lung’Ie. Therefore, the most widespread language on Príncipe nowadays, after regional varieties of Portuguese, is Cape Verdean Creole” (MAURER, 2009:3-4).

### 2.3.3 Angolar

No que tange à existência da comunidade dos angolares em São Tomé e Príncipe, há três hipóteses concorrentes (SEIBERT, 2004). A primeira hipótese, de origem popular e difundida dentre a população local, formulada no século XIX, defende que os angolares são descendentes dos sobreviventes de um naufrágio de um navio de escravos oriundo de Angola em meados do século XVI. A segunda hipótese alega que os angolares seriam habitantes autóctones de São Tomé e, por essa razão, já estariam presentes na ilha no momento em que os portugueses ali aportaram. Por fim, a terceira hipótese (*hipótese dos quilombolas*) advoga que os ascendentes dos angolares eram antigos escravos que fugiram para áreas até então inabitadas, construindo uma nova comunidade, posteriormente ampliada com elementos dos recém-fugidos das roças e das cidades, por volta dos séculos XVI e XVII.

Ferraz (1974) é um dos principais defensores da terceira hipótese. O primeiro argumento no qual o autor se baseia é o fato de que os angolares não falavam uma língua da família banto, mas uma língua de base portuguesa. O segundo ponto diz respeito à questão de como os angolares poderiam falar um crioulo baseado no português, embora vivessem em isolamento do resto da população durante tanto tempo, como alegado, sobretudo, pela primeira hipótese. Baseado em pesquisas de comparações genéticas entre as três línguas, Ferraz (1974) mostra que o angolar está relacionado linguisticamente com o santome e o lung'ie, descartando as hipóteses de naufrágio e de que os angolares já habitavam São Tomé antes de os portugueses chegarem. Ferraz (1974) formula então a tese de que os escravos fugidos foram expostos às fases formativas do protocrioulo. Com o isolamento dos angolares, houve a especiação da língua, surgindo o angolar.

Além de Ferraz (1974), há outros estudiosos que defendem a hipótese dos quilombolas. Seibert (2012: 22-23), por exemplo, afirma que, a partir do início da colonização de São Tomé, a fuga dos escravos para o interior da ilha, de difícil acesso e montanhoso, era um fenômeno recorrente. Segundo o autor, escravos fugiam em

razão dos maus tratos e das más condições de trabalho, somados à falta de alimentos e ao próprio cerceamento da liberdade (SEIBERT, 2012: 22-23).

Ademais, Seibert (2004) salienta que diversos documentos históricos sobre escravos fugidos e comunidades de fugitivos em São Tomé corroboram a terceira hipótese. A exemplo do relato do terceiro donatário de São Tomé, Álvaro de Caminha. Em 1499, o donatário se refere, frequentemente, à fuga de escravos para o ‘mato’, ou seja, para as regiões de floresta distantes da cidade-capital (ALBUQUERQUE, 1989 *apud* SEIBERT, 2004: 55). Dias & Diniz (1988) observam que, devido à densidade da floresta no interior montanhoso da ilha, os cativos foragidos conseguiram constituir um quilombo que subsistiu em relativo isolamento até o último quartel do século XIX. Isolamento esse que era viabilizado em virtude de sua inacessibilidade e do declínio econômico e demográfico da ilha, entre os séculos XVII e XVIII (DIAS & DINIZ, 1988: 53).

É preciso salientar, todavia, que o isolamento mencionado não deve ser considerado absoluto, posto que os ataques e os assaltos à capital pelos fugitivos eram comuns. Em 1574, por exemplo, Henriques (2000: 116) menciona que escravos foragidos atacaram a cidade, sendo expulsos, logo em seguida, por moradores. Além disso, fazendas mais isoladas eram abandonadas pelos colonos, devido à ameaça de assaltos pelos foragidos (SANTOS, 1996: 81). Caldeira (2004: 113) argumenta que, mesmo com as expedições militares, os colonos não conseguiam reassumir as regiões saqueadas, as zonas no oeste e sul de São Tomé. Essas zonas se tornaram, por conseguinte, inseguras face à proximidade dos núcleos dos quilombolas. Seibert (2012: 23) aponta que, em 1693, o capitão do mato, Mateus Pires, realizou a derradeira grande ação militar contra os fugitivos que, com frequência, sequestravam mulheres nas plantações e na capital. Depois da derrota, de acordo com Almeida (1962: 10), ninguém mais tentou entrar nos terrenos dos escravos foragidos “sob pena de não sair com vida”. Tomando como base tais fatos, não se pode afirmar que os quilombolas viviam em isolamento completo. Os assaltos à capital somados ao sequestro de mulheres das fazendas evidenciam que falantes de angolar tiveram contato com



falantes de santome, o que viabilizou a troca de elementos linguísticos entre ambas as línguas.

Os falantes do angolar vivem, hoje, nas zonas do litoral de São Tomé, no distrito de Caué, entre Ribeira Afonso até Porto Alegre e, no litoral noroeste, a partir de Neves até Bindá, no distrito de Lembá, e ademais, próximos à cidade de São Tomé, existem pequenos grupos de falantes em São João da Vargem, Pantufo e Praia Melão (CEITA, 1991). Para fins de análise, a pesquisa tem, como objeto de investigação, o angolar falado na comunidade de São João dos Angolares, uma pequena vila do distrito Caué. Estima-se que sua população local seja de 6.887 habitantes (INE, 2013). Atualmente, de acordo com os resultados do último censo realizado no país, da população absoluta (173.015), 11.377 são falantes do angolar, representando uma parcela de cerca de 6% da população (INE, 2013).

### 2.3.4 Fa d'ambô

Ano Bom (*Annobón* em espanhol) é uma pequena ilha de 17,2 km<sup>2</sup>, pertencente à República da Guiné Equatorial<sup>14</sup>, situada ao sudoeste da ilha de São Tomé.

A data da chegada dos europeus a Ano Bom é fonte de dissenso. Segorbe (2007: 73) afirma que a descoberta da ilha ocorreu em 1471 por navegadores portugueses. Para Caldeira (2010: 90), o descobrimento da ilha se deu em um primeiro de janeiro, o dia do Ano Novo ou do Ano Bom. Embora não seja possível, a partir de fontes fidedignas, estabelecer o ano exato da chegada dos portugueses à ilha de Ano Bom, Caldeira situa o evento entre 1493 e 1501. Segundo Araujo *et al.* (2013), em 1503, Jorge de Melo se tornou o primeiro capitão-donatário da ilha e responsável pela

---

<sup>14</sup>A Guiné Equatorial é um país multilíngue no qual são faladas as seguintes línguas (ARAÚJO *et al.*, 2013): o *fang* (cerca de 300 mil falantes), o *pichi* (5 mil), o *bubi* (40 mil), o *espanhol* (11.500), o *seki* (11 mil), o *batanga* (9 mil), o *kwasio* (8.500), o *ngumbi* (4 mil), o *benga* (3 mil), o *molengue* (1 mil), o *yasa* (910) e o *gyele* (29). Ademais, o francês e o português são as línguas oficiais ao lado do espanhol, sendo, entre as três, a língua mais falada, em detrimento do francês e português.

primeira povoação da ilha conforme o modelo de colonização portuguesa do começo do século XVI. Contudo, segundo Caldeira (2006), os colonizadores só chegariam em Ano Bom em 1543. As razões para essa demora na colonização se devem a diversos aspectos, tais como a pequena extensão territorial da ilha, o relevo montanhoso que deixava poucas áreas férteis cultiváveis, ainda a falta de ancoradouros seguros, sua posição longe das rotas comerciais portuguesas e, por fim, a forte concorrência com a ilha de São Tomé (CALDEIRA, 2007, 2010).

De acordo com Araujo *et al.* (2013: 26-27), durante o século XVI, a ilha teve pouca ou quase nenhuma presença portuguesa. Segundo Caldeira (2007), por longos períodos, apenas o feitor ou o representante do capitão-donatário e sua guarda-pessoal eram os únicos portugueses que viviam na ilha. Diante da impossibilidade de se implantar um sistema de produção agro-industrial, Portugal implantou um sistema de produção de partilha. Em vista disso, o capitão-donatário impunha obrigações aos escravos africanos, entre as quais, havia a entrega de uma quantidade de algodão, às vezes, já tecido em faixas, constituindo-se o principal rendimento do capitão-donatário (CALDEIRA, 2007:2).

Na passagem do século XVII para o século XVIII, de acordo com Caldeira (2008: 3), o último representante português deixa a ilha, não se sabendo ao certo se fora expulso ou morto. Posteriormente, os escravos impedem a entrada de imigrantes na ilha por dezenas de anos, sejam eles colonizadores ou não. Por essa razão, a população de Ano Bom se torna de *facto* livre, porém isolada. Caldeira (2008: 6) destaca que tal autonomia persistiu por quase 200 anos contínuos, de 1700 a 1885. Tais fatos colaboraram sobremaneira para a especiação da língua que se desenvolveu livremente, posto que não havia mais o *input* português, nem o afluxo de novos escravos.

Atualmente, a população de falantes do fa d'ambô é de aproximadamente 5.600, sendo cerca de 5 mil da Ilha de Ano Bom, e 600 distribuídos entre a capital Malabo, em outros lugares da Guiné Equatorial Continental e na Espanha

(ARAUJO *et al.*, 2013: 26). De acordo com Araujo *et al.* (2013: 26), o fa d'ambô está inserido no seguinte cenário linguístico:

Devido ao isolamento da Ilha de Ano Bom e ao número reduzido de falantes, frente às demais línguas do país, o fa d'ambô pode ser considerado uma língua minoritária na RGE (República da Guiné Equatorial). Embora minoritária, a língua não se encontra ameaçada de extinção, posto que possui falantes nativos, é aprendida pelas crianças e tem grande relevância social na comunidade anobonesa (ARAUJO *et al.*, 2013: 26).

Nesse sentido, o fa d'ambô é uma língua crucial para o entendimento da gênese e do desenvolvimento das línguas crioulas de base portuguesa do Golfo da Guiné e do Atlântico como um todo. Assim, as informações a respeito de sua fonologia, bem como os aspectos fonológicos das demais línguas-filhas, serão apresentadas no próximo capítulo.

## 2.4 SÍNTESE

São Tomé era uma ilha inabitada no momento em que os portugueses ali chegaram. Seu povoamento pode ser dividido em duas fases: a *fase de habitação* que se limita entre o povoamento definitivo a partir de 1493 até o começo da produção açucareira no primeiro quartel do século XVI; já a segunda fase, a de *plantação*, começa por volta de 1520 e termina no século XVI com a crise do ciclo do açúcar (GARFIELD, 1992; HAGEMEIJER, 2009). Na fase de habitação, houve um intenso contato entre falantes de português, em menor número, com os falantes de várias línguas de origem africana, em maior número. Desse modo, o contato linguístico no processo do povoamento da ilha São Tomé resultou numa língua crioula de base lexical portuguesa, o protocrioulo do Golfo da Guiné (PGG) (GÜNTHER, 1973, FERRAZ 1974, 1979; HAGEMEIJER, 2009).

Num período posterior à fase de habitação, tendo o PGG se constituído como língua primeira dos cativos, dá-se início ao processo de separação dos grupos de

falantes. Uma parcela de escravos é levada para a ilha do Príncipe, onde, posteriormente, o lung'ie se desenvolve de forma independente. De forma análoga, outro grupo é levado para Ano Bom, onde o PGG se transforma, por conseguinte, em fa d'ambô. Já na ilha de São Tomé, parte dos falantes de PGG permanece na capital, o que leva à especiação do protocrioulo que assume novos contornos com contribuições linguísticas de outras levas de escravos, tornando-se uma nova língua, o santome. Outra parte dos falantes do PGG e de escravos recém-chegados, outrora cativo em São Tomé, escapa dos engenhos em direção a locais inabitados na ilha, constituindo-se assim uma comunidade quilombola. Destarte, o PGG, falado pelos quilombolas, desenvolve-se, transformando-se no angolar. No próximo capítulo, serão descritas as fonologias dessas quatro línguas, resultado da especiação do PGG.

## Capítulo 3

# FONOLOGIA DAS LÍNGUAS-FILHAS

O presente capítulo apresentará as fonologias contemporâneas do santome, lung'ie, angolar e fa d'ambô, as línguas-filhas do protocrioulo de base portuguesa do Golfo da Guiné, baseado em análises feitas a partir de dados coletados *in loco* e também na literatura, principalmente, Barrena (1957); Ferraz (1979); Maurer (1995); Segorbe (2007); Maurer (2009); Araujo & Hagemeyer (2013); Agostinho (2015); e Araujo *et al.* (em preparação). Para tanto, em 3.1, apresenta-se a fonologia do santome, seguida pela fonologia do lung'ie (3.2). A seção 3.3 abarca a fonologia do angolar, seguida pela fonologia do fa d'ambô (3.4). A seção 3.5 reúne algumas considerações quanto ao sistema tonal<sup>1</sup> nas línguas-filhas. A seção 3.6 abrange uma análise comparativa entre as quatro fonologias. Por fim, a seção 3.7 retoma os principais assuntos discutidos no capítulo.

A descrição dos aspectos fonológicos de todas as quatro línguas, aqui empreendida, justifica-se por ter fornecido uma orientação para a reconstrução do PGG. Nesse sentido, estão apresentados os aspectos convergentes e divergentes entre as

---

<sup>1</sup>A reconstrução fonológica empreendida neste estudo não se concentrou, com a exceção do acento, na análise dos suprasegmentos, como o sistema tonal das línguas-filhas, reservado para estudos futuros. O tema é controverso entre os estudiosos e será abordado brevemente na seção 3.5. Embora o sistema de acento seja o único aspecto suprasegmental a ser reconstruído, discutiremos o tema apenas no próximo capítulo (**Capítulo 4**). A delonga se deve em razão de que, para tratar do acento, é preciso, primeiramente, apresentar a fonologia do PGG, posto que o sistema acentual das línguas-filhas é um reflexo direto do sistema do protocrioulo.

línguas-filhas. Para tanto, foi necessário preencher as lacunas existentes na literatura ora recorrendo ao material de trabalho de campo, ora à análise de dicionários com transcrições fonéticas. Desse modo, esse capítulo se constitui, devido à sua abrangência, uma contribuição ao estudo das fonologias do santome, lung'ie, angolár e fa d'ambô.

### 3.1 FONOLOGIA DO SANTOME

O sistema fonológico do santome é composto por vinte e uma consoantes e sete vogais. Nas próximas seções, abordaremos os segmentos consonantais e seus respectivos modos de articulação (3.1.1), em seguida, será a vez de tratar dos segmentos vocálicos em 3.1.2. Na sequência, a sílaba é descrita (3.1.3). Em 3.1.4, tem-se a síntese dos principais aspectos abordados.

#### 3.1.1 Segmentos consonantais

As consoantes estão divididas de acordo com seis modos de articulação: oclusivos, fricativos, nasais, africadas, laterais aproximantes e aproximantes e, em quatro pontos de articulação: labiais, alveolares, palatais e velares (Quadro 13).

	Labiais	Alveolares	Palatais	Velares
<b>Oclusivas</b>	b p	d t		g k
<b>Fricativas</b>	v f	z s	ʃ ʒ	
<b>Africadas</b>			ʤ ʥ	
<b>Nasais</b>	m	n	ɲ	
<b>Laterais aproximantes</b>		l	ʎ	
<b>Aproxim.</b>	w		j	

Quadro 13: Consoantes do santome.

Nas próximas subseções, serão descritos os fonemas conforme seu modo e ponto de articulação, sendo estabelecidas suas realizações, oposições e distribuições.

### 3.1.1.1 *Oclusivos*

Há seis consoantes oclusivas em santome: /p, b, t, d, k, g/. De acordo com Ferraz (1979: 21), duas consoantes do conjunto de oclusivas, a saber /b/ e /d/, apresentam duas realizações fonéticas estabelecidas de acordo com suas posições na sílaba e conforme o acento. O /b/ se realiza normalmente como [β], o grau de implosão, no entanto, diminui em sílabas átonas e, além disso, a implosão seria enfraquecida em encontros consonantais ou *clusters*. O fonema /d/ também se realiza como oclusiva pós-alveolar [d̪]. O grau de implosão variaria da mesma forma da implosão do fonema /b/ (FERRAZ, 1979: 21). Em contrapartida, estudos sobre o santome como os de Schuchardt (1882) e Negreiros (1895) não mencionam a existência de consoantes implosivas no século XIX, tendo em vista que não eles dispunham deste tipo de conhecimento (Negreiros não era linguista e Schuchardt trabalhou com materiais escritos). Destarte, este estudo não seguiu a descrição de Ferraz (1979) quanto às implosivas, tomando, para isso, como base os estudos do século XIX e, mais recentemente, o trabalho de Araujo & Hagemeyer (2013) que alega, baseado em gravações com falantes nativos, não haver mais tal distinção, mas uma variação. Assim, para essa análise, /b/ se realiza como oclusiva bilabial [b] e /d/ se realiza como oclusiva alveolar [d] em todos os contextos, tônicos ou átonos.

#### 3.1.1.1.1 Oclusivas labiais

O santome possui duas consoantes oclusivas labiais: uma consoante surda /p/ e uma sonora /b/. O estatuto fonêmico da oclusiva labial surda /p/ pode ser observado com base nas oposições de /p/ e /b/ em (1) e de /p/ e /m/ em (2):

- (1) a. /p/ [pa'pa] 'pai, papai'  
 b. /b/ [ba'ba] 'laço'
- (2) a. /p/ ['pala] 'pala'  
 b. /m/ ['mala] 'mala'

A consoante oclusiva labial surda /p/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset ou como primeiro elemento do onset antes de /l, w, j/ e se realiza como [p]. Pode ocorrer como segundo elemento do onset supercomplexo sendo antecedido pela consoante /ʃ/ e seguido pela consoante /l/, não ocorrendo como coda. Precede todas as vogais orais /i e ε a ə o u/ e nasalizadas [ĩ ã õ õ õ õ ã]. Em (3-a), tem-se o /p/ ocorrendo em início de palavra, em (3-b), em meio de palavra, em (3-c), como primeiro elemento do onset, em (3-d), diante de uma vogal nasalizada, e em (3-e), como segundo elemento do onset super complexo:

- (3) a. [pa'dɛ] 'pardal'  
 b. [kapa'sete] 'capacete'  
 c. [kə'pla] 'comprar'  
 d. [pẽ'kada] 'pancada'  
 e. [ʃpli'ka] 'explicar'

O estatuto fonêmico da consoante oclusiva bilabial sonora /b/ pode ser comprovado com base nas oposições de /b/ e /p/, em (4), e de /b/ e /m/ em (5):

- (4) a. /b/ [ba'li] 'varrer'  
 b. /p/ [pa'li] 'parir'
- (5) a. /b/ ['bɔla] 'bola'  
 b. /m/ ['mɔla] 'mola'

A consoante oclusiva bilabial sonora /b/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset ou como primeiro elemento do onset antes de /l w j/ e se realiza como [b]. Não ocorre como segundo elemento do onset e



como coda. Precede todas as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ĩ ã õ ã ã ã ã ã]. Em (6-a), tem-se o /b/ ocorrendo em início de palavra, em (6-b), em meio de palavra, em (6-c), como primeiro elemento do onset e, em (6-d), diante de uma vogal nasalizada:

- (6) a. [bu'zina] 'buzina'  
 b. [mabo'bo] 'mabôbô, tipo de camarão amarelo'  
 c. ['mãbla] 'tipo de veste especial'  
 d. [ku'bẽgu] 'incenso'

### 3.1.1.1.2 Oclusivas alveolares

Há duas consoantes oclusivas alveolares: uma consoante surda /t/ e uma sonora /d/. O estatuto fonêmico da oclusiva alveolar surda /t/ pode ser observado com base nas oposições de /t/ e /d/ em (7) e de /t/ e /l/ em (8):

- (7) a. /t/ ['taʒi] 'tarde'  
 b. /d/ ['daʒi] 'idade'
- (8) a. /t/ [ma'ta] 'acabar, matar'  
 b. /l/ [ma'la] 'amarrar'

A consoante oclusiva alveolar surda /t/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset ou como primeiro elemento do onset antes de /l, w, j/ e se realiza como [t]. Ocorre como segundo elemento do onset de sílabas do tipo CCCV, mas nunca como coda. Precede todas as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ĩ ã õ ã ã ã ã ã]. Em (9-a), tem-se o /t/ ocorrendo em início de palavra, em (9-b) em meio de palavra, em (9-c) como primeiro elemento do onset, em (9-d) como segundo elemento do onset e em (9-e) diante de uma vogal nasalizada:

- (9) a. [tʒi'gadu] 'tísico'  
 b. [pa'tadu] 'separado'  
 c. [lɛ'tlatu] 'retrato'  
 d. ['ʃtlada] 'estrada'  
 e. [kaʃ'tɛ̃na] 'castanha'

Ferraz (1979: 22) afirma que há uma complementariedade parcial entre os pares de consoantes /t/ e /tʃ/ e /d/ e /dʒ/. Assim, [tʃ] e [dʒ] ocorreriam diante da vogal anterior oral /i/ e nasalizada [ĩ] e antes da aproximante /j/. Em contrapartida, as consoantes alveolares [t] e [d] ocorreriam diante das demais. Diante dessa distribuição, poder-se-ia conjecturar que [t] e [tʃ] seriam alofones de /t/ e [d] e [dʒ] seriam alofones de /d/. No entanto, ao analisar os itens do santome, percebe-se que as consoantes africadas /tʃ/ e /dʒ/ realizam-se foneticamente como [tʃ] e [dʒ] em todos os contextos vocálicos, não apenas diante de [i] como [mĩ'dʒɛ̃] 'mezinha' e em [tʃada] 'tipo de acampamento', contudo a maior frequência é diante de [i].

O estatuto fonêmico da consoante oclusiva alveolar sonora /d/ pode ser comprovado com base nas oposições de /d/ e /t/ em (10) e de /d/ e /l/ em (11):

- (10) a. /d/ ['daʒi] 'idade'  
 b. /t/ ['taʒi] 'tarde'
- (11) a. /d/ ['dumu] 'pilão'  
 b. /l/ ['lumu] 'rumo'

A consoante oclusiva alveolar sonora /d/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset ou como primeiro elemento do onset antes de /l w j/ e se realiza como [d]. Não ocorre como segundo elemento do onset e como coda. Tem-se registro de /d/, na base de dados, precedendo todas as vogais orais /i e ɛ a ɔ o u/ e todas as vogais nasalizadas [ĩ ẽ ẽ̃ õ õ̃ ã]. Em (12-a), tem-se o /d/ ocorrendo em início de palavra, em (12-b), em meio de palavra, em (12-c) como primeiro elemento do onset e em (12-d) diante de uma vogal nasalizada:

- (12) a. [da'ga] 'sondar'  
 b. [ma'dela] 'madeira'  
 c. [ma'dle] 'freira'  
 d. [plizidẽ'tʃi] 'presidente'

### 3.1.1.1.3 Oclusivas velares

O santome possui duas consoantes oclusivas velares: uma consoante surda /k/ e uma sonora /g/. O estatuto fonêmico da oclusiva velar surda /k/ pode ser observado com base nas oposições de /k/ e /g/ em (13) e de /k/ e /w/ em (14):

- (13) a. /k/ ['kẽsu] 'asma'  
 b. /g/ ['gẽsu] 'gancho'
- (14) a. /k/ [kẽ'ga] 'canga'  
 b. /w/ [wẽ'ga] 'entornar, espalhar'

A consoante oclusiva velar surda /k/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset ou como primeiro elemento do onset antes de /l, w, j/ e se realiza como [k]. Ocorre como segundo elemento do onset sendo antecedido, obrigatoriamente, pela consoante [ʃ] e sucedido pela consoante /l/, não pode, contudo, ocorrer como coda. Precede todas as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ĩ ã õ ã õ ã ã]. Em (15-a), tem-se o /k/ ocorrendo em início de palavra, em (15-b) em meio de palavra, em (15-c) como primeiro elemento do onset, como segundo elemento do onset em (15-d):

- (15) a. [ka'ba] 'acabar'  
 b. [paka'ta] 'esmagar-se'  
 c. [sakla'mẽtu] 'sacramento'  
 d. [ʃkle've] 'escrever'

O estatuto fonêmico da velar sonora /g/ pode ser observado com base nas oposições de /g/ e /k/ em (16) e de /g/ e /w/ em (17):

- (16) a. /g/ [gẽsu] 'gancho'  
 b. /k/ [kẽsu] 'asma'
- (17) a. /g/ [gẽ'ga] 'mosca-da-fruta'  
 b. /w/ [wẽ'ga] 'entornar, espalhar'

A consoante oclusiva velar sonora /g/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset ou como primeiro elemento do onset antes de /l/, /w/ e /j/ e se realiza como [g]. Não ocorre como coda. Precede todas as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ĩ ã õ õũ]. Em (18-a), tem-se o /g/ ocorrendo em início de palavra, em (18-b) em meio de palavra, em (18-c) como primeiro elemento do onset e em (18-d) diante de uma vogal nasalizada:

- (18) a. [gabi'nete] 'gabinete'  
 b. [ma'gita] 'malagueta'  
 c. [gwɛva] 'goiaba'  
 d. [gẽsu] 'gancho'

### 3.1.1.2 *Nasais*

No santome, há três consoantes nasais: a consoante nasal labial /m/, a alveolar /n/ e a consoante nasal palatal /ɲ/. Cada uma será descrita separadamente.

### 3.1.1.2.1 Nasais bilabiais

O santome possui uma consoante nasal labial /m/. O estatuto fonêmico da nasal labial /m/ pode ser observado com base nas oposições de /m/ e /p/ em (19) e de /m/ e /b/ em (20):

(19) a. /m/ [ma'ma] 'mãe'

b. /p/ [pa'pa] 'pai'

(20) a. /m/ ['mala] 'mala'

b. /b/ ['bala] 'bala'

A consoante /m/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset ou como primeiro elemento do onset antes de /l w j/ e se realiza como [m]. Não ocorre como segundo elemento do onset e como coda. Precede todas as vogais orais /i e ε a o u/ e nasalizadas [ĩ ã õ õ ã õ ã]. Em (21-a), tem-se o /m/ ocorrendo em início de palavra, em (21-b) em meio de palavra, em (21-c) como primeiro elemento do onset e em (21-d) diante de uma vogal nasalizada:

(21) a. [ma'gita] 'malagueta'

b. [dε'mẽda] 'demanda, contenda'

c. [mla'ga] 'amargar'

d. ['mõ] 'mão'

### 3.1.1.2.2 Nasais alveolares

No santome, há uma consoante nasal alveolar /n/. O estatuto fonêmico da nasal alveolar /n/ pode ser observado com base nas oposições de /n/ e /t/ em (22) e de /n/ e /d/ em (23):

(22) a. /n/ [na'ta] 'natal'

b. /t/ [ta'ta] 'fezes'

- (23) a. /n/ ['nɛva] 'noiva'  
 b. /d/ ['dɛva] 'estrela d'alva'

A consoante /n/ pode ocorrer em início e meio de palavra. Pode ocorrer em onset diante dos aproximantes /w j/ e em coda. Precede todas as vogais orais /i e e a ɔ o u/ e nasalizadas [ĩ ẽ ẽ õ õ ã]. Em (24-a), tem-se o /n/ ocorrendo em início de palavra, em (24-b) em meio de palavra, em (24-c) diante de uma vogal nasalizada:

- (24) a. [nɛ'ga] 'negar'  
 b. [kana'lɛmi] 'franzino'  
 c. [ka'nẽ] 'cana-de-açúcar'

### 3.1.1.2.3 Arquifonema nasal

Para a representação da neutralização dos fonemas nasais /m/ e /n/ em início de palavra diante de outra consoante, será utilizado o arquifonema nasal /N/, haja vista que nessa posição a consoante nasal não terá ponto de articulação definido.

O arquifonema é silábico em início de palavra quando precede as consoantes /p b t d k g z s ʒ/. Assim, a nasal /N/ assimilará o ponto de articulação da consoante seguinte, realizando-se como [ɲ] diante das alveolares /t d z s/ e da pós-alveolar /ʒ/, como [m̃] diante das labiais /p b/ e como [ŋ] diante das velares /k g/. As nasais silábicas podem variar com itens que apresentam o apagamento da nasal em (25), (26) e (27):

- (25) [ɲ]  
 a. [ɲdu'ka] 'educar'  
 b. [ɲtlɛ'ga] ~ [tlɛ'ga] 'entregar'  
 c. [ɲzuku] ~ [zuku] 'excrementos'  
 d. [ɲsẽga] 'moreia'  
 e. [ɲʒɛ'sõ] 'injeção'

- (26) [ŋ]
- a. [ŋkɔ'mɛ] 'soco'
  - b. [ŋglɛdʒi] 'grande'
- (27) [m̩]
- a. [m̩ba'fada] 'embaixada'
  - b. [m̩pe'lu] ~ [pe'lu] 'peru'

Neste trabalho, não serão consideradas fonemas as sequências *consoante nasal-consoante oclusiva/fricativa* tautossilábicas (referidas na literatura como consoantes pré-nasalizadas), pois, nas línguas analisadas, as nasais são silábicas, o que impede serem consideradas como pré-nasalizadas e um só fonema, como nas línguas bantas. O mesmo posicionamento foi tomado para as nasais silábicas do lung'ie (AGOSTINHO, 2015), do fa d'ambô e do angolar. Tendo como suporte o programa Praat (BOERSMA & WEENICK, 2015), foi observado que, nas quatro línguas, à nasal silábica, pode ser atribuído o acento a exemplo de ['ndala] 'ramos de coqueiro ou palmeira' ou ['ndũba] 'grande' em santome. Ademais, o estatuto silábico da consoante foi corroborado a partir da análise de jogos de palavras (ARAUJO & AGOSTINHO, 2014) que, nessas línguas, evidenciaram que a consoante nasal ocupa isoladamente uma sílaba.

#### 3.1.1.2.4 Nasal palatal

O estatuto fonêmico da consoante nasal palatal /ɲ/ pode ser observado com base nas oposições de /ɲ/ e /n/ em (28) e de /ɲ/ e /m/ em (29):

- (28) a. /ɲ/ [ka'ɲa] 'acanhá'
- b. /n/ [ka'na] 'cana-de-açúcar'
- (29) a. /ɲ/ ['lɛɲu] 'ranho'
- b. /m/ ['lɛmu] 'ramo'

A consoante nasal palatal /ɲ/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset. Não pode ocorrer em onset complexo e como coda. Há registros da consoante /ɲ/ precedendo todas as vogais orais /i e ε a ə o u/ e quase todas as nasalizadas [ẽ, ẽ̃ õ õ̃]. Em (30-a), tem-se o /ɲ/ ocorrendo em início de palavra, em (30-b) em meio de palavra, em (30-c) diante de uma vogal nasalizada:

- (30) a. [ɲẽmi] ‘inhome’  
 b. [pɲu] ‘inhome’  
 c. [tamẽ'ɲẽ] ‘tamarindo’

### 3.1.1.3 Laterais

No santome, há duas consoantes laterais aproximantes: a consoante lateral alveolar /l/ e a consoante lateral palatal /ʎ/.

#### 3.1.1.3.1 Lateral alveolar

O estatuto fonêmico da consoante lateral alveolar /l/ pode ser observado com base nas oposições de /l/ e /ʎ/ em (31) e de /l/ e /d/ em (32):

- (31) a. /l/ ['ɔla] ‘hora’  
 b. /ʎ/ ['ɔʎa] ‘orelha’
- (32) a. /l/ ['lodo] ‘aglomeração de casas’  
 b. /d/ ['dodo] ‘doido’

A consoante lateral alveolar /l/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único e primeiro elemento do onset diante de /w j/ ou como segundo ou terceiro elemento do onset complexo. Quando for o segundo elemento do onset, o primeiro elemento poderá ser uma das consoantes /p t k b d g f v ʃ m/. Quando for o terceiro elemento, as consoantes que podem ocupar a segunda posição são /k, t/ e a única consoante que pode ocupar a primeira posição do onset é a consoante /ʃ/. O /l/ não



pode ocorrer em coda. Precede todas as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ĩ ã õ ã õ ã ã]. Em (33-a), tem-se o /l/ ocorrendo em início de palavra, em (33-b) em meio de palavra, em (33-c) diante de uma vogal nasalizada, em (33-d) como segundo elemento do onset e em (33-e) como terceiro elemento do onset:

- (33) a. [la'ba] 'lavar'  
 b. [kala'busu] 'calabouço'  
 c. [lẽ] 'lã'  
 d. [pla'mitu] 'palmito'  
 e. [ʃkle've] 'escrever'

### 3.1.1.3.2 Lateral palatal

O estatuto fonêmico da consoante lateral palatal /ʎ/ pode ser comprovado a partir das oposições de /ʎ/ e /l/ em (34):

- (34) a. /ʎ/ [ʎa] 'orelha'  
 b. /l/ [la] 'hora'

De acordo com análise dos itens nas amostras, apenas foi encontrada a consoante lateral palatal /ʎ/ em meio de palavra como único elemento do onset. Não foi encontrado o segmento /ʎ/ em início de palavra e em coda. A consoante precede as vogais orais /a ɔ o u/ e nasalizada [õ]. Em (35-a), tem-se o /ʎ/ ocorrendo em meio de palavra, em (35-b) diante de uma vogal nasalizada:

- (35) a. [mõ'taʎa] 'mortalha'  
 b. [bu'ʎõ] 'bulhão'

### 3.1.1.4 *Fricativas*

As seis consoantes fricativas em santome /f v s z ʒ ʒ/ serão analisadas de acordo com os pontos de articulação na seguinte ordem: labiodental, alveolar e pós-alveolar.

#### 3.1.1.4.1 Fricativas labiais

O santome possui duas consoantes fricativas labiais: surda /f/ e sonora /v/. O estatuto fonêmico da consoante fricativa labiodental surda /f/ pode ser observado nas oposições de /f/ e /v/ em (36) e de /f/ e /k/ em (37):

- (36) a. /f/ [flɛ'ga] ‘esfregar’  
 b. /v/ [vlɛ'ga] ‘curvar’
- (37) a. /f/ [fa'ta] ‘faltar’  
 b. /k/ [ka'ta] ‘esmagar, moer’

A consoante fricativa labiodental surda /f/ ocorre início e meio de palavra como único elemento do onset ou primeiro elemento do onset diante de /l, j/. Não ocorre como segundo elemento do onset e como coda. É realizado como [f] e precede todas as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e quase todas as nasalizadas [ĩ ã õ õ ã ã]. Em (38-a), tem-se o /f/ ocorrendo em início de palavra, em (38-b) em meio de palavra, em (38-c) como primeiro elemento do onset diante de consoante e em (38-d) diante de uma aproximante:

- (38) a. ['fasu] ‘falsidade’  
 b. [bafa'ma] ‘afamar’  
 c. [fla'do] ‘falador’  
 d. ['fjada] ‘afilhada’

O estatuto fonêmico da consoante fricativa labial sonora /v/ pode ser comprovado a partir das oposições de /v/, /f/ e /b/ em (39):

- (39) a. /v/ ['vala] 'vala, açoite'  
 b. /f/ ['fala] 'fala'  
 c. /b/ ['bala] 'barra'

A consoante fricativa labial sonora /v/ ocorre início e meio de palavra como único elemento do onset ou primeiro elemento do onset diante de /l, j, w/. Não ocorre como segundo elemento do onset e como coda. É realizado como [v] e precede todas as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ĩ ã õ ã õ ã ã]. Em (40-a), pode-se observar o /v/ em início de palavra, em (40-b) em meio de palavra, em (40-c), tem-se o /v/ na primeira posição do onset diante de consoante e em (40-d) diante de uma aproximante:

- (40) a. [va'do] 'peixe-voador'  
 b. [pa'võ] 'pavão'  
 c. [pɔlivla] 'pólvora'  
 d. ['vwa] 'apressar(-se)'

#### 3.1.1.4.2 Fricativas alveolares

No santome, há duas consoantes fricativas alveolares: uma consoante fricativa alveolar surda /s/ e uma sonora /z/. O estatuto fonêmico da fricativa alveolar surda /s/ pode ser constatado com base nas oposições de /s/ e /z/ em (41) e de /s/, /f/ e /v/ em (42):

- (41) a. /s/ ['sa] 'assar'  
 b. /z/ ['za] 'já'
- (42) a. /s/ ['sa] 'assar'  
 b. /f/ ['fa] PARTÍCULA DE NEGAÇÃO  
 c. /v/ ['va] 'rachar'

A consoante fricativa alveolar surda /s/ ocorre em início e meio de palavra como único elemento do onset e como primeiro elemento do onset diante de /w/. De acordo com Ferraz (1979: 22), /s/ realiza-se como [s] diante de todas as vogais, embora diante de /i/ e de /j/ seja muito rara a realização de [s], sendo mais comum a realização de [ʃ] diante de /i/ e de /j/. Precede as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ẽ ẽ ã õ õ ã ã]. Em (43-a), observa-se a fricativa /s/ ocorrendo em início de palavra, em meio de palavra (43-b) e como primeiro elemento do onset (43-c):

- (43) a. [sa'pato] 'chapéu'  
 b. [ɔ'sɛ] 'céu'  
 c. ['swa] 'suar'

O estatuto fonêmico da fricativa alveolar sonora /z/ pode ser observado com base nas oposições de /z/ e /s/ em (44) e de /z/, /f/ e /v/ em (45):

- (44) a. /s/ [ka'sa] 'caçar'  
 b. /z/ [ka'za] 'casar'
- (45) a. /z/ ['za] 'já'  
 b. /f/ ['fa] PARTÍCULA DE NEGAÇÃO  
 c. /v/ ['va] 'rachar'

A consoante fricativa alveolar sonora /z/ ocorre em início e meio de palavra como único elemento do onset e como primeiro elemento do onset diante de /w/ e não ocorre em coda. Quanto à sua distribuição, /z/ precede as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ẽ ẽ ã õ õ ã ã]. É possível observar o /z/ em início de palavra em (46-a), em meio de palavra em (46-b) e como primeiro elemento do onset diante da aproximante (46-c):

- (46) a. [za'gɛ] 'lança'  
 b. ['ẽzu] 'recém-nascido'  
 c. [zũ'zwa] 'jejuar'

A consoante fricativa alveolar sonora pode ser realizada como [z] e [ʒ]. De acordo com Ferraz (1979: 22), haveria uma complementariedade parcial entre esse par de segmentos e a contraparte surda realizada como [s] e [ʃ]. Dessa maneira, os segmentos pós-alveolares [ʒ] e [ʃ] normalmente ocorreriam diante de vogais altas anteriores oral /i/ e nasalizada [ĩ] e antes da aproximante /j/. Já as consoantes alveolares [z] e [s] ocorreriam diante das demais vogais e de /w/. No entanto, há exemplos de dados em Araujo & Hagemeyer (2013) em que [ʒ] e [ʃ] ocorrem diante de outras vogais não palatais (ver subseção das consoantes fricativas pós-alveolares), o que requer uma análise mais acurada sobre a distribuição de tais consoantes.

#### 3.1.1.4.3 Fricativas palatais

O santome possui, em seu inventário fonológico, duas consoantes fricativas palatais: uma consoante surda /ʃ/ e uma consoante sonora /ʒ/. O estatuto fonêmico da fricativa palatal surda /ʃ/ pode ser constatado com base nas oposições de /ʃ/ e /z/ em (47) e de /ʃ/, /f/ e /s/ em (48):

(47) a. /ʃ/ [ˈʃa] ‘cheio’

b. /z/ [ˈza] ‘já’

(48) a. /ʃ/ [ˈʃada] ‘acampamento de pescadores’

b. /f/ [ˈfada] ‘farda’

c. /s/ [ˈsada] ‘enxada’

A consoante fricativa palatal surda /ʃ/ ocorre em início e meio de palavra como único elemento do onset e como primeiro elemento do onset diante de /j/ e de /l, k, t, p/. Pode ocorrer em coda, sendo, ao lado de /N/, o único elemento que pode ocupar tal posição no santome. Precede as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ĩ ã õ õ õ]. Em (49-a), observa-se a fricativa palatal surda /ʃ/ ocorrendo em início

de palavra, em meio de palavra (49-b) e como primeiro elemento do onset diante de /j/ em (49-c), como primeiro elemento diante de /k/ em (49-d) e em coda (49-e):

- (49) a. [ʃa'le] 'casa pequena'  
 b. [gla'fa] 'graxa'  
 c. [fũjɔ'nalju] 'funcionário'  
 d. [ʃka'pa] 'escapar'  
 e. [gaʃ'ta] 'gastar'

O estatuto fonêmico da fricativa palatal sonora /ʒ/ pode ser observado com base nas oposições de /ʒ/, /f/ e /s/ em (50) e de /ʒ/, /z/ e /ʃ/ em (51):

- (50) a. /ʒ/ [ʒaka] 'jaca'  
 b. /f/ [faka] 'faca'  
 c. /s/ [saka] 'bolsa'
- (51) a. /ʒ/ [ʒa] 'dia'  
 b. /z/ [za] 'já'  
 c. /ʃ/ [ʃa] 'cheio'

A consoante fricativa palatal sonora /ʒ/ ocorre em início e meio de palavra como único elemento do onset e não ocorre em coda. Não há registros na base de dados de que a consoante palatal sonora possa ocorrer em onset complexo. Precede as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ĩ ẽ ẽ õ õ ũ]. Em (52-a), observa-se a fricativa palatal sonora /ʒ/ ocorrendo em início de palavra e em meio de palavra em (52-b):

- (52) a. [ʒε'la] 'gelar'  
 b. [kõ'ʒũtu] 'conjunto musical'

## 3.1.1.4.4 Africadas palatais

No santome, há duas consoantes africadas palatais: uma consoante surda  $/\widehat{tʃ}/$  e uma sonora  $/\widehat{dʒ}/$ . O estatuto fonêmico da consoante africada palatal surda pode ser comprovado a partir das oposições de  $/\widehat{tʃ}/$  e  $/t/$  em (53) e de  $/\widehat{tʃ}/$  e  $/\widehat{dʒ}/$  em (54):

- (53) a.  $/\widehat{tʃ}/$  [mõ'tʃa] 'perseguir'  
 b.  $/t/$  [mõ'ta] 'montar, entrar em transe'
- (54) a.  $/\widehat{tʃ}/$  ['tʃi] 'tio'  
 b.  $/\widehat{dʒ}/$  ['dʒi] PREP.

A consoante africada palatal surda  $/\widehat{tʃ}/$  ocorre em início e meio de palavra como único elemento do onset e não ocorre em coda. Não há registros na base de dados de que a consoante africada palatal surda possa ocorrer em onset complexo. Precede as vogais orais  $/i$  e  $\varepsilon$  a  $\text{ɔ}$  o  $u/$  e nasalizadas  $[\tilde{i}$   $\tilde{\varepsilon}$   $\tilde{\text{ɔ}}$   $\tilde{o}]$ . Em (55-a), observa-se a consoante  $/\widehat{tʃ}/$  ocorrendo em início de palavra e em meio de palavra em (55-b):

- (55) a.  $[\widehat{tʃ}\tilde{\varepsilon}'\widehat{tʃ}a]$  'economizar'  
 b.  $[\tilde{\text{ɔ}}\tilde{i}'\widehat{tʃ}\tilde{i}]$  'pagão'

O estatuto fonêmico da consoante africada palatal sonora pode ser comprovado a partir das oposições de  $/\widehat{dʒ}/$  e  $/\widehat{tʃ}/$  em (56):

- (56) a.  $/\widehat{dʒ}/$  ['dʒi] PREP.  
 b.  $/\widehat{tʃ}/$  ['tʃi] 'tio'

A consoante africada palatal sonora  $/\widehat{dʒ}/$  ocorre em início e meio de palavra como único elemento do onset e não ocorre em coda. Não há registros de que a consoante africada palatal sonora possa ocorrer em onset complexo. Precede as vogais orais  $/i$  e  $\varepsilon$  a  $\text{ɔ}$  o  $u/$  e duas nasalizadas  $[\tilde{i}$   $\tilde{\varepsilon}]$ . Em (57-a), observa-se a africada palatal sonora  $/\widehat{dʒ}/$  ocorrendo em início de palavra e em meio de palavra em (57-b):

- (57) a. [ˈdʒagu] ‘aziago’  
 b. [ˈduɗʒi] ‘comida sem acompanhamento’

### 3.1.1.5 *Aproximantes*

No santome, há duas consoantes aproximantes: uma consoante aproximante labial sonora /w/ e uma consoante palatal sonora /j/.

#### 3.1.1.5.1 *Aproximante labial*

O estatuto fonêmico da consoante aproximante labial sonora /w/ pode ser comprovado a partir das oposições de /w/ e /b/ em (58) e de /w/ e /z/ em (59):

- (58) a. /w/ [ˈwe] ‘olho’  
 b. /b/ [ˈbe] ‘ver’
- (59) a. /w/ [ˈawa] ‘água’  
 b. /z/ [ˈaza] ‘asa’

A consoante aproximante labial sonora /w/ pode ocorrer no onset precedendo uma vogal podendo ser o primeiro ou o segundo elemento do onset. Como segundo elemento do onset, /w/ pode ser antecedido pelas seguintes consoantes /p b t d k g v m n l s z/. Realiza-se como [w] e precede as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e duas nasalizadas [ĩ ẽ]. Quanto à sua distribuição, podemos observar /w/ em início de palavra em (60-a), em meio de palavra em (60-b) e como segundo elemento do onset em (60-c):

- (60) a. [ˈwẽbe] ‘grande’  
 b. [sẽˈbawa] ‘mulher favorita’  
 c. [ˈdwala] ‘*dwala*, um tipo de dança tradicional’



### 3.1.1.5.2 Aproximante palatal

O estatuto fonêmico da consoante aproximante palatal sonora /j/ pode ser observado com base nas oposições de /j/ e /i/ em (61) e de /j/, /t/ e /s/ em (62):

- (61) a. /j/ ['ja] 'aqui'  
 b. /i/ [i'a] 'ilha'

- (62) a. /j/ ['ja] 'aqui'  
 b. /t/ ['ta] 'estar'  
 c. /s/ ['sa] 'assar'

A consoante /j/ pode ocorrer no onset precedendo uma vogal, podendo ser o primeiro ou o segundo elemento do onset. Como segundo elemento do onset, /j/ pode ser antecedido pelas seguintes consoantes /p b t d k g f m n l v ʃ/. Realiza-se como [j] e precede as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ẽ ẽ̃ õ õ̃]. Em (63-a), podemos observar /j/ em início de palavra em (63-b) em meio de palavra e como segundo elemento do onset em (63-c):

- (63) a. [ja'ga] 'abandonar'  
 b. [mala'pjõ] 'marapião'  
 c. [pjɔ'la] 'piorar'

## 3.1.2 Segmentos vocálicos

As vogais do santome, assim como as vogais nas demais línguas-irmãs, ocorrem no núcleo da sílaba. O santome possui sete vogais orais como se pode observar no Quadro 14:

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i		u
Média-alta	e		o
Média-baixa	ɛ		ɔ
Baixa		a	

Quadro 14: Vogais do santome.

Quanto à sua distribuição, as sete vogais orais /i, e, ɛ, a, ɔ, o, u/ possuem estatuto fonêmico que pode ser observado nos exemplos de (64) a (68). Tais vogais podem ocorrer em sílabas tônicas e átonas.

- (64) /a/ e /o/  
 a. [ka'sa] 'caçar'  
 b. [ka'so] 'cachorro'
- (65) /ɛ/ e /e/  
 a. [ɛ] 'sim'  
 b. [e] PRON. 3P SG
- (66) /ɔ/ e /o/  
 a. [pɔ] 'árvore'  
 b. [po] 'ser capaz de'
- (67) /i/ e /e/  
 a. [pitu] 'apito'  
 b. [petu] 'peito'
- (68) /u/ e /o/  
 a. [ku'je] 'colher'  
 b. [ko'je] 'escolher'

De acordo com Ferraz (1979: 20), um traço do sistema vocálico do santome

é que todas as vogais orais têm contrapartes nasais fonológicas, exceto as vogais médias-baixas /ɛ/ e /ɔ/. Ferraz (1979: 20) utiliza os seguintes itens para exemplificar o traço contrastivo das vogais nasais diante das vogais orais em (69), (70), (71), (72) e (73).

- (69) [i] e [ĩ]
- a. ['fi.ta] 'fita'
  - b. ['fĩ.ta] 'imposto'
- (70) [u] e [ũ]
- a. ['fu.du] 'limpo'
  - b. ['fũ.du] 'profundo'
- (71) [e] e [ẽ]
- a. ['se] 'sem'
  - b. ['sẽ] 'cem'
- (72) [o] e [õ]
- a. [ka.'so] 'cachorro'
  - b. [ka.'sõ] 'caixão'
- (73) [a] e [ã]
- a. ['ba.sa] 'onda'
  - b. ['bã.sa] 'costela'

A nasalidade vocálica está relacionada à qualidade das vogais produzidas com o rebaixamento do palato mole no momento em que o fluxo de ar passa através da abertura velofaríngea e passa pela boca e pelo nariz. Assim, como o processo articulatorio é dinâmico, geralmente as vogais orais também são afetadas pelo abaixamento do véu para a produção de consoantes nasais em sua vizinhança (ROTHERNEVES & REIS, 2012: 299). Quanto ao estatuto fonêmico da nasalidade, Câmara

Jr. (1953) propôs a hipótese da nasalidade bifonêmica para o português que se baseia no fato de que as vogais nasais seriam manifestações fonéticas da representação fonológica de uma sequência /VN/. Logo, tal hipótese considera as vogais com traço de nasalidade como não fonêmicas. Câmara Jr. (1970) argumenta que só é possível encontrar vogais verdadeiramente nasais em línguas como o francês, por exemplo, em que há oposição entre /õ/ e /oN/ como em *bon* ['bõ] e *bonne* ['bon]. Nesse par mínimo, nota-se que uma vogal nasal verdadeira distingue-se de uma sequência /VN/. No caso do português, para Câmara Jr., a nasalidade da vogal seria resultado da consoante na coda, não sendo um traço inerente à vogal.

Nos itens de (69) a (73), a vogal nasal está associada necessariamente a uma consoante nasal na coda. Em um estudo experimental, Balduino *et al.* (2015) defendem que não há vogais nasais propriamente ditas no inventário fonológico do santome e do lung'ie. Em ambas as línguas, as vogais orais somente recebem o traço [NASAL] através do espraçamento deste a partir de uma consoante nasal subjacente na estrutura fonológica da palavra. Como o estudo empírico sobre a nasalidade somente foi feito em santome e em lung'ie, inicialmente supomos que os argumentos apresentados por Balduino *et al.* (2015) fossem também válidos para o angolar e o fa d'ambô, o que pôde ser confirmado através da submissão dos dados de ambas as línguas à análise no programa<sup>2</sup> PRAAT (BOERSMA & WEENICK, 2015). Sendo assim, para o estudo, a nasalidade nas línguas-filhas é decorrente do arquifonema nasal /N/ na coda ou no onset da sílaba seguinte, ou seja, há duas possibilidades: a vogal nasalizada + /N/ ou vogal nasalizada + consoante nasal (ARAÚJO & AGOSTINHO, 2010a; BALDUINO *et al.*, 2015).

---

<sup>2</sup> Trata-se de um software aberto utilizado em análise e síntese da fala.

### 3.1.3 Síllaba

De acordo com a análise de dados e considerando a economia do sistema, o santome apresenta os seguintes moldes fonológicos: V, CV, VC, CCV, CCVC, CVC, CCCV e CCVC (ver Quadro 158). As consoantes descritas nas seções anteriores, ou seja, /p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, l, f, v, s, z, ʃ, ʒ, tʃ, dʒ, w, j/, podem ocorrer em onset em início e meio de palavra. O estudo só obteve registros da consoante lateral palatal /ʎ/ em onset no meio de palavra. O segundo elemento do onset de síllaba do tipo CCV pode ser uma das consoantes aproximantes /l, w, j/ se o primeiro elemento for /b/, /p/, /t/, /d/, /k/, /g/, /m/, /n/, /f/ e /v/. As consoantes /k/, /t/ e /p/ podem ocupar a segunda posição do onset desde que na primeira posição esteja /ʃ/ e na terceira posição do onset esteja a lateral /l/.

Síllaba	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
V	[a]	/a/	PRON. 3P PL
VC	[ẽ]	/aN/	‘onde’
CV	[ja]	/ja/	‘aqui’
CVC	[baʃ.ˈta]	/baʃta/	‘bastar’
CCV	[laˈvla]	/lavla/	‘lavar’
CCVC	[ˈplaʃtiku]	/plaʃtiku/	‘plástico’
CCCV	[ʃkle.ˈve]	/ʃkleve/	‘escrever’
CCVC	[ʃtlẽ.ˈʒe.lu]	/ʃtlaNʒelu/	‘estrangeiro’

Quadro 15: Síllabas em santome.

As distribuições das consoantes estão descritas resumidamente nos Quadros de 17 a 30. O núcleo pode ser preenchido por pelo menos uma vogal simples ou por uma nasal silábica. Desse modo, a síllaba mínima é V ou N (ver Quadro 16).

Sílaba	Fonemas	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
V	/ɛ e i a ɔ o u/	['e]	/e/	PRON. 2P SG
C	/N/	['ŋ.ge]	/Nge/	'pessoa'

Quadro 16: Exemplo de sílaba mínima em santome.

Todas as vogais podem compor o núcleo em sílabas tônicas, pretônicas e postônicas como se pode ver em (74):

- (74) /a/ ['aba] 'aba'  
 /e/ ['ele] PRON. 3P SG  
 /ɛ/ ['fɛblɛ] 'febre'  
 /ɔ/ [ɔ'dʒɔ] 'inveja'  
 /o/ [o'bo] 'floresta'  
 /i/ ['iʒiʒi] 'arrepio'  
 /u/ ['uku] 'lixo'

Nos Quadros 17 a 30, são demonstradas as consoantes e vogais que podem coocorrer nas possíveis estruturas silábicas do santome. Quanto aos quadros aqui dispostos, o Quadro 17 apresenta as consoantes e vogais que podem estar envolvidas na estrutura silábica CV. Na primeira coluna, encontram-se as consoantes que podem ocupar a posição de onset diante das vogais elencadas na segunda coluna. Em todos os quadros, o símbolo (★) à direita da vogal indica que o fonema não foi registrado nos dados na exata posição na estrutura silábica proposta em cada quadro. Na terceira coluna, há um exemplo da estrutura silábica CV cuja forma subjacente se encontra na coluna seguinte. Por fim, na última coluna, encontra-se a glosa. No que tange à sua interpretação, os quadros devem ser lidos da seguinte maneira: em uma dada estrutura CV, por exemplo, um dos elementos da primeira coluna pode combinar com um elemento da segunda. Quando o símbolo (★) segue uma vogal, a mesma não foi encontrada nos dados combinada com a consoante da primeira coluna.

C	V	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/p b t d k g f v s z ʃ ʒ dʒ m n ɲ l/ /ʎ/	/ε e i a ɔ o u/ /a ɔ o u/ e <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> i <sup>★</sup>	[ˈma] [ɔ.ˈʎa]	/ma/ /ɔʎa/	‘má’ ‘orelha’
/tʃ/ /j/ /w/	/ε e i a ɔ o u/ o <sup>★</sup> /ε e a ɔ o u/ i <sup>★</sup> /ε e i a ɔ o u/ u <sup>★</sup>	[mɔ̃ˈtʃa] [ˈja] [ˈwo.du]	/mɔ̃Ntʃa/ /ja/ /wodu/	‘perseguir’ ‘aqui’ ‘maduro’

Quadro 17: Sílabas com estrutura CV.

V	C	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/ε e i a ɔ o u/ /ɔ/ ε <sup>★</sup> e <sup>★</sup> i <sup>★</sup> a <sup>★</sup> o <sup>★</sup> u <sup>★</sup>	/N/ /ʃ/	[ˈẽ] [ˈɔʃtja]	/aN/ /ɔʃtja/	‘onde’ ‘hóstia’

Quadro 18: Sílabas com estrutura VC.

C	C	V	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/p b t k g f v/ /m/ /ʃ/ /d/	/l/ /l/ /l/ /l/	/ε e i a ɔ o u/ /a/ ε <sup>★</sup> e <sup>★</sup> i <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> o <sup>★</sup> u <sup>★</sup> /i a / ε <sup>★</sup> e <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> o <sup>★</sup> u <sup>★</sup> /ε e a i o u/ ɔ <sup>★</sup>	[la.ˈvla] [mla.ˈga] [ʃli.ˈvi.su] [dlɛ.ˈga.du]	/lavla/ /mlaga/ /ʃlvisu/ /dlɛgadu/	‘lavarar’ ‘amargar’ ‘serviço’ ‘delgado’

Quadro 19: Sílabas com estrutura CCV (C<sub>2</sub>: /l/).

C	C	V	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/p/ /b/ /t/ /d/ /g/ /f/ /k/ /m/ /v/ /l/ /ʃ/ /n/	/j/ /j/ /j/ /j/ /j/ /j/ /j/ /j/ /j/ /j/ /j/ /j/	/ε a ɔ u/ e <sup>★</sup> o <sup>★</sup> i <sup>★</sup> /e ε a ɔ/ u <sup>★</sup> o <sup>★</sup> i <sup>★</sup> /a/ ε <sup>★</sup> e <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> u <sup>★</sup> o <sup>★</sup> i <sup>★</sup> ε /a <sup>★</sup> e <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> u <sup>★</sup> o <sup>★</sup> i <sup>★</sup> /e/ a <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> u <sup>★</sup> o <sup>★</sup> i <sup>★</sup> /ε a ɔ o/ e <sup>★</sup> u <sup>★</sup> i <sup>★</sup> e a ɔ o/ /ε <sup>★</sup> u <sup>★</sup> i <sup>★</sup> /e a ɔ o/ ε <sup>★</sup> u <sup>★</sup> i <sup>★</sup> /a ɔ u/ ε <sup>★</sup> e <sup>★</sup> o <sup>★</sup> i <sup>★</sup> /a ɔ u/ ε <sup>★</sup> e <sup>★</sup> o <sup>★</sup> i <sup>★</sup> /a ɔ/ ε <sup>★</sup> u <sup>★</sup> e <sup>★</sup> o <sup>★</sup> i <sup>★</sup> /u/ ε <sup>★</sup> a <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> e <sup>★</sup> o <sup>★</sup> i <sup>★</sup>	[pɔ̃ˈla] [ˈbje] [mɔ̃.ˈlɛʃ.tja] [ˈdjɛta] [ˈgjelu] [ˈfjo] [ˈkja.bu] [ʃiˈmja] [zẽˈvjadu] [ljaˈli] [fũ.ʃjɔ.ˈna.lju] [ˈnju.ku]	/pɔ̃la/ /bje/ /mɔ̃lɛʃtja/ /djɛta/ /gjelu/ /fjo/ /kjabu/ /ʃimja/ /zaNvjadu/ /ljali/ /fũNʃjɔnalju/ /njuku/	‘piorar’ ‘cozer’ ‘doença’ ‘dieta’ ‘agulheiro’ ‘frio’ ‘quiabo’ ‘plantar’ ‘enviesado’ ‘ourico’ ‘funcionário’ ‘nada’

Quadro 20: Sílabas com estrutura CCV (C<sub>2</sub>: /j/).

C	C	V	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/p/	/w/	/e ε/ a★ u★ ɔ★ o★ i★	[pwe.la]	/pwɛla/	‘poeira’
/b/	/w/	/e a/ ε★ u★ ɔ★ o★ i★	[u.bwa]	/ubwa/	‘cerca’
/d/	/w/	/e a/ ε★ u★ ɔ★ o★ i★	[dwa.la]	/dwala/	‘dwala’
/t/	/w/	/ε a i/ e★ u★ ɔ★ o★	[be.'twa]	/betwa/	‘arriscar’
/k/	/w/	e ε a i/ /u★ ɔ★ o★	[u.kwɛ]	/ukwɛ/	‘bago’
/g/	/w/	/e ε a i/ u★ ɔ★ o★	[gwɛ.va]	/gwɛva/	‘goiaba’
/m/	/w/	/e ε a i/ u★ ɔ★ o★	[a.mwe.le]	/amwele/	‘amor’
/v/	/w/	/a/ e★ ε★ i★ u★ ɔ★ o★	[vwa]	/vwa/	‘correr’
/s/	/w/	/ε a/ e★ i★ u★ ɔ★ o★	[ka.'swa.da]	/kaswada/	‘zombaria’
/z/	/w/	/a/ e★ ε★ i★ u★ ɔ★ o★	[zũ.'zwa]	/zuNzwa/	‘jejuar’
/n/	/w/	/ε a/ e★ i★ u★ ɔ★ o★	[nwa]	/nwa/	‘lua’
/l/	/w/	/ε a/ e★ i★ u★ ɔ★ o★	[lwa]	/lwa/	‘rua’

Quadro 21: Sílabas com estrutura CCV (C<sub>2</sub>: /w/).

C	C	V	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/ʃ/	/k/	/ε a ɔ o u/ e★ i★	[ʃkɔ.la]	/ʃkɔla/	‘escola’
/ʃ/	/t/	/ε e a ɔ u/ o★	[ʃtɔ.'fa]	/ʃtɔfa/	‘estufar’

Quadro 22: Sílabas com estrutura CCV (C<sub>1</sub>: /ʃ/).

C	C	V	C	Exemplo	Forma subjacente	Glosa
/p/	/l/	/a i u/ e★ ε★ o★ ɔ★	/N/	[plĩ.fɪ.pi]	/pliNʃipi/	‘príncipe’
/b/	/l/	/a i o/ u★ ε★ e★ ɔ★	/N/	[zĩ.'blõ]	/ziNbloN/	‘maçã-da-índia’
/t/	/l/	/a e i ɔ u/ ε★ o★	/N/	[tɫê]	/tleN/	‘comboio’
/d/	/l/	/e i o/ ε★ ɔ★ a★ u★	/N/	[ʒa.'dlĩ]	/ʒadliN/	‘jardim’
/k/	/l/	/a i ɔ o/ ε★ e★ u★	/N/	[klõ.zu]	/kloNzu/	‘fezes’
/g/	/l/	/a e ɔ/ ε★ o★ i★ u★	/N/	[glẽ.d̃ʒi]	/glaNd̃ʒi/	‘grande’
/f/	/l/	/a e ɔ o/ ε★ i★ u★	/N/	[flõ.ta]	/floNta/	‘assédio’
/v/	/l/	/e/ a★ ε★ i★ u★ ɔ★ o★	/N/	[vlẽ.'te.ʒi]	/vleNteʒi/	‘entradas’
/m/	/l/	/a/ e★ ε★ i★ u★ ɔ★ o★	/N/	[mlẽ.ʒĩ.'kõ]	/mlaNʒiNkoN/	‘manjeriçã’

Quadro 23: Sílabas CCVC em santome (C<sub>2</sub>: /l/).



C	C	V	C	Exemplo	Forma subja- cente	Glosa
/d/	/w/	/e/ a <sup>★</sup> o <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> i <sup>★</sup> u <sup>★</sup>	/N/	['dwẽ.tʃi]	/dwentʃi/	'doente'
/k/	/w/	/a ε/ o <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> e <sup>★</sup> i <sup>★</sup> u <sup>★</sup>	/N/	[ẽ.'kwẽ.tu]	/ɛNkwaNtu/	'enquanto'
/g/	/w/	/e a/ o <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> i <sup>★</sup> u <sup>★</sup>	/N/	[gwẽ.'ta]	/gweNta/	'aguentar'
/s/	/w/	/ε/ o <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> e <sup>★</sup> a <sup>★</sup> i <sup>★</sup> u <sup>★</sup>	/N/	[maswẽ.'swɛ]	/maswɛswɛ/	'sorgo'
/m/	/w/	/a i/ o <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> e <sup>★</sup> u <sup>★</sup>	/N/	[mwẽ.'dʒi]	/mwaNdʒiN/	'sucupira'
/p/	/j/	/a o ɔ/ e <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> i <sup>★</sup> u <sup>★</sup>	/N/	['pjẽ]	/pjaN/	'espinho'
/b/	/j/	/a/ o <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> e <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> i <sup>★</sup> u <sup>★</sup>	/N/	[su'bjẽ]	/subjaN/	'afilhado'
/k/	/j/	/a o ɔ/ e <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> i <sup>★</sup> u <sup>★</sup>	/N/	['kjõ]	/kjaN/	'montinho'
/f/	/j/	/a/ ɔ <sup>★</sup> o <sup>★</sup> e <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> i <sup>★</sup> u <sup>★</sup>	/N/	['fjẽsa]	/fjaNsa/	'fiança'
/v/	/j/	/o a/ ɔ <sup>★</sup> e <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> i <sup>★</sup> u <sup>★</sup>	/N/	[vjẽ'telu]	/vjaNtelu/	'vinhateiro'
/m/	/j/	/a/ ɔ <sup>★</sup> o <sup>★</sup> e <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> i <sup>★</sup> u <sup>★</sup>	/N/	[ta'mjẽ]	/tamjaN/	'marmita'
/l/	/j/	/a o/ ɔ <sup>★</sup> e <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> i <sup>★</sup> u <sup>★</sup>	/N/	['ljõ]	/ljõ/	'leão'

Quadro 24: Sílabas CCVC em santome (C<sub>2</sub>: /w/ ou /j/ e coda: N).

C	C	V	C	Exemplo	Forma subja- cente	Glosa
/ʃ/	/t/	/a ε/ e <sup>★</sup> i <sup>★</sup> u <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> o <sup>★</sup>	/N/	[ʃtẽ.'ka]	/ʃtaNka/	'estancar'
/ʃ/	/k/	/i ε/ a <sup>★</sup> e <sup>★</sup> u <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> o <sup>★</sup>	/N/	[ʃki.'di]	/ʃkiNdi/	'mania'
/ʃ/	/p/	/a/ ε <sup>★</sup> e <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> o <sup>★</sup> u <sup>★</sup>	/N/	[ʃp.ẽ'zɛ]	/ʃpaNzɛ/	'chimpanzé'

Quadro 25: Sílabas CCVC em santome (C<sub>1</sub>: /ʃ/ e Coda: N).

C	C	V	C	Exemplo	Forma subja- cente	Glosa
/p/	/l/	/a/ e <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> i <sup>★</sup> u <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> o <sup>★</sup>	/ʃ/	['plaf.ti.ku]	/plafʃtiku/	'plástico'
/t/	/l/	/i/ e <sup>★</sup> a <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> u <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> o <sup>★</sup>	/ʃ/	[tliʃ.'te.za]	/tliʃteza/	'tristeza'
/d/	/l/	/a/ e <sup>★</sup> i <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> u <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> o <sup>★</sup>	/ʃ/	[ma.'dlaʃ.ta]	/madlaʃta/	'madrasta'
/k/	/l/	/i/ e <sup>★</sup> a <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> u <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> o <sup>★</sup>	/ʃ/	['kliʃ.tu]	/kliʃtu/	'cristo'
/g/	/l/	/ε/ e <sup>★</sup> a <sup>★</sup> i <sup>★</sup> u <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> o <sup>★</sup>	/ʃ/	[glɛʃ.tʃi]	/glɛʃtʃi/	'áspero'
/f/	/l/	/a ε/ e <sup>★</sup> i <sup>★</sup> u <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> o <sup>★</sup>	/ʃ/	[flaʃ.'kĩ]	/flaʃkiN/	'frasco pe- queno'
/m/	/l/	/a/ e <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> i <sup>★</sup> u <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> o <sup>★</sup>	/ʃ/	['mlaʃ.ka]	/mlaʃka/	'máscara'

Quadro 26: Sílabas CCVC em santome (Coda: /ʃ/).

C	V	C	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/p/	/a ε e o ɔ i u/	/N/	[pẽ.'sa]	/pɛNsa/	'julgar'
/b/	/a ε e o ɔ i u/	/N/	[bũ.'zu]	/buNzu/	'búzio'
/t/	/a ε e o ɔ i u/	/N/	[bu.'tĩ]	/butiN/	'bota alta'
/k/	/a ε e o ɔ i u/	/N/	[kẽ'ga]	/kaNga/	'canga'
/g/	/a ε e o ɔ i u/	/N/	[gũ.'gu]	/guNgu/	' <i>gungu</i> , ave ( <i>sp</i> )'
/v/	/a ε e o ɔ i u/	/N/	[na.'vĩ]	/naviN/	'alma penada'
/m/	/a ε e o ɔ i u/	/N/	[mũ.'dʒa]	/muNdʒa/	'estar de pé'
/n/	/a ε e o ɔ i u/	/N/	[nẽ.'ko]	/naNko/	'encardido'
/d/	/a ε e o ɔ i/ u★	/N/	[zu.'dõ]	/zudɔN/	'Jordão'
/f/	/a e o ɔ u i/ ε★	/N/	[fĩ]	/fiN/	'fim'
/s/	/a e ε ɔ u/ i★	/N/	[nẽ.'sõ]	/naNsoN/	'enorme'
/z/	/a e ε ɔ o u/ i★	/N/	[fɛ.'zõ]	/fezɔN/	'feijão'
/ʃ/	/a e ε ɔ i/ o★ u★	/N/	[lu.'ʃẽ]	/luʃaN/	'aldeia'
/ʒ/	/a e ε ɔ o u i/ e★	/N/	[ʒẽ.'sõ]	/ʒɛNsɔN/	'injeção'
/tʃ/	/a e o i/ ε★ ɔ★ u★	/N/	[tʃẽ.'tʃa]	/tʃeNtʃa/	'poupar'
/dʒ/	/a i/ e★ o★ ε★ ɔ★ u★	/N/	[vi.'dʒẽ]	/vidʒaN/	'vizinho'
/ɲ/	/a e o ɔ/ i★ ε★ u★	/N/	[kĩ.'ɲõ]	/kiɲoN/	'pedaço'
/ʎ/	/o/ ɔ★ a★ e★ i★ ε★ u★	/N/	[mi.'ʎõ]	/miʎoN/	'antes'
/j/	/a e o ɔ/ i★ ε★ u★	/N/	[a.'jẽ]	/ajeN/	'aqui'
/w/	/a ε/ i★ e★ o★ ɔ★ u★	/N/	[wẽ.'ga]	/waNga/	'entornar'

Quadro 27: Sílabas CVC em santome (Coda: /N/).

C	V	C	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/p/	/a ε i o ɔ/ e★ u★	/f/	[ˈpaʃ.tu]	/paʃtu/	‘pasto’
/b/	/a ε i/ e★ o★ ɔ★ u★	/f/	[baʃ.ˈta]	/baʃta/	‘bastar’
/t/	/a ε i/ e★ o★ ɔ★ u★	/f/	[ẽ.ˈtiʃ]	/aNtiʃ/	‘antes’
/d/	/i/ a★ ε★ e★ o★ ɔ★ u★	/f/	[diʃ.ˈgla.sa]	/diʃgla.sa/	‘desgraça’
/ʃ/	/i/ a★ ε★ e★ o★ ɔ★ u★	/f/	[fa.ˈʃiʃ.ta]	/faʃiʃta/	‘fascista’
/ʒ/	/i/ a★ ε★ e★ o★ ɔ★ u★	/f/	[li.ˈʒiʃ.tu]	/liʒiʃtu/	‘registro’
/k/	/a ε ɔ u i/ e★ o★	/f/	[ˈkɔʃ.ta]	/kɔʃta/	‘costa’
/g/	/a ɔ o/ ε★ u★ i★ e★	/f/	[gaʃ.ˈta]	/gaʃta/	‘gastar’
/f/	/a/ ɔ★ o★ ε★ u★ i★ e★	/f/	[faʃ.ˈtɔ.su]	/faʃtɔsu/	‘caprichoso’
/s/	/e i u/ ɔ★ o★ ε★ a★	/f/	[siʃ.ˈti]	/siʃti/	‘assistir’
/z/	/a u/ ɔ★ o★ ε★ i★ e★	/f/	[zaʃ.pɛ.ˈla]	/zaʃpɛla/	‘desesperar’
/m/	/a ε i ɔ u/ e★ o★	/f/	[ˈmɔʃ.ka]	/mɔʃka/	‘mosca’
/n/	/i ɔ/ u★ a★ e★ o★ ε★	/f/	[nɔʃ.ˈtẽpu]	/nɔʃtẽpu/	‘antigamente’

Quadro 28: Sílabas CVC em santome (Coda: /f/).

C	C	C	V	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/f/	/k/	/l/	/e i/ a★ ε★ ɔ★ u★	[ʃkle.ˈve]	/ʃkleve/	‘escrever’
	/t/		/a e ε i o u ɔ/	[ʃtlɛ.ˈgɛ.du]	/ʃtlɛgɛdu/	‘segredo’
	/p/		/i/ e★ a★ ε★ ɔ★ u★	[ʃpli.ˈka]	/ʃprika/	‘explicar’

Quadro 29: Sílabas CCCV em santome.

C	C	C	V	C	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/f/	/t/	/l/	/a i/ e★ ε★ o★ u★ ɔ★	/N/	[ʃtlẽ.ˈʒɛ.lu]	/ʃtlaNʒɛlu/	‘estrangeiro’

Quadro 30: Sílabas CCCVC em santome.

### 3.1.4 Síntese

O santome possui vinte e uma consoantes e sete vogais. No que tange à nasalidade vocálica, o santome, como as demais línguas-irmãs, não possui vogais fonologicamente nasais, mas vogais nasalizadas em contextos condicionantes. No que diz respeito à coda, ela pode ou não ser preenchida por /N/ ou por /ŋ/. Das quatro línguas-filhas, o santome é a única que permite onsets complexos.

## 3.2 FONOLOGIA DO LUNG'IE

O sistema fonológico segmental do lung'ie é composto por vinte e duas consoantes e quatorze vogais (sete vogais orais simples e sete longas). Não há vogais fonologicamente nasais, mas vogais nasalizadas em contextos condicionantes. Embora o presente estudo utilize também como referências sobre o lung'ie os estudos de Günther (1973) e de Maurer (2009), para a descrição da fonologia da referida língua, será utilizado, como referências principais, os trabalhos de Araujo *et al.* (em preparação) e de Agostinho (2015), cuja proposta de inventário fonológico do lung'ie é resultado de trabalhos de campo na Ilha do Príncipe em 2009, 2010, 2011 e 2013.

A seguir, serão descritos os segmentos consonantais em 3.2.1, ao passo que a seção 3.2.2 apresenta os segmentos vocálicos. Adiante, em 3.2.3, descreve-se a sílaba. Em 3.2.5, são retomados os principais pontos quanto à fonologia do lung'ie.

### 3.2.1 Segmentos consonantais

As consoantes estão divididas de acordo com seis modos de articulação: oclusivos, nasais, aproximantes, vibrante, laterais aproximantes e fricativas e, em cinco

pontos de articulação: labial, alveolar, palatal, velar e velo-labial como no Quadro 31.

	Labiais	Alveolares	Palatais	Velares	Velo-Labiais
<b>Oclusiva</b>	p b	t d		k g	$\widehat{kp}$ $\widehat{gb}$
<b>Fricativa</b>	f v	s z	$\int$ ʒ		
<b>Nasal</b>	m	n	ɲ		
<b>Vibrante</b>		r			
<b>Laterais aproximantes</b>		l	ʎ		
<b>Aproximantes</b>	w		j		

Quadro 31: Consoantes do lung'ie.

### 3.2.1.1 Oclusivas

O lung'ie apresenta em seu quadro fonêmico oito consoantes oclusivas: as consoantes oclusivas bilabiais surda /p/ e sonora /b/, as consoantes oclusivas alveolares surda /t/ e sonora /d/, as consoantes oclusivas velares surda /k/ e sonora /g/ e, por fim, as consoantes oclusivas velo-labiais surda / $\widehat{kp}$ / e sonora / $\widehat{gb}$ / . Cada segmento será analisado separadamente nas subseções que seguem.

#### 3.2.1.1.1 Oclusivas labiais

O lung'ie possui duas consoantes oclusivas labiais: uma consoante surda /p/ e uma sonora /b/. O estatuto fonêmico da oclusiva labial surda /p/ pode ser observado com base nas oposições de /p/ e /b/ em (75) e de /p/ e /m/ em (76):

- (75) a. /p/ ['pikʊ] 'pico'  
 b. /b/ ['bikʊ] 'bico'

- (76) a. /p/ ['palɛ] 'pala'  
 b. /m/ ['malɛ] 'mala'

A consoante oclusiva labial surda /p/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset ou como primeiro elemento do onset antes de /r/, /l/, /w/ e /j/ e se realiza como [p]. Não ocorre como segundo elemento do onset e como coda. Precede todas as vogais orais /i, e, ε, a, ə, o, u/ e nasalizadas [ĩ, ã, õ, õ̃, ã̃, õ̃, õ̃]. Em (77-a), tem-se o /p/ ocorrendo em início de palavra, em (77-b) em meio de palavra, em (77-c) como primeiro elemento do onset<sup>3</sup> e em (77-d) diante de uma vogal nasalizada:

- (77) a. [ˈpaʎɐ] ‘palha’  
 b. [sakaɸuˈli] ‘empurrar’  
 c. [kũˈpri] ‘cumprir’  
 d. [ˈpõtɐ] ‘ponta’

O estatuto fonêmico da oclusiva labial sonora /b/ pode ser comprovado com base nas oposições de /b/ e /p/ em (78) e de /b/ e /m/ em (79):

- (78) a. /b/ [ˈbikʊ] ‘bico’  
 b. /p/ [ˈpikʊ] ‘pico’
- (79) a. /b/ [ˈbwĩ] ‘fugitivo’  
 b. /m/ [ˈmwĩ] ‘mãe’

A consoante oclusiva labial sonora /b/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset ou como primeiro elemento do onset antes de /r, l, w, j/ e se realiza como [b]. Não ocorre como segundo elemento do onset e como coda. Precede todas as vogais orais /i, e, ε, a, ə, o, u/ e nasalizadas [ĩ, ã, õ, õ̃, ã̃, õ̃, õ̃]. Em (80-a), tem-se o /b/ ocorrendo em início de palavra, em (80-b) em meio

<sup>3</sup>A descrição fonológica de Agostinho (2015) é sincrônica, por essa razão a linguista descreve onsets complexos formados por consoantes líquidas na segunda posição. Diacronicamente, o lung'ie não permitia essas formações, uma evidência disso é o alongamento vocálico no lugar da consoante /l/ nos itens lexicais pertencentes ao *corpus* dessa pesquisa (ver **Capítulo 4**, seção 4.6.1).

de palavra, em (80-c) como primeiro elemento do onset e em (80-d) diante de uma vogal nasalizada:

- (80) a. ['barɐ] 'barra'  
 b. ['kabɐ] 'cabra'  
 c. ['bjẽ] 'bravo'  
 d. ['bẽku] 'banco'

Esta consoante possui duas realizações [b] e [β] que se encontram em variação livre, sendo que a versão implosiva parece estar sendo substituída totalmente pelas oclusivas pelos segmentos mais jovens da população (AGOSTINHO, 2015).

### 3.2.1.1.2 Oclusivas alveolares

Há duas consoantes oclusivas alveolares: uma consoante surda /t/ e uma sonora /d/. O estatuto fonêmico da oclusiva alveolar surda /t/ pode ser comprovado com base nas oposições de /t/ e /d/ em (81) e de /t/ e /l/ em (82):

- (81) a. /t/ ['tɔfi] 'pino'  
 b. /d/ ['dɔfi] 'sino'
- (82) a. /t/ [u'patɔ] 'pato'  
 b. /l/ [u'palɔ] 'palmada'

A consoante oclusiva alveolar surda /t/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset ou como primeiro elemento do onset antes de /r, w, j/ e se realiza como [t]. Não ocorre na posição de segundo elemento do onset e na posição de coda. Precede todas as vogais orais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ e nasalizadas [ĩ, ê, ẽ, ẽ̃, õ, õ̃, ã]. Em (83-a), tem-se o /t/ ocorrendo em início de palavra, em (83-b) em meio de palavra e em (83-c) como primeiro elemento do onset:

- (83) a. [ta'kadu] 'atacado'  
 b. [ka'tere] 'carteira'  
 c. [kõ'tre] 'odiar'

A consoante /t/ pode ser realizada como [t] ou [tʃ̃]. Para alguns falantes, tais segmentos estão em distribuição complementar: o alofone [tʃ̃] ocorre diante de /i/ ou de /j/, ao passo que [t] ocorre nos demais casos (AGOSTINHO, 2015). Para outros falantes, há um tipo de variação livre diante de /i/ ou /j/ em sílabas tônica, pré-tônica e átona não final, em que tanto [t] como [tʃ̃] podem se realizar e um caso de distribuição complementar diante de /i/ e /j/ em sílaba átona final, contexto onde [tʃ̃] é obrigatório antes de [ɪ] e /j/ (AGOSTINHO, 2015). Günther (1973: 44) e Maurer (2009) consideram [tʃ̃] como fonema do lung'ie, no entanto autores usam para tal afirmação itens em que [tʃ̃] ocorre diante de [i] ou [j], faltando exemplos de pares mínimos com outra vogal ou glide sem o traço mais anterior para assim estabelecer seu estatuto fonêmico. Segundo Agostinho (2015), nos casos em que se realiza como [tʃ̃], o fonema /t/ está sendo palatalizado, realizando-se como uma africada diante de /i/ e /j/. Assim, a africada [tʃ̃] não seria um fonema, mas um fone de /t/.

O estatuto fonêmico da oclusiva alveolar sonora /d/ pode ser comprovado com base nas oposições de /d/ e /t/ em (84) e de /d/ e /l/ em (85):

- (84) a. /d/ ['dɔʃɪ] 'sino'  
 b. /t/ ['tɔʃɪ] 'pino'
- (85) a. /d/ ['dẽma] 'dama'  
 b. /l/ ['lẽma] 'lama'

A consoante oclusiva alveolar sonora /d/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset ou como primeiro elemento do onset antes de /r, w, j/ e se realiza como [d]. Não ocorre como segundo elemento do onset e como coda. Precede todas as vogais orais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ e nasalizadas [ĩ, ê, ê, ê, õ, õ, ũ]. Em



(86-a), tem-se o /d/ ocorrendo em início de palavra, em (86-b) em meio de palavra e em (86-c) como primeiro elemento do onset:

- (86) a. [da'gẽ] 'dragão'  
 b. [ka'padu] 'castrado'  
 c. [la'drẽ] 'ladrão'

A consoante /d/ possui duas realizações [d] e [d̥]. Estes segmentos estão em variação livre, sendo que a variante implosiva parece estar sendo substituída totalmente pela oclusiva nas camadas mais jovens (AGOSTINHO, 2015).

### 3.2.1.1.3 Oclusivas velares

Há duas consoantes oclusivas velares: uma consoante velar surda /k/ e uma sonora /g/. O estatuto fonêmico da oclusiva velar surda /k/ pode ser comprovado com base nas oposições de /k/ e /g/ em (87) e de /k/ e /k̠/ em (88):

- (87) a. /k/ ['kẽga] 'canga'  
 b. /g/ ['gẽga] 'jeans'
- (88) a. /k/ [u'ka] 'ocá'  
 b. /k̠/ [u'k̠pa] 'lampião'

A consoante oclusiva velar surda /k/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset ou como primeiro elemento do onset antes de /r, l, w, j/ e é realizada como [k]. Não ocorre como segundo elemento do onset e como coda. Precede as vogais orais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ e nasalizadas [ĩ, ã, õ, õ̃, ȭ, õ̅, õ̆, õ̇, ṏ, õ̉]. Em (89-a), tem-se o /k/ ocorrendo em início de palavra, em (89-b) em meio de palavra e em (89-c) como primeiro elemento do onset:

- (89) a. [ka'terɐ] 'carteira'  
 b. [ta'kadɔ] 'atacado'  
 c. ['klarɐ] 'clara'

O estatuto fonêmico da oclusiva velar sonora /g/ pode ser observado com base nas oposições de /g/ e /k/ em (90) e de /g/ e /g̃b/ em (91):

- (90) a. /g/ ['gẽgɐ] 'jeans'  
 b. /k/ ['kẽgɐ] 'canga'
- (91) a. /g/ ['go] 'choro'  
 b. /g̃b/ [u'g̃bo] 'defecar'

A consoante oclusiva velar sonora /g/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset ou como primeiro elemento do onset antes de /r, l, w, j/ e é realizada como [k]. Não ocorre como segundo elemento do onset e na posição de coda. Precede as vogais orais /i, e, ɛ, a, ɔ, o, u/ e nasalizadas [ĩ, ẽ, ê, ẽ, õ, õ, ã]. A realização de /g/ em onsets complexos não é comum, ocorrendo em poucos itens do vocabulário básico do lung'ie segundo Agostinho (2015). Em (92-a), tem-se o /g/ ocorrendo em início de palavra, em (92-b) em meio de palavra e em (92-c) como primeiro elemento do onset:

- (92) a. [ga'ra] 'agarrar'  
 b. ['migu] 'amigo'  
 c. [glu'tẽ] 'comilão'

A consoante oclusiva velar sonora pode ser realizada como [g] em todos os contextos, mas, em alguns itens, pode ser realizada como [ʎg] por alguns falantes<sup>4</sup>. No entanto, a realização de [ʎg] não se trata de um processo regular (AGOSTINHO, 2015).

<sup>4</sup>A realização de [ʎg] ocorre, sobretudo, no começo de palavra.

### 3.2.1.1.4 Oclusivas velo-labiais

O lung'ie apresenta duas consoantes oclusivas coarticuladas velo-labiais: /k̂p/ e /ĝb/. O estatuto de fonema da consoante /k̂p/ pode ser observado a partir das oposições de /k̂p/ e /p/ em (93) e de /k̂p/ e /k/ em (94). Embora /k̂p/ e /p/ sejam fonemas distintos, no entanto, em algumas palavras, alguns falantes do lung'ie neutralizam tal oposição, assim [k̂p] e [p] se encontram em variação livre como em [ik̂pɛ] e [ipɛ] 'grão' (AGOSTINHO, 2015).

- (93) a. /k̂p/ [u'k̂pa] 'lâmpião'  
 b. /p/ [u'pa] 'árvore'

- (94) a. /k̂p/ [u'k̂pa] 'lâmpião'  
 b. /k/ [u'ka] 'ocá'

A consoante oclusiva velo-labial surda /k̂p/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset. Não ocorre em onset complexo e em coda. Segundo Agostinho (2015), somente há registro de /k̂p/ precedendo as vogais /e, ɛ, a, ɔ, o/ e nasalizadas [ẽ, ẽ̃]. Ao analisar os itens encontrados no dicionário edo-ínglês elaborado por Agheyisi (1986), foram encontrados registros de /k̂p/ com todas as vogais orais e nasalizadas, tais como *akp[a]* 'feto', *ókpe[e]* 'flauta', *úkpe[o]* 'ano', *abekpe[ɛ/n]* 'tipo de faca', *abokpe[ɔ]* 'tipo de bastão' e *ataikpe[i/n]* 'tipo de cobra'. Logo, não se pode conjecturar que o número restrito de vogais que podem se realizar na posição de núcleo precedidas por /k̂p/, em lung'ie, seja devido a uma influência do substrato edo. Em (95-a), tem-se o /k̂p/ ocorrendo em início de palavra e em (95-b) em meio de palavra:

- (95) a. [k̂pa] 'encostar ao lado'  
 b. [ik̂pe'k̂pe] 'caracol'

O estatuto fonêmico da consoante oclusiva velo-labial sonora /ĝb/ pode ser verificado com base na oposição /ĝb/ e /b/ em (96). Similar ao que ocorre com a oclusiva velo-labial surda, a consoante oclusiva velo-labial sonora /ĝb/ pode ser

realizada como [g̃b] e [b] que se encontram em variação livre como em [ɔ'g̃bɔ] e [ɔ'bo] 'resto de comida' (AGOSTINHO, 2015).

- (96) a. /g̃b/ ['g̃ba] 'ordenar'  
 b. /b/ ['ba] 'aonde'

A consoante oclusiva velo-labial sonora /g̃b/ ocorre em início e meio de palavra como único elemento do onset. Não ocorre em onset complexo e em coda. De acordo com Agostinho (2015), apenas há registros de /g̃b/ precedendo as vogais /e, ε, a, ɔ, o/ e nasalizadas [ẽ, ã]. Com base nos itens encontrados em Agheyisi (1986), de maneira análoga, há registros de /g̃b/ com todas as vogais orais e nasalizadas, tais como *gb[a]laza* 'caro', *ògb[e]hén* 'pescador', *[gbɛn]* 'escrever', *gbúgb[ɔ]* 'cultivar' e *gb[i]ghidi* 'pesadamente'. Portanto, não se pode supor que o número restrito de vogais que podem se realizar na posição de núcleo precedidas por /g̃b/, em lung'ie, seja em razão de uma herança do substrato edo. Nos exemplos em (97-a), tem-se o /g̃b/ ocorrendo em início de palavra e em (97-b) em meio de palavra:

- (97) a. ['g̃be] 'amassar'  
 b. [a'g̃bẽ] 'sujo de fezes'

### 3.2.1.2 *Nasais*

O lung'ie apresenta em seu quadro fonêmico três consoantes nasais: a consoante nasal labial /m/, a consoante nasal alveolar /n/ e a consoante nasal palatal /ɲ/. Cada segmento será analisado separadamente nas subseções que seguem.

### 3.2.1.2.1 Nasal labial

O estatuto fonêmico da oclusiva nasal labial /m/ pode ser observado com base nas oposições de /m/ e /b/ em (98) e de /m/ e /n/ em (99):

- (98) a. /m/ ['ma] 'colar'  
 b. /b/ ['ba] 'cadê, onde está?'
- (99) a. /m/ ['mama] 'mãe'  
 b. /n/ ['mana] 'irmã'

A consoante nasal labial /m/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset e primeiro elemento do onset diante de /w, j/. É realizada como [m] e precede todas as vogais /i e ε a o u/ e nasalizadas [ĩ ã õ ã õ ã ã]. Em posição de coda, ocorre uma neutralização dos fonemas nasais /m, n/ (AGOSTINHO, 2015). No exemplo (100-a), é possível encontrar /m/ em início de palavra, em (100-b) observa-se /m/ em meio de palavra e, por fim, como primeiro elemento do onset diante de glide em (100-c):

- (100) a. [ma'dja] 'madeira'  
 b. [reka'ma] 'reclamar'  
 c. [ta'mjẽ] 'tigela'

### 3.2.1.2.2 Nasal alveolar

Quanto ao estatuto fonêmico da consoante nasal alveolar /n/, pode-se observar as oposições de /n/ e /d/ em (101) e de /n/ e /t/ em (102):

- (101) a. /n/ ['na] PREP.  
 b. /d/ ['da] 'dar'

- (102) a. /n/ ['na] PREP.  
 b. /t/ ['ta] 'estar'

A consoante nasal alveolar /n/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset e como primeiro elemento do onset diante de /w, j/. Em posição de onset, realiza-se como [n], no entanto, em posição de coda, ocorre uma neutralização dos fonemas nasais /m, n/ (AGOSTINHO, 2015). A consoante /n/ pode preceder todas as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ĩ ã õ õ ã ã]. No exemplo (103-a), tem-se /n/ em posição inicial de palavra, em (103-b) em posição medial e em (103-c) como primeiro elemento do onset:

- (103) a. [nagu'ra] 'inaugurar'  
 b. ['pẽtanɔ] 'lamaçal'  
 c. [vu'nwa] 'menstruar'

### 3.2.1.2.3 Arquifonema nasal

Para a representação da neutralização dos fonemas nasais /m, n/ em coda e em início de palavra diante de outra consoante, o presente estudo utilizará o arquifonema nasal /N/, haja vista que nestas posições a consoante nasal não apresentará ponto de articulação definido (AGOSTINHO, 2015).

De acordo com as descrições de Agostinho (2015), o ponto de articulação da nasal em coda assimilará o da consoante<sup>5</sup> seguinte. O arquifonema /N/ será realizado como [n] diante de consoantes alveolares e palatais como em (104-a). Diante de consoantes labiais, como em (104-b), será realizado como [m] e, diante de consoantes velares, será realizado como [ŋ] como em (104-c).

<sup>5</sup>A realização da consoante homorgânica é sempre opcional.

- (104) a. /viNti/ [ˈvĩn.tʃi] ‘vinte’  
 b. /ʃiNba/ [ˈʃĩm.bɐ] ‘policial’  
 c. /loNgo/ [ˈlõŋ.go] ‘longo’

A nasal /N/ pode ser silábica no começo de palavra diante das consoantes /p, b, t, d, k, g, z/ (AGOSTINHO, 2015). Em lung'ie, a nasal silábica [ŋ] assimila o ponto de articulação da consoante seguinte: realizando-se como [ŋ] diante das alveolares /t, d, z/ como em (105-a), como [m] diante das labiais /p, b/, como em (105-b) e em (105-c), e [ŋ] diante das consoantes velares /k, g/ como em (105-d). De acordo com Agostinho (2015), as nasais silábicas podem variar com [ĩ] e, em alguns contextos, com [ũ].

- (105) a. [ŋ] [ŋ'tɛw] ~ [ĩ'tɛw] ‘enterro’  
 b. [m] [m'basɐ] ~ [ĩ'basɐ] ‘costela’  
 c. [m̩ba'ka] ~ [ũba'ka] ‘facão’  
 d. [ŋ] [ŋ'ganɐ] ~ [ĩ'ganɐ] ‘enganar’

#### 3.2.1.2.4 Nasal palatal

O estatuto fonêmico da consoante nasal palatal /ɲ/ pode ser comprovado ao observar as oposições de /ɲ/ e /m/ em (106) e de /ɲ/ e /n/ em (107)<sup>6</sup>:

- (106) a. /ɲ/ [ˈɲɛ] ‘espremer’  
 b. /m/ [ˈmɛ] POSS. 1P SG
- (107) a. /ɲ/ [pa'ɲa] ‘apanhar’  
 b. /n/ [pa'na] ‘aplainar’

A consoante nasal palatal /ɲ/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único

<sup>6</sup>Exemplos retirados de Agostinho (2015).

elemento do onset e como primeiro elemento do onset diante de /j/. Segundo Agostinho (2015), a consoante nasal palatal somente ocorre em cerca de 3% de um total de cerca de 4000 palavras do *corpus*, incluindo compostos. Tal consoante pode preceder as vogais orais /ɛ, a, ɔ, o, u/ e nasalizadas [ẽ, ẽ̃, õ, ã]. Quanto à sua distribuição, em (108-a), é possível observar /ɲ/ ocorrendo em início de palavra, em (108-b), em meio de palavra e em (108-c) como primeiro elemento do onset:

- (108) a. [ɲa'ɲa] 'gato selvagem'  
 b. ['bẽɲɐ] 'banha'  
 c. [kõpa'ɲja] 'Companhia (topônimo)'

### 3.2.1.3 *Aproximantes*

O lung'ie apresenta duas consoantes aproximantes: a consoante aproximante labial /w/ e a consoante aproximante palatal /j/. Cada consoante será analisada separadamente nas subseções que seguem.

#### 3.2.1.3.1 *Aproximante palatal*

O traço fonêmico da consoante aproximante palatal pode ser observado com base nas oposições de /j/ e /i/ em (109) e de /j/, /n/ e /ɲ/ em (110):

- (109) a. /j/ ['pja] 'ver'  
 b. /i/ ['pia] 'pia'

- (110) a. /j/ ['ja] 'eis'  
 b. /n/ ['na] PREP.  
 c. /ɲ/ ['ɲa] 'sim'



A consoante /j/ pode ocorrer diante de uma vogal na posição de onset, podendo ser o primeiro ou o segundo elemento em onset ou em coda. Como segundo elemento do onset, pode ser antecedido por /p b t d k g f m ɲ r l v s z/. Precede as vogais orais /e ε a o ɔ u/ e nasalizadas [ẽ ẽ̃ õ õ̃]. No exemplo (111-a), pode-se observar a consoante /j/ ocorrendo em início palavra como único elemento do onset, em posição medial de palavra como segundo elemento do onset em (111-b) e em coda (111-c):

- (111) a. [jẽ'ga] 'rasgar'  
 b. [fa'lja] 'falhar'  
 c. ['sej] 'seis'

### 3.2.1.3.2 Aproximante bilabial

A consoante aproximante bilabial possui um estatuto fonêmico que pode ser observado com base nas oposições de /w/ e /v/ em (112) e de /w/ e /m/ em (113)<sup>7</sup>:

- (112) a. /w/ ['wɛ] 'ir'  
 b. /v/ ['vɛ] 'velho'
- (113) a. /w/ [wẽ'ga] 'espalhar'  
 b. /m/ [mẽ'ga] 'mangar'

A consoante aproximante palatal /w/ pode ocorrer diante de uma vogal na posição de onset, podendo ser o primeiro ou o segundo elemento em onset ou em coda. Como segundo elemento do onset, pode ser antecedido por /p b t d k g f m n r l v s z/. Precede as vogais orais /i e ε a ɔ o/ e nasalizadas [ĩ ẽ̃ õ̃]. É possível observar no exemplo (114-a) a consoante /w/ ocorrendo em início palavra como único elemento do onset e em posição medial de palavra, como segundo elemento do onset em (114-b) e em coda (114-c):

<sup>7</sup>Exemplos retirados de Agostinho (2015).

- (114) a. [wɔ'wɔ] 'espalhar'  
 b. [a'mwe] 'amor'  
 c. [aw'ture] 'altura'

#### 3.2.1.4 *Vibrante alveolar*

A consoante vibrante alveolar apresenta estatuto fonêmico que pode ser observado por meio das oposições de /r/ e /l/ em (115) e de /r/ e /t/ em (116):

- (115) a. /r/ [ra'la] 'ralar'  
 b. /l/ [la'la] 'lá'
- (116) a. /r/ [rɛ'ma] 'remar'  
 b. /t/ [tɛ'ma] 'teimar'

A consoante vibrante alveolar /r/ pode ocorrer em início e meio de palavra na primeira ou na segunda posição de onset. Como segundo elemento do onset, pode ser antecedido por /p b t d k g f v/. Precede as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ĩ ã õ ẽ õ]. Tal consoante pode ser realizada como vibrante múltipla [r] ou vibrante simples [r] (AGOSTINHO, 2015). Observa-se a consoante /r/, no exemplo (117-a), ocorrendo em início de sílaba, em início de sílaba diante de uma aproximante em (117-b) e como segundo elemento do onset em (117-c):

- (117) a. [rẽ'da] 'arrendar'  
 b. ['rjadɔ] 'desanimado'  
 c. [kũ'pri] 'cumprir'

### 3.2.1.5 Laterais aproximantes

O lung'ie apresenta duas consoantes laterais aproximantes em seu inventário: uma consoante lateral alveolar /l/ e uma consoante lateral palatal /ʎ/. Cada consoante será descrita separadamente em 3.2.1.5.1 e 3.2.1.5.2.

#### 3.2.1.5.1 Lateral alveolar

O estatuto fonêmico da consoante lateral alveolar pode ser constatado a partir das oposições /l/ e /r/ em (118) e de /l/ e /d/ em (119):

- (118) a. /l/ [la'la] 'lá'  
 b. /r/ [ra'la] 'ralar'
- (119) a. /l/ [u'lalʊ] 'doença de pele'  
 b. /d/ [u'ladʊ] 'lado'

A consoante lateral alveolar /l/ pode ocorrer em início e meio de palavra como elemento do onset diante de /w, j/ e na segunda posição do onset. Como segundo elemento do onset, pode ser antecedido por /p b k g/. Precede as vogais orais /e i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ẽ ẽ ã õ õ ã]. Pode se realizar em coda, contudo, restringe-se a algumas palavras (AGOSTINHO, 2015). Nota-se a consoante /l/, no exemplo (120-a), realizando-se em início de palavra, em (120-b) em meio de palavra, como segundo elemento do onset em (120-c) e na primeira posição do onset diante de uma aproximante em (120-d):

- (120) a. [late] 'lata'  
 b. [rɔ'ləʊ] 'relógio'  
 c. [plumʊ] 'prumo'  
 d. [lwa'sẽ] 'menstruada'

A consoante lateral alveolar se realiza como [l] na posição de onset e como

[ɬ] e como [w] em coda e após processos de síncope e epêntese, restrito a alguns falantes, como em [aɬfa'betʊ] e [awfa'betʊ] ‘alfabeto’ e em [ˈsɔɬda] e [ˈsɔwda] ‘solda’ (AGOSTINHO, 2015: 42).

### 3.2.1.5.2 Lateral palatal

A consoante lateral palatal /ɬ/ possui o estatuto fonêmico que pode ser comprovado com base nas oposições de /ɬ/ e /l/ em (121) e de /ɬ/ e /d/ em (122):

(121) a. /ɬ/ [ˈmaɬɐ] ‘malha’

b. /l/ [ˈmalɐ] ‘mala’

(122) a. /ɬ/ [ˈrɔɬɐ] ‘rolha’

b. /d/ [ˈrɔdɐ] ‘roda’

A consoante lateral palatal /ɬ/ pode ocorrer em meio de palavra como primeiro elemento do onset. De acordo com Agostinho (2015), não foram encontrados registros de /ɬ/ em início de palavra e em coda. A partir da análise dos dados gravados, registrou-se a consoante diante das vogais orais /ɛ a ɔ u/ e da nasalizada [ẽ]. Naturalmente, não há uma restrição que impeça tal consoante de coocorrer com as demais vogais, somente não há registros de tais ocorrências. Realiza-se sempre como [ɬ]. Em (123-a) e em (123-b), há exemplos da realização de /ɬ/, ocorrendo em meio de palavra:

(123) a. [tɐɬɐ'derɐ] ‘talhadeira’

b. [ʃu'kaɬʊ] ‘chocalho’

### 3.2.1.6 *Fricativas*

O lung'ie apresenta seis consoantes fricativas: as consoantes fricativas labiais surda /f/ e sonora /v/, as consoantes fricativas alveolares surda /s/ e sonora /z/, e, por fim, as consoantes fricativas palatais surda /ʃ/ e sonora /ʒ/. Cada consoante será descrita quanto à sua distribuição nas subseções a seguir:

#### 3.2.1.6.1 Fricativas labiais

A consoante fricativa labiais surda /f/ apresenta estatuto fonêmico que pode ser comprovado com base nas seguintes oposições de /f/ e /v/ em (124) e de /f/ e /p/ em (125):

- (124) a. /f/ ['fa] PARTÍCULA DE NEGAÇÃO  
 b. /v/ ['va] 'descascar'
- (125) a. /f/ ['fasʊ] 'calúnia'  
 b. /p/ ['pasʊ] 'pequena cabana'

A consoante fricativa labiodental /f/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset ou na primeira posição do onset diante de /r, w, j/. Não pode ocorrer como segundo elemento do onset e em coda. A consoante fricativa labial pode preceder as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ẽ ẽ ã ã ã] (AGOSTINHO, 2015). Nos exemplos a seguir, tem-se /f/ realizando-se em início de palavra em (126-a), em (126-b) em meio de palavra, como primeiro elemento do onset e como primeiro elemento do onset diante de glide em (126-c):

- (126) a. ['fesʊ] 'zíper'  
 b. [sa'frẽ] 'açafreão'  
 c. [u'fja] 'folha'

O estatuto da consoante fricativa labial sonora /v/ é comprovado a partir das oposições de /v/, /f/ e /b/ em (127):

- (127) a. /v/ ['va] 'chicote'  
 b. /f/ ['fa] PARTÍCULA DE NEGAÇÃO  
 c. /b/ ['ba] 'cadê, onde está?'

Quanto à sua distribuição, a consoante fricativa labial sonora /v/ pode ocorrer como único elemento do onset ou primeiro elemento do onset diante de /r, w, j/. Não pode ocorrer como segundo elemento do onset e como coda (AGOSTINHO, 2015). Realiza-se como [v] e pode preceder as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ẽ ã õ ã ã]. No exemplo (128-a), é possível observar a realização de /v/ em início de palavra, em (128-b) em meio de palavra, em (128-c) na primeira posição do onset e, por fim, em (128-d), em onset diante de uma aproximante:

- (128) a. [vũga] 'balanço'  
 b. [di'vja] 'devia'  
 c. [vrɛʃi'vrɛʃi] 'seco'  
 d. ['vwa] 'voar'

### 3.2.1.6.2 Fricativas alveolares

A consoante fricativa alveolar surda /s/ possui estatuto fonêmico que pode ser comprovado com base nas oposições de /s/ e /z/ em (129) e de /s/ e /ʃ/ em (130):

- (129) a. /s/ ['se] 'selecionar'  
 b. /z/ ['ze] 'apanhar uma porção'
- (130) a. /s/ ['sa] 'estar'  
 b. /ʃ/ ['ʃa] 'chá'

A consoante fricativa alveolar surda /s/ pode ocorrer em início e meio de

palavra na posição de onset, como primeiro elemento do onset diante de /w, j/ e em coda no meio de palavra. Realiza-se como [ʃ] diante de /i/, [ɪ] ou /j/ em coda e como [s] diante das demais vogais e de /w/ (AGOSTINHO, 2015). Pode preceder as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ĩ ã õ õ ã õ ã]. No exemplo em (131-a), tem-se a realização de /s/ em início de palavra, em meio de palavra em (131-b), como primeiro elemento de onset diante de glide em (131-c) e em coda (131-d):

- (131) a. [sa'fa] 'branquear'  
 b. [ba'sa] 'abaixar'  
 c. ['swa] 'swa, conto tradicional'  
 d. ['tɛstɛ] 'testa'

A consoante fricativa alveolar sonora /z/ possui estatuto fonêmico que pode ser comprovado com base nas oposições de /z/ e /s/ em (132) e de /z/ e /ʃ/ em (133):

- (132) a. /z/ [ka'za] 'casar'  
 b. /s/ [ka'sa] 'caçar'
- (133) a. /z/ ['za] 'já'  
 b. /ʃ/ ['ʃa] 'chá'

A consoante fricativa alveolar sonora /z/ pode ocorrer em início e meio de palavra na posição de onset, como primeiro elemento do onset diante de /w, j/ e em coda no meio de palavra. Pode preceder todas as vogais orais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ e nasalizadas [ĩ, ã, õ, õ, ã, õ, ã]. No exemplo em (134-a), tem-se a realização de /z/ em início de palavra, em meio de palavra em (134-b) e como primeiro elemento de onset diante de glide em (134-c):

- (134) a. [zu'bjẽ] 'bolso'  
 b. [pa'ze] 'prazer'  
 c. ['zwa] 'jurar'

### 3.2.1.6.3 Fricativas palatais

As consoantes fricativas palatais surda /ʃ/ e sonora /ʒ/ possuem estatuto fonêmico no lung'ie. Pode-se observar que a fricativa /ʃ/ é um fonema por meio das seguintes oposições de /ʃ/ e /s/ em (135) e de /ʃ/ e /ʒ/ em (136):

- (135) a. /ʃ/ [ʃa] 'chá'  
b. /s/ [sa] 'estar'

- (136) a. /ʃ/ [ʃa] 'chá'  
b. /ʒ/ [ʒa] 'já'

De acordo com Agostinho (2015), a consoante fricativa palatal surda /ʃ/ ocorre em início e meio de palavra como primeiro elemento do onset /ʃ/. Precede as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ẽ ẽ̃], sendo neutralizada com o fonema /s/ diante de /i/ e /j/. No exemplo (137-a), observa-se /ʃ/ em início, em meio de palavra em (137-b) e na coda em (137-c):

- (137) a. [ʃa'ɛ] 'chalé'  
b. [kaʃɐ] 'caixa'  
c. [tɛʃtɔ] 'texto'

A consoante /ʒ/ pode ter o seu estatuto fonêmico observado através das oposições de /ʒ/ e /z/ em (138) e de /ʒ/ e /ʃ/ em (139):

- (138) a. /ʒ/ [ʒulɔ] 'julho'  
b. /z/ [zulɔ] 'azul'

- (139) a. /ʒ/ [ʒa] 'já'  
b. /ʃ/ [ʃa] 'chá'

A consoante /ʒ/ pode ocorrer em início e meio de palavra como primeiro elemento do onset. Precede as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ẽ ẽ̃] e



é neutralizada como fonema /z/ diante de /i j/ (AGOSTINHO, 2015). Pode-se observar a consoante /ʒ/ em início (140-a) e meio de palavra (140-b):

- (140) a. [ʒakɐ] 'jaca'  
 b. [kẽʒɐ] 'canja'

### 3.2.2 Segmentos vocálicos

Quanto ao seu sistema vocálico, o lung'ie possui sete vogais orais e sete vogais longas como se pode observar nos Quadros 32 e 33. Ainda que Agostinho (2015: 50) defenda que as vogais longas são fonológicas em lung'ie, a autora não apresenta um quadro para as mesmas na sua descrição fonológica, afirmando ainda que a língua apresenta sete vogais (ao invés de quatorze).

	Anterior	Central	Posterior
<b>Alta</b>	i		u
<b>Média-alta</b>	e		o
<b>Média-baixa</b>	ɛ		ɔ
<b>Baixa</b>		a	

Quadro 32: Vogais do lung'ie.

	Anterior	Central	Posterior
<b>Alta</b>	ii		uu
<b>Média-alta</b>	ee		oo
<b>Média-baixa</b>	ɛɛ		ɔɔ
<b>Baixa</b>		aa	

Quadro 33: Vogais longas do lung'ie.

De acordo com Maurer (2009: 8), o sistema vocálico do lung'ie apresenta vogais nasais fonêmicas. No entanto, no lung'ie, segundo Balduino *et al.* (2015), a nasalidade é resultado do arquifonema nasal /N/ ou do espalhamento da nasalidade oriundo da consoante nasal da sílaba seguinte. Desse modo, não há nasalidade fonêmica das vogais, haja vista que a nasalidade é decorrente de uma consoante nasal na coda ou no onset da sílaba seguinte em lung'ie (BALDUINO *et al.*, 2015).

Quanto à sua distribuição, as sete vogais orais /i, e, ε, a, ə, o, u/ possuem estatuto fonêmico que pode ser observado nos exemplos de (141) a (144). Tais vogais podem ocorrer em sílabas tônicas e átonas. Todas podem ser nasalizadas foneticamente diante de /N/ e também em sílaba tônica precedida por uma consoante nasal na sílaba seguinte, realizando-se como [ĩ, ê, ẽ, ẽ̃, õ, õ̃, ã].

(141) /a/ e /i/

a. [ɛ'ʃa] 'achar'

b. [ɛ'ʃĩ] 'assim'

(142) /ε/ e /ə/

a. [ɔ'pɔ] 'pó'

b. [ɔ'pɛ] 'pé'

(143) /o/ e /e/

a. [ma'do] 'esperto'

b. [ma'de] 'útero'

(144) /u/ e /o/

a. [i'du] 'piolho'

b. [i'do] 'almofariz'

A vogal baixa central não arredondada realiza-se como [a] em sílabas tônicas e pré-tônicas e como [ɐ] em sílabas átonas finais. Tal vogal pode se realizar como [ẽ] diante de /N/ e quando está em uma sílaba tônica precedida por uma consoante nasal na sílaba seguinte (AGOSTINHO, 2015).

As vogais /e, ε/ podem se realizar como [ɪ] em sílabas átonas finais. Em contrapartida, as vogais /o, ɔ/ podem se realizar como [ʊ] em sílabas átonas finais. A vogal alta anterior não arredondada /i/ realiza-se como [ɪ] em sílabas átonas finais. Quando aparece em hiato, pode ser realizado como [j] após um processo de ditongação. A vogal alta posterior arredondada realiza-se como [u] em sílabas tônicas, pré-tônicas e pós-tônicas não finais e como [ʊ] em sílabas átonas finais. Em hiato, /u/ pode ser realizado como [w] devido ao um processo de ditongação (AGOSTINHO, 2015).

A quantidade vocálica se refere à duração das vogais que podem ser longas ou breves. No lung'ie, há uma contraparte longa para as vogais orais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ e para as nasalizadas [ẽ, ẽ̃]. Assim, as vogais longas são fonologicamente distintas das vogais simples<sup>8</sup> como se pode ver de (145) a (148):

(145) a. /a/ ['ba] 'cadê, onde está?'

b. /aa/ ['ba:] 'arder'

(146) a. /ε/ ['ɛ] 'ser'

b. /εε/ ['ɛ:] 'sim'

(147) a. /o/ ['o] 'ou'

b. /oo/ ['o:] 'oi'

(148) a. /i/ ['ni] 'aqui'

b. /ii/ ['ni:] 'nenhum'

Quanto à distribuição silábica, Ferraz & Traill (1981: 207) analisam a vogal longa como parte da mesma sílaba. Já Maurer (2009: 13) representa palavras como ['ba:] 'arder' como **ba-a** e ['ko:sv] como **kô-ô-su** 'caroço'. A análise de Agostinho (2015) acerca da duração vocálica corrobora, em alguns pontos, a perspectiva dos

<sup>8</sup> Agostinho (2015) não encontrou pares mínimos com vogais breves e longas com /ɔ/ e /ɔɔ/ e /u/ e /uu/. Ademais há um par com vogais longas e breves com /e/ e /ee/ como /e/ ['e] PRON. 3P SG e /ee/ ['e:] 'epa', no entanto, o par foi desconsiderado pela análise, tendo em vista que um item se trata de uma interjeição.

autores supracitados. Por um lado, há uma consonância nas suas análises com a de Ferraz & Traill (1981: 207) no que diz respeito à distribuição da vogal longa. Para eles, a vogal longa está dentro de uma sílaba, em detrimento da perspectiva de que haveria dois segmentos em sílabas distintas. Ambos os estudos possuem como argumento o fato de as regras de acento não se sustentarem em palavras como ['ba:] que, segundo Agostinho, se apresentasse duas sílabas seria acentuada na última sílaba \*[ba.']. Por outro lado, Agostinho (2015) se une ao Maurer (2009) ao defender que a vogal longa é uma sequência de duas vogais. Assim, de forma análoga à descrição de Maurer (2009), na análise de Agostinho (2015), é utilizada a notação /aa/ para a forma subjacente, uma vez que, para a autora, haveria dois segmentos que constituem uma vogal dupla. A notação [a:] é usada para a forma de superfície, haja vista que foneticamente tais segmentos são realizados como uma vogal longa.

### 3.2.3 Sílaba

De acordo com Agostinho (2015) e com a análise do *corpus*, o lung'ie apresenta as seguintes estruturas silábicas. Segundo Agostinho (2015), em lung'ie, existe uma relação entre o núcleo e a coda da sílaba, assim a estrutura de rima seria mais adequada do que uma estrutura trinária (BLEVINS, 1995). As consoantes descritas nas subseções anteriores, tais como /p, b, t, d, k, g, ḡb, ḡp, f, v, m, n, ɲ, w, j, r, l, ʎ, s, ʃ, z, ʒ/ podem ocorrer em onset no meio de palavra. A palatal /ʎ/ é a única consoante que não pôde ser encontrada em onset no início de palavra (AGOSTINHO, 2015). O segundo elemento do onset pode ser um dos dois aproximantes<sup>9</sup> /w, j/.

---

<sup>9</sup>Agostinho (2015), em sua análise, encontrou sílabas do tipo CCV (como **safrão** 'açafração' e **plumu** 'prumo'), em que a segunda consoante pode ser /r/ ou /l/, no entanto, na análise do *corpus* deste estudo, tal tipo silábico não foi encontrado, por essa razão, não será considerado nessa análise.

As distribuições das consoantes estão descritas resumidamente nos Quadros de 36 a 50.

Sílaba	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
V	[a.t̃i]	/ati/	'arte'
VC	[i.f.ka]	/iSka/	'isca'
CV	[nɛ.li]	/nɛli/	'anel'
CVC	[jẽ.ga]	/jaNga/	'abrir'
CCV	[kɔ.'pja]	/kɔpja/	'copiar'
CCVC	[t̃ẽ'gew]	/ftagew/	'estrangeiro'
VV	[e:]	/ee/	'epa'
CVV	[u'ba:̃.su]	/ubaasu/	'abraço'
CVVC	[u'bẽ:̃.ku]	/ubaaNku/	'banco'
CCVV	[kwa:]	/kwaa/	'corda'

Quadro 34: Estruturas silábicas em lung'ie.

O núcleo deve ser preenchido por pelo menos uma vogal simples ou por uma nasal silábica, sendo a sílaba mínima V ou N<sup>10</sup> (ver Quadro 35). Todas as vogais podem ser nucleadas em sílabas acentuadas e pré-acentuadas como em (149):

- (149) /a/ [fa'la] 'falar'  
 /e/ [fe've] 'ferver'  
 /ɛ/ [fɛ'nɛ] 'desfazer'  
 /ɔ/ [pɔ'tɔ] 'estragar'  
 /o/ [zo'po] 'luxo'  
 /i/ [ki'li] 'enrolar'  
 /u/ [tu'tu] 'juntar'

As sete vogais /i, e, ɛ, a, ɔ, o, u/ podem aparecer nas sílabas postônicas finais, no entanto, segundo Agostinho (2015), alguns falantes, em particular os mais novos, reduzem este quadro para três [i, ɐ, ʊ]. Agostinho (2015) apresenta os seguintes exemplos em (150):

- (150) a. /i/ [lɛmi] 'leme'  
 b. /e/ [vɛsɛ] ~ [vesi] 'vez'

<sup>10</sup>Embora silábica, a consoante N aparece necessariamente acompanhada.

- c. /ɛ/ [ˈõzɛ] ~ [ˈõzi] ‘onze’  
 d. /a/ [ˈmakɐ] ‘marca’  
 e. /ɔ/ [dɛˈfɛjtɔ] ~ [dɛˈfɛjtʊ] ‘defeito’  
 f. /o/ [ˈgoʃto] ~ [ˈgoʃtʊ] ‘gosto’  
 g. /u/ [ˈluʃʊ] ‘luxo’

Sílaba	Fonemas	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
V	/ɛ e i a ɔ o u/	[ˈe]	/e/	PRON. 3P SG

Quadro 35: Exemplo de sílaba mínima em lung'ie.

Os aproximantes /j/ e /w/ podem ocorrer em onset e em coda. Os aproximantes podem ser o único ou o segundo elemento do onset iniciado por /p, b, t, d, k, g, m, f, v/. Agostinho (2015) afirma, por meio de testes de nasalização e espalhamento, que os aproximantes são de fato consoantes, pois somente podem preencher a posição de onset e coda. Desse modo, no momento em que os aproximantes antecedem uma vogal (*onglides*), os aproximantes estão no onset, ao passo que quando os aproximantes ocorrem após uma vogal (*offglides*), os aproximantes fazem parte da coda (AGOSTINHO, 2015).

Quanto aos onsets complexos, o lung'ie apresenta diversas opções de combinação, embora sejam restritos a 58 palavras de 4000 do *corpus* analisado por Agostinho (2015). Segundo Agostinho (2015), há ocorrências com /pr, pl, br, bl, tr, dr, kr, kl, gr, gl, fr, vr/. Além disso, segundo a estudiosa, o onset complexo CG pode ser ocupado pelas seguintes consoantes na primeira posição /p, b, t, d, k, g, m, n, r, l, f, v, s, z/. Embora Agostinho (2015), baseada em seus dados, tenha afirmado haver onsets complexos formados por oclusivas e fricativas em conjunto com as consoantes líquidas na segunda posição do onset, na análise dos dados pertencentes ao presente estudo, não foi encontrado sequer um item em que o lung'ie apresentasse manutenção de onsets complexos presentes no PGG e em santome, língua, dentre as quatro-irmãs, que permite onsets complexos. Logo, pode-se conjecturar que a formação de onsets complexos, em lung'ie, pode ser caracterizada como um traço recente na língua, uma vez que o lung'ie exibiu apagamento do segundo elemento

do onset complexo, nos conjuntos de cognatos aqui analisados, como em **ubaanku** ‘branco’ < \*blanku<sub>95</sub> e **peetu** ‘preto’ < \*pletu<sub>98</sub>. A posição de coda é ocupada por somente um elemento que pode ser uma aproximante /w j/, uma consoante nasal /N/, que assimila o ponto de articulação do elemento seguinte e pode ou não ser realizada foneticamente, ou por uma consoante fricativa /S/, realizada como [ʃ] (AGOSTINHO, 2015).

Nos quadros a seguir, de 36 a 50, são demonstradas as consoantes e vogais que podem coocorrer nas possíveis estruturas silábicas do lung'ie.

C	V	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/p b t d k g m n l r f v s z/ /g̃b̃ kp̃/	/a e ε i o ɔ u/ /a e ε o ɔ/ i★ u★	[ˈnɛ.tu]	/nɛtu/	‘neto’
/p/	/a ε o ɔ u/ i★ e★	[u.ˈmu.ɲa]	/umɲa/	‘unha’
/ʎ/	/a ε ɔ u/ o★ i★ e★	[ˈma.ʎa]	/maʎa/	‘malha’
/ʃ ʒ/	/a e ε o ɔ u/ i★	[ʒe.ˈle.ra]	/ʒelera/	‘geladeira’
/j/	/ε e a ɔ o u/ i★	[ma.ˈjɔ]	/majɔ/	‘maior’
/w/	/ε e i a ɔ o/ u★	[ˈwɛ]	/wɛ/	‘ir’

Quadro 36: Sílabas com estrutura CV.

C	V	C	Exemplos	Forma subja- cente	Glosa
/p/	/ε e a ɔ o i u/	/N/	[pẽ.'pẽ]	/pεNpεN/	'larva de pargo'
	/a u/ ε★ e★ ɔ★ o★ i★	/j/	[paj.'pa]	/pajpa/	'cupim'
	/e i/ a★ ɔ★ o★ ε★ u★	/w/	[ru.'pew]	/rupew/	'europeu'
	/a ε ɔ o i/ e★ u★	/S/	[pɛf.'ta.na]	/pεStana/	'sobrancelha'
/b/	/ε e a ɔ o i u/	/N/	[sa.'bẽ]	/sabaN/	'sabão'
	/a e/ i★ ɔ★ o★ ε★ u★	/w/	[ba.'bew]	/babew/	'barbeiro'
	/a/ ε★ ɔ★ o★ i★ e★ u★	/S/	[baɸ.'tẽ]	/baStaN/	'bastão'
/t/	/ε e a ɔ o i u/	/N/	[vi.'tẽ]	/vitεN/	'vintém'
	/a ε/ u★ e★ ɔ★ o★ i★	/w/	[ĩ.'tew]	/iNtew/	'enterro'
	/ε/ a★ ɔ★ o★ i★ e★ u★	/S/	['tɛɸ.ta]	/tεSta/	'testa'

Quadro 37: Sílabas CVC em lung'ie.

C	V	C	Exemplos	Forma subja- cente	Glosa
/d/	/ε e a ɔ o i u/	/N/	['dõ]	/dɔN/	'dom'
	/e i/ u★ ɔ★ o★ a★ ε★	/w/	[pa.'dew]	/padew/	'padeiro'
	/i/ a★ ɔ★ o★ ε★ e★ u★	/S/	[diɸ.'fja]	/diSfja/	'desfiar'
/k/	/ε e a ɔ o i u/	/N/	['kõ]	/koN/	PREP.
	/a e o/ ε★ ɔ★ i★ u★	/j/	[ko.'koj]	/kokoj/	'bago'
	/a e/ i★ ɔ★ o★ ε★ u★	/w/	[ka.'kaw]	/kakaw/	'cacau'
	/ɔ u i/ o★ a★ e★ ε★	/S/	[kuɸ.'ta]	/kuSta/	'custar'

Quadro 38: Sílabas CVC em lung'ie.



C	V	C	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/g/	/ε e a ɔ o i u/	/N/	[la.'gẽ]	/lagaN/	'lagaia'
	/e/ i★ u★ ɔ★ o★ a★ ε★	/w/	[ftẽ.'gew]	/StaNgew/	'estrangeiro'
	/a ɔ o/ i★ ε★ e★ u★	/S/	[goj.to]	/goSto/	'gosto'
/k̂p/	/e a/ ε★ ɔ★ o★ i★ u★	/N/	[a.'k̂pẽ]	/ak̂peN/	'chefe do quintal'
	/a/ i★ u★ ɔ★ o★ e★ ε★	/j/	[k̂pa.j.k̂pa]	/k̂pa.jk̂pa/	'larva'
/ĝb/	/i u/ ε★ a★ e★ ɔ★ o★	/N/	[ĝbũ.'ĝbũ]	/ĝbuNĝbuN/	'osso cartilaginoso'
/m/	/i u ε a e ɔ o/	/N/	[i.'fi.ku.mi]	/ifikumiN/	'caminho'
	/e/ i★ u★ ɔ★ o★ ε★ a★	/j/	[mej.'dja]	/mejdja/	'meio-dia'
	/a e i/ u★ ɔ★ o★ ε★	/w/	[pi.'mew]	/pimew/	'primeiro'
	/a i u/ ɔ★ o★ ε★ e★	/S/	[miʃ.'kitu]	/miSkitu/	'mosquito'
/n/	/i u ε a ɔ/ e★ o★	/N/	[n̄]	/n̄N/	PRON. 1P PL
	/e/ a★ i★ u★ ɔ★ o★ ε★	/w/	[za.'new]	/zaneW/	'janeiro'
/ɲ/	/ε a ɔ u/ i★ e★ o★	/N/	[ɲ̄]	/ɲ̄N/	'não'

Quadro 39: Sílabas CVC em lung'ie.

C	V	C	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/r/	/i e ε a ɔ/ u★ o★	/N/	[rẽ.'da]	/rɛNda/	'alugar'
	/e ε i/ a★ u★ ɔ★ o★	/w/	[rɛw]	/rɛw/	'réu'
/l/	/i e ε a ɔ u o/	/N/	[lũ.'du]	/luNdu/	'baile'
	/a ε i/ e★ u★ ɔ★ o★	/ʃ/	[laf.'ta]	/laSta/	'caluniar'
/ʎ/	/a/ i★ e★ ε★ ɔ★ u★ o★	/N/	[mi.'ʎẽ]	/miʎaN/	'milhão'
/f/	/i e ε a ɔ u/ o★	/N/	[sa.'fẽ]	/safaN/	'açafraão'
	/a ε/ i★ u★ ɔ★ o★ e★	/w/	[faw.ta]	/fawta/	'flauta'
	/e ε ɔ/ i★ u★ a★ o★	/S/	[fɛʃ.ku]	/fɛSku/	'fresco'
/v/	/ɔ o/ i★ e★ ε★ a★ u★	/N/	[võ.võ]	/võNvõN/	'à toa'
	/ε i/ e★ ɔ★ u★ a★ o★	/S/	[viʃ.'ti.du]	/viStidu/	'vestido'

Quadro 40: Sílabas CVC em lung'ie.

C	V	C	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/s/	/i u ε a e ɔ o/	/N/	[gɔ.lu.'sẽ]	/gɔlusaN/	'cavar'
	/e u/ i★ ɔ★ o★ ε★ a★	/j/	[suj.'suj]	/sujsu/	'pássaro'
	/a e i/ u★ ɔ★ o★ ε★	/w/	[pa.'sew]	/pasew/	'parceiro'
	/u e i/ a★ ɔ★ o★ ε★	/S/	['suʃ.tu]	/suStu/	'arrepio'
/z/	/i u ε a e ɔ / o★	/N/	[u.'zẽ]	/uzeN/	'joelho'
	/ɔ/ i★ e★ o★ u★ ε★ a★	/j/	[di.'zɔj.tu]	/dizɔjtu/	'dezoito'
	/e/ a★ i★ u★ ɔ★ o★ ε★	/w/	[ʃi.'zew]	/SiNzew/	'cinzeiro'
	/u e i/ a★ ɔ★ o★ ε★	/S/	[zaʃ.pe.'ra]	/zaSpera/	'desesperar'
/ʃ/	/ε a i/ e★ o★ u★ ɔ★	/N/	[ʃi.'ʃẽ]	/SiNʃaN/	'rápido'
	/e/ a★ i★ u★ ɔ★ o★ ε★	/w/	[ka.'ʃew]	/kaʃew/	'vendedor'
/ʒ/	/ε a/ ★ i e★ o★ u★ ɔ★	/N/	[ʒẽ.tʃi]	/ʒeNti/	'gente'
	/u/ e★ i★ a★ ɔ★ o★ ε★	/S/	[ʒuʃ.tu]	/ʒuStu/	'justo'
/w/	/ε a i ɔ/ e★ o★ u★	/N/	[wẽ.'ga]	/waNga/	'derramar'
/j/	/e a u ɔ o/ ε★ i★	/N/	[jẽ.'ga]	/jaNga/	'escancarar'

Quadro 41: Sílabas CVC em lung'ie.

C	C	V	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/p/	/w/	/ε e i/ a★ ɔ★ o★ u★	[vẽ.'pwe]	/vaNpwe/	'enorme'
	/j/	/a ε ɔ o u/ e★ i★	['pjɔ.rɔ]	/pjɔrɔ/	'pior'
/b/	/w/	/a ε e i/ ɔ★ o★ u★	['bwa]	/bwa/	'bom'
	/j/	/a ε ɔ/ o★ u★ e★ i★	['bje]	/bje/	'cozinhar na água'
/t/	/w/	/a ε e i/ ɔ★ o★ u★	[bi.'twa.du]	/bitwadu/	'habitudo'
	/j/	/a ε ɔ o/ u★ e★ i★	[fa.'tʃja]	/fatja/	'fatia'
/d/	/w/	/a e i/ ε★ ɔ★ o★ u★	['dwe]	/dwe/	'doer'
	/j/	/a ε e ɔ/ o★ u★ i★	[mẽ.'djɔ.kɔ]	/maNdjɔkɔ/	'mandioca'
/k/	/w/	/a e i ε/ ɔ★ o★ u★	['kwε]	/kwε/	'colher'
	/j/	/a ε e ɔ/ o★ u★ i★	['kja]	/kja/	'criar'
/g/	/w/	/a e ε/ i★ ɔ★ o★ u★	[u'gwε]	/ugwε/	'sala'
	/j/	/a ε/ e★ ɔ★ o★ u★ i★	[a'gja]	/agya/	'água'
/m/	/w/	/a e ε i/ ɔ★ o★ u★	['mwε.da]	/mwɛda/	'moeda'
	/j/	/a ε ɔ o/ e★ u★ i★	['mjɔ]	/mjɔ/	'melhor'
/n/	/w/	/a e ε/ i★ ɔ★ o★ u★	['nwa]	/nwa/	'lua'
	/j/	/a u/ e★ ε★ ɔ★ o★ i★	[sɔ.'mɔ.nja]	/sɔmɔnja/	'melhor'
/ɲ/	w★				
	/j/	/a/ e★ ε★ ɔ★ o★ i★ u★	[kɔpa.'ɲja]	/kɔpaɲja/	'roça com-panhia (top.)'
/r/	/w/	/a/ e★ ε★ ɔ★ o★ i★ u★	[ba.'rwa]	/barwa/	'esconder'
	/j/	/a u ɔ o/ e★ ε★ i★	[ku.'rjɔ.zo]	/kurjɔzo/	'curioso'
/f/	/w/	/a i/ e★ ε★ ɔ★ o★ u★	['fwa]	/fwa/	'furar'
	/j/	/a ɔ o e ε/ i★ u★	['fjɛ.li]	/fjɛli/	'fiel'

Quadro 42: Sílabas CCV em lung'ie (C<sub>2</sub>: /w/ ou /j/).

C	C	V	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/v/	/w/	/a ε/ e★ i★ ɔ★ o★ u★	[rɔ.'vɥɛ]	/rɔvɥɛ/	'orvalho'
	/j/	/a ɔ o u/ i★ e★ ε★	['vju.va]	/vjuva/	'viúva'
/s/	/w/	/a ε/ e★ i★ ɔ★ o★ u★	[bɔ.'swa]	/bɔswa/	'vassoura'
	/j/	/a ɔ o ε e u/ i★	['vi.fju]	/viSju/	'vício'
/z/	/w/	/a e i/ ε★ ɔ★ o★ u★	['zwi.fi]	/zwiSi/	'juíz'
	/j/	/a ɔ/ o★ ε★ e★ u★ i★	[tu.'ʒja]	/tuzja/	'tesoura'
/l/	/w/	/a ε/ e★ i★ ɔ★ o★ u★	['lwa.du]	/lwadu/	'menstruada'
	/j/	/a ɔ o/ ε★ e★ u★ i★	['o.ljo]	/oljo/	'óleo'

Quadro 43: Sílabas CCV em lung'ie (C<sub>2</sub>: /w/ ou /j/).

C	C	V	C	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/p/	/j/	/a/ ε★ ɔ★ o★ u★ e★ i★	/N/	[lẽ'pjẽ]	/laNpjaN/	'lampião'
/b/	/w/	/ε i/ a★ e★ ɔ★ o★ u★	/N/	['bɥẽ]	/bɥɛN/	'barril'
	/j/	/a o/ ε★ ɔ★ u★ e★ i★	/N/	['bjẽ]	/bjaN/	'bravo'
/t/	/w/	/i/ ɔ★ a★ ε★ e★ o★ u★	/N/	[twĩ.'tõ. twĩ.'tõ]	/twiNtɔNtwiNtɔN/	'twintontwiton, ave (sp.)'
	/j/	/a ɔ/ o★ ε★ u★ e★ i★	/N/	['tʃja]	/tja/	'tia'
/d/	/w/	/i/ a★ e★ ε★ ɔ★ o★ u★	/N/	['dwi.tʃi]	/dwiNti/	'doente'
	/j/	/a/ ε★ e★ ɔ★ o★ u★ i★	/N/	[mẽ.'djẽ]	/maNdjaN/	'izaquente'
/k/	/w/	/a ε/ e★ i★ ɔ★ o★ u★	/N/	['kwẽ.tu]	/kweNtu/	'coentro'
	/j/	/a ε/ ɔ★ e★ o★ u★ i★	/N/	[fu.'kjẽ]	/fukjaN/	'prumo da casa'
/g/	/w/	/a ε/ e★ i★ ɔ★ o★ u★	/N/	[gwẽ.'ta]	/gweNta/	'aguentar'
	/j/	/a ε/ e★ ɔ★ o★ u★ i★	/N/	['gjẽ]	/gjɛN/	'pingar'
/m/	/w/	/a ε i/ e★ o★ u★	/N/	[u.'mwẽ]	/umwɛN/	'mar'
	/j/	/a ε ɔ/ o★ e★ u★ i★	/N/	[mjẽ.'sa]	/mjaNsa/	'ameaçar'

Quadro 44: Sílabas CCVC em lung'ie.

C	C	V	C	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/n/	/w/	/a/ e <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> i <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> o <sup>★</sup> u <sup>★</sup>	/N/	[ka.'nwẽ]	/kanwaN/	'canoa'
	/j/	/a/ u <sup>★</sup> e <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> o <sup>★</sup> i <sup>★</sup>	/N/	[ru.'njẽ]	/runjaN/	'reunião'
/r/	/w/	/i/ e <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> o <sup>★</sup> a <sup>★</sup> u <sup>★</sup>	/N/	['rwĩ]	/rwiN/	'ruim'
	/j/	/a/ u <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> o <sup>★</sup> e <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> i <sup>★</sup>	/N/	[a.gi.'rjẽ]	/agirjaN/	'agrião'
/f/	/j/	/a/ ɔ <sup>★</sup> o <sup>★</sup> e <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> i <sup>★</sup> u <sup>★</sup>	/N/	['fjẽ]	/fjaN/	'farinha'
/v/	/j/	/a/ ɔ <sup>★</sup> o <sup>★</sup> e <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> i <sup>★</sup> u <sup>★</sup>	/N/	[a.'vjẽ]	/avjaN/	'avião'
/l/	/w/	/a/ ɔ <sup>★</sup> o <sup>★</sup> e <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> i <sup>★</sup> u <sup>★</sup>	/N/	['lwẽ.gu]	/lwaNgu/	'invenção'
	/j/	/a/ ɔ <sup>★</sup> o <sup>★</sup> e <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> i <sup>★</sup> u <sup>★</sup>	/N/	['ljẽ]	/ljaN/	'leão'
/s/	/j/	/a e ε/ ɔ <sup>★</sup> o <sup>★</sup> i <sup>★</sup> u <sup>★</sup>	/N/	[ku.'ʃjẽ]	/kusjaN/	'cozinha'
/z/	/j/	/a/ e <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> o <sup>★</sup> i <sup>★</sup> u <sup>★</sup>	/N/	[zu.'ʒjẽ]	/zuzjaN/	'fofoca'

Quadro 45: Sílabas CCVC em lung'ie.

V	V	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/e/	/e/	['e:]	/ee/	'sim'
/o/	/o/	['o:]	/oo/	'oi'

Quadro 46: Sílabas VV em lung'ie.

C	VV	C	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/p/	/aa/ /εε/ /ii/ ee★ oo★ ɔɔ★ uu★	—	['pɛ:tu]	/pɛɛtu/	'preto'
	/aa/ εε★ ii★ ee★ oo★ ɔɔ★ uu★	/N/	[pɛ̃:po.'le]	/paaNpole/	'paampole, peixe (sp.)'
/b/	/aa/ /εε/ /ii/ — /uu/ ee★ oo★ ɔɔ★	—	['bɛ:vi]	/bɛɛvi/	'amuleto'
	/aa/ εε★ ii★ ee★ oo★ ɔɔ★ uu★	/N/	['bɛ̃:ku]	/baaNku/	'branco'
	/aa/ εε★ ii★ ee★ oo★ ɔɔ★ uu★	/w/	[u.'ba:w]	/ubaaw/	'barro'
/t/	/aa/ /εε/ /ee/ — /ii/ /ɔɔ/ /uu/ oo★	—	['tɛ:la]	/tɛɛla/	'terra'
	/aa/ /εε/ ii★ ee★ oo★ ɔɔ★ uu★	/N/	['tɛ̃:]	/taaN/	'tomar'
/d/	/aa/ /ee/ εε★ ii★ ɔɔ★ uu★ oo★	—	[dɛ:.'te]	/deete/	'derreter'
/k/	/aa/ /ee/ /oo/ — /ii/ /uu/ εε★ ɔɔ★	—	['ki:ma]	/kiima/	'clima'
/g/	/aa/ /ee/ /oo/ — /ii/ /εε/ /ɔɔ/ uu★	—	['gɔ:su]	/gɔɔsu/	'grosso'
/f/	/aa/ /εε/ /ee/ — /ii/ /uu/ /ɔɔ/ oo★	—	['fɛ:]	/fee/	'fazer'
	/εε/ aa★ ii★ ee★ oo★ ɔɔ★ uu★	/S/	['fɛ:ɸ.ku]	/fɛɛS.ku/	'fresco'
	/εε/ aa★ ii★ ee★ oo★ ɔɔ★ uu★	/w/	['fɛ:w]	/fɛɛw/	'fevereiro'
/gb̃/	/ee/ εε★ aa★ ii★ oo★ ɔɔ★ uu★	—	[i.'gb̃ɛ:]	/ig̃bee/	'quarto'

Quadro 47: Sílabas CVV/CVVC em lung'ie.

. C	VV	C	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/v/	/aa/ εε★ ii★ ee★ oo★ ɔɔ★ uu★	—	['va:]	/vaa/	'passar'
/m/	/aa/ /ee/ εε★ ii★ oo★ ɔɔ★ uu★	—	['me:]	/mee/	'adorar'
/n/	/ii/ ee★ εε★ aa★ oo★ ɔɔ★ uu★	—	['ni:]	/nii/	'nenhum'
/l/	/aa/ /εε/ ee★ oo★ ɔɔ★ uu★ ii★	/N/	['lẽ:za]	/laaNza/	'laranja'
/s/	/aa/ /εε/ /ɔɔ/ — /ii/ uu★ ee★ oo★	—	['sɛ:nu]	/sɛɛnu/	'sereno'
/ʒ/	/aa/ εε★ ɔɔ★ ii★ uu★ ee★ oo★	—	['ʒa:]	/ʒaa/	'já'

Quadro 48: Sílabas CVV/CVVC em lung'ie.

C	C	VV	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/p/	/w/	/εε/	['pwɛ:]	/pwɛɛ/	'parir'
/k/	/w/	/aa/	['kwa:]	/kwaa/	'corda'

Quadro 49: Sílabas CCVV em lung'ie.

V	C	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/ɛ a i e/ ɔ★ o★ u★	/w/	[i.'ɛw]	/iɛw/	'ilhéu'
/a ɔ/ u★ e★ ε★ i★ a★	/S/	[ɔʃ.tʃja]	/ɔS.tja/	'hóstia'
/a ɔ ε i/ u★ e★ a★	/N/	['ẽ.zu]	/aNzu/	'recém-nascido'

Quadro 50: Sílabas VC em lung'ie.

### 3.2.4 Nasalização

O lung'ie apresenta dois tipos de nasalização. O primeiro tipo está relacionado aos contextos em que há um arquifonema nasal /N/ na coda que, via espalhamento à esquerda, nasaliza a vogal precedente, não importando sua tonicidade (AGOSTINHO, 2015). O segundo é resultado de uma consoante nasal em onset da mesma sílaba ou de uma sílaba contígua.

Para Maurer (2009: 8), as vogais podem ser realizadas como nasalizadas em todos os contextos, entretanto a nasalização não é obrigatória. Em contrapartida,

Agostinho (2015) afirma que a nasalização diante de /N/ é obrigatória em vogais que precedem /N/ em final de palavra, contudo é opcional se a vogal que precede /N/ não estiver no referido contexto. Sobre a nasalização, Agostinho (2015: 111-112) dá exemplos da palavra em lung'ie referente ao verbo 'cansar' /kaNsa/ que pode ser realizado com a vogal nasalizada [kẽ'sa] ou com a vogal nasalizada + consoante nasal homorgânica [kẽn'sa]. Um exemplo de nasal /N/ no final de palavra é o item lexical /kɔsaN/ 'coração' que pode ser realizado de duas maneiras: com a vogal final nasalizada [kɔ'sẽ] ou com a vogal nasalizada + consoante nasal homorgânica [kɔ'sẽŋ] (AGOSTINHO, 2015: 112).

A nasalização da vogal é menos frequente em sequências de vogal, coda nasal e oclusiva surda, realizando-se como [VC] ou [VCN] (AGOSTINHO, 2015: 112). Segundo Agostinho (2015), o domínio da nasalização é a rima, isto é, o processo ocorre no núcleo e na coda somente. Dessa maneira, os segmentos que podem ser nasalizados são as vogais e os *offglides* como em /o'leN/ que pode se realizar de duas formas: [o'lẽ] ~ [o'lẽŋ] 'além'. Por outro lado, os *onglides*, por estarem no onset, não podem ser nasalizados pelo fonema nasal /N/ na coda da sílaba, pois a nasalização é bloqueada fora da rima como em /'ljaN/ 'leão' que se realiza como [ljẽ] (AGOSTINHO, 2015: 112).

O segundo tipo de nasalização só foi descrito por Agostinho (2015: 114) e o mesmo não se refere à diferença semântica nas realizações com a vogal oral e nasal. Essa ausência de distinção de significado se deve ao fato de o traço nasal não estar presente na forma fonológica dessas palavras, pois a nasalidade é resultado de uma consoante nasal em onset da mesma sílaba ou de uma sílaba próxima, mas não de um arquifonema nasal em coda (AGOSTINHO, 2015: 114). Segundo Agostinho (2015: 114), embora este tipo de nasalidade possa ultrapassar a fronteira silábica, no entanto, está restrito à rima, uma vez que apenas os segmentos da mesma sílaba ou sílabas adjacentes que estejam dentro da rima poderão ser nasalizados. Tal tipo de nasalidade é sempre opcional e o espalhamento pode ser para a esquerda ou para a direita (AGOSTINHO, 2015).



Quanto ao espalhamento para a esquerda, o processo ocorre em vogais em sílaba tônica antecedendo uma consoante nasal em onset na próxima sílaba à direita, como Agostinho (2015: 114) observa no exemplo em (151):

(151) /'ka.ma/ ['ka.mɐ̃] ~ ['kẽ.mɐ̃] 'cama'

Já no espalhamento para a direita, pode-se observar que o traço nasal da consoante em onset nasaliza a vogal tônica à direita dentro da sílaba.

(152) /u'mwɛ/ [u'mwɛ̃] ~ [u'mwẽ̃] 'mar'

Em (152), tem-se outro exemplo de espalhamento para a direita (AGOSTINHO, 2015: 115).

### 3.2.5 Síntese

O lung'ie possui vinte e duas consoantes, sete vogais simples e sete vogais orais. O moldes silábicos mais comuns são: V, VC, CV, CVC, CCV, CCVC, VV, CVV, CVVC, CCVV (AGOSTINHO, 2015). Como em santome, o lung'ie não possui vogais fonologicamente nasais, mas vogais nasalizadas em contextos condicionantes. Quanto aos onsets complexos, sincronicamente, o lung'ie possui diversas opções de combinação, embora sejam restritos a 58 palavras de 4000 do *corpus* analisado por Agostinho (2015). A coda por ser ocupada por somente um elemento que pode ser uma aproximante /w, j/, uma consoante nasal /N/, que assimila o ponto de articulação do elemento seguinte e pode ou não ser realizada foneticamente, ou uma consoante fricativa /S/, realizada como [ʃ]. No tocante à nasalidade, o lung'ie apresenta dois tipos. O primeiro se circunscreve aos contextos em que há um arquifonema nasal /N/ na coda que, via espalhamento à esquerda, nasaliza a vogal precedente, não importando sua tonicidade. O segundo, somente descrito por Agostinho (2015: 114), é resultado de uma consoante nasal em onset da mesma sílaba ou de uma sílaba próxima.

### 3.3 FONOLOGIA DO ANGOLAR

A descrição do inventário fonológico do angolár, a seguir, foi baseada na análise empreendida por meio do trabalho de campo realizado na comunidade de São João dos Angolares em 2013, ao mesmo tempo em que uma revisão da descrição apresentada por Maurer (1995) serviu como contraponto para o estudo. Desse modo, seção 3.3.1 trata dos segmentos consonantais do angolár, em 3.3.2, será a vez dos segmentos vocálicos. Em 3.3.3, abordaremos a sílaba. Por fim, em 3.3.4, os principais pontos quanto à fonologia do angolár serão retomados.

#### 3.3.1 Segmentos consonantais

O angolár<sup>11</sup> possui dezesseis fonemas consonantais (ver Quadro 51): /p, b, t, d, k, g, f, v, θ, ð, l, m, n, ɲ, j, w/. No entanto, segundo Maurer (1995: 37), a referida língua possui vinte e dois fonemas: /p, ɓ, t, k, g, f, v, θ, ð, tʃ, dʒ, l, r, m, n, mb, mp, nd, ndʒ, ŋk, ŋg, mf/.

As principais diferenças entre as descrições de Maurer e da apresentada aqui estão relacionadas aos seguintes pontos: (i) o estatuto fonêmico ou alofônico para [tʃ], [dʒ] e /ɲ/; (ii) estatuto das aproximantes; (iii) o estabelecimento das consoantes como pré-nasalizadas ou do arqui-fonema nasal. A primeira diferença se refere à atribuição do caráter fonêmico para as consoantes [tʃ] e [dʒ], as quais, para essa pesquisa, não seriam fonemas como defende Maurer (1995), mas alofones, uma vez que sua realização se restringe a contextos em que as consoantes /t/ e /d/ são seguidas pela vogal alta anterior /i/ ou pela aproximante /j/. Além disso, na presente análise, defende-se a presença da consoante nasal palatal /ɲ/ no quadro consonantal. Tal consoante não é descrita por Maurer (1995:28-38), mas foi registrada nas gravações

<sup>11</sup>A presente pesquisa utilizou como base 2700 itens coletados e transcritos em trabalho de campo.

em oposição fonêmica. Outro ponto distinto diz respeito ao fato de que Maurer (1995: 27) considera as aproximantes como “semiconsoantes”, no entanto, para essa pesquisa, tais segmentos devem ser considerados como consoantes. Por fim, Maurer (1995: 28-38) estabelece que o angolar apresenta em seu inventário fonológico sete consoantes pré-nasalizadas /mb, mp, nd, nd̃, ŋk, ŋg, mf/. Na análise, será assumido, contudo, um arquifonema nasal /N/ para representar a neutralização dos fonemas nasais /m, n/ em coda e em início de palavra diante de outra consoante, haja vista que, em tais posições, a consoante nasal não possui ponto de articulação definido, assimilando o ponto da consoante seguinte, assim como foi documentado nas suas línguas-irmãs.

	Labiais	Alveolares	Palatais	Velares
<b>Oclusiva</b>	p b	t d		k g
<b>Fricativa</b>	f v	θ ð		
<b>Nasal</b>	m	n	ɲ	
<b>Lateral aproximante</b>		l		
<b>Aproximante</b>	w		j	

Quadro 51: Consoantes do angolar.

Nas próximas subseções, serão observadas as realizações, oposições e distribuições de cada consoante.

### 3.3.1.1 *Oclusivas*

O angolar possui seis consoantes oclusivas em seu quadro fonêmico: duas oclusivas bilabiais /p/ e /b/, duas consoantes oclusivas alveolares /t/ e /d/ e duas consoantes oclusivas velares /k/ e /g/. Cada segmento será apresentado separadamente nas subseções a seguir.

### 3.3.1.1.1 Oclusivas labiais

O angolár apresenta duas consoantes oclusivas labiais: uma consoante surda /p/ e uma sonora /b/. O estatuto fonêmico da oclusiva labial surda /p/ pode ser observado com base nas oposições de /p/ e /b/ em (153) e de /p/ e /m/ em (154):

- (153) a. /p/ [pa'ga] 'pagar'  
 b. /b/ [ba'ga] 'quebrar'
- (154) a. /p/ ['pɛma] 'palmeira'  
 b. /m/ ['mɛma] 'dois'

A consoante oclusiva labial surda /p/ pode ocorrer em início e meio de palavra na posição de onset, como primeiro elemento do onset diante de /w, j/, mas não em coda, realizando-se como [p]. Pode preceder as vogais orais /i e ɛ a ɔ o u/ e nasalizadas [ẽ ẽ̃ ẽ̄ ĩ õ õ̃ ũ̃]. No exemplo em (155-a), tem-se a realização de /p/ em início de palavra, em meio de palavra em (155-b), como primeiro elemento de onset diante de glide em (155-c):

- (155) a. [pa'ri] 'parir'  
 b. ['tẽpɔ] 'tempo'  
 c. [kɔ'pwa] 'comprar'

Durante as gravações, foi encontrado um registro de um item que apresentava /p/ na primeira posição de um onset complexo com a consoante lateral /l/ na segunda posição ([tẽpla] 'tempero'). No entanto, a presente pesquisa não o considerará na análise, haja vista que tal onset complexo dá indícios de ter entrado na língua recentemente. Além disso, o mesmo item se encontra em variação com a realização sem a consoante /l/ na segunda posição do onset, mas com a aproximante /j/ em seu lugar ([tẽpja] 'tempero'). Ademais, tal onset [pl] não foi descrito por Maurer (1995). Soma-se a essas questões o fato de que, em santome, há o mesmo item lexical **templa** 'tempero', diante disso, pode-se conjecturar que o item pode ter entrado via empréstimo.

O estatuto fonêmico da oclusiva labial sonora /b/ pode ser observado com base nas oposições de /b/ e /p/ em (156) e de /b/ e /v/ em (157):

- (156) a. /b/ [ba'ga] 'quebrar'  
 b. /p/ [pa'ga] 'pagar'
- (157) a. /b/ ['bala] 'bala'  
 b. /v/ ['vala] 'vara'

A consoante oclusiva labial sonora /b/ pode ocorrer em início e meio de palavra na posição de onset, como primeiro elemento do onset diante de /w/, mas não em coda, realizando-se como [b]. A consoante oclusiva sonora /b/ pode preceder as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ẽ ẽ̃ ẽ̄ ĩ õ ã]. No exemplo em (158-a), tem-se a realização de /b/ em início de palavra, em meio de palavra em (158-b), como primeiro elemento de onset diante de glide em (158-c):

- (158) a. [ba'budu] 'barbudo, peixe (sp.)'  
 b. [ta'ba] 'trabalhar'  
 c. ['bwadu] 'bom'

Assim como ocorreu com o /p/, foram encontrados registros de itens que apresentavam /b/ na primeira posição de um onset complexo com a consoante lateral /l/ na segunda posição, como, por exemplo, [bla'bɔza] 'babosa, *aloe vera*'. Mais uma vez, a presente pesquisa também não os considerará. Tal onset [bl] também não foi descrito por Maurer (1995) e, além disso, em santome, há um item idêntico como **blaboza** 'babosa, *aloe vera*', o que pode indicar empréstimo.

### 3.3.1.1.2 Oclusivas alveolares

O angolar possui duas consoantes oclusivas alveolares: uma consoante surda /t/ e uma sonora /d/. O estatuto fonêmico da oclusiva alveolar surda /t/ pode ser observado com base nas oposições de /t/ e /d/ em (159) e de /t/ e /θ/ em (160):

- (159) a. /t/ ['taʒi] 'tarde'  
 b. /d/ ['daʒi] 'idade'
- (160) a. /t/ [kɔ'ta] 'cortar'  
 b. /θ/ [kɔ'θa] 'coçar'

A consoante oclusiva alveolar surda /t/ pode ocorrer em início e meio de palavra na posição de onset, como primeiro elemento do onset diante de /w, j/, mas não em coda, realizando-se como [t̪] diante da vogal alta /i/ e da aproximante /j/, ao passo que se realiza como [t] nos demais contextos. A consoante oclusiva alveolar surda /t/ pode preceder as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ĩ ã õ ã ã ã ã]. Nos exemplos em (161-a), pode-se observar a distribuição da consoante em começo de palavra, em (161-b) a consoante está em meio de palavra e, por fim, diante de uma aproximante em (161-c) e em (161-d):

- (161) a. [tẽpɔ] 'tempo'  
 b. [fɔrta] 'fruta'  
 c. [twa] 'afiado'  
 d. [ka't̪jje] 'talvez'

O estatuto fonêmico da oclusiva alveolar sonora /d/ pode ser comprovado a partir das seguintes oposições de /d/ e /t/ (162) e de /d/ e /n/ (163):

- (162) a. /d/ [kõ'de] 'esconder'  
 b. /t/ [kõ'te] 'odiar'
- (163) a. /d/ [da'da] 'dada, peixe (sp.)'  
 b. /n/ [na'na] 'estragar'

Contudo, é possível observar a variação entre a oclusiva alveolar sonora /d/ e o alofone [r] em (164) e (165):

- (164) a. /d/ [kõ'de] 'esconder'  
 b. [r] [kõ're] 'esconder'

- (165) a. /d/ [ku'ɲada] 'cunhada'  
 b. [r] [ku'ɲara] 'cunhada'

Ao analisar itens, como em (164) e em (165), que apresentavam a realização de [d], foi comum encontrar variantes dos mesmos itens com a realização de [r]. Decidiu-se considerar, para esta análise, o segmento fonético [r] como variante de /d/, por essa razão o segmento vibrante não se encontra no quadro de consoantes do angolár.

A consoante oclusiva alveolar sonora /d/ pode ocorrer em início e meio de palavra na posição de onset, como primeiro elemento do onset diante de /w/, mas não em coda, realizando-se como [d̥] diante da vogal alta [i] e da aproximante [j], ao passo que se realiza como [d] nos demais contextos. A consoante oclusiva alveolar sonora /d/ pode preceder as vogais orais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ e nasalizadas [ẽ, ẽ̃, ẽ̄, ã, ã̃]. Em (166-a), pode-se observar a consoante em começo de palavra (166-b), em meio de palavra e diante de uma aproximante em (166-c):

- (166) a. [de'θa] 'deixar'  
 b. [su'pada] 'espada'  
 c. [mẽ:'d̥jɔka] 'mandioca'

Para Maurer (1995:31), diferentemente do segmento [j] e de [ɟ], [d̥] não poderia ser substituído por um outro som tipicamente angolár, por essa razão para o autor [d̥] faz parte do sistema fonológico do angolár. Entretanto, durante a análise dos dados, percebeu-se que a realização de [d̥] estava relacionada diretamente aos contextos em que havia a vogal alta anterior /i/ ou uma aproximante /j/ imediatamente depois da oclusiva alveolar sonora como em [mĩ'd̥ji] 'medir'. Por conseguinte, nesse estudo, essa consoante africada não será considerada fonema.

### 3.3.1.1.3 Oclusivas velares

No angolano, há duas consoantes oclusivas velares: uma surda /k/ e uma sonora /g/. O estatuto fonêmico da oclusiva velar surda /k/ pode ser observado com base nas oposições de /k/ e /g/ em (167) e de /k/ e /p/ em (168):

(167) a. /k/ [fɪ'ka] 'empurrar'

b. /g/ [fɪ'ga] 'chegar'

(168) a. /k/ ['kata] 'carta'

b. /p/ ['pata] 'pata'

A consoante oclusiva velar surda /k/ pode ocorrer em início e meio de palavra na posição de onset, como primeiro elemento do onset diante de /w, j/, mas não em coda, realizando-se sempre como [k]. A consoante oclusiva velar surda /k/ pode preceder as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ẽ ã õ õ ã ã]. Em (169-a), pode-se observar a consoante em começo de palavra (169-b), em meio de palavra e diante de uma aproximante em (169-c):

(169) a. ['kabu] 'cabo, corda'

b. ['ðaka] 'jaca'

c. ['kjõba] 'kyomba, flor sp.'

No tocante ao estatuto fonêmico da oclusiva velar sonora /g/, pode-se observar as oposições de /g/ e /k/ em (170) e de /g/ e /b/ em (171):

(170) a. /g/ [lɔ'ga] 'prato, tigela'

b. /k/ [lɔ'ka] 'roncar'

(171) a. /g/ [be'ge] 'esmagar'

b. /b/ [be'be] 'beber'

A consoante oclusiva velar sonora /g/ pode ocorrer em início e meio de palavra na posição de onset, como primeiro elemento do onset diante de /w/, mas não em



coda, realizando-se sempre como [g]. A consoante oclusiva velar sonora /g/ pode preceder as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ĩ ã]. Em (172-a), pode-se observar a consoante em começo de palavra (172-b), em meio de palavra e diante de uma aproximante em (172-c):

- (172) a. [go'go] 'gostar, amar'  
 b. [fẽ'ga] 'tentar'  
 c. [mĩ'gwa] 'minguar'

### 3.3.1.2 *Nasais*

O angolár apresenta em seu quadro fonêmico três consoantes nasais: a consoante nasal labial (/m/), a consoante nasal alveolar (/n/) e uma consoante nasal palatal (/ɲ/). Cada segmento será analisado separadamente.

#### 3.3.1.2.1 Nasal labial

O estatuto fonêmico da oclusiva nasal labial /m/ pode ser observado com base nas oposições de /m/ e /n/ em (173) e de /m/ e /b/ em (174):

- (173) a. /m/ ['pẽma] 'palmeira'  
 b. /n/ ['pẽna] 'pena'
- (174) a. /m/ ['mala] 'intestinos'  
 b. /b/ ['bala] 'bala'

A consoante nasal labial /m/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset e primeiro elemento do onset diante de /w, j/. É realizada como [m] e precede todas as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ĩ ã ẽ õ ã]. Em posição de coda, ocorre uma neutralização dos fonemas nasais /m, n/. No exemplo

(175-a), é possível encontrar /m/ em início de palavra, em (175-b) observa-se /m/ em meio de palavra e, por fim, em (175-c), como primeiro elemento do onset diante de glide:

- (175) a. ['mali] ‘mal’  
 b. [pami'na] ‘amanhecer’  
 c. ['mwa] ‘moer’

### 3.3.1.2.2 Nasal alveolar

No tocante ao estatuto fonêmico da consoante nasal alveolar /n/, pode-se observar as oposições de /n/ e /t/ em (176) e de /n/ e /d/ em (177):

- (176) a. /n/ [tɛ'na] ‘bastar’  
 b. /t/ [tɛ'ta] ‘casca’
- (177) a. /n/ ['na] ‘não’  
 b. /d/ ['da] ‘dar’

A consoante nasal alveolar /n/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset. Em posição de onset, realiza-se como [n], no entanto, em posição de coda, ocorre uma neutralização dos fonemas nasais /m n/. No *corpus*, a consoante /n/ foi documentada diante de todas as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ẽ õ û]. No exemplo (178-a), tem-se /n/ em posição inicial de palavra e em (178-b) em posição medial:

- (178) a. [na'kɛ] ‘oito’  
 b. [na'na] ‘estragar, gastar dinheiro’

### 3.3.1.2.3 Nasal palatal

O estatuto fonêmico da consoante nasal palatal /ɲ/ pode ser comprovado ao observar as oposições de /ɲ/, /m/ e /n/ em (179) e de /ɲ/ e /n/ em (180). Embora, em seus dados, seja possível encontrar a realização de [ɲ], para Maurer (1995), tal consoante não possuiria um caráter distintivo e, por essa razão, não seria considerada um fonema. A presente pesquisa, ao analisar os pares mínimos e perceber que a palatal não se restringe a contextos em que há vogal anterior alta /i/ ou aproximante palatal /j/, defende que a consoante deva ser considerada um fonema na língua.

- (179) a. /ɲ/ [ku'ɲa] 'cair, machucar'  
 b. /m/ [ku'ma] 'comadre'  
 c. /n/ [ku'na] 'plantar algo'

- (180) a. /ɲ/ [ɲɛ'ga] 'pendurar'  
 b. /n/ [nɛ'ga] 'negar'

A consoante nasal palatal /ɲ/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset. A consoante pode preceder as vogais orais /ɛ e a ə o u/ e nasalizadas [ẽ õ ã õ ã õ ã]. Quanto à sua distribuição, em (181-a), é possível observar /ɲ/ ocorrendo em início de palavra e, em (181-b), em meio de palavra:

- (181) a. [ɲa'gɛ] 'esmagar'  
 b. [mẽ'ɲa] 'amarrar'

### 3.3.1.2.4 Arquifonema nasal

Para o angolár, será defendida a mesma análise empreendida para o santome e para o lung'ie, na qual propomos o arquifonema nasal /N/ para representar a neutralização dos fonemas nasais /m, n/ em coda e em início de palavra diante de outra consoante, uma vez que, em tais posições, a consoante nasal não possui

ponto de articulação definido, mas, quando realizada, assimila o ponto da consoante seguinte. Dessa maneira, o arquifonema /N/ será realizado como [n] diante de consoantes alveolares. Diante de consoantes bilabiais, será realizado como [m] e diante de consoantes velares, realiza-se como [ŋ] em (182). Semelhante ao santome e ao lung'ie, a realização da consoante nasal no referido contexto é opcional em angolano, nesses casos, não sendo possível prever sua realização. São disponibilizados os exemplos de cada realização do arquifonema:

- (182) a. /muNgu/ ['mũŋgʊ] 'amanhã'  
 b. /nɔvɛNbu/ [nɔ'vẽmbu] 'novembro'  
 c. /iNtima/ [ĩntʃi'ma] 'parte interior'

A nasal /N/ pode ser silábica no começo de palavra diante de /p b t d k g θ ð/. Assim, a nasal silábica [ŋ] assimila o ponto de articulação da consoante seguinte: realizando-se como [ŋ] diante das alveolares /t d θ ð/, como [m] diante das labiais /p b/ e [ŋ] diante das consoantes velares /k g/. Assim como em lung'ie, as nasais silábicas podem variar com [ĩ] e, em alguns contextos, com [ũ] ou com o apagamento total como em (183).

- (183) a. [ŋ] [ŋdu'lu] ~ [ĩdu'lu] 'molde'  
 b. [m] [m'puna] ~ ['puna] 'joelho'  
 c. [ŋ] [ŋkɔ'mɛ] ~ [ĩkɔ'mɛ] 'punho'

### 3.3.1.3 *Lateral alveolar*

O estatuto fonêmico da consoante alveolar /l/ pode ser observado a partir das oposições de /l/ e /t/ como em (184) e /l/ e /d/ como em (185):

- (184) a. /l/ [lẽ'ba] 'cobrir'  
 b. /t/ [tẽ'ba] 'tamba, peixe (sp)'
- (185) a. /l/ ['lata] 'lata'  
 b. /d/ ['data] 'quantidade'

A consoante lateral alveolar /l/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset. A consoante pode preceder as vogais orais /a e ε o ɔ u i/ e nasalizadas [ẽ ẽ õ õ ã ã ã], salvo [ẽ] que não foi registrado no *corpus*. No que diz respeito às aproximantes, a consoante lateral pode se localizar na primeira posição do onset diante de /j/ e de /w/ quando estes se encontrarem na segunda posição. Tal consoante não ocorre em coda. Quanto à sua distribuição, em (186-a), é possível notar /l/ ocorrendo em início de palavra e, em (186-b), em meio de palavra e, em (186-c), diante de uma aproximante:

- (186) a. [lẽ'ga] 'durar, permanecer'  
 b. ['mulɔ] 'muro'  
 c. ['lwa] 'rua'

#### 3.3.1.4 *Fricativas*

No angolar, há quatro consoantes fricativas: duas consoantes labiais, uma surda /f/ e uma sonora /v/ e duas consoantes interdentais, uma consoante surda /θ/ e uma sonora /ð/. Cada par supracitado será observado separadamente nas subseções a seguir.

### 3.3.1.4.1 Fricativas labiais

O estatuto fonêmico da consoante fricativa labiodental surda pode ser observado através das oposições entre /f/, /v/ e /p/ em (187):

- (187) a. /f/ [fɛ'ga] 'esfregar'  
 b. /v/ [vɛ'ga] 'levar'  
 c. /p/ [pɛ'ga] 'pegar, pregar'

A consoante fricativa labial surda /f/ ocorre em início e meio de palavra como único elemento do onset. A consoante pode preceder as vogais orais /a e ɛ o ɔ u, i/ e nasalizadas [ẽ ẽ̃ ẽ̄ ã ã̃ ã̄ ã̅]. No que concerne às aproximantes, a consoante lateral pode se posicionar no onset diante de /j/ e de /w/ na segunda posição. Tal consoante não ocorre em coda. Em (188-a), é possível notar /f/ ocorrendo em início de palavra e, em (188-b), em meio de palavra e, em (188-c), diante de uma aproximante:

- (188) a. ['faka] 'faca'  
 b. [fa'fu] 'safu'  
 c. [ũ'fwa] 'sentir odor'

Quanto à contraparte sonora de /f/, a consoante fricativa labial sonora /v/ apresenta estatuto fonêmico que pode ser comprovado por meio das seguintes oposições entre /v/ e /f/ em (189) e de /v/ e /b/ em (190):

- (189) a. /v/ [vu'na] 'banco'  
 b. /f/ [fu'na] 'embrulhar'

- (190) a. /v/ ['vala] 'vara'  
 b. /b/ ['bala] 'bala'

A consoante fricativa labial sonora /v/ ocorre em início e meio de palavra como único elemento do onset. A fricativa pode preceder as vogais orais /a e ɛ o ɔ u, i/ e nasalizadas [ẽ ẽ̃ ẽ̄ ã ã̃ ã̄ ã̅]. A consoante /v/ pode ocorrer na primeira posição do onset diante de /j/ e de /w/ que estão na segunda posição. A referida consoante não

ocorre em coda. Em (191-a), é possível notar /v/ ocorrendo em início de palavra e, em (191-b), em meio de palavra e, em (191-c), diante de uma aproximante:

- (191) a. [va:'ro] 'voador'  
 b. ['uva] 'uva'  
 c. [u'vwa] 'nove'

### 3.3.1.4.2 Fricativas interdentais

De acordo com Maurer (1995: 30), no tocante às fricativas alveolares e interdentais, haveria uma distribuição complementar entre as fricativas surdas [s] e [θ] e as sonoras [z] e [ð]. Desse modo, as alveolares, [s] e [z], seriam realizadas diante de /i/, ao passo que as interdentais, [θ] e [ð], seriam realizadas diante das demais vogais. Por conseguinte, a ocorrência de [s] e [z], diante de vogais que não sejam [i], seria rara, segundo Maurer, sendo apenas encontrada em empréstimos recentes do português e do santome, como **zulu** ['zulʊ] 'julho', **gôsô** ['gosʊ] 'gosto' e **sala** ['sala] 'sala'.

Ao analisar os dados coletados para a presente pesquisa, observou-se que, na fala dos informantes com idade superior a 60 anos, as interdentais possuem vitalidade e são de fácil registro. Em contrapartida, na fala dos informantes mais jovens, sobretudo entre 25 a 45 anos, as fricativas interdentais já deram lugar às fricativas [s] e [z] não só diante de /i/, mas diante de todas as demais vogais. Dessa maneira, a interdental surda /θ/ está sendo substituída pela alveolar também surda [s] e a interdental sonora /ð/ está sendo substituída pela alveolar também sonora [z]. Portanto, as faixas etárias com mais idade são aquelas que utilizam as interdentais /θ/ e /ð/, ao passo que os mais jovens as substituíram completamente pelas alveolares [s] e [z], tal quadro indica uma mudança em progresso (cf. WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1972). Além disso, muitos itens gravados durante a

coleta só apresentaram a realização de [s] e [z]. Quando questionado se o item também poderia ser realizado com as interdentalis [ð] e [θ], o falante identificava os itens como possíveis na língua, no entanto, julgando como pertencentes à fala dos ‘mais velhos’ ou como ‘crioulo fundo’ (crioulo antigo).

No que diz respeito à fonologia, o presente estudo propõe que a interdental surda /θ/ seja considerada um fonema, no angolano, ainda que o mesmo se realize foneticamente como [s] ou até mesmo como [ʃ] diante de /i/ ou /j/, para o estudo, tais realizações de /θ/. O estatuto fonêmico da interdental surda /θ/ pode ser observado nas seguintes oposições entre /θ/ e /t/ como em (192):

- (192) a. /θ/ [ˈba:θa] ‘braça (unidade de medida)’  
 b. /t/ [ˈba:ta] ‘barata’

A consoante fricativa interdental surda /θ/ ocorre em início e meio de palavra como único elemento do onset. A fricativa pode preceder as vogais orais /a, e, ε, o, ɔ, u/ e nasalizadas [ẽ ẽ̃ ẽ̄ ẽ̅ ũ]. Diante de /i/ ou /j/, /θ/ pode se realizar como [s] ou [ʃ]. A consoante /θ/ pode se localizar na primeira posição do onset diante de /w/ ou /j/ que está na segunda posição, mas não ocorre em coda. Em (193-a), é possível notar /θ/ ocorrendo em início de palavra e, em (193-b), em meio de palavra e, em (193-c), diante de uma aproximante:

- (193) a. [ˈθalɔ] ‘sal’  
 b. [baˈlẽθa] ‘balança’  
 c. [baˈθwa] ‘vassoura’

Em relação à fricativa interdental sonora /ð/, é possível observar o seu estatuto fonêmico a partir das seguintes oposições entre /ð/ e /θ/ em (194) e de /ð/ e /f/ em (195):

- (194) a. /ð/ [ˈða] ‘já’  
 b. /θ/ [ˈθa] ‘estar’



- (195) a. /ð/ ['ðaka] 'jaca'  
 b. /f/ ['faka] 'faca'

A consoante fricativa interdental sonora /ð/ ocorre em início e meio de palavra como único elemento do onset. A fricativa pode preceder as vogais orais /a e ε o o u/ e nasalizadas [ẽ ẽ̃ õ ã ã̃ ã̃̃]. Semelhante à sua contraparte surda, /ð/ apresenta fones diante de /i/, podendo se realizar como [z] ou [ʒ]. A consoante /ð/ pode se posicionar no onset diante de /w/ ou /j/ que está na segunda posição do onset, mas não ocorre em coda. Em (196-a), é possível notar /ð/ ocorrendo em início de palavra e, em (196-b), em meio de palavra e, em (196-c), diante de uma aproximante:

- (196) a. [ða'gɛ] 'azagaia'  
 b. [ʔẽðɔ] 'anjo'  
 c. [ðwa] 'lugar'

De acordo com Maurer (1995:31), além de sílabas como [ʃi] e do [ʒi] serem raras, não seria comum encontrar realizações de [ʃ] e do [ʒ] antes de vogais no angolares que não fossem /i/ ou a aproximante /j/. Em itens como **ngoxi** ['ŋɔʃi] em vez de **ngosi** ['ŋɔsi] 'noite', segundo o autor (MAURER, 1995:31), nesses casos, pode-se conjecturar duas possibilidades para a realização de [ʃi]: ou se deve a um caso de variação dialetal ou seria um caso de influência do santome. Independentemente da razão pela qual /θ/ diante de /i/ se realiza como [ʃi], nas gravações com os falantes de angolares, nota-se que a realização da consoante pós-alveolar surda é comum e não poderia mais ser caracterizada como rara conforme mencionado por Maurer (1995). Quanto ao [ʒ], Maurer (1995:31) defende que só pode ser encontrado nos itens de empréstimo como [ʒulu] 'julho' e [ʒuɔju] 'junho'. Registraram-se, na fala dos informantes dos Angolares, itens com a realização de [ʒ] como em [ʒiki'tʃi] 'rude', [ʒi'lera] 'geladeira', [ʒi'boa] 'jimboa' e [ʒi'mɔla] 'esmola'.

Ademais, Maurer (1995:31) conclui que [ʃ] e [ʒ] antes de uma outra vogal que não /i/ ou a aproximante /j/ não seriam parte do sistema. A presente análise compartilha a mesma conclusão do estudo de Maurer quanto às fricativas pós-alveolares

[ʃ] e [ʒ], pois as mesmas se realizam sobretudo diante da vogal /i/, logo não se trata de fonemas, mas de alofones, quando estão diante de /i/ e /j/, das fricativas interdentais surda /θ/ e sonora /ð/, respectivamente.

Quanto à realização da palatal [ʃ] em posição de coda, Maurer (1995) defende que o [ʃ] aparece em coda, somente precedendo /t/, tais como em [a'goʃtʊ] ‘agosto’, [kiʃtʊ] ‘Cristo’ e [ʃtaka] ‘estaca’. Exceto [pa'laʃʊ] ‘palácio’ que não apresenta a consoante [t] e a sibilante não está na coda, todos os demais exemplos trazidos por Maurer (1995:31) antecedem a oclusiva alveolar surda. Na recente coleta dos dados, foram obtidos itens em que o [ʃ] aparece em coda antecedendo uma consoante que não fosse a oclusiva alveolar surda, /t/, como em **bixpu** [biʃpʊ] ‘bispo’ e **dixpinji** [diʃpĩʒi] ‘despedir’. Em muitos itens, foram encontradas variantes sem a realização da pós-alveolar na coda, tais como [dipĩʒi] ‘despedir’ e [kitʊ] ‘Cristo’, o que pode indicar que a realização de itens com [ʃ] em coda pode ser devido ao contato ou empréstimos do português ou do santome, línguas em que tal consoante pode se realizar nessa posição da sílaba.

### 3.3.1.5 *Aproximantes*

No angolar, há duas consoantes aproximantes: uma consoante aproximante labial sonora /w/ e uma consoante palatal sonora /j/. Cada aproximante será descrita separadamente nas subseções a seguir.

#### 3.3.1.5.1 *Aproximante labial sonora*

O estatuto fonêmico da consoante aproximante labial sonora /w/ pode ser comprovado a partir das oposições de /w/ e /b/ em (197) e de /w/ e /ð/ em (198):

- (197) a. /w/ ['we] 'olho'  
 b. /b/ ['be] 'ver'
- (198) a. /w/ ['awa] 'água'  
 b. /ð/ ['aða] 'asa'

A consoante /w/ pode ocorrer no onset precedendo uma vogal podendo ser o primeiro ou o segundo elemento do onset. Como segundo elemento do onset, /w/ pode ser antecedido pelas seguintes consoantes /p b t d k g n f v l θ ð/. Realiza-se como [w] e precede as vogais orais /i e ε a ɔ o/. Quanto à sua distribuição, podemos observar /w/ em início de palavra em (199-a), em meio de palavra em (199-b) e como segundo elemento do onset em (199-c):

- (199) a. [wẽ'ba] 'refugo de óleo de palma'  
 b. [bula'we] '*bulawe*, tipo de celebração'  
 c. ['bwaru] 'bom'

### 3.3.1.5.2 Aproximante palatal

O estatuto fonêmico da consoante aproximante palatal sonora /j/ pode ser visto a partir das oposições de /j/ e /ð/ em (200) e de /j/ e /t/ em (201):

- (200) a. /j/ [ko'je] 'escolher'  
 b. /ð/ [ko'ðe] 'coser'
- (201) a. /j/ [ta'ja] 'talhar'  
 b. /t/ [ta'ta] 'tratar'

A consoante aproximante palatal sonora /j/ pode ocorrer no onset precedendo uma vogal podendo ser o primeiro ou o segundo elemento do onset, mas não pode ocorrer em coda. Como segundo elemento do onset, /j/ pode ser antecedido pelas seguintes consoantes /p b t d k g m n f v l θ ð/. Realiza-se como [j] e precede as

vogais orais /e ε a ɔ o u/. Em (202-a), podemos observar /j/ em início de palavra, em (202-b), em meio de palavra e como segundo elemento do onset em (202-c):

- (202) a. [je're] 'brilhar'  
 b. [ba'ja] 'lançar um feitiço'  
 c. [pε'pja] 'limpar frutas'

### 3.3.2 Segmentos vocálicos

Quanto ao seu sistema vocálico, o angolano possui sete vogais orais e longas como se pode observar nos Quadros 52 e 53:

	Anterior	Central	Posterior
<b>Alta</b>	i		u
<b>Média-alta</b>	e		o
<b>Média-baixa</b>	ε		ɔ
<b>Baixa</b>		a	

Quadro 52: Vogais orais do angolano.

	Anterior	Central	Posterior
<b>Alta</b>	ii		uu
<b>Média-alta</b>	ee		oo
<b>Média-baixa</b>	εε		ɔɔ
<b>Baixa</b>		aa	

Quadro 53: Vogais longas do angolano.

No que diz respeito à sua distribuição, as sete vogais orais /i e ε a ɔ o u/ possuem estatuto fonêmico que pode ser observado nos exemplos de (204) a (207). Tais vogais podem ocorrer em sílabas tônicas e átonas. Todas podem ser nasalizadas foneticamente diante de /N/ e também em sílaba tônica precedida por uma consoante nasal na sílaba seguinte, realizando-se como [ĩ ẽ ẽ̃ ỹ õ õ̃ ã̃].

- (203) /a/ e /ɛ/  
 a. [tẽ'ba] 'tamba, peixe (sp)'  
 b. [tẽ'bɛ] 'também'
- (204) /e/ e /ɛ/  
 a. [me] 'metade'  
 b. [mɛ] 'mesmo'
- (205) /o/ e /ɔ/  
 a. [lo'lo] 'dor'  
 b. [lɔ'lɔ] 'lamber'
- (206) /i/ e /e/  
 a. [vi] 'vinho'  
 b. [ve] 'vez'
- (207) /u/ e /o/  
 a. [bu] 'vir'  
 b. [bo] 'você'

No que concerne às realizações, as vogais /e, ɛ/ podem se realizar como [ɪ] em sílabas átonas finais. Já as vogais /o, ɔ/ podem se realizar como [ʊ] em sílabas átonas finais. A vogal alta anterior não arredondada /i/ realiza-se como [i] em sílabas átonas finais. Quando aparece em hiato, pode ser realizado como [j] após um processo de ditongação. A vogal alta posterior arredondada realiza-se como [u] em sílabas tônicas, pré-tônicas e pós-tônicas não finais e como [ʊ] em sílabas átonas finais. Em hiato, /u/ pode ser realizado como [w] devido ao um processo de ditongação.

Para Maurer (1995: 23), o sistema vocálico do angolar apresenta vogais nasais fonêmicas. Entretanto, durante a pesquisa de campo, não foi registrado, na fala dos informantes, oposição entre uma vogal nasal e uma vogal nasalizada por consoante

nasal como, por exemplo, entre /ẽ/ e /aN/. Ademais, no angolar, a nasalidade é resultado de um processo de espalhamento de nasalidade, oriunda de um arquifonema nasal /N/ ou de uma consoante nasal da sílaba seguinte. Sendo assim, não há nasalidade fonêmica das vogais, haja vista que a nasalidade é decorrente de um processo, assim como ocorre em santome e lung'ie (AGOSTINHO & ARAUJO, 2010a).

Como em lung'ie, em angolar, as vogais longas são fonologicamente distintas das simples, como nos exemplos de (208) a (213):

- (208) a. /a/ ['ta] 'estar'  
 b. /aa/ ['ta:] 'cortar'
- (209) a. /e/ ['e] PRON. 3P SG  
 b. /ee/ ['e:] 'sim'
- (210) a. /ɛ/ ['mɛ] 'mesmo'  
 b. /ɛɛ/ ['mɛ:] 'Manuel'
- (211) a. /ɔ/ [gɔ'pa] 'gopa, tipo de bebida'  
 b. /ɔɔ/ [gɔ:'pa] 'garoupa'
- (212) a. /o/ ['θoko] 'soco'  
 b. /oo/ ['θo:ko] 'charoco'
- (213) a. /u/ ['kusu] 'peso de areia'  
 b. /uu/ ['ku:su] 'cruz'

### 3.3.3 Sílaba

De acordo com análise dos dados coletados e com as descrições de Maurer (1995: 35), o angolar apresenta os seguintes padrões silábicos: CV, V, CVC. No onset, pode haver uma ou duas consoantes, assim o *onset* pode ser C ou CC, em

que a consoante na segunda posição do onset pode ser /j/ ou /w/. O angolar não apresenta sílabas fechadas, exceto as sílabas que são formadas por uma consoante nasal na coda, como em **bambu** /'baNbu/ ['bẽbũ] ou por uma consoante pós-alveolar na posição de coda<sup>12</sup>, como em /'biSpu/ ['biʃpu] 'bispo'.

O núcleo deve ser preenchido por pelo menos uma vogal simples ou por uma nasal silábica, sendo a sílaba mínima V ou N. Como nas demais línguas-irmãs, em angolar, a nasal silábica é uma consoante hospedeira, ocorrendo em conjunto com outra consoante como em [ʔ̃.ge] /Nge/ 'ser humano'. Todas as vogais podem ser nucleadas em sílabas tônicas e átonas como em (214):

- (214) a. /u/ [fu'fu] 'muito pouco'  
 b. /o/ [bo'bo] 'maduro'  
 c. /ɔ/ [bɔrɔ] 'bordo'  
 d. /e/ ['deve] 'dever'  
 e. /ɛ/ ['fɛbɛ] 'febre'  
 f. /i/ [bi'ri] 'abrir'  
 g. /a/ [baθa] 'onda'

No Quadro 54, encontram-se exemplos da sílaba mínima em angolar. As consoantes apresentadas nas subseções anteriores, tais como /p, b, t, d, k, g, f, v, m, n, ɲ, w, j, l, θ, ð/, podem ocorrer em onset no início e meio de palavra. A segunda posição do onset somente pode ser ocupada por um dos dois aproximantes /w, j/. As consoantes aproximantes /j/ e /w/ somente podem ocorrer em onset e podem ser o único ou o segundo elemento do onset iniciado por /p, b, t, d, k, g, m, n, f, v, l/. Quanto aos fonemas /θ/ e /ð/, ambos podem se realizar como [θ] e [ð] diante da aproximante /w/, no entanto, diante da aproximante /j/, /θ/ pode se realizar como [s] ou [ʃ] e /ð/ pode se realizar como [z] ou [ʒ]. Como os aproximantes são os únicos que podem ocupar a segunda posição do onset, não há onsets complexos formados

<sup>12</sup>Exemplos com itens com a consoante [ʃ] na posição de coda foram encontrados raramente, o que pode indicar entrada recente, por essa razão não serão considerados na análise como exemplos válidos para descrição diacrônica.

com outras consoantes em angolar. A coda por ser ocupada por somente um elemento: uma consoante nasal /N/ que assimila o ponto de articulação da consoante seguinte e pode ou não ser realizada foneticamente.

Sílaba	Fonemas	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
V	/ɛ e i a ɔ o u/	[e]	/e/	PRON. 3P SG
VV	/ɛ e i a ɔ o u/	[e:]	/ee/	'sim'

Quadro 54: Exemplo de sílaba mínima em angolar.

No Quadro 55, são apresentadas os moldes silábicos possíveis em angolar, a partir da análise do *corpus* deste estudo: V, CV, CVC, CCV, CCVC, VV, CVV, CVVC.

Sílaba	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
V	[o]	/o/	PRON. 2P PL
VC	[ẽðu]	/aNðu/	'recém-nascido'
CV	[biθu]	/biθu/	'bicho'
CVC	[lẽ'ba]	/laNba/	'cubrir'
CCV	[θa'gwa]	/θagwa/	'enxaguar'
CCVC	[kwẽda]	/kwaNda/	'cume'
VV	[e:]	/ee/	'sim'
CVV	[fa:ku]	/faaku/	'fraco'
CVVC	[lẽ:ða]	/laaNða/	'laranja'

Quadro 55: Moldes silábicos do angolar.

Nos Quadros de 56 a 64, estão dispostas as distribuições das consoantes e das vogais nas estruturas silábicas do angolar.

C	V	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/p b t d k g f v θ ð m n l/	/ɛ e i a ɔ o u/	[ka.'si.gu]	/kaθigu/	'castigo'
/ɲ/	/ɛ e a ɔ o u/ i★	[ku'ɲa]	/kuɲa/	'esmagar'
/j/	/ɛ e a ɔ o u/ i★	[jɔ.'gɔ]	/jɔgɔ/	'melhorar'
/w/	/ɛ e a ɔ o u/ i★ u★	[we]	/we/	'olho'

Quadro 56: Sílaba com estrutura CV em angolar.



C	V	N	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/p/	/ε e i a ɔ o u/	/N/	['põ]	/pɔN/	'pão'
/b t f θ ð m/	/ε e i a ɔ u/ o★	/N/	['ðẽ.ta]	/ðaNta/	'janta'
/d/	/ε i a ɔ/ e★ o★ u★	/N/	[fũ'dõ]	/fuNdɔN/	'terraço'
/k/	/o u i a ɔ/ ε★ e★	/N/	['kõ.tu]	/koNtu/	'conto'
/g/	/a u/ o★ u★ i★ ɔ★ ε★ e★	/N/	[gẽ.du]	/gaNdu/	'tubarão'

Quadro 57: Sílabas com estrutura CVC em angolár.

C	V	N	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/v/	/u i a ε e/ ɔ★ o★	/N/	['vẽ.tu]	/vɛN.tu/	'vento'
/n/	/u i a ɔ/ o★ ε★ e★	/N/	['nũ.ka]	/nuNka/	'nunca'
/ɲ/	/ɔ ε/ o★ u★ i★ a★ e★	/N/	['ɲẽ]	/ɲɛN/	'pressionar'
/l/	/ɔ ε o u i a/ e★	/N/	['lõ.go]	/loNgo/	'longo'

Quadro 58: Sílabas com estrutura CVC em angolár.

V	C	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/a/	/N/	['ẽ.ðu]	/aNðu/	'recém-nascido'
/e/	/N/	[ki'ẽ.da]	/kieNda/	'caroço'
/ɔ/	/N/	[mi.'õ.ga]	/miɔNga/	'mar'
/o/	/N/	[õ.'ge]	/oNge/	'corpo'
/u/	/N/	[ɲa.'ũ]	/ɲauN/	'gato'
/i/	/N/	[ĩ.ki.'la]	/iNkila/	'caule'
/ε/	/N/★	—	—	—

Quadro 59: Sílabas com estrutura VC em angolár.

C	C	V	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/p/	/j/	/a ɔ/ e★ ε★ o★ u★ i★	[pɛ.ˈpja]	/pɛpja/	‘limpar’
	/w/	/a ɔ★ e★ ε★ o★ u★ i★	[kɔ.ˈpwa]	/kɔpwa/	‘comprar’
/b/	/j/	/a e/ ɔ★ ε★ o★ u★ i★	[ˈbi.bja]	/bibja/	‘bíblia’
	/w/	/a ɔ★ e★ ε★ o★ u★ i★	[ˈbwa]	/bwa/	‘bom’
/t/	/j/	/a ε/ ɔ★ e★ o★ u★ i★	[ka.ˈtʃje]	/katje/	‘talvez’
	/w/	/a ɔ★ e★ ε★ o★ u★ i★	[θɔ.ˈtwa]	/θɔtwa/	‘soltar’
/d/	/w/	/e/ a★ ɔ★ ε★ o★ u★ i★	[ˈdwe.tʃi]	/dweti/	‘doente’
/k/	/j/	/a/ e★ ɔ★ ε★ o★ u★ i★	[si.ˈkja]	/θikja/	‘empurrar’
	/w/	/a ε e i/ ɔ★ o★ u★	[i.ˈkwe]	/ikwe/	‘grão’
/g/	/w/	/a ε/ e★ i★ ɔ★ o★ u★	[mĩ.ˈgwa]	/miŋgwa/	‘minguar’
/m/	/j/	/a/ ε★ e★ i★ ɔ★ o★ u★	[θɛ.ˈmja]	/θɛmja/	‘semear’
	/w/	/a ε e/ i★ ɔ★ o★ u★	[ˈmwɛ.da]	/mwɛda/	‘moeda’
/n/	/j/	/o/ ε★ e★ i★ ɔ★ a★ u★	[a.lu.ˈmi.njo]	/aluminjo/	‘alumínio’
	/w/	/e/ a★ ε★ i★ ɔ★ o★ u★	[peˈpe ˈnwe]	/pepe nwe/	‘pálpebra’
/f/	/j/	/a/ ε★ e★ i★ ɔ★ o★ u★	[pu.ˈfja]	/pufja/	‘insistir fortemente’
	/w/	/e a/ ε★ i★ ɔ★ o★ u★	[ˈfwe]	/fwe/	‘feio’
/v/	/j/	/a ɔ/ ε★ e★ i★ o★ u★	[dĩ.ˈvja]	/diNvja/	‘adivinhar’
	/w/	/e a/ ε★ i★ ɔ★ o★ u★	[u.ˈvwa]	/uvwa/	‘novo’
/l/	/j/	/a / ɔ★ ε★ e★ i★ o★ u★	[ˈlɔ.lja]	/lɔlja/	‘roda’
	/w/	/a/ e★ ε★ i★ ɔ★ o★ u★	[ˈlwa]	/lwa/	‘rua’
/θ/	/j/	/a / ɔ★ ε★ e★ i★ o★ u★	[ˈsɔ.sja]	/sɔθja/	‘sócia’
	/w/	/a ε/ e★ i★ ɔ★ o★ u★	[ˈswa]	/θwa/	‘chorar’
/ð/	/w/	/a / ɔ★ ε★ e★ i★ o★ u★	[ˈðwa]	/ðwa/	‘lugar’

Quadro 60: Sílabas com estrutura CCV em angolár.

C	C	V	C	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/k/	/j/	/a/ e★ ɔ★ ε★ o★ u★ i★	/N/	[ˈkjê]	/kjaN/	‘amanhecer’
	/w/	/a i/ e★ ɔ★ ε★ o★ u★	/N/	[ˈkwẽ.da]	/kwaNda/	‘cume’
/n/	/j/	/ɔ/ e★ a★ ε★ o★ u★ i★	/N/	[lɛ.ˈnjɔ]	/lɛnjɔN/	‘reunião’
/v/	/j/	/ɔ/ e★ a★ ε★ o★ u★ i★	/N/	[a.ˈvjɔ]	/avjɔN/	‘avião’
/l/	/j/	/ɔ/ a★ e★ ε★ o★ u★ i★	/N/	[ˈljɔ]	/ljɔN/	‘leão’

Quadro 61: Sílabas com estrutura CCVC em angolár.

VV	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/ee/	[ˈe:]	/ee/	‘sim’
/ii/	[ˈi:]	/ii/	‘não’

Quadro 62: Vogais longas (VV) em angolár.

C	VV	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/b, p, t, d, k, g, l, m, f, v, ð/	/aa/	['ba:ða]	/baaða/	'brasa'
/p, t, m/	/ee/	['te:si]	/teeθi/	'três'
/p, b, d, g, m/	/εε/	['gε:ða]	/gεεða/	'igreja'
/b, k, θ/	/oo/	['θo:kə]	/θooko/	'charoco'
/d, f, g/	/ɔɔ/	[dɔ:.'ba]	/dɔɔba/	'dobrar'
/f, p, t/	/ii/	['fi:da]	/fiida/	'ferida'
/f, t, b, k/	/uu/	['bu:]	/buu/	'ruim'

Quadro 63: Estrutura CVV em angolar.

C	VV	C	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/l/	/aa/ εε★ ee★ oo★ ɔɔ★ uu★ ii★	/N/	['lẽ:ða]	/laaNða/	'laranja'
/m/	/aa/ εε★ ee★ oo★ ɔɔ★ uu★ ii★	/N/	[mẽ:.'dʒj.ɔka]	/maaNdjɔka/	'mandioca'

Quadro 64: Estrutura CVVC em angolar.

### 3.3.4 Síntese

O angolar possui dezesseis consoantes, sete vogais orais e sete vogais longas. No que tange à nasalidade vocálica, o angolar, como suas línguas-irmãs, não apresenta vogais fonologicamente nasais, mas nasalizadas em contextos condicionantes. Das quatro línguas-filhas do PGG, o angolar é a mais refratária ao preenchimento da coda, permitindo apenas que a consoante /N/ a ocupe.

## 3.4 FONOLOGIA DO FA D'AMBÔ

A descrição do inventário fonológico do fa d'ambô, a seguir, baseia-se na análise de materiais como uma gramática (BARRENA, 1957), um dicionário (SEGORBE, em preparação), dentre outros estudos sobre a língua (SEGORBE 2007; ARAUJO *et*

*al.*, 2014), somados à análise de áudios gravados com falantes da língua em Ano Bom. Desse modo, a seção 3.4.1 apresenta os segmentos consonantais do fa d'ambô, em 3.4.2, será a vez dos segmentos vocálicos. Em 3.4.3, trataremos da sílaba. Em 3.4.4, finalmente, os principais pontos quanto à fonologia do fa d'ambô serão retomados.

### 3.4.1 Segmentos consonantais

O sistema fonológico do fa d'ambô, de acordo com Segorbe (2007), é composto por 27 fonemas, sendo vinte consoantes e sete<sup>13</sup> vogais. No entanto, ao analisar os dados gravados em Ano Bom, os pertencentes aos estudos de Segorbe (2007) e de Barrena (1957), constatou-se que quatro dessas consoantes não podem ser consideradas fonemas, mas fones, a saber: [ɲ, ʃ, d̥ʒ, x]. A consoante [ɲ] não será considerada fonema, tendo em vista que, embora Segorbe (2007) aponte como fonema em suas transcrições, a consoante é representada, em sua obra, ora pela consoante nasal alveolar [n] em conjunto com a vogal [i], ora pelo glide [j]; soma-se a isso o fato de parte desses itens com tal incongruência apresentar o mesmo contexto: preceder a vogal [i]. Essas evidências se não corroboram para a desconsideração da consoante como fonema, tampouco colaboram para sua inclusão. Diante disso, preferiu-se não atribuir estatuto fonêmico à referida consoante. Outrossim, os segmentos [ʃ] e [d̥ʒ] são fones, pois suas realizações estão condicionadas ao contexto de estar diante da vogal anterior /i/ ou do glide /j/. Por fim, a partir da análise de itens do fa d'ambô, a consoante [x] não foi considerada fonema em razão de estar em variação com o /k/, não estando, além disso, sua realização condicionada a quaisquer contextos. Desse modo, conjectura-se que /k/, no decorrer do tempo, passou a concorrer com a consoante [x], no entanto, tal variação não implicou uma mudança, posto que /k/ ainda é realizado independentemente de contexto no fa d'ambô contemporâneo. Diante disso, para essa pesquisa, serão considerados dezesseis fonemas consonantais,

---

<sup>13</sup> Post (1995), em seu estudo sobre o fa d'ambô, propõe cinco vogais em vez de sete.

a saber: /p, b, k, g, t, d, m, n, j, w, l, ʎ, f, v, s, z/. As consoantes estão divididas de acordo com seis modos de articulação: oclusivos, fricativos, nasais, laterais aproximantes e aproximantes e, em quatro pontos de articulação: labiais, alveolares, palatais e velares como no Quadro 65

	Labiais	Alveolares	Palatais	Velares
<b>Oclusivas</b>	p b	t d		k g
<b>Fricativas</b>	f v	s z		
<b>Nasais</b>	m	n		
<b>Laterais aproximantes</b>		l	ʎ	
<b>Aproxim.</b>	w		j	

Quadro 65: Consoantes do fa d'ambô.

Nas subseções seguintes, serão descritos os fonemas consonantais conforme seu modo e ponto de articulação, sendo estabelecidas suas realizações, oposições e distribuições.

#### 3.4.1.1 *Oclusivas*

O fa d'ambô possui seis consoantes oclusivas: /p b t d k g/. Cada consoante será descrita de acordo com o seu modo e ponto de articulação.

##### 3.4.1.1.1 Oclusivas labiais

O fa d'ambô apresenta duas consoantes oclusivas labiais: uma consoante surda /p/ e uma sonora /b/. O estatuto fonêmico da oclusiva labial surda /p/ pode ser observado por meio das oposições de /p/ e /b/ em (215) e de /p/ e /m/ em (216):

- (215) a. /p/ ['pa] PREP.  
 b. /b/ ['ba] 'dançar'

- (216) a. /p/ [ɔ'pɛ] 'pé'  
 b. /m/ [ɔ'mɛ] 'homem'

A consoante oclusiva labial surda /p/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset ou como primeiro elemento do onset antes de /j/ e se realiza como [p]. Pode ocorrer como segundo elemento do onset sendo antecedido por /s/, mas não como coda. Precede todas as vogais orais /i e ɛ a ɔ o u/ e nasalizadas [ĩ ê ã õ ã õ ã]. Em (217-a), tem-se o /p/ ocorrendo em início de palavra, em (217-b), em meio de palavra, em (217-c), como primeiro elemento do onset e, em (217-d), diante de uma vogal nasalizada:

- (217) a. [pa'li] 'parir'  
 b. [lĩ'pa] 'limpar'  
 c. [lĩ'pja] 'ruborizar-se'  
 d. [pẽ'ta] 'defender-se'

Embora Segorbe (2007) e Barrena (1957) apresentem itens com onsets complexos como /pl/ e /bl/, tais onsets não serão considerados nessa análise. Além do fato de muitos desses itens apresentarem variação em que é possível haver **kumpa** ou **kumpla** 'comprar', por exemplo, através da análise dos itens pertencentes ao *corpus*, nota-se que o fa d'ambô não apresenta onsets complexos do PGG, em seu lugar, ocorrem processos de ressilabificação ou apagamento.

O estatuto fonêmico da consoante oclusiva bilabial sonora /b/ pode ser comprovado com base nas oposições de /b/ e /p/, em (218), e de /b/ e /m/ em (219):

- (218) a. /b/ [ɔ'bɔ] 'adiante'  
 b. /p/ [ɔ'pɔ] 'pó'
- (219) a. /b/ ['basu] 'abaixo'  
 b. /m/ ['masu] 'manso'

A consoante oclusiva bilabial sonora /b/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset e se realiza como [b]. Não ocorre como

segundo elemento do onset e como coda. Precede todas as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ĩ ã õ õũ]. Em (220-a), tem-se o /b/ ocorrendo em início de palavra, em (220-b), em meio de palavra e, em (220-c), diante de uma vogal nasalizada:

- (220) a. [ba'belu] 'barbeiro'  
 b. [sũba] 'chumbo'  
 c. [bẽ:ku] 'branco'

#### 3.4.1.1.2 Oclusivas alveolares

Há duas consoantes oclusivas alveolares: uma consoante surda /t/ e uma sonora /d/. O estatuto fonêmico da oclusiva alveolar surda /t/ pode ser observado com base nas oposições de /t/ e /d/ em (221) e de /t/ e /l/ em (222):

- (221) a. /t/ ['taʒi] 'tarde'  
 b. /d/ ['daʒi] 'idade'
- (222) a. /t/ [ma'ta] 'matar'  
 b. /l/ [ma'la] 'amarrar'

A consoante oclusiva alveolar surda /t/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset e se realiza como [t]. Ocorre como segundo elemento do onset de sílabas do tipo CCV/CCVC sendo antecedido pela consoante /s/ como em **stam.pa** 'estampa', mas nunca como coda. Precede todas as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ĩ ã õ õũ]. Em (223-a), tem-se o /t/ ocorrendo em início de palavra, em (223-b) em meio de palavra, em (223-c), como segundo elemento do onset e em (223-d) diante de uma vogal nasalizada:

- (223) a. [taba'ja] 'trabalhar'  
 b. [me'te] 'meter'  
 c. ['sta] 'estar'  
 d. [a'tõt̃fi] 'anteontem'

O estatuto fonêmico da consoante oclusiva alveolar sonora /d/ pode ser comprovado com base nas oposições de /d/ e /t/ em (224) e de /d/ e /l/ em (225):

- (224) a. /d/ ['de] PREP.  
 b. /t/ ['te] 'ter'
- (225) a. /d/ [la'du] 'lado'  
 b. /l/ [la'lu] 'doença de pele'

A consoante oclusiva alveolar sonora /d/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset e se realiza como [d]. Não ocorre como segundo elemento do onset e como coda. Tem-se registro de /d/, na base de dados, precedendo todas as vogais orais /i e ε a o u/ e quase todas as vogais nasalizadas [ũ ã õ õ̃ ȭ]. Em (226-a), tem-se o /d/ ocorrendo em início de palavra, em (226-b), em meio de palavra e em (226-c) diante de uma vogal nasalizada:

- (226) a. ['dẽt̃fi] 'enfermo'  
 b. ['pjada] 'piada'  
 c. ['dẽnt̃fi] 'dente'

Em fa d'ambô, /t/ e /d/, respectivamente, realizam-se como [t̃f] e [d̃ʒ] diante da vogal anterior oral /i/ e nasalizada [ĩ]. Em contrapartida, /t/ e /d/ se realizam como [t] e [d] diante das demais vogais. Por essa razão, [t] e [t̃f] são realizações de /t/ e [d] e [d̃ʒ] são realizações de /d/.



### 3.4.1.1.3 Oclusivas velares

O fa d'ambô possui duas consoantes oclusivas velares: uma consoante surda /k/ e uma sonora /g/. O estatuto fonêmico da oclusiva velar surda /k/ pode ser observado com base nas oposições de /k/ e /g/ em (227) e de /k/ e /p/ em (228):

(227) a. /k/ [fu'ka] 'afogar'

b. /g/ [fu'ga] 'julgar'

(228) a. /k/ ['kasu] 'caça'

b. /p/ ['pasu] 'passo'

No fa d'ambô, a oclusiva /k/ pode se realizar como [k] e como fricativa velar [x] como em (229). Em muitos itens analisados (SEGORBE, 2007; BARRENA, 1957), é possível observar uma variação entre os dois fones. Pode-se conjecturar que o fa d'ambô, assim como suas demais línguas-irmãs, apresentava em seu inventário fonológico as duas consoantes oclusivas velares. Assim, a fricativa velar [x] pode ter sido introduzida na fala dos anoboneses no período posterior à formação e ramificação do PGG em suas línguas-filhas.

(229) Realizações de /k/

a. [k] [ka'ma] 'queimar'

b. [x] [xa'ma] 'queimar'

c. [k] ['kae] 'cair'

d. [x] ['xae] 'cair'

A consoante oclusiva /k/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset ou como primeiro elemento do onset antes de /w/ e se realiza como [k] ou [x]. Ocorre como segundo elemento do onset sendo antecedido pela consoante /s/, mas não como coda. Precede todas as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ĩ ã õ õ ã]. Em (230-a), tem-se o /k/ ocorrendo em início de palavra,

em (230-b) em meio de palavra, em (230-c) como primeiro elemento do onset, como segundo elemento do onset em (230-d):

- (230) a. ['kɔmɔ] CONJUÇÃO  
 b. ['fɛxɛ] 'faca'  
 c. ['xwɛ] 'coisa'  
 d. [skɛ:'vɛ] 'escrever'

O estatuto fonêmico da velar sonora /g/ pode ser observado com base nas oposições de /g/ e /k/ em (231) e de /g/ e /b/ em (232):

- (231) a. /g/ ['gwa] 'ficar'  
 b. /k/ ['kwa] 'coisa'
- (232) a. /g/ ['gɛ:sɛ] 'garça'  
 b. /b/ ['bɛ:sɛ] 'balsa'

A consoante oclusiva velar sonora /g/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset ou como primeiro elemento do onset antes de /w/ e se realiza como [g]. Não ocorre como coda. Precede todas as vogais orais /i e ɛ a ɔ o u/ e nasalizadas [ẽ õ õ̃]. Em (233-a), tem-se o /g/ ocorrendo em início de palavra, em (233-b) em meio de palavra e em (233-c) na primeira posição do onset:

- (233) a. ['galu] 'galo'  
 b. [dɛ'gadu] 'magro'  
 c. ['gwadu] 'triturado'

#### 3.4.1.2 *Nasais*

No fa d'ambô, há duas consoantes nasais: a consoante nasal labial /m/ e a alveolar /n/. Cada uma será descrita separadamente.

### 3.4.1.2.1 Nasal labial

O fa d'ambô possui uma consoante nasal labial /m/ cujo estatuto fonêmico pode ser observado com base nas oposições de /m/ e /b/ em (234) e de /m/ e /p/ em (235):

(234) a. /m/ ['masu] 'manso'

b. /b/ ['basu] 'abaixo'

(235) a. /m/ ['mɔtʃi] 'morte'

b. /p/ ['pɔtʃi] 'pote'

A consoante /m/ se realiza como [m] e pode ocorrer em início e meio de palavra como único elemento do onset ou como primeiro elemento do onset antes de /j/. Não ocorre como segundo elemento do onset. Precede todas as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ĩ ẽ ẽ õ ã ã]. Em (236-a), tem-se o /m/ ocorrendo em início de palavra, em (236-b) em meio de palavra, em (236-c) como primeiro elemento do onset e em (236-d) diante de uma vogal nasalizada:

(236) a. ['mɛza] 'mesa'

b. [sa'mada] 'chamada'

c. [li'mja] 'nomear'

d. [mẽ'da] 'mandar'

### 3.4.1.2.2 Nasal alveolar

O estatuto fonêmico da nasal alveolar /n/ pode ser observado com base nas oposições de /n/ e /d/ em (237) e de /n/ e /t/ em (238):

(237) a. /n/ ['nẽsa] 'arte de pescar'

b. /d/ ['dẽsa] 'dança'

- (238) a. /n/ ['nɔsa] POSS. 1P PL  
 b. /t/ ['tɔsa] 'madeira'

A consoante nasal alveolar /n/ pode ocorrer em início e meio de palavra. Não foi registrada a ocorrência de [n] em onset diante dos aproximantes /w, j/, assim como na coda. Precede todas as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ẽ ẽ õ ã]. Em (239-a), tem-se o /n/ ocorrendo em início de palavra, em (239-b) em meio de palavra, em (239-c) diante de uma vogal nasalizada:

- (239) a. [ˈnɔtʃi] 'noite'  
 b. [daˈna] 'danar'  
 c. [fiˈnẽtʃi] 'alfinete'

A consoante /n/ diante da vogal /i/ realizou-se como [ɲ], como em (240). Como se pôde observar, a palatalização da consoante /n/ foi condicionada pela vogal /i/, logo não houve razão para considerar [ɲ] como fonema, mas como fone de /n/.

- (240) a. /faniaN/ [faˈɲẽ] 'farinha'  
 b. /ineni/ [iˈneɲi] POSS. 3P PL

### 3.4.1.2.3 Arquifonema nasal

Para a representação da neutralização dos fonemas nasais /m/ e /n/ em início de palavra diante de outra consoante e em posição de coda, será utilizado o arquifonema nasal /N/, pois, nessa posição, a consoante nasal não apresenta ponto de articulação definido.

O arquifonema é silábico em início de palavra quando precede as consoantes /p, b, t, k, g, s/. Assim, a nasal /N/ assimilará o ponto de articulação da consoante seguinte, realizando-se como [ɲ] diante das alveolares /t, s/, como [ɱ] diante das labiais /p, b/ e como [ŋ] diante das velares /k, g/. As nasais silábicas podem variar

com itens que apresentam a epêntese vocálica ou apagamento da nasal em (241), (242) e (243):

- (241) [ŋ]
- a. [ŋ'tɛ:la] 'estrela'
  - b. [ŋsu:'ta] ~ [iŋsu:'ta] 'insultar'
- (242) [ŋ]
- a. [ŋga'sa] ~ [ga'sa] 'unir'
  - b. [ŋxal'ma] ~ [eŋxal'ma] 'encarnar'
- (243) [m]
- a. [m̩ba'sa] 'confundir'
  - b. [mpakɛ'ta] ~ [ɛmpakɛ'ta] 'empacotar'

Além de silábico, o arquifonema nasal, cujo ponto de articulação não é definido, pode ser encontrado na posição de coda. O arquifonema /N/ assimila o ponto de articulação da consoante que está no onset da sílaba seguinte, realizando-se como [n] diante das alveolares /t, d, s/, como [m] diante das labiais /p, b/ e como [ŋ] diante das velares /k, g/ ou pode ser apagado como em (244).

- (244) a. /deNti/ ['dɛnt̩fi] ~ ['dɛt̩fi] 'dente'
- b. /fiNgi/ [fiŋ'gi] ~ [fi'gi] 'rato'
- c. /fuNba/ ['fũmba] ~ ['fũba] 'fedor'

### 3.4.1.3 Laterais aproximantes

No fa d'ambô, há duas consoantes laterais aproximantes: a consoante lateral alveolar /l/ e a consoante lateral palatal /ʎ/.

### 3.4.1.3.1 Lateral alveolar

O estatuto fonêmico da consoante lateral alveolar /l/ pode ser observado com base nas oposições de /l/ e /ʎ/ em (245) e de /l/ e /d/ em (246):

- (245) a. /l/ ['la:] 'errar'  
 b. /ʎ/ ['ʎa:] 'aprisionar'
- (246) a. /l/ ['ladu] 'errado'  
 b. /d/ ['dadu] 'dado'

A consoante lateral alveolar /l/ pode ocorrer em início e meio de palavra como único e primeiro elemento do onset diante de /j/ ou como segundo ou terceiro elemento do onset complexo. O /l/ pode ocorrer em coda. Precede todas as vogais orais /i e ε a o u/ e nasalizadas [ĩ ã õ õ õ ã]. Em (247-a), tem-se o /l/ ocorrendo em início de palavra, em (247-b) em meio de palavra, em (247-c) diante de uma vogal nasalizada, em (247-d) como primeiro elemento do onset e em (247-e) como coda:

- (247) a. ['labu] 'rabo'  
 b. [ma'la] 'amarrar'  
 c. [nɔ'lẽtʃi] 'ignorante'  
 d. [gɔ'ɔlja] 'glória'  
 e. ['alma] 'alma'

### 3.4.1.3.2 Lateral palatal

O estatuto fonêmico da consoante lateral palatal /ʎ/ pode ser comprovado a partir das oposições de /ʎ/ e /l/ em (248):

- (248) a. /ʎ/ ['ʎa:] 'aprisionar'  
 b. /l/ ['la:] 'errar'

De acordo com análise dos itens nas amostras, apenas foi encontrada a consoante lateral palatal /ʎ/ em início e meio de palavra como único elemento do onset. Não pode ocorrer em coda. Precede as vogais orais /e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ẽ ẽ̃]. Em (249-a), tem-se o /ʎ/ ocorrendo em início de palavra, em (249-b) no meio de palavra:

- (249) a. [ʎẽ'ga] 'zangar'  
 b. [mɔ'ʎɛ] 'espigão'

#### 3.4.1.4 *Fricativas*

As quatro consoantes fricativas em fa d'ambô /f v s z/ serão analisadas de acordo com os pontos de articulação na seguinte ordem: labial e alveolar.

##### 3.4.1.4.1 Labiais

O fa d'ambô possui duas consoantes fricativas labiais: surda /f/ e sonora /v/. O estatuto fonêmico da consoante fricativa labiodental surda /f/ pode ser observado nas oposições de /f/ e /v/ em (250) e de /f/ e /s/ em (251):

- (250) a. /f/ ['fatu] 'pouco'  
 b. /v/ ['vatu] 'inquieto'
- (251) a. /f/ ['fa:ku] 'fraco'  
 b. /s/ ['sa:ku] 'saco'

A consoante fricativa labiodental surda /f/ ocorre início e meio de palavra como único elemento do onset ou primeiro elemento do onset diante de /w/. Não ocorre como coda. É realizado como [f] e precede todas as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e todas as nasalizadas [ĩ ẽ ẽ̃ õ õ̃ ã]. Em (252-a), tem-se o /f/ ocorrendo em início

de palavra, em (252-b) em meio de palavra, em (252-c) como primeiro elemento do onset diante de uma proximante:

- (252) a. ['fa:tu] 'pouco'  
 b. [ofi'a] 'embrulhar'  
 c. ['fwol] 'vir'

O estatuto fonêmico da consoante /v/ pode ser comprovado a partir das oposições de /v/ e /b/ em (253) e de /v/ e /f/ em (254):

- (253) a. /v/ ['vẽ] 'vão'  
 b. /b/ ['bẽ] 'abandar'
- (254) a. /v/ ['veju] 'velho'  
 b. /f/ ['feju] 'feio'

A consoante /v/ ocorre início e meio de palavra como único elemento do onset ou primeiro elemento do onset diante de /j/. Não ocorre como coda. É realizado como [v] e precede todas as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ĩ ã õ ã õ ã]. Em (255-a), pode-se observar o /v/ em início de palavra, em (255-b) em meio de palavra, em (255-c), tem-se o /v/ na primeira posição do onset diante de uma aproximante:

- (255) a. ['vatu] 'pescável'  
 b. ['gavi] 'bom'  
 c. [a'vjõ] 'avião'

#### 3.4.1.4.2 Alveolares

No fa d'ambô, há duas consoantes fricativas alveolares: uma consoante fricativa alveolar surda /s/ e uma sonora /z/. O estatuto fonêmico da fricativa alveolar surda



/s/ pode ser constatado com base nas oposições de /s/ e /z/ em (256) e de /s/, /f/ e /z/ em (257):

- (256) a. /s/ ['salu] 'sal'  
 b. /z/ ['zalu] 'gole de bebida'

- (257) a. /s/ ['sa] 'assar'  
 b. /f/ ['fa] 'falar'  
 c. /z/ ['za] 'já'

A consoante fricativa alveolar surda /s/ ocorre em início e meio de palavra como único elemento do onset, como primeiro elemento do onset diante de /j w/ e como coda. Precede as vogais orais /i e ε a ɔ o u/ e nasalizadas [ĩ ã õ õ õ ã ã]. Em (258-a), observa-se a fricativa /s/ ocorrendo em início de palavra, em meio de palavra (258-b), como primeiro elemento do onset em (258-c) e em coda em (258-d):

- (258) a. ['sala] 'sala'  
 b. ['tusu] 'criado'  
 c. ['swĩ] 'porco'  
 d. [mɔ'lɛstʃja] 'moléstia'

Em coda, a consoante fricativa alveolar pode se realizar como [s] diante de consoante surda (258-d) e como [z] diante de consoante sonora (260-c). Nessa posição, a fricativa será representada com um arquifonema /S/, uma vez que sua realização como [s] ou [z] está condicionada a um contexto, o que caracteriza um processo fonológico. Indicaremos fonologicamente a consoante fricativa alveolar com o arquifonema /S/ em coda em razão do fato de que, nessa posição, o seu ponto de articulação é definido pelo contexto. Em outras palavras, a realização desse arquifonema varia entre [s] ou [z] a depender do contexto: caso /S/ se encontre diante de uma consoante também surda no onset da sílaba seguinte, realiza-se como [s], por outro lado, caso /S/ se encontre diante de uma consoante sonora, realiza-se como [z].

Tal variação não foi observada quando a fricativa alveolar surda /s/ se encontrava em onset. Por essa razão, o arquifonema somente foi proposto na posição de coda.

O estatuto fonêmico da fricativa alveolar sonora /z/ pode ser observado com base nas oposições de /z/, /s/ e /f/ em (259):

- (259) a. /z/ ['za] 'já'  
 b. /s/ ['sa] 'assar'  
 c. /f/ ['fa] 'falar'

A consoante fricativa alveolar sonora ocorre em início e meio de palavra como único elemento do onset e ocorre em coda. Quanto à sua distribuição, /z/ precede as vogais orais /i e ε a o u/ e nasalizadas [ĩ ẽ õ]. É possível observar [z] em início de palavra em (260-a), em meio de palavra em (260-b) e em coda (260-c):

- (260) a. [zɛ̃tʃi] 'gente'  
 b. [ba:za] 'chama'  
 c. [dʒizga'lasa] 'desgraça'

Diante da vogal /i/ e do glide /j/, as consoante /s/ e /z/ se realizam, respectivamente, como [ʃ], em (261-a), e [dʒ] em (261-b):

- (261) a. [kõvẽ'ʃidu] 'convencido'  
 b. [bo'dʒina] 'buzina'

#### 3.4.1.5 *Aproximantes*

No fa d'ambô, há duas consoantes aproximantes: uma consoante aproximante labial sonora /w/ e uma consoante palatal sonora /j/.

### 3.4.1.5.1 Labial

O estatuto fonêmico da consoante aproximante labial sonora /w/ pode ser comprovado a partir das oposições de /w/ e /v/ em (262) e de /w/ e /b/ em (263):

- (262) a. /w/ ['wẽ] 'um'  
 b. /v/ ['vẽ] 'vão'
- (263) a. /w/ ['wa:] DÊITICO 2P SG  
 b. /b/ ['ba:] 'dançar'

A consoante aproximante labial sonora /w/ pode ocorrer no onset, precedendo uma vogal podendo ser o primeiro ou o segundo elemento do onset, mas não ocorre em coda. Como segundo elemento do onset, /w/ pode ser antecedido pelas seguintes consoantes /g n f s/. Realiza-se como [w] e precede as vogais orais /i, e, ε, a, ɔ, o/ e duas nasalizadas [ẽ, õ]. Quanto à sua distribuição, podemos observar /w/ em início de palavra em (264-a), em meio de palavra em (264-b) e como segundo elemento do onset em (264-c):

- (264) a. ['we] 'olho'  
 b. ['awa] 'água'  
 c. [zu'gwa] 'tirar'

### 3.4.1.5.2 Aproximante palatal

O estatuto fonêmico da consoante aproximante palatal sonora /j/ pode ser observado com base nas oposições de /j/, /t/ e /s/ em (265):

- (265) a. /j/ ['aju] 'alho'  
 b. /t/ ['atu] 'ato'  
 c. /s/ ['asu] 'força'

A consoante aproximante palatal sonora /j/ pode ocorrer no onset, precedendo uma vogal podendo ser o primeiro ou o segundo elemento do onset, pode ocorrer em coda. Como segundo elemento do onset, /j/ pode ser antecedido pelas seguintes consoantes /p t m n l v s/. Realiza-se como [j] e precede as vogais orais /e, ε, a, ə, o, u/. Em (266-a), podemos observar /j/ em início de palavra, como segundo elemento do onset em (266-b) e em coda (266-c):

- (266) a. [ˈjɛ:s] ‘sim (formal)’  
 b. [liˈmja] ‘nomear’  
 c. [ˈnapaj] ‘varão’

De acordo com Araujo & Agostinho (2014: 273), um jogo de linguagem, em fa d'ambô, chamado *fa do vesu*, oferece evidências de que os glides estão em posição de coda e se comportam como qualquer outra consoante, posto que não são visíveis ao processo de silabificação como em (267):

- (267) a. [ˈpa.j] → **pa.ˈpaj** ‘pai’  
 b. [ˈpa.j] → **★paj.ˈpaj**<sup>14</sup>  
 c. [ˈpa.j] → **★paj.ˈpa**

Partindo do pressuposto, primeiramente, de que o jogo copia o núcleo da palavra, Araujo & Agostinho (2014: 273) argumentam que se o glide, em (267-b), fosse parte do núcleo, teríamos o item **★paj.ˈpaj**. Por outro lado, pode-se supor também que o jogo copie apenas o primeiro elemento do núcleo, isto é, ambos elementos do núcleo estariam na primeira sílaba, enquanto apenas o primeiro elemento seria copiado na segunda sílaba; nesse caso, teríamos **★paj.ˈpa**. Os autores dão mais um exemplo que suportam o argumento de que o glide ocupa uma posição não nuclear, como em (268):

<sup>14</sup>Somente nos itens, em (267-b), em (267-c), (268-b), e na argumentação a eles relacionada, a (★) indica agramaticalidade.

- (268) a. 'wan → wa.'pan 'um'  
 b. 'wan → ★wa.'pwan

Em(268), considerando que novamente o glide não é copiado no jogo silábico, Araujo & Agostinho (2014) concluem que, em fa d'ambô, os glides se comportam como uma consoante independentemente se estão no ataque ou em coda.

### 3.4.2 Segmentos vocálicos

Quanto ao seu sistema vocálico, o fa d'ambô possui sete vogais orais e sete longas como se pode observar nos Quadros 66 e 67:

	Anterior	Central	Posterior
<b>Alta</b>	i		u
<b>Média-alta</b>	e		o
<b>Média-baixa</b>	ɛ		ɔ
<b>Baixa</b>		a	

Quadro 66: Vogais do fa d'ambô.

	Anterior	Central	Posterior
<b>Alta</b>	ii		uu
<b>Média-alta</b>	ee		oo
<b>Média-baixa</b>	ɛɛ		ɔɔ
<b>Baixa</b>		aa	

Quadro 67: Vogais longas do fa d'ambô.

No que diz respeito à sua distribuição, as sete vogais orais /i, e, ɛ, a, ɔ, o, u/ são realizadas como [i, e, ɛ, a, ɔ, o, u] em sílaba tônica e átona não final. O estatuto fonêmico das vogais pode ser observado nos exemplos de (269) a (273).

- (269) /a/ e /e/  
 a. [a'la] 'lá'  
 b. [a'le] 'rei'
- (270) /e/ e /ε/  
 a. [pẽ'de] 'pender'  
 b. [pẽ'de] 'extraviar-se'
- (271) /o/ e /ɔ/  
 a. ['mol] 'mouro'  
 b. ['mɔl] 'amor'
- (272) /i/ e /e/  
 a. ['pi] 'não maduro'  
 b. ['pe] 'colocar'
- (273) /u/ e /o/  
 a. ['katu] 'quatro'  
 b. ['kato] 'navalha'

Todas podem ser nasalizadas foneticamente diante de /N/, realizando-se como [ĩ, ê, ẽ, õ, õ, õ, ã] como em (274). A vogal baixa central não arredondada realiza-se como [a] em sílaba átonas e tônicas e como [ẽ] diante de /N/.

- (274) a. /ε/ /fɛNda/ ['fẽda] 'podre'  
 b. /e/ /puludeNti/ [pulu'dêt̃ji] 'prudente'  
 c. /ɔ/ /fɔNti/ ['fõt̃ji] 'frente'  
 d. /a/ /kabaN/ [ka'bẽ] 'carvão'  
 e. /o/ /loNba/ ['lõba] 'lomba'  
 f. /u/ /kuNtulu/ ['kũtulu] 'contra'  
 g. /i/ /piNgu/ ['pĩgu] 'pingo'

Todas as sete vogais orais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ em sílaba átona final são representadas sobrescritas por Segorbe (2007) da seguinte maneira [i<sup>e</sup> e<sup>ε</sup> a<sup>a</sup> ɔ<sup>ɔ</sup> o<sup>o</sup> u<sup>u</sup>], o que sugere que se trata de vogais ensurdecidas ou enfraquecidas em posição átona final. Nesse estudo, tal representação, contudo, não foi empregada.

- (275) a. [ˈpulvu] ‘polvo’  
 b. [ˈkuza] ‘coisa’  
 c. [daˈmɔnɔ] ‘demônio’  
 d. [ˈdadʒi] ‘idade’  
 e. [ɛɛˈfɛtɛ] ‘elefante’  
 f. [ˈẽbo] ‘Ano Bom’  
 g. [ˈfogo] ‘fogo’

Como em lung’ie e em angular, as vogais longas são fonologicamente distintas das vogais simples em fa d’ambô<sup>15</sup> como se pode observar de (276) a (281):

- (276) a. /a/ [ˈda] PREP.  
 b. /aa/ [ˈda:] ‘dar’
- (277) a. /ε/ [ˈpɛtu] ‘perto’  
 b. /εε/ [ˈpɛ:tu] ‘preto’
- (278) a. /ɔ/ [ˈbɔba] ‘musgo verde’  
 b. /ɔɔ/ [ˈbɔ:ba] ‘túnica’
- (279) a. /o/ [foˈfo] ‘pasta alimentar’  
 b. /oo/ [fo:ˈfo] ‘assoprar’
- (280) a. /i/ [ˈvidu] ‘visto’  
 b. /ii/ [ˈvi:du] ‘ponto de vista’

<sup>15</sup> Segorbe (2007) registra um par com a vogal breve /e/ e as vogais longas /ee/ (/e/ [ˈe] PRON. 3P SG e /ee/ [ˈe:] ‘letra e’). No entanto, tal par foi desconsiderado, tendo em vista a fragilidade de um dos itens que faz referência a um grafema.

- (281) a. /u/ [ku'sa] 'sarna'  
 b. /uu/ [ku:'sa] 'cruzar'

### 3.4.3 Sílabas

De acordo com a análise de dados, o fa d'ambô apresenta as seguintes estruturas silábicas: V, VC, CV, CVC, CCV, CCVC, VV, CVV, CVVC (ver Quadro 68). Quanto à distribuição dos fonemas na sílaba, as vogais e a nasal silábica podem preencher a posição de núcleo. A nasal silábica ocupa a sílaba isoladamente, não havendo outros elementos na sílaba. Todas as consoantes descritas nas subseções anteriores, tais como /p b t d k g m n l ʎ f v s z j w/, podem ocorrer em onset em início e meio de palavra. O segundo elemento do onset de sílaba do tipo CGV pode ser uma das consoantes aproximantes /w, j/ se o primeiro elemento for /p t g m n l v f s/. As consoantes /p/, /k/, /t/ e /f/ podem ocupar a segunda posição do onset desde que na primeira posição esteja /s/. As distribuições das consoantes estão descritas resumidamente nos Quadros de 68 a 73.

Sílaba	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
V	[e]	/e/	PRON. 3P SG
VC	[es]	/es/	'sim'
CV	[ba]	/ba/	'dança'
CVC	[wẽ]	/waN/	DET FEM
CCV	[sta]	/sta/	'estar'
CCVC	[stẽ'pa]	/staNpa/	'estampar'
VV	[a'sa]	/aasa/	'alçar'
CVV	[pɛ:tu]	/pɛtu/	'preto'
CVVC	[bẽ:ku]	/baaNku/	'branco'

Quadro 68: Estruturas silábicas em fa d'ambô.

Todas as vogais podem compor o núcleo em sílabas acentuadas, pré-acentuadas e pós-acentuadas como se pode ver em (282):



- (282) /a/ ['aba] 'raiz'  
 /e/ [te'se] 'tecer'  
 /ɛ/ [lɛ'lɛ] 'raso'  
 /ɔ/ [ɔ'nɔ] 'nó'  
 /o/ ['fogo] 'fogo'  
 /i/ ['fibili] 'febre'  
 /u/ ['muku] 'mucô'

O núcleo pode ser preenchido por pelo menos uma vogal simples ou por uma nasal silábica (ver Quadro 69).

Sílaba	Fonemas	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
V	/i ɛ e a ɔ o u/	['e]	/e/	PRON. 3P SG

Quadro 69: Exemplo de sílaba mínima em fa d'ambô.

Nos Quadros de 70 a 73, são demonstradas as consoantes e vogais que podem coocorrer nas possíveis estruturas silábicas do fa d'ambô.

C	V	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/p b t d k g m n l f v s z/	/ɛ e i a ɔ o u/	[dɔ'la]	/dɔla/	'dourar'
/ʎ/	/e ɛ a ɔ o u/ /i★/	[ka'ʎa]	/kaʎa/	'encalhar'
/w/	/i ɛ e a ɔ o/ /u★/	[ma'wa]	/mawa/	'esfolar'
/j/	/ɛ e a ɔ o u/ /i★/	[na'vaju]	/navaju/	'navalha'

Quadro 70: Sílaba com estrutura CV.

V	C	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/i ɛ e a ɔ o u/	/N/	['ẽpa]	/aNpa/	'pão'
/i ɛ e a ɔ o u/	/S/	['ostja]	/oStja/	'hóstia'
/i ɛ e a ɔ o u/	/l/	['alba]	/alba/	'erva'
/i ɛ e a ɔ o u/	/j★/	—	—	—

Quadro 71: Sílaba com estrutura VC.

C	V	C	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/p b f s l/	/i ε e a ɔ o u/	/N/	[li'fẽ]	/lifaN/	'elefante'
/t/	/ε e a ɔ o u/ i <sup>★</sup>	/N/	[tẽ'ta]	/teNta/	'tentar'
/d/	/ε a ɔ o u/ e <sup>★</sup> i <sup>★</sup>	/N/	[dõ]	/dõN/	'dom'
/k/	/a ɔ o/ i <sup>★</sup> e <sup>★</sup> ε <sup>★</sup> u <sup>★</sup>	/N/	[kẽ'tɔl]	/kaNtɔl/	'cantor'
/v/	/i e ε a o u/ ɔ <sup>★</sup>	/N/	[vẽ'ta]	/veNta/	'venda'
/z/	/i ε a/ e <sup>★</sup> o <sup>★</sup> u <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup>	/N/	[zẽ'xa]	/zaNka/	'nádegas'
/m/	/i ε e a ɔ u/ o <sup>★</sup>	/N/	[mẽ'da]	/mɛNda/	'corrigir'
/n/	/ε e a o u/ i <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup>	/N/	[fi'nẽtʃi]	/fineNti/	'alfinete'
/ʎ/	/ε a/ i <sup>★</sup> e <sup>★</sup> o <sup>★</sup> ɔ <sup>★</sup> u <sup>★</sup>	/N/	[ʎẽ]	/ʎaN/	'chama'

Quadro 72: Sílabas com estrutura CVC.

V	V	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/a/	/a/	[a:'sa]	/aasa/	'alçar'
/e/	/e/	[le:]	/lee/	'ler'
/ε/	/ε/	[lɛ:'va]	/lɛɛva/	'apaixonar-se'
/o/	/o/	[o:]	/oo/	'algodão'
/ɔ/	/ɔ/	[sɔ:'da]	/sɔɔda/	'soldar'
/i/	/i/	[ʃi:'vẽ]	/siivaN/	'escravo'
/u/	/u/	[bu:'ka]	/buuka/	'voltar'

Quadro 73: Vogais longas em fa d'ambô.

CC	Exemplos	Forma subjacente	Glosa
/st/	[stadu]	/stadu/	'estado'
/sp/	[spɛ'la]	/spɛla/	'esperar'
/sk/	[ska'la]	/skala/	'escalar'
/sf/	[sfɔ:'sa]	/sfɔɔsa/	'esforçar-se'
/gw/	[zu'gwa]	/zugwa/	'tirar'
/fw/	[fwol]	/fwol/	'vir'
/pj/	[pʝol]	/pʝol/	'jaula'
/tj/	[tʃtʃja]	/ɔStja/	'hóstia'
/mj/	[li'mja]	/limja/	'nomear'
/lj/	[gɔ'lɔlja]	/gɔlɔlja/	'glória'
/vj/	[nɛ'vjadu]	/nevjadu/	'nervoso'
/nj/	[nja'mɛtu]	/njameNtu/	'aninhamento'
/nw/	[nwa]	/nwa/	'lua'
/sj/	[pa'sjẽ]	/pasjaN/	'paixão'
/sw/	[swĩ]	/swiN/	'porco'

Quadro 74: Sílabas com estrutura CCV.

No Quadro 74, são apresentadas as consoantes que podem estar no onset silábico do tipo CC. Clusters como /sC/ — em que C pode ser /p, t, k/ —, não são permitidos no jogo de linguagem, fa do vesu (ARAÚJO & AGOSTINHO, 2014: 274). Diante da impossibilidade de manter a estrutura, uma vogal epentética [u] é inserida no cluster, criando uma nova sílaba [su], seguida pela sílaba [pu] no jogo, como em **skala** ‘escalar’ que se torna **su.pu.ka.pa.la.'pa**. De acordo com Araujo & Agostinho (2014: 274), como os onsets complexos não são permitidos no jogo, a epêntese vocálica é a estratégia utilizada na dissolução do encontro consonantal. A análise do jogo fa do vesu sugere que o /s/, em clusters como /sC/ em fa d'ambô, estaria em outra sílaba ou, pelo menos, não é considerado como parte do onset. Ainda sobre o cluster /sC/, Henriques Isabel (2012) constata que os falantes do português europeu (PE) encontram dificuldades em definir os limites da sílaba nessas sequências, tratando os segmentos /sC/ como heterossilábicos. A dificuldade de tratar /sC/ como tautossilábicos, seja em fa d'ambô ou em PE, pode ser explicado em razão do fato de que, ao considerar /sC/ como pertencentes à mesma sílaba, os Princípios da Sonoridade e da Condição da dissimilaridade são violados (HENRIQUES ISABEL, 2012). Devido à limitação do escopo do trabalho, constata-se a necessidade de uma análise futura mais aprofundada sobre o estatuto do /s/ em cluster como /sC/ na língua.

#### 3.4.4 Síntese

O fa d'ambô possui dezesseis consoantes, sete vogais orais e sete vogais longas. No que diz respeito à nasalidade vocálica, o fa d'ambô, como as demais línguas-irmãs, não possui vogais fonologicamente nasais, mas vogais nasalizadas em contextos condicionantes. Quanto à sua estrutura silábica, apresenta os seguintes padrões: V, CV, VC, CVC, CCV, CCVC, VV, CVV e CVVC. Os elementos /N/, /S/, /j/ e /l/ podem ocupar a coda.

### 3.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE TOM NAS

#### LÍNGUAS-FILHAS

Essa seção busca apresentar algumas considerações no que tange à análise do estatuto do tom nas línguas-filhas. Primeiramente, retomaremos a discussão sobre o tom na literatura do santome, lung'ie e angolar. O fa d'ambô não será tratado nessa seção, uma vez que os estudos sobre a língua não trazem reflexões a esse respeito. Em seguida, mostraremos como o caso do lung'ie, a língua-filha que apresenta uma discussão sobre tom e acento mais completa, poderia ser estendido às demais línguas.

Para Ferraz (1979: 25), o santome não apresenta tom fonologicamente significante. Entretanto, o tom alto pode ser atribuído ao núcleo de uma palavra monossilábica ou a dois núcleos de uma palavra com mais de uma sílaba para efeitos estilístico ou enfático. Em seu estudo, Ferraz não apresenta pares tonais lexicais — nos quais a mudança de tom altera o significado —, sem o tom estar associado à posição de acento do étimo português. Nesse sentido, Schang (2003: 87-88) destaca que Ferraz não conseguiu provar a oposição tonal em santome, posto que se demonstrou que o sistema funciona com acento. De acordo com Maurer (2008: 261), as observações supracitadas são incompletas e maiores pesquisas seriam necessárias. Entretanto, para o autor, o santome é uma língua tonal, com tons alto (H do inglês, *high*) e baixo (L do inglês, *low*, não marcado) — alguns tons baixos, segundo o autor, podem ser melhor definidos como neutros —, a despeito de mais de noventa por cento do seu léxico ser de étimo português, língua não tonal. Em santome, o tom é usado para distinções lexicais, mas também pode ser usado com objetivos gramaticais. Maurer (2008: 253-261), com base em gravações de fala vernácula, advoga que nomes dissilábicos apresentam quatro padrões, sendo um tom em cada sílaba, aqui exemplificados: HH (alto alto), como em **mwala** ‘mulher’, HL (alto baixo), como em **plókô** ‘porco’, LH (baixo alto), como em **kasô** ‘cachorro’, e LL (baixo baixo), como em **alê** ‘rei’. Maurer argumenta que muitos nomes dissilábicos de étimo português que são acentuados na primeira sílaba em português (como *porco*) exibem um

padrão tonal HL em santome. Diante disso, considerando o contato entre línguas tonais e não tonais, de acordo com o autor, não se esperaria uma palavra dissilábica — de uma língua não tonal —, acentuada na primeira sílaba, receber um padrão HL em uma língua tonal. A respeito de como o suposto sistema tonal se originou, Maurer atribui às línguas de substrato, uma vez que o edo e o quicongo teriam um sistema de dois tons, assim como o santome. A hipótese de substrato ganharia força, segundo o autor, caso fosse demonstrado que regras que regulam sobretudo a realização de tons baixos ou neutros são similares em santome, de uma lado, e em edo ou em quicongo, de outro.

No que diz respeito à proposição de Maurer (2008) em favor de um sistema tonal em santome, considera-se a hipótese inconsistente. A inconsistência se deve à sua argumentação quanto aos padrões dissilábicos. Em **plôkô** ‘porco’, por exemplo, o padrão HL reflete o padrão acentual da palavra, cujo acento se encontra na primeira sílaba (H), ausente, por conseguinte, na segunda (L). Somado a isso, Maurer (2008: 254) afirma que os tons não são constantes em santome, assim nomes dissilábicos isolados não seriam diferentes essencialmente um do outro. Logo, não é possível propor que o santome apresenta um sistema tonal — talvez um sistema *pitch accent*. Línguas do tipo *pitch accent* exigem somente um tom alto ou tons dinâmicos crescente e decrescente. Em línguas desse tipo, no que diz respeito ao acento, ele é marcado pela amplitude da onda sonora e pela duração. Em alguns casos, o acento nas línguas *pitch accent* se comporta idiossincriticamente, não sendo fixo, por essa razão tais línguas são chamadas de *pitch accent* livre (FERRAZ & TRAIL, 1981; AGOSTINHO, 2015). No caso do santome, seria necessário fazer uma análise mais precisa para afirmações quanto à relação de tom e acento na língua.

Quanto ao angolar, pouco se sabe sobre o suposto sistema tonal defendido por Maurer (1995) que, ao discutir brevemente sobre o tom, salienta a necessidade de maiores estudos, tendo em vista que o tema não é o escopo da sua pesquisa. Para o angolar, Maurer (1995: 9) propõe dois tons: H e L, não existindo, contudo, tons dinâmicos (ascendentes ou descendentes) segundo o estudioso. Em palavras

dissilábicas, as combinações possíveis são as seguintes: HH (**mámá** ['mama] 'seio'), LL (**màmà** [ma'ma] 'amamentar'), HL (**mótxì** ['mɔti] 'morte') e LH (**bòbó** [bɔ'bo] 'maduro') (MAURER, 1995: 9). Os exemplos, mencionados por Maurer (1995), assemelham-se com o ocorrido em santome, em que o tom é confundido com o acento primário.

O estudo do tom em lung'ie, ainda que não haja um consenso entre os estudiosos, tais como Günther (1973), Ferraz & Traill (1981), Maurer (2009) e Agostinho (2015), tem sido feito mais extensivamente se comparado às suas línguas-irmãs. De acordo com Günther (1973), o lung'ie pode ser caracterizado como uma língua tonal com três tons: alto, baixo e crescente (R do inglês, *rising*). Além disso, Günther (1973: 49) defende que os tons altos provêm de sílabas acentuadas do português, os tons baixos provêm de sílabas átonas em português e o tom ascendente apareceria em palavras de origem portuguesa em que uma sílaba intervocálica foi apagada. Sobre essas descrições, Maurer (2009: 14) salienta que Günther interpreta as sílabas tônicas com um tom alto, ao passo que as sílabas átonas teriam um tom baixo, logo não haveria palavras HH ou LL.

Com base nos dados de Günther e nos dados coletados em trabalhos de campo, Ferraz & Traill (1981: 207) defendem que o lung'ie não pode ser considerado uma língua tonal, sendo caracterizado pelos autores como uma língua *pitch accent* livre. Os autores apresentam quatro pitches: alto, baixo, crescente e decrescente. Por outro lado, os tons dinâmicos (crescente e decrescente) somente ocorreriam em vogais longas ou sequências de vogais.

De acordo com Maurer (2009: 14-26), o lung'ie é uma língua tonal e apresenta somente dois tons: H (alto) e L (baixo). Para o autor, as palavras dissilábicas podem ter todas as combinações possíveis: LH, LL, HH e HL. Ao analisar um conjunto de 4000 itens lexicais, Agostinho (2015) defende um sistema suprasegmental misto para o lung'ie, uma vez que não pode ser considerado como um sistema tonal propriamente dito. Conforme salienta Agostinho, o acento lexical também deve ser considerado, e não só o tom, tal afirmação se dá por duas razões. A primeira é

que, segundo Agostinho, não foi possível observar nenhum processo fonológico que dependesse apenas do tom. Ademais, nos segmentos da população falante de menor faixa etária, apenas o sistema acentual permanece. Dessa maneira, o lung'ie apresenta um padrão acentual misto, no qual o acento é a principal categoria e o tom pode ser notado lexicalmente, embora não seja contrastivo (AGOSTINHO, 2015).

Comparativamente, o pouco que se pode afirmar a respeito do sistema tonal nas três línguas é que há uma forte correlação entre o acento primário no étimo português e a interpretação de tom alto.

### 3.5.1 Interação entre acento e tom em lung'ie

De acordo com Maurer (2009: 26), as sílabas acentuadas tendem a corresponder ao acento do português. Contudo, nem sempre a atribuição de acento reflete esses padrões. Assim, nomes dissilábicos com padrões de tom HH e HL são acentuados na primeira sílaba, tais como ['kɔ<sup>H</sup>bɔ<sup>H</sup>] 'cobra' e ['pɔ<sup>H</sup>kɔ<sup>L</sup>] 'porco'. Já nomes dissilábicos com padrões de tons LH e LL são acentuados na última sílaba, tais como [a<sup>L</sup>re<sup>H</sup>] e [ke<sup>L</sup>de<sup>L</sup>] 'cada'.

Agostinho (2015), com base na comparação entre os padrões de acento do seu *corpus* e os padrões acentuais de Maurer para os nomes dissilábicos, afirma que não encontrou nenhuma correspondência de HH e HL como oxítonas e de LH e LL como paroxítona. Segundo a porcentagem de cada padrão tonal indicado em Maurer (2009: 19), tais como HH: 49%, LH: 30%, LL: 11%, HL: 10%, constata-se que 83% dos nomes dissilábicos com acento na penúltima sílaba serão HH e que 73% dos nomes dissilábicos com acento na última sílaba serão LH (AGOSTINHO, 2015). Logo, Agostinho (2015) afirma que o acento de nomes dissilábicos pode ser deduzido conforme o padrão tonal e o padrão tonal pode ser parcialmente deduzido com base no acento da palavra.

Quanto às palavras trissilábicas, embora Maurer (2009) não estabeleça uma

relação com o padrão acentual, Agostinho (2015) faz a relação com base no seu *corpus* e nos padrões tonais analisados por Maurer (2009: 21), a saber, LHH, LHL, LLH, HHL, HHH e LLL. Assim, foi observado que os nomes trissilábicos proparoxítonos possuem padrão acentual HHL; os paroxítonos possuem padrão LHH, HHH ou LHL e os oxítonos podem ser LLH ou LLL.

Segundo Maurer (2009: 24), os verbos majoritariamente recebem o padrão tonal LL ou LLL. Os verbos LL ou LLL são oxítonos e os verbos HH, minoria, são paroxítonos (AGOSTINHO, 2015). Desse modo, Agostinho (2015) defende que o padrão tonal dos verbos em lung'ie é previsível: (L)LL para verbos com acento final e HH para verbos com acento na penúltima sílaba. Como se pode observar o padrão tonal dos verbos pode ser identificado a partir do acento lexical e vice-versa. No lung'ie, não há palavras oxítonas HH ou HL ou palavras paroxítonas LL ou LH, o que indica que, quando existe pelo menos um tom alto, o tom baixo não receberá o acento. Assim, para Agostinho (2015), o padrão tonal é parcialmente previsível com base no acento para nomes e totalmente previsível a partir do acento para verbos, ao passo que o padrão acentual é sempre previsível a partir do tom. Dessa maneira, pode-se concluir que o acento é a categoria autosegmental principal no lung'ie e não pode ser desconsiderado (AGOSTINHO, 2015).

Para estender os mesmos argumentos às demais línguas, seria necessário conduzir experimentos, tema de uma pesquisa futura. No que diz respeito ao fa d'ambô, os trabalhos de Barrena (1957) e Segorbe (2007) não mencionam tom, e a análise preliminar de dados gravados em Ano Bom sugere que o acento é uma unidade prosódica relevante, como nas demais línguas.

### 3.6 ANÁLISE COMPARATIVA

Após a descrição das fonologias de cada língua-filha do PGG, nessa seção, será feita uma comparação de seus aspectos fonológicos. Primeiramente, analisaremos



os quadros vocálicos, em seguida, os quadros consonantais, por fim, as estruturas silábicas das quatro línguas. Ao longo dos quadros, o símbolo (✓) indicará presença e o sinal tracejado (—) indicará inexistência do segmento ou estrutura na referida língua.

Paralelamente, os segmentos vocálicos de cada fonologia foram comparados. Os sistemas de vogais orais simples convergem em todos os pontos (Cf. Quadro 75), ao passo que os sistemas de vogais longas — idênticos em fa d'ambô, em lung'ie e em angular — diferem apenas do santome que não apresenta os referidos segmentos.

	/i u/	/e o/	/ɛ ɔ/	/a/
<b>ST</b>	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓
<b>FA</b>	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓
<b>LI</b>	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓
<b>AN</b>	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓
	/ii uu/	/ee oo/	/ɛɛ ɔɔ/	/aa/
<b>ST</b>	— —	— —	— —	— —
<b>FA</b>	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓
<b>LI</b>	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓
<b>AN</b>	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓

Quadro 75: Comparação dos sistemas vocálicos das línguas-filhas — vogais simples e longas.

No que concerne às consoantes, por seu turno, nos Quadros 76 e 77, estão dispostos, para fins de comparação, os pontos convergentes e divergentes entre os inventários das quatro línguas-filhas que compartilham treze fonemas consonantais, a saber: /p b t d k g f v l m n w j/ e divergem, outrossim, em relação à presença ou à ausência de treze consoantes: /k̂p̂ ĝb̂ s z θ ð ʃ ʒ ʎ r tʃ dʒ ɲ/.

	/p b/	/t d/	/k g/	/f v/	/l/	/m n/	/w j/
<b>ST</b>	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓
<b>FA</b>	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓
<b>LI</b>	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓
<b>AN</b>	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓

Quadro 76: Comparação dos sistemas consonantais das línguas-filhas — semelhanças.

	/s z/	/ʃ ʒ/	/θ ð/	/tʃ dʒ/	/r/	/ʎ/	/ɲ/	/kp gb/
<b>ST</b>	✓✓	✓✓	—	✓✓	—	✓	✓	—
<b>FA</b>	✓✓	—	—	—	—	✓	—	—
<b>LI</b>	✓✓	✓✓	—	—	✓	✓	✓	✓✓
<b>AN</b>	—	—	✓✓	—	—	—	✓	—

Quadro 77: Comparação dos sistemas consonantais das línguas-filhas: divergências.

No Quadro 77, comparativamente, o conjunto de fricativas é o que mais apresenta discordância. Nesse sentido, o par de pós-alveolares /ʃ ʒ/ é um ponto que divide as quatro línguas em dois grupos: o primeiro grupo que apresenta as fricativas (santome e lung'ie) e o grupo que não as apresenta (angolar e fa d'ambô). Em santome e lung'ie, as consoantes /ʃ/ e /ʒ/ não possuem suas realizações condicionadas a quaisquer contextos. Em fa d'ambô, por seu turno, as consoantes [ʃ] e [ʒ] foram registradas como alofones de /s/ e /z/, cujas realizações estiveram circunscritas à proximidade com a vogal /i/ ou com a aproximante /j/. O angolar, por sua vez, não apresentou as consoantes pós-alveolares como alofones. Assim, além de não apresentar as fricativas mencionadas, o angolar não possui as consoantes /s/ e /z/. Em contrapartida, o angolar apresenta fricativas interdentais /θ/ e /ð/, exclusivas à língua, sendo que, diante de /i/ e de /j/, tais consoantes se realizam foneticamente como [s] e [z], respectivamente. Ainda sobre as divergências, o santome foi a única língua a apresentar as consoantes africadas /tʃ/ e /dʒ/ como fonemas. Nas demais línguas, é possível observar a realização de [tʃ] e [dʒ] condicionada aos contextos em que as consoantes /t/ e /d/ antecediam /i/ e /j/. Muito possivelmente as africadas foram introduzidas à fonologia do santome em um período posterior à ramificação da protolíngua. Nos conjuntos das laterais e das nasais, enquanto o angolar não apresentou a consoante /ʎ/, presente nas demais línguas, o fa d'ambô não exibiu a consoante /ɲ/ como fonema. No cotejo dos dados, no momento em que todas as línguas exibiam a lateral palatal, o angolar apresentou duas consoantes alternantes: /j/ ou /l/. O fa d'ambô, por sua vez, apenas exibiu o segmento [ɲ] como alofone, restringindo-se ao contexto de adjacência à vogal /i/ e à consoante

/j/. Nos outros contextos, a língua apresentou a consoante /j/ quando as demais línguas apresentavam o fonema /ɲ/.

No conjunto de róticos, o lung'ie foi a única língua do cluster que apresentou uma vibrante /r/ que pode ocorrer apenas na primeira posição do onset em início e meio de palavra, nunca como coda ou como segundo elemento de um onset complexo. O elemento rótico também é registrado em português e nas línguas de substrato edo, mas não se encontra nas línguas banto ocidentais. A presença da vibrante em lung'ie foi influenciada não só pelo português, língua lexificadora, mas também pelas línguas edóides. Pode-se supor que o lung'ie foi uma das primeiras línguas a se ramificar do PGG, posto que, com a saída de parte de falantes do protocioulo para a Ilha do Príncipe, houve, por conseguinte, a ramificação da língua. Tal separação remontou ao período pré-banto em São Tomé. Como o impacto linguístico banto foi mais reduzido na Ilha do Príncipe do que em São Tomé, o lung'ie apresentou condições favoráveis no que tange à preservação dos traços linguísticos da camada mais antiga de origem edo (HAGEMEIJER, 2011).

Com o intuito de analisar os motivos para a presença das consoantes velo-labiais, exclusivas ao lung'ie, é necessário considerar as características da língua de substrato das quatro línguas-filhas, sobretudo do grupo linguístico com o qual o lung'ie supostamente apresentaria mais semelhanças tipológicas. Historicamente, o comércio de escravos para São Tomé, no final dos séculos XV e XVI, possuiu como alvo duas principais áreas tipologicamente distintas: o Delta do Níger e a região do banto Ocidental (línguas da zona H), que são parte do cinturão Macro-Sudão e zona de expansão banto, respectivamente (LADHAMS, 2007; CALDEIRA, 2008; HAGEMEIJER, 2011: 119). Segundo Hagemeyer (2011), os crioulos de base portuguesa do Golfo da Guiné apresentam transferência e sobreposição de camadas desses dois diferentes estratos. Quanto às velo-labiais, tais fonemas seriam tipologicamente marcados e constituiriam um traço areal do cinturão Macro-Sudão — região que abrange clusters nigerianos, relacionados às línguas do grupo edo (CLEMMENTS & RIALLAND, 2008; GÜLDEMANN, 2008). As consoantes velo-labiais são atestadas

em algumas línguas banto do norte (zonas A, C, D), mas não na zona H (zona que inclui o cluster kongo e quimbundo), logo não se pode atribuir à presença dessas consoantes às línguas da região banto do Congo-Angola, mas ao substrato das línguas edóides das línguas-filhas. A razão pela qual apenas o lung'ie manteve as velo-labiais reside no fato de que esse crioulo representa, de acordo com Hagemer (2011:118), umas das primeiras línguas a ser ramificadas do PGG, remontando ao período pré-banto em São Tomé. Assumindo que o impacto banto foi mais restrito à Ilha do Príncipe do que em São Tomé, o lung'ie apresentou as melhores condições de preservar características linguísticas da camada mais antiga de origem do Delta do Níger (referentes às línguas do grupo edo) (HAGEMER, 2011). No Quadro 78, notam-se as semelhanças lexicais entre os itens de etimologia edo sobretudo com o lung'ie (AGHEYISI, 1990; MAURER, 2009; HAGEMER, 2011).

Glosa	EDO	LI	ST	FA	AN
'grão'	<i>ikpe</i>	[i'k <sup>h</sup> pɛ]	[u'kwe]	[i'ku]	[i'kwɛ]
'tipo de cerca'	<i>ogba</i>	[u'g <sup>h</sup> ba]	[u'bwɑ]	[u'bulu]	[u'bwɑ]
'corpo'	<i>ègbé</i>	[i'g <sup>h</sup> bɛ]	[u'bwɛ]	[o'ge:]	[ɔ'ge]
'bochecha'	<i>agbanwen</i>	[u'g <sup>h</sup> bami]	[u'bwami]	[ɔ'gɔmu]	—

Quadro 78:  $\widehat{kp}$  e  $\widehat{gb}$  em comparação com os itens de etimologia edo — adaptado de Hagemer (2011: 117).

A semelhança entre os cognatos no Quadro 78 sugere que o santome, fa d'ambô e angolar interpretaram as velo-labiais como oclusivas simples, apagando alguns de seus traços. Somado a isso, em lung'ie, única língua do cluster a apresentar as consoantes, o grupo de palavras com as consoantes complexas tem se reduzido a menos de uma dezena. Assim, esses étimos e suas velo-labiais possivelmente circulavam no ambiente do protocrioulo, talvez em variação com suas contrapartes oclusivas simples, mas foram alteradas por forças internas a cada um das línguas, exceto no lung'ie que, por ter um afluxo edóide por mais tempo, optou por manter elementos como as velo-labiais em variação. Tais fonemas, se fossem considerados protoformas, teriam reflexos idênticos somente na língua da Ilha do Príncipe. Desse

modo, foi tomada a decisão de não considerar  $/\widehat{gb}/$  e  $/\widehat{kp}/$  como protofonemas, excluindo-os assim do quadro consonantal do PGG.

Ao comparar os padrões silábicos das quatro línguas, foram encontrados pontos convergentes, no Quadro 79, e divergentes (Cf. Quadros 80 e 81) no tocante à sílaba. Primeiramente, trataremos dos aspectos semelhantes. No Quadro 79, foram registrados sete tipos silábicos comuns a todas as línguas: V, Ç, CV, VC, CVC e CCVC.

	V	Ç	CV	VC	CVC	CCVC
<b>ST</b>	✓	✓	✓	✓	✓	✓
<b>FA</b>	✓	✓	✓	✓	✓	✓
<b>LI</b>	✓	✓	✓	✓	✓	✓
<b>AN</b>	✓	✓	✓	✓	✓	✓

Quadro 79: Comparação da estrutura silábica das línguas-filhas — semelhanças.

A posição de núcleo, em todas as línguas, pode ser ocupada por todas as vogais e pela nasal silábica. Todas as consoantes podem ocupar o onset, em cuja segunda posição as consoantes  $/j/$  e  $/w/$  podem estar. Quanto à margem à direita da sílaba, a coda nasal é possível em todas as línguas conforme se observa no Quadro 80.

	$/N/$	$/s, j/$	$/j/$	$/w/$	$/l/$
<b>ST</b>	✓	✓	—	—	—
<b>FA</b>	✓	✓	✓	—	✓
<b>LI</b>	✓	✓	✓	✓	—
<b>AN</b>	✓	—	—	—	—

Quadro 80: Comparação das codas silábicas das línguas-filhas — semelhanças e diferenças.

A coda, além do arquifonema nasal  $/N/$ , pode ser ocupada pelas consoantes fricativas  $/j/$  ou  $/s/$  em santome, lung'ie e fa d'ambô, mas não em angolar. Somados às consoantes  $/N/$  e  $/j/$  ou  $/s/$ , em lung'ie e em fa d'ambô, a aproximante  $/j/$  pode ocorrer em coda, sendo que a consoante  $/w/$  só é permitida na coda em lung'ie. Por fim, a consoante lateral aproximante  $/l/$  foi registrada também em coda em fa d'ambô, entretanto, proibida, nas demais línguas, em tal posição. Com o intuito de tratar dos pontos divergentes com relação ao tipo silábico passemos à observação dos Quadros 81 e 82.

	VV	CVV	CVVC	CCV	CCVC	CCCV	CCCVC
<b>ST</b>	—	—	—	✓	✓	✓	✓
<b>FA</b>	✓	✓	✓	—	—	—	—
<b>LI</b>	✓	✓	✓	—	—	—	—
<b>AN</b>	✓	✓	✓	—	—	—	—

Quadro 81: Comparação das estruturas silábicas das línguas-filhas — diferenças.

	CVC <sub>j/w</sub>	VC <sub>j/w</sub>	CVVC <sub>j/w</sub>	CC <sub>j/w</sub> VV
<b>ST</b>	—	—	—	—
<b>FA</b>	—	—	—	—
<b>LI</b>	✓	✓	✓	✓
<b>AN</b>	—	—	—	—

Quadro 82: Comparação das estruturas silábicas das línguas-filhas — diferenças (continuação).

No tocante à estrutura silábica, um dos pontos divergentes diz respeito ao *lung'ie*, única língua a apresentar a aproximante na segunda posição do onset ou em coda de sílabas do tipo CCVV ou CVVC. Muito embora o angolar e o *fa d'ambô*, ao lado do *lung'ie*, possuam vogais longas fonológicas, ambos não apresentaram sequer um dado com tais estruturas. Em angolar, essa ausência de registro desses tipos silábicos se deve à sua coda silábica ser restrita à consoante nasal /N/ e refratária às demais consoantes. O *fa d'ambô*, por seu turno, mesmo que permita codas preenchidas pelo arquifonema nasal /N/, a fricativa /s/ e o glide /j/, não apresentou um item com a estrutura CVVC. Somado a isso, ainda que as aproximantes possam ocupar a segunda posição do onset, em angolar e *fa d'ambô*, não foram encontrados dados que apresentem /j/ ou /w/ na segunda posição do onset em sílaba CCVV.

Outro ponto divergente se refere às estruturas como VV, CVV, CVVC, CCV, CCCV, CCVC e CCCVC. Os moldes com vogais longas (VV, CVV e CVVC) não foram observadas em *santome*, posto que a língua não possui vogais longas em seu inventário, ao passo que os moldes com onsets complexos do tipo [bl, pl] (CVVC, CCV, CCCV e CCVC) não foram registrados em *fa d'ambô*, *lung'ie* e angolar. Com efeito, a ausência de vogais longas e a presença de onsets complexos com a consoante lateral aproximante na segunda posição são os pontos que separam

o sistema silábico do santome daqueles apresentados pelas demais línguas. Em santome, não foi observado o apagamento seguido de alongamento compensatório. Por essa razão, tal língua não apresenta, em seu inventário, vogais longas. Por outro lado, o lung'ie, o angolar e o fa d'ambô não possuem, em seus sistemas silábicos, onsets complexos do tipo /pl/, por exemplo. Desse modo, conjectura-se uma relação de complementaridade entre as vogais longas e onsets complexos na comparação das quatro línguas. De um lado, o santome permite onsets complexos, por essa razão não apresenta vogais longas, em contrapartida, o lung'ie, o angolar e o fa d'ambô apresentam vogais longas como resultado da restrição silábica que não permite onsets do tipo CCV, existentes no protocrioulo como será discutido no **Capítulo 4**, seção 4.6.1.

### 3.7 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Esse capítulo se destinou a apresentar os principais aspectos de cada fonologia das línguas-filhas. Para tanto, as fonologias do santome, do lung'ie, do angolar e do fa d'ambô foram descritas. Após a análise das quatro fonologias, algumas considerações sobre o sistema tonal nas línguas-filhas foram trazidas. Em seguida, deslindou-se uma análise comparativa.

Quanto à fonologia do santome, o seu quadro consonantal não é consensual. Em vista disso, a análise se apoiou não só na descrição de Ferraz (1979), mas também em estudos mais antigos, do século XIX (SCHUCHARDT, 1882; NEGREIROS, 1985) e mais recentes (ARAÚJO & HAGEMELJER, 2013) sobre a língua. Assim, o sistema fonológico da referida língua é composto por vinte e uma consoantes e sete vogais orais. Quanto à nasalidade vocálica, o santome, como as demais línguas-irmãs, não possui vogais fonologicamente nasais, mas vogais nasalizadas em contextos condicionantes. A posição de coda pode ser preenchida pelo arquifonema

/N/ ou pela consoante fricativa pós-alveolar /ʃ/. Ademais, o santome permite onsets complexos.

Na seção seguinte, abordamos os principais aspectos fonológicos pertinentes ao lung'ie. Como fundamentação para o estudo, utilizaram-se os trabalhos de Günther (1973), de Maurer (2009) e de Agostinho (2015) em conjunto com a análise de dados coletados em campo. O quadro fonológico segmental do lung'ie compõe-se de vinte e duas consoantes, sete vogais orais e sete vogais longas. Não há vogais fonologicamente nasais, mas, nasalizadas em determinados contextos. A coda por ser preenchida por somente um elemento que pode ser um glide /w, j/, um arquifonema nasal /N/, ou um arquifonema fricativo /S/.

Para a descrição do inventário fonológico do angolar, lançou-se mão da análise empreendida por meio do trabalho de campo na comunidade de São João dos Angolares, São Tomé, em conjunto com uma revisão da descrição fonológica de Maurer (1995). Sendo assim, o angolar apresenta dezesseis consoantes, sete vogais orais e sete vogais longas. Como suas línguas-irmãs, o angolar apresenta somente vogais nasalizadas, e não fonologicamente nasais, em contextos condicionantes. Comparativamente, o angolar é o mais refratário ao preenchimento da coda, permitindo apenas a consoante nasal /N/ na posição. Recentemente, sobretudo na fala dos jovens, observou-se, nos itens, o preenchimento da coda pela consoante pós-alveolar /ʃ/, contudo, essa mudança não foi considerada na análise, visto que sua realização ainda é própria da fala das gerações mais novas.

O objeto de interesse da seção posterior à fonologia do angolar foi, por sua vez, a descrição fonológica do fa d'ambô. Para tanto, o estudo teve, como base, dados coletados *in loco*, materiais como uma gramática (BARRENA, 1957), dentre outros estudos sobre a língua (SEGORBE 2007; ARAUJO *et al.*, 2014; ARAUJO & AGOSTINHO, 2014). No que diz respeito ao seu sistema fonológico, defendemos a existência de dezesseis fonemas consonantais, sete vogais orais e sete vogais longas.



Como as demais línguas mencionadas, o fa d'ambô não possui vogais fonologicamente nasais. No que tange à estrutura silábica, a coda pode ser ocupada pelas consoantes /N/, /s/, /j/ e /l/.

Adiante, foram apresentadas as principais considerações a respeito do estatuto tonal das línguas-filhas de acordo com a literatura de cada língua e sobre a importância do acento como unidade fonológica no lung'ie, o que poderia ser considerado em futuras análises para as demais línguas do grupo. Em seguida, foi a vez de se cotejarem os principais pontos convergentes e divergentes das quatro fonologias descritas no que diz respeito aos quadros vocálicos, consonantais e silábicos. Em linhas gerais, pode-se dizer que as sete vogais orais simples estão presentes nas quatro línguas, ao passo que as sete vogais longas se encontram em três das quatro línguas: fa d'ambô, lung'ie e angolar. Na comparação dos inventários consonantais, todas as línguas compartilham treze fonemas (/p b t d k g f v l m n w j/) e divergem, de maneira análoga, quanto a treze fonemas (/kp gb s z θ ð ʃ ʒ r tʃ dʒ ɲ/). Ademais, foram observadas mais semelhanças quanto à sílaba entre o lung'ie, o angolar e o fa d'ambô, tendo em vista que o santome permite onsets complexos do tipo [bl], ao passo que as demais línguas-irmãs, não permitem tais estruturas, apresentando, por conseguinte, vogais longas, estrutura ausente em santome.

O capítulo se justifica em razão de que, para se reconstruírem protoformas com base em dados contemporâneos das línguas-filhas, é imprescindível compreender o sistema fonético-fonológico de cada língua a fim de tornar o estudo mais preciso, conforme prevê o método de reconstrução linguística (DIMMENDAAL, 2011: 11). Sendo assim, trataremos da reconstrução fonológica do PGG no capítulo 4.

## Capítulo 4

# RECONSTRUÇÃO FONOLÓGICA

No presente capítulo, será apresentada a fonologia do protocrioulo do Golfo da Guiné. Para tanto, em 4.1, descreve-se o quadro consonantal do PGG e, nas subseções subsequentes, apresenta-se, separadamente, cada modo de articulação reconstruído, a saber: oclusivo, fricativo, nasal, lateral, vibrante e aproximante. Em seguida, em 4.2, trataremos do sistema vocálico do PGG. A seção 4.3 se destina à descrição da estrutura silábica, ao passo que a seção 4.4 apresenta os reflexos obtidos na reconstrução fonológica. A seção 4.5 aborda o padrão acentual observado no cotejo dos dados. Em 4.6, foram apresentados e discutidos os processos mais comuns a que as línguas-filhas foram submetidas, apresentando semelhanças e diferenças com relação à língua-mãe. Por fim, em 4.7, os principais pontos do capítulo são retomados.

A descrição fonológica do PGG tem como base a análise dos conjuntos de cognatos obtidos a partir da coleta de dados das quatro línguas. Além disso, foi necessário também considerar os sistemas fonológicos do santome, do fa d'ambô, do lung'ie e do angolar. As línguas-filhas apresentam semelhanças e divergências entre si, frutos da especiação de cada língua diante dos cenários linguísticos e socio-históricos diversos. Adiante, será demonstrado que a configuração atual das línguas-filhas provém da interação entre o quadro linguístico inicial do PGG em conjunto com uma série de processos fonológicos que atuaram no cenário de especiação.

Na análise, será defendido que, quanto ao seu quadro fonológico, o sistema

consonantal do protocrioulo do Golfo da Guiné era composto por dezoito consoantes, sendo seis oclusivas, quatro fricativas, três nasais, duas laterais, uma vibrante e duas aproximantes. No PGG, havia seis modos de articulações: oclusivo, fricativo, nasal, lateral, vibrante e aproximante. Os oclusivos podiam ser sonoros e surdos. Havia três oclusivos sonoros \*b, \*d e \*g e três oclusivos surdos: \*p, \*t e \*k. Das quatro fricativas, duas eram sonoras: uma no ponto alveolar (\*z) e outra no ponto labiodental (\*v). Quanto às fricativas surdas, uma era alveolar \*s e outra, labiodental \*f. As consoantes nasais poderiam ser bilabial \*m, alveolar \*n e palatal \*ɲ. A vibrante era alveolar \*r e as aproximantes eram bilabial \*w e palatal \*j.

O sistema vocálico do PGG era composto por sete vogais orais \*i, \*e, \*ɛ, a, \*ɔ, \*o, \*u. Não havia vogais nasais, as consoantes nasais condicionavam a nasalização das vogais, mas tal processo de nasalização não apresentava estatuto fonológico, apenas fonético e restrito a determinados contextos condicionantes. No que tange à sílaba, o PGG permitia onsets complexos do tipo \*Cl, \*Cw ou \*Cj e admitia que sua coda fosse preenchida pelos arquifonemas nasal (\*N) e fricativa (\*S), consoantes aproximantes (\*w, \*j) e consoantes líquidas (\*r, \*l). O acento se fixava geralmente na penúltima sílaba em palavras nominais, no entanto, deslocava-se para a última quando a sílaba era pesada. Verbos apresentavam acento na última sílaba.

Tendo como base as características das quatro línguas-filhas, nas próximas seções, serão apresentados os quadros fonológicos reconstruídos do PGG.

## 4.1 CONSOANTES DO PGG

Os fonemas consonantais foram classificados pelo modo e ponto de articulação. Cada fonema é estabelecido por conjuntos de cognatos que apresentam uma regularidade na correspondência entre as línguas-filhas. O Quadro 83 apresenta os fonemas reconstruídos:

	Labial	Labio-Dental	Alveolar	Palatal	Velar
<b>Oclusivo</b>	*p *b		*t *d		*k *g
<b>Fricativo</b>		*f *v	*s *z		
<b>Nasal</b>	*m		*n	*ɲ	
<b>Lateral</b>			*l	*ʎ	
<b>Vibrante</b>			*r		
<b>Aproximante</b>	*w			*j	

Quadro 83: Fonemas consonantais do PGG.

### 4.1.1 Oclusivos

No PGG, havia oito segmentos consonantais oclusivos, divididos em surdos e sonoros (Quadro 84). A reconstrução do quadro fonológico dos oclusivos foi estabelecida por conjuntos de cognatos que demonstraram regularidade sistemática entre as línguas geneticamente relacionadas. A análise da reconstrução dos protofonemas será demonstrada de acordo com os pontos de articulação.

Oclusivo	Bilabial	Alveolar	Velar
<b>Surdo</b>	*p	*t	*k
<b>Sonoro</b>	*b	*d	*g

Quadro 84: Oclusivos do PGG.

#### 4.1.1.1 Bilabial

Os oclusivos reconstruídos para o ponto bilabial são: \*p e \*b. As correspondências sistemáticas entre as línguas indicam que estes protofonemas tiveram evoluções semelhantes. Em todas as línguas relacionadas, os reflexos desses protofonemas somente poderiam ocupar a posição de onset em início e meio de palavra. As correspondências sistemáticas que estabelecem essas formas reconstruídas são apresentadas no Quadro 85.

PGG	ST	FA	LI	AN
*p	p	p	p	p
*b	b	b	b	b

Quadro 85: Reflexos dos oclusivos bilabiais do PGG.

A reconstrução do protofonema \*p na posição de onset é comprovada pelos conjuntos de cognatos no Quadro 86.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*p	p	p	p	p
‘mastigar’	*papa <sub>209</sub>	[pa'pa]	[pa'pa]	[pa'pa]	[pa'pa]
‘peixe’	*pisi <sub>110</sub>	['piʃi]	['piʃi]	['peʃi]	—
‘pele’	*peli <sub>58</sub>	['peli]	['peli]	['peli]	['peli]
‘perto’	*pɛtu <sub>464</sub>	['pɛtu]	['pɛtu]	['pɛtu]	['pɛtu]

Quadro 86: \*p no onset em início de palavra.

Tais conjuntos indicam que o protofonema \*p não apresentou mudanças nas línguas-filhas, sendo realizado da mesma maneira em todos os reflexos. Assim, \*p pode se realizar em posição de onset, em início e meio de palavra, diante de todas as vogais orais \*i, \*e, \*ɛ, \*a, \*o, \*ɔ, \*u e diante da consoante lateral aproximante \*l e de um dos dois aproximantes \*j ou \*w (ver Quadro 87).

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*p	p	p	p	p
‘chupar’	*supa <sub>243</sub>	[su'pa]	[su'pa]	[su'pa]	[θu'pa]
‘cuspir’	*kupi <sub>188</sub>	[ku'pi]	—	[ku'pi]	[ku'pi]
‘lâmpião’	*lanpjoN <sub>480</sub>	[lẽ'pjõ]	—	[lẽ'pjẽ]	[lẽ'pjõ]
‘pé’	*ɔpe <sub>54</sub>	[ɔ'pe]	[ɔ'pe]	[ɔ'pe]	[ɔ'pe]

Quadro 87: \*p no onset em meio de palavra.

A reconstrução do protofonema \*b, no início e meio de palavra, é estabelecido pelas regularidades dos conjuntos que apresentaram /b/ oclusivo e bilabial sonoro em todas as línguas relacionadas. Dessa maneira, \*b pode se realizar em posição de onset em início e meio de palavra, diante de todas as vogais orais \*i, \*e, \*ɛ, \*a, \*o, \*ɔ, \*u e diante da consoante \*l e de uma aproximante \*j ou \*w (ver Quadro 88 e Quadro 89).

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*b</b>	<b>b</b>	<b>b</b>	<b>b</b>	<b>b</b>
‘boca’	*boka <sub>41</sub>	[ˈbɔkɐ]	[ˈboxa]	[uˈbukɐ]	[ˈboke]
‘cais’	*bɔdɔ <sub>266</sub>	[bɔˈdɔ]	[bɔˈdɔ]	[ˈpɔtʃi-vaˈpɔ]	[bɔˈdɔ]
‘botão’	*bɔtɔN <sub>471</sub>	[bɔˈtɔ]	[bɔnˈtɛ]	[buˈtɛ]	[bɔˈtɔ]
‘branco’	*blaNku <sub>95</sub>	[ˈblɛku]	[ˈbɛ:ŋku]	[ˈbɛ:ku]	[ˈbɛ:ku]

Quadro 88: \*b em início de palavra.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*b</b>	<b>b</b>	<b>b</b>	<b>b</b>	<b>b</b>
‘acabar’	*kaba <sub>162</sub>	[kaˈba]	[xaˈba]	[kaˈba]	[kaˈba]
‘cabeça’	*kabɛsa <sub>45</sub>	[kaˈbesɐ]	[xaˈbɛsa]	[kaˈbɛsɛ]	—
‘cabelo’	*kabelu <sub>44</sub>	[kaˈbelu]	[xaˈbɛlu]	[kaˈbelu]	[kaˈbelu]
‘beber’	*bebe <sub>135</sub>	[beˈbe]	[beˈbe]	[beˈbe]	[beˈbe]

Quadro 89: \*b em meio de palavra.

#### 4.1.1.2 Alveolares

No ponto alveolar, foram reconstruídos os oclusivos alveolar surdo \*t e o oclusivo alveolar sonoro \*d (ver Quadro 90). As correspondências sistemáticas entre as línguas indicam que estes protofonemas tiveram evoluções semelhantes, salvo quando estavam diante de \*i ou \*j, independentemente de sua posição na palavra. Ocupando sempre o onset, os dois fonemas, \*t e \*d, refletiram duas formas idênticas nas línguas-filhas: /t, d/, respectivamente. No entanto, em contextos em que havia os protofonemas \*t e \*d diante da vogal alta \*i ou aproximante palatal \*j, os protofonemas, em geral, refletiram a realização de uma alveo-palatal surda, [t̪], nas quatro línguas ou sonora, [d̪], em santome<sup>1</sup> e fa d’ambô. Embora tenha havido registros da realização de [t̪] em todas as línguas, não se deve considerar tal realização como indício de um protofonema, uma vez que o mesmo possui sua realização diretamente

<sup>1</sup> É importante se ter em mente que o santome, isoladamente, apresenta /t̪/ e /d̪/ como fonemas no seu quadro consonantal. Por outro lado, os também fonemas /t/ e /d/, quando diante de /i/ e /j/, podem se realizar como [t̪] e [d̪]. Nesses casos, [t̪] e [d̪] são fones de /t/ e /d/ em santome.

condicionada pela vogal [i] que o precede, não havendo sequer um registro de [tʃ] sem o referido contexto.

PGG	ST	FA	LI	AN
*t	t	t	t	t
	tʃ[i/j]	tʃ[i/j]	tʃ[i/j]	tʃ[i/j]
*d	d	d	d	d
	dʒ[i/j]	dʒ[i/j]	d	d

Quadro 90: Reflexos dos oclusivos alveolares do PGG em início e meio de palavra.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*t	t	t	t	t
‘terra’	*tɛla <sub>309</sub>	[‘tɛlɐ]	[‘tɛlɐ]	[‘tɛ]	[‘tʃja]
‘trovoada’	*tlovada <sub>310</sub>	[tlɔ‘vadɐ]	[tolo‘vada]	[to‘vadɐ]	[to‘vadɐ]
‘ouvir’	*teNde	[tẽ‘de]	[tẽ‘de]	[tẽ‘de]	—
‘tosse’	*tɔsi <sub>126</sub>	[‘tɔʃi]	[‘tɔʃi]	[‘tɔʃi]	[‘tɔsi]

Quadro 91: \*t em início de palavra diante de vogal, exceto \*i.

Na reconstrução do protofonema \*t na posição de onset, não houve mudança desses segmentos nas línguas-filhas, haja vista que tal fonema é realizado da mesma maneira, salvo em contextos em que há a vogal \*i ou de uma aproximante palatal (ver Quadro 91). Nesse último caso, \*t terá o seu reflexo modificado para uma alveo-palatal surda [tʃ]. Além de se realizar em início de palavra, como no Quadro 91, no Quadro 92 e no Quadro 93, \*t pode se realizar também em meio de palavra e diante de todas as vogais orais (\*i, \*e, \*ɛ, \*a, \*o, \*ɔ, \*u) e diante da consoante alveolar \*l e da aproximante \*j.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*t	t	t	t	t
‘curto’	*kurtu <sub>369</sub>	[‘kutu]	[‘kurtu]	[‘kutu]	[‘kutu]
‘vento’	*vɛNtu <sub>311</sub>	[‘vẽtu]	[ɔ‘vẽtu]	[u‘vẽtu]	[‘vẽtu]
‘encontrar’	*koNtla <sub>178</sub>	[kõ‘tla]	—	[kõ‘ta]	[kõ‘ta]
‘pequeno’	*tiɔkɔ <sub>394</sub>	[‘tʃɔkɔ]	—	[tʃɔkɔ‘lɔ]	[‘tʃɔ]

Quadro 92: \*t em meio de palavra.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*t</b>	<b>tʃ[i]</b>	<b>tʃ[i]</b>	<b>tʃ[i]</b>	<b>tʃ[i]</b>
‘noite’	* <u>noti</u> <sub>425</sub>	[ˈnotʃi]	[ˈnotʃi]	[uˈnotʃi]	[ˈnotʃi]
‘semente’	* <u>simɛNti</u> <sub>457</sub>	[ʃiˈmɛtʃi]	[ʃiˈmɛntʃi]	[ʃiˈmɛtʃi]	—
‘tirar’	* <u>tila</u> <sub>248</sub>	[tʃiˈla]	[tʃiˈla]	[ˈtʃa]	[ˈtʃa]
‘mentir’	* <u>fala miNtila</u> <sub>150</sub>	[ˈfla miˈtʃila]	[faˈmiʃila]	[ˈfa ˈlwɛgu]	[ˈfiriˈga]

Quadro 93: \*t diante de \*i.

A reconstrução do protofonema \*d, oclusivo alveolar sonoro, na posição de início e meio de palavra é estabelecida por meio de regularidades dos conjuntos de cognatos que apresentaram um reflexo idêntico /d/ em todas as línguas (ver Quadros 94 e 95). Quanto à sua distribuição, \*d pode se realizar, em início e meio de palavra, diante de todas as vogais orais (\*i, \*e, \*ɛ, \*a, \*o, \*ɔ, \*u), das aproximantes \*j ou \*w ou da consoante lateral \*l.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*d</b>	<b>d</b>	<b>d</b>	<b>d</b>	<b>d</b>
‘dançar’	* <u>daNsa</u> <sub>146</sub>	[dɛˈsa]	[dɛˈsa]	[dɛˈsa]	[dɛˈθa]
‘dente’	* <u>deNti</u> <sub>42</sub>	[ˈdɛtʃi]	[ˈdɛtʃi]	[iˈdɛtʃi]	[dɛtʃi]
‘direito’	* <u>dletu</u> <sub>355</sub>	[ˈdletu]	[ˈdɛrtu]	[ˈdɛrtu]	[ˈdɛrtu]
‘maluco’	* <u>dodo</u> <sub>356</sub>	[ˈdodo]	[ˈdodo]	[uˈdodo]	[ˈdodo]

Quadro 94: \*d em início de palavra.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*d</b>	<b>d</b>	<b>d</b>	<b>d</b>	<b>d</b>
‘esconder’	* <u>koNde</u> <sub>177</sub>	[kõˈde]	[xonˈde]	[kõˈde]	[kõˈde]
‘morder’	* <u>mode</u>	[moˈde]	[mũˈda]	[moˈde]	[moˈde]
‘fígado’	* <u>figadu</u> <sub>43</sub>	—	[ˈfugudu]	[ˈfigadu]	[ˈfigadu]
‘peixe-voador’	* <u>voado</u> <sub>111</sub>	[vaˈdo]	[voaˈdol]	[voaˈdo]	[vaˈdo]

Quadro 95: \*d em meio de palavra.

Na reconstrução do protofonema \*d na posição de onset, não houve mudança desses segmentos nas línguas-filhas, uma vez que o fonema é realizado da mesma maneira, exceto em contextos em que há a vogal alta anterior \*i ou de uma aproximante palatal \*j. Nesse caso excepcional, \*d terá os seus reflexos, em santome e fa d’ambô, realizados como [dʒ]. Em angular e lung’ie, a palatalização do oclusivo



dental sonoro, geralmente, não ocorre mesmo com o contexto favorável (ver Quadro 96).

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*d</b>	<b><math>\widehat{d}_3</math></b>	<b><math>\widehat{d}_3</math></b>	<b>d</b>	<b>d</b>
‘dia’	* <u>dja</u> <sub>417</sub>	[‘ $\widehat{d}_3$ a]	[‘ $\widehat{d}_3$ ja]	[‘dja]	[‘dja]
‘maldição’	* <u>maldisa</u> <u>N</u> <sub>87</sub>	[ma $\widehat{d}_3$ i’sõ]	[ma $\widehat{d}_3$ i’sẽ]	[madi’sẽ]	—
‘pedir’	* <u>pidi</u> <sub>211</sub>	[pi‘ $\widehat{d}_3$ i]	[pin‘ $\widehat{d}_3$ i]	[pi‘di]	[pĩ‘di]

Quadro 96: \*d diante de \*i/\*j.

#### 4.1.1.3 *Velares*

No ponto velar, foram reconstruídos os oclusivos velares surdo \*k e sonoro \*g. Nas quatro línguas relacionadas, os reflexos dos protofonemas velares somente poderiam ocupar a posição de onset em início e meio de palavra. As correspondências sistemáticas que estabelecem essas formas reconstruídas são apresentadas no Quadro 97:

PGG	ST	FA	LI	AN
<b>*k</b>	k	k/x	k	k
<b>*g</b>	g	g	g	g

Quadro 97: Reflexos dos oclusivos velares do PGG em início e meio de palavra.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*k</b>	<b>k</b>	<b>k/x</b>	<b>k</b>	<b>k</b>
‘cão’	* <u>kas</u> <u>o</u> <sub>70</sub>	[ka’so]	[xa’so]	[ka’so]	[ka’θo]
‘cantar’	* <u>ka</u> <u>N</u> <u>ta</u> <sub>164</sub>	[kẽ’ta]	[xẽ’ta]	[kẽ’ta]	[ka’ta]

Quadro 98: \*k=[x] em fa d’ambô.

Para a reconstrução do protofonema \*k na posição de onset, não houve alteração fonológica (ver Quadro 98), exceto em fa d’ambô, pois, na análise dos dados, a consoante oclusiva velar \*k variou para uma consoante também velar, mas fricativa, /x/. No entanto, o fonema /k/ pode se realizar como [k], aparentemente em variação livre na referida língua, como se pode observar no Quadro 99.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*k</b>	<b>k</b>	<b>k</b>	<b>k</b>	<b>k</b>
‘curto’	* <u>kurtu</u> <sub>369</sub>	[ˈkutu]	[ˈkurtu]	[ˈkutu]	[ˈkutu]
‘queimar’	* <u>kεma</u> <sub>168</sub>	[kεˈma]	[kaˈma]	[kεˈma]	[kεˈma]
‘cair’	* <u>kae</u> <sub>171</sub>	[ˈkje]	[kaˈe]	[ˈkje]	[ˈkje]
‘cor’	* <u>kolo</u> <sub>96</sub>	[ˈkolo]	[ˈkɔl]	[ˈko]	[ˈkolo]

Quadro 99: \*k= /k/ em fa d’ambô.

Em santome, lung’ie e angular, o profonema apresentou reflexos idênticos em que \*k se refletiu sempre em /k/, independentemente do contexto. Em início e meio de palavra, \*k pode se realizar diante de todas as vogais orais (\*i, \*e, \*ε, \*a, \*o, \*ɔ, \*u) e diante da consoante \*l e das aproximantes \*j e \*w como no Quadro 100.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*k</b>	<b>k</b>	<b>x/k</b>	<b>k</b>	<b>k</b>
‘correr’	* <u>kore</u> <sub>179</sub>	[koˈle]	[xoˈle]	[koˈre]	[koˈle]
‘cair’	* <u>kae</u> <sub>171</sub>	[ˈkje]	[kaˈe]	[ˈkje]	[ˈkje]
‘cruz’	* <u>klusu</u> <sub>444</sub>	[ˈklusu]	[ˈku:su]	[ˈkuzu]	[ˈku:θu]
‘coador’	* <u>kwado</u> <sub>479</sub>	[kwaˈdo]	[xoaˈdol]	[kwaˈdo]	[kwaˈdo]

Quadro 100: \*k em início e meio de palavra.

No que diz respeito ao profonema oclusivo velar sonoro, observou-se que \*g somente pode ocupar a posição de onset em início de palavra com base nos conjuntos de cognatos (ver Quadro 101).

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*g</b>	<b>g</b>	<b>g</b>	<b>g</b>	<b>g</b>
‘garrafa’	* <u>garafa</u> <sub>474</sub>	[gaˈlafɛ]	[gaˈlafa]	[gaˈrafɛ]	—
‘gostar’	* <u>gogo</u> <sub>159</sub>	[goˈgo]	[gʊsˈtɑ]	[gɔˈgɔ]	[goˈgo]
‘igreja’	* <u>gleza</u> <sub>268</sub>	[ˈglezɛ]	[ˈgezɜ]	[ˈgezɛ]	[ˈge:ðɛ]
‘esperar’	* <u>gwarda</u> <sub>160</sub>	[gwaˈda]	[gaˈda]	[waˈda]	[gwaˈda]

Quadro 101: \*g em início de palavra.

O profonema \*g também pode ocupar o onset em posição medial de palavra com base nos conjuntos de cognatos (ver Quadro 102).

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*g	g	g	g	g
‘pregar’	*plega <sub>214</sub>	[plɛ'ga]	[pɛ:'gwa]	[pɛ'ga]	[pɛ'ga]
‘purgar’	*purga <sub>217</sub>	[plu'ga]	[pu:'ga]	[pu:'ga]	[pu:'ga]
‘erguer’	*rigi <sub>221</sub>	[li'gi]	[li'gi]	[re'ge]	[li'gi]
‘segurar’	*segula <sub>231</sub>	[pa'la]	[sugu'la]	[se'gwa]	[se'gwa]

Quadro 102: \*g em meio de palavra.

Tais conjuntos indicam que o protofonema \*g não apresentou mudanças nas línguas-filhas, sendo realizado da mesma maneira em todas as línguas. Dessa maneira, \*g pode se realizar em posição de onset, em início e meio de palavra, diante de todas as vogais orais \*i, \*e, \*ɛ, \*a, \*o, \*ɔ, \*u e diante da consoante \*l e de uma aproximante labial \*w.

## 4.1.2 Fricativos

No PGG, havia quatro segmentos consonantais fricativos, divididos em surdos e sonoros. A reconstrução do quadro fonológico dos fricativos foi estabelecida por conjuntos de cognatos que demonstraram regularidade sistemática entre as línguas geneticamente relacionadas (ver Quadro 103). A análise da reconstrução dos protofonemas será demonstrada de acordo com os pontos de articulação.

Fricativo	Labio-dental	Alveolar
<b>Surdo</b>	*f	*s
<b>Sonoro</b>	*v	*z

Quadro 103: Fricativos do PGG.

### 4.1.2.1 Labiodental

Os fricativos reconstruídos para o ponto labiodental são: \*f e \*v. As correspondências sistemáticas entre as línguas indicam que o protofonema \*f teve uma

evolução semelhante. O protofonema \*v, por sua vez, apresentou reflexos variantes como /b/ e /v/ nas quatro línguas. Em todas as línguas relacionadas, os reflexos desses protofonemas somente poderiam ocupar a posição de onset em início e meio de palavra. As correspondências sistemáticas que estabelecem essas formas reconstruídas são apresentadas no Quadro 104:

PGG	ST	FA	LI	AN
*f	f	f	f	f
*v	v	v	v	v
	b	b	b	b

Quadro 104: Reflexos dos fricativos labio-dentais do PGG.

A reconstrução do protofonema \*f na posição de onset é comprovada pelos conjuntos de cognatos nos Quadros 105 e 106. Os conjuntos indicam que o protofonema \*f não apresentou mudanças nas línguas-filhas, sendo realizado da mesma maneira em todas as línguas. O protofonema \*f pode ocupar a posição de onset, em início e meio de palavra, diante de todas as vogais orais \*i, \*e, \*ɛ, \*a, \*o, \*ɔ, \*u e diante da consoante \*l e de um aproximantes \*j.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*f	f	f	f	f
‘formiga’	*fomiNga <sub>253</sub>	[fle'mĩge]	—	[fi'mĩge]	[fo'mĩge]
‘fraco’	*flaku <sub>358</sub>	[flaku]	[fa:ku]	[fa:ku]	[fa:ku]
‘folha’	*fja <sub>450</sub>	[fja]	—	[fja]	[fja]

Quadro 105: \*f no onset em início de palavra.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*f	f	f	f	f
‘garrafa’	*garafa <sub>474</sub>	[ga'lafe]	[ga'lafa]	[ga'rafe]	—
‘defunto’	*defuNtu <sub>257</sub>	[de'fũtu]	[dʒi'fũtu]	[de'fũtu]	[de'fũtu]
‘África’	*afrika <sub>509</sub>	[aflike]	—	[afike]	[afike]

Quadro 106: \*f no onset em meio de palavra.

Para a reconstrução do protofonema \*v na posição de onset, foram observados os conjuntos de cognatos nos Quadros 107 e 108. O protofonema \*v pode ocupar a posição de onset, em início e meio de palavra, diante de todas as vogais orais \*i, \*e, \*ɛ, \*a, \*o, \*ɔ, \*u e diante da consoante \*l.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*v</b>	<b>v</b>	<b>v</b>	<b>v</b>	<b>v</b>
‘verde’	*vede <sub>100</sub>	[‘vede]	[‘ve:dʒi]	[‘vede]	[‘vedi]
‘vermelho’	*vlɛmej <sub>101</sub>	[vlɛ‘me]	[vɛ‘mɛju]	[vɛ‘me]	[vɛ‘me]
‘palavra’	*palavla <sub>526</sub>	[pa‘lavlɛ]	[pa‘lavala]	[pa‘lava]	[pa‘lavɛ]

Quadro 107: \*v no onset em início e meio de palavra.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*v</b>	<b>b</b>	<b>v</b>	<b>v</b>	<b>b</b>
‘chuva’	*suva <sub>308</sub>	[‘subɛ]	[‘fuva]	[u‘suve]	[‘θubɛ]
	<b>*v</b>	<b>b</b>	—	<b>v</b>	—
‘abelha’	*vuNvuN <sub>256</sub>	[vũ‘vũ]	—	[bũ‘bu]	[pɔ‘ki]
	<b>*v</b>	<b>v</b>	<b>b</b>	—	<b>v</b>
‘carvão’	*klavoN <sub>295</sub>	[kla‘vɔ]	[xa‘bɛ]	[i‘bi]	[kɛ‘vɔ]

Quadro 108: Variações nos reflexos de \*v.

Os conjuntos indicam que o protofonema \*v apresentou o reflexo idêntico /v/ em todas as línguas. Contudo, em três conjuntos de cognatos, houve reflexos diferentes como [b]. O contrário, por seu turno, não ocorreu, pois o protofonema \*b apresentou reflexos idênticos nas quatro línguas (\*b=b=b=b=b).

#### 4.1.2.2 *Alveolares*

Os fricativos reconstruídos para o ponto alveolar são: a consoante surda \*s e a consoante sonora, \*z. As correspondências sistemáticas entre as línguas indicam que estes protofonemas tiveram evoluções similares. Em todas as línguas relacionadas, os reflexos desses protofonemas poderiam ocupar a posição de onset em início e meio de palavra e a posição de coda (exceto em angolar). As correspondências sistemáticas que estabelecem essas formas reconstruídas são apresentadas nos Quadros 109 a 113.

PGG	ST	FA	LI	AN
*s	s	s	s	θ
	ʃ[i/j]	ʃ[i/j]	ʃ[i/j]	s[i/j]
*z	z	z	z	ð
	ʒ[i/j]	ʒ[i/j]	ʒ[i/j]	z[i/j]

Quadro 109: Reflexos das fricativas alveolares em posição de onset do PGG.

No ponto alveolar, foram reconstruídos o fricativo surdo \*s e o fricativo alveolar sonoro \*z. As similaridades sistemáticas entre as línguas indicam que estes profonemas tiveram evoluções similares, exceto em angolar. Ocupando o onset, os dois fonemas, \*s e \*z, refletiram duas formas idênticas em quase todas as línguas-filhas: /s z/, em santome, lung'ie e fa d'ambô, e /θ ð/ em angolar. Contudo, em contextos em que havia os profonemas \*s e \*z diante da vogal \*i ou aproximante palatal \*j, os profonemas, em geral, refletiram a realização de uma pós-alveolar [ʃ] e [ʒ] em santome, lung'ie e fa d'ambô e [s] e [z], em angolar (ver Quadro 111). Mesmo existindo registros de realização de [ʃ] e [ʒ] em três línguas, não se deve considerar tal realização como indicio de um profonema, pois, como nos casos de \*d ([d̥ʒ]) e \*t (t̥ʃ), [ʃ] e [ʒ] possuem sua realização diretamente condicionada pelo segmento palatal que o precedem, não ocorrendo, nos dados, sequer um registro de [ʃ] ou [ʒ] sem o referido contexto.

Em onset, a reconstrução do profonema \*s, fricativo alveolar surdo, na posição de início e meio de palavra se estabelece com base nas regularidades dos conjuntos de cognatos que apresentaram reflexos como a consoante /s/ em santome, lung'ie e fa d'ambô e uma consoante fricativa interdental surda, /θ/, em angolar, diante de todas as vogais, exceto [i]. Diante de [i], o santome, fa d'ambô e lung'ie apresentaram o reflexo da consoante [ʃ], ao passo que o angolar apresentou a consoante [s] (Quadros 110 e 111).

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*s</b>	<b>s</b>	<b>s</b>	<b>s</b>	<b>θ</b>
‘sal’	*salu <sub>25</sub>	[ˈsalu]	[ˈsalu]	[uˈsalu]	[ˈθalu]
‘sala’	*sala <sub>279</sub>	[ˈsələ]	—	[ˈsələ]	[ˈsələ]
‘sol’	*solɔ <sub>306</sub>	[ˈsɔɫɔ]	[ˈsɔɫɔ]	[uˈsɔlu]	[ˈθɔɫɔ]
‘chamar’	*sama <sub>230</sub>	[saˈma]	[saˈma]	[saˈma]	[θaˈma]

Quadro 110: \*s em início de palavra diante de vogal, salvo \*i.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*S</b>	<b>ʃ[i]</b>	<b>ʃ[i]</b>	<b>ʃ[i]</b>	<b>s[i]</b>
‘chegar’	*siga <sub>234</sub>	[ʃiˈga]	[ʃiˈga]	[ʃiˈga]	[siˈga]
‘cinco’	*siNku <sub>407</sub>	[ˈʃiku]	[ˈʃiku]	[ˈʃiku]	[ˈtano]
‘peixe’	*pisi <sub>110</sub>	[ˈpiʃi]	[ˈpiʃi]	[ˈpeʃi]	[kikiˈe]
‘sino’	*sinu <sub>493</sub>	[ˈʃinu]	[ˈtʃinu]	[ˈʃinu]	[ˈsinu]

Quadro 111: \*s diante de \*i.

Além de se realizar em início de palavra, \*s pode se realizar também em meio de palavra, em posição de onset e coda, e diante de todas as vogais orais (\*i, \*e, \*ɛ, \*a, \*o, \*ɔ, \*u) (ver Quadro 112).

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*s</b>	<b>s</b>	<b>s</b>	<b>s</b>	<b>θ</b>
‘querer’	*mese <sub>199</sub>	[meˈse]	—	[meˈse]	[meˈθe]
‘praça’	*plasa <sub>276</sub>	[ˈpləsə]	[ˈpaːsa]	[ˈpaːsə]	[ˈpaːθe]
‘pulso’	*pulsu <sub>59</sub>	[ˈpusu]	[ˈpulusu]	[ˈpusu]	[ˈpuθu]
‘animal’	*bisu <sub>67</sub>	[ˈbisu]	[ˈbisu]	[ˈbisu]	[ˈbiθu]

Quadro 112: \*s no onset, diante de vogal, exceto \*i em meio de palavra.

Em todas as línguas relacionadas, os reflexos dos profonemas alveolares poderiam ocupar a posição de onset em início e meio de palavra e somente o profonema \*S poderia ocupar também a posição de coda, salvo em angolar.

PGG	ST	FA	LI	AN
<b>*S</b>	ʃ	s	ʃ	—

Quadro 113: Reflexos de \*S na coda.

Nessa posição (Quadro 113), \*S tem o reflexo de fricativa pós-alveolar [ʃ] em santome e lung’ie, e alveolar [s] em fa d’ambô. Em coda, a realização de [ʃ] em lung’ie está relacionada ao contexto, não sendo, portanto, um fonema. O angolar,

cuja coda só permite o arquifonema nasal, não apresentou reflexo. Diante disso, optou-se por propor o arquifonema \*S (Quadro 114).

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*S</b>	<b>ʃ</b>	<b>s</b>	<b>ʃ</b>	<b>ø</b>
‘sexta-feira’	*seSta fɛla <sub>432</sub>	[ˈseʃtə ˈfɛlɐ]	[ˈsista ˈfɛla]	[ˈseʃtə ˈfja]	[ˈθetɐ ˈfɛlɐ]
‘fresco’	*fɛSku <sub>359</sub>	[ˈfɛʃku]	[ˈfɛsku]	[ˈfɛʃku]	[ˈfɛku]

Quadro 114: \*S em coda.

A reconstrução do protofonema \*z, fricativo alveolar sonoro, na posição de início e meio de palavra é estabelecida por meio de regularidades dos conjuntos de cognatos que apresentaram um reflexo idêntico /z/ em santome, lung’ie e fa d’ambô e uma consoante fricativa interdental sonora /ð/ em angolar (ver Quadros 115 e 116).

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*z</b>	<b>z</b>	<b>z</b>	<b>z</b>	<b>ð</b>
‘ajudar’	*zuda <sub>252</sub>	[zuˈda]	[zuˈda]	[zuˈda]	[ðuˈla]
‘azul’	*zulu <sub>102</sub>	[ˈzulu]	[zuˈlu]	[ˈzulu]	[ˈðulu]
‘azedo’	*zɛdu <sub>396</sub>	[zɛˈdu]	—	[ˈzɛdu]	[ˈðɛdu]
‘azeite’	*zete <sub>30</sub>	[ˈzete]	[ˈzete]	[iˈzɛt̪i]	[maˈzi]

Quadro 115: \*z em início de palavra.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*z</b>	<b>z</b>	<b>z</b>	<b>z</b>	<b>ð</b>
‘beijar’	*bɛNza <sub>136</sub>	[bɛˈza]	[bɛˈza]	[bɛˈza]	[bɛˈða]
‘costurar’	*kloze <sub>182</sub>	[kloˈze]	[xoˈze]	[koˈze]	[koˈðe]
‘igreja’	*gleza <sub>268</sub>	[ˈglezɐ]	[ˈgeːza]	[ˈgeːzɐ]	[ˈŋgeːðɐ]
‘casar’	*kaza <sub>165</sub>	[kaˈza]	[xaˈza]	[kaˈza]	[kaˈða]

Quadro 116: \*z em meio de palavra.

Sobre a sua distribuição, \*z pode se realizar, em início e meio de palavra, nunca em coda, diante de todas as vogais orais (\*i, \*e, \*ɛ, \*a, \*o, \*ɔ, \*u). Diante de [i], os reflexos de \*z modificam-se para [d̪ɜ] ou [ɜ] em santome, [ɜ] em lung’ie e mantêm-se como [z] em angolar (ver Quadro 117).



Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*z	$\widehat{d}z/z[i]$	—	$z[i]$	$z[i]$
‘brilhar’	*lu $\underline{z}$ i <sub>196</sub>	[lu'z̄i]	—	[lu'zi]	[lu'zi]
‘cozinhar’	*ku $\underline{z}$ i <sub>141</sub>	[ku'd̄zi]	[bø'jø]	[ku'zi]	[ku'zi]

Quadro 117: \*z diante de vogal \*i.

### 4.1.3 Nasais

No PGG, havia três segmentos consonantais nasais que podem ser classificados de acordo com seu ponto de articulação: a nasal bilabial (\*m), a nasal alveolar (\*n) e a nasal palatal (\*ɲ). A reconstrução do quadro fonológico das nasais foi estabelecida por conjuntos de cognatos que demonstraram regularidade sistemática entre as línguas geneticamente relacionadas (ver Quadro 118). A análise da reconstrução dos protofonemas será demonstrada de acordo com os pontos de articulação.

Nasais	Bilabial	Alveolar	Palatal
	*m	*n	*ɲ

Quadro 118: Nasais do PGG.

#### 4.1.3.1 Nasal bilabial

O protofonema nasal reconstruído para o ponto bilabial é \*m. As correspondências sistemáticas entre as línguas indicam que este protofonema apresentou reflexos idênticos (/m/=m/=m/=m/).

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*m</b>	<b>m</b>	<b>m</b>	<b>m</b>	<b>m</b>
‘marido’	*malidu <sub>328</sub>	[ma'lidu]	['mɛ:du]	['ma:du]	—
‘seio’	*mama <sub>51</sub>	['mamɐ]	['mama]	['mamɐ]	['mamɐ]
‘macaco’	*makaku <sub>72</sub>	[ma'kaku]	[ma'xaku]	[ma'kaku]	[ma:'ku]
‘mão’	*moN <sub>52</sub>	['mõ]	[o'mẽ]	[u'mẽ]	['mo]

Quadro 119: \*m em onset em início de palavra.

No processo de análise dos reflexos, foi possível reconstruir \*m na posição de onset em início e meio de palavra nas quatro línguas diante de todas as vogais orais \*i, \*e, \*ɛ, \*a, \*o, \*ɔ e \*u. As correspondências sistemáticas que estabelecem essas formas reconstruídas são apresentadas no Quadro 119. Além do onset em início de palavra, \*m pode ocupar o onset em meio de palavra como se pode ver no Quadro 120.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*m</b>	<b>m</b>	<b>m</b>	<b>m</b>	<b>m</b>
‘remar’	*rɛma <sub>220</sub>	[lɛ'ma]	—	[rɛ'ma]	[lɛ'ma]
‘mar’	*ɔmali <sub>300</sub>	[ɔ'mali]	[ɔ'mɛ]	[o'mwɛ]	—
‘palmeira’	*pɛlma <sub>454</sub>	['pɛmɐ]	['palma]	['pwɛmɐ]	['pɛmɐ]
‘palmito’	*plamitu <sub>455</sub>	[pla'mitu]	[pa:'mitu]	[pa'mitu]	[pa'mitu]

Quadro 120: \*m em onset em meio de palavra.

Em posição de coda ou em início de palavra precedendo outra consoante, \*m e \*n foram submetidos a um processo de neutralização, assim, optamos, para a análise, representar o elemento nasal por meio de um arquifonema \*N.

#### 4.1.3.2 Nasal alveolar

O profonema nasal reconstruído para o ponto alveolar é \*n. As correspondências sistemáticas entre as línguas revelam que este profonema foi retido nas quatro línguas (/n/=n/=n/=n/) em posição de onset. O profonema nasal alveolar \*n pode ser encontrado na posição de onset em início e meio de palavra nas quatro línguas diante de todas as vogais orais \*i, \*e, \*ɛ, \*a, \*o, \*ɔ e \*u. As

correspondências sistemáticas que estabelecem essas formas reconstruídas são apresentadas no Quadro 121.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*n</b>	<b>n</b>	<b>n</b>	<b>n</b>	<b>n</b>
PRON. 1P PL 'lua'	*noN <sub>342</sub>	[nõ]	[nõ]	[nõ]	[nõ]
'lua'	*nwa <sub>298</sub>	[nwa]	[nwa]	[u'nwa]	—
'noite'	*noti <sub>425</sub>	[notʃi]	[notʃi]	[u'notʃi]	[noti]
'inimigo'	*nimigu <sub>382</sub>	[nu'migu]	[ni'migu]	[ni'migu]	[nu'mĩgu]

Quadro 121: \*n em onset em início de palavra.

Além do onset em início de palavra, \*n pode ocupar o onset em meio de palavra como no Quadro 122.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*n</b>	<b>n</b>	<b>n</b>	<b>n</b>	<b>n</b>
'panela'	*panɛla <sub>485</sub>	[pa'nele]	—	[pa'nele]	[pa'nele]
'irmã'	*mana <sub>326</sub>	[mane]	[na'mẽj]	[mane]	[mane]
PRON. 3P PL 'fortuna'	*inɛ <sub>336</sub>	[ine]	[ɛne]	[ine]	[ɛne]
	*furtuna <sub>518</sub>	[fu'tunɛ]	[fo:'tuna]	[fu'tunɛ]	[fu'tunɛ]

Quadro 122: \*n em onset em meio de palavra.

Em posição de coda ou em início de palavra precedendo outra consoante, \*n e \*m apresentaram um processo de neutralização, sendo utilizado, para a análise, o arquifonema \*N para representar o elemento nasal nos referidos contextos.

#### 4.1.3.3 Nasal palatal

O profonema nasal reconstruído para o ponto palatal é \*ɲ.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*ɲ</b>	<b>ɲ</b>	<b>ɲ[i]</b>	<b>ɲ</b>	<b>ɲ</b>
'cunhado'	*kɲado <sub>324</sub>	[ku'ɲadu]	—	[ku'ɲadu]	[ku'ɲadu]
'galinha'	*Ngɲa <sub>74</sub>	[ɲgẽ'ɲa]	[ɲgẽ'ɲã]	[gi'ɲẽ]	[ɲga'ɲẽ]

Quadro 123: \*ɲ em sílaba tônica, em meio palavra.

As correspondências sistemáticas entre as línguas indicam que este protofonema apresentou evoluções semelhantes nas línguas-filhas, salvo o fa d'ambô, sobretudo em sílaba tônica, (/ɲ/=/j/=/ɲ/=/ɲ/). As correspondências sistemáticas de \*ɲ, em sílaba tônica, que estabelecem essas formas reconstruídas são apresentadas no Quadro 123. Em onset, em sílaba não acentuada, \*ɲ modificou-se para \*j ou foi apagado somente em fa d'ambô, nas demais línguas, tal protofonema apresentou reflexos idênticos (ver Quadro 124).

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*ɲ	ɲ	j/∅	ɲ	ɲ
'junho'	*zɯɲu <sub>438</sub>	['zũɲu]	['zujɯ]	['zũɲu]	['ðɯɲu]
'rainha'	*raɲa <sub>317</sub>	['lɛɲɐ]	['lɛjɛ]	['rɛɲɐ]	['lɛɲɐ]
'caminho'	*kamɲu <sub>519</sub>	[ka'mja]	[xa'mĩu]	[ku'mĩ]	[mɔ'ɛja]

Quadro 124: \*ɲ em sílaba átona, em meio palavra.

No processo de análise dos reflexos, foi possível reconstruir \*ɲ na posição de onset em meio de palavra nas quatro línguas diante de todas as vogais orais \*i, \*e, \*ɛ, \*a, \*o, \*ɔ e \*u.

#### 4.1.3.4 Arquifonema nasal

Para a posição de coda e em início de palavra precedendo outra consoante, foi reconstruído um arquifonema nasal \*N para que fosse representada a neutralização dos fonemas nasais \*m e \*n nos dois referidos contextos. Tal neutralização pode ser observada por meio dos reflexos do elemento nasal, uma vez que a consoante nasal, em posição de coda e precedendo uma consoante em início de palavra, não possui um ponto de articulação definido.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*N	∅	N	N	∅
‘dente’	*deNti <sub>42</sub>	[ˈdētʃi]	[ˈdēntʃi]	[iˈdēntʃi]	[ˈdetʃi]
‘assombrar’	*sɔNbla <sub>239</sub>	[sɔ̃ˈbla]	[sɔ̃mˈbɛla]	[sɔ̃mˈba]	[θɔ̃ˈbua]
‘língua’	*luNgwa <sub>50</sub>	[ˈlūgwɐ]	[ˈlūŋga]	[ˈlūŋgɛ]	[ˈlugɐ]

Quadro 125: \*N em posição de coda.

Os reflexos das protoformas, especialmente, em lung’ie e em fa d’ambô, em que pode ocorrer o elemento nasal em coda, indicam que o ponto de articulação da consoante nasal assimila o da consoante seguinte. Além disso, com a exceção do santome e do angolar, a consoante nasal em coda pode ou não ser realizada, no entanto, as vogais, pertencentes à sílaba em que há a consoante nasal, apresentam nasalização, o que indica que o apagamento foi posterior. Em santome e angolar, o profonema nasal \*N foi apagado em posição de coda (ver Quadro 125). Como se pode observar, por meio dos exemplos, em fa d’ambô e em lung’ie, os reflexos da consoante nasal, em posição de coda, diante de consoantes alveolares e pós-alveolares, apresentaram o reflexo do profonema nasal \*N como [n] ou o apagamento total como em santome e angolar (ver Quadro 125); diante de consoantes bilabiais, \*N se refletiu como [m] ou o apagamento total em santome e angolar; e diante de consoantes velares, \*N realizou-se como [ŋ] ou o apagamento total como em santome e angolar.

Quanto ao profonema \*N precedendo outra consoante em início de palavra, diante de consoantes alveolares e pós-alveolares (ver Quadro 126), os reflexos de \*N realizaram-se como [n] ou foram apagados totalmente; diante de consoantes bilabiais, \*N se refletiu como [m]; e diante de consoantes velares, \*N realizou-se como [ŋ].

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*N	N	N	N	N
‘enterrar’	*Ntɛra <sub>206</sub>	[ntɛˈla]	—	[ntɛˈra]	[ˈtʃa]
‘galinha’	*Ngaj̃a <sub>74</sub>	[ŋgẽˈja]	[ŋgẽˈŋja]	[giˈpẽ]	[ŋgaˈpẽ]
‘pessoa, alguém’	*Nge <sub>261</sub>	[ˈŋge]	[ˈŋge]	[niˈŋge]	[ˈŋge]
‘umbigo’	*Nbiku <sub>53</sub>	[ˈbĩku]	—	[ˈmbigu]	[ˈmbiku]

Quadro 126: \*N em início de palavra, diante de uma consoante.

Nos exemplos, nota-se que os reflexos de \*N, seja na posição de coda ou precedendo um consoante em início de palavra, quando realizados, indicam a assimilação do ponto de articulação da consoante seguinte. Por essa razão, foi preferível não definir três protofonemas distintos como \*ŋ, \*m ou \*n nesses contextos, uma vez que tal assimilação ocorre na realização do elemento nasal em conjunto com outra consoante, sendo um fenômeno fonético. Como o estudo se restringe à reconstrução da fonologia e léxico do PGG, optou-se por reconstruir um arquifonema nasal \*N em posição de coda e em início de palavra, antecedendo outra consoante.

Sobre a nasalidade, Hagemeyer (2011:119-120) alega que os crioulos de base portuguesa do Golfo da Guiné exibem vogais nasais e essa nasalidade seria um traço compartilhado com as línguas do Delta do Níger, línguas edóides, e com o português, ao passo que as línguas da região banto do Congo-Angola tipicamente careceriam de vogais nasais. Tal distinção entre os traços quanto à nasalidade vocálica nas línguas edóides e do banto ocidental seriam, segundo Hagemeyer (2011), pistas sobre o processo de crioulição das línguas-filhas.

Alguns pontos precisam ser discutidos no que tange às vogais nasais na fonologia dos crioulos de base portuguesa do Golfo da Guiné e sua relação com o português e as línguas edóides. Durante a análise, constatou-se que a nasalidade encontrada nas vogais, pertencentes à sílaba em que há coda nasal, é resultado de um processo fonético de nasalização, não atingindo o âmbito fonológico de nenhuma das quatro línguas. No que diz respeito ao português, não é consensual a existência de vogais nasais fonológicas. Leite (1974) defende uma interpretação monofonêmica. Na referida interpretação, propõe-se que, em português, há uma vogal intrinsecamente nasal, representada na camada segmental sem espriamento de traços. Desse modo, tais vogais seriam vogais nasais propriamente ditas e, por isso, fariam parte do inventário fonológico do português. Câmara Jr. (1953, 1970), por outro lado, defende a hipótese bifonêmica em que se afirma que a vogal nasalizada, em português, é resultado de um espriamento do traço de nasalidade da consoante nasal na coda. Em contrapartida, nas línguas do grupo edóide, Agheysi (1990: 17) indica que há

vogais orais e nasais, sendo que todas as vogais orais, exceto /e/ e /o/, possuem contrapartes nasais distintivas.

Com o intuito de investigar se as vogais em santome e lung'ie apresentariam nasalidade fonológica, Balduino *et al.* (2015) realizaram um estudo empírico acerca da temática. A pesquisa possuiu como principal objetivo estabelecer as características fonéticas da nasalidade nas referidas línguas. Com a aplicação de métodos experimentais e quantitativos (cf. MORAES & WETZELS, 1992), em linhas gerais, os resultados encontrados pelos pesquisadores indicaram uma maior duração das vogais nasais/nasalizadas em relação às vogais orais, favorecendo a explicação fonológica para a duração vocálica nasal/nasalizada (cf. MORAES & WETZELS, 1992), bem como com a hipótese bifonêmica acerca da nasalidade vocálica do português (CÂMARA JR., 1953;1970). Com base nas investigações realizadas acerca das consoantes nasais e considerando os valores médios da duração das vogais orais e nasalizadas, medidas a partir da segmentação das palavras inseridas em frases veículos, Balduino *et al.* (2015) defendem que não há vogais nasais propriamente ditas no inventário fonológico do santome e do lung'ie, mas vogais orais que recebem o traço [nasal], por meio do espriamento deste traço a partir de uma consoante subjacente na estrutura fonológica da palavra. Portanto, a afirmação de Hagemeyer (2011) de que a nasalidade fonológica das vogais seria um traço compartilhado com o português não pôde ser sustentada por pesquisas empíricas, como a de Moraes & Wetzels (1992) e a de Balduino *et al.* (2015).

Sobre as nasais pré-nasalizadas, Hagemeyer (2011: 120) afirma que onsets, tais como *mp* ou *mb*, os quais são atestados em santome, angolar e fa d'ambô, seriam evidências que podem ser relacionadas às línguas da região banto do Congo-Angola e não relacionadas ao edo. Com efeito, Guthrie (1967: 64) também registra a presença de nasais que assumem o ponto de articulação da consoante seguinte na zona H (GÜLDEMANN, 2008). Por essa razão, de acordo com Hagemeyer, a ausência desse onsets em lung'ie é consistente e corrobora a hipótese de que o impacto banto nesse

crioulo, em particular, foi limitado, contribuindo para a sobrevivência de diversos traços fonológicos relacionados ao grupo edóide.

É preciso, entretanto, sinalizar alguns pontos discordantes desse estudo com a análise realizada por Hagemeijer (2011), sobretudo, no que tange à suposta ausência de nasais como *mp* e *mb* em *lung'ie*. De acordo com Agostinho (2015:36), o *lung'ie* apresenta, assim como as suas demais línguas irmãs, a nasal /N/ que pode ser silábica em início de palavra precedendo as consoantes [p, b, t, d, k, g, z]. A nasal /N/ assimilará o ponto de articulação da consoante seguinte, realizando-se como [ŋ] diante de [t, d, z], como em (1-a), como [m̩] diante das bilabiais [p, b], em (1-b), e como [ŋ] diante de [k, g] em (1-c).

- (1) a. [ŋda'la] 'folha da palmeira' (LI)  
 b. [m̩'base] 'costela' (LI)  
 c. [ŋ'ganɛ] 'ímpeto' (LI)

No que diz respeito às línguas edóides, Agheyisi (1990) não apresenta qualquer registro de nasais silábicas em seu estudo. Diante disso, pode-se conjecturar que a presença dessas nasais nas quatro línguas indicaria a participação ativa das línguas da região banto do Congo-Angola no processo de formação das línguas crioulas de base portuguesa do GG, como defende Hagemeijer. No entanto, tal afirmação demanda cautela, visto que, em português, as nasais em coda também pode assumir o ponto da consoante seguinte — menos frequente no português brasileiro e mais comum em português europeu, sobretudo no século XVI. Além disso, é preciso considerar que a influência banto foi posterior à especiação, logo não seria possível relacionar a presença das nasais silábicas às línguas banto em *lung'ie* e *fa d'ambô*, posto que ambas as apresentam e não receberam o influxo banto tal como o *santome* e o *angolar*. Por outro lado, também não se pode ignorar a possibilidade de contato posterior, como através de novos escravos. Adicionalmente, as línguas edóides são o substrato com maior participação no processo de formação do PGG e na sua posterior ramificação, como também aponta Hagemeijer (2011). Portanto,



o estabelecimento da relação das nasais silábicas com as línguas banto nas línguas-filhas deve ser melhor investigado, haja vista que não se pode desprezar a influência portuguesa.

#### 4.1.4 Laterais

No PGG, havia dois segmentos consonantais laterais. A reconstrução do quadro fonológico dos laterais foi estabelecida por conjuntos de cognatos que demonstraram regularidade sistemática entre as línguas geneticamente relacionadas (ver Quadro 127). A análise da reconstrução dos protofonemas será demonstrada de acordo com os pontos de articulação.

Lateral	Alveolar	Palatal
	*l	*ɺ

Quadro 127: Laterais do PGG.

##### 4.1.4.1 *Lateral alveolar*

No ponto alveolar, há apenas uma lateral sonora \*l. As correspondências sistemáticas entre as línguas indicam que o protofonema apresentou evoluções diferentes a depender da posição que tal protofonema ocupava, se onset<sup>2</sup> ou coda<sup>3</sup>. Em posição de onset, \*l foi mantido em todas as línguas. Por outro lado, em posição de coda, \*l foi apagado, sendo transferido para posição de onset em um processo de metátese, em determinados contextos, em santome e em fa d'ambô. Em lung'ie, angular e também em fa d'ambô, nessa posição, o \*l foi apagado. O apagamento

<sup>2</sup>As estratégias de reparo das consoantes líquidas em onset serão discutidas na seção 4.6.1.1.

<sup>3</sup>As estratégias de reparo de líquidas na coda serão apresentadas na seção 4.6.1.2.

podia ser seguido ou não pelo alongamento compensatório, dependendo da adjacência da consoante ao traço coronal — no caso do lung'ie e do angular. Desse modo, o protofonema \*l será descrito, por meio de exemplos, de acordo com a sua posição na sílaba.

Primeiramente, quanto à posição de onset em início e meio de palavra, \*l apresentou reflexos idênticos como se pode ver no Quadro 128.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*l	l	l	l	l
'brilhar'	*luzi <sub>196</sub>	[lu'zi]	—	[lu'zi]	[lu'zi]
'lavar'	*laba <sub>191</sub>	[la'ba]	[la'ba]	[la'va]	[la'ba]
'lepra'	*lepla <sub>120</sub>	[lɛplɛ]	[lɛpa]	[lɛpɛ]	[lɛpɛ]
'longe'	*loNdi <sub>463</sub>	[lōdʒi]	—	[lōzi]	[lōdʒi]

Quadro 128: \*l em posição de onset em início de palavra.

O protofonema \*l pode se realizar em posição de onset, diante de todas as vogais orais \*i, \*e, \*ɛ, \*a, \*o, \*ɔ, \*u (ver Quadro 129).

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*l	l	l	l	l
'doença de pele'	*lalu <sub>119</sub>	[lalu]	[lalu]	[u'lalu]	[lalu]
'sala'	*sala <sub>279</sub>	[salɛ]	—	[salɛ]	[salɛ]
'primeiro'	*plimelu <sub>404</sub>	[pli'me]	[pi'melu]	[pi'mew]	[pū'belu]
'mel'	*mɛlɛ <sub>19</sub>	[mɛlɛ]	[mɛlɛ]	[mɛli]	[mɛlɛ]

Quadro 129: \*l em meio de palavra.

Na segunda posição do onset complexo, o protofonema \*l foi reconstruído com base nas correspondências sistemáticas das quatro línguas. Nessa posição, \*l pode ser precedido pelas oclusivas \*p, \*b, \*t\*, \*k e \*g e pelas fricativas \*f e \*v. Nesse contexto, o santome manteve a líquida *in situ*, ao passo que o lung'ie e o angular apagaram o protofonema e o fa d'ambô, em sílabas átonas e tônicas, apagou a líquida e apresentou alongamento vocálico. No entanto, em contextos em que o protofonema \*l se localizava na primeira sílaba, o lung'ie e o angular exibiram, ao lado do fa d'ambô, além do apagamento, vogais longas como em \*blasu<sub>40</sub>, \*blaNku<sub>95</sub>, \*gleza<sub>268</sub> e \*platu<sub>488</sub> (ver Quadro 130).

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*l	l	ø:	ø:	ø:
‘braço’	*blasu <sub>40</sub>	[ˈblasu]	[ˈba:su]	[uˈba:su]	[ˈba:su]
‘branco’	*blaNku <sub>95</sub>	[ˈblẽku]	[ˈbẽ:ŋku]	[ˈbẽ:ku]	[ˈbẽ:ku]
‘igreja’	*gleza <sub>268</sub>	[ˈglezɐ]	[ˈgezɐ]	[ˈgezɐ]	[ˈŋge:ðɐ]
‘prato’	*platu <sub>488</sub>	[ˈplatu]	[ˈpa:tu]	[ˈpa:tu]	[ˈpa:tu]

Quadro 130: \*l em onset complexo na primeira sílaba.

Por outro lado, se o \*l se encontra em onset complexo na segunda sílaba, independentemente do acento, o santome retém a líquida *in situ* /l/, o angolar e o lung’ie exibem vogal simples e o fa d’ambô apresenta uma consoante lateral [l] e uma inserção de vogal cujos traços são copiados da sílaba em questão a fim de desfazer o cluster, como no Quadro 131.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*l	l	ø	ø	ø
‘cobra’	*kɔblɔ <sub>71</sub>	[ˈkɔblɔ]	[ˈxobolo]	[ˈkɔbɔ]	—
‘cobrir’	*kubli <sub>183</sub>	[kuˈbli]	[kuˈbili]	[kuˈbi]	[kuˈbi]
‘febre’	*fɛblɛ <sub>115</sub>	[ˈfɛblɛ]	[ˈfibili]	[ˈfɛbi]	[ˈfɛbɛ]
‘pobre’	*pɔbli <sub>384</sub>	[ˈpɔbli]	[ˈpobili]	[ˈpɔbi]	[ˈpɔbi]

Quadro 131: \*l em onset complexo na segunda sílaba.

Contudo, houve dois únicos conjuntos de cognatos em que as línguas-filhas, salvo o santome, não apresentaram o referido padrão. Em \*glɔrja, o fa d’ambô manteve a consoante lateral através da inserção de uma vogal-cópia embora o onset complexo se encontrasse na primeira sílaba. O lung’ie e o angolar, por sua vez, exibiram, nos dois itens, apagamento de \*l sem alongamento mesmo em um contexto condicionante — cluster na primeira sílaba (Quadro 132).

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*l	l	l	ø	ø
‘glória’	*glɔrja <sub>443</sub>	[ˈŋglɔjɐ]	[gɔˈlɔlja]	[ˈgɔrjɐ]	[ˈgɔljɐ]
	*l	l	ø > v:	ø	ø
‘flor’	*flɔli <sub>451</sub>	[ˈflɔli]	[ˈfɔ:l]	[uˈfɔli]	[ˈfɔli]

Quadro 132: \*l na segunda posição do onset na primeira sílaba — itens excepcionais.

No PGG, o protofonema \*l, além do onset, pode ocupar também a coda silábica. O santome, o lung’ie e o angolar não permitem /l/ em coda. Quanto ao

fa d'ambô, embora de acordo com Segorbe (2007) e Araujo *et al.* (2013) a referida língua permita /l/ em coda, o protofonema \*l nem sempre foi mantido. Em coda, antes de uma consoante cujo traço seja coronal, \*l é apagado em santome, em lung'ie e em angolar, ao passo que o fa d'ambô exibe, além do apagamento, um alongamento da vogal como no Quadro 133.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*l	∅	∅ > v:	∅	∅
'maldade'	*mal <u>dad</u> i <sub>86</sub>	[ma'dad̥ʒi]	[ma:'dadi]	—	[ma'dadi]
'maldição'	*mal <u>disa</u> N <sub>87</sub>	[madi'sõ]	[ma:d̥ʒi'sẽ]	[madi'sẽ]	—
'caldeirada'	*kal <u>der</u> ada <sub>10</sub>	[kadɛ'ladɐ]	[xa:'dalɐ]	[kadɛ'radɐ]	[kadɛ'ladɐ]
'faltar'	*fal <u>ta</u> <sub>151</sub>	[fa'ta]	[fa:'ta]	[fa'ta]	[fa'ta]

Quadro 133: \*l em posição de coda antes de consoante coronal.

Em coda, antes de uma consoante não coronal, o lung'ie e o angolar exibem o apagamento do \*l e o fa d'ambô, além do apagamento, exibe vogais longas. Por outro lado, o santome apresentou uma evolução diferente de \*l nesse contexto. A lateral deixa a posição de coda e passa a ocupar a segunda posição de onset complexo, como demonstram as formas reconstruídas (ver Quadro 134).

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*l	l	∅ > v:	∅	∅
'salvar'	*sal <u>va</u> <sub>229</sub>	[ʃla'va]	[sa:'va]	[sa'va]	[θa'va]

Quadro 134: \*l em posição de coda antes de consoante não coronal.

#### 4.1.4.2 *Lateral palatal*

No ponto palatal, há a consoante lateral \*ʎ. As correspondências entre as línguas revelaram que este protofonema apresentou evoluções diferentes, mas sempre ocupando apenas a posição de onset em meio de palavra. Em determinados conjuntos de cognatos, \*ʎ apresentou um reflexo idêntico em fa d'ambô /ʎ/ e foi modificado para /j/ em santome, lung'ie e angolar (ver Quadro 135).

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*ɣ	j	ɣ	j	j
‘peixe-agulha’	*guɣa <sub>106</sub>	[ˈgujɐ]	[ˈguɣẽ]	[uˈgujɐ]	[ˈgujɐ]

Quadro 135: \*ɣ em posição de onset em meio de palavra.

No Quadro 136, \*ɣ foi mantido em fa d’ambô, modificado para [j] em lung’ie e apagado em santome e angolar.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*ɣ	∅	ɣ	j	∅
‘trabalhar’	*tlabaɣa <sub>249</sub>	[tlaˈba]	[taːbaˈɣa]	[tɔˈbja]	[taˈba]

Quadro 136: \*ɣ em posição de onset em meio de palavra.

Em outros conjuntos de cognatos (ver Quadro 137), \*ɣ apresentou um reflexo idêntico em santome, modificou para /l/ em fa d’ambô e angolar e variou entre /l/ e /j/ em lung’ie.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*ɣ	ɣ	l	l	l
‘julho’	*zuɣu <sub>437</sub>	[ˈzuɣu]	[ˈzulu]	[ˈzulu]	[ˈðulu]
	*ɣ	ɣ	—	j	l
‘melhor’	*miɣo <sub>377</sub>	[miˈɣõ]	—	[ˈmjo]	[ˈmioli]

Quadro 137: \*ɣ em posição de onset em meio de palavra.

#### 4.1.5 Vibrante alveolar

Na fonologia do PGG, há apenas uma vibrante alveolar sonora \*r. As correspondências sistemáticas entre as línguas indicam que este protofonema apresentou evoluções diferentes, uma vez que somente o lung’ie apresenta em seu inventário o fonema /r/. No entanto, mesmo em lung’ie, tal elemento apenas pode ocupar a posição de onset, não ocupando a coda. Por outro lado, embora o santome não apresente o rótico, trata-se da única das quatro línguas que mantém onsets complexos *in situ*, formados por todas as consoantes oclusivas e duas fricativas (/p b k g t d f

v/), e a consoante líquida. Assim, como não possui /r/ em seu quadro fonológico, o santome modifica o protofonema \*r para /l/.

Primeiramente, quanto à posição de onset em início e meio de palavra, o protofonema vibrante alveolar sonoro \*r foi estabelecido por meio das correspondências sistemáticas demonstradas pelas formas reconstruídas. Em posição de onset em início de palavra e meio de palavra, \*r apresentou, sempre em palavra dissilábica e geralmente em palavras com mais de duas sílabas, o reflexo de /l/ em santome, fa d'ambô e angolar e o reflexo idêntico de /r/ em lung'ie como se pode ver no Quadro 138.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*r	l	l	r	l
'arrancar'	*raNka <sub>219</sub>	[lẽ'ka]	[laŋ'xa]	[rẽ'ka]	[lã'ka]
'rico'	*riku <sub>386</sub>	['liku]	['liku]	['riku]	['liku]
'roncar'	*roNka <sub>222</sub>	[lõ'ka]	[lõxu'a]	[rõ'ka]	[lõ'ka]
'rosa'	*rɔza <sub>99</sub>	['lɔzɛ]	['lɔza]	['rɔzɛ]	['lɔðɛ]

Quadro 138: \*r em posição de onset em início de palavra.

O protofonema \*r pode se realizar em posição de onset em início e meio de palavra, diante de todas as vogais orais \*i, \*e, \*ɛ, \*a, \*o, \*ɔ, \*u e diante de uma aproximante \*j ou \*w (ver Quadro 139).

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*r	l	l	r	l
'amarelo'	*amarɛlu <sub>97</sub>	[ma'lɛlu]	—	[ma'rɛlu]	[ama'lɛlu]
'correr'	*kore <sub>179</sub>	[ko'le]	[xo'le]	[ko're]	[ko'le]
'torrar'	*tɔra <sub>250</sub>	[tɔ'la]	[tɔ'la]	[tɔ'ra]	[tɔ'la]
'coragem'	*kɔrazi <sub>85</sub>	[kɔ'laʒi]	—	[kɔ'raʒi]	[kɔ'θɔ]

Quadro 139: \*r em meio de palavra.

No PGG, o protofonema \*r pode ocupar a coda silábica. Como o santome, fa d'ambô e o angolar não apresentam em seu inventário o elemento rótico /r/, somente o lung'ie teria a possibilidade de apresentar um reflexo idêntico em coda, no entanto, a referida língua somente retém a vibrante na posição de onset, pois a coda não pode ser preenchida por /r/. Assim, em coda não final, antes de uma consoante coronal, \*r é apagado em santome, em lung'ie e em angolar, ao passo que

o fa d'ambô exibe, além do apagamento, um alongamento da vogal como em ['ku:tu] 'curto', ['pɛ:tu] 'perto' e ['xa:ni] 'carne' (ver Quadro 140). Em coda não final, antes de uma consoante não coronal (ver Quadro 141), o lung'ie, o fa d'ambô e o angular, não só exibem o apagamento do \*r, como apresentam vogais longas. Por outro lado, o santome — que permite onsets formados por oclusivas ou os fonemas /f/ e /v/ em conjunto com uma líquida — apresenta uma evolução diferente de \*r, modificando-o para /l/. Após o lambdacismo, ocorre a metátese, em que a lateral deixa a posição de coda e passa a ocupar a segunda posição de onset complexo, como em \*purga e \*barga conforme descreveram previamente Araujo, Bhatt & Hagemeyer (2012).

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*r	∅	∅ > v:	∅	∅
'carne'	*karni <sub>12</sub>	['kani]	['xa:ni]	[u'kani]	['kani]
'curto'	*kurtu <sub>369</sub>	['kutu]	['ku:tu]	['kutu]	['kutu]
'perto'	*pɛtu <sub>464</sub>	['pɛtu]	['pɛ:tu]	['pɛtu]	['pɛtu]

Quadro 140: \*r em posição de coda antes de consoante coronal.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*r	l	∅ > v:	∅ > v:	∅ > v:
'purgar'	*purg <u>a</u> <sub>217</sub>	[plu'ga]	[pu:'ga]	[pu:'ga]	[pu:'ga]
'rasgar'	*barg <u>a</u> <sub>131</sub>	[bla'ga]	[ba:'ga]	[ba:'ga]	[ba:'ga]

Quadro 141: \*r em posição de coda antes de consoante não coronal.

#### 4.1.6 Aproximantes

No PGG, havia dois segmentos consonantais aproximantes, um protofonema aproximante palatal \*j e um protofonema aproximante labial \*w. A reconstrução do quadro fonológico dos aproximantes foi realizada por meio da análise de cognatos que demonstraram regularidade sistemática entre as línguas relacionadas (ver Quadro 142). A análise da reconstrução dos dois protofonemas será demonstrada de acordo com os pontos de articulação.

Aproximante	Labial	Palatal
	*w	*j

Quadro 142: Aproximantes do PGG.

#### 4.1.6.1 *Aproximante labial*

Por meio da análise dos conjuntos de cognatos, foi possível reconstruir \*w na posição de onset em início e meio de palavra e na segunda posição do onset. Na primeira posição de onset, \*w apresentou reflexos idênticos nas quatro línguas, seja em sílaba átona como \*a.wa ou tônica como \*we como se pode ver no Quadro 143.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*w	w	w	w	w
‘água’	* <u>awa</u> <sub>3</sub>	[‘awɛ]	[‘awa]	[‘awɛ]	[‘awɛ]
‘olho’	* <u>w</u> e <sub>65</sub>	[‘we]	[‘we]	[‘we]	[‘we]

Quadro 143: \*w na primeira posição do onset.

Na segunda posição do onset, em sílaba acentuada, \*w foi mantido nas quatro línguas, como no Quadro 144.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*w	w	w	w	w
‘enxaguar’	* <u>sagwa</u> <sub>224</sub>	[sa’gwa]	—	[sa’gwa]	[θa’gwa]
‘lua’	* <u>nwa</u> <sub>298</sub>	[‘nwa]	[‘nwa]	[u’nwa]	—
‘minguar’	* <u>miNgwa</u> <sub>200</sub>	[mĩ’gwa]	[mũ’gwa]	[mĩ’gwa]	[mĩ’gwa]
‘percevejo’	* <u>seNkwa</u> <sub>255</sub>	[sẽ’kwa]	—	[sẽ’kwa]	[θẽ’kwa]

Quadro 144: \*w na segunda posição do onset em sílaba tônica.

No entanto, em sílaba átona (ver no Quadro 145), \*w não foi mantido na segunda posição do onset em todas as quatro línguas. Na primeira sílaba pretônica, \*w apresentou reflexos idênticos em santome e angular, mantendo \*w na segunda posição do onset. O fa d’ambô, por seu turno, exibe o apagamento da consoante \*w. Por fim, em lung’ie, \*w foi mantido e o primeiro elemento do onset \*g, apagado. Assim, \*w é mantido no onset, agora simples, como no conjunto de cognatos relativos a \*gwarda<sub>160</sub> ‘esperar’ (Cf. subseção 4.6.1.2).



Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*w</b>	<b>w</b>	<b>∅</b>	<b>w</b>	<b>w</b>
‘esperar’	*gwarda <sub>160</sub>	[gwa'da]	[ga:'da]	[wa'da]	[gwa'da]

Quadro 145: \*w na segunda posição do onset em sílaba pretônica.

Na sílaba postônica (ver no Quadro 146), \*w apresentou reflexo idêntico apenas em santome, mantendo-se na segunda posição do onset, ao passo que, em fa d'ambô, lung'ie e angolar \*w foi apagado.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*w</b>	<b>w</b>	<b>∅</b>	<b>∅</b>	<b>∅</b>
‘língua’	*luNgwa <sub>50</sub>	['lũgwa]	['lũŋga]	['lũge]	['lũga]

Quadro 146: \*w na segunda posição do onset em sílaba pós-tônica.

Apartir da análise dos dados, observou-se que \*w pode ocupar a posição de onset diante das vogais orais \*a, \*ε e \*e. Na segunda posição de onset, \*w pode ser precedido por \*g e \*k, como em \*luNgwa ‘língua’ e \*seNkwa ‘percevejo’.

#### 4.1.6.2 *Aproximante palatal*

No ponto palatal, há apenas o protofonema \*j. Através da análise dos conjuntos de cognatos, foi possível reconstruir \*j na posição de onset em início e meio de palavra e na segunda posição do onset. Na primeira posição de onset, \*j apresentou reflexos idênticos nas quatro línguas, seja em sílaba átona como \*jɔgɔ e \*majo ou tônica como \*bɔja como se pode ver no Quadro 147.

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*j</b>	<b>j</b>	<b>j</b>	<b>j</b>	<b>j</b>
‘boiar’	*bɔja <sub>142</sub>	[bɔ'ja]	[bo'ja]	[bɔ'ja]	[bɔ'ja]
‘maio’	*maj <sub>u423</sub>	['maj <sub>u</sub> ]	—	[u'maju]	['majo]
‘melhorar’	*jɔgɔ <sub>161</sub>	[jɔ'gɔ]	—	[jɔ'gɔ]	[jɔ'gɔ]

Quadro 147: \*j na primeira posição do onset.

Além disso, \*j pode ocupar a segunda posição de onset. Como segundo elemento do onset, \*j foi mantido nas quatro línguas (ver no Quadro 148).

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*j	j	j	j	j
‘glória’	*gl <sub>or</sub> ja <sub>443</sub>	[ʎglɔjɐ]	[gɔˈlɔlja]	[ˈgɔɾjɐ]	[ˈgɔljɐ]
‘rio’	*or <sub>j</sub> o <sub>302</sub>	[ˈjo]	—	[oˈrjo]	[oˈjo]

Quadro 148: \*j na segunda posição do onset.

Quanto à sua distribuição, \*j pode ocupar a posição de onset diante das vogais orais \*a, \*ɛ, \*e, \*ɔ e \*o com base na análise dos conjuntos de cognatos obtidos. Na segunda posição de onset, \*j pode ser precedido por \*r, \*k e \*b.

## 4.2 SISTEMA VOCÁLICO

O sistema vocálico do PGG era composto por sete vogais orais \*i, \*e, \*ɛ, \*a, \*ɔ, \*o, \*u como se pode observar no Quadro 149.

	Anterior	Central	Posterior
Alta	*i		*u
Média-alta	*e		*o
Média-baixa	*ɛ		*ɔ
Baixa		*a	

Quadro 149: Vogais do PGG.

Quanto à sua distribuição, as sete vogais orais \*i, \*e, \*ɛ, \*a, \*ɔ, \*o, \*u são profonemas que podem ocorrer em sílabas átonas e tônicas. Todas as vogais do PGG são orais e podem ocorrer em início, meio e final de palavra. As vogais \*i, \*e, \*ɛ, \*a, \*ɔ, \*o, \*u apresentaram reflexos nas quatro línguas em sílabas tônicas e pretônicas como se pode observar no Quadro 150.

Vogal	Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
*a	‘água’	* <u>awa</u> <sub>3</sub>	[‘awɐ]	[‘awa]	[‘awɐ]	[‘awɐ]
*e	‘querer’	* <u>mese</u> <sub>199</sub>	[me‘se]	—	[me‘se]	[me‘θe]
*ɛ	‘feder’	* <u>fɛdɛ</u> <sub>153</sub>	[fɛ‘dɛ]	[fĩ‘dɛ]	[fɛ‘dɛ]	—
*ɔ	‘pó’	* <u>ɔpɔ</u> <sub>301</sub>	[ɔ‘pɔ]	—	[ɔ‘pɔ]	[ɔ‘pɔ]
*u	‘azul’	* <u>zulu</u> <sub>102</sub>	[‘zulu]	[zu‘lu]	[‘zulu]	[‘ðulu]
*o	‘porco’	* <u>porko</u> <sub>79</sub>	[‘plokɔ]	[‘po:xo]	[‘po:ko]	[‘po:ko]
*i	‘pedir’	* <u>pidi</u> <sub>211</sub>	[pi‘dʒi]	[pi‘dʒi]	[pi‘di]	[pi‘di]

Quadro 150: Exemplos do comportamento das vogais em PGG.

Em sílaba átona final, \*a apresentou reflexos, como [ɐ], em santome, lung’ie e angolár e, como [a], em fa d’ambô (Quadro 151).

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*a</b>	<b>ɐ</b>	<b>a</b>	<b>ɐ</b>	<b>ɐ</b>
‘água’	* <u>awa</u> <sub>3</sub>	[‘awɐ]	[‘awa]	[‘awɐ]	[‘awɐ]
‘banana’	* <u>bana</u> <sub>5</sub>	[‘banɐ]	[ba‘nana]	[ba‘nɐ]	[ba‘nɐ]
‘cabra’	* <u>kabla</u> <sub>69</sub>	[‘kablɐ]	[‘xaba]	[‘kabɐ]	[‘kabɐ]

Quadro 151: \*a em sílaba átona final.

Em sílaba átona final, \*ɛ apresentou reflexos como [ɛ] e [e] em santome, como [ɛ] angolár, variando entre [ɛ] e [i] em lung’ie e fa d’ambô como no Quadro 152:

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*ɛ</b>	<b>e</b>	<b>ɛ</b>	<b>ɛ</b>	<b>ɛ</b>
PRON. 3P PL	* <u>ine</u> <sub>336</sub>	[‘ine]	[‘ɛnɛ]	[‘ine]	[‘ɛnɛ]
	<b>*ɛ</b>	<b>ɛ</b>	<b>ɛ</b>	<b>i</b>	<b>ɛ</b>
‘mel’	* <u>mɛlɛ</u> <sub>19</sub>	[‘mɛlɛ]	[‘mɛlɛ]	[‘mɛli]	[‘mɛlɛ]
‘sempre’	* <u>sɛNplɛ</u> <sub>346</sub>	[‘sɛplɛ]	[‘sɛplɛ]	[‘sɛpi]	[‘θɛplɛ]
	<b>*ɛ</b>	<b>ɛ</b>	<b>i</b>	<b>ɛ</b>	—
‘nove’	* <u>nɔvɛ</u> <sub>403</sub>	[‘nɔvɛ]	[‘nɔvi]	[‘nɔvɛ]	[‘uvvɛ]

Quadro 152: \*ɛ em sílaba átona final.

O profonema \*e, em posição átona final, apresentou reflexo [e] em todas as línguas, variando, em alguns itens, com [i] em fa d’ambô (Quadro 153).

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*e</b>	<b>e</b>	<b>e</b>	<b>e</b>	<b>e</b>
‘leite’	*lete <sub>14</sub>	[ˈlete]	[ˈlete]	[ˈlete]	[ˈlete]
	<b>*e</b>	<b>e</b>	<b>i</b>	<b>e</b>	<b>e</b>
‘alfinete’	*fīnete <sub>473</sub>	[fiˈnete]	[fiˈnēt̃ji]	[fiˈnete]	[afiˈnete]

Quadro 153: \*e em sílaba átona final.

Na sílaba átona final, \*i apresentou reflexos como [i] nas quatro línguas. Em alguns itens do lung’ie, do santome e do angolar, houve variação entre [i] e [e] (ver no Quadro 154).

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*i</b>	<b>i</b>	<b>i</b>	<b>e</b>	<b>i</b>
‘pobre’	*pɔbli <sub>384</sub>	[ˈpɔbli]	[ˈpɔbili]	[ˈpɔbi]	[ˈpɔbi]

Quadro 154: \*i em sílaba átona final.

Em sílaba tônica e átona final \*u apresentou reflexos de [u] nos itens das quatro línguas (ver no Quadro 155).

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*u</b>	<b>u</b>	<b>u</b>	<b>u</b>	<b>u</b>
‘azul’	*zulu <sub>102</sub>	[ˈzulu]	[ˈzulu]	[ˈzulu]	[ˈðulu]
‘direito’	*dletu <sub>355</sub>	[ˈdletu]	[ˈde:tu]	[ˈde:tu]	[ˈde:tu]
‘fraco’	*flaku <sub>358</sub>	[ˈflaku]	[ˈfa:ku]	[ˈfa:ku]	[ˈfa:ku]
‘julho’	*zuʎu <sub>437</sub>	[ˈʒuʎu]	[ˈzulu]	[ˈʒulu]	[ˈðulu]

Quadro 155: \*u em sílaba tônica e átona final.

O profonema \*o, em sílaba tônica e átona final, apresentou o reflexo [o] nas quatro línguas (ver Quadro 156).

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	<b>*o</b>	<b>o</b>	<b>o</b>	<b>o</b>	<b>o</b>
‘arroz’	*aroso <sub>2</sub>	[ˈloso]	[aˈloso]	[oˈroso]	[ˈloθo]
‘maluco’	*dodo <sub>356</sub>	[ˈdodo]	[ˈdodo]	[uˈdodo]	[ˈdodo]

Quadro 156: \*o em sílaba tônica e átona final.

O profonema \*ɔ, em sílaba átona final, apresentou o reflexo [ɔ] nas quatro línguas, podendo variar, no entanto, com [u], em lung’ie e, com [o], em fa d’ambô (ver Quadro 157).

Glosa	PGG	ST	FA	LI	AN
	*ɔ	ɔ	ɔ	ɔ	ɔ
‘porta’	*pɔtɔ <sub>469</sub>	[‘pɔtɔ]	[‘pɔtɔ]	[‘pɔtɔ]	[‘pɔtɔ]
	*ɔ	ɔ	ɔ	u	ɔ
‘osso’	*ɔsɔ <sub>56</sub>	[‘ɔsɔ]	[‘ɔsɔ]	[‘ɔsu]	[‘ɔsɔ]
‘sol’	*sɔlɔ <sub>306</sub>	[‘sɔlɔ]	[‘sɔlɔ]	[u’sɔlu]	[‘θɔlɔ]
	*ɔ	ɔ	o	ɔ	
‘cobra’	*kɔblɔ <sub>71</sub>	[‘kɔblɔ]	[‘xobolo]	[‘kɔbɔ]	

Quadro 157: \*ɔ em sílaba átona final.

Assim, como ocorre em suas línguas-filhas, não havia vogais nasais no PGG, pois a nasalidade pertencia às consoantes nasais que, por estar em posição de coda, condicionavam a nasalização das vogais foneticamente via espalhamento. Como tal processo de nasalização não apresenta estatuto fonológico, apenas fonético e restrito a determinados contextos condicionantes, não foram estabelecidas vogais nasais no PGG. O processo de nasalização será tratado na seção 4.6.2.1. Quanto às vogais longas presentes em três das quatro línguas-filhas do PGG, pode-se dizer que são produtos das estratégias de reparo dessas línguas no que tange às consoantes líquidas em posição de onset e coda em PGG. Desse modo, as vogais longas não pertencem ao sistema fonológico do PGG (ver seção 4.6.1.2).

### 4.3 ESTRUTURA SILÁBICA

O núcleo da sílaba pode ser preenchido por pelo menos uma vogal simples ou por uma nasal silábica. Desse modo, a sílaba mínima é V ou N. De acordo com a reconstrução das protoformas, o PGG apresentou as seguintes moldes silábicos: \*V, \*VC, \*C, \*CV, \*CVC, \*CCV e \*CCVC.

Todas as consoantes descritas nas subseções anteriores, tais como \*p, \*b, \*t, \*d, \*k, \*g, \*m, \*n, \*ɲ, \*l, \*f, \*v, \*s, \*z, \*r, \*w, \*j podem ocorrer em onset em início e meio de palavra. Na análise, só foi possível reconstruir a consoante lateral palatal

/ʎ/ em onset no meio de palavra. O segundo elemento do onset de sílaba do tipo CGV e CCV pode ser um dos glides \*w \*j, para a sílaba CGV, e \*l, para a sílaba CCV, se o primeiro elemento for \*b, \*p, \*t, \*d, \*k, \*g, \*m, \*n, \*f e \*v. Além das vogais, outro elemento que pode preencher a posição de núcleo é a nasal silábica. A nasal silábica ocupa a sílaba isoladamente, não havendo outros elementos. Na coda, foram reconstruídos os fonemas \*N, \*S, \*w, \*j, \*r e \*l. Na seção 4.6, as evidências para a proposta da estrutura silábica do PGG podem ser conferidas.

Sílaba	Exemplos
*V	*ɔ.vu <sub>22</sub> ‘ovo’; *a.za <sub>31</sub> ‘asa’
*C	*N.gar.sa <sub>75</sub> ‘garça’; *N.ga.ja <sub>N74</sub> ‘galinha’; N.geN.bu <sub>76</sub> ‘morcego’
*CV	*sa.lu <sub>25</sub> ‘sal’; *me.se <sub>199</sub> ‘querer’; *a.ju <sub>1</sub> ‘alho’; *a.wa <sub>3</sub> ‘água’; *sa.ja <sub>225</sub> ‘puxar’; *wo.tu <sub>411</sub> ‘oito’
*CVC	*kal.de.ra.da <sub>10</sub> ‘caldeirada’; *bar.ga <sub>131</sub> ‘rasgar’; *rɔN.ka <sub>222</sub> ‘roncar’; *meN.kaj <sub>329</sub> ‘esposa’
*VC	*al.ma <sub>439</sub> ‘alma’; *aN.zu <sub>349</sub> ‘recém-nascido’; *iS.ka <sub>107</sub> ‘isca’; *ka.iN <sub>366</sub> ‘avarento’
*CCV	*plɛ.tu <sub>98</sub> ‘preto’; *bla.su <sub>40</sub> ‘braço’; *plɛ.ga <sub>214</sub> ‘pregar’; *dja <sub>417</sub> ‘dia’; *pjɔ.rɔ <sub>383</sub> ‘pior’; *kja.bu <sub>13</sub> ‘quiabo’
*CCVC	*pleN.de <sub>215</sub> ‘perder’; *fleS.ku <sub>359</sub> ‘fresco’;

Quadro 158: Estruturas silábicas em PGG com exemplos.

## 4.4 SINOPSE DOS REFLEXOS

Os reflexos do PGG são determinados pela análise das correspondências sistemáticas entre o santome, fa d’ambô, lung’ie e angolar. No estabelecimento destes reflexos, foram considerados todos os conjuntos de cognatos utilizados na reconstrução do PGG. Assim, a síntese dos reflexos da fonologia do PGG obtidos por meio da análise das correspondências sistemáticas entre as línguas-filhas é apresentada nos Quadros de 159 a 165.

O Quadro 159 demonstra os reflexos das consoantes oclusivas. O conjunto de protofonemas oclusivos apresentou reflexos semelhantes. As comprovações das

reconstruções das oclusivas foram demonstradas na seção 4.1.1 e em suas subseções (4.1.1.1 a 4.1.1.3).

<b>PGG</b>	<b>ST</b>	<b>FA</b>	<b>LI</b>	<b>AN</b>
<b>*p</b>	p	p	p	p
<b>*b</b>	b	b	b	b
<b>*t</b>	t	t	t	t
<b>*d</b>	d	d	d	d
<b>*k</b>	k	k	k	k
<b>*g</b>	g	g	g	g

Quadro 159: Reflexos das consoantes oclusivas.

O quadro 160 apresenta os reflexos das consoantes fricativas. Através dos reflexos, pôde-se constatar que havia quatro consoantes fricativas, distribuídas em dois pontos de articulação: labiodental e alveolar. As comprovações das reconstruções das fricativas estão descritas na seção 4.1.2 e suas subseções (4.1.2.1 e 4.1.2.2).

<b>PGG</b>	<b>ST</b>	<b>FA</b>	<b>LI</b>	<b>AN</b>
<b>*f</b>	f	f	f	f
<b>*v</b>	v	v	v	v
<b>*s</b>	s	s	s	θ
<b>*si/j</b>	ʃ	ʃ	ʃ	s
<b>*z</b>	z	z	z	ð
<b>*zi/j</b>	ʒ	ʒ	ʒ	z

Quadro 160: Reflexos das consoantes fricativas.

O quadro 161 apresenta os reflexos das consoantes nasais. No PGG, havia três segmentos consonantais nasais que podem ser classificados de acordo com seu ponto de articulação: nasal bilabial \*m, nasal alveolar \*n e o nasal palatal \*ɲ. As comprovações das reconstruções das nasais estão descritas na 4.1.3 e em suas subseções (4.1.3.1 a 4.1.3.4).

PGG	ST	FA	LI	AN
*m/#_v	m	m	m	m
*m/_v#	m	m	m	m
*n/#_v	n	n	n	n
*n/_v#	n	n	n	n
*N/v_\$_C <sub>[cor]</sub>	∅	n	n	∅
*N/v_\$_C <sub>[lab]</sub>	∅	m	m	∅
*N/v_\$_C <sub>[dor]</sub>	∅	ɲ	ɲ	∅
*N <sub>l</sub> /#_C <sub>[cor]</sub>	n	n	n	n
*N <sub>l</sub> /#_C <sub>[lab]</sub>	m	m	m	m
*N <sub>l</sub> /#_C <sub>[dor]</sub>	ɲ	ɲ	ɲ	ɲ
*ɲ	ɲ	j	ɲ	ɲ

Quadro 161: Reflexos das consoantes nasais.

O quadro 162 apresenta os reflexos das consoantes laterais. No PGG, havia duas consoantes laterais. As comprovações das reconstruções das laterais estão descritas na seção 4.1.4 e em suas subseções (4.1.4.1 a 4.1.4.2).

PGG	ST	FA	LI	AN
*l	l	l	l	l
*l/C_v	l	∅	∅	∅
*l/Cv_\$_C <sub>[cor]</sub>	∅	∅ > v:	∅	∅
*l/Cv_\$_C <sub>[lab, dor]</sub>	l	∅ > v:	∅	∅
*ʎ	j	ʎ	j	j
	∅	ʎ	j	∅
	ʎ	l	l	l

Quadro 162: Reflexos das consoantes laterais.

O quadro 163 apresenta os reflexos da consoante vibrante. Havia somente uma vibrante em PGG cujos reflexos variaram de acordo com sua posição silábica<sup>4</sup>. As comprovações da reconstrução da vibrante estão descritas na seção 4.1.5.

<sup>4</sup> Ainda hoje parece haver pouca distinção entre os elementos róticos, mas foneticamente a variação é muito ampla, especialmente no português falado pelas comunidades que possuem um crioulo como primeira língua.



PGG	ST	FA	LI	AN
*r	l	l	r	l
*r/\$_V	l	∅ > v:	∅ > v:	∅ > v:
*r/#C_V\$primeira	l	∅ > v:	∅ > v:	∅ > v:
*r/\$C_V\$	l	∅ > v:	∅	∅
*r/C_V#	l	∅	∅	∅
*r/CV_ \$C <sub>[cor]</sub>	l	∅ > v:	∅	∅
*r/CV_ \$C <sub>[lab, dor]</sub>	l	∅ > v:	∅ > v:	∅ > v:
*r/V_ \$	l	l	r	l
*r/CV_ #	∅	∅	∅	∅

Quadro 163: Reflexos da consoante vibrante.

O quadro 164 apresenta os reflexos das consoantes aproximantes. Havia somente duas aproximantes em PGG. As comprovações das reconstruções das aproximantes estão descritas na seção 4.1.6 e em suas subseções (4.1.6.1 e 4.1.6.2).

PGG	ST	FA	LI	AN
*w/_v	w	w	w	w
*w/C_v\$tônica	w	w	w	w
*w/C_v\$átona	w	∅	w	w
*w/\$tônica\$C_v	w	∅	∅	∅
*j	j	j	j	j

Quadro 164: Reflexos das consoantes aproximantes.

Os Quadros 165 e 166 apresentam os reflexos recorrentes das vogais em sílaba tônica e em sílaba átona final. As comprovações das reconstruções das vogais estão descritas na seção 4.2.

PGG	ST	FA	LI	AN
*a	a	a	a	a
*e	e	e	e	e
*ɛ	ɛ	ɛ	ɛ	ɛ
*o	o	o	o	o
*ɔ	ɔ	ɔ	ɔ	ɔ
*i	i	i	i	i
*u	u	u	u	u

Quadro 165: Reflexos das vogais em sílaba tônica.

PGG	ST	FA	LI	AN
*a/C_#	ɐ	a	ɐ	ɐ
*e/C_#	e	e	e	e
	e	i	e	e
*ɛ/C_#	e	ɛ	ɛ	ɛ
	ɛ	ɛ	i	ɛ
	ɛ	i	ɛ	—
*o/C_#	o	o	o	o
*ɔ/C_#	ɔ	ɔ	ɔ	ɔ
	ɔ	ɔ	u	ɔ
	ɔ	o	ɔ	—
*i/C_#	i	i	e	i
*u/C_#	u	u	u	u

Quadro 166: Reflexos das vogais em sílaba átona final.

## 4.5 ACENTO

Esta seção tem como objetivo, primeiramente, demonstrar o que se tem dito a respeito do acento nas línguas-filhas com base nos materiais disponíveis. Em seguida, será apresentado o sistema acentual do PGG, conforme a análise comparativa dos cognatos das suas línguas-filhas.

Em santome, fa d'ambô, lung'i e angolar, o acento pode ser atribuído à última, penúltima ou antepenúltima sílaba como em (2):

(2) Acento nas línguas filhas

Santome

*final* [a'fɛ] 'fé'

*prefinal* [ˈẽzu]<sub>349</sub> 'recém-nascido'

*antepenúltimo* [ˈalibɛ]<sub>448</sub> 'erva'

Fa d'ambô

*final* [bɔ'nɛ] 'boina'

*prefinal* [ˈpõte] 'ponte'

*antepenúltimo* [ˈpulusu]<sub>59</sub> 'pulso'

Lung'ie

*final* [uba'di] 'rifle'

*prefinal* [a'lunu] 'aluno'

*antepenúltimo* ['abitu] 'hábito'

Angolar

*final* [θe'kwa]<sub>255</sub> 'percevejo'

*prefinal* ['fesu] 'fechadura'

*antepenúltimo* ['folime] 'forma'

Autores, como Maurer (2009), defendem que as palavras acentuadas, como em lung'ie, tendem a corresponder ao acento original do português. Agostinho (2015), em contrapartida, critica tal perspectiva, usando como base, as palavras em seu *corpus* que apresentaram o acento modificado em relação ao português, tal como a palavra com acento prefinal *alma* que, no lung'ie, em santome e angolar, recebe acento na antepenúltima ['alime], uma vez que, como **alima**, outras palavras apresentaram alteração na posição em relação ao acento dos itens em português (AGOSTINHO, 2015). No que tange à análise aqui empreendida, o peso silábico foi identificado como um elemento norteador, mas não único, na atribuição do acento em PGG, conforme mostram os itens em (3):

- (3) a. \*pɔtɔ<sub>529</sub> ( $\sigma_\mu \sigma_\mu$ ) 'porta' >
- [pɔtɔ] (ST)
- [pɔtɔ] (FA)
- [pɔtɔ] (LI)
- [pɔtɔ] (AN)
- b. \*klɔsɔN<sub>48</sub> ( $\sigma$ ) ( $\sigma_\mu \mu$ ) 'coração' >
- [klɔ'sɔ] (ST)
- [ku:'sɛ] (FA)
- [kɔ'sɛ] (LI)
- [kɔ'θɔ] (AN)

No cotejo dos dados, constatou-se que o sistema acentual em PGG era constituído de pés binários, construídos da direita para esquerda, e sensível ao peso silábico. Quanto à relação de proeminência entre os pés, pode-se conjecturar que o tipo de pé, em PGG, era troqueu moraico. Nos exemplos de (3), todas as línguas-filhas apresentaram padrões de acentuação idênticos: prefinal e final. Desse modo, caso o item nominal termine com um molde silábico CV — sílaba leve, isto é, monomoraica—, o acento é atribuído à penúltima sílaba e o pé trocaico terá, por conseguinte, duas moras. Por outro lado, se a palavra terminar com uma sílaba CVC — sílaba pesada, isto é, bimoraica—, ao pé, formado com duas moras, lhe será atribuído o acento. Quanto aos verbos, ao constatar que todas as línguas-filhas apresentavam um padrão acentual idêntico, os verbos foram reconstruídos com acento na última sílaba, tal como em (4):

- (4) \*kɛma<sub>168</sub> ‘queimar’  
       [kɛ'ma] (ST)  
       [ka'ma] (FA)  
       [kɛ'ma] (LI)  
       [kɛ'ma] (AN)

Reflexos de acento na antepenúltima sílaba das línguas-filhas, por outro lado, podem sugerir que as suas protoformas são, outrossim, acentuadas na antepenúltima sílaba, como em três das quatro línguas-filhas em (5), em fa d'ambô em (6) e em (7):

- (5) ['alima]<sub>439</sub> ‘alma’ (ST)  
       ['alima] ‘alma’ (LI)  
       ['alima] ‘alma’ (AN)  
       *Exceto:* ['alma] ‘alma’ (FA)

- (6) ['xobolo]<sub>71</sub> ‘cobra’ (FA)  
       *Demais cognatos:*  
       ['kɔblɔ] (ST)  
       ['kɔbɔ] (LI)

(7) [ˈpulusu]<sub>59</sub> ‘pulso’ (FA)

*Demais cognatos:*

[ˈpusu] (ST)

[ˈpusu] (LI)

[ˈpusu] (AN)

Nos itens de (5) a (7), poder-se-ia pensar que o acento das protoformas equivalentes era atribuído à antepenúltima sílaba. A observação de três fórmulas (Cf. MARTINS, 2005), em cuja entrada aparecem os itens do PGG e, na saída, o padrão silábico das línguas-filhas, pode lançar luzes, em contrapartida, sobre os caminhos da reconstrução do sistema de acento da protolíngua:

(8) \*pulsu<sub>59</sub> \*'C<sub>1</sub>VC<sub>2</sub>.C<sub>3</sub>V → 'C<sub>1</sub>V.C<sub>2</sub>**V**.C<sub>3</sub>V **pulusu** (FA)

\*kɔ̃blɔ<sub>71</sub> \*'C<sub>1</sub>V.C<sub>2</sub>C<sub>3</sub>V → \*'C<sub>1</sub>V.C<sub>2</sub>**V**.C<sub>3</sub>V **kobolo** (FA)

\*alma<sub>439</sub>: \*'VC<sub>1</sub>.C<sub>2</sub>V → 'V.C<sub>1</sub>**V**.C<sub>2</sub>V **alima** (ST, AN, LI)

Nessas fórmulas, o acento recai sempre na penúltima sílaba cujo onset é C<sub>1</sub> ou V tanto em PGG como nas línguas-filhas. Em \*pulsu, C<sub>2</sub> que era coda passa a onset com a adição da vogal em fa d’ambô. Em \*kɔ̃blɔ, C<sub>2</sub> que se encontrava na primeira posição de onset complexo, com a epêntese vocálica, é transferido ao onset da sílaba criada em fa d’ambô. Por fim, em \*alma, C<sub>1</sub> que se encontrava em posição de coda, com a adição vocálica, passa a situar no onset da nova sílaba em santome, lung’ie e angolar, ou seja, aplica-se a restrição de acentuabilidade das vogais inseridas. Assim, parece que a inserção vocálica, com o intuito de se limar uma sequência silábica agramatical, sucede a regra de atribuição de acento. No que diz respeito aos padrões final e prefinal, o acento incidia na penúltima sílaba sob o molde \*(CV).’CV.CV e na última sílaba das palavras dos tipos \*(CV).CV.’CVC ou \*(CV).CV.’CVCC<sub>N</sub>. Embora, em PGG, em geral, o acento fosse atribuído à penúltima sílaba e deslocado para última se a sílaba terminasse em CVC ou CVCC, os padrões acentuais não eram plenamente previsíveis em uma parcela dos itens

de étimos edóide e português. No *corpus*, houve protoformas de tais étimos finais, mesmo terminadas em sílabas leves, tais como \* $\text{ɔpɛ}_{54}$  ‘pé’, \* $\text{ɔsɛ}_{303}$  ‘céu’, \*NgaNdu<sub>109</sub> ‘tubarão’, \*seNkwa<sub>255</sub> ‘percevejo’ e idu<sub>254</sub><sup>5</sup>. Nesses casos, as protoformas foram reconstruídas com acento na última sílaba conforme os reflexos das línguas-filhas como em (9). Nas formas de étimo português, o PGG pode ter mantido *in situ* o acento nos monossílabos tônicos e os elementos clíticos (em português, os artigos) — opacos à aplicação da regra. No lung’ie, a língua que mais possui casos de reinterpretação morfológica, nenhum elemento clítico incorporado recebe o acento, caso similar a todas as línguas-filhas. Já no caso do léxico de étimo não português, o acento foi mantido *in loco*, porém não é possível sustentar se se trata de compostos, agora opacos, ou se havia restrições em relação à sua posição de fidelidade, robustas o suficiente para os falantes não ignorá-las (cf. BECKMAN, 1998). Além disso, nos nomes de origem banto, o acento recai tipicamente na última sílaba, o que se soma ao fato de as línguas banto serem tonais — matéria para estudos posteriores.

- (9) \*NgaNdu<sub>109</sub> ‘tubarão’  
       [ŋgẽ'du] (ST)  
       [kũ'du] (FA)  
       [ŋgẽ'du] (AN)

De maneira análoga, quanto aos cognatos, sobretudo de étimo português, que são antepenúltimas nas línguas-filhas, tais como 's**abadu** ‘sábado’ (ST/AN) e 'g**o-mitu** ‘vômito’ (LI/AN), foram reconstruídas protoformas com acento também antepenúltimo, como em (10):

<sup>5</sup>Ladhams (2007: 14) apresenta itens de étimo edóide como *ídu* ‘piolho’, cujo acento é prefinal (*'idu*).

- (10) \*sabadu<sub>429</sub> ‘sábado’  
       ['sabadu] (ST)  
       ['sabudu] (FA)  
       ['sabudu] (LI)  
       ['θabadu] (AN)

Como o PGG e as línguas-filhas apresentam pés métricos binários, nos itens antepenúltimos como em (10), é necessário recorrer à extrametricidade. Em outras palavras, nesses itens, pressupõe-se uma sílaba extramétrica, chamada assim, pois não é considerada num primeiro estágio de segmentação das sílabas em pés métricos. A sílaba extramétrica é provisoriamente excluída para fins de regras acentuais.

De acordo com a Teoria Fonológica Lexical (KIPARSKY, 1982), cujos pressupostos indicam que o léxico de uma língua se organiza em estratos, pode-se afirmar que o sistema acentual em PGG é constituído de regras lexicais. Tal afirmação é patente por três razões principais a ser apresentadas separadamente.

No que diz respeito à primeira característica, sabe-se que as regras lexicais interagem na estrutura interna das palavras. Nos exemplos supracitados, a categoria do item, se verbal ou nominal, é um fator condicionante para a atribuição do acento em PGG e em suas línguas-filhas. Se a regra de acento em PGG tem acesso à informação categorial do item, logo a regra de acento é lexical, referindo-se à estrutura interna da palavra. Além disso, as regras lexicais podem apresentar exceções, regras pós-lexicais, por seu turno, não podem. Como observado, embora haja padrões acentuais prefinal e final, sensíveis ao peso silábico, o PGG apresenta itens que fogem ao padrão mencionado, contudo o acento antepenúltimo é raro. Por fim, as regras lexicais precedem todas as aplicações das regras pós-lexicais. Em PGG, a atribuição do acento ocorre nos primeiros estratos de formação dos itens, cuja acentuação ocorre antes mesmo de o item ser segmentado em sílabas. Dessa maneira, a atribuição acentual é incipiente não só com relação às regras pós-lexicais, como também às demais regras lexicais de outros estratos, o que caracteriza o acento em PGG como uma regra lexical genuína.

Ademais, podem-se observar exemplos de que a regra de acento é aplicada nos primeiros estratos da formação do item em (11) e em (12).

(11) \*mɛNdu<sub>198</sub> ‘temer’ >

[mẽdu] (ST)

[mẽdu](FA)

[mẽdu] (LI)

[mẽdu] (AN)

(12) \*kupi<sub>49</sub> ‘saliva’ >

[ku'pi] (ST)

[ku'pi] (LI)

[ku'pi] (AN)

Em (11), há itens que, embora sejam verbos, são prefnais, fugindo ao padrão acentual apresentado pelos verbos em PGG e em suas línguas-filhas. Em (12), por seu turno, são apresentados itens nominais que são finais ainda que a última sílaba seja leve. Ao se considerarem os estratos de aplicação de regras, sabe-se que, de acordo com *Fonologia Lexical*, as regras morfológicas e fonológicas podem ser aplicadas no mesmo estrato, entretanto a operação morfológica precede aplicação de uma regra fonológica. Em outras palavras, o *output* de cada regra morfológica transforma-se no *input* de regras fonológicas como em (13).

(13) *Primeiro estrato* - Regra Morfológica: definição categorial

[mɛNdu]<sub>nome</sub>

*Primeiro estrato* - Regra Fonológica: acento

[mɛNdu]<sub>nome</sub>

*Segundo estrato* - Regra Morfológica: redefinição categorial

[mɛNdu]<sub>verbo</sub>

Em (13), no primeiro estrato, inicialmente aplicou-se a regra morfológica que define a que categoria o item \*mɛNdu<sub>198</sub> ‘temer’ pertence, se nominal ou verbal. Em



seguida, o item, já categorizado, é o *input* para a aplicação da regra fonológica de acento que, ao acessar a informação de que o item era um nome, obedece ao padrão acentual prefinal, uma vez que a última sílaba não é pesada. No segundo estrato, a regra morfológica foi reaplicada — sendo, por conseguinte, uma regra lexical cíclica — e alterou a categoria do item de nome para verbo. Em contrapartida, a regra fonológica de acento não foi reaplicada, uma vez que é uma regra lexical não cíclica, ou seja, somente é aplicada uma vez no primeiro estrato.

Em (14), de maneira análoga ao último exemplo mencionado, primeiramente aplicou-se a regra morfológica que define a categoria do item que, nesse caso, foi definida como verbo. Em seguida, a regra fonológica de acento foi aplicada a partir do *output* da regra morfológica. Desse modo, a regra de acento, ao tomar o item com categoria de verbo, atribuiu o acento à última sílaba, procedimento padrão nos verbos em PGG. No segundo estrato, a regra morfológica foi reaplicada implicando uma mudança de categoria do item que passa de verbo a nome. No entanto, como a regra de acento não é reaplicada no segundo estrato, não há alteração acentual do item. Por essa razão, tem-se um nome que, como era originalmente um verbo, tem acento final embora a última sílaba seja leve.

- (14) *Primeiro estrato* - Regra Morfológica: definição categorial  
 [kupi]<sub>verbo</sub>  
*Primeiro estrato* - Regra Fonológica: acento  
 [ku'pi]<sub>verbo</sub>  
*Segundo estrato* - Regra Morfológica: redefinição categorial  
 [ku'pi]<sub>nome</sub>

Como fora observado o acento pode ser caracterizado como uma regra lexical não cíclica, ou seja, uma regra que não é reaplicada no processo de derivação do item. Embora não seja possível reaplicar a regra de acento em PGG, notou-se que, nos contextos em que há choque acentual ou *clash* de itens compostos, ocorre o deslocamento de um dos acentos como em \*kɔta bɛga<sub>322</sub> ‘caçula’ em (15).

(15) (a) Choque

(b) Deslocamento

$$\begin{array}{cc} \left( \begin{array}{c} \phantom{x} \\ \cdot \quad x \end{array} \right) & \left( \begin{array}{c} x \\ x \quad \cdot \end{array} \right) \\ k\text{ɔ} \quad ,\text{ta} & 'b\text{ɛ} \quad \text{ga} \end{array} \qquad \begin{array}{cc} \left( \begin{array}{c} \phantom{x} \\ x \end{array} \right) & \left( \begin{array}{c} x \\ x \quad \cdot \end{array} \right) \\ \left( \begin{array}{c} x \\ ,k\text{ɔ} \quad \text{ta} \end{array} \right) & \left( \begin{array}{c} x \\ 'b\text{ɛ} \quad \text{ga} \end{array} \right) \end{array}$$

Em (15)(a), nota-se que \*kɔta bɛga<sub>322</sub> apresenta sílabas com acentos adjacentes. Desse modo, em (15)(b), o acento em \*kɔta se desloca para a penúltima sílaba, impedindo o choque. Considerando que tanto \*kɔta<sub>180</sub> ‘cortar’ quanto \*bɛga<sub>38</sub> ‘barriga’ também fazem parte do *corpus* isoladamente, pode-se afirmar que a regra de deslocamento é pós-lexical, sendo aplicada sempre depois de todas as aplicações das regras lexicais. Logo, o deslocamento não deve ser considerado como um caso de re-aplicação da regra de atribuição de acento, mas resultado de uma regra pós-lexical. Para fins de comparação, podemos observar (16):

(16) \*desu paga ‘obrigado’

$$\begin{array}{cc} \left( \begin{array}{c} \phantom{x} \\ x \end{array} \right) & \left( \begin{array}{c} \phantom{x} \\ \cdot \quad x \end{array} \right) \\ \left( \begin{array}{c} x \\ ,de \quad su \end{array} \right) & \left( \begin{array}{c} \cdot \quad x \\ pa \quad 'ga \end{array} \right) \end{array}$$

Em (16), não ocorreu a aplicação da regra de deslocamento, haja vista que não há sílabas com acentos adjacentes. Desse modo, os acentos primário e secundário não sofrem alteração quanto ao acento original e obedecem ao padrão prefinal para os nomes e final para os verbos.

Na próxima seção, serão analisados os processos fonético-fonológicos e morfológicos observados durante a análise dos dados.

## 4.6 PROCESSOS FONOLÓGICOS

Essa seção é dedicada à discussão acerca dos processos fonológicos que promoveram as várias alterações dos protofonemas no processo de formação das línguas-filhas. A análise empreendida tem como objetivo tratar dos principais processos fonológicos observados. Para isso, a seção 4.6.1 tratará das estratégias de reparo das línguas-filhas em relação às líquidas (\*r e \*l). Em 4.6.2, será a vez de discutir o processo de nasalização envolvendo a coda nasal. Adiante, um padrão de redução silábica, exclusivo ao *lung'ie*, será apresentado (4.6.3). Em 4.6.4, veremos o processo de palatalização. Em 4.6.5, trataremos do fenômeno de aglutinação vocálica. Por fim, discutiremos sobre a pressuposta presença de harmonia vocálica nas línguas-filhas na 4.6.6.

### 4.6.1 Líquidas: estratégias de reparo

A partir da observação e cotejo dos dados, pôde-se conjecturar que o PGG apresentava, em seu quadro fonológico, três consoantes líquidas: duas laterais, \*l, \*ʎ, e um rótico, \*r<sup>6</sup>. As três consoantes foram reconstruídas em posição de onset, como em (17-a); \*l e \*r podem ocupar a posição de coda, como em (17-b), mas somente a lateral \*l pode ocupar a segunda posição do onset complexo em (17-c). Os reflexos das líquidas nas línguas-filhas não podem ocupar as posições mencionadas integralmente, em *lung'ie*, por exemplo, a consoante /r/ ocupa a posição do onset simples, no entanto, não ocupa a segunda posição de um onset complexo ou coda.

---

<sup>6</sup> Araujo, Bhatt & Hagemeyer (2012) realizaram o primeiro estudo a identificar as consoantes coronais como decisivas no que tange ao tratamento das consoantes líquidas em *santome*, *fa d'ambô*, *lung'ie* e *angolar*. O trabalho pioneiro dos pesquisadores mencionados foi o ponto de partida para a reconstrução das protoformas \*r e \*l em coda e \*l no onset complexo. Araujo, Bhatt & Hagemeyer (2012), embora não tenham realizado uma reconstrução do protocrioulo, ofereceram a este estudo uma pista fulcral, indicando qual direção tomar nas análises. Por essa razão, agradecemos aos pesquisadores pela divulgação do trabalho.

Diante de impossibilidades como essa, não só o *lung'ie* mas também as demais línguas apresentam estratégias de reparo quanto às líquidas, às vezes semelhantes, às vezes distintas, que serão analisadas, nas subseções seguintes, de acordo com a qualidade da consoante, se rótico ou lateral, e com a posição que a consoante ocupa na sílaba, se em onset ou em coda.

- (17) a. Onset simples: \*liNpu<sub>372</sub> ‘limpo’, \*rizu<sub>387</sub> ‘duro’, \*zuʔu<sub>437</sub> ‘julho’.  
 b. Coda: \*pertu<sub>464</sub> ‘perto’, \*maldadi<sub>86</sub> ‘maldade’.  
 c. Onset complexo: \*gleza<sub>268</sub> ‘igreja’.

No que tange ao cenário linguístico e histórico das líquidas no período de colonização portuguesa, entre os séculos XV e XIX, o português, ao lado do espanhol, já apresentava, em seu inventário, além das laterais /l/ e /ʎ/, o par distintivo de /r/ e /r̄/, como em ca/r̄/o ‘caro’ e ca/r/o ‘carro’. Durante o período mencionado, em contrapartida, os dois fonemas róticos se encontravam em uma distribuição alofônica, em que /r/ se realizava como um tepe alveolar em todos os ambientes, salvo em início de palavra e ao suceder ou preceder uma consoante nasal. Nesses três contextos, /r/ realizava-se como vibrante [r] (CLEMENTS, 2014), como em (18):

- (18) /r/ → [r] (CLEMENTS, 2014: 345)  
 a. #\_ (exemplo: /rei/ → [ˈrej] ‘rei’)  
 b. N\_ (exemplo: /onra/ → [ˈon-ra] ‘honra’)  
 c. \_N (exemplo: /karne/ → [ˈkar-ne] ‘carne’)

A partir da análise do inventário de róticos do português, falado no período de colonização na África, esse estudo se coaduna com a proposta de Clements (2014: 345) de que o *input* que os membros não portugueses das comunidades crioulas receberam dos falantes de português, com quem tinham contato, apresentava a distinção entre /r/ e /r̄/ — embora essa distinção possa ter sido irrelevante na formação do PGG.

É preciso considerar também o alcance do substrato na formação do protocrioulo. Algumas línguas da região do Delta do Níger, importantes nos primeiros anos de colonização de São Tomé e Príncipe, apresentavam o elemento rótico em suas fonologias (HAGEMEIJER, 2011), ao passo que não se pode dizer o mesmo acerca das línguas banto ocidentais (BENTLEY, 1887). Como o lung'ie foi, possivelmente, uma das primeiras línguas a ser ramificadas do PGG — em um período anterior à chegada de escravos falantes de banto a São Tomé — tal língua apresentou condições favoráveis de preservação de um elemento rótico português e africano, via convergência linguística autoalimentada pelo *input* no cadinho multilíngue de São Tomé. Contudo, o lung'ie é a única língua do cluster a apresentar uma vibrante /r/ em seu inventário. Por outro lado, o santome, angolar e fa d'ambô — por terem mais contato com o substrato banto — não apresentaram elementos róticos nas fonologias, possivelmente pela falta de convergência que propiciou a emergência de outros traços. Nesse sentido, no que diz respeito ao par fonêmico /r/ e /r/, Clements (2014: 352) constatou que tal distinção não se reteve nas línguas crioulas de base portuguesa do GG, devido à sua ecologia e à sua própria dinâmica<sup>7</sup> envolvida no processo de mudança de cada língua. A afirmação de Clements (2014) pode ser corroborada pela análise dos dados. De acordo com os itens reconstruídos, desde o seu surgimento, o PGG não manteve a distinção fonológica /r/ e /r/, retendo apenas um elemento rótico, reconstruído como \*r. Com base nos reflexos das línguas-filhas — em especial o santome —, não há indicações de que a segunda posição de onset permitisse a consoante /r/, mas apenas /l/ como em \*plε.tu<sub>98</sub> > [pletu] 'preto' (ST). Na posição de coda, por outro lado, há evidências que apontam a distinção entre o rótico e a lateral nas protoformas, conforme os reflexos apresentados pelo fa d'ambô — única das quatro línguas a permitir que a lateral ocupe a coda, posição refratária ao rótico —, como em \*pεr.tu<sub>464</sub> > [pɛ:tu] 'perto' (FA) (apagamento do rótico seguido pelo alongamento compensatório) e em \*al.ma<sub>439</sub> > [alma] 'alma'

<sup>7</sup>Para maiores detalhes sobre as razões que impediram a manutenção da distinção fonológica entre /r/ e /r/ nas línguas-filhas do PGG, confira Clements (2014).

(FA). Somado a isso, o lung'ie, única língua do cluster a apresentar um rótico /r/, nos dados do *corpus*, além de somente apresentar /r/ na posição de onset simples, não manteve outrossim a distinção fonológica contemporaneamente. No lung'ie sincrônico, [r] e [ɾ] se encontram em variação livre, em início de sílaba como em [ˈsɛrɐ]<sub>532</sub> e [ˈsɛrɐ] ‘serra’ e, em início de sílaba, diante da aproximante, como em [uˈrja]<sub>55</sub> e [uˈrja] ‘orelha’. No entanto, /r/ é realizado exclusivamente como [ɾ] como segundo elemento do onset como em [kraˈva] ‘cravar’ (AGOSTINHO, 2015: 40).

#### 4.6.1.1 Líquidas no onset: estratégias de reparo

Na posição de onset, \*l e \*ɭ foram mantidos plenamente, salvo em angolar, língua que não apresenta a lateral palatal em seu inventário, substituindo, dessa maneira, mais frequentemente, pela lateral (\*ɔɾɛɭa<sub>55</sub> > [ɔˈlja] ‘orelha’). A vibrante \*r, por seu turno, é mantida na posição de onset apenas pelo lung'ie, — cujo inventário apresenta a vibrante —, ao passo que as demais línguas recorrem ao lambdacismo como uma estratégia de reparo na adaptação dessa consoante inexistente nos quadros fonológicos das três línguas-filhas. O processo de *lambdacismo* envolve a substituição de sons róticos, como a vibrante /r/, pela consoante lateral alveolar /l/. Em (19-a), tem-se \*r, em posição de onset em início de palavra, sendo substituído por /l/. O exemplo (19-b) refere-se à substituição de \*r por /l/ em posição de onset no meio da palavra.

(19) \*r → l / \_V

a. \*rabu<sub>35</sub> ‘rabo’ >

**labu** [ˈlabu] (ST)

**labu** [ˈlabu] (FA)

**labu** [ˈlabu] (AN)

b. \*sera<sub>233</sub> ‘cheirar’ >

**sela** [sɛˈla] (ST)

**sela** [sɛ'la] (FA)

**thela** [θɛ'la] (AN)

Para a segunda posição de onset complexo no PGG, constatou-se que a única consoante possível foi a lateral alveolar \*l. Ainda que todas as quatro línguas possuam tal segmento, somente o santome aceita a formação de onsets complexos. Por conseguinte, essa característica silábica do santome o afasta das demais línguas quanto às estratégias de reparo das consoantes líquidas, quer na segunda posição de onset complexo (\*l), quer na posição de coda (\*r e \*l) (ver 4.6.1.2). No tocante ao onset complexo no PGG, o santome é a única língua a mantê-lo *in situ* como em (20):

- (20) a. \*klosu<sub>452</sub> ‘caroço’ > [klosu] (ST)  
 b. \*dletu<sub>355</sub> ‘direito’ > [dletu] (ST)  
 c. \*dlete<sub>147</sub> ‘derreter’ > [dle'te] (ST)  
 d. \*blasu<sub>40</sub> ‘braço’ > [blasu] (ST)  
 e. \*kubli<sub>183</sub> ‘cobrir’ > [ku'bli] (ST)

Em contrapartida, o fa d'ambô, o lung'ie e o angolar, diante de um onset complexo, geralmente apresentam a síncope do \*l. No entanto, se o cluster se encontrar na primeira sílaba, o lung'ie, o angolar e o fa d'ambô apresentam, além da síncope do protofonema \*l, o alongamento compensatório como em (21).

- (21) a. \*klosu<sub>452</sub> ‘caroço’ >  
           [xo:su] (FA)  
           [ko:] (LI)  
           [ko:θu] (AN)  
 b. \*dletu<sub>355</sub> ‘direito’ >  
           [dɛ:tu] (FA)  
           [dɛ:tu] (LI)  
           [dɛ:tu] (AN)

- c. \*blasu<sub>40</sub> ‘braço’ >  
     [‘ba:su] (FA)  
     [u‘ba:su] (LI)  
     [‘ba:su] (AN)

Se o \*l, por outro lado, encontra-se em onset complexo na segunda sílaba somente o angolares e o lung’ie irão exibir o apagamento da consoante líquida como em (22).

- (22) a. \*kubli<sub>183</sub> ‘cobrir’ >  
         [ku‘bi] (LI)  
         [ku‘bi] (AN)  
     b. \*fεble<sub>115</sub> ‘febre’ >  
         [‘fεbi] (LI)  
         [‘fεbε] (AN)

Em fa d’ambô, com relação ao onset complexo na segunda sílaba, o \*l é mantido por meio da estratégia de reparo de adição — inserção de uma vogal semelhante à nuclear (vogal-cópia), pois, nesse exemplo, apesar de média, as vogais são [+ATR]. Assim, a lateral alveolar passa a ocupar o onset da nova sílaba criada pela inserção como em (23):

- (23) a. \*kubli<sub>183</sub> ‘cobrir’ > [ku‘bili] (FA)  
     b. \*fεble ‘febre’ > [‘fibili] (FA)  
     c. \*pɔbli<sub>384</sub> ‘pobre’ [‘pobili] (FA)  
     d. \*kɔblo<sub>71</sub> ‘cobra’ > [‘xobolo] (FA)

O apagamento, aliado ao alongamento compensatório, e a adição vocálica no contexto em que o \*l se encontra em onset complexo não estão condicionados ao acento nas línguas-filhas. A independência dos processos mencionados quanto ao acento é patente ao analisar itens como em (24) em que o onset complexo se encontra numa sílaba átona. Assim, chega-se à conclusão de que a posição do onset complexo



na primeira sílaba é um fator condicionante para que se engatilhem o apagamento e o alongamento compensatório nas três línguas, sendo também fator inibidor à adição da vogal cópia no fa d'ambô. Em contrapartida, o santome, ao permitir onsets complexos, irá manter invariavelmente tais estruturas *in loco* — em qualquer sílaba da palavra.

- (24) \*dlete<sub>147</sub> 'derreter' >  
       [dle'te] (ST)  
       [de:'te] (FA)  
       [de:'te] (LI)  
       [de:'te] (AN)

O fa d'ambô, o lung'ie e o angular podem não apresentar os mesmos padrões quanto ao alongamento compensatório em duas situações: (*i*) quando os itens exce- diam duas sílabas — salvo em fa d'ambô; (*ii*) quando a sílaba com o onset complexo apresentava também uma coda — nas três línguas. Em ambos os contextos, observa- se um apagamento da consoante lateral sem o alongamento como em (25) no tocante ao contexto (*i*) e em (26) para (*ii*).

- (25) a. \*sikleve<sub>236</sub> 'escrever' >  
       [ʃike've] (LI)  
       [sike've] (AN)  
       b. \*obliga<sub>207</sub> 'obrigar' >  
       [obi'ga] (LI)  
       [obi'ga] (AN)  
       c. \*igligu<sub>292</sub> 'fumaça' >  
       [igi'gu] (LI)  
       [i'ligu] (AN)
- (26) a. \*pleNde<sub>215</sub> 'perder' >  
       [pẽ'de] (FA)  
       [pe'de] (LI)

- [pẽ'de] (AN)
- b. \*flɛSku<sub>359</sub> 'fresco' >
- ['fɛsku] (FA)
- ['fɛ]ku] (LI)
- ['fɛku] (AN)

No que diz respeito à ausência do alongamento vocálico quando a sílaba do onset complexo apresentava coda, pode-se conjecturar que as três línguas rejeitam sílabas com mais de duas moras. Assim, se considerarmos que, em tais línguas, sensíveis ao peso silábico, a mora é atribuída ao núcleo e à coda, nesse contexto, o alongamento vocálico é bloqueado.

Além disso, nos verbos, em lung'ie e/ou em angolar, não foi observado alongamento embora o contexto fosse condicionante como em (27). Nesse caso, a categoria gramatical verbo pode ter sido, no desenvolvimento das línguas, opaca ao processo.

- (27) a. \*klese<sub>173</sub> 'crescer' >
- [ke'se] (LI)
- [ke'se] (AN)
- b. \*plɛsa<sub>216</sub> 'emprestar' >
- [pɛ'sa] (LI)
- [pɛ'θa] (AN)
- c. \*plɛga<sub>214</sub> 'pregar' >
- [pɛ'ga] (LI)
- [pɛ'ga] (AN)
- d. \*klaga<sub>172</sub> 'carregar' >
- [ka'ga] (LI)

#### 4.6.1.2 *Líquidas em coda: estratégias de reparo*

As quatro línguas-filhas apresentam codas refratárias às líquidas, sobretudo à vibrante. No cotejo dos dados, observou-se que as estratégias de reparo, além de diferirem entre as línguas, também diferem quanto à consoante líquida na coda — se \*r ou \*l. Serão analisados primeiramente os itens com a coda ocupada por \*r, posteriormente, nessa seção, serão vistos os itens com coda ocupada por \*l.

As estratégias de reparo quanto ao \*r dividem, mais uma vez, o santome das demais línguas. Enquanto, em santome, pode haver uma metátese ou um apagamento total da líquida; em lung'ie, fa d'ambô e angolar, o \*r é apagado categoricamente e tal apagamento pode ser seguido ou não de um alongamento vocálico.

Quanto ao apagamento nas quatro línguas, seguido de alongamento — em fa d'ambô, lung'ie, angolar —, o fator que impõe as condições para o apagamento em todas as línguas, exceto em fa d'ambô, é o traço [coronal]. Por conseguinte, antes de uma consoante coronal, a vibrante é apagada em santome, em lung'ie e em angolar como em (28):

- (28) a. \*karni<sub>12</sub> 'carne' >  
           ['kani] (ST)  
           [u'kani] (LI)  
           ['kani] (AN)
- b. \*kurtu<sub>369</sub> 'curto' >  
           ['kutu] (ST)  
           ['kutu] (LI)  
           ['kutu] (AN)

Em fa d'ambô, por outro lado, o apagamento da líquida não é impedido pelo traço coronal da consoante adjacente, implicando, por isso, um alongamento da vogal como em (29).

- (29) a. \*karni<sub>12</sub> ‘carne’ > [ˈxa:ni] (FA)  
 b. \*kurtu<sub>369</sub> ‘curto’ > [ˈku:tu] (FA)

A independência do alongamento vocálico com relação ao traço coronal adjacente, em fa d’ambô, foi uma importante evidência de que houve, no PGG, um elemento rótico em coda devido a dois fatores. O primeiro se refere ao fato de que, se houve alongamento na língua, existiu um elemento apagado conforme o cotejo dos dados demonstrou em fa d’ambô. Além disso, a prova de que esse elemento se encontrava em coda pode ser comprovada nos cognatos das línguas-irmãs, tendo em vista que, nesses, o traço coronal só é condicionante, se a líquida estiver em coda (em (28)) — logo adjacente ao traço —, se a líquida estiver na segunda posição do onset, o traço coronal não apresenta qualquer influência — em virtude da sua não contiguidade. O segundo fator diz respeito à natureza da consoante líquida reconstruída em contextos como em (29). De acordo com os dados em fa d’ambô em conjunto com suas restrições silábicas, pode-se afirmar que a líquida em PGG se tratava da vibrante \*r, uma vez que o fa d’ambô apresentou condições de manter, frequentemente, uma consoante em coda se a mesma em questão fosse \*l como em \*kalma > [ˈxalma]. Diante dessa conjuntura de fatos, reconstruiu-se a consoante \*r na posição de coda em \*karni e \*kurtu como em (28) e em (29).

Quando a consoante \*r encontra-se em coda antes de uma consoante não coronal no PGG, por sua vez, o lung’ie e o angolar, em conjunto com o fa d’ambô, exibem o apagamento da líquida, bem como apresentam vogais longas como em (31).

- (30) a. \*purga<sub>217</sub> ‘purgar’ >  
           [pu:ˈga] (FA)  
           [pu:ˈga] (LI)  
           [pu:ˈga] (AN)

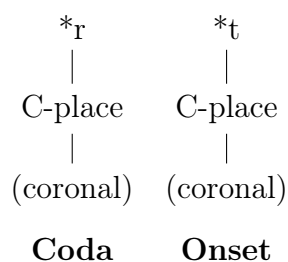
- b. \*barga<sub>131</sub> ‘desfazer’ >  
     [ba:'ga] (FA)  
     [ba:'ga] (LI)  
     [ba:'ga] (AN)

Diante do traço não coronal, o santome, por outro lado, não exibe o apagamento, mas o lambdacismo seguido de metátese. Contudo, postulamos, nesse caso, que a consoante \*r sofre o lambdacismo ainda em coda. Em um estágio intermediário, a coda \*l sofre a metátese, instalando-se como segundo elemento em um onset complexo.

- (31) a. \*purga<sub>217</sub> ‘purgar’ > **pulga** > **pluga** [plu'ga] (ST) (\*pur > \*pul > plu)  
     b. \*barga<sub>131</sub> ‘desfazer’ > **balga** > **blaga** [bla'ga] (ST) (\*bar > \*bal > bla)

Ao constatar a influência do traço coronal para o bloqueio ou liberação do apagamento absoluto — no caso do lung’ie e angolar — e do lambdacismo e da metátese — no caso do santome —, pode-se conjecturar tal condicionamento como resultado da ação do *Princípio do Contorno Obrigatório* (OCP) (LEBEN, 1973; MCCARTHY, 1986). De acordo com OCP, segmentos adjacentes idênticos num determinado *tier* devem ser evitados.

- (32) \*kurtu<sub>369</sub> \*r → ø / \_C<sub>[coronal]</sub>



Desse modo, o traço [coronal] da consoante \*r, ao estar adjacente a uma consoante com traço idêntico (em (33), [t]), engatilha o acionamento do OCP. Tal princípio leva ao apagamento absoluto da coda coronal em santome, lung’ie e angolar.

(33) \*kurtu<sub>369</sub> ‘curto’ > **kutu** [ˈkutu] (ST, LI, AN) \*r → ø / \_\$C<sub>cor</sub>

x	x	x	x	x		x	x	x	x
		⋮			→				
*k	*u	*r	*t	*u		k	u	t	u

Em fa d’ambô, ao que parece, o \*r, mesmo nesse contexto, não é apagado plenamente, deixando uma unidade de tempo (representada por x) que é ligada à raiz da vogal que se encontra adjacente, acarretando o alongamento vocálico.

(34) \*kurtu<sub>369</sub> ]‘curto’ > **kuutu** [ˈku:tu] (FA) \*r → V<sub>longa</sub> / \_\$C

x	x	x		x	x	x
		⋮	→		∨	
*k	*u	*r		k	u:	

No contexto em que a consoante \*r está em coda diante de uma consoante não coronal — dorsal ou labial —, o lung’ie e o angolar se unem ao fa d’ambô, pois exibem o apagamento seguido do alongamento compensatório como em (35):

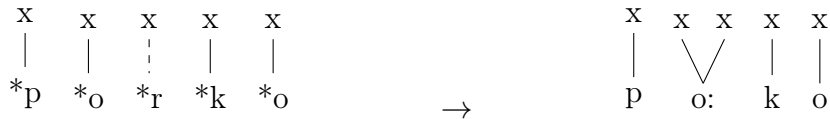
(35) \*porko<sub>79</sub> ‘porco’ > **pôoko** [ˈpo:ko] \*r → V<sub>longa</sub> / \_\$C<sub>[dorsal], [labial]</sub> (LI/AN)

*r	*k
C-place	C-place
(coronal)	(dorsal)
<b>Coda</b>	<b>Onset</b>

O apagamento da vibrante em fa d’ambô, lung’ie e angolar ocorre, pois as línguas-filhas do PGG apresentam codas refratárias aos róticos. Desse modo, a estratégia de reparo diante de um rótico na coda, nessas línguas, é usualmente o apagamento que pode ser total (\*r → ø / \_\$C<sub>[cor]</sub>), se os traços adjacentes das consoantes forem

idênticos — no caso do lung'ie e angolar—, ou parcial caso o OCP não seja acionado, levando ao alongamento compensatório ( $*r \rightarrow \emptyset > V: / V\_ \$C_{[dor, lab]}$ ).

- (36)  $*porko_{79}$  'porco' (Apagamento)  $>$  [po:ko] (LI, AN) ['po:xo] (FA) (Alongamento)



Em santome, se o OCP não é acionado, a consoante  $*r$  passa primeiramente pelo lambdacismo ( $*r > l$ ), em seguida, no processo de silabificação, a consoante /l/ por não poder ocupar a coda, passa à segunda posição do onset complexo — estrutura possível em santome.

- (37)  $*porko_{79} > *polko$  (Lambdacismo)  $>$  [ploko] (ST) (Metátese)



Desse modo, quanto ao ordenamento de regras nas línguas-filhas no que diz respeito ao  $*r$  em coda, chegamos a algumas constatações. A primeira se refere à importância do contexto de  $*r$  em coda medial, se contíguo ou não ao traço coronal ( $/*r \$C_{[cor]}$ ) em santome, lung'ie e angolar. A adjacência ao traço mencionado engatilha o OCP que condiciona o apagamento total da coda coronal ou a metátese do elemento em coda em santome, em lung'ie e angolar, por outro lado, pode levar ao apagamento total ou ao alongamento compensatório. No caso do santome (Quadro 167), se o OCP for acionado, há o apagamento da coda coronal, se o OCP não for engatilhado, em contrapartida, o santome primeiramente apresenta o lambdacismo da líquida ( $*r > *l$ ), seguido pela metátese ( $l_{coda} > l_{onset}$ ). Quanto ao lung'ie e ao angolar (Quadro 168), no contexto de adjacência ao traço [coronal] ( $/*r \$C_{[cor]}$ ), o acionamento do OCP implicou apagamento total. Na ausência da aplicação da regra, ambas as línguas apagaram, primeiramente, a consoante  $*r$  e, em seguida,

apresentaram o alongamento da vogal adjacente à esquerda da consoante apagada ( $*Vr \rightarrow VV\emptyset$ ). O fa d'ambô (Quadro 169) demonstrou não estar sujeito ao OCP, de modo que apresentou o apagamento seguido de alongamento compensatório, independentemente do contexto ( $*Vr \rightarrow VV\emptyset$ ).

Processo	OCP	( $*r > \emptyset$ )	( $*r > *l$ ) <sub>1</sub>	( $l_{\text{coda}} > l_{\text{onset}}$ ) <sub>2</sub>
$*r \rightarrow \emptyset / \_ \$C_{[\text{cor}]}$	ativo	✓	bloqueio	bloqueio
$*r_{\text{coda}} \rightarrow l_{\text{onset}} / \_ \$C_{[\text{lab, dor}]}$	inativo	—	✓	✓

Quadro 167: \*r em coda: ação do OCP — santome (Os números 1 e 2 indicam o ordenamento de regra).

Processo	OCP	( $*Vr > V\emptyset$ )	( $*Vr > *V\emptyset$ ) <sub>1</sub>	( $V:\emptyset$ ) <sub>2</sub>
$*Vr \rightarrow V\emptyset / V \_ \$C_{[\text{cor}]}$	ativo	✓		bloqueio
$*Vr \rightarrow VV\emptyset / V \_ \$C_{[\text{lab, dor}]}$	inativo	—		✓

Quadro 168: \*r em coda: ação do OCP — lung'ie e angular (Os números 1 e 2 indicam o ordenamento de regra).

Processo	OCP	( $*Vr > V\emptyset$ )	( $*Vr > *V\emptyset$ ) <sub>1</sub>	( $V:\emptyset$ ) <sub>2</sub>
$*Vr \rightarrow V\emptyset / V \_ \$C_{[\text{cor}]}$	inativo	—		✓
$*Vr \rightarrow VV\emptyset / V \_ \$C_{[\text{lab, dor}]}$	inativo	—		✓

Quadro 169: \*r em coda: ação do OCP — fa d'ambô (Os números 1 e 2 indicam o ordenamento de regra).

As estratégias de reparo quanto ao \*l em coda também indicam o fator condicionante do traço coronal da consoante na sílaba seguinte em todas as línguas, salvo em fa d'ambô. Por conseguinte, quanto ao \*l em coda diante do traço coronal no PGG, o santome, o angular e o lung'ie apagam a consoante líquida, em (38) e em (39):

- (38) \*maldadi<sub>86</sub> 'maldade' >  
 [ma'dad̥zi] (ST)  
 [ma'dadi] (AN)



- (39) \*falta<sub>151</sub> ‘faltar’ >  
       [fa'ta] (ST)  
       [fa'ta] (LI)  
       [fa'ta] (AN)

O fa d'ambô exhibe, por seu turno, além do apagamento da consoante líquida, o alongamento compensatório (ver 4.6.1.3) como se pode observar em (40) e em (41):

- (40) \*maldadi<sub>86</sub> ‘maldade’ >  
       [ma:'dadi] (FA)

- (41) \*falta<sub>151</sub> ‘faltar’ >  
       [fa:'ta] (FA)

Em contexto em que o \*l estava diante de uma consoante não coronal, o santome exhibe metátese, em que o \*l da posição de coda alça à segunda posição do onset complexo, em (42), ao passo que o lung'ie e o angular apagam a consoante líquida em (43). O fa d'ambô, por sua vez, apresenta o apagamento da líquida e o alongamento vocálico, como em (44):

- (42) a. \*salva ‘salvar’ >  
       [ʃla'va] (ST)

- (43) a. \*salva ‘salvar’ >  
       [sa'va] (LI)  
       [θa'va] (AN)

- (44) a. \*salva ‘salvar’ >  
       [sa:'va] (FA)

Nos Quadros 170, 171 e 172, o ordenamento das regras quanto ao \*l em coda pode ser conferido em santome, fa d'ambô, lung'ie e angular.

Processo	OCP	(*l > ∅)	(l <sub>coda</sub> > l <sub>onset</sub> )
*l → ∅ / _ \$C <sub>[cor]</sub>	ativo	✓	bloqueio
*l <sub>coda</sub> → l <sub>onset</sub> / _ \$C <sub>[lab, dor]</sub>	inativo	—	✓

Quadro 170: \*l em coda: ação do OCP — santome.

Processo	OCP	(*Vl > V∅)	(*Vl > *V∅) <sub>1</sub> (V:∅) <sub>2</sub>
*Vl → V∅ / V _ \$C <sub>[cor]</sub>	inativo	—	✓
*Vl → VV∅ / V _ \$C <sub>[lab, dor]</sub>	inativo	—	✓

Quadro 171: \*l em coda: ação do OCP — fa d'ambô (Os números 1 e 2 indicam o ordenamento de regra).

Processo	OCP	(*Vl > V∅)	(*Vl > *V∅) <sub>1</sub> (V:∅) <sub>2</sub>
*Vl → V∅ / V _ \$C <sub>[cor]</sub>	ativo	✓	bloqueio
*Vl → VV∅ / V _ \$C <sub>[lab, dor]</sub>	inativo	✓	—

Quadro 172: \*l em coda: ação do OCP — lung'ie e angolar.

No conjunto de cognatos relativo à \*alma<sub>439</sub>, mesmo não estando diante de um traço coronal, o santome não exibiu metátese. Pode-se conjecturar que a metátese é uma estratégia de reparo mais utilizada quando a sílaba apresenta um onset. Na ausência de um onset na sílaba que, por metátese do \*l, transformar-se-ia em onset complexo, a referida língua se junta às demais ao adicionar uma vogal, provocando uma ressibilaficação do item como em (45). Ao permitir, em algumas circunstâncias, que a consoante líquida alveolar ocupe a coda, o fa d'ambô a mantém *in situ*.

- (45) a. \*alma<sub>439</sub> 'alma' >
- [alima] (ST)
  - [alma] (FA)
  - [alima] (LI)
  - [alima] (AN)

Por meio da inserção vocálica, em santome, lung'ie e angolar, foi possível transformar uma sílaba fechada em aberta. A adição vocálica com tal objetivo foi observada também em edo, um dos elementos do substrato do PGG. O edo possui um padrão de sílaba aberta, o que significa que todas as palavras terminam em vogal,

sem exceção (AGHEYISI, 1990:23). Por essa razão, todos os itens de empréstimos, sobretudo do inglês, que terminam em consoante ou contêm onsets complexos, são sempre modificados para uma estrutura de sílaba aberta, como em (46):

- (46) a. *cupboard* ['kʌbəd] 'armário' (inglês) → [ekɔbɔdu]<sup>8</sup> 'armário' (edo)  
 b. *bread* ['bred] 'pão' (inglês) → [ebirɛdi]<sup>9</sup> 'pão' (edo)

Como se pôde observar nos exemplos, as sílabas fechadas tornaram-se abertas com a adição das vogais, enquanto onsets complexos foram separados também pela epêntese vocálica. Além disso, como nomes em edo devem começar com uma vogal e os empréstimos geralmente do inglês são iniciados com consoante, usualmente, o edo apresenta uma vogal como /e/ ou /i/ prefixando tais itens de empréstimo (AGHEYISI, 1990: 24).

#### 4.6.1.3 *Alongamento compensatório*

O processo, por meio do qual o apagamento de um segmento é compensado pelo alongamento de um segmento contíguo é chamado de *alongamento compensatório* (HAYES, 1989b), tal como em latim *kasnus* > *ka:nus* 'cinza' (TOPINTZI, 2006: 1). O elemento apagado, o gatilho que aciona o processo mencionado e o segmento alongado, o alvo, podem ser tanto uma vogal quanto uma consoante (CAMPOS-ASTORKIZA, 2011).

Os casos de alongamento compensatório mais documentados, dentre as línguas do mundo, envolvem o alongamento de vogais. Além disso, os tipos mais comuns de alongamento vocálico abrangem itens em que o gatilho sucede, em vez de preceder, o alvo CVC (GESS, 2011: 5). Aqui, será defendido que, nas línguas-filhas,

<sup>8</sup>Esse exemplo foi retirado de Agheyisi (1990: 24), mas a autora não fornece a transcrição do acento primário dos itens em edo, por essa razão, a transcrição do item em questão encontra-se incompleta.

<sup>9</sup>Esse exemplo também foi retirado de Agheyisi (1990: 24) e, pela mesma razão, a transcrição do item em questão encontra-se incompleta.

salvo o santome — única língua que não apresenta vogais longas —, o alongamento compensatório é engatilhado pelo apagamento do material segmental no *tier* x — as consoantes líquidas, \*r e \*l—, que deixa um vazio preenchido pelo alongamento da vogal outrora da mesma sílaba do elemento apagado. Exceto em santome, as línguas-filhas do PGG apresentam dois tipos de alongamento, progressivo e regressivo. Nos dois casos, a vogal é alongada para conservar a posição na camada segmental depois do apagamento da consoante líquida. O alongamento pode ser impedido se a consoante líquida estiver em posição de coda diante de uma consoante com o traço [coronal] em lung'ie e em angolar. Os dois tipos de alongamento serão tratados aqui, sendo o regressivo o primeiro a ser discutido. O alongamento regressivo, em *d'ambô*, lung'ie e angolar, ocorre — em um movimento da direita para a esquerda —, como em (47):

- (47) \*barga<sub>131</sub> 'desfazer' >  
       [ba:'ga] (FA)  
       [ba:'ga] (LI)  
       [ba:'ga] (AN)

Por outro lado, o alongamento, em lung'ie e em angolar, pode ser bloqueado nesse contexto CVC se a consoante gatilho \*r ou \*l estiver adjacente a uma consoante coronal na sílaba seguinte (em (48)).

- (48) \*pertu<sub>464</sub> 'perto' >  
       ['petu] (LI)  
       ['petu] (AN)

Além do contexto CVC, é possível também que o alongamento vocálico seja acionado pela consoante líquida \*l em uma posição precedente à vogal em um movimento da esquerda para direita em sílabas do tipo CCV, como em (49):

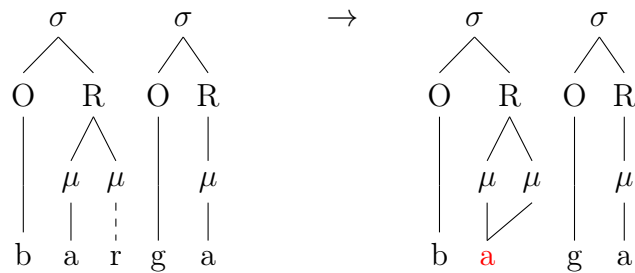
- (49) \*blasu<sub>40</sub> ‘braço’  
           [ˈba:su] (FA)  
           [uˈba:su] (LI)  
           [ˈba:su] (AN)

No contexto CCV, em lung’ie e em angolar, o alongamento compensatório só pode ocorrer se o onset complexo se encontrar em início de palavra, sendo bloqueado se estiver em posição medial de palavra como em (50):

- (50) \*sikleve<sub>236</sub> ‘escrever’ >  
           [ʃke:ˈve] (FA)  
           [ʃikeˈve] (LI)  
           [sikeˈve] (AN)

Enquanto o primeiro tipo de alongamento CVC, apresentado em (47), é considerado muito comum nas línguas do mundo (GESS, 2011), o tipo de alongamento apresentado em (49) é raro e controverso entre os estudiosos, sobretudo por servir de contraprova para a estrutura da Fonologia Moraica (HAYES, 1989b). De acordo com a tradicional abordagem proposta por Hayes (1989b), o alongamento compensatório é baseado na conservação moraica. Assim, o alongamento ocorre a fim de preservar a mora deixada após o apagamento segmental. Em outras palavras, ainda que um segmento seja apagado, a sua unidade de tempo (a mora) não é. A mora, deixada pelo segmento apagado, reassocia-se a uma unidade melódica adjacente. De acordo com essa teoria, o item \*barga ‘desfazer’, por exemplo, primeiramente, silabifica e recebe moras, em seguida a coda \*r é apagada, mas sua mora subsiste e se religa à vogal precedente, gerando o alongamento vocálico como em (51).

(51) \*barga<sub>131</sub> ‘desfazer’ > baaga (FA/LI/AN)



Portanto, o alongamento compensatório, nos termos de Hayes (1989b), deve somente ocorrer quando um segmento moraicó é deletado, ou seja, apenas o apagamento de uma vogal ou de uma consoante em coda moraicó gera alongamento. Para fazer tal generalização, a Fonologia Moraicó se baseia na suposta ausência de registros de apagamento no onset seguido de alongamento (CAMPOS-ASTORKIZA, 2011). Contudo, em línguas como o grego de samothraki<sup>10</sup>, o alongamento compensatório vocálico é engatilhado pelos róticos em posição inicial de palavra  $\underline{r}V$  ou em posição pós consonantal  $Cr\underline{V}$  —, mas não ocorre quando o segmento está em posição intervocálica  $V\underline{r}V$  ou em posição de coda  $V\underline{r}$  (TOPINTZI, 2006: 2). Embora o grego de samothraki seja geralmente referido como um dos raros casos genuínos de alongamento compensatório após a perda segmental no onset<sup>11</sup>, o fa d’ambô, o lung’ie e o angolar também se unem ao conjunto de línguas que apresenta alongamento no contexto mencionado como em (49). No entanto, diferentemente da variedade grega, as línguas-filhas apresentam outrossim o alongamento vocálico mais comum, provocado pelas consoantes líquidas em coda  $C\underline{VC}$  como em (47).

No que diz respeito às teorias que analisam o fenômeno, há duas abordagens

<sup>10</sup>O grego de samothraki é falado na ilha de Samothraki, no nordeste da Grécia e está em declínio, sendo falado principalmente pelas gerações mais velhas. Tal declínio ocorre devido às circunstâncias sociais e educacionais e ao aumento da acessibilidade ao padrão grego moderno por meio da mídia, levando as gerações mais jovens a ter pouco ou nenhum conhecimento da variedade (KATSANIS, 1996: 27; TOPINTZI, 2006: 2).

<sup>11</sup>Topintzi advoga que o onset pode não só ser o gatilho do alongamento, como no grego de samothraki, mas também o alvo do alongamento como indicam dados de outras línguas. Para maiores informações sobre o comportamento do onset e o alongamento compensatório, confira os trabalhos de Topintzi (2006) e de Campos-Astorkiza (2011).

principais: a abordagem de conservação fonética e a abordagem de conservação fonológica. Sob abordagem de conservação fonética<sup>12</sup>, o alongamento compensatório é considerado como um processo de funcionamento orientado a fim de preservar uma parte ou a totalidade da duração do material físico segmental perdido. uma das principais críticas a essa corrente é a sua assunção de que moras associadas a consoantes são equivalentes à duração daquelas associadas às vogais. De acordo com abordagem de conservação fonológica (HAYES, 1989b), por seu turno, o alongamento compensatório caracteriza-se como um processo de funcionamento orientado a fim de preservar algum aspecto da representação fonológica (uma unidade supra-segmental) associada à perda de material segmental. A principal objeção, declarada pela Teoria da Otimalidade (TO), a tal abordagem é a de que consoantes devem ter o peso atribuído antes que o apagamento aconteça, sugerindo uma análise serial — procedimento criticado pela TO (GESS, 2011: 10-15).

Como fora apresentado, o modelo de Hayes atribui o alongamento compensatório à preservação de mora, postulando também que onsets não carregam moras, logo o processo sendo acionado pelo onset seria proibido. Os dados das línguas-filhas do PGG, exceto o santome, contudo são evidências contrárias a essa visão. Diante dos dados como aqueles do grego de samothraki, Hayes (1989b) alega que o cluster /CrV/ é dividido pela epêntese vocálica, resultado em uma sequência [CVrV]. Então, o apagamento do /r/ intervocálico se aplica, sendo seguido pela fusão de [VV] para [V:]. Sob essa perspectiva, o alongamento é apenas um epifenômeno da fusão vocálica, em vez de um resultado direto de um alongamento compensatório após um apagamento no onset (TOPINTZI, 2006: 5). No caso do fa d'ambô, lung'ie e angolar, em que ocorre o alongamento vocálico após o apagamento de \*l no onset CV, a análise de Hayes (1989b) não se adequa, uma vez que seria necessário, além de admitir estágios intermediários, postular a existência de moras no input das línguas-filhas. Considerando que o input do fa d'ambô, lung'ie e angolar, o PGG, pode apresentar onset complexo como \*blasu, por exemplo, não é possível supor

---

<sup>12</sup>Cf. Timberlake (1983).

que, além de a vogal, a consoante \*l no onset carregava mora — fato proibido pela estrutura de Hayes (1989b).

um ponto ignorado pelo modelo mencionado — indicando uma falha no empirismo da teoria— reside no fato de que, se onsets não podem acionar o alongamento por serem não moraicos, se as codas podem acionar somente se assim forem e se o núcleo também pode ser alvo e gatilho do processo por ser moraicos, o apagamento do último deveria sempre causar alongamento (TOPINTZI, 2006: 32). Contudo, em línguas como chukchee, tangale (KENSTOWICZ, 1994: 96-105), klamath (ODDEN, 2005: 121) e islandês (ODDEN, 2005: 189-190), além de o apagamento do /r/, em alguns contextos, não levar ao alongamento; o apagamento do núcleo também não leva ao processo, o que levanta questionamentos quanto ao vigor da conexão entre mora e o alongamento compensatório. Topintzi (2006: 32) aponta que a eliminação de um segmento, mesmo que indiscutivelmente moraico, não garante ser compensado pelo alongamento. Tal fato faz com que a explicação para a ausência de alongamento como resultado da falta de mora se mostre menos convincente. Topintzi (2006: 32), por fim, sentencia que a ausência do processo, após o apagamento do onset, na maioria das línguas, pode simplesmente estar relacionado à escassez de alongamento nas línguas, e não à ausência de peso em si.

Ademais, Gess (2011: 15) conjectura que, desde que todos os segmentos, moraicos ou não, possuem um tempo físico a eles associado, a preservação de temporização associada à unidade de sustentação de peso pode ser geralmente privilegiada, em detrimento da preservação de unidades que não suportam peso. Contudo isso não significa que o alongamento compensatório não possa ocorrer devido ao apagamento de segmentos não moraicos. Portanto, a presente análise se coaduna com a perspectiva proposta por Topintzi (2006) e por Gess (2011), uma vez que as línguas-filhas do PGG (exceto o santome) apresentam alongamentos compensatórios, resultados de apagamentos de segmentos consonantais, sejam eles moraicos ou não.



(52) \*barga<sub>131</sub> ‘desfazer’ > [ˈba:ga] (FA/LI/AN)

\*Vr → V∅ > V: /V\_ \$C<sub>dor, lab</sub> (LI/AN)

\*Vr → V∅ > V: /V\_ \$C (FA)

$$\begin{array}{ccc} x & x & x \\ | & | & \vdots \\ *b & *a & *r \end{array} \quad \rightarrow \quad \begin{array}{ccc} x & x & x \\ | & \vee & \\ b & a: & \end{array}$$

(53) \*pletu<sub>98</sub> ‘preto’ > [ˈpɛ:tu] (FA/LI/AN)

\*IV → ∅V > V: /#C\_V (LI/AN)

\*IV → ∅V > V: /C\_V (FA)

$$\begin{array}{ccc} x & x & x \\ | & \vdots & | \\ *p & *l & *ɛ \end{array} \quad \rightarrow \quad \begin{array}{ccc} x & x & x \\ | & \vee & \\ p & \varepsilon: & \end{array}$$

Em (52) e (53), o apagamento de consoantes líquidas, \*r e \*l, leva a um alongamento vocálico em seguida. Assim, ao invés de se referir ao alongamento compensatório como resultado de um apagamento segmental no onset ou na coda, é preferível se referir ao processo como fruto de um apagamento de \*r e \*l somente, transferindo o processo de silabificação para outro estágio de derivação conforme prevê o modelo teórico da Fonologia Lexical.

#### 4.6.2 Coda nasal: realização e/ou nasalização vocálica

Em posição de coda e em início de palavra precedendo outra consoante, foi proposto, nessa análise, um arquifonema nasal \*N a fim de representar a neutralização dos fonemas nasais \*m e \*n nos dois referidos contextos. No entanto, como este estudo utiliza como *corpus* itens sincrônicos das línguas-filhas do PGG, foi possível encontrar itens em que, por exemplo, o fa d’ambô e o lung’ie apresentavam coda

nasal realizada, ao passo que o santome e o angolar apresentavam apenas vogais nasalizadas.

Por meio da cotejo dos dados, constatou-se que, nas línguas-filhas, \*N em coda apresenta dois caminhos: (i) a coda nasal pode ser realizada foneticamente — como em *fa d'ambô* e em *lung'ie*, em que a consoante nasal em coda pode ou não ser realizada como em (54) —, (ii) a coda pode ser apagada, no entanto, as vogais, pertencentes à sílaba em que há a consoante nasal na coda fonológica, apresentam nasalização — como em *santome* e *angolar* como em (55).

- (54) a. \*kaNta<sub>164</sub> 'cantar' >  
           [xɛ̃n'ta]/[xɛ'ta] (FA)  
           [kɛ̃n'ta]/[kɛ'ta] (LI)
- b. \*aNzu<sub>349</sub> 'recém-nascido' >  
           ['ẽnzɔ]/['ẽzɔ] (FA)  
           ['ẽnzɔ]/ ['ẽzɔ] (LI)

- (55) a. \*kaNta<sub>164</sub> 'cantar' >  
           [kɛ'ta] (ST)  
           [ka'ta] (AN)
- b. \*aNzu<sub>349</sub> >  
           ['ẽzɔ] (ST)  
           ['ẽðɔ] (AN)

As nasalizações vocálicas, tanto em (54), quanto em (55), evidenciam que o apagamento da coda nasal foi posterior, sendo um processo fonético, não atingindo a fonologia das línguas nesse aspecto. Além disso, em angolar, foi observado o apagamento de \*N em posição de coda medial em itens, em que o santome, *fa d'ambô* e *lung'ie* apresentaram a coda nasal na sílaba fonológica como em (56).

- (56) a. \*deNti<sub>42</sub> ‘dente’ > /deti/ [ˈdɛtʃi] (AN)  
           /deNti/ [ˈdɛtʃi] (ST)  
           /deNti/ [ˈdɛntʃi] (FA)  
           /ideNti/ [iˈdɛtʃi] (LI)
- b. \*kaNta<sub>164</sub> ‘cantar’ > /kata/ [kaˈta] (AN)  
           /kaNta/ [kɛˈta] (ST)  
           /kaNta/ [xɛˈta] (FA)  
           /kaNta/ [kɛˈta] (LI)

#### 4.6.2.1 Nasalização

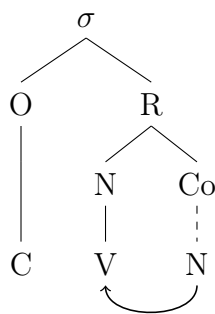
A partir da análise dos reflexos das consoantes nasais nas línguas-filhas do PGG, foram identificados dois tipos de nasalização: o primeiro está relacionado à consoante nasal na coda, sendo um processo obrigatório, e o segundo se refere a um espalhamento da nasalidade no onset, sendo de caráter opcional (BALDUINO *et al.*, 2015). O primeiro tipo de nasalização ocorre quando o protofonema \*N que se encontra em posição de coda nasaliza a vogal que o precede como em (57) e em (58).

- (57) \*baNku<sub>468</sub> ‘banco’ >  
           /baNku/ [ˈbɛ̃ku] (ST)  
           /baNku/ [ˈbaŋku] ~ [ˈbɛ̃ku] (FA)  
           /ubaNku/ [uˈbɛ̃ku] ~ [uˈbaŋku] (LI)  
           /baNku/ [ˈbɛ̃ku] (AN)

- (58) \*klɔsɔN<sub>48</sub> ‘coração’ >  
 /klɔsɔN/ [klɔ'sɔ̃] (ST)  
 /kuusaN/ [ku:'sẽ] (FA)  
 /kɔsaN/ [kɔ'sẽ] (LI)  
 /kɔθɔ/[kɔ'θɔ] (AN)

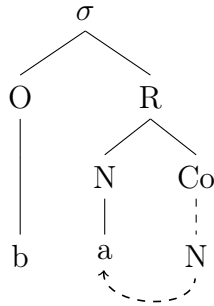
Em (57) e em (58), o traço de nasalidade é espraiado da direita para a esquerda. Em lung'ie e em fa d'ambô, a nasalização vocálica diante de /N/ é obrigatória em vogais que precedem /N/ em final de palavra, como em /kuusaN/ [ku:'sẽ] (FA), /kɔsaN/ [kɔ'sẽ] (LI), mas é facultativa se a vogal que precede /N/ não estiver no final da palavra, como em /baNku/ ['baŋku] ~ ['bẽku] (FA), /ubaNku/ [u'bẽku] ~ [u'baŋku] (LI) (AGOSTINHO, 2015: 111). Essa opcionalidade no espraçamento da nasalidade para a vogal em posição de coda medial pode ser explicada pelo fato de que, nessas línguas, a coda nasal pode ser realizada. Logo, o espraçamento do traço nasal para a vogal, nesse contexto, em lung'ie e fa d'ambô, é uma evidência de que há fonologicamente uma consoante na coda da sílaba fonológica. Assim, mesmo quando não há espraçamento do traço de nasalidade para a vogal, o traço da nasalidade é mantido pela realização da consoante em coda.

(59)



Em santome, como em (59), o espraçamento do traço de nasalidade para a vogal é obrigatório, quando há uma coda nasal fonológica, independentemente de a mesma se encontrar no meio ou no final de palavra, uma vez que a realização de uma coda nasal não é possível (em (60)).

(60) \*baNku<sub>468</sub> > /baNku/ ['bẽku] 'banco' (ST)



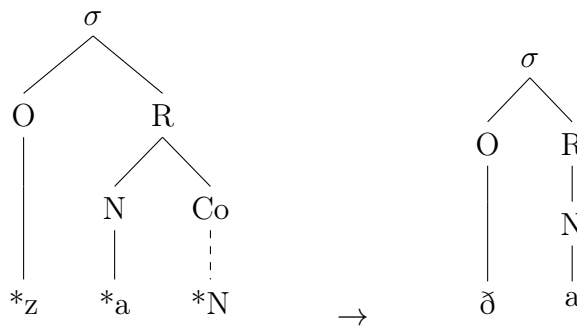
Das quatro línguas-filhas do PGG, o angolar parece ser o mais resistente a manter o \*N em coda fonológica, por isso o espraçamento do traço de nasalidade proveniente da coda nasal não ocorre tão comumente na referida língua como ocorre nas demais. De acordo com Maurer (1995: 25), o angolar se distinguiria do santome e do lung'ie pela ausência de uma coda nasal em posição medial e final de palavra. No entanto, há alguns poucos itens excepcionais em angolar, como /aNđu/<sub>349</sub> 'recém-nascido', /laNda/<sub>192</sub> 'nadar' e /poN/<sub>23</sub> 'pão'. A partir da observação dos dados, quando o protofonema \*N estava em coda, o angolar apresentou, mais vezes, o reflexo de \*N em coda nasal não final de palavra, ao passo que, quando \*N estava em coda final de palavra, o angolar, mais frequentemente, apresentou o apagamento total da consoante sem apresentar espraçamento do traço nasal para vogal que antecedia tal consoante na protoforma como em (61) e (62).

(61) \*N > N / V\_ \$  
/aNđu/<sub>349</sub> ['ẽđu] 'recém-nascido'

(62) \*N > ø / V\_ #, \*z > ð \*mizaN<sub>123</sub> >  
/miða/ [mi'ða] 'remédio'

Em (62), a ausência de espraçamento do traço nasal evidencia a ausência de coda nasal fonológica. Em (63), com o apagamento da coda nasal final em angolar, a vogal não passa pelo processo de nasalização, mantendo-se oral.

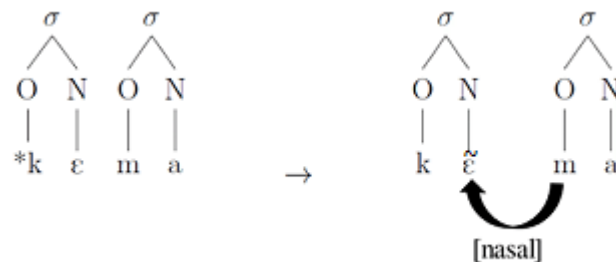
(63) \*mizaN<sub>123</sub> > /miða/ [mi'ða] 'remédio'



Assim, nas línguas-filhas do PGG, em geral, o traço fonológico da nasalidade, proveniente de uma coda nasal, é mantido foneticamente seja pela própria consoante em sua posição de coda, em lung'ie e fa d'ambô, ou pela vogal que recebe o traço de nasalidade da coda nasal apagada posteriormente, como em santome. Em angolar, o espriamento do traço da nasalidade da consoante em coda para a vogal somente ocorreu quando nos itens havia uma coda nasal fonológica como em /baNku/ ['bẽku]<sub>468</sub> 'banco' (AN).

A partir da análise dos dados pode-se constatar o segundo tipo de nasalização, refere-se a um espalhamento do traço nasal do onset para a vogal, em um movimento da direita para esquerda como em (64).

(64) \*kεma<sub>168</sub> 'queimar' > [kẽ'ma]



Quanto ao contexto, a consoante nasal está na sílaba tônica, sendo que o domínio é a sílaba precedente (em (64)). Ademais, esse segundo tipo de nasalização possui um caráter facultativo nas línguas-filhas, observado em (65)

- (65) a. \*kɛma<sub>168</sub> ‘queimar’ >  
           [kẽ'ma] ~ [kɛ'ma] (ST)  
           [xẽ'ma] ~ [xa'ma] (FA)  
           [kɛ'ma] ~ [kɛ'ma] (LI)  
           [kẽ'ma] ~ [kɛ'ma] (AN)
- b. \*bana<sub>129</sub> ‘abandar’ >  
           [bẽ'na] ~ [ba'na] (ST)  
           [bẽ'na] ~ [ba'na] (FA)  
           [bẽ'na] ~ [ba'na] (LI)  
           [bẽ'na] ~ [ba'na] (AN)
- c. \*kuna<sub>324</sub> ‘cunhado’ >  
           [kũ'na] ~ [ku'na] (ST)  
           [ku'na] (LI)  
           [kũ'na] ~ [ku'na] (AN)

### 4.6.3 Redução silábica

Com base na análise dos dados, observaram-se dois procedimentos regulares do lung'ie junto às protoformas cujas últimas duas sílabas terminavam sob os moldes \*CV.C<sub>l</sub>V e \*CV.C<sub>x</sub>V a saber: (i) o apagamento da consoante lateral da sílaba átona final CV em conjunto com a ditongação das vogais adjacentes, ou (ii) o apagamento total da sílaba aberta átona final, quando formada por uma consoante lateral e vogal C<sub>lateral</sub>V. O primeiro padrão mencionado pode ser visto em (66) e em (67):

- (66) \*CVu.C<sub>l</sub>V > CVC<sub>w/j</sub>
- a. \*zanelu<sub>436</sub> ‘janeiro’ > [ʒa'new] (LI)  
 b. \*feverelu<sub>419</sub> ‘fevereiro’ > [feve'rew] (LI)  
 c. \*felu<sub>283</sub> ‘ferro’ > [u'fɛw] (LI)

- d. \*balu<sub>289</sub> ‘barro’ > [u'ɓaw] (LI)  
 e. \*simiNtɛlu<sub>281</sub> ‘cemitério’ > [ʃimĩ'tɛw] (LI)

Em (66), o lung'ie apaga a consoante lateral. Em seguida, \*u, localizado no núcleo da última sílaba do elemento apagado do item, torna-se a aproximante /w/. Em seguida, /w/ passa a ocupar a coda da sílaba adjacente, resultando nos padrões em (66). Por outro lado, se, no núcleo da última sílaba, estiverem as vogais \*a ou \*e, tais protofonemas são mantidos no núcleo, ao passo que a vogal contígua a \*l, torna-se aproximante /w/ ou /j/, passando a ocupar a segunda posição do onset, como em (67). Nesse caso, a vogal \*ɛ — coronal — torna-se a aproximante palatal /j/ e as vogais \*ɔ, \*o e \*u tornam-se a aproximante labial /w/ em (69) (CLEMENTS & HUME, 1995).

- (67) \***CV.C<sub>1</sub>V** > **CC<sub>w/j</sub>V**
- a. \*kadɛla<sub>46</sub> ‘nádegas’ > [ka'dja] (LI)  
 b. \*fɛla<sub>267</sub> ‘feira’ > [fja] (LI)  
 c. \*baNdɛla<sub>467</sub> ‘bandeira’ > [bẽ'dja] (LI)  
 d. \*ɔrɛla<sub>55</sub> ‘orelha’ > [u'rja] (LI)  
 e. \*basɔla<sub>470</sub> ‘vassoura’ > [bɔ'swa] (LI)  
 f. \*amole<sub>81</sub> ‘amor’ > [a'mwe] (LI)  
 g. \*segula<sub>231</sub> ‘segurar’ > [se'gwa] (LI)

Mesmo na sincrônia, observa-se a vitalidade do padrão mencionado em itens de entrada mais recente em lung'ie. Em pesquisa de campo, ao se deparar com questionamentos de como falar em lung'ie palavras como ‘engenheiro’, por exemplo, os falantes, após uma reflexão, respondiam com o item **injinhêw** [ĩɓĩ'ɓew] ‘engenheiro’.

(68) **Aproximante na coda em lung'ie**

- a. \*alu > aw (LI)  
 b. \*elu > ew (LI)  
 c. \*ɛlu > ɛw (LI)



(69) **Aproximante no onset em lung'ie**

- a. \*ɛla > ja (LI)
- b. \*ɛʎa > ja (LI)
- c. \*ɔla > wa (LI)
- d. \*ula > wa (LI)
- e. \*ole > we (LI)

O segundo padrão no tratamento de itens cujas sílabas terminam em \*CV.C<sub>lateral</sub>V é o apagamento total da sílaba átona final como em (70):

(70) **Apagamento da sílaba átona final \*C<sub>lateral</sub>V**

- a. \*dotolo<sub>313</sub> 'médico' > [do'to] (LI)
- b. \*kolo<sub>96</sub> 'cor' > ['ko] (LI)
- c. \*dolo<sub>114</sub> 'dor' > ['do] (LI)
- d. \*tɛla<sub>309</sub> 'terra' > ['tɛ] (LI)
- e. \*favolo<sub>517</sub> 'favor' > [fa'vo] (LI)
- f. \*kalolo<sub>294</sub> 'calor' > [ka'lo] (LI)

Caso os itens sejam verbos, além do apagamento da sílaba final C<sub>lateral</sub>V, há o alongamento vocálico como em (71):

- (71) a. \*fala<sub>149</sub> 'falar' > ['fa:] (LI)

Como esse padrão é exclusivo ao lung'ie, não há exemplos do processo nas demais línguas.

#### 4.6.4 Palatalização

O processo de palatalização refere-se à mudança de segmentos não palatais, sob a influência de um traço [alto] de um segmento adjacente, para palatalizados.

Os protofonemas \*t,\*d, \*s e \*z diante de \*i apresentaram reflexos palatalizados nas línguas-filhas. Todavia, em todas, tal palatalização não é distintiva, sendo caracterizada como resultado de um processo assimilatório e fonético como em (72), (73) e (74):

- (72) \*pidi<sub>211</sub> ‘pedir’ >  
 \*d > d̥ / \_i  
 [pi'd̥i] (ST)  
 [pin'd̥i] (FA)  
 [pi'd̥i] (AN)  
 \*d > d  
 [pi'di] (LI)

- (73) \*luzi<sub>196</sub> ‘brilhar’ >  
 \*z > ʒ  
 [lu'ʒi] (ST)  
 [lu'ʒi] (LI)  
 \*z > z  
 [lu'zi] (AN)

- (74) \*bisi<sub>140</sub> ‘vestir’ >  
 \*s > ʃ / \_i  
 [bi'fi] (ST)  
 [bi'fi] (FA)  
 [bi'fi] (LI)  
 \*s > s / \_i  
 [bi'si] (AN)

Em (72), há a palatalização do protofonema \*d diante de \*i em três das quatro línguas-filhas. O lung'ie não apresenta a palatalização do /d/ e não foi documentada por estudiosos da língua como Ribeiro (1888), Valkhoff (1966), Günther (1973), Maurer (2009) e Agostinho (2015). Em (73), tem-se a palatalização de /z/ em

santome e lung'ie. Em angolar, não ocorre a palatalização e, em fa d'ambô, não foi documentado o processo envolvendo a consoante /z/.

Em (74), tem-se a palatalização do /s/ diante de /i/ em em santome, fa d'ambô e lung'ie. Assim, a protoforma apresentou a pós-alveolar surda (ʃ), como reflexo, em santome, fa d'ambô e lung'ie. Em angolar, por outro lado, há uma mudança no ponto de articulação das consoantes fricativas dentais surda /θ/ e sonora /ð/ que, diante da vogal alta anterior [i], realizam-se como uma fricativa alveolar surda [s] e sonora [z], respectivamente. Desse modo, a fricativa dental surda /θ/ torna-se fricativa alveolar surda [s] quando se encontra em posição de onset diante da vogal [i] na mesma sílaba como em (75):

- (75)            /θ/ → [s] / \_i  
                   \*bisi<sub>140</sub> 'vestir' > /biθi/ [bi'si] (AN)

De forma similar, a fricativa dental sonora /ð/ torna-se fricativa alveolar sonora [z] quando se encontra em posição de onset diante da vogal [i] na mesma sílaba como em (76):

- (76)            /ð/ → [z] / \_i  
                   \*luzi<sub>196</sub> 'brilhar' > /luði/ [lu'zi] (AN)

Considerando o processo de mudança de ponto de articulação em angolar e de palatalização nas demais línguas-filhas, não reconstruímos duas protoformas pós-alveolares, posto que as protoforma \*s e \*z, no onset, somente apresentaram os reflexos de [ʃ] e [ʒ], em santome, lung'ie e fa d'ambô, e de [s] e [z], em angolar, no contexto em que estavam diante de \*i ou \*j. Logo, trata-se de um processo fonético, por isso não foi considerado como evidência de um profonema. Diante da evidência segundo a qual as formas contemporâneas podem ser geradas por meio de regras, preferiu-se reconstruir as protoformas, desconsiderando a palatalização ou mudança de ponto de articulação. Em (72), foi reconstruído \*d > d̥ / \_i (ST/FA/AN); em (73), \*z > ʒ / \_i (ST/LI), \*z > z / \_i (AN); em (74), \*s > ʃ / \_i (ST/FA/LI), \*s > s / \_i (AN).

#### 4.6.5 Aglutinação de vogal inicial

Ladhams (2007) e Hagemeyer (2009) investigaram o processo de aglutinação de vogal inicial nas línguas-filhas, como exemplificado em (77).

- (77) [a'le]<sub>312</sub> (ST, AN) 'rei', [a're]<sub>312</sub> (LI) 'rei'  
 [ɔ'pɛ]<sub>54</sub> (ST, FA, LI, AN) 'pé'

Nesse processo, o artigo do étimo português, [a] 'a' ou [u]-[o] 'o', era interpretado como parte da raiz, resultando na forma com o elemento incorporado. O processo, contudo, parece ter sido mais comum no lung'ie do que nas demais línguas. Ladhams (2007: 3) afirma ter encontrado 120 ocorrências de aglutinação de artigos, sendo 88 no LI, 15 no ST, 14 no FA e 3 no AN. Ladhams (2007) e Hagemeyer (2009) atribuem a existência do processo à influência edo, maior no LI do que nas demais línguas. Do ponto de vista lexical e fonológico, a influência edo não se mostrou crucial no protocioulo, como revela o conjunto de cognatos no Quadro 173, no qual somente o lung'ie aplicou a sua regra de aglutinação.

<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
* <u>boka</u> <sub>41</sub>	['bøkɛ]	['boxa]	[u'bukɛ]	['bøkɛ]	'boca'
* <u>blasu</u> <sub>40</sub>	['blasu]	['ba:ɜsu]	[u'ba:ɜsu]	['ba:ɜsu]	'braço'
* <u>budu</u> <sub>290</sub>	['budu]	['budu]	[u'budu]	['budu]	'pedra'
* <u>deNti</u> <sub>142</sub>	['dɛ̃tʃi]	['dɛ̃ntʃi]	[i'dɛ̃tʃi]	['detʃi]	'dente'

Quadro 173: Protoformas e reflexos com vogal aglutinada no LI.

Ao mesmo tempo, foram reconstruídas apenas sete protoformas no *corpus*, nas quais o artigo foi incorporado: \*are<sub>312</sub> 'rei', \*omali<sub>300</sub> 'mar', \*ɔpɛ<sub>54</sub> 'pé', \*ɔpɔ<sub>301</sub> 'pó', \*orjo<sub>302</sub> 'rio', \*ɔsɛ<sub>303</sub> 'céu e \*ozo<sub>57</sub> 'joelho'. Dessas, a forma [u'mwɛ] > \*omali<sub>300</sub> 'mar' sofreu alterações no LI, porém, as demais, permaneceram fiéis ao PGG. Depois da especiação, contudo, o LI passou a apresentar um número relevante de nomes, aos quais foram adicionados uma vogal, [u] ou [i], quando os étimos do PGG eram, por sua vez, iniciados por uma consoante. Essa mudança indicaria a influência das línguas do grupo edo, que possuem uma regra fonológica de acordo com a qual todos os nomes devem começar obrigatoriamente por um segmento

vocálico (cf. LADHAMS 2007, HAGEMEIJER, 2009: 10). Com isso mente, pode-se conjecturar, a partir dos exemplos em (77), que a reinterpretação morfológica esteve presente marginalmente na formação do PGG e, por conseguinte, os étimos já formados foram transmitidos às línguas-filhas. Do ponto de vista fonológico, os exemplos em (77) e as sete protoformas reconstruídas indicam uma tendência a interpretar o elemento clítico, isto é, o artigo, como parte da palavra prosódica, nos casos em que fazia sentido incorporá-los para a criação de uma palavra dissilábica ou trissilábica. Portanto, no PGG, o processo de aglutinação pode estar ligado a restrições prosódicas ou restrições silábicas, ao passo que no LI seria um processo morfológico e, por isso, devem ser tratados como mecanismos distintos.

#### 4.6.6 Harmonia vocálica

A harmonia vocálica é um processo fonológico que pode ser definido como a influência fonética de uma vogal sobre outra(s), dentro de um determinado domínio (PULLEYBLANK, 1988; MOHANAN, 2009: 676). Como processo fonológico, a harmonia requer um elemento engatilhador, um elemento alvo, um domínio (isto é, um ambiente no qual a regra se aplica) e uma direção de aplicação, que pode ser à direita (harmonia progressiva), à esquerda (harmonia regressiva) ou ambas, bidirecional. O processo de harmonia é visível quando há uma mudança na natureza de um elemento vocálico, influenciado por uma vogal engatilhadora na raiz, alterando um vogal em um afixo ou raiz, ou pela concordância recorrente de traços vocálicos da mesma qualidade na raiz.

O processo de harmonia vocálica difere do de cópia de vogais, cuja ocorrência está ligada mormente à dissolução de tipos silábicos agramaticais na língua. Os dados revelam que a cópia de vogais foi um processo ativo nos primeiros anos do protocrioulo e nas línguas-filhas. No processo de cópia, uma vogal idêntica à vogal engatilhadora, em geral em uma posição forte (cf. BECKMAN, 1998), é copiada.

Assim, na protoforma *\*kolo<sub>96</sub>* PGG [ˈkolo] (ST) [ˈkɔl] (FA) [ˈko] (LI) [ˈkolo] (AN) ‘cor’, o PGG acionou a regra de cópia a partir do étimo português [ˈkor], a fim de criar uma nova sílaba, transpondo o [r] da coda para o onset de uma nova sílaba e gerando um item lexical cujo molde silábico contivesse duas sílabas. Nas línguas-filhas, o santome e o angolar mantiveram a forma do PGG, ao passo que o fa d’ambô e o lung’ie rumaram a soluções sistêmicas diversas: esse apagou a sílaba final com a consoante lateral alveolar, padrão encontrado também em *\*dolo<sub>114</sub>* > [ˈdo] (LI) ‘dor’, e aquele apagou a vogal final, resultando em *\*dolo<sub>114</sub>* > [ˈdol] (FA) ‘dor’. No caso do fa d’ambô, pode se tratar de uma redução diacrônica, tendo em vista que, muitas vezes, há formas longas. Portanto, nem sempre palavras com vogais idênticas em sílabas contíguas são fruto de processos de harmonia vocálica.

O PGG e suas quatro línguas-filhas possuem sete vogais orais. O Quadro 174 apresenta os traços especificados das vogais dessas línguas. A seguir, consideraremos os processos de harmonia a partir desse conjunto de traços.

	i	e	ɛ	a	ɔ	o	u
[high]	+	-	-	-	-	-	+
[low]	-	-	-	+	-	-	-
[back]	-	-	-	+	+	+	+
[ATR]	+	+	-	-	-	+	+

Quadro 174: Vogais do PGG e línguas-filhas.

A existência de processos de harmonia vocálica nas línguas crioulas de base portuguesa do Golfo da Guiné tem sido defendida por Ferraz (1979), para o santome; Maurer (1995), para o angolar, e Segorbe (2007), para o fa d’ambô. Hage-meijer (2009: 36-37), por sua vez, sugere que um tipo de harmonia [ATR], ou seja, restrita às vogais médias, pode ser encontrada nas quatro línguas-filhas. Contudo, os autores diferem em como descrever as características do processo. Ferraz (1979: 52) define a harmonia vocálica como uma ‘tendência de a mesma vogal ocorrer em duas sílabas consecutivas dentro de um morfema’. No que diz respeito ao angolar, Maurer (1995: 36) alega que, quando duas vogais estão contíguas numa frase, fenômenos de assimilação progressiva e de elisão podem ocorrer. Segorbe (2007: 63),

por seu turno, define o fenômeno de assimilação vocálica como um processo através do qual os segmentos vocálicos de uma palavra podem apresentar uma mudança de ‘timbre’, transformando-se em outra vogal. A assimilação vocálica, ainda segundo Segorbe, seria muito frequente, seja dentro da palavra ou dentro de uma oração, em fa d’ambô. Hagemeyer (2009: 37) afirma que ‘Very clearly, Santome exhibits a solid rule of mid-vowel stem harmony in at least disyllabic words, meaning that open mid-vowels and close mid-vowels never co-occur in these cases.’ Adicionalmente, Hagemeyer aponta que ‘Mid-vowel ATR stem harmony in the GGCs can (...) be safely related to Nigerian language clusters with a special role for Edoid’.

Pelo fato de o PGG e suas línguas-filhas serem isolantes e, por isso, apresentarem uma ausência generalizada de derivação e flexão, sendo o morfema a própria unidade lexical, a harmonia vocálica poderia ser observada em processos de cliticização, em compostos ou dentro da raiz. Portanto, não se pode observar o funcionamento dos processos de harmonia na relação entre afixos e raízes, padrão harmônico mais comum nas línguas do Delta do Níger (PULLEYBLANK, 1988). Por esta razão, o tema da harmonia fugiria ao escopo deste trabalho, uma vez que, por se tratar de uma reconstrução lexical e fonológica, foram empregados, mormente, itens lexicais monomorfêmicos, restringindo a ocorrência observável da harmonia àquela na raiz. Porém, como a harmonia possui sua origem no protocrioulo, trataremos brevemente do processo, contudo, o tema deverá ser abordado mais profundamente em pesquisas futuras. Na literatura, há poucos dados que possam jogar luzes na investigação. Os dados com material ortográfico prescindem de notações fonéticas confiáveis, salvo raras exceções. Portanto, são necessários dados colhidos para esse fim. Baseado em dados colhidos em São Tomé, Hagemeyer (2009: 36) mostra que, no santome, a depender da qualidade da vogal da raiz (78), o pronome clítico de 3SG, e, pode ser realizado harmonicamente como [ɛ] ou [e], a depender da qualidade da vogal na raiz a qual o clítico se ajunge, ou seja, a vogal tônica da raiz, ɔ, de [gɔ'lɔ] engatilha a harmonia [-ATR] causando a mudança de traço no clítico [e], [+ATR].

No caso de [vo'lo], a vogal [o] já concorda no traço [+ATR] com o clítico e, por isso, não há mudança.

- (78)        **gɔlɔ e** > [gɔ'lɔɛ] 'procurá-lo'  
               **volɔ e** > [vo'loɛ] 'ficar irritado com ele/a'

Em ambos os casos em (78), a qualidade vocálica do pronome clítico é influenciada pelas características das vogais da raiz. Contudo, o mesmo argumento não pode ser estendido ao PGG e às demais línguas sem novos dados.

Já no que diz respeito aos compostos, os poucos dados sugerem que a vogal [a] bloqueie o processo de harmonia, fato comum a harmonias do tipo [ATR]. No exemplo (79), a protoforma **\*bɛga kole**<sub>112</sub> 'diarréia', palavra composta por ['bɛga]<sub>36</sub> 'barriga' e [ko'le]<sub>179</sub> 'correr', possui no item ['bɛga] uma vogal média [-ATR], [ɛ], e, no segundo elemento do composto, a protoforma possui vogais [+ATR], [o] e [e]. Na possibilidade de a harmonia ser bidirecional não está claro se o processo seria engatilhado por [ɛ] ou por [o] e [e]. Todavia, a vogal final [a], em ['bɛga]<sub>38</sub>, bloqueia o processo de qualquer forma.

- (79)        PGG: **\*bɛga kole**<sub>112</sub> >  
               [[ 'bɛga ][ ko'le ]] 'diarréia' (ST, AN)

A mesma vogal [a] pode ser observada como elemento de bloqueio em (80).

- (80)        PGG: **\* seSta fɛla**<sub>432</sub> >  
               [[ 'seftɛ ][ fɛlɛ ]] 'sexta-feira' (ST)  
               [[ 'θeta ][ fɛla ]] 'sexta-feira' (AN)

Contudo, há alguns exemplos em compostos nos quais não há elemento de bloqueio e a harmonia não se aplica. No PGG, a protoforma **\*bwe**<sub>68</sub> 'boi' foi reconstruída a partir de um conjunto de cognatos das quatro línguas. No ST e no FA, a partir de ['bwe]<sub>68</sub>. Porém, no lung'ie e no angolar, a partir de [[u'bwe]['ɔ̃mi]]<sub>68</sub> e [[ 'bwe ][ 'ɔ̃mɛ ]]<sub>68</sub> 'boi' (literalmente 'boi macho'), respectivamente. No caso do LI, as vogais contíguas [e] e [ɔ] em [[u'bwe]['ɔ̃mi]]<sub>68</sub> não são harmônicas, ao passo que no AN, a mesma



dupla não harmônica também ocorre, porém, dentro do segundo componente do composto, [ʔmɛ]<sub>68</sub>, a harmonia subsiste. Não obstante, a definição mesma de composto implica um entendimento segundo o qual as palavras componentes formariam uma nova palavra prosódica. Nesse caso, além do elemento bloqueador da harmonia, a vogal [a], os dados das línguas-filhas sugerem que a harmonia vocálica não atua nos compostos, pois não ocorre mesmo em cenários favorecedores (com adjacência de vogais [ $\alpha$ ATR ...  $\beta$ ATR]). Dessa forma, sequências de duas palavras no PGG e nas filhas-filhas, embora constituam uma unidade semântica, devem ser considerados compostos pós-lexicais, isto é, formados depois do ciclo de aplicação das regras fonológicas (cf. KIPARSKY, 1982b; LEE, 1997). Portanto, a harmonia pode estar restrita à raiz da palavra, considerando (i) o grupo clítico como elemento-alvo, (ii) compostos pós-lexicais como duas palavras prosódicas e (iii) a palavra prosódica como a unidade fonológica do domínio da harmonia, como sugerem os dados em (78).

Diante desse cenário de harmonia restrita à raiz, é preciso observar as possíveis combinações de vogais nos itens em cada uma das línguas-filhas, a fim de se verificar o funcionamento do processo. Ao mesmo tempo, com os dados do protocrioulo, é possível também observar se as vogais harmônicas são fruto de um processo de harmonia generalizado implementado nos primeiros anos de formação do PGG ou se havia processos recorrentes de cópia vocálica, a partir de um elemento engatilhador a fim de se evitar sílabas agramaticais. Os dados do PGG podem permitir constatar se os itens lexicais com vogais harmônicas são reflexos do passado mantidos nas línguas-filhas, donde a harmonia seria um traço herdado do protocrioulo ou se a harmonia vocálica é um processo, comum às quatro línguas, porém, ativo após a formação do ancestral comum.

Hagemeyer (2009: 37) apresenta um quadro (aqui reproduzido no Quadro 175 com algumas modificações<sup>13</sup>) com as combinações de vogais em palavras dissilábicas

---

<sup>13</sup>As modificações dizem respeito à adição da marcação de acento e, ao mesmo tempo, à inserção no quadro da palavra **blôsê** [blo'se] 'aborrecer-se' e a alteração da palavra **vendê** [ven'de] 'vender', substituída por **vêdê** ['vede] 'verde'.

do santome, no qual se pode constatar que há uma refração à combinação de vogais médias de traços [ATR] distintos, ou seja, palavras dissilábicas, se contiverem vogais médias, essas serão [ $\alpha$ ATR], na qual ambas, ou pelo menos as vogais em sílabas contíguas, quando essas vogais são médias, concordarão no que diz respeito ao referido traço, como em [lɔ'vɛ] 'orvalho'. Portanto, em palavras dissilábicas, vogais médias ([-ATR]) não ocorrem com as médias ([+ATR]), isto é, a harmonia deve envolver somente a concordância de traços [ATR] em sílabas contíguas com vogais médias, portanto, nunca ocorreriam exemplos de combinações com vogais [+ATR] e [-ATR] contíguas na mesma raiz. Outrossim, no santome e no PGG não foram encontradas palavras dissilábicas que contivessem [u] e [o] em sílabas contíguas.

V1/V2	i	u	e	ɛ	o	ɔ	a
i	'piʃi	'migu	i'ze	mi'le	li'bo	jin'klɔ	'mina
u	bu'li	'mulu	u'bwe	ku'mɛ	— <sup>14</sup>	—	'uswa
e	'seʒi	'desu	'vede	—	blo'se	—	'zema
ɛ	'peli	'pɛtu	—	vɛ'de	—	'tɛbɔ	'bɛga
o	'setʃi	'wodu	o'me	—	'povo	—	'lopa
ɔ	'dɔʃi	'mɔsu	—	lɔ'vɛ	—	kɔ'dɔ	'bɔla
a	'mali	'matu	pa'de	man'sɛ	ka'so	a'vɔ	'faka

Quadro 175: Combinações de vogais possíveis em dissílabos em santome (Fonte: HAGEMEIJER, 2009: 37 e ARAUJO & HAGEMEIJER, 2013: 29).

Em seu trabalho, Hagemeijer (2009: 37) não apresenta dados das demais línguas, mas afirma que 'upon inspection of the available literature, I found this rule to apply to Ngola and Lung'ie as well. It is therefore expected to apply to Fa d'Ambô as well (...).' Com o intuito de provar seu ponto, apresentamos dados do lung'ie (Quadro 176), do angular (Quadro 177) e do fa d'ambô (Quadro 178). Em relação às vogais, os dados do lung'ie e do angular, de fato, comprovam a restrição da obrigatoriedade [ $\alpha$ ATR]. No lung'ie, não obstante, foram encontrados exemplos com as vogais [e] e [ɔ], como em [se'zɔra] 'seis horas' e [te'ʃɔra] 'três horas'. Além disso, ambos os casos seriam exemplos de compostos, nos quais a harmonia vocálica já não se

<sup>14</sup>Nos quadros, o traço (—) é empregado para mostrar impossibilidade, ao passo que o ponto de interrogação (?) é usado para mostrar que o dado não foi encontrado no *corpus*, embora seja possível.

aplicaria, como demonstrado em (79) e (80). Ao mesmo tempo, as palavras componentes relativas aos numerais nesses compostos são diversas das palavras modernas ['te:si]<sub>409</sub> 'três' e ['sej]<sub>405</sub> 'seis'. Muito embora processos de sandhi sejam muito comuns no lung'ie, nesses compostos, fogem ao padrão de apagamento de segmentos contíguos (cf. AGOSTINHO, ARAUJO & FREITAS, 2012). Assim, é possível que essas palavras sejam itens lexicais fossilizados, empregadas anteriormente para se referirem às horas canônicas (*divinum officium*) e que, atualmente, os falantes as remetem à marcação das horas comuns.

V1/V2	i	u	e	ɛ	o	ɔ	a
i	mi'di	'piku	pi'ze	mi're	fi'lo	mi'ɔ'ra	pi'za
u	'puji	u'budu	ku'se	'munke	mu'toro	—	lu'ta
e	'vefi	'tesu	'rede	—	fte'po	—	lēba
ɛ	'reji	'beru	—	be'le	—	?	be'za
o	'dozi	'bolu	'oze	—	'bodo	—	'bosa
ɔ	'pɔtʃi	'mɔsu	—	'nɔve	—	ɔ'kpɔ	'bɔta
a	da'ki	'masu	na'se	a'fe	a'vo	fa'rɔfa	'bala

Quadro 176: Combinações de vogais em palavras com duas ou mais sílabas em lung'ie.

V1/V2	i	u	e	ɛ	o	ɔ	a
i	bi'si	'fiθu	si'e	i'kwɛ	i'ligo	pi'tɔli	di'ma
u	θu'bi	'tudu	'bue	θu'pɛtu	pu'θolu	fū'dɔ	θu'a
e	'ðɛti	'delu	'lete	—	ko'le	—	θe'ka
ɛ	'θɛfi	'θɛku	—	'vɛdɛ	—	pɛ'dɔ	'pɛma
o	'nomi	'dosu	θo'fe	—	'povo	—	'foθa
ɔ	'fɔmi	'mɔdu	—	ɔ'pɛ	—	kɔ'nɔ	ɔ'θa
a	a'ki	'kaðu	ba'te	ta'mɛ	ka'θo	ma'ðɔ	'aða

Quadro 177: Combinações de vogais em palavras com duas ou mais sílabas em angolar.

Os dados do fa d'ambô também apresentam, mas em menor escala, rejeição às sequências de vogais médias não harmônicas em sílabas contíguas (Quadro 178). Foram encontrados exemplos nos quais [e] ocorre com [ɔ] e [ɛ], e [o] com [ɛ]. Contudo, Segorbe (2007) afirma que o fa d'ambô apresenta uma tendência a evitar essas combinações, porém são necessários mais dados para excluir o processo de harmonia a língua ou não.

V1/V2	i	u	e	ɛ	o	ɔ	a
i	'pifi	pizu	fi'eza	ĩ'ze	i'bo	'kilɔ	'fiba
u	mu'tjila	'gustu	zu'de	mu've	pulu'mõ	numɔlɔ	pu'la
e	'eli	'metu	ke'le	—	'ẽbo	—	'leva
ɛ	'ẽtʃi	'tẽtu	pẽ'de	mɛ'mɛ	—	—	'zema
o	'novi	'novu	ko:'ze	mo'sɛɛgu	'fogo	—	ko'na
ɔ	'zɔpi	—	pɔ'ke	ɔ'mɛ	—	'mɔsɔ	tɔ'ka
a	'gagi	'balu	'vale	ba'le	ka'so	a'lɔs	'alva

Quadro 178: Combinações de vogais em palavras com duas ou mais sílabas em fa d'ambô.

No que diz respeito aos dados do PGG, as protoformas reconstruídas apresentam o mesmo padrão encontrado nas línguas filhas: obrigatoriedade de concordância do traço [ATR] em vogais médias de sílabas contíguas (Quadro 179).

V1/V2	*i	*u	*e	*ɛ	*o	*ɔ	*a
*i	*risi <sub>61</sub>	*tligu <sub>28</sub>	*ize <sub>108</sub>	*inɛ <sub>336</sub>	*tiɔ <sub>332</sub>	?	*tliɔa <sub>63</sub>
*u	*sukli <sub>27</sub>	*pulsu <sub>59</sub>	*supe <sub>495</sub>	*kumɛ <sub>187</sub>	—	—	*guɔa <sub>106</sub>
*e	*deNti <sub>42</sub>	*teru <sub>408</sub>	*lete <sub>14</sub>	—	?	—	*pena <sub>34</sub>
*ɛ	*peli <sub>58</sub>	*pletu <sub>58</sub>	—	*mɛɛ <sub>19</sub>	—	?	*bɛga <sub>38</sub>
*o	*koni <sub>33</sub>	*wotu <sub>411</sub>	*kloze <sub>182</sub>	—	*mojo <sub>20</sub>	—	*sopa <sub>26</sub>
*ɔ	*mɔli <sub>378</sub>	*gɔrdura <sub>9</sub>	—	*ɔpɛ <sub>54</sub>	—	*kɔɔblɔ <sub>71</sub>	*kɔrazi <sub>85</sub>
*a	*bali <sub>128</sub>	*salu <sub>25</sub>	*bate <sub>133</sub>	*marɛlu <sub>97</sub>	*kaso <sub>70</sub>	*aNtɔNtɛ	*bana <sub>5</sub>

Quadro 179: Combinações de vogais em palavras com duas ou mais sílabas no PGG.

No Quadro 180 são apresentados sete conjuntos de protoformas, todas com vogais médias em sílabas contíguas, no que diz respeito ao traço [ATR]. Dos exemplos, nenhum contém vogal cópia, ou seja, as vogais foram modificadas, via processo de harmonia, ou mantidas como em seus étimos. Pode-se observar a aplicação de regras no PGG em protoformas como \*sɛNplɛ<sub>346</sub> 'sempre', na qual a interpretação da vogal da sílaba tônica como [-ATR] engatilhou o processo de harmonia com a vogal final átona, gerando concordância compulsória, exceto no LI, onde a vogal final não compartilha os mesmos traços da vogal da tônica, porém, viola a regra de harmonia vocálica. Há também casos em que a qualidade do traço [ATR] foi alterada em relação à protoforma, fazendo com que uma vogal [+ATR] se tornasse

[-ATR] e vice-versa, como em \*vleme<sub>101</sub> > [vɛ'mɛju] FA 'vermelho' ou \*vlegɔɲa<sub>93</sub> > [govo'jẽ] FA 'vergonha', item lexical que sofreu também um metátese nas sílabas iniciais do étimo PGG e também uma concordância absoluta de traços. Contudo, nesses casos de troca de valência da vogal média, a concordância [ATR] persiste.

[αATR]	PGG	ST	FA	LI	AN	Glosa
*e...*e	*lete <sub>14</sub>	[ˈlete]	[ˈlete]	[ˈlete]	[ˈlete]	'leite'
	*vlemej <sub>101</sub>	[vlɛ'mɛ]	[vɛ'mɛju]	[vɛ'mɛ]	[vɛ'mɛ]	'vermelho'
*ɛ...*ɛ	*sɛNplɛ <sub>346</sub>	[sɛ̃plɛ]	[sɛ̃pɛɛ]	[sɛ̃pi]	[θɛpɛ]	'sempre'
	*bɛbɛɔdadu <sub>351</sub>	[bɛbɛ'da]	[bebe'do]	[bɛbɛ'dadu]	[bɛbɛ'dadu]	'bêbado'
*o...*o	*mojo <sub>20</sub>	[ˈmojo]	[ˈmoj]	[ˈmojo]	[ˈmojo]	'molho'
	*gogo <sub>159</sub>	[go'go]	[gɔs'ta]	[gɔ'gɔ]	[go'go]	'gostar'
*ɔ...*ɔ	*kɔblɔ <sub>71</sub>	[ˈkɔblɔ]	[ˈxobolo]	[ˈkɔbɔ]	[ki'ɔgɔ]	'cobra'
	*lɔlɔ <sub>195</sub>	[lɔ'lɔ]	[lɔ'lɔ]	[lɔ'lɔ]	[lɔ'lɔ]	'lamber'
*ɔ... *ɛ	*ɔmɛ <sub>262</sub>	[ɔ'mɛ]	[ɔ'mɛ]	[ɔ'mi]	[ɔ'mɛ]	'homem'
*ɛ... *ɔ	*vlegɔɲa <sub>93</sub>	[vlɛ'gɔ̃ɲɛ]	[govo'jẽ]	[vɔ'gjẽ]	[vɛ'goɲɛ]	'vergonha'
*o... *e	*kloze <sub>182</sub>	[klo'ze]	[xo'ze]	[ko'ze]	[ko'ðɛ]	'costurar'

Quadro 180: Protoformas com vogais [αATR].

Quando se analisam os conjuntos de cognatos (Quadro 180) no PGG, conclui-se que não seria razoável atribuir os traços harmônicos das quatro línguas-filhas ao acaso e, igualmente, desenvolvimentos individuais, isto é, regras próprias de harmonia em cada língua, dificilmente alcançariam os mesmos resultados obtidos nos conjuntos de cognatos. Nesse sentido, resta provado que a harmonia vocálica do traço [αATR] das vogais médias era um traço do protocrioulo.

Duas questões permanecem em aberto: a origem da harmonia vocálica e se o processo foi mantido de forma independente nas línguas-filhas. No que diz respeito à origem, a harmonia vocálica em línguas com sistemas de sete vogais (cf. línguas do grupo edo e yorubá) são as candidatas naturais para a transmissão do traço. Assim, as línguas do Delta do Níger se tornam candidatas naturais à origem do processo, devido à ocorrência da harmonia no PGG, fazendo com que essa característica tenha sido herdada, via influência de um traço areal da região da Nigéria, nos anos formativos do protocrioulo, como sugere Hagemeyer (2009). Nesse sentido, a ocorrência de étimos de origem não portuguesa, como \*lolo<sub>195</sub> 'lamber' trazem um componente corroborativo à discussão, pois eliminam os étimos portugueses como

alvos únicos do processo. Além do mais, a harmonia vocálica em português é um processo de concordância de traços de altura (cf. BISOL, 1981), tipo harmônico não encontrado no PGG. A questão da manutenção do processo de harmonia vocálica nas versões mais antigas das línguas-filhas e da vitalidade do processo nas variedades contemporâneas requer, todavia, novos estudos.

## 4.7 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Este capítulo foi dedicado à reconstrução da fonologia, sobretudo segmental, do protocrioulo do Golfo da Guiné. Desse modo, inicialmente, o sistema consonantal do PGG foi apresentado, em seguida, foi a vez do sistema vocálico. Posteriormente, a estrutura silábica do protocrioulo foi descrita. A seção seguinte apresentou a sinopse dos reflexos apresentados pelas línguas-filhas que orientaram os procedimentos de reconstrução linguística. Na sequência, tratou-se dos padrões acentuais observados no análise dos cognatos que subsidiaram a reconstrução do sistema acentual do PGG. Por fim, os principais processos fonológicos aos quais as línguas-filhas foram submetidas são apresentados e discutidos a fim de lançar luzes sobre as características estruturais da fonologia do protocrioulo no período de sua especiação para as quatro línguas-filhas.

Após estabelecer a fonologia do PGG, bem como descrever os processos fonético-fonológicos e morfológicos apresentados pelas línguas-filhas após a ramificação, no próximo capítulo, serão apresentados os conjuntos de cognatos utilizados para a análise, juntamente com todas as protoformas reconstruídas.

## Capítulo 5

# RECONSTRUÇÃO LEXICAL: CONJUNTOS DE COGNATOS

Este capítulo apresenta as protoformas do protocrioulo do Golfo da Guiné que foram reconstruídas por meio dos conjuntos de cognatos estabelecidos. Desse modo, o capítulo é destinado ao agrupamento das 536 protoformas, a partir da análise de cerca de 2000 formas contemporâneas das línguas santome, fa d'ambô, lung'ie e angolar e de suas fonologias.

As protoformas estão organizadas em quadros. Assim, na primeira coluna de cada quadro, da esquerda para direita, encontra-se a protoforma reconstruída, indicada pelo asterisco (\*). Na segunda coluna, encontra-se o cognato pertencente ao santome, indicado pela sigla *ST*. Na terceira coluna, há o cognato do fa d'ambô, identificado pela sigla *FA*. Na quarta coluna, encontra-se o cognato referente ao lung'ie, indicado pela sigla *LI*. Na quinta coluna, há o cognato pertencente ao angolar, identificado pela sigla *AN*. Por fim, na sexta coluna, é disponibilizada a glosa do conjunto de cognatos. Nos quadros, a sílaba tônica da protoforma foi sublinhada para facilitar o seu reconhecimento. Ademais, quando a língua não apresentou um item referente ao conjunto por falta de registro nos materiais disponíveis, a ausência foi indicada com um longo tracejado (—) no campo da língua em questão. Somado a isso, quando não ocorreu propriamente à inexistência do item, mas à ausência de uma palavra cognata, a palavra, coletada da língua, foi riscada com um traço por cima das letras, sinalizando sua exclusão da análise. À cada protoforma, foi

designado um número de referência que a relaciona com os exemplos no texto dos capítulos precedentes.

As protoformas reconstruídas estão organizadas em ordem alfabética e de acordo com vinte e sete tipos de campos semânticos, a saber: *alimentos e bebidas em geral; anatomia animal e termos relacionados; anatomia humana e termos relacionados; animais e termos relacionados; conceitos abstratos; cores; crustáceos, peixes e termos relacionados; doenças e termos relacionados; evento; insetos; lugares e construções em geral; metais; natureza; ofícios; parentesco e termos relacionados; pronomes e outros elementos gramaticais; qualificadores; quantitativos; tempo; espiritualidade; fauna e relacionados; localização; utensílios e artefatos; vestuários; topônimos; e outros sem classificação.*

## 5.1 ALIMENTOS E BEBIDAS EM GERAL

1.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>a</u> ju	['aju]	['aju]	['aju]	['aju]	‘alho’
2.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>a</u> roso	['loso]	[a'loso]	[o'roso]	['loθo]	‘arroz’
3.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>a</u> wa	['awɛ]	['awa]	['awɛ]	['awɛ]	‘água’
4.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>a</u> wa <u>de</u> Nti	['awɛ 'dêtʃi]	['awa 'dêtʃi]	['awɛ 'dêtʃi]	['awɛ 'dêtʃi]	‘aguardente’
5.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>b</u> ana	['banɛ]	[ba'nana]	[ba'nɛ]	[ba'nɛ]	‘banana’
6.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>b</u> ana	['bɛɲɛ]	[gɔ:'dula]	['bɛɲɛ]	['bɛɲɛ]	‘gordura, banha’



7.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*fai <u>ja</u>	[fɛ'ja]	[fa'ja]	['fjɛ]	[fa'ja]	'farinha'
8.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*fɛzɔ <u>N</u>	[fɛ'zɔ]	[fɛ'zɛ]	[fɛ'zɛ]	[fɛ'ðɔ]	'feijão'
9.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*gɔ <u>rdura</u>	['godo]	[gɔ:'dula]	[gu'durɛ]	[go'dulɛ]	'gordura, banha'
10.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*kaldɛ <u>rada</u>	[kadɛ'ladɛ]	[xa:da'lɛ]	[kadɛ'radɛ]	[kadɛ'ladɛ]	'caldeirada'
11.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*k <u>ana</u>	[ka'nɛ]	[xa'na]	[ka'nɛ]	[ka'nɛ]	'cana-de- açúcar'
12.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*k <u>arni</u>	['kani]	['xa:ni]	[u'kani]	['kani]	'carne'
13.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*k <u>jabu</u>	['kjabu]	—	[u'kjabu]	['kjobu]	'quiabo'
14.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*l <u>ete</u>	['lete]	['lete]	['lete]	['lete]	'leite'
15.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*m <u>amo</u> N	[ma'mô]	[mɛ'mɛ]	[ma'mɛ]	[ma'mô]	'mamão'
16.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*ma <u>Ndj</u> oka	[mɛ'dɔkɛ]	[mɛ'dʒoxa]	[mɛ'djɔkɔ]	[mɛ'djɔkɛ]	'mandioca'
17.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*ma <u>Nso</u> N	[mɛ'sô]	—	[mɛ'sɛ]	[mɛ'sô]	'maçã'
18.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*ma <u>Nte</u> ga	[mɛ'tɛgɛ]	—	[mɛ'tɛgɛ]	[mɛ'tɛgɛ]	'manteiga'

19.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>m</u> eɛ	['mɛɛ]	['mɛɛ]	['mɛli]	['mɛɛ]	'mel'
20.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>m</u> ojo	['mojo]	['moj]	['mojo]	['mojo]	'molho'
21.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>n</u> anazi	[na'naʒi]	['na:dʒi]	[na'naʒi]	[na'nazi]	'abacaxi'
22.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>o</u> vu	['ovu]	['ovu]	['ovu]	['ovu]	'ovo'
23.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>p</u> oN	['mpõ]	['pẽ]	[o'pẽ]	['põ]	'pão'
24.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>p</u> limeNta	[pli'mête]	—	[pi'mête]	['pɛ:te]	'pimenta'
25.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>s</u> alu	['salu]	['salu]	[u'salu]	['θalu]	'sal'
26.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>s</u> opa	['sopɛ]	—	['sɔpɛ]	['sopɛ]	'sopa'
27.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>s</u> ukli	['sukli]	['sukulu]	['suke]	['θuki]	'açúcar'
28.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>t</u> ligu	['tligu]	['tiligu]	['tʃigu]	['ti:gu]	'trigo'
29.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>v</u> inagli	[vi'nagli]	—	[vi'nâge]	[vi'nagi]	'vinagre'
30.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>z</u> ete	['zete]	['zete]	[i'zetʃi]	{ma'zi}	'azeite'

## 5.2 ANATOMIA ANIMAL E TERMOS RELACIONADOS

31.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>a</u> za	['azɐ]	['aza]	['azɐ]	['aðɐ]	'asa'
32.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>k</u> ama	['kamɐ]	['xama]	['kamɐ]	['kamɐ]	'escama de peixe'
33.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>k</u> oni	['ɲkõni]	['xõ]	['kõni]	['kɔkɔ]	'chifre'
34.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>p</u> ena	['penɐ]	—	['penɐ]	['penɐ]	'pêlo'
35.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>r</u> abu	['labu]	['labu]	[u'rabu]	['labu]	'rabo'

## 5.3 ANATOMIA HUMANA E TERMOS RELACIONADOS

36.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>a</u> wa <u>b</u> oka	['awɐ 'bɔkɐ]	['awa d̂zi 'bɔxa]	—	['awɐ 'bɔkɐ]	'saliva'
37.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>a</u> wa <u>w</u> e	['awɐ 'we]	—	['awɐ u'we]	['awɐ 'we]	'lágrima'
38.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>b</u> ega	['bɛgɐ]	['bɛga]	['bwɛgɐ]	['bɛgɐ]	'barriga'
39.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>b</u> igodi	[bi'gɔd̂zi]	[bi'gɔd̂zi]	[bi'gɔdi]	{ðũbu}	'bigode'

40.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>blasu</u>	['blasu]	['ba:su]	[u'ba:su]	['ba:su]	'braço'
41.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>boka</u>	['bøkə]	['boxa]	[u'bukə]	['bøkə]	'boca'
42.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>deNti</u>	['dēt̃ʃi]	['dēnt̃ʃi]	[i'dēt̃ʃi]	['det̃ʃi]	'dente'
43.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>figadu</u>	—	['fugudu]	['figadu]	['figadu]	'figado'
44.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>kabelu</u>	[ka'belu]	[xa'belu]	[ka'belʊ]	[ka'belu]	'cabelo'
45.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>kabesa</u>	[ka'besə]	[xa'besa]	[ka'besɛ]	[ <del>ntɛ</del> ]	'cabeça'
46.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>kadɛla</u>	[ka'dɛlə]	[ <del>zɛxa</del> ]	[ka'dja]	[ <del>pɔpɔ</del> ]	'nádegas'
47.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>klək̄lɔsɔ</u> <sup>1</sup>	['klɔklɔ]	[xo:'xoso]	[ko'ko]	[ <del>sĩ'gɔ</del> ]	'pescoço'
48.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>klɔsɔN</u>	[klɔ'sɔ]	[ku:'sɛ]	[kɔ'sɛ]	[kɔ'θɔ]	'coração'
49.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>kupi</u>	[ku'pi]	—	[ku'pi]	[ku'pi]	'saliva'
50.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>luNgwa</u>	['lūgwa]	['lūŋga]	['lūŋgɛ]	['lūga]	'língua'
51.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>mama</u>	['mame]	['mama]	['mame]	['mame]	'seio'

<sup>1</sup> Segundo Ladhams (2007: 15), os cognatos do santome, lung'ie e angolar referentes a 'pescoço' são provenientes do iorubá, *gogongo* 'pescoço'.

52.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>mo</u> N	['mõ]	[o'mẽ]	[u'mẽ]	['mo]	'mão'
53.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*N <u>biku</u>	['biku]	[ʔxə]	['mbigu]	['mbiku]	'umbigo'
54.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>pε</u>	[ɔ'pε]	[ɔ'pε]	[ɔ'pε]	[ɔ'pε]	'pé ou perna'
55.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>re</u> ʎa	[ɔ'ʎa]	[ɔ'ʎa]	[u'rja]	[ɔ'lja]	'orelha'
56.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>so</u>	['so]	['so]	['su]	['so]	'osso'
57.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>ozo</u> ʎo	[zãta]	[o'zojo]	[o'ze]	[mpuna]	'joelho'
58.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>peli</u>	['peli]	['peli]	['peli]	['peli]	'pele'
59.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>pulsu</u>	['pusu]	['pulusu]	['pusu]	['puθu]	'pulso'
60.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>pulumo</u> N	[pulu'mõ]	[pulu'mõ]	[pulu'mẽ]	[pulu'mõ]	'pulmão'
61.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>risi</u>	['lifi]	['lifi]	[i'rifɪ]	['lisi]	'nariz'
62.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>sa</u> Ngi	['sɛgi]	['sɛgi]	['sɛgi]	[θɛgi]	'sangue'
63.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>tli</u> pa	['tlipe]	[beɪga]	[tʃipe]	[maɪe]	'intestino'
64.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>u</u> pa	['ipe]	['upa]	[u'mupe]	['ipe]	'unha'

65.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>w</u> e	['we]	['we]	['we]	['we]	'olho'

## 5.4 ANIMAIS E TERMOS RELACIONADOS

66.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>a</u> kere	[a'kele]	—	[aka're]	[ake'le]	'sapo'

67.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>b</u> isu	['bisu]	['bisu]	['bisu]	['biθu]	'animal'

68.	<i>PCGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>b</u> we	['bwe]	['bwe]	[u'bwe ɔmi]	['bue ɔmɛ]	'boi'

69.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>k</u> abla	['kablɐ]	['xaba]	['kablɐ]	['kablɐ]	'cabra'

70.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>k</u> aso	[ka'so]	[xa'so]	[ka'so]	[ka'θo]	'cão'

71.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>k</u> ɔblɔ	['kɔblɔ]	['xobolo]	['kɔbɔ]	[ki'õgɔ]	'cobra'

72.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>m</u> akaku	[ma'kaku]	[ma'xaku]	[ma'kaku]	[ma:'ku]	'macaco'

73.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>m</u> usegu	[ɲgẽ'bu]	[mo'sɛ:gu]	[mu'sɛgu]	[ɲgẽ'bu]	'morcego'

74.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>N</u> ganaN	[ɲgẽ'na]	[ɲgẽ'nã]	[gi'nɛ]	[ɲgẽ'na]	'galinha'

75.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>N</u> garsa	['gase]	[ɲ'ga:sa]	['gase]	[ɲ'gaθɐ]	'garça'

76.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*Nge <u>N</u> bu	[ŋgẽ'bu]	[mõ'se:gu]	[mu'segu]	[ŋgẽ'bu]	'morcego'
77.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*li <u>ma</u> lia	[bistu]	[li'maja]	[ni'mali]	[biθu]	'animal'
78.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*be <u>N</u> ku	[bẽ'ku]	—	[bẽ'ku]	[bẽ'ku]	'tartaruga do fango africana'
79.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>p</u> orko	[ploko]	[po:xo]	[po:ko]	[po:ko]	'porco'
80.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*tete <u>l</u> uga	[tata'lugɐ]	[tõ'tʃiŋga]	[te'tu:ɣɐ]	[tete'ugɐ]	'tartaruga'

## 5.5 CONCEITOS ABSTRATOS

81.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*a <u>m</u> ole	[a'mole]	—	[a'mwe]	[a'mole]	'amor'
82.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*bo <u>N</u> dadi	[bõ'dadʒi]	[bõ'daʒi]	—	[bõ'dadi]	'bondade'
83.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*g <u>e</u> la	[gɛlɐ]	[gɛla]	[gɛ]	[gɛlɐ]	'guerra'
84.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>k</u> alma	[kalumɐ]	[xalma]	[kalimɐ]	[gũdɛ]	'calma'
85.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*k <u>o</u> razi	[kõ'laʒi]	—	[kõ'raʒi]	[kɔ'θɔ]	'coragem'
86.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*ma <u>l</u> dadi	[ma'dadʒi]	[ma:'dadi]	[tɰ'ɰi]	[ma'dadi]	'maldade'

87.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>mal</u> disaN	[madʒi'sõ]	[ma:dʒi'sẽ]	[madi'sẽ]	—	'maldição'
88.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>p</u> edõN	[pɛ'dõ]	—	[pɛ'dẽ]	[pɛ'dõ]	'perdão'
89.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>pl</u> igisa	[pli'gise]	—	[pi'gise]	[pi'giθe]	'preguiça'
90.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>r</u> eva	[lɛvɛ]	—	[rɛvɛ]	[lɛvɛ]	'raiva'
91.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>s</u> edi	[sedʒi]	—	[sedi]	[θedi]	'sede'
92.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>s</u> iumi	[sumi]	—	[sumi]	[simi]	'ciúmes'
93.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>v</u> legõna	[vlɛ'gõɲɛ]	[govo'jẽ]	[vɔ'gjẽ]	[vɛ'gõɲɛ]	'vergonha'
94.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>w</u> e sja	[we'ja]	—	[we'fja]	[we'sja]	'inveja'

## 5.6 CORES

95.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>bl</u> aNku	[blɛku]	[bɛ:ɲku]	[bɛ:ku]	[u'bɛ:ku]	'branco'
96.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>k</u> olo	[kolo]	[kɔl]	[ko]	[kolo]	'cor'
97.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>m</u> arelu	[ma'lelu]	[dɔ'ladɥ]	[ma'rɛlu]	[ma'lɛlu]	'amarelo'



98.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>pletu</u>	['pletu]	['pɛrtu]	['pɛrtu]	['pɛrtu]	'preto'
99.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>rɔza</u>	['lɔzɐ]	['lɔza]	['rɔzɐ]	['lɔðɐ]	'rosa'
100.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>verde</u>	['vede]	['veɾdʒi]	['vede]	['vedi]	'verde'
101.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>vlemej</u>	[vlɛ'mɛ]	[vɛ'mɛju]	[vɛ'mɛ]	[vɛ'mɛ]	'vermelho'
102.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>zulu</u>	['zulu]	['zulu]	['zulu]	['ðulu]	'azul'

## 5.7 CRUSTÁCEOS, PEIXES E TERMOS

### RELACIONADOS

103.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>aNka</u>	['ɛkɐ]	['aŋxa]	<del>['ka'ra]</del>	['ɛŋkɐ]	'caranguejo'
104.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>bakuda</u>	[ba'kudɐ]	[ba'kuda]	—	[ba'kudɐ]	'barracuda'
105.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>glapoN</u>	[gla'põ]	—	<del>['kisasi]</del>	[ŋga'po]	'carapau'
106.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>gu<math>\lambda</math>a</u>	['gujɐ]	['gu $\lambda$ ɛ]	[u'gujɐ]	['gujɐ]	'peixe-agulha'
107.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>iSka</u>	['iʃkɐ]	['i:ka]	['iʃikɐ]	['isikɐ]	'isca'

108.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>ize</u>	['ize]	['inze]	['i'ze]	['iðe]	'camarão'
109.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*Nga <u>Ndu</u>	[ŋgẽ'du]	[kũ'du]	[tu'bẽ]	[ŋgẽ'du]	'tubarão'
110.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>psi</u>	['piʃi]	['piʃi]	['peʃi]	[kiki'e]	'peixe'
111.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>voado</u>	[va'do]	[voa'dol]	[voa'do]	[va:'do]	'peixe-voador'

## 5.8 DOENÇAS E TERMOS RELACIONADOS

112.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>bega kole</u>	['bege ko'le]	—	[kusu]	['bege ko'le]	'diarréia'
113.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*bi <u>Siga</u>	[bi'ʃige]	[bi'ʃiga]	[bi'ʃige]	[bi'sige]	'varíola'
114.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>dolo</u>	['dolo]	['dol]	['do]	[do'lo]	'dor'
115.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>feble</u>	['feble]	['fibili]	['febi]	['fɛbɛ]	'febre'
116.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>flida</u>	['flidɛ]	['fi:da]	['fi:dɛ]	['fi:dɛ]	'ferida'
117.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>gõmitu</u>	[ŋgõmitu]	—	['gõmitu]	[gõmitu]	'vômito'
118.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>kutu kutu</u>	['kutu 'kutu]	—	['kutu 'kutu]	['kutu 'kutu]	'sarampo'

	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
119.	* <u>l</u> alu	['lalu]	['lalu]	[u'lalu]	['lalu]	'doença de pele'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
120.	* <u>l</u> ep <u>l</u> a	['lepɫɛ]	['lepɑ]	['lepɛ]	['lepɛ]	'lepra'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
121.	*loN <u>l</u> iga	[lõ'bligɛ]	[xɔ:'lɔ]	[lõ'bi:ge]	—	'lombriga'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
122.	* <u>m</u> ali <u>b</u> ega	['mali 'bɛge]	—	['mali 'bwɛge]	['mali 'bɛge]	'prisão de ventre'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
123.	*miN <u>z</u> a <u>N</u>	[mĩ'dʒɛ]	[li'mɛdʒi]	[kura]	[mi'da]	'remédio'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
124.	* <u>p</u> ɛ <u>S</u> ti	['pɛftli]	—	['pɛftʃi]	—	'peste'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
125.	* <u>p</u> laga	['plage]	—	['pa:ge]	['pa:ge]	'praga'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
126.	* <u>t</u> osi	['tɔfi]	['tɔfi]	['tɔfi]	['tɔsi]	'tosse'

## 5.9 EVENTO

	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
127.	* <u>b</u> aja	[ba'ja]	—	[ba'ja]	[ba'ja]	'lançar um feitiço'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
128.	* <u>b</u> ali	[ba'li]	[ba'le]	[vwe]	[ba'li]	'varrer'

129.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*bana	[ba'na]	[ba'na]	[ba'na]	[ba'na]	'abandar'
130.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*baN <u>o</u> na	[zɛ'ta]	[bẽdɔ'na]	[bẽdɔ'na]	[bẽdɔ'na]	'abandonar'
131.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*barga	[bla'ga]	[ba:'ga]	[ba:'ga]	[ba:'ga]	'desfazer'
132.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*basa	[ba'za]	[dɛ'sɛ]	[ba'sa]	[ba'θa]	'abaixar'
133.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*bate	[ba'te]	[ba'te]	[ba'te]	[ba'te]	'bater'
134.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*be	['be]	['be]	['ve]	['be]	'ver'
135.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*bebe	[be'be]	[be'be]	[be'be]	[be'be]	'beber'
136.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*beN <u>z</u> a	[bẽ'za]	[bẽ'za]	[bẽ'za]	[bẽ'ða]	'beijar'
137.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*bi	['bi]	['bi]	[vi'ka]	['bi]	'vir'
138.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*b <u>i</u> la	[bi'la]	[bu'ka]	[vɔ'ta]	[bi'la]	'voltar'
139.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*b <u>i</u> li	[bi'li]	[bi'li]	['bi:]	[bi'li]	'abrir'
140.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*b <u>i</u> si	[bi'fi]	[bi'fi]	[bi'fi]	[bi'si]	'vestir'
141.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*b <u>j</u> e	[ku'dʒi]	[bɔ'jɔ]	['bje]	['bje]	'cozinhar'

142.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*b <u>o</u> ja	[bɔ'ja]	[bo'ja]	[bɔ'ja]	[bɔ'ja]	'boiar'
143.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*bu <u>k</u> a	[bu'ka]	[xu'a]	[bu'ka]	[bu'ka]	'buscar'
144.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*bu <u>r</u> ja	[bu'ja]	[boxi'a]	[bu'rja]	[bu'ja]	'embrulhar'
145.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>d</u> a	['da]	['da]	['da]	['da]	'dar'
146.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*da <u>N</u> sa	[dɛ'sa]	[dɛ'sa]	[dɛ'sa]	[dɛ'θa]	'dançar'
147.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*d <u>l</u> ete	[dle'te]	[de:'te]	[de:'te]	[de:'te]	'derreter'
148.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*dum <u>i</u> ni	[dumi'ni]	[d̥ʒju'ni]	[di'mi]	[du'mi]	'dormir'
149.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*f <u>a</u> la	['fla]	[fa'la]	['fa:]	['fa]	'falar'
150.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*f <u>a</u> la mi <u>N</u> tila	['fla mi't̃f̃ila]	[fa'mi'f̃ila]	{fa'lw̃egu}	{firi'ga}	'mentir'
151.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*f <u>a</u> lta	[fa'ta]	[fa:'ta]	[fa'ta]	[fa'ta]	'faltar'
152.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*f <u>e</u> zawa	['fɛ'zawa]	{min'za}	{mi'za}	['zi'ðawa]	'urinar'
153.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*f <u>e</u> de	[fɛ'dɛ]	[fɛ'dɛ]	[fɛ'dɛ]	{ũfwa}	'feder'
154.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*f <u>i</u> ka	[fi'ka]	{kɛ'da}	[fi'ka]	[fi'ka]	'ficar'

155.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*fl <u>ε</u> ga	[flɛ'ga]	[fɛ:'ga]	[fɛ'ga]	[fɛ'ga]	'esfregar'
156.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*fl <u>o</u> ga	[flɔ'ga]	[fu:'ga]	[fɔ'ga]	[fɔ'ga]	'brincar'
157.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*f <u>u</u> ma	[fu'ma]	[fū'mē]	[fu'ma]	[ <sup>h</sup> kəmi]	'defumar'
158.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*f <u>u</u> rta	[fu'ta]	—	[fu:'ta]	[fu'ta]	'roubar'
159.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*g <u>o</u> go	[go'go]	[gus'ta]	[gɔ'gɔ]	[go'go]	'gostar'
160.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*g <u>u</u> arda	[gwa'da]	[ga:'da]	[wa'da]	[gwa'da]	'esperar'
161.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*j <u>o</u> gɔ	[jɔ'gɔ]	—	[jɔ'gɔ]	[jɔ'gɔ]	'melhorar'
162.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*k <u>a</u> ba	[ka'ba]	[xa'ba]	[ka'ba]	[ka'ba]	'acabar'
163.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*k <u>a</u> ma	[ka'ma]	[xa'ma]	[kə'se'pefɪ]	[ka'ma]	'escamar (peixe)'
164.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*ka <u>N</u> ta	[kɛ'ta]	[xɛn'ta]	[kɛ'ta]	[ka'ta]	'cantar'
165.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*k <u>a</u> za	[ka'za]	[xa'za]	[ka'za]	[ka'ða]	'casar'
166.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*k <u>ε</u> bla	[kɛ'bla]	[xabɛ'la]	[kɛ'ba]	[kɛ'bja]	'quebrar'
167.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*k <u>e</u> le	[ke'le]	[xe'le]	[ <sup>h</sup> ke:]	[ke'le]	'crer'

168.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*kε <u>ma</u>	[kε'ma]	[ka'ma]	[kε'ma]	[kε'ma]	'queimar'
169.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*kεN <u>ta</u>	[kẽ'ta]	[xẽj'ta]	[kjẽ'ta]	[kε'ta]	'esquentar'
170.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*kε <u>se</u>	[ke'se]	[ke'se]	[kjẽ'se]	[ke'θe]	'esquecer'
171.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*ka <u>e</u>	['kje]	[ka'e]	['kje]	['kje]	'cair'
172.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*kla <u>ga</u>	[kla'ga]	[ga'ga]	[ka'ga]	[tu'ta]	'carregar'
173.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*kle <u>se</u>	[kle'se]	[xe'se]	[ke'se]	[ke'se]	'crescer'
174.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*klək <u>o</u>	[klə'kɔ]	[fə'lə]	[ko'ko]	[kɔkɔ'la]	'raspar'
175.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*ko <u>le</u>	[ko'je]	[ki'li]	—	[ku'je]	'colher'
176.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*ko <u>le</u>	[ko'je]	[ku'la]	—	[ko'je]	'encolher, escolher'
177.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*koN <u>de</u>	[kõ'de]	[xon'de]	[kõ'de]	[kõ'de]	'esconder'
178.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*koN <u>tla</u>	[kõ'tla]	[tə'pa]	[kõ'ta]	[bɛ]	'encontrar'
179.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*ko <u>re</u>	[ko'le]	[xo'le]	[ko're]	[ko'le]	'correr'
180.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*kɔ <u>rta</u>	[kɔ'ta]	[ku:'ta]	[kɔ'ta]	[kɔ'ta]	'cortar'

181.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*k <u>o</u> sa	[kɔ'sa]	[ku'sa]	[kɔ'sa]	[kɔ'θa]	'çoçar'
182.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*klo <u>z</u> e	[klo'ze]	[xo'ze]	[ko'ze]	[ko'ðe]	'costurar'
183.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*kub <u>l</u> i	[ku'bli]	[kubi'li]	[ku'bi]	[ku'bi]	'cobrir'
184.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*kud <u>a</u>	[tla'ta]	[ku'da]	[ku'da]	[ku'da]	'cuidar'
185.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*kud <u>i</u>	[ku'dʒi]	—	[ku'di]	[kũ'dʒi]	'acudir'
186.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*klup <u>a</u>	[klu'pa]	[ku:'pa]	[ku'pa]	[ku'pa]	'culpar'
187.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*kum <u>e</u>	[ku'mɛ]	[ku'mi]	[ku'mɛ]	['mɛ]	'comer'
188.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*kup <u>i</u>	[ku'pi]	—	[ku'pi]	[ku'pi]	'cuspir'
189.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*kur <u>a</u>	[ku'la]	[ku'la]	[ku'ra]	[ku'la]	'curar'
190.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*kuz <u>i</u>	[ku'dʒi]	[bɔ'jɔ]	[ku'zi]	[ku'zi]	'cozinhar'
191.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*lab <u>a</u>	[la'ba]	[la'ba]	[la'va]	[la'ba]	'lavar'
192.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*laN <u>d</u> a	[lɛ'da]	—	[lɛ'da]	[lɛ'da]	'nadar'
193.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*laN <u>s</u> a	[lɛ'sa]	[lu'za]	[lɛ'sa]	[ŋgumi'ta]	'vomitar'



194.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*la <u>N</u> ta	[lɛ'ta]	[lɛ'ta]	[la'ta]	[la'ta]	'levantarse'
195.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*l <u>o</u> l <u>o</u>	[lɔ'lo]	[lɔ'lo]	[lɔ'lo]	[lɔ'lo]	'lamber'
196.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*lu <u>z</u> i	[lu'zi]	[ <del>bi</del> li'a]	[lu'zi]	[lu'zi]	'brilhar'
197.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*ma <u>r</u> a	[ma'la]	[ma'la]	[ma'ra]	['ma:]	'amarrar'
198.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*m <u>e</u> Ndu	['mɛ̃du]	['mɛ̃du]	['mɛ̃du]	['mɛ̃du]	'temer'
199.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*m <u>e</u> se	[me'se]	[ <del>nesesi</del> 'ta]	[me'se]	[me'θe]	'querer'
200.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*mi <u>N</u> gwa	[mĩ'gwa]	[mũ'gwa]	[mĩ'gwa]	[mĩ'gwa]	'minguar'
201.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*m <u>i</u> za	[ <del>fe</del> 'zawa]	[min'za]	[mi'za]	[ <del>zi</del> 'ðawa]	'urinar'
202.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*m <u>o</u> de	[mo'de]	[mũ'da]	[mo'de]	[mo'de]	'morder'
203.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*N <u>g</u> a <u>n</u> a	[ŋgɛ'na]	[ŋgɛ'na]	['gɛ]	[ŋgã'na]	'ganhar'
204.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*N <u>g</u> o <u>m</u> a	[ŋgɔ'ma]	—	[ŋgɔ'ma]	[ŋgɔ'ma]	'engomar'
205.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*N <u>g</u> u <u>m</u> ita	[ŋgumi'ta]	[ <del>lu</del> 'za]	[gumi'ta]	[ŋgumi'ta]	'vomitar'
206.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*N <u>t</u> ela	[ntɛ'la]	—	[ntɛ'ra]	['tʃa]	'enterrar'

207.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*ob <u>l</u> iga	[obli'ga]	—	[obi'ga]	[obi'ga]	‘obrigar’
208.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*p <u>a</u> ga	[pa'ga]	[pa'ga]	[pa'ga]	[pa'ga]	‘apagar’
209.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*p <u>a</u> pa	[pa'pa]	[pa'pa]	[pa'pa]	[pa'pa]	‘mastigar’
210.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*p <u>a</u> rese	[pla'se]	[bø'ja]	[pare'se]	[pali'θe]	‘aparecer’
211.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*p <u>i</u> di	[pi'd̥zi]	[pin'd̥zi]	[pi'di]	[pi'd̥zi]	‘pedir’
212.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*p <u>i</u> ka	[pi'ka]	—	[pi'ka]	[pi'ka]	‘picar’
213.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*p <u>i</u> Nsa	[pĩ'sa]	[pi'za]	[pĩ'sa]	[siki'a]	‘empurrar’
214.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*p <u>l</u> ega	[plɛ'ga]	[pɛ:'gwa]	[pɛ'ga]	[pɛ'ga]	‘pregar’
215.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*p <u>l</u> eNde	[plɛ'de]	[pẽ'de]	[pe'de]	[pẽ'de]	‘perder’
216.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*p <u>l</u> esa	[plɛ'sa]	—	[pɛ'sa]	[pɛ'θa]	‘emprestar’
217.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*p <u>u</u> rga	[plu'ga]	[pu:'ga]	[pu:'ga]	[pu:'ga]	‘purgar’
218.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*r <u>a</u> la	[la'la]	[xa'la]	[ra'la]	[la'la]	‘ralar’
219.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*r <u>a</u> Nka	[lɛ'ka]	[laŋ'xa]	[rẽ'ka]	[lɛ'ka]	‘arrancar’

220.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*re <u>ma</u>	[le'ma]	—	[rɛ'ma]	[le'ma]	'remar'
221.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*ri <u>gi</u>	[li'gi]	[li'gi]	[re'ge]	[li'gi]	'erguer'
222.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*ro <u>Nka</u>	[lõ'ka]	[lõxu'a]	[rõ'ka]	[lõ'ka]	'roncar'
223.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*ru <u>ma</u>	[lu'ma]	—	[ru'ma]	[lu'ma]	'arrumar'
224.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*sa <u>gwa</u>	[sa'gwa]	—	[sa'gwa]	[θa'gwa]	'enxaguar'
225.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*sa <u>ja</u>	[sa'ja]	[sɛ'a]	['sa:]	[si'e]	'puxar'
226.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*sa <u>kudi</u>	[sagu'dʒi]	[sugu'i]	[saku'di]	[θagu'di]	'agitar'
227.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*sa <u>lga</u>	[ʃtla'ga]	[sa:'ga]	[sa'ga]	[θa'ga]	'salgar'
228.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*sa <u>ta</u>	[sa'ta]	—	[sa'ta]	[θa'ta]	'pular, saltar'
229.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*sa <u>lva</u>	[ʃla'va]	[sa:'va]	[sa'va]	[θa'va]	'salvar'
230.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*sa <u>ma</u>	[sa'ma]	[sa'ma]	[sa'ma]	[θa'ma]	'chamar'
231.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*se <u>gula</u>	[pə'la]	[sugu'la]	[se'gwa]	[θe'gwa]	'segurar'
232.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*se <u>Nde</u>	[sẽ'de]	[sẽ'de]	[sẽ'de]	[θẽ'de]	'acender'

233.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>sera</u>	[sɛ'la]	[sɛ'la]	[sɛ'ra]	[θɛ'la]	'cheirar'
234.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>sig</u> a	[ʃi'ga]	[ʃi'ga]	[ʃi'ga]	[si'ga]	'chegar'
235.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>sik</u> apa	[ʃka'pa]	—	[ʃika'pa]	[sika'pa]	'escapar'
236.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>sikle</u> ve	[ʃkle've]	[ʃke:'ve]	[ʃike've]	[sike've]	'escrever'
237.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>sim</u> ja	[ʃi'mja]	[ʃi'mja]	[ʃi'mja]	[si'mja]	'plantar'
238.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>sula</u>	[sɔ'la]	[su'la]	[gø]	[θu'a]	'chorar'
239.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>sɔN</u> bla	[sɔ̃'bla]	[sɔ̃mbe'la]	[sɔ̃m'ba]	[θɔ̃'bwa]	'assombrar'
240.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>sɔ</u> pla	[sɔ'pla]	[fə'fə]	[sɔ'pa]	[θɔ'pa]	'soprar'
241.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>sub</u> li	[su'bli]	[subi'li]	[su'bi]	[θu'bi]	'subir'
242.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>suga</u>	[su'ga]	[sɔ'xa]	[su'ga]	[ku'ta]	'secar, enxugar'
243.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>sup</u> a	[su'pa]	[su'pa]	[su'pa]	[θu'pa]	'chupar'
244.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>sua</u>	[swa]	[su'a]	[swa]	[θu'a]	'suar'
245.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>tas</u> oN	[ta'sɔ]	[sɛ'ta]	[tu'sɛ]	[ta'θɔ]	'sentar'

246.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>te</u>	[t'e]	[t'e]	[t'e]	[t'e]	'ter'
247.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*te <u>Nde</u>	[tẽ'de]	[tẽ'de]	[tẽ'de]	[vakẽ'na]	'ouvir'
248.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>tila</u>	[tʃi'la]	[tʃi'la]	[tʃa]	[tʃa]	'tirar'
249.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>tlaba</u> ʎa	[tla'ba]	[ta:ba'ʎa]	[tɔ'bja]	[ta'ba]	'trabalhar'
250.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>tɔra</u>	[tɔ'la]	[ntɔ'la]	[tɔ'ra]	[tɔ'la]	'torrar'
251.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>zeta</u>	[zɛ'ta]	[bãdɔ'na]	[zɛ'ta]	[bãdɔ'na]	'abandonar'
252.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>zuda</u>	[zu'da]	[zu'da]	[zu'da]	[ðu'da]	'ajudar'

## 5.10 INSETOS

253.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>flemi</u> Nga	[fle'mĩge]	[ã'fi]	[fi'mĩge]	[fo'mĩge]	'formiga'
254.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>idu</u>	[i'du]	[i'du]	[i'du]	[i'du]	'piolho'
255.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>se</u> Nkwa	[sẽ'kwa]	—	[sẽ'kwa]	[θe'kwa]	'percevejo'
256.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>vu</u> N <u>vu</u> N	[vũ'vũ]	—	[bũ'bu]	[ɲo'ki]	'abelha'

## 5.11 HUMANOS

257.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*defu <u>N</u> tu	[de'fũtu]	[d̥ʒi'fũtu]	[de'fũtu]	[de'fũtu]	'defunto'
258.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*gl <u>e</u> va	[i'glevɐ]	—	['bwevɐ]	['gɛ:vɐ]	'gêmeo'
259.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>minu</u>	{tutu'bi}	['minu]	['minu]	{tutu'bi}	'criança'
260.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*mu <u>e</u> la <sup>2</sup>	['mwala]	['mjele]	['mjɛ]	{mê'gai}	'mulher'
261.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>Nge</u>	['ŋge]	['ŋge]	[nĩ'ŋge]	['ŋge]	'pessoa, alguém'
262.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>ome</u>	[ɔ'mɛ]	[ɔ'mɛ]	[ɔ'mi]	[ɔ'mɛ]	'homem'
263.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>tutubi</u>	[tutu'bi]	{minu}	{minu}	[tutu'bi]	'criança'
264.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>vizjaN</u>	[vi'd̥ʒẽ]	[d̥ʒi'vid̥ʒil]	[vi'd̥ʒĩ]	[vi'zjẽ]	'vizinho'

## 5.12 LUGARES E CONSTRUÇÕES EM GERAL

265.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*arima <u>NzeN</u>	[alimẽ'zɛ]	—	[arimẽ'zɛ]	[alimẽ'zɛ]	'armazém'

<sup>2</sup> A protoforma \*muela foi reconstruída com base nos padrões de mudança das línguas e nos cinco registros do item <muéla> 'mulher' em Schuchardt (1882[2008: 135; 139]).

266.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*b <u>o</u> d <u>o</u>	[bɔ'dɔ]	[bɔ'dɔ]	{pət̃fi va'pə}	[bɔ'dɔ]	'cais'
267.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*f <u>e</u> la	['fɛlə]	['fɛla]	['fja]	['fɛlə]	'mercado, feira'
268.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*g <u>l</u> eza	['glɛzɛ]	['ge:za]	['ge:zɛ]	['ŋge:ðɛ]	'igreja'
269.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*k <u>a</u> d <u>ja</u>	[ka'dʒa]	[xa'dʒia]	[ka'dʒja]	[ka'dʒja]	'cadeia'
270.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*k <u>a</u> si	['kɛ]	['xai]	['kaʃi]	['kai]	'casa'
271.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*o <u>b</u> o	[o'bo]	[o'go]	[o'vjo]	[o'bo]	'floresta'
272.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*k <u>u</u> z <u>ja</u> N	[ku'dʒɛ]	—	[ku'ʃɛ]	[ku'zja]	'cozinha'
273.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*k <u>w</u> atu	['kwatu]	{xət̃fjɛ}	[u'kwatu]	['kwatu]	'quarto'
274.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*l <u>w</u> a	['lwa]	{kæɛ}	['ugɛ]	['lwa]	'rua'
275.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*m <u>u</u> ru	['mulu]	{fɛ'tɛ:za}	['muro]	['mulu]	'muro'
276.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*p <u>l</u> asa	['plase]	['pa:sa]	['pa:sɛ]	['pa:θa]	'praça'
277.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*p <u>o</u> s <u>o</u> N	[pɔ'sõ]	—	[pɔ'sɛ]	[pɔ'θɔ]	'cidade'

	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
278.	*p <u>o</u> t <u>o</u> N g <u>l</u> a <u>N</u> di	['pɔtɔ ŋ'glɛd̥ɔ̃ʒi]	—	[pɔ'tɛ̃ 'gɑ:ni]	['pɔtɔ 'gai]	'portão'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
279.	* <u>s</u> ala	['salɛ]	—	['salɛ]	['salɛ]	'sala'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
280.	*sɛ <u>N</u> zala	[sɛ'zale]	—	[sɛ'zale]	[θɛ'ðale]	'senzala'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
281.	*simi <u>N</u> t <u>ɛ</u> lu	[ʃimi'tɛli]	—	[ʃimi'tɛw]	[ʃimi'tɛli]	'cemitério'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
282.	* <u>t</u> oli	['toli]	['tol]	['to]	['toli]	'torre'

### 5.13 METAIS

	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
283.	* <u>f</u> elu	['fɛlu]	['fɛlu]	[u'fɛw]	['fɛlu]	'ferro'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
284.	* <u>o</u> ro	['olo]	—	['oro]	['olo]	'ouro'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
285.	* <u>p</u> lata	['plate]	['pa:ta]	['pa:tɛ]	['pa:tɛ]	'prata'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
286.	* <u>s</u> u <u>N</u> bu	['sūbu]	['sūba]	['sūbu]	['θūbu]	'chumbo'

### 5.14 NATUREZA

	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
287.	* <u>a</u> reja	[a'lja]	[a'leɑ]	[a'rja]	[θe'ke]	'areia'



288.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>a</u> ruku	['aluku]	[gə'vɛla]	['aruku]	[kõ'gø]	'arco-íris'
289.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>b</u> alu	['balu]	['balu]	[u'baw]	['balu]	'barro'
290.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>b</u> udu	['budu]	['budu]	[u'budu]	['budu]	'pedra'
291.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>f</u> jo	['fjo]	['fiu]	['fjo]	[fi'o]	'frio'
292.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>i</u> gligu	[i'gligu]	—	[igi'gu]	[i'ligu]	'fumaça'
293.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>i</u> la	[i'a]	[i'la]	['iɛ]	['ia]	'ilha'
294.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*ka <u>l</u> olo	[ka'lolo]	[kɛit'fi]	[ka'lo]	[ka'lolo]	'calor'
295.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*kla <u>v</u> oN	[kla'võ]	[xa:'bɛ]	[i'bi]	[kẽ'vɔ]	'carvão'
296.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*mja <u>m</u> ja	[mja'mja]	[lali]	[mjẽ'mja]	[mja'mja]	'relâmpago'
297.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>n</u> ovi	['novi]	['novi]	['novi]	[mbəsi]	'nuvem'
298.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>n</u> wa	['nwa]	['nwa]	[u'nwa]	[mbezi]	'lua'
299.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>n</u> a	['na]	['nia]	[i'pɛ]	[ni'ja]	'lenha'
300.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>o</u> mali	[ɔ'mali]	[ɔ'mɛ]	[o'mwe]	[mi'õgɛ]	'mar'

301.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>ɔ</u> pɔ	[ɔ'pɔ]	—	[ɔ'pɔ]	[õ'pɔ]	'pó'
302.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*or <u>jo</u>	['jo]	[tu'bɛla]	[o'rjo]	[o'jo]	'rio'
303.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>ɔ</u> sɛ	[ɔ'sɛ]	[ɔ'sɛ]	[ɔ'sɛ]	[ɔ'θɛ]	'céu'
304.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>pi</u> ku	['piku]	['piku]	[u'piku]	['piku]	'pico'
305.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*r <u>ɔ</u> vwe	[lɔ've]	[se'lema]	[rɔ'vwe]	[la'vwe]	'orvalho'
306.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>s</u> ɔlɔ	['sɔlɔ]	['sɔlɔ]	[u'sɔlu]	['θɔlɔ]	'sol'
307.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*st <u>l</u> ɛla	[ʃ'tlɛlɛ]	['tɛ:la]	[ʃ'tɛlɛ]	[te'tɛbu]	'estrela'
308.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>s</u> uva	['subɛ]	['ʃuva]	[u'suve]	['θubɛ]	'chuva'
309.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>t</u> ɛla	['tɛlɛ]	['tɛla]	['tɛ]	['tʃja]	'terra'
310.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*tlo <u>v</u> ada	[tlɔ'vadɛ]	[tolo'vada]	[to'vadɛ]	[to'vadɛ]	'trovoada'
311.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>v</u> ɛNtu	['vɛtu]	[ɔ'vɛtu]	[u'vɛtu]	['vɛtu]	'vento'
312.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>a</u> re	[a'le]	[a'le]	[a're]	[a'le]	'rei'

## 5.15 OFÍCIOS

312.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>a</u> re	[a'le]	[a'le]	[a're]	[a'le]	'rei'

313.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*dot <u>o</u> lo	[do'tolo]	[do'tolo]	[do'to]	[do'tolo]	'médico'
314.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*klap <u>i</u> N <u>telu</u>	[klapĩ'telu]	[xẽ'telu]	[kapĩ'tew]	[kapi'telu]	'carpinteiro'
315.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*mat <u>a</u> do	[mata'do]	[mata'do]	—	—	'matador'
316.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*piSk <u>a</u> do	[pi'ka'do]	[pisxa'do]	[pifika'do]	[pisika'do]	'pescador'
317.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>r</u> ap <u>a</u>	[lẽɾɐ]	[lẽj'ẽ]	[rãɾɐ]	[lẽɾɐ]	'rainha'
318.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*sap <u>a</u> telu	[sapa'telu]	[sapa'telu]	[sapa'tew]	[sapa'telu]	'sapateiro'
319.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*s <u>o</u> ld <u>a</u> di	[sɔ'dɛ]	[sɔ:'dadʒi]	[sɔ'dadi]	[θɔ'dɛ]	'soldado'

## 5.16 PARENTESCO E TERMOS RELACIONADOS

320.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*biS <u>d</u> ona	[bi'ðɔnɐ]	—	[biza'vɔ]	[bi'ðɔnɐ]	'bisavó'
321.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*biS <u>d</u> onu	[bi'ðɔnu]	—	[biza'vo]	[bi'ðɔnu]	'bisavô'
322.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>k</u> ɔ <u>t</u> a <u>b</u> ɛ <u>g</u> a	[,kɔtɐ 'bɛgɐ]	—	[,kɔtɐ 'bwɛgɐ]	[,kɔtɐ 'bɛgɐ]	'caçula'
323.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*k <u>u</u> n <u>a</u> da	[ku'ɲadɐ]	—	[ku'ɲadɐ]	[ku'ɲadɐ]	'cunhada'

324.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>kup</u> ado	[ku'padu]	—	[ku'padu]	[ku'padu]	'cunhado'
325.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>mama</u>	[ma'ma]	['mɛ̃i]	[ma'ma]	[ma'ma]	'mãe'
326.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>mana</u>	['manɐ]	[na'mɛ̃i]	['manɐ]	['manɐ]	'irmã'
327.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>manu</u>	['manu]	{ <del>namê</del> }	['manu]	['manu]	'irmão'
328.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>maridu</u>	[ma'lidu]	['mɛɾdu]	['ma:du]	{ <del>ə'mɛɾ</del> }	'marido'
329.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>meN</u> kaj	{ <del>malu</del> }	[mɛ: 'xai]	{ <del>dɛ̃ma</del> }	[mɛ 'gai]	'esposa'
330.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>papa</u>	[pa'pa]	[pa'pa]	[pa'pa]	['tata]	'pai'
331.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>plimu</u>	['plimu]	—	—	['pimu]	'primo'
332.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>tio</u>	['tiju]	—	['tʃio]	['tʃio]	'tio'
333.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>vjuva</u>	[vi'juvɐ]	['vjuva]	['vjuvɐ]	['vjuvɐ]	'viúva'

## 5.17 PRONOMES E OUTROS ELEMENTOS

### GRAMATICAI

334.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>ami</u>	[a'mi]	[a'mu]	[a'mi]	[a'mi]	PRON 1P SG

335.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>e</u>	['ele]	['eli]	['eli]	['ele]	PRON. 3P SG
336.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>in</u> ε	['ine]	['εnε]	['inε]	['εnε]	PRON. 3P PL
337.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>ku</u>	['ku]	['ku]	['kō]	['ku]	PREP.
338.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>ku</u> ma	['kumε]	['koma]	['kumε]	['kumε]	'como'
339.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>m</u> NTi	['mōtʃi]	['mōtʃi]	['mōtʃi]	['mōtʃi]	'muito'
340.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>mu</u> Ntu	['mūtu]	['muītu]	['mūtu]	['ītu]	'muito'
341.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>na</u> da	['nadaʃi]	['nada]	['nadε]	['narasi]	'nada'
342.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>no</u> N	['nō]	['nō]	['nō]	['nō]	PRON. 1P PL
343.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>nu</u> Nka	[nē'tē]	[tʃjam̄̄]	['nūke]	['nūke]	'nunca'
344.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>pl</u> oke	['pluke]	['pōke]	['poke]	['kōtu ma]	'porque'
345.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>p</u> oko	['poko]	—	['poko]	[tʃə]	'pouco'
346.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>s</u> εNple	['sēple]	['sēpele]	['sēpi]	['θepe]	'sempre'

347.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>su</u> N	['sũ]	['sũ]	['sũ]	['θũ]	‘senhor’

348.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>tu</u> du	['tudu]	['tudu]	['tudu]	['tudu]	‘tudo’

## 5.18 QUALIFICADORES

349.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>a</u> Nzu	['ẽzu]	['ẽnzũ]	['ẽzũ]	['ẽðũ]	‘recém-nascido’

350.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>bl</u> atu	['blatu]	—	['bartu]	['bartu]	‘barato’

351.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*bebe <u>da</u> du	[bebe'da]	[bebe'do]	[bebe'dadu]	[bebe'dadu]	‘bêbado’

352.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>bl</u> uku	['bluku]	—	['buku]	['buku]	‘ruim’

353.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>bo</u> bo	[bo'bo]	['bobo]	[bo'bo]	[bo'bo]	‘claro ou maduro’

354.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>bon</u> itu	[bu'nitu]	[bi'nitu]	[bo'nitu]	—	‘bonito’

355.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>d</u> letu	['dletu]	['de:tu]	['de:tu]	['de:tu]	‘direito’

356.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>d</u> odo	['dodo]	['dodo]	[u'dodo]	['dodo]	‘maluco’

357.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>f</u> eu	['fe]	['feju]	['feju]	['fwe]	‘feio’

358.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>fl</u> aku	[ˈflaku]	[ˈfa:ku]	[ˈfa:ku]	[ˈfa:ku]	‘fraco’
359.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>fl</u> εSku	[ˈflɛ]ku]	[ˈfɛsku]	[ˈfɛ]ku]	[ˈfɛku]	‘fresco’
360.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>f</u> oti	[ˈfɔt̪i]	[ˈfɔt̪i]	[ˈfɔt̪i]	—	‘forte’
361.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>fu</u> Ndu	[ˈfūdu]	[ˈfūdu]	[uˈfūdu]	[ˈfūdu]	‘fundo’
362.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>g</u> agu	[ˈgagu]	[ˈgagi]	[uˈgagu]	[ˈgagu]	‘gago’
363.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>gl</u> avi	[ˈglavi]	[ˈga:vu]	[ˈga:vi]	[ˈga:vi]	‘bonito’
364.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>g</u> ordo	[ˈgodo]	[ˈgo:do]	[ˈgodo]	[ˈgodo]	‘gordo’
365.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>g</u> wali	[ˈgwali]	[ˈgwal]	—	[ˈgwali]	‘igual’
366.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>kai</u> N	[kaˈi]	[ <del>xasu</del> ]	[kaˈi]	[kaˈi]	‘avarento’
367.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>kas</u> u	[ˈkasu]	[ˈxasu]	[ˈkasu]	[ <del>kaˈi</del> ]	‘avarento’
368.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>klup</u> ado	[kluˈpadu]	[kuˈpadu]	[kuˈpadu]	[kuˈpadu]	‘culpado’
369.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>k</u> urtu	[ˈkutu]	[ˈku:tu]	[ˈkutu]	[ˈkutu]	‘curto’
370.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>k</u> uru	[kuˈlu]	[kuˈlu]	[ukuˈru]	[kuˈlu]	‘cru’

371.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>kuru</u>	['kulu]	['kulu]	[u'kuru]	{sisi'mæ}	'escuro'
372.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>liNpu</u>	['lĩpu]	['lĩpu]	['lĩpu]	['lĩpu]	'limpo'
373.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>loNgo</u>	['lõgo]	['lõgo]	['lõgo]	['lõgo]	'alto'
374.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>maglu</u>	['mlagu]	['mũgulu]	['magu]	['mẽgu]	'magro'
375.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>maloko</u>	[ma'loko]	—	[ma'loko]	[ma'loko]	'maluco'
376.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>maNsu</u>	['mẽsu]	['ma:su]	['mẽsu]	['mẽθu]	'manso'
377.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>miɔo</u>	[mi'ɔõ]	—	['mjo]	['mioli]	'melhor'
378.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>moli</u>	['mɔli]	['mɔɛ]	['mɔli]	['mɔli]	'mole'
379.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>mɔɲadu</u>	[mɔ'ɲadu]	—	['mwadu]	['miadu]	'molhado'
380.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>moro</u>	['molo]	['mol]	['moro]	['molo]	'mouro'
381.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>mudu</u>	['mudu]	['mudu]	['mudu]	['mudu]	'mudo'
382.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>nimigu</u>	[nu'migu]	[ni'migu]	[ni'migu]	[nu'mĩgu]	'inimigo'
383.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>pjɔɔ</u>	['pjɔɔ]	—	['pjɔɔ]	—	'pior'



384.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>p</u> obli	[ˈpɔbli]	[ˈpɔbili]	[ˈpɔbi]	[ˈpɔbi]	‘pobre’
385.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*poder <u>o</u> zo	[ploˈdozu]	[podeˈlozo]	[podeˈrozo]	—	‘poderoso’
386.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>r</u> iku	[ˈliku]	[ˈliku]	[ˈriku]	[ˈliku]	‘rico’
387.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>r</u> izu	[ˈlizu]	[ˈlizu]	[ˈrizu]	[ˈliðu]	‘duro’
388.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>s</u> adu	[ˈsadu]	—	[ˈsadu]	[ˈθadu]	‘assado’
389.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>s</u> egu	[ˈsegu]	[ˈsegu]	[ˈsegu]	[ˈθegu]	‘cego’
390.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>s</u> udu	[ˈsudu]	—	[ˈsudu]	[ˈsudu]	‘surdo’
391.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>s</u> ugadu	[suˈgadu]	[soˈxadu]	[suˈgadu]	—	‘enxuto’
392.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>s</u> umi	[ˈsumi]	—	[ˈsumi]	[ˈsimi]	‘ciumento’
393.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>s</u> upetu	[suˈpetu]	[suˈpetu]	[suˈpetu]	[θuˈpetu]	‘esperto’
394.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>t</u> iokɔ	[ˈtʃɔkɔ]	—	[tʃɔkɔˈlɔ]	[ˈtʃɔ]	‘pequeno’
395.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>v</u> e	[ˈvɛ]	[ˈvɛ]	[ˈvɛ]	[ˈvɛ]	‘velho’
396.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>z</u> edu	[zɛˈdu]	—	[ˈzɛdu]	[ˈðɛdu]	‘azedo’

	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
397.	* <u>z</u> uda	['zude]	['zuda]	['zude]	['ðude]	'pessoa falsa'

## 5.19 QUANTITATIVOS

	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
398.	* <u>d</u> esi	['dɛʃi]	['dɛiʃ]	['dɛʃi]	{'kwĩ}	'dez'

	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
399.	* <u>d</u> osu	['dosu]	['dosu]	['dosu]	['dosu]	'dois'

	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
400.	* <u>k</u> watlu	['kwatlu]	['xatulu]	['kwatu]	{'kwane}	'quatro'

	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
401.	* <u>l</u> itlu	['litlu]	—	['litu]	['litu]	'litro'

	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
402.	* <u>m</u> etadi	[mɛ'tad̃zi]	[mɛ'tad̃zi]	[mɛ'tɛdi]	['mɛ]	'metade'

	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
403.	* <u>n</u> ove	['nove]	['nɔvi]	['nove]	{'uvve}	'nove'

	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
404.	* <u>p</u> limelu	[pli'me]	[pi'melu]	[pi'mew]	[pũ'belu]	'primeiro'

	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
405.	* <u>s</u> ejsi	['seʃi]	['seiʃ]	['sej]	{'θamanu}	'seis'

	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
406.	* <u>s</u> etɛ	['setɛ]	['setɛ]	['set̃ʃi]	{'θabadi}	'sete'

	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
407.	* <u>s</u> iNku	['ʃiku]	['ʃiku]	['ʃiku]	{'tano}	'cinco'

408.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>teru</u>	['telu]	—	[n'teru]	['telu]	'inteiro'
409.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>lesi</u>	['tleʃi]	['te:ʃi]	['te:ʃi]	['te:ʃi]	'três'
410.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>uNa</u>	['ũa]	['ũ]	['ũa]	['ũa]	'um'
411.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>wotu</u>	['wotu]	['ɔ:tu]	['wetu]	{ <del>nake</del> }	'oito'

## 5.20 TEMPO

412.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>abli</u>	[a'bli]	[a'bi]	[a'bili]	[a'bi]	'abril'
413.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>agoSto</u>	[a'goʃto]	[a'goto]	[a'goʃto]	[a'goso]	'agosto'
414.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>amajaN</u>	[amẽ'pẽ]	[a'mẽia]	[a'mẽ]	{ <del>mũ'gu</del> }	'amanhã'
415.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>aNtoNte</u>	[ẽ'tõte]	[a'tõte]	[ɔ'tõtʃi]	{ <del>ma'ðo i'na</del> }	'anteontem'
416.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>dezeNblu</u>	[de'zẽblu]	[di'ʃiẽbulu]	[de'zẽbu]	[de'ðẽbu]	'dezembro'
417.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>dja</u>	['dʒa]	['dʒja]	['dja]	['dja]	'dia'
418.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>djadiNgu</u>	[ʒa'dʒĩgu]	[dʒi'mĩgu]	[dja'dĩgu]	[dja'dĩgu]	'domingo'

419.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*fever <u>e</u> lu	[feve'lelu]	[febe'lelu]	[feve'rew]	[feve'lelu]	'fevereiro'
420.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*ki <u>N</u> ta <u>f</u> ela	['kĩtɛ 'fɛlɛ]	['kĩta 'fɛla]	['kĩtɛ 'fja]	['kĩtɛ 'fɛlɛ]	'quinta-feira'
421.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*kw <u>a</u> ta <u>f</u> ela	['kwatɛ 'fɛlɛ]	['xwata 'fɛla]	['kwatɛ 'fja]	['kwatɛ 'fɛlɛ]	'quarta-feira'
422.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*mad <u>l</u> uga <u>d</u> u	[madlu'gadu]	—	{ <del>ku</del> ru}	[maðu'gadu]	'madrugada'
423.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*ma <u>j</u> u	['maju]	—	[u'maju]	['maju]	'maio'
424.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*ma <u>r</u> su	['masu]	['malusu]	[u'masu]	['masu]	'março'
425.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*no <u>t</u> i	['notʃi]	['notʃi]	[u'notʃi]	['noti]	'noite'
426.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*no <u>v</u> e <u>N</u> blu	[no'vɛblu]	—	[no'vɛbu]	[no'vɛbu]	'novembro'
427.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*o <u>t</u> ublu	[o'tublu]	—	[o'tubu]	[o'tubu]	'outubro'
428.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*o <u>z</u> ɛ	['ɔzɛ]	['oze]	['oze]	['ɔðɛ]	'hoje'
429.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*sa <u>b</u> adu	['sabadu]	['sabudu]	['sabudu]	['θabadu]	'sábado'
430.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	*s <u>e</u> du	['sɛdu]	—	['sɛdu]	['θɛdu]	'cedo'

	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
431.	* <u>se</u> gu <u>N</u> da f <u>e</u> la	[se'gũdɐ 'fɛlɐ]	[sũda'fɛla]	[se'gũdɐ 'fja]	['θe'gũdɐ 'fɛlɐ]	'segunda- feira'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
432.	* <u>se</u> St <u>a</u> f <u>e</u> la	['seftɐ 'fɛlɐ]	['sista 'fɛla]	['seftɐ 'fja]	['θetɐ 'fɛlɐ]	'sexta- feira'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
433.	* <u>se</u> t <u>e</u> N <u>b</u> lu	[sɛ'tɛ̃blu]	—	[sɛ'tɛ̃bu]	[θɛ'tɛ̃bu]	'setembro'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
434.	* <u>t</u> adi	['tad̃zi]	['tad̃zi]	['tadi]	['tadi]	'tarde'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
435.	* <u>t</u> ers <u>a</u> f <u>e</u> la	['tɛsɐ 'fɛlɐ]	['tɛ:sa 'fɛla]	['tɛsɐ 'fja]	['tɛθɐ 'fɛlɐ]	'terça- feira'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
436.	* <u>z</u> anelu	[ʒa'nelu]	[ze'nelu]	[ʒa'new]	[ða'nelu]	'janeiro'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
437.	* <u>z</u> ulu	['ʒulu]	['zulu]	['ʒulu]	['ðulu]	'julho'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
438.	* <u>z</u> upu	['ʒũpu]	['zupu]	['zũpu]	['ðũpu]	'junho'

## 5.21 ESPIRITUALIDADE

	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
439.	* <u>a</u> lma	['alimɐ]	['alma]	['alimɐ]	['alimɐ]	'alma'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
440.	* <u>a</u> ltali	[a'tali]	[a:'tali]	—	[a'tali]	'altar'

441.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>desu</u>	['desu]	['dɛzu]	['desu]	['deθu]	‘deus’
442.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>djabu</u>	['ʒabu]	['dʒjabu]	[u'djabu]	['djabu]	‘diabo’
443.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>glɔrja</u>	['ɲglɔja]	[gɔ'lɔja]	['gɔrja]	['gɔlja]	‘glória’
444.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>klusu</u>	['klusu]	['ku:su]	['kuzu]	['ku:θu]	‘cruz’
445.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>milagli</u>	[mi'lagli]	[mi'lagulu]	[mi'lagi]	[mi'lagi]	‘milagre’
446.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>rasoN</u>	[la'sõ]	[la'sẽ]	[rɔ'sẽ]	[la'θo]	‘oração’
447.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>saNtu</u>	['sẽtu]	['sẽtu]	['sẽtu]	['sẽtu]	‘santo’

## 5.22 FAUNA E RELACIONADOS

448.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>alba</u>	['alibɐ]	['alba]	['aribɐ]	['iku]	‘erva’
449.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>alugudoN</u>	[alugu'dõ]	['ɔɾ]	[alugu'dẽ]	[alugu'du]	‘algodão’
450.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>fja</u>	['fja]	['fɔl]	['fja]	['fja]	‘folha’
451.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>flɔli</u>	['flɔli]	['fɔl]	[u'fɔli]	['fɔli]	‘flor’

452.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>k</u> losu	['klosu]	['xo:su]	['ko:]	['ko:θu]	‘caroço’
453.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>p</u> aja	['paje]	—	['paje]	['paje]	‘palha’
454.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>p</u> elma	['peme]	['palma]	['pweme]	['peme]	‘palmeira’
455.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>p</u> lamitu	[pla'mitu]	[pa:'mitu]	[pa'mitu]	[pa'mitu]	‘palmito’
456.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>p</u> laNta	['plêta]	—	['pêta]	{'koja}	‘planta’
457.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>s</u> imeNti	[ʃi'mêti]	[ʃi'mênti]	[ʃi'mêti]	{'kwe}	‘semente’
458.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>s</u> upiga	[su'pige]	['spiga]	[su'pige]	[θu'pige]	‘espiga’

## 5.23 LOCALIZAÇÃO

459.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>b</u> asu	['basu]	['basu]	[u'basu]	{'siba}	‘embaixo’
460.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>d</u> leNtu	['dlêtu]	['dêtulu]	[u'dêtu]	['detu]	‘dentro’
461.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>f</u> ola	{'bu'ta}	['fola]	['fɔ]	['fɔ]	‘fora’
462.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>l</u> a	[a'la]	—	['la]	['la]	‘lá’

463.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>lo</u> Ndi	[lõd̃zi]	—	[lõzi]	[lõd̃zi]	‘longe’
464.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>p</u> ertu	[p̃etu]	[p̃e:tu]	[p̃etu]	[p̃etu]	‘perto’
465.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>sk</u> εdu	[ʃk̃εdu]	[ʃk̃εd̃zi]	[ʃiʃk̃εd̃ε]	[siʃk̃εdu]	‘esquerdo’

## 5.24 UTENSÍLIOS E ARTEFATOS

466.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>ba</u> lili	[baʃlili]	[baʃli]	—	[baʃlili]	‘barril’
467.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>ba</u> Ndela	[b̃ẽʃd̃eɓ̃]	[banʃd̃eɓ̃]	[b̃ẽʃd̃ja]	[baʃd̃eɓ̃]	‘bandeira’
468.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>ba</u> Nku	[b̃ẽku]	[b̃ẽŋku]	[uʃb̃ẽku]	[b̃ẽku]	‘banco, assento’
469.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>ba</u> ra	[b̃aɓ̃]	—	[b̃aɓ̃]	[b̃aɓ̃]	‘barra’
470.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>ba</u> sola	[baʃs̃ɔɓ̃]	[b̃ɔʃs̃ɔɓ̃]	[b̃ɔʃswa]	[baʃθuɓ̃]	‘vassoura’
471.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>bo</u> tõN	[b̃ɔʃt̃õ]	[b̃ɔnʃt̃ẽ]	[buʃt̃ẽ]	[b̃ɔʃt̃ɔ]	‘botão’
472.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>fa</u> ka	[f̃ake]	[f̃axa]	[uʃf̃ake]	[f̃ake]	‘faca’
473.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>fi</u> nete	[fiʃnete]	[fiʃñẽt̃j̃i]	[fiʃnete]	[afiʃnete]	‘alfinete’



474.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>gar</u> afa	[ga'lafɛ]	[ga'lafa]	[ga'rafe]	{'dɛmɛ}	'garrafa'
475.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>gal</u> ufu	['galufu]	['gɛfa]	[u'gafu]	['galufu]	'garfo'
476.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>St</u> aka	['ʃtakɛ]	—	['ʃtakɛ]	['sitakɛ]	'estaca'
477.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>k</u> ɔpu	['kɔpu]	—	['kɔpu]	['kɔpu]	'copo'
478.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>k</u> ɔrdɔ	['kɔdɔ]	['xɔ:dɔ]	['kwa:]	['kɔdɔ]	'corda'
479.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>kw</u> ado	[kwa'do]	[xoa'dol]	[kwa'do]	[kwa'do]	'coador'
480.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>la</u> NpjoN	[lɛ'pjɔ]	—	[lɛ'pjɛ]	[lã'pjɔ]	'lampião'
481.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>la</u> Nsa	['lɛsɛ]	['lɛsa]	['lɛsɛ]	['lɛsɛ]	'lança'
482.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>mar</u> telu	[ma'tɛlu]	[ma:'tɛlu]	[ma'tɛlu]	[ma'tɛlu]	'martelo'
483.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>mas</u> adu	[mɛ'sadu]	[ma'ʃadu]	[ma'sadu]	[ma'θadu]	'machado'
484.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>mw</u> ɛda	['mwɛdɛ]	—	['mwɛdɛ]	['mwɛdɛ]	'moeda'
485.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>pan</u> ɛla	[pa'nele]	{'gɔgɔ}	[pa'nele]	[pa'nele]	'panela'
486.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>pe</u> Nti	['pɛtʃi]	['pɛintʃi]	['pɛte]	['pɛtʃi]	'pente'

487.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>pin</u> era	[pi'neɾɐ]	[ʔa'dol]	[pi'nɛrɐ]	[pi'neɾɐ]	'peneira'
488.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>pl</u> atu	[ˈplatu]	[ˈpa:tu]	[ˈpa:tu]	[ˈpa:tu]	'prato'
489.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>pl</u> egu	[ˈplɛgu]	[ˈpɛ:gu]	[ˈpɛ:gu]	[ˈpɛ:gu]	'prego'
490.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>r</u> oda	[ˈlɔdɐ]	[ˈlɔda]	[ˈrɔdɐ]	[ˈlɔdɐ]	'roda'
491.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>r</u> od <u>o</u> ma	[lɔ'dɔmɐ]	[gɔˈlafɔ]	[rɔ'dɔmɐ]	[ˈdɔmɐ]	'garrafa'
492.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>s</u> ada	[ˈsadɐ]	—	[ˈsadɐ]	[ˈθadɐ]	'enxada'
493.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>s</u> inu	[ˈʃinu]	[ˈtʃinu]	[ˈʃinu]	[ˈsinu]	'sino'
494.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>s</u> oti	[ˈsotʃi]	—	[ˈsotʃi]	[ˈθotʃi]	'açoite'
495.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>s</u> upe	[suˈpe]	[suˈpɛ]	[suˈpe]	[θuˈpe]	'espelho'
496.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>ta</u> N <u>pa</u>	[ˈtɛpɐ]	[kɔˈbiɛɾɔ]	[ˈtɛpɐ]	[ˈtapɐ]	'tampa'
497.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>ta</u> su	[ˈtasu]	[kɔsɔˈlɔɾɔ]	[uˈtasu]	[ˈtaθu]	'tacho'
498.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>v</u> ela	[ˈvɛɾɐ]	[ˈvɛɾɔ]	[ˈvɛɾɐ]	[ˈvɛɾɐ]	'vela'
499.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>z</u> ol <u>o</u>	[ˈzɔɾɔ]	—	[iˈzɔɾu]	[ˈðɔɾɔ]	'anzol'

## 5.25 VESTUÁRIO

500.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>b</u> isidu	[bi'fidu]	['bifi]	[bi'fidu]	[bi'sidu]	'vestido'
501.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>b</u> ota	['bɔtɐ]	['bɔta]	['bɔtɐ]	['bɔtɐ]	'bota'
502.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>k</u> amiza	[ka'mizɐ]	[xa'mīza]	[ka'mizɐ]	[ka'miðɐ]	'camisa'
503.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>k</u> lasõN	[kla'sõ]	[xa'sẽ]	[kali'sẽ]	[ka'θo]	'calção'
504.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>m</u> eja	['mejɐ]	['meja]	['mejɐ]	['mejɐ]	'meia'
505.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>s</u> aja	['sajɐ]	['seja]	['sejɐ]	['θajɐ]	'saia'
506.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>s</u> ape	[sa'pe]	—	[sa'pɐ]	[θa'pe]	'chapéu'
507.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>s</u> ɛda	['sɛdɐ]	['sɛda]	['sɛdɐ]	['θɛdɐ]	'seda'
508.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>t</u> esidu	[te'sidu]	[te'fidu]	[tʃi'fidu]	[te'sidu]	'tecido'

## 5.26 TOPÔNIMOS

509.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>a</u> frika	['aflikɐ]	—	['afikɐ]	['afikɐ]	'África'
510.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>g</u> aboN	[ga'bõ]	—	[ga'bẽ]	[ga'bõ]	'Gabão'

	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
511.	*i <sub>l</sub> ɛ	['iɛ]	['iɛ]	['iɛ]	[i'a]	'ilha do Príncipe'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
512.	*pliNsipi	['plɪfɪpi]	['pilɪfɪpi]	['pɪfɪpi]	['pisipi]	'Príncipe'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
513.	*putuga	[putu'ga]	—	[putu'ga]	[putu'ga]	'Portugal'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
514.	*saNtɔmɛ	[sɛtɔ'mɛ]	—	[sɛtɔ'mɛ]	[θɛtɔ'mɛ]	'São Tomé'

## 5.27 NOMES SEM CLASSIFICAÇÃO

	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
515.	*desu paga	[desu pa'ga]	—	[desu pa'ga]	[deθu pa'ga]	'obrigado'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
516.	*djelu	['dʒɛlu]	['dʒielu]	['djo]	['delu]	'dinheiro'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
517.	*favolo	[fa'volo]	[fa'volu]	[fa'vo]	[fa'volo]	'favor'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
518.	*furtuna	[fu'tunɛ]	[fo:'tuna]	[fu'tunɛ]	[fu'tunɛ]	'fortuna'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
519.	*kamijnu	[ka'mja]	[xa'mĩu]	[ku'mĩ]	[mɔ'djɔ]	'caminho'
	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
520.	*kata	['katɛ]	['xata]	['katɛ]	['katɛ]	'carta'

521.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>kazame</u> Ntu	[kaza'mētu]	[xaza'mētu]	[kaza'mētu]	[kaða'mētu]	'casamento'
522.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>kɔbɔ</u>	['kɔbɔ]	['xɔbɔ]	[əke're]	['kɔbɔ]	'buraco'
523.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>liso</u> N	[li'sõ]	[li'sẽ]	[li'sẽ]	[li'θõ]	'lição'
524.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>livlu</u>	['livlu]	—	['livu]	['livu]	'livro'
525.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>mɔti</u>	['mɔtʃi]	['mɔtʃi]	['mɔtʃi]	['mɔtʃi]	'morte'
526.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>palavla</u>	[pa'lavlɐ]	[pa'lavala]	[pa'lavɐ]	[pa'lavɐ]	'palavra'
527.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>paNkada</u>	[pɛ'kadɐ]	[pɛ'xada]	[pɛ'kadɐ]	[pɛ'kadɐ]	'pancada'
528.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>papɛlu</u>	[pa'pɛlu]	—	[pɛ'pɛlu]	[pa'pɛlu]	'papel'
529.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>pɔtɔ</u>	['pɔtɔ]	['pɔtɔ]	['pɔtɔ]	['pɔtɔ]	'porta'
530.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>rɛStu</u>	[sɔvɛ'zu]	['lɛ:tu]	['rɛftu]	['lɛtu]	'sobra'
531.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>sabɔN</u>	[sa'bõ]	[sa'bẽ]	[sa'bẽ]	[θa'bɔ]	'sabão'
532.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>sɛra</u>	['sɛlɐ]	—	['sɛrɐ]	['θɛlɐ]	'serra'
533.	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
	* <u>tiNta</u>	[tʃi'tɛ]	[tʃi'ta]	[tʃi'tɛ]	[tʃi'tɛ]	'tinta'

	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
534.	*tl <u>o</u> m <u>e</u> Ntu	[tlɔ'mẽtu]	[tɔ:'mẽtu]	[tɔ'mẽtu]	[tɔ'mẽtu]	'barulho, confusão'

	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
535.	* <u>u</u> tu	[u'tu]	{m'bø}	[u'tu]	[u'tu]	'mofo'

	<i>PGG</i>	<i>ST</i>	<i>FA</i>	<i>LI</i>	<i>AN</i>	<i>Glosa</i>
536.	*v <u>e</u> rd <u>a</u> di	['vede]	[ve:'dadʒi]	[vɛ'dadi]	['vedɛ]	'verdade'

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo propor uma reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné, tendo, para isso, como base, a análise e sistematização das fonologias e a proposição de um léxico reconstruído a partir dos conjuntos de cognatos de suas quatro línguas-filhas contemporâneas: o santome, o lung'ie, o angolar e o fa d'ambô. Com o intuito de cumprir o propósito mencionado, o trabalho foi dividido em cinco capítulos.

No **Capítulo 1**, foram expostos os materiais e métodos empregados para a realização do estudo, tendo em vista que, a partir do método histórico-comparativo (desenvolvido pela Linguística Histórica), analisamos um *corpus* constituído de conjuntos de 536 cognatos (THOMASON & KAUFMAN, 1988; KAUFMAN, 1990; HOCK, 1991; FOX, 1995; CROWLEY, 1997[1992]; CAMPBELL, 2004[1998]). Tal análise possuiu a finalidade de discriminar as correspondências fonológicas e léxico-semânticas entre as quatro línguas e também identificar as alterações regulares e irregulares da mudança linguística. Adicionalmente, nesse capítulo, apresentamos as principais teorias fonológicas utilizadas como norte para a descrição e análise empreendidas.

No **Capítulo 2**, por seu turno, versamos sobre os aspectos socio-históricos que levaram à formação do protocrioulo (no fim do século XV e no começo do século XVI), e ao afastamento geográfico de seus falantes, fator primordial para a especificação do PGG, influenciando, por conseguinte, na configuração das quatro línguas — conforme a reconstrução do protocrioulo evidenciou. Nesse sentido, uma parcela populacional — que falava o protocrioulo — é transplantada da ilha de São Tomé,

ao passo que outra parte escapa dos engenhos. Nas ilhas do Príncipe e de Ano Bom, o PGG transplantedo especia-se, tornando-se lung'ie e fa d'ambô, respectivamente. Em São Tomé, falantes de protocioulo se dividem entre aqueles que permaneceram nos núcleos de colonização e aqueles que escaparam desses núcleos, formando uma comunidade quilombola. Diante disso, o PGG especia-se, tornando-se o santome, enquanto, na comunidade quilombola, transforma-se em angolar (FERRAZ, 1974, 1979; SEIBERT, 2004; HAGEMEIJER, 2009). Os reflexos da conjuntura de formação das línguas-filhas, apresentada nesse capítulo, foram observados durante a análise descritiva de suas fonologias.

O **Capítulo 3**, em face da necessidade de preencher algumas lacunas na literatura, apresentou uma descrição dos aspectos fonológicos de todas as quatro línguas, fundamentada nos dados colhidos em pesquisa de campo, na análise de transcrições fonéticas em dicionários (ARAÚJO & HAGEMEIJER, 2013; SEGORBE, em preparação; ARAÚJO *et al.*, em preparação; BANDEIRA, em preparação) e na literatura sobre as quatro línguas. Após descrever os quatro sistemas fonológicos, passamos, num momento seguinte, a uma análise comparativa, na qual foram apresentados os aspectos convergentes e divergentes do santome, do lung'ie, do angolar e do fa d'ambô. No cotejo dos inventários, observamos que as quatro línguas-filhas compartilham treze fonemas consonantais (/p b t d k g f v l m n w j/) e divergem, igualmente, em relação à presença ou à ausência de treze consoantes (/kp gb s z θ ð ʃ ʒ ʎ r tʃ dʒ ɲ/). De maneira análoga, os segmentos vocálicos de cada fonologia foram comparados. Os sistemas de vogais orais simples são semelhantes em todos os pontos (/i u e o ε ɔ a/), ao passo que os sistemas de vogais longas são idênticos em fa d'ambô, em lung'ie e em angolar, mas inexistente em santome. No que tange à estrutura silábica, registramos sete moldes comuns a todas as línguas (V, Ç, CV, VC, CVC e CCVC) e, outrossim, apresentamos sete tipos divergentes (VV, CVV, CVVC, CCV, CCCV, CCVC e CCCVC). Na análise comparativa, constatamos que a possibilidade ou não de haver um onset complexo cujo segundo elemento seja uma consoante alveolar lateral (/Cl/), em conjunto com a presença ou ausência de vogais



longas, gerou um ponto de ruptura no cluster: de um lado, tem-se o santome que permite onsets complexos (/Cl/), mas não apresenta vogais longas; de outro, o fa d'ambô, o lung'ie e o angolar que possuem vogais longas, não apresentando, todavia, onsets complexos.

As divergências entre os quadros de fonemas e as restrições silábicas, discutidas no **Capítulo 3**, refletiram os caminhos tomados pelas quatro línguas. Caminhos esses cujas explicações podem ser encontradas nos diferentes cenários de especiação do PGG após a separação geográfica de seus falantes. Nesse sentido, o lung'ie e o fa d'ambô foram transplantados da ilha de São Tomé, ao passo que o angolar, fruto da especiação do PGG dentro de uma comunidade quilombola, desenvolveu-se com menos pressões do elemento luso e implementado com um certo aporte banto. Por conseguinte, as três línguas, embora tenham se desenvolvido separadamente, apresentaram muitos pontos semelhantes entre si, a exemplo das vogais longas idênticas. Em contrapartida, as mencionadas línguas também refletiram aspectos fonológicos distintos, relacionados aos contextos socio-históricos de suas formações. O lung'ie, em virtude de sua maior proximidade com as línguas do grupo edóide, apresenta em seu inventário consoantes exclusivas, tais como as velo-labiais /k̂p̂ ĝb̂/ e a vibrante /r/. O fa d'ambô, por seu turno, talvez por ter sido a língua do cluster que, por mais tempo, manteve-se apartado de colonizadores e imigrantes em geral, apresentou um registro maior de alongamento vocálico, comparativamente, em contextos aos quais o lung'ie e o angolar foram mais refratários. O angolar, se por um lado se une ao fa d'ambô e ao lung'ie ao apresentar vogais longas, por outro, isola-se completamente ao exibir consoantes fricativas interdentais /θ ð/. Por sua vez, o santome — que surgiu do protocrioulo falado nos centros de colonização — foi o único integrante do cluster a permitir onsets complexos do tipo /Cl/ e a apresentar consoantes africadas /t̂ʃ̂ d̂ʒ̂/, provavelmente, devido ao contato com o português — ante a sua maior proximidade com lusofalantes.

A partir da análise dos pontos convergentes e dissonantes no que tange aos inventários dos fonemas do santome, do lung'ie, do angolar e do fa d'ambô, somada

à observação dos processos fonológicos no cotejo das línguas-filhas e ao exame dos conjuntos de cognatos, realizamos a reconstrução da fonologia do seu ancestral. Com efeito, tal análise descritiva e comparativa se configurou em um guia para a reconstrução do PGG, apresentada no capítulo subsequente.

No **Capítulo 4**, estabelecemos a fonologia do protocrioulo do Golfo da Guiné, fundamentando-se na análise dos padrões regulares de mudança linguística encontrados a partir dos reflexos das línguas-filhas nos conjuntos de cognatos. Assim, foram reconstruídos dezoito protofonemas consonantais, a saber: seis consoantes oclusivas (\*p \*b \*t \*d \*k \*g), quatro fricativas (\*f \*v \*s \*z), três nasais (\*m \*n \*ɲ), duas consoantes laterais (\*l \*ʎ), uma vibrante alveolar (\*r) e duas aproximantes (\*w \*j). Os segmentos oclusivos, em geral, apresentaram reflexos idênticos nas quatro línguas. Quanto às fricativas, \*f e \*v apresentaram correspondências semelhantes, enquanto as fricativas alveolares \*s e \*z exibiram reflexos em todas as línguas, exceto em angolar que apresenta as fricativas interdentais /θ/ e /ð/. Diante da vogal \*i ou aproximante \*j, os reflexos de \*s e \*z foram modificados para [ʃ] e [ʒ], exceto em angolar, no qual os reflexos se realizam como [s] e [z]. No que diz respeito às consoantes laterais, \*l apresentou reflexos semelhantes, ao passo que a consoante palatal \*ʎ apresentou três variações: [ʎ], [l] e [j]. O protofonema vibrante alveolar sonoro \*r foi estabelecido por meio das correspondências sistemáticas dos reflexos que variavam entre [l] em santome, fa d'ambô e angolar e mantido como [r] em lung'ie em posição de onset. Na segunda posição do onset complexo, o santome manteve a líquida *in situ* em relação ao PGG, independentemente da posição do acento, adaptando o \*r para /l/, ao passo que o fa d'ambô, lung'ie, o angolar modificaram ou apagaram o protofonema, o que gerou múltiplas alterações. Sobre as consoantes nasais, foram encontrados reflexos idênticos de \*m e \*n em todas as línguas-filhas e de \*ɲ em santome, lung'ie e angolar. Em posição de coda e em início de palavra, antecedendo outra consoante, optou-se por reconstruir um arquifonema nasal \*N, pois os reflexos desse arquifonema, quando realizados, indicaram a assimilação do ponto de articulação da consoante seguinte. Por fim, as consoantes aproximantes \*j

e \*w foram estabelecidas de acordo com as correspondências entre os reflexos idênticos das quatro línguas. No que concerne ao sistema vocálico, reconstruímos sete vogais orais \*i, \*e, \*ɛ, \*a, \*ɔ, \*o e \*u que podem ocorrer em sílabas átonas e tônicas. As vogais longas, registradas em três das quatro línguas, não foram reconstruídas, tendo em vista que as mesmas são resultados de processos fonológicos históricos quanto ao tratamento das consoantes líquidas \*r (em coda) e \*l (na segunda posição de onset complexo e em coda). No que tange aos moldes silábicos observados nas protoformas, o PGG apresentou sete tipos de sílaba (\*V, \*VC, \*C, \*CV, \*CVC, \*CCV e \*CCVC). Constatamos que o PGG admitia onsets complexos, cujo segundo elemento poderia ser uma das consoantes aproximantes \*w ou \*j, para o onset do tipo /Cj/ ou /Cw/, ou a consoante \*l (/Cl/) se o primeiro elemento fosse \*b, \*p, \*t, \*d, \*k, \*g, \*m, \*n, \*f ou \*v. O sistema acentual do PGG, por sua vez, era previsível e sensível ao peso silábico. Dessa maneira, o acento se fixava na penúltima sílaba em palavras nominais (ex.: \*blasu<sub>40</sub> ‘braço’), entretanto, deslocava-se para a última quando a sílaba era pesada (ex.: \*bɔtɔN<sub>471</sub> ‘botão’). Verbos apresentavam acento na sílaba final (ex.: \*bebe<sub>135</sub> ‘beber’).

Após as seções em que demonstramos os quadros fonêmicos e silábicos reconstruídos, deu-se continuidade à análise, partindo para a discussão dos principais processos fonológicos observados. Dessa maneira, confirmamos a expectativa inicial de que o estabelecimento dos aspectos fonológicos das línguas-filhas forneceria um panorama linguístico do seu ancestral. Em vista disso, reconstruímos onsets complexos em PGG (como em santome), ao invés de vogais longas (como em fa d’ambô, lung’ie e angolar), considerando as estratégias de reparos recorrentes com relação às consoantes \*l e \*r. Destarte, defendemos que o santome, ao permitir onsets complexos como /Cl/, manteve onsets do mesmo tipo em PGG *in situ* ([‘plasɛ] (ST) < \*plasa<sub>276</sub> ‘praça’), enquanto as demais línguas, não admitindo tal formação silábica, exibem o apagamento da líquida, que pode ser seguido ou não de alongamento compensatório. Assim, se o onset complexo estivesse na primeira sílaba da protoforma (dissilábica), independentemente do acento, o lung’ie e o angolar exibem o

apagamento de \*l e o subsequente alongamento vocálico ([ˈpa:sa] (LI)/ [ˈpa:θa] (AN) < \*plasa<sub>276</sub> ‘praça’). Por outro lado, se o onset complexo se encontrar na segunda sílaba da protoforma, apenas ocorre o apagamento ([ˈmagu] (LI)/ [ˈmẽgu] (AN) < \*maglu<sub>374</sub> ‘magro’). Em contrapartida, o alongamento vocálico em fa d’ambô não se revelou sujeito à posição silábica do onset, ocorrendo mais recorrentemente comparado as outras duas línguas supracitadas. Ademais, a língua de Ano Bom apresenta também a inserção de uma vogal (geralmente vogal-cópia) como estratégia a fim de desfazer o cluster ([ˈmũgulu] (FA) < \*maglu<sub>374</sub> ‘magro’). As estratégias de reparo se alteram, por seu turno, quando as consoantes líquidas se encontram em posição de coda. O lung’ie e o angolar exibem apagamento de \*r e \*l nos contextos em que os protofonemas se encontravam antecedendo consoantes coronais ([ˈpetu] (LI/AN) < \*pɛtu<sub>464</sub> ‘perto’). Paralelamente, caso o protofonema \*r em coda estivesse diante de uma consoante dorsal ou labial, as duas línguas exibiam, além do apagamento, o alongamento compensatório ([ˈpo:ko] (LI/AN) < \*porko<sub>79</sub> ‘porco’). Em ambas as línguas, o protofonema \*l em coda, por outro lado, foi geralmente apagado sem alongamento vocálico mesmo em contextos de não adjacência ao traço coronal ([kadeˈradɛ] (LI)/ [kadeˈladɛ] (AN) < \*kaldeɾada<sub>10</sub> ‘caldeirada’). Mais uma vez, o fa d’ambô não demonstrou estar sujeito ao condicionamento de regras que nesse caso seria a contiguidade ao traço coronal ([xa:daˈlẽ] (FA) < \*kaldeɾada<sub>10</sub> ‘caldeirada’). O santome, por seu turno, apresentou os processos de lambdacismo (no caso de \*r) e de metátese (\*r e \*l) quando a consoante líquida em coda estava diante do traço dorsal ou labial da consoante adjacente ([ˈploko] (ST) < \*porko<sub>79</sub> ‘porco’). Ao mesmo tempo, se a consoante líquida em coda estivesse diante do traço coronal da consoante contígua, o santome não exibia lambdacismo e metátese, mas o apagamento da consoante ([ˈpetu] (ST) < \*pɛtu<sub>464</sub> ‘perto’). O fator inibidor do traço coronal (adjacente) para realização da metátese ou do alongamento comprova a posição original de \*r e \*l em coda, posto que, quando a consoante líquida se encontrava na segunda posição de onset, o traço coronal não exerceu influência

alguma, isto é, não inibiu o alongamento compensatório em lung'ie, angolar e fa d'ambô ([glezɐ] (ST), [ge:zɐ] (LI/FA), [ŋge:ðɐ] (AN) < \*gleza<sub>268</sub> 'igreja').

No **Capítulo 5**, por fim, apresentamos as 536 protoformas reconstruídas com base no levantamento de 2000 formas contemporâneas do santome, fa d'ambô, lung'ie e angolar e de suas fonologias. Com este capítulo, concluímos alguns aspectos importantes para o estudo dos crioulos de base portuguesa do Atlântico em geral, e das línguas crioulas do Golfo da Guiné, em particular. Primeiramente, as semelhanças incontestes dos conjuntos de cognatos corroboram de maneira absoluta o parentesco genético das quatro línguas, a despeito do que Ferraz (1987) afirma em um estudo sobre os crioulos da África Ocidental:

To take the GG [Gulf of Guinea] case, it would not be plausible to assume that the contact language which developed in the town of São Tomé and the surrounding areas was the same as that which gave rise to Ang[olar], Pr[incipense]<sup>3</sup>, and Pag[alu]<sup>4</sup>. There are enough differences between each of these languages to rule out such a possibility. It would be closer to the truth to say that the four contact languages show many resemblances because, to a large extent, they grew up together, with slaves and settlers introduced through the central administration in São Tomé. (...). Hence different languages developed in the archipelago rather than dialects of one contact language (FERRAZ, 1987: 348, grifo nosso).

Apesar de Ferraz (1987: 348) negar o parentesco linguístico do santome, lung'ie, angolar e fa d'ambô — atribuindo as semelhanças ao desenvolvimento contíguo das línguas —, a reconstrução fonológica e lexical (aqui empreendida) evidenciou o parentesco genético resultado de um protossistema comum. Com efeito, os itens reconstruídos comprovam que o protocrioulo do Golfo da Guiné é distinto do português e também não pode ser descrito como uma variedade da referida língua, posto que apresenta processos, estruturas fonológicas e características lexicais não encontradas em nenhuma variedade vernacular da língua portuguesa. Essa constatação empírica tem consequências em todos os estudos que comparam o léxico das

---

<sup>3</sup>Referente ao lung'ie.

<sup>4</sup>Referente ao fa d'ambô.

línguas-filhas com étimos portugueses. Até o momento, os estudos que se encarregavam de analisar comparativamente as línguas crioulas de base portuguesa do Golfo da Guiné o faziam tomando o português, como o seu ancestral (cf. o dicionário de ROUGÉ, 2004; e os glossários de MAURER, 1995; 2009). Numa perspectiva diferente das abordagens de Rougé (2004) e de Maurer (1995; 2009), o estudo de Cosme (2014) buscou medir e avaliar distâncias entre o santome, o lung'ie, o fa d'ambô e o angolar a partir de uma análise comparativa, embora vez ou outra recorra ao étimo português. Com base no exame de 200 palavras do léxico básico e de uma lista de léxico funcional para cada uma das quatro línguas, Cosme conclui:

[..] o Santome, ao ocupar sistematicamente a posição de maior proximidade com o centro de dados partilhados, assume um papel de centralidade em relação aos restantes crioulos. Nessa perspectiva, os dados irão ao encontro da hipótese de que o Santome é a continuação do proto-crioulo no tempo e no espaço e que as restantes línguas terão ramificado a partir dele (COSME, 2014: 5, 48).

Por atribuir ao santome o papel de partida na especiação das línguas, o estudo de Cosme (2014) leva a soluções menos econômicas e elegantes do que quando se considera o protocrioulo como o ancestral direto das quatro línguas. Do ponto de vista fonológico e lexical, os itens reconstruídos do PGG, em conjunto com a análise dos processos, tornaram evidentes que as quatro são línguas-filhas do protocrioulo. Do contrário, como explicar, a partir do santome, a existência de palavras cognatas em lung'ie, fa d'ambô e angolar sem equivalente no santome, em (1)? A mudança do santome pode não ser motivada, porém as semelhanças entre as três outras línguas não pode ser atribuída ao acaso, porque requereria uma convergência anterior à especiação, o que remete ao PGG, e não ao santome.

(1) \*segula<sub>231</sub> (PGG) 'segurar'

[pa'la] (ST)

[sugu'la] (FA)

[se'gwa] (LI)

[θe'gwa] (AN)

Ou ainda, como explicar o intrincado padrão de resolução de líquidas na coda, como em (2) e (3), recorrendo apenas ao étimo santome? Como já explicitado, as estratégias de reparo se alteram, por seu turno, quando as consoantes líquidas se encontram em posição de coda. O lung'ie e o angular exibem apagamento de \*r e \*l nos contextos em que os protofonemas se encontravam antecedendo consoantes coronais (**petu** (LI/AN) < \*pertu<sub>464</sub> 'perto'). Paralelamente, caso o protofonema \*r em coda estivesse diante de uma consoante dorsal ou labial, as duas línguas exibiam, além do apagamento, o alongamento compensatório (**pôôko** (LI/AN) < \*porko<sub>79</sub> 'porco'). Contudo, exemplos como (3), mostram que só se considerando \*r na coda da protoforma, pode-se derivar a alongamento em fa d'ambô, tendo em vista que a língua não se mostrou sujeita à ação do OCP, cf. seção 4.6.1.

(2) \*porko<sub>79</sub> 'porco' (PGG)

[ˈploko] (ST)

[ˈpo:xo] (FA)

[ˈpo:ko] (LI)

[ˈpo:ko] (AN)

(3) \*pertu<sub>464</sub> 'perto' (PGG) Traço [coronal] adjacente

[ˈpetu] (ST)

[ˈpɛ:tu] (FA)

[ˈpetu] (LI)

[ˈpɛ:tu] (AN)

Ou mesmo em (4), em que se tem um contexto favorável ao alongamento vocálico em lung'ie, fa d'ambô e angular, as três línguas não o apresentam, provavelmente porque a coda estava preenchida com uma consoante nasal no PGG, como está demonstrado na protoforma e em seus reflexos. Assim, como explicar o bloqueio para o alongamento vocálico sem considerar a consoante nasal na coda da protoforma, com reflexo nos itens do conjunto de cognatos e levar em consideração apenas o item lexical do santome?

(4) \*pleNde<sub>215</sub> ‘perder’ (PGG)

[ple'de] (ST)

[pẽ'de] (FA)

[pe'de] (LI)

[pẽ'de] (AN)

Além disso, considerar o santome como a continuação no tempo e no espaço do PGG significa, simultaneamente, desconsiderar os aspectos e fatos socio-históricos relacionados à formação do lung'ie (na Ilha do Príncipe), do fa d'ambô (na ilha de Ano Bom) e do angolar (nas comunidades quilombolas). Portanto, perspectivas, como as mencionadas (ROUGÉ, 2004; MAURER, 1995; 2009; COSME, 2014), terminam por oferecer um panorama linguístico incompleto, posto que a configuração atual das línguas-filhas, a exemplo das vogais longas — no caso do lung'ie, fa d'ambô e angolar — ou de onsets complexos — no caso do santome — e da resolução de líquidas, em geral, é resultado da interação entre o quadro fonêmico do PGG e de seus itens lexicais, somados a uma série de processos fonológicos que atuaram no cenário de sua especiação.

De maneira análoga, assim como não é possível definir o PGG e suas línguas-filhas com reflexo ou cópia direta do português, tampouco podemos classificá-los como reprodução de uma das línguas do substrato. Identificamos, por outro lado, possíveis traços areais, a exemplo das velo-labiais em lung'ie (/g<sup>h</sup>b k<sup>h</sup>p/), da aglutinação de vogais em lung'ie e da harmonia vocálica [ $\alpha$ ATR]. Não obstante, durante a análise dos crioulos atlânticos, Parkvall (2000: 154) sentencia: “The first thing that I myself learnt from this study is that there are far fewer clearly substrate-induced structures in the Atlantic Creoles than I had expected to find.” Portanto, atribuições substratistas demandam cautela, tendo em vista o pouco conhecimento e registros escassos dessas línguas. Soma-se a isso o risco eminente de assumir uma abordagem enviesada, seguindo o *Princípio da Cafeteria* (DILLARD, 1970; BICKERTON, 1981: 49).

Livre de abordagens substratistas ou superestratistas radicais, a pesquisa teve



como objetivo fornecer elementos para a compreensão dos processos fonológicos, observados nas línguas-filhas, assim como identificar os fatores de mudança, atuantes nos processos evolutivos dessas línguas a partir de um ancestral comum. Ao mesmo tempo, o trabalho auxilia o preenchimento das lacunas na literatura descritiva das fonologias do santome, lung'ie, angolar e fa d'ambô. Ainda sobre as contribuições, a divulgação do *corpus* aqui constituído possibilitará que um maior número de pesquisadores tenha acesso aos conjuntos de cognatos, permitindo reaplicações da reconstrução linguística que, por conseguinte, poderão contribuir para a expansão do quadro atual do PGG. Além disso, os 536 conjuntos de cognatos podem servir como objeto de análise de estudos lexicais e etimológicos, assim como de pesquisas sobre os aspectos gramaticais do protocrioulo e de suas línguas-filhas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. B. M. & WETZELS, W. L. (Org.). 1992. Sobre a estrutura da gramática fonológica. *Cadernos de Estudos Linguísticos* (UNICAMP), Campinas, v. 23, p. 5-18.
- AGHEYISI, Rebecca. 1986. *An Edo-English Dictionary*. Benin City: Ethiope Publishing Corporation.
- AGHEYISI, Rebecca. 1990. *A grammar of Edo*. Unesco.
- AGOSTINHO, Ana Livia. 2015. Fonologia e Método Pedagógico do Lung'ie. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- AGOSTINHO, Ana Livia; ARAUJO, Gabriel Antunes de & FREITAS, Shirley. 2012. Resolução de hiato externo em Principense. *PAPIA*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 295-305.
- AGOSTINHO, Ana Livia; BANDEIRA, Manuele & ARAUJO, Gabriel Antunes de. 2016. O lung'ie na educação escolar de São Tomé e Príncipe. *Trabalhos em Linguística Aplicada* (UNICAMP), Campinas.
- ALEXANDRE, Nélia & HAGEMEIJER, Tjerk. 2013. Estratégias de relativização de PPs no mundo luso-atlântico: crioulos de base lexical portuguesa e variedades do português. In: MOURA, D. & SIBALDO, M. (Ed.). *Para a História do Português Brasileiro – Volume III: Estudos Comparativos entre o Português Brasileiro e Língua Crioulas de Base Lexical Portuguesa*, Tomo IV, Maceió: EDUFAL. p. 49-71.
- ALMEIDA, António de. 1962. Da origem dos Angolares habitantes da Ilha de S.Tomé. *Separata das Memórias*, Tomo VIII.
- ALMEIDA MENDES, António. 2008. Les réseaux de la traite ibérique dans l'Atlantique nord: Aux origines de la traite atlantique (1440-1640). *Les Annales. Histoire, Sciences sociales*, v. 4, p. 739-768.
- ANÔNIMO. 1550. *Viagem de Lisboa a Ilha de S. Tomé*, Lisboa: Portugalia Editoria.
- ARAUJO, G. 2011. Três textos em Papiamentu Clássico. Tese de Livre-docência (Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- ARAÚJO, G. & AGOSTINHO, A. L. 2010a. Fonte da nasalidade no são-tomense e no principense. Universidade de São Paulo, inédito.
- ARAÚJO, G. & AGOSTINHO, A. L. 2010b. Padronização das línguas nacionais de São Tomé e Príncipe. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, v. 26, p. 49-81.
- ARAÚJO, G. & AGOSTINHO, A. L. 2014. Fa do Vesu, a language game of Fa d'Ambô. *PAPIA*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 265-281.
- ARAÚJO, G.; AGOSTINHO, A.; ARAÚJO, V. & BANDEIRA, M. Em preparação. Dicionário lung'Ie-Português/Português-lung'Ie.
- ARAÚJO, G.; BHATT, P. & HAGEMEIJER, T. 2012. Revisiting the liquid consonants in the Gulf of Guinea Creoles. Paper da Conferência Formal Approaches to Creole Studies III, 15-16 novembro.
- ARAÚJO, G. *et al.* 2013. Fa d'ambô: língua crioula de base portuguesa de Ano Bom. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 55, n. 2, p. 25-44.
- ARAÚJO, G. & HAGEMEIJER, T. 2013. *Dicionário Santome-Português/Português-Santome*. São Paulo: Hedra.
- ARENDS, Jacques. 1995. The socio-historical background of creoles. In: ARENDS, Jacques; MUYSKEN, Pieter & SMITH, Norval (Ed.). *Pidgins and Creoles: an introduction*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company. p. 15-24.
- BAKKER, P. *et al.* 2011. Creoles are typologically distinct from non-creoles. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v. 26, n. 1, p. 5-42.
- BALDUINO, Amanda Macedo; AGOSTINHO, Ana Livia dos Santos; ARAÚJO, Gabriel & CHRISTOFOLETTI, Alfredo Silveira. 2015. A nasalidade vocálica em santome e lung'ie. *PAPIA*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 7-25.
- BANDEIRA, Manuele. 2013. A adaptação de empréstimos recentes no papiamentu moderno. 245f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BANDEIRA, Manuele. Em preparação. Dicionário do angular (título provisório).
- BANDEIRA, Manuele & FREITAS, Shirley. 2012. A reduplicação no papiamentu. *PAPIA*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 323-334.
- BARRENA, N. 1957. *Gramatica anobonesa*. Madrid: Instituto de Estudios Africanos.
- BECKMAN, J. 1998. Positional Faithfulness. Tese (Doutorado em Filosofia) — Departamento de Linguística, Universidade de Massachusetts, Amherst.
- BENTLEY, W. Holman. 1887. *Dictionary and grammar of the Kongo language*. London: Baptist Missionary Society.
- BICKERTON, Derek. 1981. *Roots of Language*. Ann Arbor: Karoma.

- BICKERTON, Derek. 1988. Creole Languages and the Bioprogram. In: NEWMAYER, Frederick J. (Ed.). *Linguistics: The Cambridge survey*, vol. 11: Linguistic Theory: Extensions and implications. Cambridge: Cambridge University Press. p. 268-284.
- BISOL, L. 1981. Harmonia vocálica: uma regra variável. Tese (Doutorado em Linguística) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- BLEVINS, Juliette. 1995. The syllable in Phonological Theory. In: GOLDSMITH, John (Ed.). *Handbook of phonological theory*. Nova Jersey: Wiley-Blackwell Publishing. p. 206-244.
- BOERSMA, P. & WEENICK, D. 2015. *Praat: doing phonetics by computer*. Disponível em: <<http://www.praat.org>>. Acesso: jan 2016.
- BOOIJ, Geert E. & RUBACH, Jerzy. 1987. Postcyclic versus postlexical rules in Lexical Phonology. *Linguistic Inquiry*, v. 18, p. 1-44.
- BOUCKAERT, Remco *et al.* 2012. Mapping the Origins and Expansion of the Indo-European Language Family. *Science*, v. 337, p. 957-960.
- BRAUN, M. & PLAG, I. 2003. How transparent is creole morphology? A study of early Sranam word-formation In: BOOIJ, G. & VAN MARLE, J. (Ed.). *Yearbook of Morphology 2002*, Special Section on The Morphology of Creole Languages. Dordrecht: Kluwer. p. 81-104.
- BRÁSIO, António. 1953. *Monumenta missionaria africana*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar.
- BROSELOW, Ellen. 1979. Cairene Arabic syllable structure. *Linguistic Analysis*, v. 5, p. 345-82.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. 2002. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática com especial atenção para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado das Letras. p. 99-115.
- CALDEIRA, Arlindo. 2004. Rebelião e outras Formas de Resistência à Escravatura na Ilha São Tomé (Séculos XVI a XVIII). *Africana Studia*, v. 7, p. 101-136.
- CALDEIRA, Arlindo. 2006. Uma ilha quase desconhecida. Notas para a história de Ano Bom. *Africana Studia*, v. 17, p. 99-109.
- CALDEIRA, Arlindo. 2007. Crenças religiosas e ritos mágicos na ilha de Ano Bom: uma aproximação histórica. *Povos e Culturas*, v. 11, p. 87-111.
- CALDEIRA, Arlindo. 2008. *Medo e religião popular na ilha de Ano Bom. Uma aproximação histórica (séculos XVI-XIX)*. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/eaarcoliquiocomunicacoes>>. Acesso em: 12 set. 2014.
- CALDEIRA, Arlindo. 2010. La leyenda de lodã, o de cómo rolando, compañero del emperador Carlomagno, defendió la isla de Annobón de una invasión terrible. *Oráfrica*, v. 6, p. 89-114.

- CÂMARA JR, J. M. 1953. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Rio de Janeiro: Organizações Simões.
- CÂMARA JR, J. M. 1970. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- CAMPBELL, Lyle. 2004 [1998]. *Historical linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- CAMPOS, V. de. 1971. *Os Dias de Descobrimento das ilhas de S. Tomé e Príncipe*. Lisboa: Centro de Estudos de Marinha.
- CAMPOS-ASTORKIZA, Rebeka. 2011. What drives compensatory lengthening? Beyond moraic conservation. In: SOCARRÁS, G.M. & MEDINA, A. (Ed.). *Philological Research*. Atenas (Grécia): Athens Institute for Education and Research, p. 9-24. Disponível em: <[http://u.osu.edu/campos-astorkiza.1/files/2013/09/campos-astorkiza\\_2011-28zku52.pdf](http://u.osu.edu/campos-astorkiza.1/files/2013/09/campos-astorkiza_2011-28zku52.pdf)>. Acesso em: 14 jul. 2014.
- CEITA, Maria Nazaré. 1991. Ensaio para uma Reconstrução Histórico-Antropológica dos angolares de S. Tomé. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Desenvolvimento Social e Económico em África). Centro de Estudos Africanos, Instituto Universitário de Lisboa.
- CHAUDENSON, R. 1989. *Créoles et enseignement du français*. Paris: L'Harmattan.
- CHAUDENSON, R. 1995. *Les créoles*. Paris: Presses Universitaires de France.
- CHOMSKY, Noam. 1970. *Remarks on nominalization*. Readings in English transformational grammar. Waltham: Ginn and Company.
- CHOMSKY, Noam & HALLE, Morris. 1968. *The sound pattern of English*. New York: Harper and Row.
- CLEMENTS, J. Clancy. 2014. The status of Portuguese/Spanish /r/ and /r/ in some Iberian-based creole languages. *PAPIA*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 315-328.
- CLEMENTS, G. N. 1985. The Geometry of Phonological Features. In: EWEN, Colin & ANDERSON, John (Ed.). *Phonology Yearbook 2*, Cambridge: Cambridge University Press. p. 223-252.
- CLEMENTS, G. N. 1990. The role of the sonority cycle in core syllabification. In: KINGSTON, J. & BECKMAN, M. E. (Ed.). *Papers in laboratory phonology I: between the grammar and physics of speech*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 283-333.
- CLEMENTS, G. N. 2006. Feature organization. In: BROWN, Keith (Ed.). *Encyclopedia of Language and Linguistics*, v. 4, 2. ed. Oxford: Elsevier Limited. p. 433-441.
- CLEMENTS, G. N. & HUME, Elizabeth. 1995. The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, John (Ed.). *Handbook of Phonological Theory*. Nova Jersey: Wiley-Blackwell Publishing. p. 245-306.

- CLEMENTS, G. N. & KEYSER, S. J. 1983. *CV phonology: a generative theory of the syllable*. Cambridge: MIT Press.
- CLEMENTS, G. N. & RIALLAND, Annie. 2008. Africa as a phonological area. In: HEINE, Bernd & NURSE, Derek (Ed.). *A linguistic geography of Africa*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 36-85.
- COELHO, F. A. 1880. Os dialetos românticos ou neolatinos na África, Ásia e América. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. 2. série, v. 3. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa. p. 129-96.
- COLLISCHONN, G. 1999. O acento em português. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a Estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS. p. 125-158.
- CORTESÃO, J. 1968. *Os portugueses em África*. Lisboa: Portugália.
- COSME, Abigail Tiny. 2014. As Relações Filogenéticas entre os Crioulos do Golfo da Guiné. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa. Disponível em: <[http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/18351/1/ulfl175416\\_tm.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/18351/1/ulfl175416_tm.pdf)>. Acesso em: 27 out. 2016.
- CRISTÓFARO SILVA, Thaís *et al.* 2012. Revisitando a palatalização no português brasileiro. *Estudos Linguísticos*, v. 20, n. 2, p. 59-89.
- CROWLEY, T. 1997[1992]. *An introduction to historical linguistics*. Auckland: Oxford University Press.
- CRYSTAL, David. 2000. *Language death*. Cambridge: CUP.
- DEGRAFF, Michel. 2009. Language acquisition in creolization and, thus, language change: Some Cartesian-Uniformitarian boundary conditions. *Language and Linguistics Compass*, 3/4, p. 888-971.
- DIAS, Alfredo Gomes & DINIZ, Augusto do Nascimento. 1988. Os Angolares: da autonomia à inserção na sociedade colonial (segunda metade do século XIX). *Ler História*, v. 13, p. 53-75.
- DILLARD, J. L. 1970. Principles in the history of American English: Paradox, virginity, cafeteria. *FL Reporter*, v. 7, p. 32-33.
- DIMMENDAAL, Gerrit J. 2011. *Historical Linguistics and the Comparative Study of African Languages*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company.
- DRYER, Matthew S. & HASPELMATH, Martin (Ed.). 2013. *The World Atlas of Languages Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. Disponível em: <<http://wals.info/>>. Acesso em: 23 out. 2016.
- ELUGBE, Ben Ohi. 1989. Edoid. In: BENDOR-SAMUEL, John (Ed.). *The Niger-Congo Languages*. Maryland: University Press of America. p. 39-67.
- EWEN, J. Colin & HULST, Harry van der. 2001. *The phonological structure of words: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.

- FACTBOOK, Cia. 2009. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/tp.html>>. Acesso em: 20 maio 2013.
- FARACLAS, Nicholas (Ed.). 2012. *Agency in the Emergence of Creole Languages. The Role of Women, Renegades, and People of African and Indigenous Descent in the Emergence of the Colonial Era Creoles*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company.
- FARACLAS, Nicholas *et al.* 2014. Creoles and Acts of Identity: Convergence and Multiple Voicing in the Atlantic Creoles. *PAPIA*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 173-198.
- FERRAZ, L. I. & TRAILL, Anthony. 1981. The interpretation of tone in Principense creole. *Studies in African Linguistics*, v. 22, n. 2, p. 205-15.
- FERRAZ, L. I. 1974. A Linguistic Appraisal of Angolar. *Memoriam Antônio Jorge Dias*, v. 2, p. 177-186.
- FERRAZ, L. I. 1976. A origem e o desenvolvimento de quatro crioulos portugueses do Golfo da Guiné. *Revista Brasileira de Linguística*, v. 3, n. 2, p. 70-76.
- FERRAZ, L. I. 1979. *The creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- FERRAZ, L. I. 1987. Portuguese creoles of West Africa and Asia. In: GILBERT, Glen (Ed.). *Pidgins and creole languages: essays in memory of John E. Reinecke*. Honolulu: University of Hawaii Press. p. 337-60.
- FOX, Anthony. 1995. *Linguistic reconstruction: an introduction to theory and method*. Oxford: Oxford University Press.
- FREITAS, Shirley. 2016. Contribuições linguísticas cabo-verdiana e sefardita na formação do papiamentu. 2016. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GARFIELD, Robert. 1992. *A history of São Tomé island: 1470-1655*. The key to Guinea. San Francisco: Mellen Research University Press.
- GESS, Randall. 2011. Compensatory Lengthening. In: VAN OOSTENDORP, Marc; EWWN, Colin J.; HUME, Elizabeth & RICE, Keren (Ed.). *The Blackwell Companion to Phonology*. Nova Jersey: Wiley-Blackwell Publishing. Blackwell Reference Online. Disponível em: <<http://www.companiontophonology.com>>. Acesso em: 14 jul. 2016.
- GOLDSMITH, J. 1976 [1979]. Autosegmental phonology. Tese de doutorado, MIT. New York: Garland.
- GOLDSMITH, John A. 1990. *Autosegmental and metrical phonology*. Nova Jersey: Wiley-Blackwell Publishing.
- GÜLDEMANN, Tom. 2008. The macro-Sudan belt: Towards identifying a linguistic area in northern sub-Saharan African. In: HEINE, Bernd & NURSE, Derek (Ed.). *A linguistic geography of Africa*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 151-185.

- GÜNTHER, Wilfried. 1973. *Das Portugiesische Kreolisch der ilha do Príncipe*. Marburgo: Marburg an der Lahn.
- GUSSENHOVEN, Carlos & JACOBS, Haike. 2011. *Understanding Phonology*. 3. ed. Abingdon: Routledge.
- GUTHRIE, Malcolm. 1967. *Comparative Bantu languages: an introduction to the comparative linguistics and prehistory of Bantu Languages*. Farnborough: Gregg Press.
- HAGEMEIJER, T. 1999. As ilhas de Babel: A criouliização no Golfo da Guiné. *Revista Camões*, v. 6, p. 74-88.
- HAGEMEIJER, T. 2009. Initial vowel agglutination in the Gulf of Guinea creoles. In: ABOH, Enoch & SMITH, Norval (Ed.). *Complex processes in new languages*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company. p. 29-50.
- HAGEMEIJER, T. 2011. The Gulf of Guinea Creoles: Genetic and typological relations. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v. 26, n. 1, p. 111-154.
- HALLE, M. 1978. *Formal vs. functional considerations in phonology*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club.
- HALLE, Morris & VERGNAUD, Jean-Roger. 1978. *Metrical Structures in Phonology*. Unpublished ms. MIT, Cambridge.
- HARAGUCHI, Shosuke. 1991. *A Theory of Stress and Accent*. Dordrecht: Foris.
- HARRIS, James W. 1974. Evidence in Portuguese for the 'Elsewhere Condition'. *Phonology*. *Linguistic Inquiry*, v. 5, p. 61-80.
- HAYES, Bruce. 1981. A metrical theory of stress rules. Tese (Doutorado em Filosofia) — Departamento de Linguística e Filosofia, MIT, Massachusetts. Indiana University Linguistics Club.
- HAYES, Bruce. 1985. Iambic and trochaic rhythm in stress rules. *Proceedings of the Eleventh Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, p. 429-446.
- HAYES, Bruce. 1989a. The prosody hierarchy in meter. In: KIPARSKY, Paul & YOUMANS, G. (Ed.). *Phonetics and Phonology vol. 1: Rhythm and Meter*. San Diego: Academic Press. p. 201-260.
- HAYES, Bruce. 1989b. Compensatory lengthening in moraic phonology. *Linguistic Inquiry*, v. 20, p. 253-306.
- HAYES, Bruce. 1995. *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*. Chicago: University of Chicago Press.
- HENRIQUES, Isabel Castro. 2000. *São Tomé e Príncipe. A Invenção de Uma Sociedade*. Lisboa: Vega.
- HENRIQUES, Isabel. 2012. *The Production and the Syllabic Nature of Word Initial sC- Clusters in European Portuguese Speakers*. Disponível em: <<http://corela.revues.org/2660>>. Acesso em: 10 set. 2016.



- HERNANDORENA, C. L. M. 2001. Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS. p. 11-89.
- HLIBOWICKA-WEGLARZ, Barbara. 2012. A origem dos crioulos de base lexical portuguesa no Golfo da Guiné. *Romanica Cracoviensia*, v. 11, p. 177-185.
- HOCK, H. H. 1991. Initial strengthening. In: DRESSLER, W. U.; LUSCHÜTZKY, H. C.; PFEIFFER, O. E. & RENNISON, J. R. (Ed.). *Phonologica 1988: Proceedings of the 6th International Phonology Meeting*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 101-10.
- HOLM, John. 1988. *Pidgins and creoles*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HOLM, John. 2000. *An Introduction to Pidgin and Creoles*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HOOPER, J. 1976. *An Introduction to Natural Generative Phonology*. San Diego: Academic Press.
- HOUAISS, A. & VILLAR, M. de S. 2001. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- INE. 2013. *Recenseamento Geral da População e da Habitação: Características Educacional da População*. São Tomé: INE.
- JAKOBSON, Roman; FANT, C. Gunnar M. & HALLE, Morris. 1952. *Preliminaries to Speech Analysis: The Distinctive Features and Their Correlates*. Cambridge: MIT Press.
- JEFFERS, Robert J. & LEHISTE, Ilse. 1979. *Principles and Methods for Historical Linguistics*. Cambridge: MIT Press.
- KAGER, René. 1989. *A metrical theory of stress and destressing in English and Dutch*. Dordrecht: Foris.
- KAGER, René. 1996. The Metrical Theory of Word Stress. In: GOLDSMITH, John A. (Ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Nova Jersey: Wiley-Blackwell Publishing. Disponível em: <<http://www.blackwellreference.com/>>. Acesso em: 27 out. 2015.
- KAGER, Rene. 1999. *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- KAHN, D. 1976. Syllable-based generalizations in English Phonology. Tese (Doutorado em Filosofia) — Departamento de Linguística e Filosofia, MIT, Massachusetts. Indiana University Linguistics Club.
- KAISSSE, E. & SHAW, P. 1985. On the Theory of Lexical Phonology. In: EWEN, Colin & ANDERSON, John (Ed.). *Phonology Yearbook 2*, Cambridge: Cambridge University Press. p. 1-30.
- KATSANIS, Nikolaos. 1996. *The dialect of Samothraki Greek*. Municipality of Samothraki.
- KAUFMAN, Terence. 1990. Language history in South America: what we know

- and how to know more. In: PAYNE, Doris (Ed.). *Amazonian Linguistics*. Austin: University of Texas Press. p. 13-31.
- KENSTOWICZ, Michael. 1994. *Phonology in Generative Grammar*. Oxford: Blackwell.
- KIPARSKY, P. 1968. Linguistic universals and linguistic change. In: BACH, E. & HARMS, R. (Ed.). *Universals in linguistic theory*. New York: Holt. p. 170-202.
- KIPARSKY, P. 1973. 'Elsewhere' in phonology. In: ANDERSON, S. & KIPARSKY, P. (Ed.). *A Festschrift for Morris Halle*. New York: Holt. p. 93-106.
- KIPARSKY, P. 1982a. From cyclic phonology to lexical phonology. In: HULST, H. G. & SMITH, N. S. H. (Ed.). *The structure of phonological representations*. Dordrecht: Foris. p. 93-106.
- KIPARSKY, P. 1982b. Lexical Morphology and Phonology. In: YANG, I. S. (Ed.). *Linguistics in the Morning Calm*. Hanshin: Seoul. p. 3-91.
- KIPARSKY, P. 1985. Some consequences of lexical phonology. In: EWEN, Colin & ANDERSON, John (Ed.). *Phonology Yearbook 2*, Cambridge: Cambridge University Press. p. 85-138.
- KRAUSS, M. 1992. The World's languages in Crisis. *Language*, v. 68, p. 4-10.
- LABOV, William. 1972. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [Padrões Sociolinguísticos. Tradução: BAGNO, Marcos; SCHERRE, Marta & CARDOSO, Caroline. São Paulo: Parábola, 2008.]
- LADEFOGED, P. 1971. *Preliminaries to linguistic phonetics*. Chicago: University of Chicago Press.
- LADEFOGED, P. 1975. *A course in phonetics*. Orlando: Harcourt Brace.
- LADHAMS, John. 2007. Article Agglutination and the African Contribution to the Portuguese-based Creoles. Disponível em: <<https://www.google.it/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwi6zKmvtpHPAhWDxxQKHAPoA1YQFgggMAA&url=http%3A%2F>>. Acesso em: 20 out. 2016.
- LEBEN, William. 1973. Suprasegmental Phonology. Tese (Doutorado em Filosofia) — Departamento de Literatura e Linguística Estrangeiras, MIT, Massachusetts.
- LEE, Seung-Hwa. 1997. Sobre os Compostos do PB. *DELTA*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 17-33.
- LEFEBVRE, Claire. 1986. Relexification in creole genesis revisited: The case of Haitian Creole. In: MUYSKEN, Pieter & SMITH, Norval (Ed.). *Substrata versus universals in creole genesis*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company. p. 279-301.
- LEITE, Yonne F. 1974. Portuguese stress and related rules. Tese (Doutorado em Linguística) — Faculdade de Letras, Universidade do Texas, Austin.

- LEVIN, J. 1985. A metrical theory of syllabifcity. Tese (Doutorado em Filosofia) — Departamento de Linguística e Filosofia, MIT, Massachusetts.
- LIBERMAN, M. 1975. The intonational system of English. Tese (Doutorado em Filosofia) — Departamento de Literatura e Linguística Estrangeiras, MIT, Massachusetts.
- LIBERMAN, Mark & PRINCE, Alan. 1977. On stress and linguistic rhythm. *Linguistics Inquiry*, v. 8, p. 249-336.
- LORENZINO, Gerardo A. 1996. Uma avaliação socio-linguística sobre São Tomé e Príncipe. *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, vol. II, p. 1-17.
- MARTINS, Valteir. 2005. *Reconstrução fonológica do Protomaku Oriental*. Amsterdam: LOT.
- MASCARÓ, J. 1976. Catalan phonology and the phonological cycle. Tese (Doutorado em Filosofia) — Departamento de Literatura e Linguística Estrangeiras, MIT, Massachusetts.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis. 1999. *Do poético ao linguístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora.
- MAURER, P. 1995. *L'Angolar: Un créole afroportugais parlé à São Tomé; Notes de grammaire, textes, vocabulaires*. Hamburg: Helmut Buske Verlag.
- MAURER, P. 2008. A first step towards the analysis of tone in Santomense. In: MICHAELIS, Susanne (Ed.). *Roots of Creole structures: weighing the contribution of substrates and superstrates*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company. p. 253-261.
- MAURER, P. 2009. *Principense. Grammar, texts, and vocabulary of the Afro-Portuguese creole of the Island of Príncipe, Gulf of Guinea*. London: Battlebridge Publications.
- MCCARTHY, John J. 1986. OCP effects: Gemination and antigemination. *Linguistic Inquiry*, v. 19, p. 451-475.
- MCCARTHY, John J. 1988. Feature geometry and dependency: a review. *Phonetica*, v. 45, p. 84-108.
- MCWHORTER, J. 1998. Identifying the Creole Prototype: Vindicating a Typological Class. *Language*, v. 74, n. 4, p. 788-818.
- MICHAELIS, Susanne Maria *et al.*. 2013. Atlas of Pidgin and Creole Language Structures Online. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. Disponível online: <<http://apics-online.info>>. Acesso em: 6 set. 2015.
- MONAHAN, P. J. 2009. Vowel Harmony. In: EID, M.; ELGIBALI, A.; VERSTEGH, K.; WOIDICH, M. & ZABORSKI, A. (Ed.). *The Encyclopedia of Arabic Language and Linguistics*. Leiden: Brill Academic Publishing. p. 676-677.

- MOHANAN, K. P. 1982. *Lexical Phonology*. Tese (Doutorado em Filosofia) — Departamento de Linguística e Filosofia, MIT, Massachusetts.
- MORAES, João A. & WETZELS, W. Leo. 1992. Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português: um exercício de fonologia experimental. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 23, p. 153-166.
- MUFWENE, Salikoko. 1996. The founder principle in creole genesis. *Diachronica*, v. 13, p. 83-134.
- MUFWENE, Salikoko. 2001. The founder principle in the development of creoles. In: MUFWENE, Salikoko. *The Ecology of Language Evolution*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 25-80.
- MUYSKEN, Pieter & SMITH, Norval. 1995. The study of pidgin and creole languages. In: ARENDS, Jacques; MUYSKEN, Pieter & SMITH, Norval (Ed.). *Pidgins and Creoles: an introduction*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company. p. 3-14.
- NEGREIROS, António Lobo de Almada. 1895. *História Etnographica da Ilha de S. Tomé*. Lisboa: Antiga Casa Bertrand.
- NESPOR, M. & VOGEL, I. 1986. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris.
- OAKES, Michael P. 2000. Computer Estimation of Vocabulary in a Protolanguage from Word Lists in Four Daughter Languages. *Journal of Quantitative Linguistics*, vol. 7, n. 3, p. 37-41.
- ODDEN, D. 1986. On the Obligatory Contour Principle. *Language*, v. 62, p. 353-83.
- ODDEN, D. 2005. *Introducing Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PADGETT, Jaye. 2002. Russian voicing assimilation, final devoicing, and the problem of [v]. Unpublished paper.
- PARKVALL, Mikael. 2000. *Out of Africa*. London: Battlebridge.
- PLAG, I. 2001. The nature of derivational morphology in creoles and non-creoles. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v. 16, n. 1, p. 153-160.
- POSER, William J. 1982. Phonological representation and action-at-a-distance. In: HULST, H. G. & SMITH, N. S. H. (Ed.). *The structure of phonological representations*. Dordrecht: Foris. p. 121-158.
- POST, Marike. 1995. Fa d'ambu. In: ARENDS, Jacques; MUYSKEN, Pieter & SMITH, Norval (Ed.). *Pidgins and Creoles: an introduction*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company. p. 191-204.
- PRATAS, F. 2002. O Sistema Pronominal do Caboverdiano (variante de Santiago). Dissertação (Mestrado em Linguística) — Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- PRINCE, A. 1983. Relating to the grid. *Linguistic Inquiry*, v. 14, p. 19-100.
- PULLEYBLANK, G. D. 1986. *Tone in lexical phonology*. Dordrecht: Reidel.

- PULLEYBLANK, G. D. 1988. Vocalic underspecification in Yoruba Article. *Linguistic Inquiry*, v. 19, n. 2, p. 233-270.
- RAMOS, Adriana Perpétua & TENANI, Luciani Ester. 2009. Análise métrica do apagamento das vogais postônicas não finais no dialeto do noroeste paulista. *Estudos Linguísticos*, v. 38, n.1, p. 21-34.
- RANKIN, Robert L. 2003. The comparative method. In: JOSEPH, Brian & JANDA, Richard (Ed.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Blackwell Publishing. p. 183-212.
- RIBEIRO, M. F. 1888. Dialecto da ilha do Príncipe. MS número 11.23.12, *Schuchardt Archive* da Universidade de Graz, Áustria.
- ROTHER-NEVES, Rui & REIS, Camila M. 2012. Uma bibliografia da nasalidade vocálica no português. *Letras de Hoje*, v. 47, n. 3, p. 299-305.
- ROUGÉ, Jean-Louis. 2004. *Dictionnaire étymologique des créoles portugais d'Afrique*. Paris: Karthala.
- RUBACH, Jerzy. 1981. *Cyclic phonology and palatalization in Polish and English*. Warszawa: University of Warsaw Press.
- RUBACH, Jerzy. 2008. An Overview of Lexical Phonology. *Language and Linguistics Compass*, v. 2, p. 3456-3477.
- SAGEY, E. C. 1986. The representation of features and relations in non-linear phonology. Tese (Doutorado em Filosofia) — Departamento de Linguística e Filosofia, MIT, Massachusetts.
- SANTOS, Catarina Madeira. 1996. A formação das estruturas fundiárias e a territorialização das tensões sociais: São Tomé, primeira metade do século XVI, *Studia*, v. 54/55, p. 51-91.
- SEARA, I. C.; NUNES, Vanessa G. & LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. 2011. *Fonética e Fonologia do Português 2*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC.
- SEGORBE, A. 2007. *Gramática descriptiva del fa d'ambô*. Barcelona: CEIBA Ediciones.
- SEGORBE, A. Em preparação. Dicionario del fa d'ambô.
- SEIBERT, Gerhard. 2004. Os angolares da Ilha de São Tomé: Náufragos, Autóctones ou Quilombolas?. *Dossiê História Atlântica*, v. 12, n. 1/2, p. 43-64.
- SEIBERT, Gerhard. 2008. *Novos elementos para a história da introdução do cacau em África*. Disponível em: <<http://www2.iict.pt/?idc=102&idi=12770>>. Acesso em: 6 set. 2015.
- SEIBERT, Gerhard. 2012. Tenreiro, Amador e os angolares ou a reinvenção da história da ilha de São Tomé. *Realis — Revista de Estudos Antiutilitaristas e Poscoloniais*, v. 2, n. 2, p. 21-39.
- SELKIRK, E. 1984. *Phonology and syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge: MIT Press.

- SCHANG, Emmanuel. 2003. L'émergence des créoles portugais du golfe de Guinée. Doutorado, Université Nancy 2. Atelier nacional de reproduction des thèses.
- SCHUCHARDT, Hugo. 1882. Ueber des Negerportugiesische von S. Thomé. *Sitzungsberichte Wien*, v. 101, n. 2, p. 889-917.
- Schuchardt, Hugo. 1882 [2008]. On the creole portuguese of São Tomé (West Africa). Annotated translation from the German of Ueber des Negerportugiesische von S. Thomé. *Sitzungsberichte Wien*, v. 101, n. 2, p. 889-917. In: HAGEMEIJER, Tjerk & HOLM, John (Ed.). *Contact Languages: Critical Concepts in Linguistics*. v. 1. London, New York: Routledge. p. 131-156.
- SCHUCHARDT, Hugo. 1888. Ueber das Negerportugiesische von Annobom. *Sitzungsberichte Wien*, v. 116, p. 193-226.
- SCHUCHARDT, Hugo. 1889. Ueber das Negerportugiesische der Ilha do Príncipe. *Zeitschrift für romanische Philologie*, v. 13, p. 463-75.
- SIEGEL, D. 1974. Topics in English morphology. Tese (Doutorado em Filosofia) — Departamento de Literatura e Linguística Estrangeiras, MIT, Massachusetts. Indiana University Linguistics Club.
- SIEGEL, J. 2008. *The Emergence of Pidgin and Creole Languages*. Oxford: Oxford University Press.
- SIEGEL, J. 2010. *Second Dialect Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SIMIONI, Taíse. 2007. A sílaba: uma breve revisão. *Cadernos do IL*, v. 34. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/17625/10333>>. Acesso em: 10 maio 2016.
- SMITH, Norval. 1987. *The genesis of the creole languages of Surinam*. PhD dissertation. University of Amsterdam.
- TENREIRO, F. 1949. A agricultura na Ilha de S. Tomé: suas relações com as condições geográficas, a colonização e a economia em geral. Congrès International de Géographie Lisboa: Union Geographique Internationale.
- THOMASON, Sarah Grey. 2001. *Language Contact: An Introduction*. Edinburgh/Washington: Edinburgh University Press and Georgetown University Press.
- THOMASON, Sarah Grey & KAUFMAN, Terrence. 1988. *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. Berkeley: University of California Press.
- TIMBERLAKE, Alan. 1983. Compensatory lengthening in Slavic 2: Phonetic reconstruction. In: FLIER, M. S. (Ed.). *American Contributions to the 9th International Congress of Slavists: Linguistics*, p. 293-319.
- TOMÁS, Gil *et al.* 2002. The peopling of São Tomé (Gulf of Guinea): Origins of slave settlers and admixture with the Portuguese. *Human Biology*, v. 74, p. 397-411.
- TOPINTZI, N. 2006. A (not so) paradoxical instance of compensatory lengthening: Samothraki Greek and theoretical implications. *Journal of Greek Linguistics*,

- v. 7, p. 71-119. Disponível em: < <http://roa.rutgers.edu/files/900-0207/900-TOPINTZI-0-0.PDF>>. Acesso em: 14 jul. 2016.
- VALKHOFF, M. F. 1966. *Studies in Portuguese and Creole*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- VIARO, Mário Eduardo. 2011. *Etimologia*. São Paulo: Contexto.
- VIARO, Mário Eduardo. 2015. Reconstrução fonético-fonológica de seis sincronias do latim ao português. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 52, p. 94-145.
- WEINREICH, Weinreich; LABOV, William & HERZOG, Marvin. 1968. Empirical Foundations for Theory of Language Change. In: LEHMANN, Paul & MALKIEL, Yakov. (Ed.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press. p. 95-188. [Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Tradução: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.]
- ZEC, Draga. 2006. The syllable. In: LACY, Paul de (Ed.). *The Cambridge Handbook of Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press.